A Aprendiz

Ela lutou contra seu poder,
mas para sobreviver teve
que se tornar um deles.



TRUDI CANAVAN

A Trilogia do Mago Negro – Livro 2

Novo Conceito

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

A Aprendiz

Agradecimentos

Parte um

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13

Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Parte dois
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Epílogo

Guia de Lorde Dannyl para as gírias das favelas

Glossário

Mapas

A TRILOGIA DO MAGO NEGRO

Trudi Canavan

A Aprendiz

A Trilogia do Mago Negro

Livro 2

Tradução

Frank de oliveira

Júlio Monteiro de Oliveira



Publicado originalmente na Grã-Bretanha em 2004 pela Orbit. Copyright © 2002 by Trudi Canavan
Copyright © 2012 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.
Este livro é dedicado a minha mãe, Irene Canavan, que sempre disse que, com trabalho duro e determinação, eu podia ser o que quisesse.

Versão Digital — 2012

Produção Editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Canavan, Trudi
A aprendiz : a trilogia do mago negro : livro 2 / Trudi Canavan; traduzido por Frank de Oliveira, Júlio Monteiro de Oliveira. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2012.

Título original: The novice.
ISBN 978-85-8163-201-8

1. Ficção inglesa I. Título.

12-06196 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 – Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.editoranovoconceito.com.br

A Aprendiz

Rodeada pela escuridão, ela espreitou pelo buraco, com a respiração pesada. Pelo pequeno orifício, viu vários aprendizes passarem. Ao contá-los, sentiu-se mal. Vinte aprendizes.

Mas ela havia escapado deles. Seu coração se acalmou e a respiração se aquietou. Um pouco de ar quente lhe tocou o pescoço.

Sonea franziu as sobrancelhas. Ar quente?

Então, por baixo do som de sua respiração, ela ouviu outra respiração mais suave. Virou-se e manifestou uma luz com sua mente... Então, conteve um grito de terror.

Olhos escuros encaravam os seus. Os braços dele estavam cruzados na altura do peito, o incal brilhando dourado contra o negro da túnica. Seu rosto estava fechado com um semblante de desaprovação.

Engolindo em seco, ela se esgueirou para o lado, mas um braço se colocou de forma a bloquear-lhe o caminho.

— Cai fora — ele rosnou.

Ela hesitou. Ele não estava ouvindo os aprendizes? Ele não entendia que ela iria cair numa armadilha?

— Agora! — ele vociferou. — E não entre nessas passagens de novo.

Agradecimentos

Além das pessoas a quem agradeci em *O Clã dos Magos*, eu queria fazer um agradecimento extra:

Aos amigos e à família, os quais generosamente dedicaram seu tempo para ler e criticar este livro num prazo curto: mamãe e papai, Yvonne Hardingham, Paul Marshall, Anthony Mauriks, Donna Johansen, Jenny Powell, Sara Creasy, Paul Potiki.

A Jack Dann, por lançar *O Clã dos Magos* com tanto estilo e entusiasmo. A Justin Ackroyd, por permitir que eu me apoderasse de sua biblioteca, e a Julian Warner e aos funcionários na Slow Glass Books, pela ajuda.

A Fran Bryson, meu agente e herói. E à equipe de edição da HarperCollins por transformar minhas histórias em livros tão adoráveis e atraentes.

A primeira metade de *A Aprendiz* foi escrita durante uma residência no Varuna Writers' Centre, concedida pela Fundação Eleanor Dark. Obrigada a Peter Bishop e à equipe do Varuna pelas três semanas inspiradoras e produtivas.

E, por fim, obrigada a todos que me mandaram e-mails com elogios para *O Clã dos Magos*! Saber que proporcionei a todos vocês algumas horas de divertimento e escape faz tudo isso valer a pena.

Parte um

Capítulo 1

A Cerimônia de Aceitação

Por algumas semanas, em todos os verões, o céu sobre Kyralia ficava limpo, de um azul intenso, e o Sol brilhava implacável. Na cidade de Imardin, as ruas estavam empoeiradas e os mastros dos navios na Marina se retorciam sob o calor cerrado, enquanto homens e mulheres se retiravam para suas casas para se abanar e bebericar sucos ou — nas partes mais ruins das favelas — beber abundantes quantidades de bol.

Mas no Clã dos Magos de Kyralia, esses dias escaldantes saudavam a chegada de uma importante ocasião: o juramento dos aprendizes aceitos no verão.

Sonea fez uma careta e puxou a gola de seu vestido. Embora ela tivesse preferido vestir as mesmas roupas simples mas benfeitas que sempre usara antes de viver no Clã, Rothen insistiu que ela precisava de algo mais chique para a Cerimônia de Aceitação.

Rothen deu risada.

— Não se preocupe, Sonea. Isso vai acabar logo e você vai ter túnicas para vestir. E tenho certeza que vai enjoar delas logo, logo.

— Eu não estou preocupada — disse Sonea num tom irritado.

Os olhos dele brilharam, surpresos.

— Verdade? Você não se sente nem um pouco nervosa?

— Não é como a Audiência no ano passado. A *parada* foi doida.

— Parada? — Suas sobrancelhas se levantaram. — Você está *nervosa*, Sonea. Faz semanas que não deixa escapar uma palavra dessas.

Ela deu um pequeno suspiro de exasperação. Desde a Audiência, cinco meses atrás, quando Rothen ganhara o direito de ser seu guardião, ele lhe dera a educação que todos os aprendizes precisam ter antes de começar na Universidade. Ela conseguia ler a maioria dos livros sem ajuda e podia escrever, como Rothen colocou, “suficientemente bem para se virar”. Matemática foi mais difícil de entender, mas as aulas de História eram fascinantes.

Durante esses meses, Rothen a havia corrigido sempre que usava uma palavra da gíria da favela, e constantemente a fazia reformular a frase e repetir até soar como uma *lady* de uma poderosa Casa Kyraliana. Ele avisou que os aprendizes não seriam tão tolerantes quanto ele em relação ao passado dela, e que ela tornaria as coisas piores se chamasse a atenção para suas origens toda vez que falasse. Ele tinha empregado o mesmo argumento para convencê-la a usar um vestido para a Cerimônia de Aceitação, e embora ela soubesse que ele estava certo, isso não a fazia se sentir de forma alguma mais confortável.

Um círculo de carruagens se tornou visível conforme eles chegaram na frente da Universidade. Ao lado de cada uma, encontrava-se um conjunto de servos vestidos de maneira impecável, todos usando as cores da Casa a que serviam. Conforme Rothen apareceu, eles se voltaram e lhe fizeram uma reverência.

Sonea encarou as carruagens e sentiu seu estômago revirar. Ela tinha visto veículos como aqueles antes, mas nunca tantos juntos. Cada um era feito de madeira bastante polida, esculpida e pintada com traçados intricados, e no centro de cada porta estava uma estrutura quadrada que indicava a que Casa a carruagem pertencia — o incal da Casa. Ela reconheceu os incals de Paren, Arran, Dillan e Saril, algumas das Casas mais influentes de Imardin.

Os filhos e as filhas dessas Casas seriam seus colegas de classe.

Ao pensar nisso, sentiu como se seu estômago estivesse virando do avesso. O que achariam dela, a primeira kyraliana de fora das grandes Casas a se juntar a suas fileiras em séculos? Na pior das hipóteses poderiam concordar com Fergun, o mago que tentara evitar que ela se juntasse ao Clã no ano anterior. Ele acreditava que apenas a progênie das Casas deveria aprender magia. Ao aprisionar seu amigo, Cery, ele havia chantageado Sonea para que ela cooperasse

com seus esquemas. E esses esquemas provariam para o Clã que kyralianos de classe baixa eram desprovidos de moral e que não se devia confiar a eles a magia.

Mas o crime de Fergun fora descoberto, e ele foi enviado para um forte distante. Para Sonea, isso não parecia uma punição particularmente severa por ele ter ameaçado matar seu amigo, e ela não conseguia deixar de pensar se isso de fato iria dissuadir outros de fazer algo semelhante.

Ela esperava que alguns dos aprendizes fossem como Rothen, que não se importara com o fato de ela ter vivido e trabalhado nas favelas. Algumas das outras raças que frequentavam o Clã também podiam ser mais tolerantes em relação a uma garota de classe baixa. Os vindos eram um povo amigável; ela havia conhecido vários nas favelas que tinham viajado para Imardin para trabalhar em vinícolas e pomares. Os lans, contaram a ela, não tinham classes baixas ou altas. Eles viviam em tribos e classificavam homens e mulheres por meio de provas de bravura, astúcia e sabedoria — embora ela não soubesse onde a colocariam na sociedade deles.

Olhando para Rothen, ela pensou em tudo que ele havia feito por ela e sentiu uma pontada de afeição e gratidão. Em outros tempos, ela teria se sentido horrorizada por, entre tantas pessoas, se descobrir tão dependente de um mago. Em outras épocas, ela odiava o Clã, e a primeira vez que usou seus poderes foi sem querer quando, com raiva, jogou uma pedra num mago. Depois disso, quando procuraram por ela, tinha tanta certeza que queriam matá-la que ousou buscar a ajuda dos Ladrões, e eles sempre cobravam um alto preço por tais favores.

Conforme seus poderes cresceram de forma incontrolável, os magos convenceram os Ladrões a entregá-la a seus cuidados. Rothen fora seu captor e professor. Ele tinha provado que os magos — bem, a maioria deles — não eram os monstros cruéis e egoístas que os moradores das favelas acreditavam que fossem.

Dois guardas estavam postados um de cada lado das portas abertas da Universidade. Sua presença era uma formalidade observada apenas quando se

esperavam visitantes importantes no Clã. Eles fizeram uma reverência cheia de formalidade quando Rothen guiou Sonea para o Salão de Entrada.

Embora ela já o tivesse visto algumas vezes antes, o salão ainda a impressionava. Milhares de filamentos incrivelmente finos de uma substância semelhante ao vidro brotavam do chão, apoiando escadas que subiam em espiral de maneira graciosa para os andares mais altos. Fios delicados de mármore branco se entrelaçavam entre os corrimões e degraus como ramos de uma trepadeira. Eles pareciam finos demais para suportar o peso de um homem, e provavelmente seriam se não tivessem sido fortalecidos com magia.

Passando as escadas, eles entraram num pequeno corredor. Além dele, estava o cinza grosseiro do Salão do Clã, prédio ancestral protegido, delimitado por uma enorme sala conhecida como o Grande Salão. Do lado de fora do Salão do Clã, várias pessoas estavam paradas próximo das portas, e Sonea sentiu uma secura na boca ao vê-los. Homens e mulheres se voltaram para olhar quem se aproximava e seus olhos brilharam com interesse quando viram Rothen. Os magos que estavam entre eles fizeram um aceno cortês com a cabeça. Os outros se curvaram em reverência.

Eles entraram no Grande Salão e Rothen conduziu Sonea para um canto da pequena aglomeração. Sonea notou que, apesar do calor do verão, todos os magos estavam vestidos com camadas de roupas opulentas. As mulheres estavam envolvidas em vestidos elaborados; os homens usavam casacos longos, as mangas decoradas com incals. Olhando com mais atenção, ela prendeu a respiração. Cada costura era feita com cintilantes e minúsculas pedras vermelhas, verdes e azuis. Joias enormes estavam afixadas nos botões dos casacos longos. Correntes de metais preciosos se enrolavam pelos pescoços e pulsos, e joias resplandeciam em mãos cobertas por luvas.

Olhando para a casaca de um homem, ela considerou quão fácil seria para um ladrão profissional despojá-lo de seus botões. Nas favelas, havia pequenas facas curvadas disponíveis para essa tarefa. Tudo que era preciso era uma colisão “acidental”, um pedido de desculpas e uma retirada apressada. O homem provavelmente não perceberia que fora roubado até chegar em casa. E o

bracelete daquela mulher...

Sonea balançou a cabeça. “Como vou fazer amizade com esse povo se tudo que posso pensar é em quão fácil seria roubá-los?” Ainda assim ela não podia deixar de sorrir. Havia sido tão habilidosa em bater carteiras e abrir fechaduras sem usar a chave quanto qualquer um de seus amigos de infância — com exceção talvez de Cery —, e, embora sua tia Jonna a houvesse por fim persuadido de que roubar era errado, Sonea não havia esquecido as manhas do negócio.

Juntando coragem, ela olhou para os jovens estranhos e viu vários rostos rapidamente se voltarem para o outro lado. Achando graça, perguntou-se o que esperavam ver. Uma mendiga de sorriso tonto? Uma operária torta e com a pele grossa do trabalho? Uma prostituta maquiada?

Já que ninguém encarava seu olhar, ela pôde examiná-los à vontade. Apenas duas das famílias tinham o cabelo escuro e a pele pálida do kyraliano típico. Uma das mães estava vestida com a túnica verde dos Curadores. A outra segurava a mão de uma garota magra, que olhava sonhadora para o teto de vidro reluzente do salão.

Três outras famílias se encontravam juntas, exibindo a baixa estatura e os cabelos ruivos típicos da raça Elyne. Conversavam num tom baixo e ocasionalmente uma risada ecoava no salão.

Dois lonmares de pele escura esperavam em silêncio. Pesados talismãs de ouro da religião Mahga estavam pendurados sobre a túnica roxa de Alquimista de seu pai, e tanto este último como o filho haviam raspado o cabelo. Um segundo par de lonmares estava de pé no lado mais distante das famílias que ali esperavam. A pele do filho era de um moreno mais claro, indicando que a mãe pertencia a uma raça diferente. O pai também usava túnica, mas a dela tinha o vermelho de um Guerreiro e ele não portava nenhuma joia ou talismã.

Pairando próximo ao corredor estava uma família de vindos. Embora o pai estivesse vestido ricamente, os olhares furtivos que dirigia aos outros indicavam que se sentia desconfortável na companhia deles. O filho era um jovem parrudo cuja pele morena tinha um aspecto amarelado e doentio.

Conforme a mãe do garoto descansou a mão em seu ombro, Sonea pensou na tia Jonna e no tio Ranel e sentiu um desapontamento com o qual estava acostumada. Embora eles fossem sua única família, tendo criado Sonea depois que sua mãe morrera e seu pai a deixara, eles se sentiam intimidados demais pelo Clã para visitá-la ali. Quando ela pediu que fossem à Cerimônia de Aceitação, eles se recusaram, dizendo que não queriam deixar seu filho recém-nascido aos cuidados de outro e que não seria adequado levar um bebê chorando para uma cerimônia tão importante.

Passos ecoaram no corredor e Sonea se voltou para observar mais um trio de kyralianos vestidos de maneira ostentosa se juntar aos visitantes. O garoto lançou um olhar arrogante ao redor dos círculos de pessoas. Seus olhos varreram a sala até caírem sobre Rothen e depois deslizarem para Sonea.

Ele pareceu olhar direto nos olhos de Sonea e um sorriso amigável formou-se nos cantos da boca. Surpresa, ela começou a sorrir em resposta, mas assim que fez isso a expressão dele lentamente se transformou numa cara de desdém.

Sonea só conseguiu encará-lo de volta com consternação. O garoto virou o rosto com desprezo, mas não tão rápido que ela não captasse um sorriso presunçoso de satisfação. Sonea estreitou os olhos e observou enquanto ele voltava a atenção para os outros candidatos.

Parecia que ele já conhecia o outro garoto kyraliano, e os dois trocaram piscadelas amigáveis. As garotas foram tratadas com sorrisos deslumbrantes; e embora uma garota kyraliana tenha respondido com aparente desdém, seus olhos se demoraram sobre ele muito depois que virou o rosto. O resto recebeu acenos educados com a cabeça.

Um barulho alto de metal batendo interrompeu o jogo social. Todos os rostos se voltaram para o Salão do Clã. Um silêncio longo e tenso se seguiu e então sussurros excitados encheram o ar quando as enormes portas começaram a se abrir. Conforme a abertura se ampliava, um brilho dourado familiar fluiu do salão além das portas. A luz vinha de milhares de minúsculos globos mágicos flutuando a alguns metros do teto. Um cheiro fresco de madeira e polimento se espalhou para acolhê-los.

Ouvindo suspiros, Sonea se voltou e viu que a maioria dos visitantes estava encarando o salão com assombro. Ela sorriu quando percebeu que os outros candidatos, e alguns dos adultos, não haviam visto o Salão do Clã antes. Apenas os magos e os pais que estiveram presentes nas cerimônias dos filhos mais velhos tinham estado lá dentro. E ela.

Ela ficou séria ao se lembrar de sua visita anterior, quando o Lorde Supremo havia trazido Cery para o Salão do Clã, acabando com o domínio de Fergun sobre ela. Para Cery, parte de um sonho havia sido cumprida naquele dia também. Seu amigo tinha feito uma promessa para si mesmo de que iria visitar todos os grandes edifícios da cidade ao menos uma vez na vida. O fato de ele ser um garoto de rua nascido na classe baixa só tornava a tarefa de cumprir esse sonho um maior desafio para ele.

Entretanto, Cery não era mais o garoto aventureiro com quem ela andava na infância, ou o jovem travesso que a ajudara a escapar do Clã por tanto tempo. Cada vez que ela o via, quando ele a visitava no Clã ou o encontrava nas favelas, ele parecia mais velho e menos despreocupado. Se ela perguntava o que ele fazia com seu tempo ou se ainda estava trabalhando para os Ladrões, ele dava um sorriso travesso e mudava de assunto.

Ele parecia contente, no entanto. E se ele *estava* trabalhando para os Ladrões, talvez fosse melhor ela não saber o que estava fazendo.

Uma figura de túnica se adiantou a passos largos e parou depois na entrada do Salão do Clã. Sonea reconheceu Lorde Osen, o assistente do Administrador. Ele levantou uma das mãos e limpou a garganta.

— O Clã dá as boas-vindas a todos vocês — ele disse. — A Cerimônia de Aceitação vai começar agora. Por favor, todos os candidatos à Universidade formem uma fila. Eles vão entrar primeiro; os pais vão em seguida e deverão ocupar os assentos no térreo.

Enquanto os outros candidatos avançavam apressados, Sonea sentiu uma mão tocar de leve seu ombro. Virando-se, olhou para Rothen.

— Não se preocupe. Logo tudo estará terminado — ele a tranquilizou.

Ela deu um grande sorriso em resposta.

— Eu não estou preocupada, Rothen.

— Ah! Vá em frente, então. Não os deixe esperando. — Ele deu um empurrãozinho no ombro dela.

Uma pequena aglomeração de pessoas se formou em frente às portas. Os lábios de Lorde Osen se estreitaram.

— Formem uma fila, por favor.

Conforme os candidatos começavam a obedecer, Lorde Osen olhou em direção a Sonea. Um rápido sorriso aflorou em seus lábios e Sonea meneou a cabeça em resposta. Ela entrou na fila atrás do último garoto. Então um silvo baixinho à sua esquerda chamou-lhe a atenção.

— Ao menos, ela sabe qual é seu lugar — uma voz murmurou.

Sonea virou ligeiramente a cabeça para ver duas mulheres kyralianas próximas.

— Essa é a favelada, não é?

— Sim. Eu disse a Bina para ficar longe dela. Não quero minha filhinha desenvolvendo nenhum hábito ruim... Ou uma doença — respondeu a primeira.

A resposta da segunda mulher se perdeu conforme Sonea seguiu em frente. Ela pressionou a mão contra o peito, surpresa em descobrir o coração batendo rápido. “Acostume-se com isso”, disse a si mesma, “vai ter muito mais dessas coisas.” Resistindo a um anseio de olhar para trás em direção a Rothen, ela aprumou os ombros e seguiu os outros candidatos pelo longo corredor até o centro do salão.

Passadas as portas, as altas paredes do Salão do Clã os rodearam. Apenas metade dos assentos em cada lado estava ocupada, e ainda assim quase todos os magos que viviam no Clã e na cidade tinham comparecido. Ao se virar para a esquerda, seus olhos captaram o olhar frio de um mago ancião. O rosto enrugado demonstrava desaprovação e os olhos miravam os dela com intensa raiva.

Trazendo seu olhar de volta para o chão, Sonea sentiu o rosto ficar quente. Ela percebeu, irritada, que suas mãos tremiam. Ia se deixar tremer só porque um velho a encarara? Ela se recompôs, procurando estampar no rosto o que esperava ser uma expressão de calmo autocontrole e deixou que seu olhar percorresse as fileiras de rostos...

...E quase tropeçou ao sentir que seus joelhos perdiam totalmente as forças. Parecia que todos os magos no salão estavam olhando para ela. Engolindo em seco, fixou os olhos nas costas do garoto à sua frente.

Quando os candidatos chegaram no final do corredor, Osen dirigiu o primeiro da fila para a esquerda, então o segundo para a direita, e continuou nesse padrão até que todos estivessem lado a lado numa linha que ocupava a largura do salão. Encontrando-se no meio dessa linha, Sonea encarou Lorde Osen. Ele ficou parado, quieto, observando a atividade atrás dela. Ela podia ouvir o arrastar de pés e o tilintar de joias, e supôs que os pais estavam se ajeitando nas fileiras de cadeiras atrás deles. Conforme o salão se aquietou, Osen se voltou e fez uma reverência para os Magos Superiores sentados nas fileiras de assentos dispostos em degraus na frente do Salão do Clã.

— Apresento os candidatos de verão para a Universidade.

— Isso é bem mais interessante agora que tem alguém lá que eu conheço. — Dannyl comentou quando Rothen tomou seu lugar.

Rothen se voltou para observar o companheiro.

— Mas ano passado seu sobrinho estava entre os candidatos.

Dannyl deu de ombros.

— Eu mal o conheço. Já Sonea eu conheço bem.

Satisfeito, Rothen se voltou para a frente a fim de assistir à cerimônia. Embora pudesse ser charmoso quando quisesse, Dannyl não fazia amigos com facilidade. Isso acontecia em grande parte por causa de um incidente que ocorrera anos antes, quando ele era um aprendiz. Acusado de um interesse “inapropriado” por

um garoto mais velho, Dannyl havia aguentado especulações tanto de aprendizes quanto de magos. Fora marginalizado e se tornara alvo de zombarias, e essa era a razão, Rothen acreditava, pela qual Dannyl não confiava em muitas pessoas nem era amigo delas mesmo agora.

Rothen fora o único amigo próximo de Dannyl por anos. Como professor, Rothen havia considerado Dannyl como um dos aprendizes mais promissores de suas aulas. Quando viu os efeitos negativos que o rumor e o escândalo estavam tendo no aprendizado de Dannyl, decidiu assumir a guarda do garoto. Com um pouco de encorajamento e bastante paciência, ele havia desviado a mente ágil de Dannyl para longe das fofocas e peças pregadas por vingança e de volta para a magia e o conhecimento.

Alguns magos haviam expressado dúvidas de que Rothen podia “dar um jeito” em Dannyl. Rothen sorriu. Não só havia sido bem-sucedido, mas Dannyl acabara de ser apontado como Segundo Embaixador do Clã em Elyne. Olhando para Sonea, Rothen se perguntava se ela também iria um dia lhe dar motivo para se sentir tão presunçoso.

Dannyl se inclinou para a frente.

— Eles são só crianças se comparados com Sonea, não?

Olhando para os outros garotos e garotas, Rothen deu de ombros.

— Eu não sei as idades exatas, mas a média para novos candidatos é quinze anos. Ela tem quase dezessete. Alguns anos não vão fazer muita diferença.

— Eu acho que vão, mas com sorte isso será uma vantagem para ela — murmurou Dannyl.

Abaixo, Lorde Osen andava lentamente pelo conjunto de candidatos à Universidade, anunciando nomes e títulos de acordo com o costume da terra natal de cada garoto ou garota.

— Alenda, da família Genard.

Osen deu mais dois passos.

— Kano, da família Temo, Clã dos Construtores Navais.

Outro passo.

— Sonea.

Osen fez uma pausa e então prosseguiu. Quando ele anunciou o nome seguinte, Rothen sentiu uma pontada de pena por Sonea. A falta de um grande título ou de um nome das Casas a havia declarado publicamente como uma pessoa de fora. No entanto, não dava para evitar isso.

— Regin, da família Winar, Casa Paren. — Osen terminou de falar quando chegou no último garoto.

— Esse é o sobrinho de Garrel, não é? — Dannyl perguntou.

— Sim.

— Ouvi dizer que seus pais perguntaram se ele podia se juntar às últimas aulas do inverno três meses depois de terem começado.

— Isso é estranho. Por que fizeram isso?

— Eu não sei. Não peguei essa última parte. — Dannyl deu de ombros.

— Você tem espionado de novo?

— Eu não *espiono*, Rothen. Eu ouço.

Rothen balançou a cabeça. Ele podia ter feito com que "Dannyl, o aprendiz" parasse de pregar peças vingativas, mas não tinha conseguido ainda desencorajar "Dannyl, o mago" a parar de ouvir fofocas.

— Não sei o que vou fazer quando você for embora. Como vou me manter informado de todas as pequenas intrigas do Clã?

— Você vai ter que prestar mais atenção — Dannyl respondeu.

— Eu me pergunto se os Magos Superiores o estão enviando para longe para impedi-lo de "ouvir" tanto.

Dannyl sorriu.

— Ah, mas eles dizem que a melhor maneira de descobrir o que está acontecendo em Kyralia é passar uns dias ouvindo as fofocas em Elyne.

O eco de passos chamou a atenção de volta para o salão. Jerrik, o Diretor da Universidade, havia se levantado de seu assento junto com os Magos Superiores e descia as escadas até a frente. Parou no meio do salão e passou os olhos pelo conjunto de candidatos, o rosto fechado com a carranca azeda e desaprovadora.

— Hoje cada um de vocês dá o primeiro passo para se tornar um mago do Clã de Kyralia — ele começou, a voz severa. — Como aprendizes, vocês terão de obedecer às regras da Universidade. Pelos Tratados que unem as Terras Aliadas, essas regras serão sancionadas por todos os governantes, e se espera que todos os magos as façam cumprir. Mesmo que vocês não se formem, ainda estarão subordinados a elas.

Fez uma pausa, olhando de maneira séria para os candidatos.

— Para se juntar ao Clã, vocês precisam fazer um juramento, e esse juramento tem quatro partes. Primeiro, precisam jurar nunca machucar outro homem ou mulher a não ser em defesa das Terras Aliadas. Isso inclui pessoas de qualquer classe, posição, status criminal ou idade. Todas as vinganças, sejam pessoais ou por motivos políticos, *acabam aqui hoje*. Segundo, vocês precisam jurar obedecer às regras do Clã. Se já não conhecem essas regras, façam da sua primeira tarefa aprendê-las. Ignorância não é desculpa. Terceiro, vocês precisam jurar obedecer às ordens de qualquer mago a não ser que estas envolvam violar a lei. Dito isso, tratamos essa questão com alguma flexibilidade. Vocês não são obrigados a fazer nada que sintam que é moralmente errado ou que entre em conflito com sua religião ou suas tradições. Mas *não* presumam decidir quando e como devemos ser flexíveis. Em tal circunstância, vocês devem trazer a questão para mim e eu vou lidar com ela de forma apropriada. E, por fim, vocês precisam jurar nunca usar magia a não ser se instruídos por um mago. *Isso é para sua proteção*. Não realizem *nenhuma* magia sem supervisão, a não ser que tenham recebido permissão de seu professor ou guardião.

Jerrik fez uma pausa, e o silêncio que se seguiu não foi perturbado pelo habitual barulho das pessoas se ajeitando no assento ou arrastando os pés. Ele levantou as sobrancelhas expressivas e aprumou os ombros.

— Como a tradição declara, um mago do Clã pode reivindicar a guarda de um

aprendiz para guiar seu treinamento na Universidade. — Voltou-se para encarar os degraus atrás dele. — Lorde Supremo Akkarin, deseja reivindicar a guarda de algum desses candidatos?

— Não desejo — respondeu uma voz fria e sombria.

Enquanto Jerrik fazia a mesma pergunta para os outros Magos Superiores, Rothen olhou para cima em direção ao líder do Clã vestido em sua túnica preta. Como a maioria dos kyralianos, Akkarin era alto e magro, seu rosto angular acentuado pela maneira antiquada de usar o cabelo comprido e preso na altura da nuca.

Como sempre, a expressão de Akkarin parecia distante enquanto observava os procedimentos. Ele nunca mostrava interesse algum em orientar o treinamento de um aprendiz, e a maioria das famílias havia perdido a esperança de ter seu filho favorecido pelo líder do Clã.

Embora jovem para um Lorde Supremo, Akkarin tinha uma presença que inspirava respeito até do mais conservador e influente mago. Ele era talentoso, instruído e inteligente, mas era sua força de mago que conquistava a reverência de tantos. Dizia-se que seus poderes eram tão grandes que alguns achavam que ele era mais forte do que o resto do Clã junto.

Mas, graças a Sonea, Rothen era um dos dois únicos magos que sabia a real razão da imensa força do Lorde Supremo.

Antes de os Ladrões a entregarem, Sonea e seu amigo Cery haviam explorado o Clã uma noite. Eles foram na esperança de que, ao observar os magos usando magia, ela poderia aprender a controlar seus poderes. Em vez disso, ela viu o Lorde Supremo realizando um ritual estranho. Ela não havia entendido o que tinha visto, mas quando o Administrador Lorlen realizou uma leitura da verdade nela para confirmar os crimes de Fergun durante a Audiência da guarda, ele viu sua memória daquela noite e reconheceu o ritual.

O Lorde Supremo Akkarin, líder do Clã, praticava magia negra.

Magos normais não sabiam nada sobre magia negra, exceto que ela era proibida. Os Magos Superiores sabiam apenas o suficiente para reconhecê-la.

Mesmo *saber* como realizar magia negra era crime. Com base na comunicação de Sonea com Lorlen, Rothen agora sabia que a magia negra permitia a um mago se fortalecer extraindo o poder de outras pessoas. Se todo o poder fosse retirado, a vítima morria.

Rothen não podia imaginar como fora para Lorlen descobrir que seu amigo mais próximo não apenas havia *aprendido* magia negra, mas a estava *usando*. Devia ter sido um choque. E, ao mesmo tempo, Lorlen percebeu que não podia expor Akkarin sem colocar em perigo o Clã e a cidade. Se Akkarin decidisse lutar, ele poderia facilmente ganhar e com cada morte ele se tornaria mais forte. Então, Lorlen, Sonea e Rothen precisavam manter seu conhecimento em segredo por enquanto. Como devia ser difícil, Rothen se perguntou, para Lorlen fingir amizade agora que sabia do que Akkarin era capaz?

Apesar desse conhecimento, Sonea concordara em se juntar ao Clã. Isso surpreendeu Rothen de início, até ela apontar que se tivesse deixado o Clã com seus poderes bloqueados — como a lei exigia para magos que escolhessem não se juntar ao Clã —, ela seria uma fonte de poder tentadora para o Lorde Supremo. Forte em magia, mas incapaz de usá-la para se defender. Rothen estremeceu. No Clã, pelo menos notariam se ela morresse em circunstâncias estranhas.

Mesmo assim, havia sido uma decisão corajosa, sabendo o que jazia no coração do Clã. Olhando para ela, de pé entre os filhos e filhas de algumas das famílias mais ricas das Terras Aliadas, ele sentiu tanto orgulho quanto afeição. Nos últimos seis meses, passara a pensar nela mais como uma filha do que como uma estudante.

— Algum mago quer reivindicar a guarda de qualquer um desses candidatos?

Rothen pulou ao perceber que sua vez de falar havia chegado. Ele abriu a boca, mas, antes que pudesse dizer algo, outra voz falou as palavras rituais.

— Eu fiz uma seleção, Diretor.

A voz vinha do outro lado do salão. Todos os candidatos se voltaram para ver quem havia se levantado de seu assento.

— Lorde Yarrin — Jerrik aquiesceu. — De que candidato deseja reivindicar a guarda?

— Gennyl, da família Randa e da Casa de Saril, e do Grande Clã de Alaraya.

Um murmúrio indistinto de vozes surgiu nas fileiras dos magos. Olhando para baixo, Rothen viu que o pai do garoto, Lorde Tayk, estava se inclinando para a frente na cadeira.

Jerrik esperou até que as vozes abaixassem e então inclinou a cabeça ansioso em direção a Rothen.

— Há algum outro mago que quer reivindicar a guarda de um desses candidatos?

Rothen se levantou.

— Eu fiz uma seleção, Diretor.

Sonea ergueu o olhar, a boca apertada, tentando não sorrir.

— Lorde Rothen, de que candidato deseja reivindicar a guarda? — respondeu Jerrik.

— Desejo reivindicar a guarda de Sonea.

Nenhum murmúrio se seguiu a sua escolha, e Jerrik apenas acenou com a cabeça em reconhecimento. Rothen voltou a seu assento.

— É isso aí — Dannyl sussurrou. — Sua última chance acabou. Agora não há mais como escapar. Ela vai mandar e desmandar em você pelos próximos cinco anos.

— Quieto — Rothen respondeu.

— Algum outro mago deseja reivindicar a guarda de um desses candidatos? — Jerrik repetiu.

— Eu fiz uma seleção, Diretor.

A voz veio da esquerda de Rothen e foi seguida por um som de cadeiras rangendo conforme as pessoas se viravam ou se ajeitavam em seus assentos. O

salão ecoou com uma tagarelice animada ao mesmo tempo que Lorde Garrel se levantava.

— Lorde Garrel — havia surpresa na voz de Jerrik. — De que candidato você deseja reivindicar a guarda?

— Regin, da família Winar e da Casa de Paren.

O burburinho converteu-se em um suspiro coletivo de compreensão. Olhando para baixo, Rothen viu que o garoto no final da fileira tinha um enorme sorriso. As vozes e o ranger de cadeiras continuaram por vários minutos até que Jerrik levantou os braços pedindo silêncio.

— Eu manteria um olho nesses dois aprendizes e em seus guardiões — Dannyl murmurou. — Ninguém normalmente seleciona um aprendiz em seu Primeiro Ano. Eles provavelmente estão fazendo isso apenas para evitar que Sonea tenha um status maior do que o resto de seus colegas de classe.

— Ou eu comecei uma moda — Rothen refletiu. — E Garrel pode já ter visto o potencial em seu sobrinho. Isso *explicaria* por que a família de Regin queria que ele começasse as aulas antes.

— Há alguma outra reivindicação de guarda? — intimou Jerrik.

O silêncio se seguiu e ele baixou os braços.

— Todos os magos que pretendem reivindicar guarda venham até a frente.

Rothen se levantou e se dirigiu até o fim dos assentos e então desceu as escadas. Juntando-se a Lorde Garrel e Lorde Yarrin, ele esperou do lado do Diretor Jerrik enquanto um jovem aprendiz, ruborizado de emoção em ter um papel na cerimônia, veio trazendo várias trouxas de tecido marrom-avermelhado. Cada mago selecionou uma trouxa.

— Gennyl, por favor, apresente-se — Jerrik ordenou.

Um dos garotos lonmares se apressou em ir até a frente e fez uma reverência. Seus olhos estavam arregalados enquanto ele encarava Lorde Jerrik e, quando falou o Juramento dos Aprendizes, sua voz tremeu. Lorde Yarrin entregou a túnica para o garoto, e o guardião e o aprendiz se dirigiram para o lado. Lorde

Jerrik voltou-se novamente para os candidatos.

— Sonea, por favor, apresente-se.

Ela caminhou dura em direção a Jerrik. Embora seu rosto estivesse pálido, curvou-se com elegância e falou numa voz clara e inabalada. Rothen deu um passo à frente e entregou a ela o feixe com a túnica.

— Eu, neste momento, assumo a guarda de você, Sonea. Seu aprendizado é minha preocupação e tarefa até você se formar na Universidade.

— Eu vou lhe obedecer, Lorde Rothen.

— Possam ambos se beneficiar desse arranjo — Jerrik terminou.

Enquanto eles se dirigiam para o lado, perto de Lorde Yarrin e Gennyl, Jerrik chamou o jovem que ainda sorria no final da fila.

— Regin, por favor, apresente-se.

O garoto caminhou com confiança para Jerrik, mas sua reverência foi superficial e apressada. Enquanto as frases rituais eram repetidas, Rothen olhou para Sonea, perguntando-se o que ela estava pensando. Ela agora era um membro do Clã, e isso não era pouca coisa.

Ela olhou para o garoto à sua direita e Rothen seguiu seu olhar. Gennyl estava de pé com as costas eretas e o rosto corado. “Ele está praticamente explodindo de orgulho”, Rothen pensou. Ter um guardião, especialmente nesse momento, era prova de que um candidato era excepcionalmente talentoso.

Poucos acreditariam nisso em relação a Sonea, no entanto. Ele suspeitava que muitos magos achavam que havia escolhido ser seu guardião apenas para lembrar a todos que ele fora providencial ao encontrá-la. Eles não teriam acreditado nele se ele contasse sobre a força e o talento dela. Mas iriam descobrir, e ter consciência disso lhe dava certa satisfação.

Depois que Regin e Lorde Garrel haviam dito as palavras rituais, eles se moveram para a esquerda de Rothen. O garoto não parava de dar umas olhadas em Sonea, com uma expressão calculista. Ela não percebeu ou o estava ignorando. Em vez disso, observou com atenção quando Jerrik chamou o resto

dos candidatos à frente para recitarem seu juramento. Depois de aceitarem suas túnicas, eles formaram uma fileira ao lado dos guardiões e de seus aprendizes.

Quando o último dos candidatos se juntou à fileira, Lorde Jerrik se virou para encará-los.

— Vocês agora são aprendizes do Clã dos Magos — anunciou. — Possam os próximos anos ser prósperos para vocês.

Como se fossem um só, os aprendizes se curvaram. Lorde meneou a cabeça e se voltou para um lado.

— Eu dou as boas-vindas a nossos novos aprendizes e lhes desejo muitos anos de sucesso.

Sonea pulou quando ouviu a voz de Lorlen soar atrás dela.

— Eu agora declaro essa Cerimônia de Aceitação concluída.

O Salão do Clã começou a ecoar com o som de vozes. As fileiras de homens e mulheres vestidos em túnicas se movimentaram como se tivessem sido pegas num forte vento. Levantaram-se e começaram a descer até o piso, enchendo o salão com o ruído de passos. Conforme perceberam que as formalidades estavam encerradas, os novos aprendizes se moveram em todas as direções. Alguns correram até os pais, outros examinaram o feixe de roupa em suas mãos ou lançaram seu olhar ao redor da súbita atividade. Na ponta do Salão do Clã, as grandes portas começaram a se abrir lentamente.

Sonea se voltou para olhar para Rothen.

— É isso então. Eu sou uma aprendiz.

Ele sorriu.

— Feliz que acabou?

Ela deu de ombros.

— Eu tenho a impressão de que está só começando.

Ela deu uma rápida espiadela por sobre os ombros dele.

— Chegou sua sombra.

Rothen se virou para descobrir Dannyl andando em direção a ele.

— Bem-vinda ao Clã, Sonea.

— Obrigada, *Embaixador* Dannyl — Sonea respondeu, fazendo uma mesura.

Dannyl riu.

— Ainda não, Sonea. Ainda não.

Sentindo que havia uma outra pessoa a seu lado, Rothen se voltou para descobrir o Diretor da Universidade próximo a ele.

— Lorde Rothen — Jerrik disse, dirigindo a Sonea um sorriso cansado quando ela fez uma reverência.

— Sim? — respondeu Rothen.

— Sonea vai se mudar para o Alojamento dos Aprendizes? Nem tinha me ocorrido perguntar isso até agora.

Rothen balançou a cabeça negativamente.

— Ela vai permanecer comigo. Tenho espaço de sobra para ela em meus aposentos.

Jerrik levantou as sobrancelhas.

— Entendo. Vou dizer isso a Lorde Ahrind. Com licença.

Rothen observou o velho homem andar até um mago magro e de rosto macilento. Lorde Ahrind franziu as sobrancelhas e lançou um olhar para Sonea enquanto Jerrik falava com ele.

— O que acontece agora? — Sonea perguntou.

Rothen indicou o feixe nas mãos dela.

— Nós vemos se essa túnica serve direito. — Ele olhou então para Dannyl. — E acho que uma pequena comemoração é adequada. Vai conosco?

Dannyl sorriu.

— Eu não perderia por nada.

Capítulo 2

O Primeiro Dia

O sol estava quente nas costas de Dannyl quando ele subiu na carruagem. Ele invocou um pouco de magia para colocar o primeiro de seus baús no teto. Enquanto ajeitava o segundo ao lado deste, suspirou e balançou a cabeça.

— Desconfio que vou me arrepender de levar tanta coisa — murmurou. — E mesmo assim não paro de pensar em coisas que gostaria de ter colocado nas malas.

— Tenho certeza de que você vai ter condições de comprar o que precisar em Capia — Rothen lhe disse. — Lorlen com certeza lhe deu generosos fundos.

— Sim, isso foi uma surpresa agradável. — Dannyl sorriu. — Talvez você esteja certo sobre os motivos para me mandarem para longe.

— Ele deve saber que é preciso mais do que mandá-lo para outro país para mantê-lo longe de confusão.

— Ah, mas vou sentir falta de resolver todos seus problemas, meu amigo.

Quando o cocheiro abriu a porta da carruagem, Dannyl se virou para olhar para o mago mais velho.

— Você vai até a Marina?

Rothen balançou a cabeça negativamente.

— As aulas começam em menos de uma hora.

— Tanto para você quanto para Sonea. — Dannyl assentiu com a cabeça.

— Então é isso... Hora de se despedir.

Eles olharam um para o outro com ar solene por um instante, e então Rothen apertou o ombro de Dannyl e sorriu.

— Cuide-se. Tente não cair do navio.

Dannyl riu e agarrou o ombro de Rothen em resposta.

— Cuide-se, velho amigo. Não deixe essa sua nova aprendiz deixá-lo esgotado. Eu volto em um ano ou dois para conferir o progresso de vocês.

— Velho amigo mesmo! — Rothen empurrou Dannyl em direção à carruagem. Depois de subir nela, este último se virou e se deparou com uma expressão pensativa no rosto do amigo. — Nunca achei que ia ver você sair por aí rumo a aventuras tão gloriosas, Dannyl. Você parecia tão contente aqui e raramente pôs os pés fora dos portões desde que se formou.

Dannyl deu de ombros.

— Eu acho que estava esperando pelo motivo certo.

Rothen fez um barulho de desagrado.

— Mentiroso. Você só é preguiçoso. Tomara que o Primeiro Embaixador saiba disso ou vai ter uma surpresa desagradável.

— Ele vai descobrir logo, logo.

— Tenho certeza.

Rothen sorriu e se afastou da carruagem.

— Então vá.

Dannyl concordou com um aceno de cabeça.

— Adeus.

Ele bateu no teto da carruagem, que se pôs em movimento, levando-o para longe. Deslizando para a outra ponta do assento, Dannyl puxou a cortina que cobria a janela e viu Rothen de relance ainda observando antes de a carruagem se virar de novo para passar pelos Portões do Clã.

Ele se refestelou no assento acolchoado e suspirou. Embora estivesse feliz de

finalmente partir, sabia que ia sentir falta dos amigos e dos arredores conhecidos. Rothen tinha Sonea e o casal idoso Yaldin e Ezrille como companhia, mas Dannyl só teria estranhos.

Embora estivesse ansioso por seu novo cargo, ele se sentia um pouco intimidado pelas obrigações e responsabilidades que estava assumindo. Desde a caçada por Sonea, no entanto, durante a qual havia localizado um dos Ladrões e negociado com ele, tinha ficado cada vez mais entediado com a vida tranquila e na maior parte solitária de estudo no Clã.

Ele não havia percebido quão entediado se sentia até que Rothen lhe disse que ele estava sendo considerado para o papel de Segundo Embaixador. Quando foi chamado ao escritório do Administrador, Dannyl já podia recitar o nome e cargo de todo homem e mulher na corte de Elyne e, para a diversão de Lorlen, contar também várias histórias sobre escândalos.

Já bem dentro do Círculo Interior, a carruagem se voltou para o caminho que circundava a muralha do Palácio. Pouco podia ser visto das grandiosas torres do Palácio desse ângulo, então Dannyl deslizou para a outra ponta do assento para admirar os lares elaboradamente decorados dos ricos e poderosos. Numa esquina, uma nova mansão estava sendo construída. Ele se lembrou da velha estrutura que um dia existira ali, uma relíquia de antes da invenção da arquitetura realizada por magos. A aplicação de magia à pedra e ao metal permitiu aos magos construir edifícios fantásticos que desafiavam as limitações estruturais normais. Antes de a carruagem ultrapassar o local, Dannyl vislumbrou dois magos de pé do lado da casa recém-construída, um deles segurando uma enorme planta da mansão.

A carruagem se virou novamente, passou por casas ainda mais grandiosas e então desacelerou e transpôs os Portões Internos em direção ao Bairro Ocidental. Os guardas mal olharam quando ela passou, apenas fazendo uma pausa para notar o símbolo do Clã pintado na lateral do veículo. O caminho continuou pelo Bairro Ocidental, entre casas grandes e magnificentes de um estilo mais modesto do que aquelas do Círculo Interior. A maioria pertencia a mercadores e artesãos, que preferiam essa parte da cidade devido a sua proximidade com a Marina ou

com o Mercado.

Depois de atravessar o Portão Ocidental, a carruagem passou por um labirinto de barracas e estandes. Pessoas de todas as raças e classes enchiam as ruas nos dois lados. Camelôs berravam anunciando seus produtos e preços por cima de um zunido infindável de vozes, apitos, sinos e barulhos de animais. Embora a rua começasse larga, os vendedores, clientes, artistas de rua e mendigos abarrotavam ambos os lados, de tal forma que as carruagens mal tinham espaço para ultrapassar uma à outra.

O ar estava carregado com uma confusão de odores. Uma brisa adocicada pelo cheiro de frutas machucadas era seguida por outra fedendo a vegetais apodrecidos. O cheiro fibroso de capachos de unto era suplantado pelo odor acre e sufocante de algo insalubre conforme dois homens carregavam um tonel de um líquido oleoso azul para além da carruagem. Por fim, o cheiro forte e salino do mar, e a fragrância sutil e pungente da lama do rio alcançaram Dannyl, e ele sentiu seu coração acelerar. A carruagem virou uma esquina e a Marina surgiu diante dos olhos.

Uma floresta de mastros e cordas se mostrava à frente dele, dividindo o céu em faixas de azul. De ambos os lados da rua, um rio sem fim de pessoas se apressava. Carregadores musculosos e membros de tripulação transportavam caixas, cestas e sacos nas costas. Carroças de todos os tamanhos, puxadas por todo tipo de animal, rodavam por ali. Os berros dos vendedores eram substituídos por ordens gritadas e pelo urrar e balir de animais de criação.

Ainda assim a carruagem continuou, passando em frente de barcos cada vez maiores até chegar a uma fileira de robustos navios mercadores que descansavam num longo píer. Lá, ela diminuiu a velocidade e parou, sacolejando em suas molas.

A porta se abriu e o motorista curvou-se respeitosamente.

— Chegamos, meu lorde.

Dannyl deslizou pelo banco e pulou para fora. Um homem de cabelos brancos e tez morena estava parado próximo, o rosto e os braços desnudos bem

bronzeados. Atrás dele, estavam vários homens jovens, todos bem musculosos.

— Lorde Dannyl? — o homem perguntou, fazendo uma rígida reverência.

— Sim. Você é ...?

— Mestre do Píer — ele disse e apontou com a cabeça para a carruagem.

— Seus?

Dannyl supôs que ele se referia aos baús.

— Sim.

— Vamos descê-los.

— Não, eu posso lhe poupar o trabalho.

Dannyl se virou e concentrou sua vontade. Conforme cada baú flutuou até o chão, dois homens jovens se adiantaram e o pegaram, aparentemente acostumados ao uso de magia para tais propósitos. Começaram a descer o píer, com o resto dos homens atrás deles.

— É o sexto navio em frente, meu lorde — o Mestre do Píer disse, conforme a carruagem se afastou.

Dannyl anuiu com a cabeça.

— Obrigado.

Quando chegaram ao píer, seus passos começaram a ecoar ocos sobre as pranchas de madeira. Olhando para baixo, ele podia vislumbrar a água pelos buracos entre as largas madeiras. Seguiu os carregadores por entre um amontoado de caixas que estavam sendo carregadas num navio, e então por uma pilha do que pareciam ser tapetes bem enrolados deixados um do lado do outro. Havia homens por todo canto: correndo de uma ponta a outra das tábuas com cargas nos ombros, descansando no convés, jogando dominó ou gritando ordens e andando a passos largos.

Por cima do barulho, Dannyl notou os sons mais sutis da Marina: o ranger constante das tábuas e cordas, e o bater da água contra o casco da embarcação e o píer. Ele percebeu pequenos detalhes: a decoração dos mastros e velas, os

nomes pintados cuidadosamente no casco e na cabine, a água derramando de um buraco na lateral do navio. Fez uma careta diante desse último detalhe. A água deveria ficar fora de um barco, não era?

Ao chegarem ao sexto navio, os carregadores subiram a passo pesado a prancha de embarque. Olhando para cima, Dannyl viu dois homens que o observavam do navio. Começou a subir a prancha com cuidado, e então com mais confiança quando descobriu que ela era firme o suficiente apesar de a madeira arquear. Quando pôs os pés no convés, os dois homens o saudaram com reverências.

Eles pareciam muito um com o outro. A pele morena e a baixa estatura eram típicas características dos vindos. Ambos usavam roupas robustas e sem cor. Um, no entanto, estava mais ereto do que o outro e foi ele quem falou.

— Bem-vindo ao *Fin-da*, meu lorde. Sou o capitão Numo.

— Obrigado, capitão. Sou Lorde Dannyl.

O capitão apontou para os baús, que descansavam no convés a alguns passos de distância, com os carregadores parados próximos a eles.

— Não ter espaço para caixas em seu quarto, meu lorde. Vamos armazená-los embaixo do convés. Precisa alguma coisa, pede meu irmão, Jano.

Dannyl concordou com a cabeça.

— Muito bem. Há um item que vou pegar antes que eles sejam levados.

O capitão curvou a cabeça concordando.

— Jano mostra seu quarto. Nós partir logo.

O capitão se afastou e Dannyl tocou a tampa do baú menor. A trava se abriu. Ele retirou uma sacola de couro cheia de coisas úteis para a viagem. Depois de fechar a tampa de novo, olhou para os carregadores.

— Isso é tudo de que vou precisar... Espero.

Eles se abaixaram e carregaram os baús para longe. Virando-se, Dannyl olhou para Jano ansioso. O homem acenou com a cabeça e gesticulou para que Dannyl

o seguisse.

Passando por uma porta estreita, desceram uma pequena escada até um quarto largo. O teto era tão baixo que mesmo Jano teve de se dobrar para passar debaixo das vigas de sustentação. Lençóis de um tecido grosso estavam estendidos entre ganchos no teto. Essas, ele conjeturou, eram as camas penduradas de que havia ouvido falar em histórias e relatos de viajantes.

Jano o guiou através de um corredor estreito e, depois de alguns passos, abriu uma porta. Dannyl encarou o quarto minúsculo em desalento. Uma cama baixa da largura dos seus ombros ocupava todo o espaço. Um pequeno armário havia sido construído numa ponta e cobertores de lã de reber de boa qualidade dobrados direitinho na outra.

— Pequeno, *hai*?

Dannyl olhou para Jano e descobriu o homem com um enorme sorriso. Ele sorriu ironicamente, sabendo que seu desânimo devia parecer óbvio.

— Sim — Dannyl concordou. — Pequeno.

— Capitão tem quarto do dobro do tamanho. Quando tivermos um barco grande, aí conseguimos quarto grande também, *hai*?

Dannyl concordou com a cabeça.

— Parece justo.

Ele soltou a bolsa na cama, e se virou para poder sentar, as pernas se estendendo no corredor.

— É tudo de que eu preciso.

Jano deu uma batida na porta do outro lado.

— Meu quarto. Nós fazemos companhia um para o outro, *hai*? Você canta?

Antes que Dannyl pudesse pensar numa resposta, um sino tocou em algum lugar no andar superior e Jano olhou para cima.

— Precisar ir. Partimos agora.

Ele se virou e então parou um instante.

— Você ficar aqui. Não atrapalha.

Sem esperar uma resposta, ele foi embora apressado.

Dannyl olhou ao redor do quarto minúsculo que seria seu espaço pelas próximas duas semanas e riu. Agora ele entendia por que tantos magos detestavam viajar pelo mar.

Parando na porta da sala de aula, Sonea sentiu o coração apertar.

Ela havia deixado os aposentos de Rothen cedo, esperando chegar na sala de aula primeiro que os outros aprendizes para ter tempo de controlar seu estômago agitado antes de se encontrar com eles. Mas vários assentos já estavam ocupados. Enquanto ela hesitava, rostos se voltaram para ela e seu estômago encolheu num nó apertado. Rapidamente desviou o olhar para o mago que estava sentado na frente da sala de aula.

Ele era mais jovem do que ela esperava, provavelmente apenas nos seus 20 anos. Um nariz anguloso dava a seu rosto uma expressão de desdém. Quando ela fez uma referência, ele olhou, os olhos fixos em seu rosto, passando para suas botas novas e então subindo de novo para o rosto. Satisfeito, olhou para uma folha de papel e fez um pequeno visto na lista escrita ali.

— Escolha um assento, Sonea — disse com um ar de desprezo.

A sala continha doze mesas e cadeiras perfeitamente alinhadas. Seis aprendizes, todos empoleirados na ponta dos assentos, a observaram enquanto ela examinava o arranjo.

“Não sente longe demais dos outros aprendizes”, ela disse a si mesma. “Você não quer que eles pensem que não é sociável ou que tem medo deles”. Ainda havia alguns assentos vazios no centro da sala, mas ela também não gostava da ideia de sentar no meio. Uma cadeira encostada na parede mais distante estava disponível, rodeada por três aprendizes da fileira do lado. Ia servir.

Ela estava consciente dos olhares que a seguiam enquanto se deslocava para a

cadeira. Forçou a si mesma a olhar para eles ao sentar.

Na mesma hora, os aprendizes encontraram algo para prender seu interesse. Sonea suspirou de alívio. Ela estava esperando mais olhares de desprezo. Talvez apenas o garoto que havia encontrado no dia anterior — Regin — fosse ser abertamente hostil.

Um por um, os outros aprendizes chegaram na porta da classe, fizeram uma reverência para o professor e escolheram um lugar. A garota kyraliana tímida pegou apressadamente a primeira cadeira que viu. Outro quase se esqueceu de se curvar para o mago e então tropeçou indo direto para o assento na frente de Sonea. Ele não a viu até ter chegado à cadeira e a encarou horrorizado antes de se sentar, relutante.

O último aprendiz a chegar foi o garoto hostil, Regin. Ele examinou a sala com olhos estreitos antes de se posicionar de forma deliberada no centro do grupo.

Um gongo distante soou e o mago levantou-se da cadeira. Vários aprendizes, incluindo ela, pularam visivelmente por causa do movimento. Antes que o professor pudesse falar, no entanto, um rosto familiar apareceu na entrada.

— Eles estão todos aqui, Lorde Elben?

— Sim, Diretor Jerrik — o professor respondeu.

O Diretor da Universidade enfiou os polegares na faixa marrom ao redor da cintura e observou a classe.

— Bem-vindos — ele disse num tom mais duro do que acolhedor. — E parabéns! Eu ofereço esse cumprimento não porque cada um de vocês tem a boa fortuna de ter nascido com a rara e muito invejada capacidade de usar magia. Eu a ofereço porque cada um de vocês foi aceito na Universidade do Clã dos Magos. Alguns de vocês vêm de países distantes daqui e não vão voltar para seus lares por muitos anos. Alguns podem decidir ficar aqui a maior parte da vida. Todos vocês, no entanto, estão presos aqui pelos próximos cinco anos. Por quê? Para se tornarem magos. E o que é um mago, então? — Ele deu um sorriso carrancudo. — Há muitos atributos que compõem um mago. Alguns vocês já

têm, outros vão desenvolver e outros aprender. Alguns são mais importantes do que os outros.

Ele parou e varreu a sala com os olhos.

— Qual é o atributo mais importante de um mago?

Pelo canto do olho, Sonea viu vários aprendizes se aprumarem em suas cadeiras. Jerrik deu a volta na mesa e caminhou até o lado da sala em que ela estava. Ele encarou o garoto sentado na frente dela.

— Vallon?

Sonea viu as costas do garoto curvarem-se como se ele quisesse deslizar para debaixo da mesa.

— Q-quão bem ele faz algo, meu lorde. — A voz fraca do garoto era quase inaudível. — Quanto ele praticou.

— Não. — Jerrik virou-se e andou cheio de seriedade para o outro lado da sala. Ele fixou um dos garotos ansiosos com seu olhar frio.

— Gennyl?

— Força, meu lorde — o garoto respondeu.

— Definitivamente não! — vociferou o Diretor da Universidade. Ele seguiu em frente, avançando pelas fileiras de aprendizes, e parou perto da garota kyraliana tímida.

— Bina?

A garota piscou de maneira graciosa e então levantou a cabeça para olhar para o mago. Seus olhos perfuraram os dela e ela abaixou a cabeça rapidamente.

— Uh... — Ela fez uma pausa e então se animou de repente. — Minha nossa, meu lorde. Como ele usa a magia.

— Não. — Seu tom era mais gentil. — Embora seja um atributo muito importante e que esperamos que todos os magos tenham.

Jerrik continuou seguindo por entre as fileiras de assentos. Sonea virou a

cabeça para observá-lo, mas percebeu que os outros aprendizes estavam rígidos olhando para a frente da sala. Sentindo-se constrangida, ela os imitou, ouvindo os passos do mago conforme eles chegavam mais perto.

— Elayk?

— Talento, meu lorde? — O sotaque lonmar do garoto era forte.

— Não.

Os passos ficaram mais próximos. Sonea sentiu um formigamento no topo da espinha. O que ela diria se ele perguntasse a ela? Com certeza, todas as respostas possíveis já tinham sido oferecidas. Ela inspirou silenciosamente e soltou o ar devagar. Ele não ia perguntar a ela, de qualquer forma. Ela era uma garota sem importância de...

— Sonea?

Seu estômago revirou. Olhando para cima, ela viu Jerrik parado sobre ela, seus olhos ficando cada vez mais frios conforme ela hesitava.

E então ela sabia a resposta. Era fácil. Afinal, ela devia saber isso melhor do que qualquer aprendiz, já que quase morrera quando seus poderes cresceram de maneira incontrolável. Jerrik sabia disso, e era provavelmente por esse motivo que fazia a pergunta a ela.

— Controle, meu lorde.

— Não.

O mago suspirou e se deslocou para a frente da sala. Ela observou a textura da madeira da mesa diante dela, seu rosto quente.

O Diretor da Universidade parou na frente da mesa e cruzou os braços. Olhou em volta de novo. A classe esperou, ansiosa e envergonhada.

— O atributo mais importante de um mago é o conhecimento. — Fez uma pausa, e então olhou para cada um dos aprendizes que haviam falado, um seguido do outro. — Sem isso, sua força é inútil, não tem nada a desenvolver, nenhum talento a aperfeiçoar, apesar de suas melhores intenções. — Os olhos do

mago voltaram-se por um instante para Sonea. — Mesmo que seus poderes venham à tona por si mesmos, ele logo estará morto se não ganhar o conhecimento de como controlá-los.

Em conjunto, a classe soltou a respiração. Alguns rostos se voltaram brevemente para Sonea. Congelada pela percepção de seu estado, ela manteve os olhos fixos na mesa.

— O Clã é o maior e mais abrangente depósito de conhecimento do mundo — Jerrik prosseguiu, um traço de orgulho se manifestando na voz. — Durante os anos que vocês passarem aqui, esse conhecimento, ou ao menos parte dele, lhes será dado. Se prestarem atenção, ouvirem o que os professores lhe disserem e fizerem uso das fontes que há aqui, como a ampla biblioteca, vocês vão se sobressair. No entanto — seu tom tornou-se mais sombrio —, se não prestarem atenção, não respeitarem os mais velhos ou não tirarem vantagem dos séculos de conhecimento amealhados por seus predecessores, vocês vão apenas envergonhar a si mesmos. Os anos à sua frente não serão fáceis — ele avisou. — Vocês precisam ser dedicados, disciplinados e zelosos — fez uma pausa e examinou os rostos à sua frente — se quiserem alcançar seu pleno potencial como magos do Clã.

A atmosfera na sala havia mudado do alívio para um novo tipo de tensão. Os aprendizes estavam tão quietos que Sonea podia ouvi-los respirando. Jerrik se aprumou e colocou as mãos atrás das costas.

— Vocês provavelmente estão cientes — ele falou num tom mais leve — dos Três Níveis de Controle que são o fundamento da sua educação na Universidade. O Primeiro, destravar o poder, vai ser alcançado hoje por vocês. O Segundo, a capacidade de acessar, invocar e conter o poder, será objetivo de vocês pelo resto da manhã e por todas as manhãs até que tenham alcançado todos os três sem pensar. O Terceiro, compreender as muitas maneiras pelas quais o poder pode ser usado, e será ensinado a vocês ao longo dos anos até a graduação; embora, independentemente da disciplina em que decidam se especializar depois da graduação, não haverá nenhum momento em que terão completado o terceiro nível. Uma vez que tenham se formado, será responsabilidade de vocês

expandirem o conhecimento que lhes transmitimos, mas, é claro, nunca vão saber tudo que há para saber. — Ele deu um sorriso estreito. — O Clã possui mais conhecimento do que vocês podem observar durante uma vida toda, provavelmente mais do que se poderia aprender em cinco vidas. Nós temos as três disciplinas das habilidades de Cura, Alquimia e Artes Guerreiras. Então, para que possam aprender o suficiente para se tornarem magos úteis e hábeis, seus professores e aqueles antes deles juntaram as informações mais relevantes e importantes para lhes transmitirem. — Ele levantou um pouco o queixo. — Usem bem esse conhecimento, aprendizes do Clã dos Magos de Kyralia.

Ele percorreu mais uma vez a sala de aula com os olhos, então se virou e, com um aceno de cabeça para Lorde Elben, deixou a sala.

A classe estava parada e quieta. O professor permaneceu imóvel notando as expressões no rosto de seus pupilos com um sorriso de satisfação. Então caminhou até a frente da grande mesa e se dirigiu a eles.

— Sua primeira lição em Controle começa agora. Cada um de vocês teve um professor designado para essa lição. Vocês vão encontrá-los esperando na próxima porta. Levantem-se e sigam até essa sala agora.

As cadeiras foram arrastadas no chão de madeira quando os aprendizes se colocaram ansiosamente de pé. Sonea levantou-se devagar. O professor virou a cabeça e a encarou friamente.

— Exceto você, Sonea — ele acrescentou, de forma tardia. — Você vai permanecer aqui.

Dessa vez, todos os aprendizes se viraram para encará-la. Ela piscou, olhou de um rosto para o outro, sentindo uma estranha sensação de culpa quando o entendimento surgiu nos olhos deles.

— Vão em frente — encorajou o professor.

Os aprendizes se viraram de costas e começaram a sair. Sonea se instalou de novo na cadeira e observou a classe ir embora. Apenas um se virou para olhar de novo antes de passar pela porta. Seus lábios se retorceram numa expressão de zombaria. Regin.

— Sonea.

Ela pulou de susto e se virou para encarar o professor, surpresa de que ele ainda estivesse por ali.

— Sim, meu lorde.

Seus olhos perderam um pouco da frieza e ele andou pela sala até ficar do lado do assento dela.

— Como você já alcançou o Primeiro e o Segundo Níveis de Controle, eu lhe trouxe o primeiro livro que a classe vai estudar.

Sonea abaixou os olhos para um pequeno livro com capa de papel que ele segurava nas mãos.

— Haverá exercícios práticos acompanhando esse livro, mas eles envolverão a classe toda. Você vai ganhar muito se estudar a informação contida nele.

Ele colocou o livro na mesa e se virou para ir embora.

— Obrigada, Lorde Elben — ela disse.

Ele fez uma pausa, virou-se e a olhou com um pouco de surpresa, então continuou em direção à porta.

A sala ficou vazia e silenciosa depois que ele partiu. Sonea olhou ao redor para as outras mesas e cadeiras. Contou nove assentos tortos.

Ela olhou para o livro na mesa e leu: *Seis Lições para Novos Aprendizes*, por Lorde Liden. Havia também uma data. O livro tinha mais de um século de idade. Quantos aprendizes tinham construído seu caminho por meio daqueles exercícios? Ela folheou as páginas. A letra, ela viu com alívio, era clara e fácil de ler.

“A magia é uma arte útil, mas não sem limites. A área de influência natural do mago reside em seu corpo, sendo a pele o limite dessa área. Um esforço mínimo é necessário para influenciar a magia nesse espaço. Nenhum outro mago pode influenciar esse espaço, a não ser que ele seja curador, o qual exige contato pele a pele.

Para influenciar o que se encontra além do corpo, mais esforço é necessário. Quanto mais longe o objeto a ser influenciado estiver do corpo, mais esforço é preciso. O mesmo limite é verdade quanto à comunicação mental, embora não seja tão exaustivo quanto a maioria das tarefas relacionadas à magia."

Rothen havia lhe dito tudo isso, mas ela continuou lendo. Algum tempo mais tarde, depois de ter lido três das lições e estar começando a quarta, dois aprendizes voltaram para a sala. O primeiro que ela reconheceu foi Gennyl, o garoto lonmar que havia recebido um guardião durante a cerimônia. Seu companheiro era o outro garoto lonmar alto. Ela deu uma olhada para ele enquanto eles se dirigiam a seus assentos no meio da sala. Ela podia sentir uma diferença neles, como se sua presença estivesse amplificada. Eles logo iriam aprender a esconder isso, como ela havia feito. Parecia que alcançar o Primeiro Nível não era difícil nem demorado. O Segundo Nível, ela sabia, era mais difícil.

Um murmúrio de conversa começou, na língua líquida de sua terra natal. Outro aprendiz entrou na sala: um garoto kyraliano com círculos escuros sob os olhos. Ele se sentou e permaneceu em silêncio olhando de forma rígida para a carteira.

Havia algo estranho em relação a esse garoto. Ela podia sentir uma aura de magia ao redor dele, mas ela pulsava de forma errática, algumas vezes forte, em outras sumindo além da detecção. Não querendo perturbá-lo ainda mais ao encará-lo, ela olhou para longe. Até que os aprendizes tivessem alcançado tanto o Primeiro quanto o Segundo Níveis de Controle, ela conseguiu sentir todo tipo de coisas estranhas vindas deles.

Uma risada do lado de fora da entrada chamou sua atenção antes que ela pudesse começar a ler de novo. Dessa vez, cinco aprendizes encheram a sala, com apenas Regin faltando. Sem uma figura de autoridade para tomar conta deles, os aprendizes ficaram passando o tempo, sentados em suas cadeiras e conversando em pequenos grupos. Os sentidos de Sonea zuniam com suas presenças mágicas.

Ninguém abordou Sonea. Ela estava ao mesmo tempo aliviada e desapontada. "Eles não sabiam o que esperar dela", ela pensou, "e por isso a evitavam." Ela ia

ter de fazer a primeira tentativa de ser amigável. Caso contrário, poderiam decidir que ela não queria se misturar com ela.

A bonita garota elyne estava sentando perto, esfregando as têmporas. Lembrando-se de como as lições de Controle haviam dado dores de cabeça a Rothen, Sonea se perguntou se a garota iria gostar de receber um pouco de simpatia para com o que estava sentindo. Lentamente, tentando parecer confiante, ela se levantou e se deslocou pela sala até a mesa da garota.

— Não é fácil, não é? — Sonea arriscou dizer.

A garota ergueu o olhar surpresa e então deu de ombros e olhou de volta para a mesa. Quando nenhuma resposta veio, Sonea começou a suspeitar, com um mal-estar crescente no estômago, que a garota a estava ignorando.

— Eu não gosto dela — a garota disse de repente num forte sotaque elyne.

Sonea piscou surpresa.

— Não gosta de quem?

— Lady Kinla — a garota disse num tom irritado. Ela pronunciou o nome como “Quemlar”.

— A maga que está lhe ensinando o Controle? Hummm, isso torna as coisas difíceis.

— Não é que Lady Kinla seja uma má pessoa. — A garota suspirou. — É só que eu não a quero na minha mente. Ela é tão...

As mechas ruivas da garota sacudiram quando ela balançou a cabeça.

O assento em frente da garota elyne estava vazio. Sonea sentou nele e se virou para encarar a garota.

— Você não quer que ela veja algumas coisas na sua mente? — Sonea sugeriu. — Coisas que não são erradas ou ruins, mas você não quer que qualquer pessoa veja?

— Sim, é isso. — A garota olhou para cima, os olhos arregalados e com uma expressão de assombro. — Mas eu tenho que deixá-la fazer isso, não?

Sonea fez uma cara séria.

— Não, você não tem... Bem, eu não sei exatamente o que você não quer compartilhar com ela, mas... Bem... Essas coisas podem ser escondidas.

A garota estava encarando Sonea agora.

— Como?

— Você imagina um tipo de porta e coloca a coisa atrás dela — Sonea explicou. — Lady Kinla provavelmente vai ver o que você fez, mas não vai tentar acessar essas coisas do mesmo jeito que Rothen não tentou acessar as minhas.

Os olhos da garota se arregalaram ainda mais.

— Lorde Rothen lhe ensinou o Controle? Ele estava na sua mente? — ela ofegou.

— Sim. — Sonea concordou com a cabeça.

— Mas ele é um homem.

— Bem... ele me ensinou. É por isso que você tem uma professora? Você precisa ser ensinada por uma mulher?

— É claro. — A garota a encarava horrorizada.

Sonea balançou a cabeça lentamente.

— Eu não sabia. Não vejo qual seria a diferença em ser ensinada por um mago ou por uma maga. Talvez... — Ela fez uma cara séria. — Se eu não pudesse esconder todos os meus pensamentos secretos, teria sido melhor ter uma mulher para me ensinar.

A garota se afastou um pouco de Sonea.

— Eu acho errado uma garota da nossa idade compartilhar sua mente com um homem.

Sonea deu de ombros.

— São apenas mentes. É como conversar, mas mais rápido. Não há nada de

errado em falar com um homem, há?

— Não...

— Você só não fala sobre certas coisas. — Sonea deu a ela uma olhada significativa.

Um sorriso lentamente se espalhou pelo rosto da garota.

— Não... Exceto em ocasiões especiais, eu suponho.

— Issle. — Uma voz ríspida surgiu acima do barulho da sala.

Sonea ergueu o olhar e viu uma mulher de meia-idade com uma túnica verde parada na porta.

— Você descansou o suficiente. Venha comigo.

— Sim, minha lady. — A garota suspirou.

— Boa sorte — Sonea desejou, enquanto a garota se apressava. Ela não tinha certeza se Issle havia ouvido, pois a garota desapareceu pela porta sem um único olhar para trás.

Sonea abaixou os olhos para o livro em suas mãos e se permitiu um pequeno sorriso. Era um começo. Talvez mais tarde ela falasse com Issle de novo.

Voltando a sua mesa, ela continuou lendo.

“Projeção:

Mover um objeto é mais rápido e fácil quando ele está no campo de visão. Para mover um objeto fora de vista pode-se estender o sentido da mente a fim de localizá-lo primeiro. Isso exige mais esforço e tempo, no entanto, e...”

Entediada, Sonea começou a observar os aprendizes irem e virem. Ela ouviu seus nomes e tentou adivinhar como eram. Shern, o garoto kyraliano com os círculos escuros embaixo dos olhos, estremecera quando seu professor voltara e chamara seu nome. Ele havia olhado para o mago com olhos assombrados e expressara relutância em cada movimento desde que largara a cadeira e se arrastara até a porta.

Regin tinha feito amizade com dois garotos, Kano e Vallon. A garota kyraliana tímida ouvia a conversa deles com atenção, e o garoto elyne desenhava pequenas figuras num livro com capa de papel. Quando Issle voltou, ela desmoronou na cadeira e enterrou a cabeça nos braços. Sonea ouviu outros aprendizes reclamando de dores de cabeça e resolveu deixar a garota em paz.

Quando o gongo soou marcando a hora da pausa do meio-dia, Sonea soltou um suspiro quieto de alívio. Tudo que ela tinha feito fora ler lições que já sabia, distraída constantemente pelas idas e vindas dos outros aprendizes. Não havia sido uma primeira lição especialmente interessante.

Lorde Elben entrou na sala, fazendo os aprendizes correrem apressados para seus assentos. Esperou até que todos se ajeitassem, e então pigarreou.

— Nós voltaremos com as lições de Controle no mesmo horário amanhã — falou a eles. — Sua próxima aula será sobre a história do Clã, na segunda sala de História no andar de cima. Podem ir agora.

Vários suspiros de alívio puderam ser ouvidos pela sala. Os aprendizes levantaram-se, curvaram-se para o professor e se dirigiram para a porta. Ficando para trás, Sonea notou que o garoto elyne havia se juntado ao grupo de novos amigos de Regin. Ela seguiu sem fazer barulho, entregando o livro de volta ao professor quando passou por ele, e então alargou o passo para alcançar Issle.

— Foi melhor a segunda vez?

A garota olhou para Sonea e então concordou com a cabeça.

— Eu fiz o que você falou. Não funcionou, mas acho que pode funcionar da próxima vez.

— Isso é bom. Tudo fica mais fácil depois disso.

Elas andaram em silêncio por vários passos. Sonea buscou algo para dizer.

— Você é Issle de Fonden, não é? — uma voz observou.

Issle se virou e parou conforme Regin e dois outros aprendizes se aproximaram.

— Sim — ela disse, com um sorriso bonito.

— Cujo pai é conselheiro do Rei Marend? — Regin perguntou, levantando as sobrancelhas.

— Isso mesmo.

— Eu sou Regin de Winar — ele se curvou com uma polidez exagerada — da Casa Paren. Posso acompanhá-la até o Refeitório?

Seu sorriso se abriu.

— Eu ficaria honrada.

— Não. — Regin deu um sorriso cativante. — Sou eu que estou honrado.

Ele deu um passo à frente e se colocou entre Sonea e Issle, forçando Sonea a se mover para trás para evitá-lo, e tomou o braço da garota. Os companheiros de Regin se posicionaram logo atrás do par enquanto continuavam pelo corredor. Nenhum olhou para Sonea, e ela se descobriu no fundo do grupo. Quando haviam descido as escadas da Universidade, ela parou e os observou irem para longe sem nem um olhar para trás.

Issle nem sequer agradeceu a ela. “Eu não devia me surpreender”, ela disse a si mesma. “São riquinhos mimados sem educação.”

“Não”, ela repreendeu a si mesma. “Não seja injusta com eles. Se tivessem pedido para você aceitar um deles na gangue de Harrin, não teria sido fácil. Aos poucos, eles vão esquecer que eu sou diferente. É só dar tempo a eles

Capítulo 3

Contando Histórias

Enquanto a serviçal de Rothen, Tania, colocava a refeição matinal na mesa, Sonea se jogou numa cadeira com um suspiro. Rothen ergueu o olhar e, vendo a expressão resignada e infeliz em seu rosto, desejou que tivesse sido capaz de voltar direto depois da aula do dia anterior, em vez de passar horas discutindo as lições com Lorde Peakin.

— Como foram as coisas ontem? — ele perguntou.

Sonea hesitou antes de responder.

— Nenhum dos aprendizes pode usar magia por enquanto. Eles ainda estão aprendendo Controle. Lorde Elben me deu um livro para ler.

— Nenhum aprendiz pode usar a magia quando começam conosco. Nós não desenvolvemos seu poder até que tenham feito o juramento. Achei que tivesse percebido isso. — Ele sorriu. — Há algumas vantagens no fato de desenvolver o poder de maneira natural.

— Mas vai levar semanas até que eles possam começar as lições. Tudo que fiz foi ler o mesmo livro, e ele é inteiro sobre coisas que já sei. — Ela olhou para ele, os olhos brilhando esperançosos. — Por que eu não fico aqui até eles terem me alcançado?

Rothen conteve uma risada.

— Nós não seguramos um aprendiz só porque ele aprende mais rápido do que os outros. Você devia aproveitar a oportunidade ao máximo. Peça outro livro para ler, ou veja se o professor está disposto a revisar alguns dos exercícios com

você.

Ela fez uma careta.

— Não acho que os outros aprendizes vão gostar disso.

Ele franziu os lábios. Ela tinha razão, é claro, mas ele também sabia que se pedisse a Jerrik para mantê-la fora das aulas até os outros estarem prontos, o Diretor iria recusar.

— Espera-se que os aprendizes venham a competir uns com os outros — ele disse a ela. — Seus colegas de classe sempre vão tentar superá-la. Não vai fazer diferença se você der um tempo para eles a alcançarem. Na verdade, você vai perder o respeito deles se sacrificar seu aprendizado por medo de incomodá-los.

Sonea concordou com a cabeça e olhou de volta para a mesa. Ele sentiu uma pontada de pena por ela. Não importava o quanto a aconselhasse, devia ser confuso e frustrante ser confinada de repente ao pequeno e insignificante mundo dos aprendizes.

— Você não tem uma vantagem tão grande — ele disse a ela. — Levei semanas para ensinar Controle a você porque teve de aprender a confiar em mim. Os estudantes mais rápidos estarão prontos no final da semana, o resto vai levar até duas. Eles vão alcançá-la mais rápido do que espera, Sonea.

Ela concordou com um aceno de cabeça. Pegou uma colher cheia de pó de um pote e misturou com água quente de um jarro. O cheiro pungente de raka atingiu as narinas de Rothen. Ele fez uma careta enquanto ela bebia, perguntando-se como ela conseguia engolir o estimulante. Ele a havia persuadido a experimentar sumi, a bebida popular nas Casas, mas Sonea não tinha tomado gosto por ela.

Sonea bateu as unhas contra o lado da xícara.

— Issle falou algo estranho também. Ela disse que professores homens não deveriam ensinar aprendizes mulheres.

— Essa Issle é uma garota elyne?

— Sim.

— Ah. — Ele suspirou. — Os elynes. São mais específicos que os kyralianos quanto à interação entre garotas e garotos. Eles insistem que suas filhas sejam ensinadas por mulheres e ficam tão chocados quando veem uma garota de qualquer raça ser ensinada por um homem que adotamos essa “regra” para todas as aprendizes do sexo feminino. Ironicamente, eles têm a mente bastante aberta quanto a atividades de adultos.

— Chocada. — Sonea concordou com a cabeça. — Sim, é como ela parecia.

Rothen fez uma careta.

— Podia ter sido mais inteligente deixá-la assumir que eu trouxe uma professora para você. Os elynes podem ser muito críticos quanto a coisas como essa.

— Eu queria que você tivesse me dito isso antes. Ela foi amigável de início, mas... — Sonea balançou a cabeça negativamente.

— Ela vai esquecer isso — ele a tranquilizou. — Dê tempo para essa situação, Sonea. Em algumas semanas você vai ter vários amigos e vai se perguntar por que ficou tão preocupada antes.

Ela abaixou os olhos para a xícara de raka.

— Eu me contentava com um só.

No grande escritório iluminado por uma luz tênue do Administrador do Clã, um globo de luz mágica flutuava para trás e para a frente, produzindo sombras que marchavam pelas paredes. Quando Lorlen chegou ao fim da carta, parou de andar de um lado para o outro e praguejou.

— Vinte moedas por uma garrafa!

Voltando a passos largos até a cadeira, ele sentou, abriu uma caixa e pegou uma folha de papel grosso. O barulho do rabiscar firme da caneta encheu a sala enquanto ele escrevia. Ele fazia pausas de tempos em tempos, estreitando os olhos enquanto pesava as palavras. Assinando a carta com um floreado, refestelou-se na cadeira e contemplou seu trabalho.

Então, com um suspiro, jogou-a na lixeira embaixo da mesa.

Fornecedores do Clã tiravam vantagem com o dinheiro do Rei havia séculos. Qualquer item era duas ou três vezes o preço costumeiro quando o comprador era o Clã. Esse era um dos motivos pelos quais o Clã cultivava suas próprias plantas medicinais.

Colocando os cotovelos na mesa, Lorlen descansou o queixo na palma da mão e reexaminou a lista de preços na carta do vinicultor. Ele podia simplesmente não pedir nenhum vinho. Isso teria consequências políticas, é claro, mas nada que não pudesse ser evitado se ele comprasse outros bens da mesma Casa.

Porém o vinho era o favorito de Akkarin. Feito da menor variedade de bagas vare, era doce e rico em sabor. O Lorde Supremo sempre mantinha um frasco em sua sala de visitas e não ficaria feliz se os estoques se esgotassem.

Lorlen fez uma careta e pegou uma nova folha de papel. Então deu uma pausa. Ele não devia ficar satisfazendo as vontades de Akkarin daquele jeito. Isso nunca havia sido seu hábito no passado. Akkarin notaria a mudança. Ele poderia se perguntar por que Lorlen estava agindo de maneira tão pouco característica.

Mas Akkarin com certeza devia ter notado que ultimamente era muito difícil ele aparecer para um bate-papo de noite. Lorlen fechou o rosto enquanto pensava quanto tempo fazia desde que havia juntado coragem para visitar o Lorde Supremo. Tempo demais.

Suspirando, descansou a testa nas mãos e fechou os olhos. “Ah, Sonea. Por que você tinha de revelar o segredo dele para mim!” A lembrança percorreu sua mente. A lembrança de Sonea, não a sua, mas os detalhes ainda eram vívidos...

— Está feito — disse Akkarin, para depois remover o manto e revelar as roupas manchadas de sangue. Olhou para si mesmo com desagrado. — Trouxe minha túnica?

Ao ouvir a resposta balbuciante do criado, Akkarin retirou a roupa de mendigo. Por baixo, havia o cinto de couro amarrado à cintura, do qual pendia a bainha da adaga. Esfregou-se todo, depois desapareceu de vista e retornou vestido com a túnica preta. Levando a mão à bainha, removeu a adaga reluzente

e começou a limpá-la em uma toalha. Quando terminou, ergueu o olhar para o criado.

— A luta me enfraqueceu. Preciso de sua força.

O criado ficou de joelhos e ofereceu-lhe o braço. Akkarin passou a lâmina sobre a pele do homem, depois colocou uma das mãos sobre a ferida...

Lorlen estremeceu. Abrindo os olhos, respirou fundo e balançou a cabeça.

Ele quis rejeitar a lembrança de Sonea como uma interpretação errônea de algo inocente por parte de alguém que acreditava que magos eram maus e cruéis, mas estava claro que as lembranças não podiam ser falsas — e como ela poderia tê-las inventado quando não entendia o que tinha visto? Ele quase sorriu da suposição dela de que o mago de túnica preta fosse um assassino secreto do Clã. A verdade era bem pior e, por mais que Lorlen desejasse, ele não conseguia ignorá-la.

Akkarin, seu amigo mais próximo e Lorde Supremo do Clã, estava praticando magia negra.

Lorlen sempre havia sentido um orgulho discreto por pertencer à maior aliança de magos que já existira e por agora gerenciá-la. Uma parte dele se sentia ultrajada pelo fato de o Lorde Supremo, que deveria representar tudo que é respeitável e bom no Clã, estar mexendo com magia proibida e maligna. Essa parte dele queria revelar o crime, tirar esse homem potencialmente perigoso de tal posição de influência e autoridade.

Mas outra parte também reconhecia o perigo de tentar confrontar o Lorde Supremo. Era preciso cautela. Lorlen se arrepiou enquanto se lembrava do dia, muitos anos atrás, quando tinham acontecido as provas para selecionar um novo Lorde Supremo. Na prova de força, Akkarin não apenas derrotara os mais poderosos magos do Clã, mas, num exercício criado para determinar seus limites, ele havia suportado com facilidade a força de 20 dos mais poderosos magos.

Akkarin nem sempre fora tão forte. Lorlen, entre todos os magos, era o que melhor sabia disso. Eles tinham sido amigos desde o primeiro dia da

Universidade. Com o passar dos anos do treinamento, haviam lutado muitas vezes na Arena e descoberto que seus limites eram semelhantes. No entanto, os poderes de Akkarin continuaram a crescer, de forma que quando voltara de suas viagens havia superado qualquer outro mago.

Agora Lorlen se perguntava se esse crescimento havia sido natural. A jornada de Akkarin fora uma busca por conhecimento sobre a magia dos tempos antigos. Ele passara cinco anos viajando pelas Terras Aliadas, mas, quando voltara, magro e desanimado, havia afirmado que o conhecimento que juntara tinha sido perdido no estágio final da jornada.

Mas e se ele tivesse descoberto algo? E se o que ele descobrira fora a magia negra?

E havia também Takan, o homem que Sonea havia visto ajudando Akkarin na sala subterrânea. Akkarin adotara Takan como servo durante suas viagens e havia mantido os serviços do homem depois de sua volta a casa. Qual era o papel de Takan naquilo tudo? Ele era vítima ou cúmplice de Akkarin?

A ideia de que o servo podia ser uma vítima involuntária era perturbadora, mas Lorlen não podia questionar o homem sem revelar seu próprio conhecimento do crime de Akkarin. Era um risco grande demais.

Lorlen massageou as têmporas. Por meses, ele vinha pensando em círculos, tentando decidir o que fazer. Era possível que Akkarin tivesse apenas experimentado magia negra por curiosidade. Pouco se sabia sobre isso, e obviamente havia maneiras de usá-la que não envolviam matar. Takan ainda estava vivo e cuidando de suas responsabilidades. Seria uma terrível traição à amizade deles se Lorlen revelasse o crime de Akkarin e o fizesse ser dispensado, ou até mesmo executado, por algo que poderia ser só um experimento.

Mas se era isso, por que Akkarin estava usando roupas manchadas de sangue quando Sonea o viu?

Lorlen fez uma careta. Algo horrível havia acontecido naquela noite. “Está feito”, Akkarin havia dito. Uma tarefa cumprida. Mas o quê? E por quê?

Talvez houvesse uma explicação razoável. Lorlen suspirou: “Talvez eu apenas

quisesse que fosse". Sua hesitação em agir consistia simplesmente na relutância em descobrir que o amigo era culpado de crimes terríveis ou na relutância em ver que o homem que ele havia admirado e no qual havia confiado por tantos anos se transformara num monstro sanguinário?

De qualquer forma, ele não podia perguntar para Akkarin. Tinha que descobrir de outra forma.

Nos últimos meses, havia compilado uma lista mental das informações de que precisava. Por que Akkarin estava praticando magia negra? Há quanto tempo isso vinha acontecendo? O que Akkarin podia fazer com essa magia negra? Quão forte ele era e como poderia ser derrotado? Embora Lorlen estivesse infringindo a lei ao buscar informações sobre magia negra, o Clã precisava saber as respostas dessas perguntas para que houvesse uma chance de eles confrontarem Akkarin.

Ele tivera pouco sucesso em descobrir informações na Biblioteca dos Magos, mas isso não era surpresa. Os Magos Superiores eram ensinados o suficiente sobre magia negra para serem capazes de reconhecê-la; o resto do Clã só sabia que ela era proibida. Informações adicionais não seriam facilmente encontradas.

Ele precisava procurar mais além. Lorlen tinha pensado imediatamente na Grande Biblioteca em Elyne, um repositório de conhecimento ainda maior que o do Clã. Então se lembrou de que a Grande Biblioteca fora a primeira parada de Akkarin em sua jornada e começou a pensar se poderia encontrar algumas respostas refazendo os passos do amigo.

Mas ele não podia deixar o Clã. Sua posição como Administrador exigia atenção constante e qualquer jornada como essa com certeza atrairia a curiosidade de Akkarin. O que significava que outro deveria ir em seu lugar.

Lorlen havia considerado com cuidado a quem poderia ser confiada tal tarefa. Tinha de ser alguém sensato o suficiente para esconder a verdade se necessário. Também precisava ser alguém adepto de desencavar segredos.

A escolha havia sido surpreendentemente simples de fazer.

Lorde Dannyl.

Quando os aprendizes entraram no Refeitório, Sonea chegou logo atrás deles. Regin, Gennyl e Shern não haviam voltado para a sala ao final da lição da manhã, então Sonea seguiu o resto. O salão era um grande espaço com vários conjuntos de mesas e cadeiras. Criados entravam com frequência vindos da cozinha ao lado dele, trazendo bandejas repletas de comida para os aprendizes escolherem.

Nenhum dos outros aprendizes protestou quando Sonea ousou juntar-se a eles de novo. Alguns a olharam com um ar dúbio quando ela pegou os talheres, mas o resto a ignorou.

Como no dia anterior, a conversa entre os aprendizes foi desajeitada de início. A maioria era tímida e insegura em relação aos outros. Então Alend contou a Kano que vivera em Vin por um ano e os outros começaram a fazer perguntas sobre o país. As perguntas logo incluíram os lares e famílias dos outros aprendizes, então Alend olhou para Sonea.

— Então você cresceu na favela?

Todos os rostos se voltaram para Sonea. Ela terminou de mastigar e engolir, consciente da súbita atenção por parte dos outros.

— Por cerca de dez anos — disse a eles. — Vivi com meus tios. Tivemos um quarto no Bairro Norte depois disso.

— E quanto a seus pais?

— Minha mãe morreu quando eu era uma criança. Meu pai... — Ela deu de ombros. — Ele foi embora.

— E deixou você sozinha na favela? Isso é terrível! — Bina exclamou.

— Meus tios cuidaram de mim. — Sonea conseguiu dar um sorriso. — E eu tinha muitos amigos.

— Você vê seus amigos agora? — Issle perguntou.

Sonea balançou a cabeça negativamente.

— Não muito.

— E quanto ao seu amigo ladrão, aquele que Lorde Fergun prendeu na Universidade? Ele não apareceu algumas vezes?

Sonea concordou com a cabeça.

— Sim.

— Ele é um dos Ladrões, não é? — Issle perguntou.

Sonea hesitou. Ela podia negar, mas eles acreditariam nela?

— Não sei com certeza. Muita coisa pode mudar em seis meses.

— Você era uma ladra também?

— Eu? — Sonea deu uma risada suave. — Nem todo mundo que vive na favela trabalha para os Ladrões.

Os outros pareceram relaxar um pouco. Alguns até concordaram com a cabeça. Issle lançou um olhar para eles e então fechou o rosto.

— Mas você roubava coisas, não roubava? — ela disse. — Você era um dos trombadinhas no Mercado.

Sonea sentiu o rosto esquentar e sabia que sua reação a havia traído. Eles podiam achar que ela estava mentindo se negasse isso. Talvez a verdade conquistasse sua compaixão...

— Sim, eu roubei comida e dinheiro quando era criança — ela admitiu, forçando-se a erguer a cabeça e encarar Issle de forma desafiadora. — Mas só quando estava passando fome, ou quando o inverno estava chegando e eu precisava de sapatos e roupas quentes.

Os olhos de Issle brilharam em triunfo.

— Então você é uma ladra.

— Mas ela era uma criança, Issle — Alend protestou sem muita firmeza. — Você roubaria também se não tivesse nada para comer.

Os outros se voltaram para encarar Issle, mas ela jogou a cabeça para trás

desdenhosa e então se inclinou em direção a Sonea e a encarou com um olhar frio.

— Diga-me a verdade — ela desafiou. — Você já matou alguém?

Sonea encarou Issle em resposta e sentiu a raiva crescer. Talvez se Issle soubesse a verdade, a garota hesitasse antes de atormentá-la de novo.

— Eu não sei.

Os outros se viraram para encarar Sonea.

— O que você quer dizer? — Issle zombou. — Ou você matou ou não.

Sonea olhou para baixo na mesa e então estreitou os olhos encarando a garota.

— Tudo bem, já que vocês têm que saber. Uma noite, cerca de dois anos atrás, fui agarrada por um homem e puxada para um beco. Ele estava... Bem, você pode ter certeza que ele não estava prestes a pedir uma informação. Quando consegui soltar uma das mãos, enfiei minha faca nele e corri. Não fiquei por lá, então não sei se ele viveu ou não.

Eles permaneceram em silêncio por vários minutos.

— Você podia ter gritado — Issle sugeriu.

— Você realmente acha que alguém ia arriscar a vida para salvar uma pobre garota? — Sonea perguntou num tom duro. — O homem podia ter cortado minha garganta para me calar ou eu poderia ter atraído mais criminosos.

Bina tremeu.

— Isso é horrível.

Sonea sentiu uma centelha de esperança diante da solidariedade da garota, mas ela desapareceu com a pergunta seguinte.

— Você carrega uma faca?

Ouvindo o sotaque lonmar, Sonea se voltou para encarar os olhos verdes de Elayk.

— Todo mundo carrega. Para abrir pacotes, fatiar frutas...

— Cortar cordões de bolsas — Issle se intrometeu.

Sonea olhou fixamente para ela. Issle a encarou de volta com frieza. “Óbvio que perdi meu tempo ajudando essa aí”, Sonea pensou.

— Sonea — uma voz chamou de repente. — Olha o que eu guardei para você.

Os aprendizes se voltaram conforme uma figura familiar veio caminhando até a mesa segurando um prato. Regin sorriu e então empurrou o prato para a frente de Sonea. Ela ficou vermelha de raiva quando viu que ele estava coberto de cascas de pão e restos de comida.

— Você é um garoto tão generoso e educado, Regin. — Ela empurrou o prato para longe. — Obrigada, mas já comi.

— Mas você ainda deve estar com fome — ele disse com uma compaixão fingida. — Olhe para você. É tão pequena e magrinha. Realmente parece que poderia comer uma boa refeição ou três. Seus pais não a alimentaram direito? — Ele empurrou o prato para a frente dela de novo.

Sonea empurrou de volta.

— Não, na verdade, não.

— Eles morreram — alguém explicou.

— Bem, por que não leva o prato com você para o caso de ficar com fome mais tarde? — Com um empurrão rápido, ele mandou o prato além da ponta da mesa para cima do colo dela. Várias risadinhas escaparam dos aprendizes quando a comida empapada caiu em sua túnica e no chão, cobrindo ambos com um molho grosso e marrom. Sonea xingou, esquecendo as instruções cautelosas de Rothen, e Issle fez um pequeno som de nojo.

Olhando para cima, ela abriu a boca para falar, mas nesse instante o gongo da Universidade começou a tocar.

— Ah, querida! — Regin exclamou. — Hora da aula. Uma pena que não possamos ficar para ver você comer, Sonea.

Ele se virou para os outros.

— Vamos, pessoal. Não podemos nos atrasar, não é?

Regin empertigou-se e saiu andando, e os outros seguiram. Logo Sonea era a única aprendiz ainda no Refeitório. Suspirando, ela se levantou, pegando a sujeira e cuidadosamente colocando a comida de novo na mesa. Examinando o molho marrom e grudento que estava cobrindo sua túnica, ela xingou de novo, mas baixinho.

O que ela ia fazer agora? Não podia ir para a aula seguinte com a roupa toda manchada de comida. O professor só iria mandá-la de novo para o quarto para se trocar, o que daria a Regin ainda mais oportunidade de zombar dela. Não, ela tinha de correr para os aposentos de Rothen primeiro e pensar numa desculpa mais simples para seu atraso.

Torcendo para não encontrar muitas pessoas no caminho, ela se pôs em direção aos Alojamentos dos Magos.

Quando ouviu marinheiros se juntando no quarto comum no final do corredor, Dannyl reprimiu um grunhido. Ia ser outra noite longa. Mais uma vez, Jano veio buscá-lo, e a tripulação deu vivas quando ele se juntou a eles. Uma garrafa apareceu de algum lugar, e eles começaram a tomar golaços de siyo, uma bebida vindo com cheiro forte. Quando chegou nele, Dannyl passou direto para Jano, conquistando assim o desapontamento e a zombaria dos marinheiros.

Depois de todos terem tomado uma dose, os marinheiros começaram a discutir alegremente em sua língua nativa cheia de sons omitidos na pronúncia. Quando finalmente entraram em consenso, começaram a cantar, insistindo que Dannyl participasse. Ele havia cedido em outras ocasiões, mas nessa encarou Jano com um olhar duro.

— Você prometeu que ia traduzir para mim.

O homem sorriu.

— Você não gostar canção.

— Deixe-me decidir isso.

Jano hesitou enquanto ouvia a cantoria.

— Em Capia, meu amor tem cabelo vermelho, vermelho... E seios como sacos de tenn. Em Tol-Gan, meu amor pernas fortes, fortes... E enlaça ambas em volta de mim. Em Kiko, meu amor tem... Ah. — Jano deu de ombros. — Não sei a palavra para isso.

— Posso adivinhar — Dannyl respondeu, balançando a cabeça tristemente. — Chega de traduzir. Acho que não quero saber o que estou cantando.

Jano riu.

— Agora você me conta por que não bebe siyo, yai?

— Siyo tem um cheiro forte. Potente.

— Siyo é potente! — Jano disse orgulhoso.

— Não é uma boa ideia deixar um mago muito bêbado — Dannyl disse a ele.

— Por que não?

Dannyl franziu os lábios, tentando explicar em termos que o vindo pudesse entender.

— Quando você está bêbado, muito bêbado, você diz e faz coisas erradas, ou sem querer, yai?

Jano encolheu os ombros e deu um tapinha no ombro de Dannyl.

— Sem problema. Nós não contamos a ninguém.

Dannyl sorriu e balançou negativamente a cabeça.

— Não é boa coisa fazer magia errada ou sem querer. Pode ser perigoso.

Jano franziu as sobrancelhas e então seus olhos se arregalaram um pouco.

— Nós damos você pouco siyo, então.

Dannyl riu.

— Muito bem.

Acenando com as mãos, Jano indicou aos marinheiros que passassem a

garrafa para ele. Ele limpou o gargalo com a manga da camisa e então a ofereceu a Dannyl.

Ao ver que estava sendo atentamente observado pelos outros, Dannyl levou a garrafa aos lábios e tomou um golinho. Um agradável sabor de nozes encheu sua boca e então um calor queimou-lhe a garganta enquanto engolia. Ele puxou o ar com força e então exalou lentamente, apreciando o espalhamento do calor pelo corpo. Os marinheiros vibraram quando ele sorriu e acenou com a cabeça de maneira aprovadora.

Jano entregou a garrafa de volta para os outros e então deu um tapinha nos ombros de Dannyl.

— Eu feliz que não mago. Gostar de bebida, mas não poder. — Balançou a cabeça negativamente. — Muito triste.

Dannyl deu de ombros.

— Eu também gosto de magia.

Os marinheiros começaram uma nova canção e, sem Dannyl pedir, Jano traduziu. Dannyl se descobriu rindo da vulgaridade absurda das letras.

— O que significa eyoma?

— Sanguessuga-do-mar — Jano respondeu. — Uma coisa muito, muito ruim. Eu lhe conto a história.

Na mesma hora os outros silenciaram, todos observando Jano e Dannyl com olhos brilhantes.

— Sanguessuga-do-mar tem cerca de tamanho da mão até a dobra. — Jano levantou o braço para demonstrar, apontando o cotovelo. — Nada em pequenos grupos na maior parte do tempo, mas quando se reproduz, muitas sanguessugas-do-mar se juntam, e muito, muito perigoso. Sobem lateral do navio pensando que é rocha, e marinheiros têm que matar, matar, matar ou eyoma gruda neles e suga sangue.

Dannyl olhou para os outros marinheiros e viu que balançavam a cabeça concordando avidamente com a narrativa. Na mesma hora, ele começou a

suspeitar que a história fosse falsa ou exagerada — uma história para assustar que os homens do mar contam aos viajantes. Ele estreitou os olhos para Jano, mas o homem estava compenetrado demais na história para perceber.

— Sanguessuga-do-mar suga sangue de todos os peixes grandes da água. Se navio afunda, homens tentam nadar até a praia, mas se sanguessuga encontra, eles rápido ficam cansados e morrem. Se homens caem na água durante época de reprodução, eles afogam do peso de tantas sanguessugas. — Olhou para Dannyl, os olhos arregalados. — Jeito terrível de morrer.

Apesar de seu ceticismo, Dannyl sentiu um calafrio com a descrição feita pelo homem. Jano deu um tapinha em seu braço de novo.

— Você não se preocupe. Sanguessuga-do-mar vive em água quente. Lá pro norte. Tome um pouco mais de siyo. Esqueça história.

Dannyl aceitou a garrafa e tomou um golinho modesto. Um dos marinheiros começou a cantarolar de boca fechada, e logo todos estavam cantando com entusiasmo. Dannyl aceitou a pressão deles para cantar junto, mas parou quando a porta para o convés se abriu e o capitão entrou no quarto.

Conforme o capitão desceu as escadas, a tripulação cantou um pouco mais baixo, mas não parou. Numo acenou para Dannyl.

— Tenho algo para lhe dar, meu lorde.

Ele gesticulou para que Dannyl o seguisse, então atravessou o corredor em direção ao quarto dele. Levantando-se, Dannyl se apoiou com uma das mãos em cada parede para se proteger do balanço do navio. Quando chegou até a porta de Numo, viu-se entrando num quarto que, ao contrário da afirmação de Jano, era ao menos quatro vezes o tamanho do de Dannyl.

Cartas de navegação estavam espalhadas pela mesa no centro do aposento. Numo havia aberto um pequeno armário e segurava uma caixa. Depois de tirar uma chave de baixo da camisa, ele abriu a tampa e pegou um pedaço de papel dobrado.

— Pediram-me para entregar isso a você antes de chegarmos em Capia.

Numo entregou o papel para Dannyl e então apontou uma cadeira para ele. Sentado, este examinou o lacre. Tinha o símbolo do Clã e o papel era da mais fina qualidade.

Quebrando o lacre, ele desdobrou o papel e reconheceu na mesma hora a caligrafia do Administrador Lorlen.

“Para o Segundo Embaixador do Clã para Elyne, Dannyl, da família Vorin, Casa Tellen.

Você precisa me perdoar por ter arranjado as coisas de forma que a entrega dessa carta ocorresse depois do início de sua jornada. Tenho uma tarefa que desejo que você complete para mim, fora de seus deveres como Embaixador. Essa tarefa deve permanecer confidencial, ao menos por enquanto, e esse método de entrega é uma pequena precaução nesse sentido.

Como sabemos, o Lorde Supremo Akkarin deixou Kyralia mais de dez anos atrás para juntar conhecimento de magias antigas, uma busca que não foi completada. Sua tarefa é refazer os passos dele, revisitar todos os lugares que ele visitou e descobrir quem o ajudou nessa busca bem como coletar informações sobre o assunto.

Por favor, envie todas as informações pelo meu emissário. Não se comunique comigo diretamente. Aguardo ansiosamente por notícias suas.

Com agradecimentos,

Administrador Lorlen”

Dannyl releu várias vezes a carta e então a dobrou de novo. O que Lorlen estava aprontando? Refazer a jornada de Akkarin? Comunicação só por emissário?

Ele abriu a carta mais uma vez e a examinou rapidamente. Lorlen poderia estar pedindo segredo apenas porque não queria que soubessem que ele estava tirando vantagem do cargo diplomático de Dannyl para tratar de um assunto

particular.

Esse assunto particular, no entanto, era a busca de Akkarin. O Lorde Supremo sabia que Lorlen estava revivendo a busca pelo conhecimento antigo?

Ele considerou todas as respostas possíveis da pergunta. Se Akkarin sabia, então ele provavelmente aprovava. E se ele não soubesse? Dannyl deu um sorriso maroto. Talvez houvesse algo semelhante a um sanguessuga-do-mar nas histórias de Akkarin, e Lorlen queria saber se era verdade.

Ou talvez Lorlen quisesse ser bem-sucedido onde seu amigo havia falhado. Os dois competiam um com o outro quando eram aprendizes. Lorlen obviamente não podia refazer a busca, então ele recrutara outro mago para agir em seu nome. Dannyl sorriu. “E ele escolheu a mim”, pensou.

Dobrando a carta de novo, ele se levantou e se segurou para lidar com o balanço do navio. Sem dúvida Lorlen iria revelar os motivos do segredo em algum momento. Enquanto isso, Dannyl sabia que ia gostar de ter permissão para espionar o passado de outra pessoa, em especial alguém tão misterioso quanto o Lorde Supremo.

Acenando com a cabeça para Numo, deixou o quarto, guardou a carta entre seus pertences e voltou para Jano e para a tripulação que continuava cantando.

Capítulo 4

Cumprindo o Dever

Enquanto perambulava pelo corredor da Universidade, Sonea sentiu um alívio estranho. O dia seguinte seria Dia Livre, o que significava que ela não teria aulas e por uma jornada inteira não teria de aguentar Regin e os outros aprendizes.

Ela estava surpresa de ver como se sentia cansada, considerando quão pouco tinha feito na semana que passara. Na maioria das aulas, lia livros ou observava os aprendizes irem e virem de suas lições de Controle. Não havia acontecido muita coisa, mas mesmo assim era como se semanas — não, meses — houvessem se passado.

Issle não mais reconhecia a presença de Sonea de forma alguma, e, embora isso fosse melhor do que a hostilidade aberta, parecia que todos os aprendizes também haviam decidido que essa era a melhor forma de tratá-la. Nenhum deles falava com ela, mesmo quando ela fazia perguntas cabíveis sobre as lições deles.

Avaliou cada um dos aprendizes. Elayk era tudo que ela esperava de um lonmar típico do sexo masculino. Criado num mundo no qual as mulheres eram escondidas, vivendo uma vida de luxo, mas com pouca liberdade, ele não tinha costume de conversar com elas, e tratava Bina e Issle com a mesma indiferença fria. Faren, o Ladrão que a havia escondido do Clã no ano passado, não agira de forma alguma dessa maneira, mas, claro, Faren com certeza não era um lonmar típico!

Embora o pai de Gennyl fosse lonmar, sua mãe era kyraliana e ele parecia à vontade com Bina e Issle. Ignorava Sonea, mas algumas vezes ela percebeu que ele a olhava com olhos estreitos.

Shern raramente falava com qualquer um dos aprendizes, passando a maior parte do tempo com o olhar distante. Sonea ainda estava consciente de sua estranha presença mágica, mas ela não pulsava mais de forma errática.

Bina mostrava-se quieta e Sonea suspeitou que a garota simplesmente fosse tímida e envergonhada demais para participar de qualquer conversa. Quando Sonea tentou abordá-la, a garota se encolheu, dizendo: “Não posso conversar com você”. Lembrando-se dos comentários que a mãe da garota havia feito antes da Cerimônia de Aceitação, Sonea não estava surpresa.

Kano, Alend e Vallon se comportavam feito garotos com metade de sua idade, achando graça nas coisas mais infantis e contando vantagem sobre suas posses e sua sorte com garotas. Tendo ouvido esse tipo de conversa fiada entre garotos da gangue de Harrin, Sonea sabia que as histórias sobre o último item deviam ser invenções. O que ela achava graça era que os garotos que havia conhecido eram suficiente experientes nessa idade para terem parado de ficar se gabando há muitos anos.

Regin dominava todas as atividades sociais. Sonea percebeu como ele controlava os outros com cumprimentos, piadas e comentários em tom de autoridade aqui e ali; como eles acenavam com a cabeça concordando sempre que ele expressava uma opinião. Isso tinha sido engraçado até ele começar a fazer comentários zombeteiros sobre o passado de Sonea a cada oportunidade. Até mesmo Alend, que de início havia mostrado um pouco de solidariedade com ela, ria dessas zombarias. E depois da fracassada tentativa de Sonea de começar uma conversa com Bina, Regin se colocara imediatamente ao lado da garota, cheio de charme e amizade.

— Sonea!

A voz sem fôlego veio de trás dela. Ela se virou para descobrir Alend apressando-se em direção a ela.

— Sim?

— É sua vez hoje à noite — ele ofegou.

— Minha vez? — Ela franziu a testa. — Vez de quê?

— De ajudar na cozinha. — Ela o encarou. — Eles não te contaram?

— Não...

Ele fez uma careta.

— É claro. Regin está com a lista de plantão. Nós todos temos de ajudar na cozinha uma noite por semana. É sua vez.

— Ah.

— É melhor você se apressar — ele avisou. — Você não vai querer chegar atrasada.

— Obrigada — respondeu Sonea.

Ele deu de ombros e foi embora a passos largos.

Ajudar na cozinha. Sonea suspirou. Tinha sido um dia quente a ponto de sufocar, e ela estava ansiosa por um banho frio antes da refeição da noite. No entanto, tarefas dadas a aprendizes provavelmente não seriam muito desagradáveis nem levariam muitas horas, então talvez ela tivesse tempo para isso.

Descendo apressada as escadas em espiral até o térreo, ela deixou que o cheiro da comida sendo feita a guiasse até o Refeitório. Lá dentro, o salão estava cheio e os assentos iam sendo preenchidos rapidamente conforme mais aprendizes chegavam. Ela seguiu um dos criados que carregava bandejas até a cozinha e se descobriu numa grande sala repleta de bancadas compridas. O vapor subia das tinas em ebulição, a carne chiava nas grelhas e o ar estava carregado do barulho de metal contra metal. Criados se apressavam, chamando uns aos outros mais alto do que o barulho.

Sonea parou logo depois de entrar pela porta, estupefata pelo caos e pelos aromas. Uma jovem mulher mexendo uma panela voltou seu olhar para ela. Ela encarou Sonea e então se virou e chamou uma mulher mais velha que usava uma grande camisa branca. Quando a mulher mais velha viu Sonea, largou a panela, aproximou-se dela e fez uma reverência.

— Como posso ajudá-la, minha lady?

— É a minha vez. — Sonea deu de ombros. — Eles me disseram que tenho que ajudar na cozinha.

A mulher a encarou.

— Ajudar na cozinha?

— Sim. — Sonea sorriu. — Bem, eu estou aqui. Onde começo?

— Aprendizes nunca vêm aqui — a mulher falou. — Eles não têm que ajudar na cozinha.

— Mas... — As palavras morreram na garganta de Sonea. Ela fez uma cara feia quando percebeu que havia sido enganada. Como se os filhos e filhas das Casas tivessem que trabalhar numa cozinha! A mulher olhou para Sonea preocupada.

— Desculpe tê-la incomodado. — Sonea suspirou. — Eu acho que caí numa armadilha.

Uma risada explosiva foi ouvida acima de todo o barulho. A mulher olhou por cima do ombro de Sonea e suas sobrancelhas se levantaram. Sonea se virou, uma sensação de enjoo crescendo dentro dela. Preenchendo a entrada, estavam cinco rostos familiares, com as bocas abertas em sorrisos galhofeiros. Assim que Sonea olhou para eles, os aprendizes caíram numa risada descontrolada.

O barulho na cozinha diminuiu e ela percebeu que vários dos criados haviam parado para ver o que estava acontecendo. O calor subiu-lhe à face. Ela cerrou os dentes e andou em direção à porta.

— Ah, não. Você não vai embora — Regin declarou. — Pode ficar aqui com os criados, onde é seu lugar. Mas, pensando bem, isso não está certo. Até criados são melhores do que favelados.

Ele se voltou para a mulher na cozinha.

— Eu tomaria cuidado com essa aí. Ela é uma ladra e vai admitir se você perguntar. Eu ficaria de olho nela para ela não sair com nenhuma das facas e golpear a senhora pelas costas quando não estiver olhando.

Com isso, botou a mão na maçaneta e fechou a porta. Sonea foi até lá e girou a maçaneta, mas, embora ela tivesse virado com facilidade, a porta não se abriu. Uma vibração suave agitava o ar ao redor de sua mão.

Magia? Como eles podiam estar usando magia? Nenhum deles havia passado o Segundo Nível ainda.

Atrás da porta, ela pôde ouvir risadinhas e comentários abafados. Reconheceu a voz de Alend, e a inconfundível risada de Issle. Quando notou a risada de Vallon e Kano, percebeu que a única voz que não estava ouvindo era a de Regin.

Isso provavelmente acontecia porque ele estava se concentrando bastante para manter a porta fechada com magia. Ela sentiu-se desanimada ao perceber o que isso queria dizer. Regin já havia dominado o Segundo Nível e mais. Ele não só conseguia acessar e invocar seu poder, mas havia aprendido como usá-lo. Rothen havia avisado que alguns dos aprendizes poderiam atingir isso rapidamente, mas por que tinha que ser Regin?

Lembrando-se dos meses que havia passado se exercitando e praticando magia, ela deu um sorriso rijo. Ele ainda tinha muito que se esforçar. Ela se afastou e examinou a porta. Poderia combater a magia dele? Provavelmente, mas talvez destruísse a porta. Ela se voltou para a mulher da cozinha.

— Deve ter outra saída. Você pode me mostrar?

A mulher hesitou. Sua expressão não tinha mais compaixão, apenas suspeita. A sensação desagradável dentro de Sonea se transformou em raiva.

— Então? — ela explodiu.

Os olhos da mulher se arregalaram e ela abaixou o olhar para o chão.

— Sim, minha lady. Siga-me.

Gesticulando para que Sonea a seguisse, a mulher abriu caminho por entre as bancadas. Os criados da cozinha encararam Sonea enquanto ela passava, mas ela manteve os olhos nas costas da mulher. Elas entraram em um depósito ainda maior que a cozinha, cheio de prateleiras cobertas com comida e utensílios. Na outra ponta do depósito, a mulher parou diante de uma porta, abriu-a e

gesticulou sem palavras, apontando para o corredor que havia adiante.

— Obrigada — Sonea disse, e então saiu da sala. A porta se fechou firmemente atrás dela. Ela olhou o corredor de ponta a ponta. Não o conhecia, mas ele tinha de levar a algum lugar. Suspirou, balançou a cabeça e começou a andar.

Os momentos no Salão da Noite não eram mais tão interessantes quanto costumavam ser, Rothen pensou. Quando antes ele temia comparecer aos encontros sociais semanais por causa da avalanche de perguntas sobre a misteriosa garota favelada, agora ele se descobria ignorado.

— É preciso observar aquela garota elyne — uma voz feminina falou do outro lado da sala. — Pelo que Lady Kinla disse, não vai levar muito tempo antes de ela precisar de uma conversa particular com um Curador.

A resposta foi inaudível.

— Bina? Talvez. Ou você quer dizer...? Não. Quem ia querer? Deixe isso para Rothen.

Ouvindo seu nome, Rothen olhou procurando os falantes. Encontrou duas jovens Curadoras paradas em frente a uma janela próxima. Uma delas olhou ao redor e ao notá-lo falando, corou e desviou o olhar.

— Tem algo estranho nela. É algo... — Reconhecendo essa nova voz, Rothen sentiu uma excitação de triunfo. A pessoa que falava era Lorde Elben, um dos professores de Sonea. Conversas mais altas e próximas na sala ameaçavam cobrir a voz, mas Rothen fechou os olhos e se concentrou como Dannyl lhe havia ensinado.

— Ela não se encaixa — uma voz hesitante respondeu. — Mas quem realmente esperava que fosse se encaixar?

Rothen franziu as sobrancelhas. A segunda pessoa que falava era o professor de História para os aprendizes do Primeiro Ano.

— É mais que isso, Skoran — Elben insistiu. — Ela é quieta demais. Nem

sequer fala com os outros aprendizes.

— Eles também não gostam muito dela, não é mesmo?

Uma risada irônica.

— Não. E podemos culpá-los por isso?

— Pense em Lorde Rothen — Skoran disse. — O pobre homem. Você acha que ele sabia onde estava se metendo? Eu não ia querer que ela voltasse para meus aposentos toda noite. Garrel estava me dizendo que ela inventou uma história sobre esfaquear um homem quando vivia na favela. Eu não ia querer ter uma pequena assassina andando pelos meus aposentos enquanto dormisse.

— Que adorável! Nesse caso, espero que Rothen mantenha sua porta fechada à noite.

As vozes desapareceram conforme se deslocaram para longe. Rothen abriu os olhos de novo e olhou para sua taça de vinho. Dannyl estava certo. Aquela cadeira era uma boa posição para ouvir as conversas dos outros magos. Dannyl sempre havia dito que os frequentadores assíduos do Salão da Noite, por demais ansiosos para expressar suas opiniões, não prestavam atenção em quem poderia estar ouvindo, e era possível aprender muito com o que diziam.

Ao contrário de Dannyl, no entanto, Rothen se sentia desconfortável em espionar os colegas magos. Levantou-se e localizou Skoran e Elben. Forçando um sorriso educado, aproximou-se dos dois.

— Boa noite, Lorde Elben — disse, inclinando a cabeça em cumprimento. — Lorde Skoran.

— Lorde Rothen — eles disseram, educadamente cumprimentando com a cabeça em resposta.

— Só vim perguntar como minha pequena ladra está indo.

Os dois professores fizeram uma pausa, os rostos brancos de surpresa, e então Elben deu uma risada nervosa.

— Ela está indo bem — ele disse. — Na verdade, está indo bem melhor do

que o esperado. Aprende rápido e o controle sobre seus poderes é bem... avançado.

— Ela teve vários meses nos quais praticar, e nós não testamos realmente sua força ainda — Skoran acrescentou.

Rothen sorriu. Poucos tinham acreditado nele quando descrevera quão forte Sonea era, apesar de saber que um mago tinha de ser forte para seus poderes emergirem por conta própria.

— Estou ansioso por ouvir suas opiniões quando a testarem — ele disse se afastando.

— Antes que você vá — Skoran levantou uma mão enrugada —, eu gostaria de saber como meu neto, Urlan, está progredindo em química.

— Bem o suficiente. — Rothen se virou para encarar o mago. Enquanto era envolvido numa discussão sobre o garoto, fez uma anotação mental para perguntar a Sonea como os professores a estavam tratando. Não gostar de um aprendiz nunca é uma boa desculpa para negligenciar seu treinamento.

Parando na parte de baixo das escadas da Universidade, o Administrador Lorlen observou o Clã coberto pela noite. À sua direita, estavam os Alojamentos dos Curadores, um prédio de dois andares atrás de árvores altas nos jardins. Antes deles, passava a rua que dava para os Alojamentos dos Criados, contorcendo-se rumo a um braço escuro da floresta que rodeava a área. Diretamente diante dele, havia uma rua ampla e circular, que seguia sinuosa entre a Universidade e os portões. Os estábulos se encontravam à esquerda e então havia outro braço da floresta.

Escondida entre a extremidade dessa floresta e o outro lado dos jardins, ficava a residência do Lorde Supremo. O edifício de pedra cinza não brilhava à luz da lua como as outras estruturas brancas do Clã, mas constituía uma presença fantasmagórica na extremidade da floresta. Era o único prédio além do Salão do Clã que havia sobrevivido aos primórdios da formação do Clã. Por mais de sete séculos, ele acomodara o mago mais poderoso de cada geração. Lorlen não tinha

dúvida de que o homem que vivia lá agora era um dos mais fortes magos já alojados ali.

Respirando fundo, começou a trilhar o caminho até sua porta.

“Por agora, esqueça tudo isso”, disse a si mesmo. “Ele é seu velho amigo, o Akkarin que você conhece bem. Nós vamos falar de política, de nossas famílias, dos assuntos do Clã. Você vai tentar persuadi-lo a visitar o Salão da Noite e ele vai se recusar.”

Lorlen aprumou os ombros quando chegou à residência. Como sempre, a porta abriu quando ele bateu. Entrando, Lorlen sentiu uma pontada de alívio quando nem Akkarin nem o criado vieram cumprimentá-lo.

Sentou e observou a sala de visitas. Originalmente, ela tinha sido um vestíbulo com uma escadaria bem gasta em cada um dos lados. Salas de visita haviam se tornado uma característica comum das casas séculos depois da construção da residência, então, em vez disso, os Lordes Supremos anteriores recebiam pessoas em uma das salas internas. Akkarin havia modernizado o prédio arranjando de forma que paredes fossem construídas para esconder as duas escadarias. Ao encher o espaço entre elas com móveis confortáveis e tapetes quentes, criou uma agradável, embora estreita, sala de visitas.

— O que é isso? — uma voz familiar disse. — Um visitante inesperado.

Virando-se, Lorlen conseguiu sorrir para o homem de túnica negra parado na entrada para as escadas.

— Boa noite, Akkarin.

O Lorde Supremo sorriu e, depois de fechar a porta atrás dele, andou até um gabinete estreito com um estoque de vinhos e um conjunto de taças e talheres. Abriu uma garrafa e encheu duas taças, escolhendo exatamente o vinho que Lorlen havia decidido não comprar no dia anterior.

— Quase não o reconheci, Lorlen. Faz tempo que não nos vemos.

Lorlen deu de ombros.

— Nossa pequena família tem dado trabalho nos últimos tempos.

Akkarin riu com o uso do nome de estimação deles para o Clã. Estendeu uma taça a Lorlen e então se sentou.

— Ah, mas eles o mantêm ocupado e você pode recompensá-los por bom comportamento de tempos em tempos. Lorde Dannyl foi uma escolha interessante para Segundo Embaixador do Clã em Elyne.

Lorlen sentiu o coração pular. Ele escondeu seu alarme com um olhar de preocupação.

— Não uma que você teria feito?

— Ele é um excelente homem para o cargo. Mostrou iniciativa e ousadia procurando os Ladrões e negociando com eles.

Lorlen levantou uma sobrancelha.

— Ele devia ter nos consultado primeiro, no entanto.

Akkarin balançou a mão expressando desdém.

— Os Magos Superiores teriam discutido por semanas e então tomado a decisão mais segura; e ela teria sido a errada. O fato de Dannyl ter enxergado isso, e arriscado a ser reprovado pelos colegas ao querer encontrá-la, mostra que ele não é facilmente intimidado pela autoridade quando seus métodos são contrários ao bem de outros. Ele vai precisar dessa confiança quando lidar com a corte elyne. Estou surpreso que você não tenha pedido minha opinião, mas tenho certeza de que sabia que eu ia aprovar sua decisão.

— Que notícias tem para mim? — Lorlen perguntou.

— Nada excitante. O Rei me perguntou se a “pequena malandrinha”, como ele chama Sonea, havia sido incluída na turma de verão dos aprendizes. Eu disse que sim, e ele ficou satisfeito. Isso me lembra de outro incidente engraçado: Nefin, da Casa Maron, perguntou se Fergun poderia voltar para Imardin agora.

— De novo?

— Essa é a primeira vez que Nefin pergunta. Na última vez foi Ganen, umas três semanas atrás. Parece que todo homem e mulher na Casa Maron pretende

me abordar para falar disso. Teve até crianças que me perguntaram quando elas vão ver o tio Fergun de novo.

— E o que você disse?

— Que o tio Fergun havia feito uma coisa muito, muito ruim, mas que não se preocupassem, pois os homens bonzinhos do Forte iam garantir que ele fosse bem cuidado pelos anos em que ele ia ficar lá.

Lorlen riu.

— Não, eu quis dizer o que você disse a Nefin?

— Precisamente a mesma coisa. Bem, não com essas exatas palavras, é claro. — Akkarin suspirou e alisou o cabelo. — Não apenas eles me dão a satisfação de recusar, mas também não recebi nenhuma proposta de casamento da Casa Maron desde que Fergun partiu. Essa é uma razão ainda melhor para manter o homem enfiado no Forte.

Lorlen tomou um gole de vinho. Ele sempre achara que Akkarin não estava interessado nas mulheres frívolas das Casas, e que iria em algum momento encontrar uma esposa entre as mulheres do Clã. Mas agora ele se perguntava se Akkarin havia resolvido permanecer solteiro para proteger seu segredo sombrio.

— Tanto a Casa Arran quanto a Casa Korin perguntaram se podemos ceder Curadores para cuidar dos seus cavalos de corrida — disse Akkarin.

Lorlen deu um suspiro de exasperação.

— Você disse a eles que não podemos, é claro?

Akkarin deu de ombros.

— Eu disse a eles que ia pensar a respeito. Pode haver um jeito de tirar vantagem desse pedido.

— Mas nós precisamos de todos os Curadores que temos.

— Verdade, mas ambas as Casas tendem a manter suas filhas com eles, como se elas também fossem mais valiosas para a reprodução do que qualquer outra coisa. Se pudermos persuadi-los a deixar as garotas com talento se juntarem a

nós, podemos, com o tempo, ter Curadores suficientes para substituir aqueles que nos deixarem para cuidar dos cavalos.

— Enquanto isso, temos menos Curadores e precisamos gastar mais do tempo dos Curadores existentes treinando as novas garotas — Lorlen argumentou. — E essas garotas podem escolher não se tornar Curadoras quando se formarem.

Akkarin concordou com a cabeça.

— Então é uma questão de equilíbrio. Precisamos conseguir garotas suficientes para compensar os Curadores que enviarmos para cuidarem dos cavalos. No final, teremos mais Curadores para convocar se houver um desastre como um incêndio ou revolta. — Akkarin bateu no braço da cadeira com os longos dedos. — Há outra vantagem. Lorde Tepo falou para mim há alguns meses sobre querer expandir nosso conhecimento de cura dos animais. Falou de maneira bastante persuasiva. Isso pode ser um jeito de ele começar seus estudos nesse campo.

Lorlen balançou a cabeça.

— Para mim, parece um desperdício de tempo dos Curadores.

Akkarin franziu as sobrancelhas.

— Vou discutir ambas as ideias com Lady Vinara. — Ele olhou para Lorlen. — Você tem alguma notícia para mim?

— Eu tenho — Lorlen disse. Ele refestelou-se na cadeira e suspirou. — Notícias terríveis. Notícias que vão perturbar muitos no Clã, mas vão afetar você pessoalmente mais do que todos.

— Ah... — O olhar de Akkarin tornou-se mais afiado.

— Você tem mais desse vinho que está bebendo?

— É a última garrafa.

— Ah, meu caro. — Lorlen balançou a cabeça num movimento de negação. — Então a situação é pior do que pensei. Temo que esse seja o último. Escolhi não renovar nossos suprimentos. Depois de hoje, chega de Anuren escuro para o

Lorde Supremo.

— Essa é sua notícia?

— Terrível, não? — Lorlen se voltou para encarar o amigo. — Você está descontente?

Akkarin riu.

— É claro! Por que você não pediu mais?

— Eles queriam vinte moedas por uma garrafa.

— Uma garrafa?! — Akkarin se reclinou na cadeira de novo e assobiou. — Outra boa decisão, embora dessa vez você devesse ter me avisado antes. Eu poderia ter dito algumas palavras aqui e ali na corte... Bem, ainda posso.

— Então devo esperar que uma oferta mais razoável chegue na minha mesa nas próximas semanas?

Akkarin sorriu.

— Vou ver o que consigo fazer.

Sentaram em silêncio por um momento, e então Lorlen bebeu o resto da taça e se levantou.

— Tenho que ir para o Salão da Noite. Você vai?

A expressão de Akkarin se tornou sombria.

— Não, tenho que encontrar alguém na cidade. — Ele olhou para Lorlen. — Foi bom vê-lo de novo. Venha com mais frequência. Não quero ter de marcar uma reunião com você só para descobrir as fofocas do Clã.

— Vou tentar. — Lorlen conseguiu dar um sorriso. — Talvez você possa visitar o Salão da Noite com mais frequência. Pode ouvir umas fofocas por si mesmo.

O Lorde Supremo balançou a cabeça negativamente.

— Eles tomam cuidado demais quando estou por perto. Além disso, meus interesses residem fora dos confins do Clã. Vou deixar os escândalos de nossa

família para você.

Colocando a taça de vinho na mesa, Lorlen se dirigiu para a porta, que se abriu silenciosamente. Voltou o olhar de novo para trás e viu Akkarin bebendo o vinho feliz.

— Boa noite — ele disse.

Akkarin levantou a taça em resposta.

— Divirta-se.

Quando a porta se fechou atrás dele, Lorlen respirou fundo e então começou a andar. Relembrando, revisou o que fora dito. Akkarin expressara apenas aprovação pela nomeação de Dannyl — o que era irônico, considerando-se as coisas. O resto da conversa tinha sido relaxada e sem nada de especial; fora fácil esquecer da verdade naqueles momentos. Entretanto, Lorlen sempre ficava impressionado ao ver como Akkarin conseguia aludir a suas atividades secretas durante as conversas deles. “Meus interesses residem fora dos confins do Clã.” E isso fora colocado de maneira gentil.

Lorlen deu uma risada suave. Sem dúvida, Akkarin estava se referindo a frequentar a corte e o Rei. “Não consigo deixar de interpretar o que ele diz à luz do que sei”, pensou.

Visitar Akkarin nunca tinha sido uma provação antes da Audiência de Sonea. Agora, ele havia deixado a Residência do Lorde Supremo cansado e aliviado pelo suplício ter acabado. Pensou na sua cama e balançou negativamente a cabeça. Ele ainda tinha de aguentar os pedidos e perguntas infindáveis no Salão da Noite antes de poder fugir para seus aposentos. Suspirando, apressou o passo e foi atravessar os jardins.

Capítulo 5

Habilidades Úteis

Enquanto esperava que a aula se iniciasse, Sonea abriu seu caderno de anotações e começou a ler. Uma sombra cruzou sua carteira, e ela pulou quando uma mão apareceu de repente na frente dela e agarrou uma das folhas de papel. Ela fez um esforço desesperado para agarrá-la, mas foi lenta demais. O papel foi levado para longe.

— Bem, o que temos aqui? — Regin caminhou até a frente da sala e se recostou na mesa do professor. — As anotações de Sonea.

Ela olhou friamente para ele. Os outros aprendizes o observavam com interesse. Regin começou a examinar a página e riu com deleite.

— Olhem essa escrita! — ele exclamou, levantando a folha. — Ela escreve como uma criança. Ah, e a ortografia!

Sonea engoliu um suspiro enquanto ele começava a ler e fazia uma grande demonstração de que “lutava” para decifrar as palavras. Depois de algumas sentenças, parou e ficou pensando alto sobre o significado delas. Sonea ouviu várias risadas mal abafadas e sentiu o rosto queimar. Regin deu um sorriso forçado e começou a exagerar os erros de ortografia na página pronunciando cada palavra de maneira literal, enquanto risadas incontidas começavam a ecoar na sala.

Colocando um cotovelo na carteira à frente dela, Sonea descansou o queixo na mão e tentou parecer desinteressada, ao mesmo tempo que seu corpo ficava quente e depois, frio, em sequência, conforme a raiva e a humilhação superavam uma à outra.

Regin se aprumou de repente e correu de volta para seu assento. Quando as risadas pararam, o som de passos pôde ser ouvido. Uma pessoa de túnica roxa apareceu na entrada. Lorde Elben olhou para os alunos do alto de seu longo nariz, então se dirigiu até seu assento e colocou uma caixa de madeira na mesa.

— O fogo — ele começou — é como uma criatura viva e, da mesma forma que uma criatura viva, ele tem necessidades.

Abriu a caixa e tirou dela uma vela e um pequeno prato. Com um golpe rápido, empalou a vela num espeto no centro do prato.

— O fogo precisa de ar e comida, da mesma forma que as criaturas. Mas não pensem que ele é uma criatura. — Ele riu. — Isso é estúpido, mas lembrem-se de que com frequência ele se comporta como se tivesse uma mente própria.

Atrás de Sonea, alguém conteve uma risada. Ela virou a cabeça. Pelo canto do olho, viu Kano passar algo para Vallon e seu estômago se contorceu. Sem que Lorde Elben visse, sua caligrafia estava divertindo a sala toda.

Lentamente, ela respirou fundo e suspirou baixinho. A segunda semana de lições não tinha mostrado nenhuma melhora em relação à primeira. Todos os aprendizes — com exceção de Shern, que havia desaparecido completamente depois de um estranho ataque durante o qual afirmara poder ver a luz do sol atravessar o teto — agora se reuniam em torno de Regin a cada oportunidade. Estava claro que ela não era bem-vinda no pequeno bando, e que Regin tinha a intenção de torná-la alvo de todas as suas piadas e peças.

Ela era a pária. Mas, ao contrário dos garotos que haviam tentado e falhado em ser aceitos na gangue de Harrin, ela não era capaz de encontrar outro lugar para ir. Estava presa a eles.

Ela havia adotado a única defesa em que podia pensar: ignorá-los. Se não desse eco a Regin e aos outros, optando por não reagir a suas zombarias, eles ficariam entediados e a deixariam sossegada.

— Sonea.

Ela levou um susto e descobriu que Lorde Elben estava olhando carrancudo para ela em desaprovação. Seu coração começou a acelerar. Ele havia falado

com ela? Ela estava tão envolvida na pena por si mesma que não o escutara? Ela ia repreendê-la na frente da classe?

— Sim, Lorde Elben? — ela disse, preparando-se para mais humilhação.

— Você vai fazer a primeira tentativa de acender essa vela — ele disse. — Bem, eu lembro a você que a produção de calor é mais fácil quando...

Aliviada, Sonea concentrou sua vontade na vela. Ela quase podia ouvir a voz de Rothen conforme as instruções se repetiam em sua mente. “Conjure um pouco de magia, estenda sua vontade, concentre sua mente no pavio, molde a magia e a liberte...” Ela sentiu um pequeno fragmento de seu poder pular para o pavio e a chama tomou vida num estralo.

Lorde Elben piscou olhando aquilo, com a boca ainda aberta.

— ...Obrigado, Sonea — ele terminou. Olhou para o resto da sala. — Tenho velas para todos vocês. Sua tarefa nesta manhã é aprender como acendê-las, e então praticar para fazer isso rapidamente, com o mínimo de pensamento possível.

Ele juntou as velas da caixa e as colocou na frente de cada aprendiz. Na mesma hora, eles começaram a encarar os pavios. Sonea os observou, achando cada vez mais graça ao perceber que nenhuma vela, nem mesmo a de Regin, começava a queimar.

Elben retornou a sua mesa e pegou uma esfera de vidro preenchida com um líquido azul. Levou-a até a carteira de Sonea e a colocou sobre ela.

— Esse é um exercício que vai ensinar a você a sutileza — ele disse. — A substância neste recipiente é sensível à temperatura. Se você a aquecer lentamente e por igual, ela vai mudar para vermelho. Se não, bolhas vão se formar, e vai levar vários minutos para que se dissipem. Eu quero ver a cor vermelha, não bolhas. Chame-me quando tiver conseguido isso.

Concordando com a cabeça, Sonea esperou até ele ter voltado para sua mesa e então se concentrou na esfera. Diferentemente do exercício de acender a vela, isso só precisava de uma energia de aquecimento. Respirando fundo, ela moldou um pouco de magia numa névoa suave para que pudesse aquecer o vidro por

igual. Quando a liberou, o líquido ficou vermelho vivo.

Satisfeita, ergueu o olhar e viu Elben discutindo com Regin.

— Eu não entendo — o garoto estava dizendo.

— Tente de novo — Elben disse.

Regin encarou a vela que tinha na mão, estreitando os olhos até parecerem duas fendas.

— Lorde Elben? — Sonea arriscou dizer. O professor se aprumou e começou a virar na direção dela.

— Então, é como concentrar magia no pavio? — Regin perguntou, atraindo a atenção de Elben de volta para ele.

— Sim — Elben disse, uma nota de impaciência transparecendo na voz. Conforme Regin encarou a vela de novo, o professor voltou-se para olhar para a esfera de Sonea. Ele balançou negativamente a cabeça.

— Não está quente o suficiente.

Olhando para a esfera, Sonea viu que o líquido estava esfriando e ficando roxo. Franzindo a testa, ela concentrou sua vontade novamente e o roxo tornou-se mais uma vez vermelho vivo.

Regin pulou da cadeira e emitiu um grunhido de surpresa e dor. Sua vela sumira e suas mãos estavam cobertas de cera derretida, que ele tentava remover de maneira frenética. Sonea sentiu um sorriso começando a se formar nos lábios e cobriu a boca com a mão.

— Você se escaldou? — Elben perguntou, preocupado. — Pode ir até os Curadores se quiser.

— Não — Regin respondeu rápido. — Estou bem.

Elben levantou as sobrancelhas. Deu de ombros e então pegou outra vela e colocou na mesa de Regin.

— De volta ao trabalho — disse ríspido para o resto da classe, que observava as mãos avermelhadas de Regin.

Elben foi até a carteira de Sonea e então olhou para a esfera e acenou com a cabeça.

— Vá em frente — disse. — Me mostre.

Mais uma vez, Sonea se concentrou na esfera e o líquido se aqueceu. Elben balançou positivamente a cabeça, satisfeito.

— Bom. Eu tenho outro exercício para você.

Enquanto Elben ia até a caixa, ela viu Regin observando-a. Um sorriso começou a se formar nos lábios dela de novo, e ela o viu cerrar as mãos. Então, Elben bateu na carteira do garoto ao passar por ela.

— De volta ao trabalho, todos vocês.

Encostando-se na amurada do convés, Dannyl respirou o ar salgado com gosto.

— Estômago enjoado, não tão ruim fora, yai?

Ele se virou para ver Jano se aproximando, o pequeno homem andando com facilidade no convés balançante. Quando chegou à amurada, Jano virou-se e encostou as costas nela.

— Magos não ficam doentes em barcos — Jano observou.

— Nós ficamos — Dannyl admitiu. — Mas podemos curar isso. Exige concentração, no entanto, e não podemos manter nossa mente nisso o tempo todo.

— Então... Você não sente enjoo quando pensa sobre não sentir enjoo, mas não é capaz de pensar em não sentir enjoo sempre?

Dannyl sorriu.

— Sim, é isso.

Jano inclinou a cabeça para a frente. Do alto do mastro, um dos membros da tripulação tocou um sino e falou algumas palavras na língua vindo.

— Ele disse Capia? — Dannyl perguntou, virando-se para olhar.

— Capia, yai! — Jano deu uma volta, olhou a distância e então apontou. — Vê?

Dannyl olhou na direção para a qual o companheiro estava apontando, mas não conseguiu ver nada além de uma linha de costa genérica salpicada de nuvens. Balançou negativamente a cabeça.

— Você deve ter olhos melhores do que eu — ele disse.

— Vindos têm bons olhos — Jano concordou orgulhoso. — Por isso somos marujos.

— Jano — uma voz dura rugiu.

— Precisar ir.

Dannyl observou o marinheiro vindo partir apressado, e então virou-se para observar a costa de novo. Incapaz de ver a capital de Elyne, olhou para baixo e observou a proa cortando as ondas, então deixou seu olhar vaguear pela superfície das águas. Por toda a viagem, ele havia achado o ondular constante da água calmante e quase hipnótico e ficou fascinado pela forma como ela mudava de cor dependendo da hora e do clima.

Quando olhou para cima de novo, a terra estava mais próxima, e ele conseguiu ver fileiras de minúsculos quadrados pálidos acima da praia — prédios distantes. Um arrepio lhe percorreu a pele e ele sentiu o coração acelerar. Tamborilou com os dedos na amurada enquanto olhava a costa se aproximar.

Um grande espaço entre os prédios provou ser a entrada para uma baía, bem protegida das esmagadoras ondas do mar. As casas eram mansões que se espalhavam pelo terreno, rodeadas por jardins murados que desciam em degraus até uma praia branca. Todas eram construídas com uma pedra de um amarelo pálido que brilhava calorosamente na luz da manhã. Quando o navio se alinhou com a entrada da baía, Dannyl perdeu o fôlego. As casas em ambos os lados formavam os braços de uma cidade que envolvia toda a baía. Dentro dela, ele podia ver prédios ainda maiores elevando-se além de um alto quebra-mar. Domos inchavam-se atrás deles e as torres subiam até o céu, algumas ligadas

entre si por grandes arcos de pedra.

— O capitão quer que você fique ao lado dele, meu lorde.

Com a cabeça, Dannyl indicou ao membro da tripulação que o abordara que faria isso. Então, percorreu o caminho pelo convés até chegar onde o capitão estava de pé próximo a um enorme timão. Os marinheiros estavam ocupados andando de um lado para o outro, conferindo cordas e gritando palavras na língua vindo uns para os outros.

— Chamou, capitão?

O homem anuiu com a cabeça.

— Quero que fique aqui, fora do caminho, meu lorde.

Posicionando-se onde Numo havia apontado, Dannyl observou o homem encarar de forma alternada a costa e depois o mar. Então, Numo berrou uma ordem em sua língua nativa e começou a virar o timão. Na mesma hora, a tripulação entrou em ação. Puxaram cordas. As velas sacudiram, quedando-se flácidas conforme não mais captavam o vento. O navio balançou e se inclinou conforme virava em direção à costa.

Então, as velas formaram bolsões e estalaram, se enchendo com vento de novo. A tripulação amarrou as cordas em novas posições, os homens pediram confirmações uns aos outros e se assentaram para esperar.

Quando haviam velejado para bem mais perto da costa, a cena se repetiu. Dessa vez, o navio os conduziu pela entrada da baía. O capitão se voltou para falar com Dannyl.

— Já esteve em Capia antes, meu lorde?

Dannyl balançou negativamente a cabeça.

— Não.

Numo se virou e apontou com a cabeça a cidade.

— Bonita.

Fachadas simples de arcos e colunas eram visíveis agora. Ao contrário das

mansões de Kyralia, poucos dos prédios tinham decorações elaboradas, embora algumas das torres e domos fossem esculpidos em padrões de espiral ou de leques sutis.

— É melhor quando o sol se põe — Numo disse. — Contrate um barco uma noite e veja.

— Vou fazer isso — Dannyl respondeu baixinho. — Com certeza vou.

A boca do capitão se entortou na expressão mais próxima de um sorriso que Dannyl havia visto nele até então. Mas esta sumiu rapidamente quando o homem começou a gritar ordens de novo. As velas foram enroladas em sua base para que ficassem menores. O navio reduziu a velocidade, derivando em direção a um espaço entre milhares de embarcações que estavam ancoradas na baía. À frente, vários navios estavam atracados no alto quebra-mar.

— Pegue as coisas do quarto agora — Numo disse, olhando por cima do ombro de Dannyl. — Nós chegamos logo, meu lorde. Envie homem para dizer para suas pessoas que está aqui. Eles vêm buscá-lo.

— Obrigado capitão. — Dannyl andou até o convés e desceu até sua cabine. Enquanto arrumava o quarto e conferia sua sacola, sentiu o navio diminuir a velocidade e sacolejar. Ordens abafadas chegaram até ele pelo teto, e então tudo estremeceu quando o casco se encontrou com a parede do cais.

Quando ele subiu novamente ao convés, a tripulação estava prendendo o navio a pesados anéis de ferro na parede. Grandes sacos salientes estavam pendurados na lateral da embarcação, protegendo-a do cais. Havia uma passarela estreita na lateral da parede com escadas em ambas as pontas que levavam até o topo.

O capitão e Jano ficaram lado a lado na amurada.

— Pode seguir seu caminho agora, meu lorde — Numo disse, fazendo uma mesura. — Foi uma honra transportá-lo.

— Obrigado — Dannyl respondeu. — Foi uma honra viajar com o senhor, Capitão Numo — acrescentou em vindo. — Navegue bem.

Os olhos de Numo se arregalaram um pouco em surpresa. Ele fez uma

reverência rígida e depois se afastou a passos largos.

Jano sorriu.

— Ele gosta de você. Magos não tentam ser educados conosco.

Dannyl concordou com a cabeça. Isso não o surpreendia. Quando quatro marinheiros apareceram com os baús de Dannyl, Jano acenou para que ele os seguisse e então atravessou a prancha até a passarela. Dannyl parou depois de alguns passos, desconcertado pela maneira com que o chão parecia balançar sob seus pés. Colocou-se de lado para que os tripulantes que carregavam os baús pudessem passar. Jano olhou para trás e, ao notar a expressão de confusão de Dannyl, riu.

— Você precisa acostumar suas pernas à terra de novo — ele falou. — Não leva muito tempo.

Com a mão na parede, Dannyl seguiu os marinheiros pela passarela e subiu a escada. No alto, descobriu-se ao lado de uma rua larga e ampla que passava ao redor da ponta do cais. Os marinheiros colocaram os baús no chão e então se empoleiraram em cima do muro, aparentemente satisfeitos em não fazer nada além de observar o tráfego.

— Tivemos boa viagem — Jano disse. — Bom vento. Nenhuma tempestade.

— Nenhuma sanguessuga-do-mar — Dannyl acrescentou.

Jano riu e balançou negativamente a cabeça.

— Nenhum eyoma. Eles nadam nos mares do norte. — Fez uma pausa. — Você é um bom homem para praticar essa língua. Aprendi muitas novas palavras.

— Aprendi algumas palavras de vindo também — Dannyl respondeu. — Não muitas que eu possa dizer na corte de Elyne, mas elas vão ser úteis se eu visitar uma taverna vindo algum dia.

O pequeno homem deu um grande sorriso.

— Se você for até Vin, poderá permanecer com a família Jano.

Dannyl se virou para encarar o homem, surpreso.

— Obrigado — ele disse.

Apontando para o tráfego, Jano estreitou os olhos.

— Seu pessoal chegando, eu acho.

Seguindo seu gesto, Dannyl buscou uma carruagem negra com os símbolos do Clã pintados na lateral, mas não viu nenhuma. Jano deu um passo em direção às escadas.

— Eu irei agora. Navegue bem, meu lorde.

Dannyl se virou para o homem.

— Navegue bem, Jano.

O marinheiro sorriu e então se apressou a descer as escadas. Voltando para a rua, Dannyl franziu as sobrancelhas quando uma carruagem de madeira vermelha polida parou na frente dele, bloqueando sua visão. Ele finalmente entendeu quando um marinheiro do navio pulou do assento do condutor e começou a ajudar os outros tripulantes a colocar os baús numa prateleira na parte de trás do veículo.

A porta da carruagem se abriu e um homem ricamente vestido desceu dela. Por um instante, Dannyl foi pego de surpresa. Ele tinha visto os cortesões de Elyne antes, e estava aliviado de que não tivesse de usar os ornamentos ridículos que eram a moda na corte de Elyne. Ainda assim, tinha de admitir que a vestimenta elaborada e de corte justo combinava com aquele belo homem. “Com um rosto como esse”, Dannyl pensou, “ele deve ser o favorito das mulheres.”

O homem deu um passo hesitante à frente.

— Embaixador Dannyl?

— Sim.

— Sou Tayend de Tremmelin. — O homem se curvou numa reverência graciosa.

— Estou honrado em conhecê-lo — Dannyl respondeu.

— Eu estou extremamente honrado em conhecê-lo, Embaixador Dannyl — Tayend respondeu. — Você deve estar cansado da viagem. Vou levá-lo direto a sua casa.

— Obrigado — Dannyl se perguntou por que aquele homem havia sido enviado no lugar de criados, e examinou Tayend com atenção. — Você é da Casa do Clã?

— Não — Tayend sorriu. — Sou da Grande Biblioteca. Foi combinado pelo seu Administrador que eu o encontrasse aqui.

— Entendo.

Tayend apontou para a porta da carruagem.

— O senhor primeiro, meu lorde.

Subindo a bordo, Dannyl soltou um pequeno suspiro de apreciação diante do interior luxuoso. Depois de tantos dias vivendo numa pequena cabine, com pouca privacidade ou conforto, ele estava ansioso por um banho e algo mais sofisticado do que sopa e pão.

Tayend se instalou no assento oposto e deu uma batida no teto para avisar o condutor. Enquanto a carruagem se afastava do cais, o olhar dele pousou na túnica de Dannyl e então se desviou. Olhou pela janela, engoliu em seco de maneira audível e então esfregou as mãos nas calças.

Reprimindo um sorriso diante do nervosismo do homem, Dannyl pensou em tudo que havia aprendido sobre a corte de Elyne. Ele não ouvira falar de Tayend de Tremmelin, embora tivesse lido sobre outros da família.

— Qual é sua posição na corte, Tayend?

O jovem fez um gesto de desinteresse.

— Uma posição menor, eu a evito na maior parte do tempo, e ela me evita. — Olhou Dannyl de relance e então deu um sorriso constrangido. — Sou um acadêmico. A Grande Biblioteca é onde passo a maior parte do tempo.

— A Grande Biblioteca — Dannyl repetiu. — Sempre quis conhecê-la.

O rosto de Tayend se iluminou com um sorriso largo.

— É um lugar maravilhoso. Eu o levarei lá amanhã, se quiser. Descobri que magos apreciam livros de uma maneira nunca encontrada na maioria dos cortesões. Seu Lorde Supremo passou muitas semanas aqui uma vez... Bem antes de se tornar Lorde Supremo, é claro.

Dannyl olhou para o jovem, o pulso acelerado.

— Verdade? O que poderia tê-lo interessado tanto.

— Todo tipo de coisa — Tayend disse, os olhos brilhando. — Fui seu assistente por alguns dias. Irand, o bibliotecário-chefe, não conseguia me manter fora da biblioteca quando eu era garoto, então me empregou para levar e trazer livros. Lorde Akkarin leu todos os livros mais antigos. Ele estava procurando por algo, mas nunca descobri exatamente o quê. Era um mistério muito grande. Um dia, ele não veio na hora de costume, nem no dia seguinte, então perguntei sobre ele. Havia feito as malas e partido de repente.

— Que interessante — Dannyl disse para si mesmo. — Eu me pergunto se ele encontrou o que estava procurando.

Tayend olhou para fora da janela.

— Ah! Estamos quase na sua casa. Gostaria que eu viesse buscá-lo amanhã? Ah, mas vai querer ir até a corte primeiro, não?

Dannyl sorriu.

— Aceito sua oferta, Tayend, mas não posso garantir quando. Devo enviar uma mensagem quando souber isso?

— É claro. — Quando a carruagem parou, Tayend destravou a porta e a empurrou para abri-la. — Apenas mande uma mensagem para a Grande Biblioteca... ou vá direto. Sempre estou lá durante o dia.

— Muito bem — disse Dannyl. — Obrigado por vir me buscar no cais, Tayend de Tremmelin.

— Foi uma honra, meu lorde — o jovem respondeu.

Dannyl desceu da carruagem e se viu na frente de uma ampla casa de três andares. Colunas, ligadas por arcos, davam sustentação a uma varanda profunda. O espaço entre as colunas do meio era mais largo do que o resto, e a varanda se curvava para cima formando um arco reminiscente da entrada da Universidade. Além dela, estava uma réplica das portas da Universidade.

Quatro criados haviam removido os baús da carruagem. Outro se adiantou e fez uma reverência.

— Embaixador Dannyl. Bem-vindo à Casa do Clã de Capia. Por favor, me siga.

Atrás dele, Dannyl ouviu uma voz culta repetir o título num sussurro. Ele resistiu a se virar para olhar para Tayend; em vez disso, sorriu para si mesmo e seguiu o criado para dentro da casa. O jovem acadêmico era obviamente mais do que um pouco intimidado em relação a magos.

Então ele ficou sério. Tayend havia conhecido e auxiliado Akkarin dez anos antes. Lorlen arranjara para que o acadêmico se encontrasse com ele. Coincidência? Ele duvidava. Lorlen obviamente queria que Dannyl recrutasse a ajuda de Tayend na sua pesquisa sobre magia antiga.

No pequeno jardim, o cheiro das flores era quase insuportável de tão doce. Uma minúscula fonte fazia ruído em algum lugar ao fundo, escondida pelas sombras da noite. Lorlen limpou com a mão as pétalas que haviam caído em sua túnica.

O casal sentado no banco oposto era formado por parentes distantes e membros da mesma casa de Lorlen. Ele crescera com seu filho mais velho, Walin, antes de entrar para o Clã. Embora Walin vivesse em Elyne agora, Lorlen gostava de visitar os pais de seu velho amigo de vez em quando, especialmente quando o jardim de Derril estava no seu melhor momento.

— Barran está indo bem — Velia disse, os olhos brilhando à luz da tocha. — Ele com certeza vai ser promovido a capitão ano que vem.

— Já? — Lorlen respondeu. — Ele realizou muita coisa nos últimos cinco

anos.

Derril sorriu.

— Com certeza. É bom ver o filho mais novo se tornar um homem responsável, apesar de Velia o mimar demais.

— Não o mimo mais — ela protestou.

E então ficou séria.

— Porém, vou ficar aliviada quando ele não tiver mais que patrulhar as ruas — ela acrescentou, o sorriso desaparecendo de forma súbita.

— Hummm. — Derril olhou para a esposa e franziu as sobrancelhas. — Tenho de concordar com Velia. A cada ano a cidade se torna mais perigosa. Esses assassinatos recentes são suficientes para fazer até mesmo o mais corajoso dos homens trancar suas portas à noite.

Lorlen fez uma carranca.

— Assassinatos?

— Você não ouviu? — A sobrancelha de Derril se ergueu. — Nossa, toda a cidade está agitada por causa deles.

Lorlen balançou negativamente a cabeça.

— Talvez tenham me dito, mas os eventos no Clã andam ocupando minha mente nos últimos tempos. Não tenho prestado muita atenção aos problemas da cidade.

— Você devia colocar a cabeça para fora daquele lugar com mais frequência — Derril disse num tom desaprovador. — Estou surpreso que não tenha se interessado por isso. Eles dizem que é o pior conjunto de assassinatos vistos na cidade em cem anos. Velia e eu sabemos mais sobre eles, é claro, por causa de Barran.

Lorlen abafou um sorriso. Não apenas Derril gostava de contar às pessoas informações “secretas” que seu filho passava a ele, mas também gostava de ser o primeiro a saber qualquer coisa. Devia lhe causar grande satisfação ser o

primeiro a informar o Administrador do Clã dos Magos sobre esses crimes.

— É melhor você me falar sobre eles então, antes que outra pessoa perceba minha ignorância — Lorlen instigou.

Derril se inclinou para a frente e colocou os cotovelos sobre os joelhos.

— O que é arrepiante sobre esse assassino é que ele realiza algum tipo de ritual quando mata suas vítimas. Uma mulher observou um dos assassinatos duas noites atrás. Ela estava guardando roupas quando ouviu seu empregador lutando com um estranho. Quando percebeu os dois entrando na sala, escondeu-se num armário. Ela disse que o estranho amarrou seu empregador, e então pegou uma faca e cortou-lhe a camisa. Ele fez pequenos cortes no corpo do homem, cinco em cada ombro. — Derril espalhou os dedos sobre o ombro. — É por esses cortes que a Guarda sabe que é o mesmo homem que está cometendo os assassinatos. A mulher disse que o assassino colocou os dedos sobre os cortes e começou a entoar algo baixinho. Quando terminou o que quer que estivesse dizendo, cortou a garganta do homem.

Velia fez um som de nojo e então se levantou.

— Com licença, mas isso me dá calafrios. — Ela entrou rapidamente na casa.

— A criada falou outra coisa — Derril acrescentou. — Ela disse que achou que o homem estava morto antes de ter a garganta cortada. Barran diz que os cortes nos ombros do homem não eram suficientes para matar ninguém, e não havia sinal de veneno. A meu ver, ele achou que o homem havia desmaiado. Eu também ficaria meio morto de medo... Você está bem, Lorlen?

Lorlen forçou os músculos faciais rígidos num sorriso.

— Sim — ele mentiu. — Só não posso acreditar que não ouvi falar disso antes. A mulher fez uma descrição do assassino?

— Nada útil. Ela disse que era difícil enxergar porque estava escuro e ela olhava através do buraco da fechadura, mas o homem tinha cabelo escuro e se vestia com roupas surradas.

Lorlen respirou fundo e soltou o ar lentamente.

— E entoando algo, você disse. Que estranho!

Derril grunhiu concordando.

— Até Barran entrar para a Guarda, eu não fazia ideia de que o mundo tinha pessoas tão desonestas e perturbadas. As coisas que as pessoas fazem!

Pensando em Akkarin, Lorlen concordou com a cabeça.

— Eu gostaria de saber mais sobre isso. Você me conta se souber de alguma coisa?

Derril sorriu.

— Eu conquistei seu interesse, não? É claro que conto.

Capítulo 6

Uma Proposta Inesperada

Rothen ergueu o olhar surpreso quando Sonea entrou na sala.

— Já de volta? — Seus olhos se voltaram para a túnica dela. — Ah! O que aconteceu?

— Regin.

— De novo?

— O tempo todo. — Sonea largou o caderno de anotações sobre a mesa. Ele fez um barulho de chapinhar e uma pequena poça d'água começou a se formar ao redor do caderno. Ao abri-lo, ela descobriu que suas anotações estavam encharcadas, a tinta escorrendo e se misturando com a água. Gemeu quando percebeu que ia ter de escrevê-las todas de novo. Afastando-se, entrou no quarto para se trocar.

Na entrada da Universidade, Kano tinha pulado e jogado um punhado de comida no rosto dela. Ela havia se aproximado da fonte no centro do pátio, com intenção de lavar a sujeira, mas, quando ela se inclinou sobre a poça, a água agitou-se em direção a ela, molhando-a até os ossos.

Suspirando, ela abriu o armário de roupas, pegou uma calça e uma camiseta velhas e se trocou. Carregando a túnica encharcada, retornou para a sala de visitas.

— Lorde Elben disse algo interessante ontem.

Rothen levantou a sobrancelha.

— Sim?

— Ele disse que estou vários meses à frente da classe. Quase tão boa quanto os aprendizes da turma de inverno.

Ele sorriu.

— Você teve vários meses de prática antes de começar. — Então seu sorriso esmaeceu quando viu as roupas dela. — Você tem de usar sua túnica o tempo todo, Sonea. Não pode ir para a aula desse jeito.

— Eu sei, mas eu não tenho nenhuma limpa. Tania vai trazer algumas hoje à noite. — Ela segurou a túnica pingando. — A não ser que você possa secar esses para mim.

— Você deveria ser capaz de fazer isso por si mesma agora.

— Eu consigo, mas não deveria fazer nenhuma magia a não ser...

— ... Que você seja instruída por um mago — Rothen terminou. Ele riu. — Essa regra é flexível, Sonea. Em geral, se entende que se um professor a instrui a praticar o que ele lhe ensinou, você está livre para fazer fora da aula até que ele diga o contrário.

Ela sorriu, e então olhou para a túnica. Vapor começou a subir do tecido à medida que ela enviava calor para fluir por ele. Quando a túnica ficou seca, ela a colocou de lado e comeu um pedaço do bolo da refeição da manhã.

— Você disse que um aprendiz excepcional pode ser transferido para uma classe superior. O que seria preciso para eu fazer isso?

As sobrancelhas de Rothen se arquearam.

— Bastante trabalho. Você pode ter bastante prática em usar magia, mas seu conhecimento e compreensão dela exigiriam muita melhora.

— Então é possível?

— Sim — ele disse lentamente. — Se nos dedicarmos toda noite e todo Dia Livre, você poderá passar nas provas de meio de ano em um mês mais ou menos, mas o trabalho duro não pararia ali. Depois de passar para a classe superior, teria de alcançar a matéria dos aprendizes de inverno. Se fracassar nas provas do

Primeiro Ano, vai voltar para a classe de verão. Isso significa que teria de se esforçar bastante por dois ou três meses.

— Entendo. — Sonea mordeu o lábio. — Quero tentar.

Rothen a avaliou de perto e então foi até as cadeiras e sentou.

— Você mudou de ideia então?

Sonea franziu o cenho, confusa.

— Mudei de ideia?

— Você queria esperar que os outros a alcançassem.

Ela fez um gesto de desdém.

— Esqueça-os. Eles não valem a pena. Você tem tempo para me ensinar? Não quero afastá-lo das suas aulas.

— Isso não será problema. Vou fazer o trabalho de preparação enquanto você estuda. — Rothen se inclinou para a frente. — Sei que está fazendo isso para escapar de Regin. Eu tenho que informá-la de que a próxima classe pode não ser nem um pouco melhor.

Sonea concordou com a cabeça. Sentou numa cadeira ao lado dele e começou a separar cuidadosamente suas anotações.

— Eu pensei nisso. Não espero que eles gostem de mim, só que me deixem em paz. Eu os observei quando pude e parece que não há ninguém como Regin entre eles. Não têm nenhum aprendiz específico que reine sobre eles. — Ela deu de ombros. — Posso conviver com o fato de ser ignorada.

Rothen concordou com a cabeça.

— Você pensou com cuidado nessa situação, estou vendo. Muito bem. Vamos fazer isso.

Um novo sentimento de esperança tomou conta de Sonea. Era uma segunda chance. Ela sorriu para ele.

— Obrigada, Rothen.

Ele levantou os ombros.

— Sou seu guardião, afinal. Dar tratamento especial para você é meu papel.

Segurando as folhas de papel molhadas, ela começou a secá-las. As folhas enrolaram enquanto secavam, a tinta tornando as letras em borrões grotescos. Ela suspirou de novo ao pensar que teria de reescrevê-las.

— Embora Artes Guerreiras não seja minha especialidade — Rothen disse —, acho que vai ser útil para você saber como erguer e manter um escudo básico. Isso deve protegê-la de peças como essa.

— Se você está dizendo... — Sonea respondeu.

— E já que perdeu o início da aula, talvez seja melhor ficar aqui e aprender agora. Vou dizer a seu professor... Bem, eu vou pensar numa boa desculpa.

Surpresa e feliz, Sonea colocou as anotações secas de lado. Rothen se levantou e empurrou a mesa para fora do caminho.

— Levante-se.

Sonea obedeceu.

— Bem, você sabe que todo mundo, magos e não magos, tem uma fronteira natural que protege a área delimitada pelo corpo. Nenhum mago pode influenciar qualquer coisa nessa área sem primeiro nos exaurir. Se não fosse assim, um mago poderia matar outro apenas invadindo a pessoa e esmagando o coração.

Sonea concordou com a cabeça.

— A pele é o limite. A barreira. A cura a ultrapassa, mas apenas por meio do contato de pele com pele.

— Sim. Até agora você estendeu sua influência como um braço, se esticando para, digamos, acender uma vela ou levantar uma bola. Um escudo é como estender toda a sua pele para fora, como inflar uma bolha ao seu redor. Observe, pois vou fazer um escudo visível.

O olhar de Rothen ficou distraído. Sua pele começou a brilhar, e então foi como se uma camada dela tivesse sido empurrada para fora, suavizando os

contornos do corpo e tornando-os difusos. Essa camada se expandiu e formou um globo de luz translúcido ao redor dele, então voltou para dentro e desapareceu.

— Isso foi apenas um escudo de luz — ele disse. — Ele não teria repelido nada. Mas é útil para começar porque ele é visível. Agora, quero que você faça o mesmo tipo de escudo, mas apenas ao redor da mão.

Sonea levantou uma das mãos e se concentrou nela. Fazê-la brilhar era fácil — Rothen já a havia ensinado a criar uma luz fria o suficiente que não queimaria nada. Ao se concentrar na pele, ela buscou a sensação dela como uma fronteira para a influência de sua magia e então empurrou para fora.

De início, o brilho se expandiu em rajadas erráticas, mas depois de vários minutos ela conseguiu controlar seu crescimento e espalhá-lo em todas as direções ao mesmo tempo. Por fim, uma esfera brilhante rodeou sua mão.

— Bom — Rothen disse. — Agora tente o braço todo.

Lentamente, com umas poucas hesitações, o globo se alongou até o ombro e então se inflou numa esfera maior.

— Agora, a parte superior do corpo.

Foi uma sensação muito estranha. Ela sentia como se tivesse se espalhado para preencher um espaço maior. Quando alargou a esfera para incluir a cabeça, o couro cabeludo formigou.

— Muito bem. Agora você inteira.

Pedaços da esfera afundaram para dentro quando ela se concentrou nas pernas, mas depois de arrumá-los ela se descobriu rodeada inteiramente por uma bola brilhante. Olhando para baixo, percebeu que a bola se estendia abaixo dos pés, até o chão.

— Excelente! — Rothen disse. — Agora, puxe para dentro de todas as direções ao mesmo tempo.

Lentamente e com algumas partes afundando mais rápido que outras, ela puxou a esfera para dentro até que ficou sobre sua pele. Rothen acenou com a

cabeça pensativo.

— Você entendeu a ideia — ele disse. — Só precisa de um pouco de prática. Uma vez que tenha dominado isso, vamos trabalhar no sentido de mudar o escudo para alguns básicos repelentes ou de contenção. Agora, vamos de novo.

Quando a porta se fechou atrás de Sonea, Rothen juntou seus livros e papéis. Baseado no que ele tinha ouvido, o aprendiz de Garrel era um líder natural. Era algo infeliz, mas não esperado que o garoto tivesse escolhido fortalecer seu domínio sobre a classe voltando-os contra uma aprendiz. Sonea tinha sido a vítima óbvia. Infelizmente, isso havia esmagado todas as esperanças dela de ser aceita pelo resto.

Ele suspirou e balançou negativamente a cabeça. Havia trabalhado para eliminar todo seu vocabulário da favela e tomar cuidado com seus hábitos e maneirismos por nada? Ele havia assegurado Sonea tantas vezes que ela só tinha que fazer um amigo ou dois e seu passado seria esquecido. Mas estava errado. Os colegas de classe não apenas a haviam rejeitado, mas tinham se voltado contra ela.

Os professores não haviam gostado dela também, apesar de suas habilidades excepcionais. Histórias de esfaqueamentos e roubos na infância estavam circulando, de acordo com o amigo idoso de Rothen, Yaldin. No entanto, os professores não podiam negligenciar sua educação. Ele podia ficar tranquilo em relação a isso.

— Rothen!

Detendo-se, Rothen se concentrou na voz em sua mente.

— Dannyl?

— Olá, velho amigo.

Conforme Rothen concentrou a mente na voz, ela se tornou mais clara e uma sensação da personalidade dela cresceu. Também percebeu a presença de outros magos, cuja atenção fora atraída pelo chamado, desvanecendo conforme

afastavam a mente da conversa.

— Eu estava esperando uma comunicação antes disso. Seu navio atrasou?

— Não, cheguei duas semanas atrás. Não tive um momento livre desde então. O Primeiro Embaixador arranjou tantas apresentações e instruções que mal posso acompanhar. Acho que ele ficou desapontado por eu precisar dormir.

Rothen havia se contido para não perguntar se o Primeiro Embaixador de Elyne tinha se tornado tão corpulento quanto falavam os boatos. A comunicação mental não era inteiramente privada e sempre havia a possibilidade de outro mago ouvi-la.

— Você viu muita coisa de Capia?

— Um pouco. É tão bonita quanto dizem. — A imagem de uma grande cidade de pedra amarela, água azul e barcos chegou a Rothen.

— Você já foi à corte?

— Não, a tia do Rei morreu algumas semanas atrás e ele está de luto. Vou visitar hoje. Deve ser interessante.

Uma sensação de presunção se seguiu às palavras, e Rothen sabia que seu amigo estava pensando em todos os escândalos, rumores e boatos que havia desencavado sobre as pessoas da corte de Elyne antes de deixar Kyralia.

— Como Sonea está indo?

— Os professores elogiam suas habilidades, mas tem um encrenqueiro na classe dela. Ele juntou os outros aprendizes para ficarem do lado dele.

— Você pode fazer alguma coisa? — Havia simpatia e compreensão por trás das palavras de Dannyl.

— Ela acabou de sugerir a ideia de passar para a próxima turma.

— Pobre Rothen! Isso vai ser trabalho duro... Para vocês dois.

— Eu consigo gerenciar. Só espero que ela não acabe descobrindo que os aprendizes de inverno são igualmente hostis.

— *Transmita a ela minhas condolências.* — A atenção de Dannyl se dispersou. — *Preciso ir agora. Adeus.*

— *Adeus.*

Rothen juntou seus livros e se dirigiu para a porta da sala de visitas. Lembrar-se do aprendiz impopular e taciturno que Dannyl tinha sido o fez se sentir um pouco melhor. A situação poderia ser dura para Sonea agora, mas tudo ia se resolver no final.

— Tayend de Tremmelin, é? — Errend, o Primeiro Embaixador do Clã, se arrumou no assento, a barriga impressionante amarrada por um cinturão sobre a túnica. — Ele é o filho mais jovem do Dem Tremmelin. Um acadêmico da Grande Biblioteca, acredito. Não o vejo muito na corte, embora o tenha visto com o Dem Agerralin. Esse sim é um homem de associações dúbias.

— Associações dúbias? — Dannyl abriu a boca para pedir ao Embaixador que explicasse, mas o homenzarrão foi distraído quando a carruagem fez uma curva.

— O Palácio! — ele exclamou, gesticulando para a janela. — Vou apresentá-lo ao Rei, e então fica a seu cargo interagir o quanto quiser. Tenho um compromisso que vai preencher a maior parte da tarde, então, sinta-se livre para pegar a carruagem de volta quando tiver se cansado. Apenas lembre o condutor para voltar ao cair da noite para mim.

A porta da carruagem se abriu e Dannyl saiu após Errend. Ele permaneceu num lado de um grande pátio. Diante deles estava o Palácio, a estrutura dispersa de domos e sacadas no topo de uma longa e ampla escadaria. Pessoas ricamente vestidas seguiam pelas escadas, ou descansavam nos assentos de pedra colocados em intervalos para esse propósito.

Voltando-se para o companheiro, Dannyl encontrou Errend flutuando logo acima do chão ao lado dele. O Primeiro Embaixador sorriu com a expressão de surpresa dele.

— Não há motivo para andar se não for preciso!

Enquanto o homem subia as escadas flutuando, Dannyl observou os rostos dos cortesões e criados ao redor. Eles não pareciam surpresos por esse uso de magia, embora alguns tenham olhado para o Embaixador, dando um sorriso. Ainda que fosse um homem volumoso e de personalidade alegre, Errend obviamente também era um mago forte e habilidoso. Impressionado, mas ainda relutante em chamar atenção para si mesmo de uma maneira tão exuberante, Dannyl optou por usar as próprias pernas.

Encontrou Errend esperando no alto. O homem gesticulou de maneira expansiva para longe do palácio.

— Olhe essa vista! Não é incrível?

Ainda respirando fundo por causa da subida, Dannyl se virou. Toda a baía se espalhava diante dele. Os prédios amarelo-pálidos brilhavam à luz do sol, e a água era de um azul lustroso.

— “Um colar para o Rei”, o poeta Lorend disse uma vez.

— É uma bela cidade — Dannyl concordou.

— Cheia de belas pessoas — Errend acrescentou. — Entre. Vou apresentá-las a você.

Outra fachada arqueada se encontrava diante dele, a maior que Dannyl já tinha visto. Os arcos tinham a altura de um homem, eram baixos em cada lateral e subiam bem altos no centro. Atrás do arco mais elevado, uma entrada sem porta oferecia acesso ao Palácio.

Cinco guardas com as costas rígidas olharam para Dannyl enquanto ele seguia Errend ao entrarem na sala cavernosa. O interior era vasto e arejado. Fontes e esculturas de pedra haviam sido colocadas em intervalos em ambos os lados e entradas arqueadas entre eles levavam a mais salas e corredores. Plantas drapejavam de alcovas nas paredes ou brotavam de vários vasos colocados no chão de pedra.

Errend começou a se deslocar para o centro da sala. Grupos de homens e mulheres ficavam de pé ou vagueavam por ali, alguns com crianças. Todos estavam vestidos com roupas suntuosas. Quando Dannyl passou, eles o

examinaram com curiosidade, os mais próximos fazendo reverências gentis.

Ele vislumbrou túnicas do Clã aqui e ali: mulheres de verde, homens de vermelho ou roxo. Para os magos que olhavam em sua direção e acenavam com a cabeça, ele inclinava a sua educadamente em resposta. Guardas de uniforme ficavam de pé junto a todas as portas, observando a todos atentamente. Músicos solitários andavam por ali, tocando instrumentos de corda e cantando baixinho. Um mensageiro correu próximo dele, o rosto brilhando de suor.

No final do salão, Errend passou por outro arco para uma sala menor. Oposto a esse arco havia um par de portas decoradas com a marca do Rei de Elyne: um peixe pulando sobre um cacho de uvas. Um guarda com o mesmo símbolo no peitoral da armadura deu um passo à frente para perguntar o nome de Dannyl.

— Lorde Dannyl, Segundo Embaixador do Clã em Elyne — respondeu Errend.

"Soa mesmo grandioso", Dannyl pensou. Sentiu um acesso de empolgação quando seguiu Errend pela sala. Dois cortesãos foram enxotados de um grande banco acolchoado e o guarda fez um sinal para os magos para que sentassem. Errend se instalou com um suspiro.

— É aqui que esperamos — disse.

— Quanto tempo?

— Quanto for preciso. Nossos nomes serão sussurrados para o Rei tão logo ele termine a audiência atual. Se ele quiser nos ver logo em seguida, seremos chamados. Se não quiser — Errend deu de ombros e acenou para as pessoas na sala —, esperamos nossa vez ou vamos para casa.

Vozes femininas e risos preencheram a sala. Um grupo de mulheres sentadas no banco oposto ao de Dannyl estava ouvindo o murmurar de um músico vestido com cores vibrantes, sentado de pernas cruzadas no chão aos seus pés. Havia um instrumento sobre os joelhos do homem, e ele deslizava os dedos sobre as cordas para produzir um punhado de notas aleatórias. Enquanto Dannyl observava, o homem se voltou para cantarolar algo para uma das mulheres e ela colocou a mão sobre a boca para esconder um sorriso.

Como se sentisse que estava sendo observado, o homem olhou para cima e correspondeu ao olhar de Dannyl. Levantou-se em um movimento gracioso e começou a tocar as cordas, produzindo uma melodia. Para a diversão de Dannyl, o que ele achara que era uma camisa na verdade tratava-se de uma estranha roupa com cinto e uma saia curta, e as pernas do músico estavam cobertas por meias verde-amarelas compridas e brilhantes.

— Um homem de túnica. Um homem de túnica. Está na nossa morada o homem de túnica,

O músico dançou pela sala, parando na frente do banco. Inclinando-se levemente, cruzou o olhar com o de Dannyl.

— Um homem de vestido. Um homem de vestido. Vai causar problemas o homem de vestido.

Incerto quanto a como reagir a isso, Dannyl olhou com uma indagação para Errend. O Embaixador estava observando com tolerância e tédio. O músico deu uma volta e fez uma pose dramática.

— O homem com barriga. O homem com barriga...

O músico parou e cheirou o ar.

— Um pum fedido tem o homem com barriga.

A boca de Errend se contorceu num meio sorriso conforme um punhado de risadas surgiu ao redor deles. O músico fez uma reverência e então girou sobre os calcanhares e correu para o outro lado da sala até as mulheres.

— Em Capia, meu amor tem um cabelo vermelho, vermelho e seus olhos são como o mar mais fundo — ele cantou numa voz doce e rica. — Em Tol-Gan, meu amor tem braços fortes, fortes e me envolve com eles.

Dannyl riu.

— Eu ouvi outra versão dessa canção cantada por marinheiros vindos, mas ela não seria tão aceitável para os ouvidos dessas jovens cortesãs...

— Sem dúvida a canção que você escutou era a original, adoçada aqui para a

corte — Errend respondeu.

O músico entregou o instrumento para uma das jovens cortesãs com grande cerimônia e então começou a fazer cambalhotas.

— Que homem estranho — Dannyl disse.

— Ele pratica a arte da bajulação com a intenção de insultar. — Errend fez um gesto com a mão em sinal de desdém. — Apenas o ignore. A não ser, é claro, que você o ache divertido.

— Eu acho, embora não saiba por quê.

— Isso vai passar. Ele uma vez...

— Os Embaixadores do Clã em Elyne — retumbou a voz do guarda do Rei.

Errend se levantou e caminhou pela sala, Dannyl o seguiu um passo atrás. O guarda gesticulou para que esperassem e então desapareceu atrás da porta.

Dannyl ouviu pronunciar o título de Errend e então o seu. Houve uma pausa, depois da qual o guarda retornou e os conduziu para dentro.

A câmara de audiências era menor do que a sala anterior. Havia duas mesas em ambos os lados e nelas sentavam vários homens de meia-idade e idade avançada — os conselheiros do Rei. No centro, estava outra mesa, com documentos, livros e um prato de doces arranjados sobre ela. Atrás dessa mesa central, numa grande cadeira acolchoada, sentava-se o Rei. Dois magos ficavam de pé atrás dele, os olhos observadores notando cada movimento na sala.

Seguindo o exemplo de Errend, Dannyl parou e se colocou de joelhos. Fazia muitos anos desde que se ajoelhara perante um Rei — e ele era só uma criança, levado à corte de Kyralia pelo pai como um raro agrado. Depois de ter se tornado mago, lhe era natural assumir que todos com exceção de outros magos se curvariam diante dele. Embora não sentisse um grande desejo de fazer as outras pessoas lhe prestarem reverência, se elas não o fizessem ele se sentia estranhamente ofendido, como se uma regra de etiqueta tivesse sido rompida. Gestos de respeito eram importantes mesmo que apenas para demonstrar boas maneiras.

Mas se ajoelhar perante outro era algo que instilava humildade nele, e essa era uma emoção que ele não estava acostumado a sentir. Não podia deixar de pensar em quão satisfatório soaria para um rei nesses momentos ser uma das únicas pessoas nas Terras Aliadas diante das quais os magos se ajoelhavam.

— Levante-se.

Colocando-se de pé novamente, Dannyl olhou para cima e o Rei o examinou com interesse. Com mais de 50 anos de idade, os cabelos castanho-ruivos eram salpicados de branco. O olhar, no entanto, era alerta e inteligente.

— Bem-vindo a Elyne, Embaixador Dannyl.

— Obrigado, Sua Alteza.

— Como foi sua jornada?

Dannyl considerou.

— Bons ventos. Sem tempestades. Agradável, sem ocorrências especiais.

O homem riu.

— Você soa como um marinheiro, Embaixador Dannyl.

— Foi uma viagem educativa.

— E como pretende passar seu tempo em Elyne?

— Quando não estiver lidando com as questões e pedidos que surgirem em meu caminho, vou explorar a cidade e os arredores. Em especial, estou ansioso por ver a Grande Biblioteca.

— É claro. — O Rei sorriu. — Magos parecem ter uma fome ilimitada de conhecimento. Bem, é um prazer conhecê-lo, Embaixador Dannyl. Tenho certeza de que nos encontraremos de novo. Pode ir.

Dannyl inclinou a cabeça respeitosamente e então seguiu Errend para uma porta na lateral. Entraram em uma sala menor, onde se encontravam vários guardas conversando baixinho. Outro homem de uniforme os guiou por uma segunda porta até um corredor, que levou a uma das portas laterais da grande sala por onde primeiro haviam entrado.

— Bem — Errend disse. — Isso foi rápido e não muito excitante, mas ele deu uma boa olhada em você, e essa era a intenção dessa pequena excursão. Agora, vou deixá-lo aqui. Não se preocupe. Arranjei para que algumas... Ah, aqui estão elas.

Duas mulheres se aproximaram. Fizeram uma reverência com dignidade quando Errend as apresentou. Dannyl acenou com a cabeça em resposta, sorrindo enquanto se lembrava de uma fofoca particularmente interessante que havia desencavado sobre essas irmãs.

Quando a irmã mais velha pegou o braço de Dannyl, Errend sorriu e pediu licença. As irmãs então guiaram Dannyl pela sala, apresentando-o a vários cortesãos famosos de Elyne. Logo Dannyl tinha colocado rostos em muitos dos nomes que havia memorizado.

Todos esses cortesãos pareciam genuinamente ansiosos por conhecê-lo, e ele se descobriu sentindo-se intranquilo quanto a seu interesse. Por fim, quando o sol começou a enviar longos raios de luz na sala e ele viu outros partindo, Dannyl decidiu que podia se despedir sem parecer rude. Uma vez que se desvencilhou das irmãs, ele começou a se dirigir para a entrada do Palácio, mas antes que a alcançasse um homem apareceu e se dirigiu a ele.

— Embaixador Dannyl. — O homem era magro, o cabelo cortado bem curto e as roupas de um verde-escuro sombrio se comparado às cores do resto da corte de Elyne.

Dannyl concordou com a cabeça.

— Sim?

— Sou o Dem Agerralin. — O homem fez uma reverência. — Como foi seu primeiro dia na corte?

O nome do homem era familiar, mas Dannyl não conseguia lembrar por quê.

— Agradável e divertido, Dem. Eu fiz muitos novos conhecidos.

— Mas vejo que você está voltando para casa. — O Dem Agerralin deu um passo para trás. — Vou fazê-lo se atrasar.

De repente, Dannyl se lembrou de onde tinha ouvido o nome antes. O Dem Agerralin era o homem de “associações dúbias” que Errend havia mencionado. Dannyl olhou com mais atenção. O Dem era um homem de meia-idade, ele supôs. Não havia nada de obviamente notável em relação a ele.

— Eu não estou com pressa — Dannyl disse.

O Dem Agerralin sorriu.

— Ah, isso é bom. Tenho uma pergunta que gostaria de lhe fazer, se me permitir.

— É claro.

— É um assunto particular.

Intrigado, Dannyl fez um sinal ao homem para que continuasse. O Dem parecia pesar as palavras e então fez um gesto como quem pede desculpas.

— Pouca coisa escapa à atenção da corte de Elyne e, como deve ter percebido, temos uma fascinação pelo Clã e pelos magos. Nós todos estamos muito curiosos a seu respeito.

— Eu notei.

— Então não deve se surpreender que certos rumores sobre você tenham chegado até nós.

Um calafrio percorreu a pele de Dannyl. Ele disciplinou cuidadosamente sua expressão para soar como de surpresa e confusão.

— Rumores?

— Sim. Antigos, mas alguns que eu e alguns poucos outros tivemos motivo para relembrar e reconsiderar desde que soubemos que viria viver em Capia. Não fique alarmado, meu amigo. Tais assuntos não são considerados tão tabus aqui como são em Kyralia, embora nem sempre seja sábio ser público demais quanto a isso. Nós todos estamos bem curiosos quanto a você, então posso ser ousado o suficiente para perguntar se esses rumores têm algum fundo de verdade?

O tom do homem era esperançoso. Dannyl, incrédulo, percebeu que ele estava encarando o homem e se forçou a desviar o olhar. Se um cortesão perguntasse tal coisa em Kyralia, isso poderia começar um escândalo capaz de arruinar a honra de um homem e diminuir a reputação de sua Casa. Em resposta, Dannyl deveria ficar ultrajado e deixar o Dem saber que tais perguntas eram inapropriadas.

Mas a raiva e a amargura que ele uma vez sentira em relação a Fergun por fazer circular tais rumores desapareceram desde que o Guerreiro fora punido por chantagear Sonea. E além disso, embora ele não tivesse arranjado uma esposa para dissipar essas suspeitas persistentes, os Magos Superiores ainda o haviam escolhido para ser Embaixador do Clã.

Dannyl considerou como deveria responder. Ele tinha receio de ofender o homem. Os elynes podiam ser menos reservados do que kyralianos, mas quanto mais? O Embaixador Errend havia chamado o Dem Agerralin de um homem de "associações dúbias". De qualquer forma, seria tolice fazer um inimigo no primeiro dia na corte.

— Entendo — disse Dannyl lentamente. — Acho que sei a qual rumor você se refere. Parece que nunca vou me livrar dele, embora tenham sido dez... Não, quinze... anos desde que começou. O Clã, como você deve saber é um lugar bem conservador, e foi por isso que o aprendiz que espalhou esse rumor sabia que ia me causar grandes dificuldades com os colegas. Ele inventava todo tipo de história sobre mim.

O homem concordou com a cabeça, os ombros arqueados.

— Entendo. Bem, por favor me desculpe por trazer um assunto doloroso. Percebi que o ex-aprendiz de quem você fala está agora vivendo nas montanhas... Num forte, acredito. Nós nos perguntamos sobre esse também, já que aquele que denuncia mais alto é com frequência o mais provável de ser...

O Dem Agerralin deixou essa sentença pairar conforme um homem se aproximou. Olhando, Dannyl ficou surpreso em ver Tayend chegando. Mais uma vez, ficou impressionado pela aparência notável do acadêmico. Vestido de azul-escuro, o cabelo ruivo-loiro preso atrás, Tayend parecia muito adequado à corte. O acadêmico fez uma reverência graciosa e então sorriu para ambos.

— Embaixador Dannyl, Dem Agerralin. — Tayend inclinou a cabeça para ambos. — Como está, Dem?

— Bem — o homem respondeu. — E você? Não o vejo na corte faz tempo, jovem Tremmelin.

— Infelizmente minhas obrigações na Grande Biblioteca me mantêm afastado — Tayend disse, parecendo não lamentar nem um pouco. — Temo que precise roubar o Embaixador Dannyl de você, Dem. Há um assunto que devo discutir com ele.

O Dem Agerralin lançou um olhar para Dannyl, sua expressão impossível de ser lida.

— Eu entendo. Então devo lhe dizer adeus, Embaixador. — Fez uma mesura e caminhou para longe.

Tayend esperou até o homem estar fora do campo de audição, e então estreitou os olhos em direção a Dannyl.

— Há algo que precisa saber sobre o Dem Agerralin.

Dannyl deu um sorriso irônico.

— Sim, acho que ele deixou claro o que ele é.

— Ah. — Tayend concordou com a cabeça. — E ele abordou a questão dos rumores relacionados a você?

Como Dannyl exibiu uma careta de horror, o acadêmico fez que sim com a cabeça.

— Eu achei que ele fosse fazer isso.

— Todo mundo está discutindo isso?

— Não, apenas algumas pessoas em determinados círculos.

Dannyl não sabia ao certo se estava aliviado pela notícia.

— Essas acusações foram feitas há muitos anos. Estou surpreso que isso tenha chegado de alguma forma até a corte de Elyne.

— Você não deveria ficar. A ideia de que um mago kyraliano possa ser um moço, que é o termo educado aqui para homens como Agerralin, é divertida. Mas não se preocupe. Isso se parece com os xingamentos costumeiros entre garotos. Se me permite dizer, você é surpreendentemente calmo para um kyraliano. Eu tinha medo de que fosse fazer cinzas do pobre velho Agerralin.

— Eu não permaneceria um Embaixador do Clã por muito tempo se fizesse isso.

— Não, mas você nem parecia bravo.

De novo, Dannyl estudou bem a resposta.

— Quando você passa metade da vida negando tais rumores, acaba simpatizando com o tipo de pessoa que afirmam que você é. Ter inclinações que são inaceitáveis e ter de negá-las ou se utilizar de medidas elaboradas para escondê-las deve ser uma maneira terrível de viver.

— É assim que é em Kyralia, mas não aqui — Tayend disse, sorrindo. — A corte de Elyne é tão terrível em sua decadência quanto maravilhosa em sua liberdade. Esperamos que todos tenham alguns hábitos interessantes ou excêntricos. Amamos as fofocas, mas ainda assim não colocamos muita fé em rumores. Na verdade, temos um dizer aqui: “Todo boato tem um fundo de verdade; o problema é descobrir qual fundo”. Então, quando vai à biblioteca?

— Logo — Dannyl respondeu.

— Eu o aguardo ansioso lá. — Tayend deu um passo, se afastando. — Mas agora tenho outro assunto para resolver. Até mais, Embaixador Dannyl.

Ele fez uma reverência.

— Até mais — Dannyl respondeu.

Observando o acadêmico se afastar, Dannyl balançou a cabeça negativamente. Ele havia juntado rumores e especulações sobre os cortesãos elynes como pequenos prêmios, nunca pensando que eles estariam fazendo o mesmo em relação a ele. Toda a corte saberia sobre o rumor que Fergun havia começado tantos anos atrás? Saber que ele ainda era discutido deixou Dannyl impaciente,

mas ele só podia confiar que Tayend estava certo e que a corte não ia levar tais histórias a sério.

Com um suspiro, atravessou a entrada do palácio e começou a descer a longa escadaria até a carruagem do Clã.

Capítulo 7

A Grande Biblioteca

Sonea apertou os livros junto ao peito. Aquele tinha sido outro dia de constantes peças pregadas e insultos. A semana pesava sobre ela feito uma provação infindável. “Apenas a quinta semana”, lembrou a si mesma. Cinco longos anos se colocavam entre o momento atual e a formatura.

Todo dia era exaustivo. Quando não estava aguentando Regin e os outros aprendizes, ficava desviando do caminho deles para evitá-los. Se o professor saía da sala, mesmo que por um minuto, Regin usava esse tempo para agredi-la. Ela havia aprendido a deixar as anotações fora de alcance e a tomar um cuidado extremo sempre que andava pela sala ou sentava na cadeira.

Por um tempo, conseguira escapar dele durante uma hora por dia voltando aos aposentos de Rothen na pausa do meio-dia para comer com Tania, mas Regin começou a emboscá-la no caminho para lá e no de volta para a Universidade. Ela havia tentado permanecer na sala na hora do intervalo algumas vezes, mas assim que Regin percebeu o que ela estava fazendo, passou a esperar até o professor sair e então voltar para incomodá-la.

Por fim, ela havia combinado com Rothen que se encontraria com ele na sua sala de aula durante a pausa do meio-dia. Ela o ajudava a montar ou desmontar os apetrechos de frascos de vidros e tubos para suas lições. Tania trazia pequenas caixas laqueadas cheias de coisas para eles comerem.

Ela sentia um peso no estômago sempre que o gongo tocava chamando os aprendizes para as aulas da tarde. Tanto Rothen quanto Tania tinham se oferecido para escoltá-la na ida e vinda das aulas, mas ela sabia que iria apenas confirmar para Regin e seus amigos que eles a estavam afetando. O tempo todo,

ela se esforçava para ignorar as peças e comentários nocivos, sabendo que a reação a eles iria apenas encorajá-los mais.

O gongo final sempre trazia alívio. Quaisquer que fossem os jogos sociais que os aprendizes realizassem depois das lições, eles deviam ser mais interessantes do que zombar dela, porque toda a sala sempre se apressava para ir embora assim que o professor dispensava os alunos. Sonea esperava que eles tivessem partido e percorria em paz o caminho até os Alojamentos dos Magos. Mas, só para o caso de eles terem mudado de ideia, ela sempre tomava a rota longa pelos jardins, escolhendo um caminho diferente toda vez e mantendo-se próxima a outros magos e aprendizes.

Hoje, como em todos os dias, quando ela se aproximou do fim do corredor, sentiu os ombros relaxarem e o nó no estômago começar a se desfazer. Silenciosamente, agradeceu a Rothen por deixá-la permanecer em seus aposentos. Ela sentia calafrios em pensar nos tormentos que Regin projetaria para ela se ela tivesse de voltar aos Alojamentos dos Aprendizes todos os dias.

— Aí está ela.

Reconhecendo a voz, sentiu uma torrente fria tomar conta dela. O corredor estava cheio de aprendizes das turmas mais velhas, mas isso nunca fora um impedimento. Ela apertou o passo, esperando chegar até o movimentado Salão de Entrada da Universidade, onde com certeza encontraria um mago ou dois, antes que Regin e seus amigos pudessem alcançá-la.

O som de pés correndo preencheu o corredor atrás dela.

— Sonea! Sooooneeeeaaaa!

Os aprendizes mais velhos se viraram com o barulho. Sonea sabia pelos seus olhares que Regin e sua gangue estavam logo atrás dela agora. Respirou fundo, resolvendo encarar Regin sem titubear.

Uma mão agarrou seu braço e virou-a rudemente. Ela se desvencilhou dela e olhou feio para Kano.

— Você estava nos ignorando, garota da favela? — Regin perguntou. — Isso é muita grosseria, mas acho que não podemos esperar que você tenha boa

educação, podemos?

Eles a rodearam. Ela olhou para seus rostos sorridentes. Segurando os livros mais junto do corpo, deu um passo à frente e enfiou o ombro entre Issle e Alend para se livrar do anel de corpos. Mãos esticaram-se até ela, apertaram seus ombros e a puxaram com força de volta ao meio. Surpresa, ela sentiu um temor crescente. Eles não haviam tentado abusar fisicamente dela antes, mais do que dar um puxão no braço para fazê-la tropeçar, ou cair em algo desagradável.

— Onde você está indo, Sonea? — Kano perguntou. Alguém deu outro empurrão nas costas dela. — Nós queremos falar com você.

— Bem, eu não quero falar com vocês — ela grunhiu. Virando-se, tentou forçar um caminho para fora de novo, mas foi empurrada e puxada de volta para o círculo. Sentiu um lampejo de medo. — Me deixem passar.

— Por que você não implora, favelada? — Regin zombou.

— É, vá em frente, implore. Você deve ser boa nisso.

— Você deve ter tido bastante prática na favela. — Alend riu. — Com certeza, não esqueceu tão rápido. Aposto que você era como um desses pirralhos remelentos que ficavam sempre no fundo das casas dos nossos pais implorando comida.

— Por favor, me dê um punhado de comida. Poooor favor! — Vallon choramingou. — Estou morreeeeendo de fome!

Os outros riram e se juntaram às troças.

— Ou talvez ela tenha algo para vender — Issle sugeriu. — Boa noite, meu lorde. — Sua voz adotou um tom sedutor e sugestivo. — Precisa de companhia?

Vallon engoliu uma risada.

— Imagine quantos homens ela já teve.

Risadinhas encheram o corredor e então Alend se afastou dela.

— Ela provavelmente é cheia de doenças.

— Não mais. — Regin mandou um olhar conhecedor. — Eles nos disseram

que os Curadores a examinaram quando ela foi encontrada, lembra? Devem ter dado um jeito nela. — Ele se virou para Sonea e a olhou de cima a baixo, os lábios franzidos.

— Então... Sonea. — Sua voz se tornou sedosa. — Quanto você cobra? — Ele se aproximou e, conforme Sonea se encolheu para longe, mãos pressionaram suas costas para empurrá-la em direção a ele. — Você sabe — ele falou arrastado. — Talvez eu estivesse errado. Talvez eu possa gostar de você. Você é meio magra, mas eu posso ignorar isso. Diga-me, você se especializa em certos, hum, favores?

Sonea tentou afastar as mãos nos seus ombros, mas os aprendizes apertaram com mais força. Regin balançou negativamente a cabeça em compaixão fingida.

— Eu suponho que os magos tenham dito que você precisaria parar. Como deve ser frustrante para você. Mas eles não têm que saber. Nós não vamos contar. — Ele inclinou a cabeça para um lado.

— Você poderia fazer muito dinheiro por aqui. Muitos clientes ricos.

Sonea o encarou. Ela não podia acreditar que ele era capaz de fingir estar interessado em transar com ela. Por um momento, sentiu-se tentada a pagar para ver, mas sabia que, se fizesse isso, ele diria que ela o levara a sério. Por sobre seus ombros, ela pôde ver que os outros aprendizes no corredor haviam parado para observar a cena com interesse.

Regin se inclinou ficando mais próximo. Ela podia sentir a respiração dele no rosto.

— Vamos apenas chamar de um acordo de negócios — ele sussurrou. Estava só tentando intimidá-la, e ver o quanto ela conseguia aguentar. Bem, ela tinha lidado com esse tipo de agressão antes.

— Você está certo, Regin — ela disse. Os olhos dele se arregalaram em surpresa. — Eu encontrei muitos homens como você antes. E sei exatamente o que fazer com eles. — Ela torceu uma mão para cima e a enrolou fortemente em volta da garganta dele. As mãos dele voaram para o próprio pescoço, mas, antes que ele pudesse agarrar o pulso dela, Sonea passou uma perna em volta da dele e

o empurrou com toda força. Sentiu o joelho de Regin dobrar e desfrutou de uma sensação de triunfo quando ele caiu de costas, os braços abanando no ar, e bateu no chão.

O silêncio preencheu o corredor quando todos os aprendizes, jovens e velhos, o observaram. Sonea fungou com desdém.

— Que belo exemplo você é, Regin. Se é assim que os homens da Casa Paren se comportam, eles não têm maneiras melhores do que o típico grosseirão frequentador de casas de bol.

Regin enrijeceu e seus olhos se estreitaram como lâminas. Ela virou as costas para ele e olhou feio para os outros aprendizes, desafiando qualquer um deles a tocá-la de novo. Eles se afastaram e, conforme o círculo se desfez, ela seguiu em frente.

Ela tinha dado apenas alguns passos quando a voz de Regin ecoou alta no corredor.

— Você é obviamente bem qualificada para fazer tais comparações — ele chamou. — A que Rothen se compara? Ele deve ser um homem muito feliz, com você vivendo em seus aposentos. Ah, mas faz sentido agora. Sempre me perguntei como você o convenceu a ser seu guardião.

Sonea sentiu-se gelar, e então uma raiva quente inundou seu corpo. Ela apertou os punhos, resistindo à vontade de voltar. O que podia fazer? Bater nele? Mesmo que ousasse golpear o filho de uma Casa, ele iria prever isso e erguer um escudo. E aí ele saberia que conseguira afetá-la.

O murmurar baixinho dos aprendizes mais velhos a seguiu corredor adentro. Ela se forçou a manter os olhos nas escadas à frente, não querendo ver a especulação nos rostos. Eles não iam acreditar no que Regin havia sugerido. Não podiam. Mesmo que acreditassem nas piores coisas em relação a ela por causa de suas origens, ninguém iria pensar algo assim de Rothen.

Ou iria?

— Administrador!

Lorlen parou na porta da Universidade e se voltou para encarar o Diretor Jerrik.

— Sim?

O Diretor se aproximou de Lorlen e lhe entregou um pedaço de papel.

— Recebi esse pedido de Lorde Rothen ontem. Ele quer passar Sonea para a turma de inverno de aprendizes do Primeiro Ano.

— Mesmo? — Lorlen examinou a página, passando os olhos pelas explicações e garantias de Rothen. — Você acha que ela é capaz?

Jerrik comprimiu os lábios, pensativo.

— É possível. Perguntei aos professores do Primeiro ano, e eles todos acreditam que ela poderia conseguir se estudasse firme.

— E Sonea?

— Ela parece disposta a fazer o esforço.

— Então você vai permitir?

Jerrik franziu a sobrancelha e abaixou a voz.

— Provavelmente. O que eu não gosto quanto a isso é a motivação real por trás da mudança.

— Ah? E qual é ela? — Lorlen fez um esforço para não sorrir. Jerrik sempre defendera que os aprendizes nunca se esforçavam especificamente por querer aprender. Eles eram motivados pela necessidade de impressionar, ser os melhores, agradar os pais ou estar na companhia de amigos ou de alguém que admiravam.

— Como esperávamos, ela não se entrosou bem com os outros aprendizes. Em tais circunstâncias, o aprendiz rejeitado com frequência se torna um objeto de chacota dos outros. Acredito que ela só quer se afastar deles. — Jerrik suspirou. — Embora eu admire sua determinação, minha preocupação é que a turma de inverno não será mais acolhedora, e ela vai ter se esforçado por nada.

— Entendo. — Lorlen concordou com a cabeça enquanto considerava as palavras de Jerrik. — Sonea é alguns anos mais velha do que os outros na sua sala, e é madura para a idade... Para nossos padrões pelo menos. A maior parte dos aprendizes são pouco mais do que crianças quando chegam aqui, mas perdem seus hábitos infantis durante o primeiro ano. Os aprendizes da turma de inverno podem ser menos problemáticos.

— Verdade, eles são um grupo sensato — Jerrik concordou. — Mas o treinamento na magia não pode ser apressado, no entanto. Ela pode encher a cabeça de conhecimento, porém, se não tiver conquistado a habilidade para usar corretamente seus poderes, pode cometer enganos perigosos mais tarde.

— Ela vem usando seus poderes há mais de seis meses — Lorlen o lembrou. — Embora Rothen tenha passado esse tempo lhe ensinando a educação básica de que ela precisava para entrar na Universidade, seus poderes se tornaram familiares a ela... E deve ser frustrante observar os outros aprendizes tatearem com os deles.

— Então, devo acreditar que você é a favor de permitir isso? — Ele apontou para o pedido de Rothen.

— Sim. — Lorlen devolveu o pedido. — Dê a ela a oportunidade. Acho que ela tem mais capacidade do que você imagina.

Jerrik deu de ombros.

— Então, vou permitir isso. Ela vai passar pela prova em cinco semanas. Obrigado, Administrador.

Lorlen sorriu.

— Tenho interesse em saber quão bem ela foi. Você me mantém informado?

O velho homem concordou com a cabeça.

— Se assim quiser...

— Obrigado, Diretor. — Lorlen se virou e começou a descer as escadas da Universidade até a carruagem que o esperava. Entrou, bateu no teto para avisar o condutor, e se refestelou no assento enquanto o veículo sacudia ao entrar em

movimento. Passou pelos Portões do Clã e seguiu pela cidade, mas Lorlen já estava compenetrado demais em seus pensamentos para notar.

O convite para jantar na casa de Derril havia chegado na noite anterior. Embora Lorlen com frequência tivesse que recusar tais convites, ele havia reorganizado seu trabalho para viabilizar a visita. Se Derril tivesse mais notícias sobre os assassinatos, Lorlen queria ficar sabendo.

A história de Derril sobre o assassino preocupara Lorlen. Os cortes na vítima, o ritual estranho, a crença da testemunha de que a vítima estava morta antes de a garganta ser cortada... Talvez fosse apenas porque a ideia de magia negra já estivesse em sua mente que esses assassinatos soassem tão suspeitos.

Mas se isso fosse o trabalho de um mago negro, significaria uma de duas coisas: ou um mago ilegal capaz de usar magia negra estava atacando as pessoas da cidade, ou esse assassino era Akkarin. Lorlen tremeu enquanto considerava as implicações dessas duas possibilidades.

Quando a carruagem parou, ele olhou surpreso ao descobrir que haviam chegado. O condutor desceu e abriu a porta, revelando uma elegante mansão com sacadas na frente.

Lorlen saiu e foi recebido na porta por um dos criados de Derril. O homem guiou Lorlen pela casa até uma sacada interna com vista para o jardim. Lorlen colocou as mãos na murada da sacada e olhou para baixo em direção ao pequeno oásis de vegetação descaída; as plantas pareciam tristes e queimadas nas pontas.

— Temo que esse verão tenha sido um pouco excessivo para a maioria das minhas plantas — Derril disse melancólico, enquanto entrava na casa para se juntar ao Administrador. — Minhas moitas gan-gan não vão sobreviver. Vou ter que providenciar que outras me sejam enviadas das montanhas de Lan.

— Você deveria arrancá-las agora antes que as raízes apodreçam — Lorlen sugeriu. — A raiz de gan-gan moída tem propriedades antissépticas incríveis e, se acrescentada a sumi, é um bom tratamento de distúrbios digestivos.

Derril riu.

— Você ainda não esqueceu todo aquele treinamento de Curador, não é

mesmo?

— Não. — Lorlen sorriu. — Posso virar um Administrador velho e resmungão, mas vou ser saudável. Tenho que colocar em prática todo esse conhecimento de medicina de alguma maneira.

— Hummm. — Os olhos de Derril se estreitaram. — Eu queria que a Guarda tivesse alguém com seu conhecimento em suas fileiras. Barran tem outro mistério nas mãos.

— Outro assassinato?

— Sim e não. — Derril suspirou. — Ele acha que esse foi suicídio. Ao menos é o que parece.

— Ele acredita que fizeram com que parecesse com um?

— Talvez. — Derril levantou uma sobrancelha. — Barran veio jantar. Por que não entrar e pedir a ele para lhe contar mais?

Lorlen concordou com a cabeça e seguiu o velho homem para dentro da casa. Entraram numa grande sala de visitas, com pinturas de flores e plantas. Um jovem com cerca de 25 anos estava sentado numa das luxuosas cadeiras. Os ombros largos e o nariz ligeiramente aquilino lembraram Lorlen imediatamente do irmão do homem, Walin.

Barran olhou para o Administrador, e então se levantou apressado e fez uma reverência.

— Saudações, Administrador Lorlen — ele disse. — Como está?

— Bem, obrigado — Lorlen respondeu.

— Barran — Derril disse, apontando um assento para o Administrador —, Lorlen está interessado no suicídio que você está investigando. Pode lhe contar os detalhes?

Barran deu de ombros.

— Não é nenhum segredo... Só um mistério. — Ele virou para olhar para Lorlen, os olhos azuis atormentados. — Uma mulher abordou um guarda na rua

e disse que havia descoberto a vizinha morta. Ele investigou e encontrou uma mulher com os pulsos cortados. — Barran fez uma pausa e franziu os olhos. — O mistério é que ela ainda não havia perdido muito sangue e ainda estava quente. Na verdade, os ferimentos eram bem superficiais. Ela deveria estar viva.

Lorlen pensou a respeito.

— A lâmina poderia estar envenenada.

— Estamos considerando a possibilidade, mas, se for o caso, então deve ser um veneno sutil do qual nunca ouvimos falar. Todos os venenos deixam sinais, mesmo se o dano só for visível nos órgãos internos. Não encontramos nenhuma arma, que pudesse ter retido algum resíduo, e isso por si só é estranho. Se alguém corta os pulsos, o utensílio que usa normalmente se encontra próximo. Procuramos pela casa e não encontramos nada além de algumas facas de cozinha, ainda limpas e na caixa. Ela também não foi estrangulada, pelo que podemos dizer. Mas há outros detalhes que tornam isso suspeito. Eu descobri pegadas que não combinavam com os sapatos de nenhum dos criados, dos amigos ou da família. Os sapatos do intruso eram velhos e com um formato estranho, então eles deixaram marcas distintas. Na sala onde a mulher foi descoberta, a janela estava destravada e não inteiramente fechada. Encontrei impressões digitais e borrões no umbral que pareciam sangue seco, então examinei o corpo de novo e deparei com as mesmas impressões digitais nos pulsos.

— Dela?

— Não, as impressões eram grandes. De um homem.

— Alguém tentou parar o sangramento, talvez, e então fugiu pela janela quando ouviu outros se aproximando?

— Talvez. Mas a janela fica no terceiro andar e a parede é lisa e com poucos lugares para se apoiar. Não acho que mesmo um ladrão experiente poderia ter descido por ela.

— Alguma pegada lá embaixo?

O jovem hesitou antes de responder.

— Quando fui lá fora inspecionar o chão, encontrei algo muito estranho. — Barran traçou um arco no ar. — Era como se alguém tivesse amassado a terra num círculo perfeito. No centro, havia duas pegadas, as mesmas da sala acima, e outras que levavam para longe. Eu as segui, mas elas acabavam no calçamento.

O coração de Lorlen pulou e então começou a acelerar. Um círculo perfeito no chão e uma queda de três andares? Para levitar, um mago precisa criar um disco de poder sob os pés. Isso poderia deixar uma impressão circular em solo fofo ou areia.

— Talvez a marca já estivesse lá — Lorlen sugeriu.

Barran deu de ombros.

— Ou ele usou algum tipo de escada com uma base circular. É um caso estranho. Não havia, no entanto, cortes no ombro da mulher, então não acredito que ela tenha sido vítima do assassino em série que estamos procurando. Não, esse está há algum tempo sem atacar, a não ser que nós simplesmente não tenhamos ficado sabendo...

O soar de um gongo os interrompeu. Velia apareceu na entrada, segurando um pequeno gongo e um badalo.

— O jantar está pronto — anunciou. Levantando-se, Lorlen e Barran começaram a se dirigir para a sala de jantar. Ela deu um olhar duro ao filho. — E nada de falar de assassinatos ou suicídios na minha mesa! Isso vai fazer o Administrador ficar com nojo da refeição!

Dannyl observou das janelas da carruagem conforme os grandes prédios de pedra amarela de Capia entravam e saíam do campo de visão. O sol estava baixo no céu, e a cidade toda parecia brilhar com uma luz cálida. As ruas estavam cheias de pessoas e outras carruagens.

Todo dia e na maioria das noites nas últimas três semanas, ele se ocupara em visitar ou receber pessoas influentes, ou ainda em ajudar Errend a lidar com os negócios de Embaixador. Tinha conhecido a maioria dos Dems e Bels que

frequentavam a corte. Aprendera a história pessoal de todo mago do Clã que vivia em Elyne. Havia registrado os nomes das crianças elynes que tinham potencial para a magia, respondera a perguntas sobre o Clã feitas por cortesãos ou as repassara a outros, negociara a compra de vinhos elynes, e curara um criado que havia se queimado na cozinha da Casa do Clã.

Preocupou-se então que tanto tempo houvesse passado sem que ele tivesse a chance de começar a pesquisa de Lorlen. Resolveu que na próxima vez que dispusesse de algumas horas livres visitaria a Grande Biblioteca. Um mensageiro enviado a Tayend para perguntar se uma visita noturna era possível tinha retornado com a garantia de que ele poderia explorar a biblioteca a qualquer momento que quisesse. Então, quando descobriu que teria aquela noite livre, pediu que uma refeição fosse servida mais cedo e que viesse uma carruagem.

Ao contrário de Imardin, as ruas de Capia se desdobravam de maneira aleatória. A carruagem ziguezagueou de um lado para o outro, ocasionalmente contornando a lateral de uma colina íngreme. Mansões deram lugar a grandes casas, que foram substituídas por colunas de prédios pequenos e elegantes. Uma curva num ponto elevado conduziu Dannyl pela orla de uma área mais pobre. Madeira e outros materiais mais simples substituíam a pedra amarela e, nas ruas, homens e mulheres usavam roupas mais grosseiras. Embora não tivesse visto nada tão desafiador quanto as paisagens que observara nas favelas de Imardin enquanto procurava por Sonea, Dannyl ficou um pouco consternado. A face da cidade capital de Elyne mostrava-se tão bela que era desapontador que também tivesse sua área pobre.

Deixando as casas para trás, a carruagem enveredou por um caminho de colinas ondulantes. Campos de tenn eram agitados por uma brisa suave. Vinhas de bagas vare, plantadas em colunas, pendiam cheias de frutas à espera de serem colhidas e armazenadas para fazer vinho. Pomares de árvores de pachi e piorre bem carregadas apareciam aqui e ali, e algumas das frutas estavam sendo apanhadas por equipes de vindos que viajavam para Elyne todos os anos para esse trabalho.

Quando os últimos raios de luz do sol escureceram do amarelo para o laranja,

e a carruagem começou a se afastar ainda mais da cidade, Dannyl ficou preocupado. Será que o condutor havia entendido erradamente a instrução? Ele levantou uma das mãos para bater no teto, mas parou quando a carruagem fez uma curva no pé de uma coluna.

À frente, a fita escura que era a estrada se curvava para chegar na base de um alto penhasco. À luz do sol que se punha, a pedra amarela brilhava como se um fogo ardesse dentro dela. Sombras se destacavam de forma incisiva, marcando as pontas retas, janelas e arcos de uma fachada grandiosa que ele reconheceu de ilustrações em livros.

— A Grande Biblioteca — Dannyl murmurou maravilhado.

Uma enorme entrada havia sido esculpida na face do penhasco e preenchida com uma porta de madeira maciça. Quando a carruagem se aproximou, Dannyl viu que um pequeno quadrado de escuridão no fundo era, na verdade, uma entrada da altura de um homem construída dentro da grande porta. Uma figura esperava a seu lado.

Dannyl sorriu quando viu a roupa brilhante do homem. Tamborilou os dedos na moldura da janela de forma impaciente conforme a carruagem lentamente percorria a distância até a biblioteca. Quando parou diante da fachada, Tayend se adiantou para abrir a porta da carruagem.

— Bem-vindo à Grande Biblioteca, Embaixador Dannyl — ele declarou, fazendo uma reverência elegante.

Dannyl olhou e balançou a cabeça em assombro.

— Lembro-me de ter visto ilustrações dela nos livros quando era um aprendiz. Não chegam perto de mostrar como ela realmente é. Quão velha ela é?

— Mais velha que o Clã — Tayend respondeu, de uma maneira um tanto convencida. — Cerca de oito ou nove séculos, nós achamos. Algumas partes são mais velhas, e o melhor ainda está por vir... Então, siga-me, meu lorde.

Eles entraram pela porta pequena e Tayend a fechou e trancou atrás deles; depois enveredaram por um longo corredor com um teto curvado. Este terminava na escuridão, mas antes que Dannyl pudesse criar um globo de luz, Tayend o

conduziu até uma escadaria íngreme e iluminada por tochas na lateral.

No topo dela, Dannyl se encontrou numa sala longa e estreita. Num lado, estavam as janelas que ele tinha visto da carruagem. Elas eram enormes e preenchidas com pequenos quadrados de vidro fixados numa armação de ferro. A parede oposta estava recoberta de quadrados de luz dourada. As cadeiras eram posicionadas em grupos de três ou quatro em intervalos, e de pé ao lado da mais próxima estava um homem idoso.

— Boa noite, Embaixador Dannyl. — O homem fez uma reverência com a rigidez cautelosa dos muito idosos. — Sou Irand, o bibliotecário.

Irand tinha uma voz grave e assustadoramente forte, que combinava com o tamanho inumano da biblioteca. O cabelo branco curto cobria de forma esparsa seu couro cabeludo, e ele usava uma camisa simples e calças feitas de um tecido cinza empoeirado.

— Boa noite, Bibliotecário Irand — Dannyl respondeu.

Um sorriso vincou o rosto do bibliotecário.

— O Administrador Lorlen me informou que você tinha uma tarefa a realizar para ele aqui. Ele disse que gostaria de ver todos os materiais que o Lorde Supremo examinou durante sua pesquisa.

— Você sabe quais eram esses materiais?

O velho homem balançou a cabeça negativamente.

— Não, mas Tayend tem alguma lembrança deles. Ele foi assistente de Akkarin e concordou em ajudá-lo em sua busca. — O idoso fez um aceno com a cabeça para o acadêmico. — Você vai achar seu conhecimento de línguas antigas úteis. Ele também vai pedir comida e bebida se você precisar. — Tayend concordou com a cabeça ansioso e o velho sorriu.

— Obrigado — Dannyl respondeu.

— Bem, não me deixe fazê-los esperar. — Os olhos de Irand pareceram brilhar por um instante. — A biblioteca aguarda.

— Por aqui, meu lorde — Tayend disse, dirigindo-se novamente para as escadas.

Dannyl de novo seguiu o acadêmico até a passagem escura. Lamparinas estavam arrumadas numa fileira sobre uma prateleira de um dos lados. Tayend estendeu a mão para pegar uma.

— Não se dê ao trabalho — Dannyl disse. Ele concentrou sua vontade e um globo de luz expandiu-se em existência acima de sua cabeça, enviando sombras mais à frente na passagem. Tayend olhou o globo de luz de relance e recuou.

— Eles sempre deixam manchas na frente da minha vista. — Esticou a mão e pegou uma lamparina. — Posso precisar deixá-lo sozinho em algum ponto, então é melhor eu levar uma comigo mesmo assim.

Com a lamparina balançando a seu lado, Tayend seguiu em frente pela passagem.

— Esse lugar sempre foi um depósito de conhecimento. Nós temos alguns pedaços de papel que estão se desfazendo, datados de oito séculos atrás, em uma de nossas salas, que contém referências a uma espécie de biblioteca que já era velha na época. Apenas algumas salas eram usadas como biblioteca originalmente. O resto desse lugar já alojou alguns milhares de pessoas. Nós enchemos cada sala com livros e pergaminhos, tabuletas e pinturas... E entalhamos mais salas da rocha nós mesmos.

Conforme caminharam, Dannyl observou a escuridão se afastar como se fosse uma névoa com medo de magia. Abruptamente, chegaram a uma parede branca, a escuridão fugindo para ambos os lados. Tayend se virou e seguiu a passagem à sua direita.

— Então, que línguas você conhece? — Dannyl perguntou.

— Todos os dialetos ancestrais de Elyne e Kyralia — Tayend respondeu. — Nossas línguas antigas são bastante semelhantes, mas quanto mais examinamos como eram no passado, mais encontramos diferenças. Eu sei falar vindo moderno... Aprendi com alguns criados em casa... E um pouco de lans. Consigo traduzir os glifos antigos de vindo e tentur, se tiver acesso aos meus livros.

Dannyl olhou para o companheiro, impressionado.

— São muitas línguas.

O acadêmico deu de ombros.

— Uma vez que você conhece algumas, o resto se aprende fácil. Um dia, ainda vou aprender lonmar moderno e algumas das línguas antigas deles. Só não tive motivo ainda. Depois disso, bem, talvez eu comece as línguas sachakan. As línguas antigas deles são muito semelhantes às nossas.

Depois de várias voltas e algumas escadarias, Tayend fez uma parada numa entrada. Com expressão notavelmente sóbria, indicou que Dannyl deveria entrar antes dele. Entrando, Dannyl respirou fundo com assombro.

Fileiras incontáveis de estantes se expandiam na distância, divididas por um amplo corredor diretamente na frente dele. Embora o teto da sala diante dele fosse baixo, a parede oposta estava tão distante que ele não conseguia vê-la. Colunas maciças de pedra preenchiam o intervalo entre o teto e o chão a cada centena de passos. Tudo era iluminado de maneira esparsa por lamparinas colocadas sob o topo de pesadas bases de ferro.

A sala enorme emanava uma sensação de idade incompreensível. Comparados com o peso sólido das colunas de pedra e do teto, os livros pareciam coisas frágeis e efêmeras. Tornado humilde pelo lugar, Dannyl sentiu uma melancolia descer sobre ele. Poderia permanecer por um ano ali e ainda não deixaria mais marcas do que a asa de uma mariposa batendo contra as frias paredes de pedra.

— Comparado a isso, tudo mais na biblioteca é recente — Tayend disse numa voz apressada. — Essa é a sala mais velha. Talvez com milhares de anos de idade.

— Quem a construiu? — Dannyl sussurrou.

— Ninguém sabe.

Dannyl começou a descer o corredor, observando as estantes intermináveis de livros.

— Como vou achar o que preciso? — ele disse desesperançoso.

— Ah, isso não é problema. — A voz de Tayend animou-se de repente, um som que cortou o pesado silêncio da sala. — Tenho tudo esperando por você na mesma sala de estudo que Akkarin usou. Siga-me.

Tayend avançou pelo corredor, os passos leves e flexíveis. Depois de passar várias estantes, virou-se e andou entre elas, até chegar a uma grande escadaria de pedra que avançava por um buraco no teto. Subindo os degraus dois por vez, ele guiou Dannyl até o início de um largo corredor. De novo, o teto era perturbadoramente baixo. Havia portas abertas em ambos os lados, e Tayend parou do lado de uma e gesticulou para que Dannyl entrasse.

Dannyl se viu numa pequena sala. Havia uma grande mesa de pedra no meio, e, colocadas em cima dela, estavam várias pilhas de livros.

— Aqui estamos — Tayend disse. — E esses são os livros que Akkarin leu.

Os volumes iam de minúsculos livros do tamanho da palma da mão até um tomo gigantesco que deveria ser um desafio de carregar. Dannyl os examinou, tirando-os das pilhas e colocando-os de volta conforme lia os títulos.

— Onde começo? — perguntou em voz alta.

Tayend puxou um volume empoeirado do meio de uma pilha.

— Esse foi o primeiro que Akkarin leu.

Dannyl olhou para Tayend, impressionado. Os olhos do jovem brilhavam de entusiasmo.

— Você se lembra tão bem assim?

O acadêmico sorriu.

— Você precisa de uma boa memória para usar a biblioteca. Como vai encontrar um livro de novo depois de tê-lo lido?

Dannyl olhou para o tomo em suas mãos. Propriedades Mágicas das Tribos das Montanhas Cinzentas. A data abaixo do título indicava que o livro tinha cinco séculos pelo menos, e ele sabia que não tinha havido tribos vivendo nas montanhas entre Elyne e Kyralia por pelo menos todo esse tempo. Intrigado,

abriu-o e começou a ler.

Capítulo 8

Exatamente o que Ele Pretendia

— E ntão, apenas sentamos e ouvimos?

Yaldin franziu a testa e seus olhos reviraram, enquanto se concentrava nas vozes no Salão da Noite. Rothen conteve uma gargalhada. O rosto do velho mago era caricato demais. Qualquer um que o visse saberia que estava se esforçando muito para ouvir algo.

No entanto, após a partida de Dannyl, Rothen precisava de alguém para "espionar" os outros magos. Todos se mostravam cautelosos, agora que circulava um rumor escandaloso. Como o rumor envolvia Rothen, os fofoqueiros sempre verificavam se ele estava por perto antes de falarem livremente. Portanto, ele resolvera treinar seu velho amigo, Yaldin, nas técnicas de Dannyl.

— Você está sendo óbvio demais, Yaldin.

O velho exibiu uma carranca.

— Óbvio? O que quer dizer?

— Quando você...

— Lorde Rothen?

Espantado, Rothen olhou para cima e viu o Administrador Lorlen de pé, ao lado de sua cadeira.

— Sim, Administrador?

— Gostaria de falar-lhe em particular.

Olhando em volta de relance, Rothen percebeu que vários magos ali por perto

observavam Lorlen com expectativa. Yaldin franziu o cenho, sem nada dizer.

— Claro — retrucou Rothen. Levantou-se e acompanhou Lorlen pela sala até uma pequena porta, que se abriu ante sua aproximação. Ambos entraram no Salão dos Banquetes.

O salão era escuro. Um globo de luz cintilava sobre a cabeça do Administrador e flutuava iluminando uma grande mesa. Lorlen dirigiu-se a uma das cadeiras. Sentando-se ao lado do Administrador, Rothen ajeitou-se no lugar para a conversa que vinha temendo.

Lorlen olhou rapidamente para Rothen, em seguida o olhar desviou-se para a mesa. Suspirou e assumiu uma expressão severa.

— Está ciente dos rumores que andam correndo sobre você e Sonea?

Rothen assentiu.

— Estou.

— Sem dúvida, Yaldin terá contado a você.

— E Sonea.

— Sonea?

Lorlen ergueu as sobrancelhas.

— Sim — disse Rothen. — Ela me contou que quatro semanas atrás um de seus aprendizes havia inventado o rumor e que ela temia que as pessoas lhe dessem crédito. Disse-lhe que não se preocupasse. Fofocas têm prazo de validade, especulações acabam caducando e são esquecidas.

— Hummm — Lorlen franziu a testa. — Rumores como esse não são descartados assim tão facilmente como seria de esperar. Vários magos já me procuraram para manifestar sua preocupação. Eles acham que não fica bem para nenhum mago ter uma jovem morando em seus aposentos.

— Tirá-la dali de nada servirá para dissipar o rumor.

Lorlen concordou.

— É verdade. No entanto, isso evitaria maiores especulações, que poderiam ser bem prejudiciais para os dois. Pelo que me lembro, Sonea deveria ter mudado para os Alojamentos dos Aprendizes ao iniciar suas aulas. — Ele fitou Rothen diretamente. — Não para evitar aquilo que os rumores sugerem, mas até para prevenir que começassem. Ninguém acredita que nada de inconveniente aconteceu entre você e Sonea.

— Então, por que afastá-la, de qualquer forma? — Rothen gesticulou abrindo as mãos. — Ainda assim, ela vai passar momentos comigo em meus aposentos, para estudar ou simplesmente para um jantar. Se nos rendermos agora, quanto tempo levará para questionarem a intenção por trás de cada instante em que estivermos juntos? — Balançou a cabeça negativamente. — Deixe as coisas como estão, e aqueles que forem idiotas o bastante para dar trela a essa fofoca terão provas de que nenhuma evidência de conduta imprópria foi encontrada.

Lorlen sorriu, retorcendo a boca.

— Você é confiante, Rothen. O que Sonea acha?

— Ela ficou aborrecida, é claro, mas acredita que o rumor será esquecido quando ela deixar de ser o alvo do favorito de Garrel.

— Se e quando ela chegar à turma de inverno?

— Sim.

— Você acha que ela alcançará a classe mais elevada e que se empenhará para ficar nela?

— Com facilidade. — Rothen sorriu, sem esconder seu orgulho. — Ela aprende rápido e é bastante determinada. A última coisa que vai querer é regredir para a classe de Regin.

Lorlen assentiu e olhou Rothen bem de perto.

— Não compartilho esse seu otimismo sobre o rumor, Rothen. Seus argumentos contrários à mudança dela têm algum mérito, mas, se estiver errado, a situação poderá ficar bem pior. Acredito que Sonea deveria se mudar, pelo bem dela.

Rothen fechou a cara para o Administrador. Com certeza, Lorlen não estaria pensando que ele levaria uma aprendiz para a cama, especialmente uma jovem com menos de um terço de sua idade. O olhar de Lorlen, porém, foi direto e grave, e Rothen compreendeu, chocado, que o mago realmente havia pensado nessa possibilidade.

Lorlen não podia acreditar que ele seria capaz! Como era capaz de pensar nisso? Quando é que ele tinha dado razões a Lorlen para duvidar dele?

Foi, então, que num lampejo, a razão lhe ocorreu. “É por causa de Akkarin”, pensou. “Se eu tivesse sabido que meu melhor e mais velho amigo estava praticando a pior das magias, eu iria reavaliar minha posição em relação a todas as pessoas que conheço.” Inspirando profundamente, Rothen pesou com cuidado o que ia dizer.

— Apenas você pode entender por que desejo mantê-la perto de mim, Lorlen — disse em voz baixa. — Ela já tem o suficiente a temer aqui, sem que tenha de ir viver entre aqueles que lhe fariam mal, onde estaria bem mais vulnerável do que está em relação aos outros aprendizes.

Lorlen franziu o rosto, e então abriu um pouco mais os olhos, desviando o olhar. Aproximou-se e assentiu suavemente.

— Compreendo sua preocupação. Deve ser atemorizante para ela. No entanto, se eu tomar uma decisão contrária à opinião da maioria, isso vai chamar a atenção. Não acho que ela estará correndo nenhum perigo morando nos Alojamentos dos Aprendizes... Mas vou tentar adiar a decisão o mais que puder, na esperança de que isso se dissipe, conforme você acredita.

Rothen assentiu.

— Obrigado.

— E — acrescentou Lorlen, pensando melhor —, vou ficar de olho nesse aprendiz, Regin. Encrenqueiros são um problema a ser tratado bem antes da formatura.

— Eu agradeceria — respondeu Rothen.

Lorlen levantou-se e Rothen o seguiu. Por um instante, olharam-se, e Rothen percebeu um ar rude e tenso no olhar de Lorlen, que o fez estremecer de cima a baixo. Lorlen, então, virou-se e dirigiu-se para a porta do Salão da Noite.

Ali, eles se separaram e Lorlen buscou seu lugar habitual. Ao cruzar o salão para chegar ao próprio assento, Rothen captou diversos olhares vindo em sua direção. Manteve a expressão equilibrada e despreocupada. Yaldin o fitou, curioso.

— Nada muito preocupante — disse Rothen, afundando-se na cadeira. — Agora, onde estávamos? Ah, sim. Óbvio. Eis o que você aparentava estar sendo...

Ao ouvir a batida na porta, Sonea suspirou. Parou de escrever e, sem se virar, gritou:

— Entre.

A porta se abriu com um clique.

— Há alguém que deseja vê-la, Lady Sonea — disse Tania com voz forçada.

Olhando rapidamente por sobre o ombro, Sonea viu que uma mulher de túnica verde estava de pé à porta de entrada de seu quarto. Ela trazia uma faixa negra ao redor da cintura. Sonea pôs-se rapidamente de pé e curvou-se.

— Lady Vinara.

Sonea observou cuidadosamente a Mestra dos Curadores. Era difícil avaliar o estado de espírito da Curadora, já que a expressão de Vinara sempre parecia rígida e fria. Os olhos cinzentos se mostravam ainda mais duros do que de costume.

— É um pouco tarde para ficar estudando — observou Vinara.

Sonea deu uma olhada em sua mesa.

— Estou trabalhando para alcançar a classe de inverno.

— Foi o que ouvi dizer. — Vinara fez um gesto em direção à porta, que se

fechou. Antes que batesse, Sonea viu de relance que Tania olhava ansiosamente.

— Quero lhe falar em particular.

Sonea indicou-lhe sua cadeira, e em seguida sentou-se na beirada da cama. Ela observava, o estômago tenso de medo, enquanto Vinara se sentava e compunha seus trajes.

— Está ciente de certos rumores em relação a Lorde Rothen e você?

Sonea concordou.

— Vim até aqui para questioná-la sobre eles. É preciso que seja honesta comigo, Sonea. São assuntos sérios. Existe algo de verdadeiro neles?

— Não.

— Lorde Rothen não teria sugerido nada impróprio?

— Não.

— Ele não... a tocou, de alguma forma?

Sonea sentiu um calor no rosto.

— Não. Nunca. É apenas um rumor sem sentido. Rothen jamais me tocou, nem eu jamais o toquei. Passo mal só de ouvir mencionarem isso.

Vinara acenou lentamente com a cabeça.

— Fico feliz em sabê-lo. Lembre-se, se algo a amedrontar ou se você se sentir coagida de alguma forma, não precisa ficar aqui. Nós a ajudaremos.

Sonea engoliu a raiva.

— Obrigada, mas não está havendo nada por aqui.

Os olhos de Vinara se estreitaram.

— Devo lhe dizer ainda que, se fosse comprovada a veracidade de tais rumores e o seu envolvimento neles, sua permanência no Clã estaria prejudicada. No mínimo, você perderia Rothen como guardião.

É claro que Regin adoraria isso. Seria o que ele buscava há tanto tempo.

Sonea rangeu os dentes.

— Se isso chegar a tal ponto, Lorlen pode me fazer prestar juramento novamente.

Vinara se aprumou e desviou o olhar.

— Esperamos que não chegue a esse ponto. — E, inspirando, disse: — Bem, sinto ter levantado essas questões delicadas. Você deve entender que é meu dever investigar. Se tiver alguma coisa que deseje discutir, procure-me.

Levantou-se e olhou Sonea de modo firme e crítico.

— Você está exausta, minha jovem. Estudo em demasia vai lhe fazer mal. Tente dormir um pouco.

Sonea concordou. Viu Lady Vinara abrir a porta e desaparecer, depois esperou até ouvir Tania fechar a porta principal para os alojamentos. Então, virou-se e esmurrou o travesseiro com punhos cerrados.

— Queria matá-lo! — urrou. — Queria afogá-lo no Rio Tarali com pedras amarradas aos pés para que ninguém jamais encontrasse seu corpo.

— Lady Sonea?

Ao ouvir aquela voz tímida, Sonea ergueu o olhar, tirando do rosto os cabelos que caíam desgrenhados.

— Sim, Tania?

— Qu-quem a senhora quer matar?

Sonea atirou o travesseiro no lugar.

— Regin, claro.

— Ah! — Tania sentou-se na beirada da cama. — Por um momento, a senhora me deixou preocupada. Eles andaram me fazendo perguntas também. Eu não acreditei naquilo, claro, mas eles me recomendaram todas aquelas coisas para tomar cuidado e... Bem eu...

— Não se preocupe, Tania. — Suspirou Sonea. — Só uma pessoa no Clã

tentou fazer algo semelhante comigo.

A serviçal arregalou os olhos.

— Quem?

— Regin, claro.

Tania franziu a testa.

— O que a senhora fez?

Sonea sorriu ao recordar-se.

— Apenas um truquezinho que aprendi com Cery. — Levantando-se, começou a contar.

Já era tarde quando Lorlen voltou ao seu gabinete na Universidade. Mais cedo naquele dia, Lorde Osen, seu assistente, trouxera uma pequena caixa com o correio. Examinando o conteúdo, Lorlen vira um pequeno pacote vindo de Elyne no meio das outras cartas. Ele o colocara de lado para ler mais tarde.

Com o globo de luz aceso, Lorlen desembrulhou o pacote. Abriu-o e observou com gosto a letra elegante de Dannyl. A escrita do jovem mago era clara e segura. Lorlen recostou-se na cadeira e começou a ler.

“Ao Administrador Lorlen.

Fui pela primeira vez à Grande Biblioteca e há uma semana tenho ali retornado todas as noites para continuar minha pesquisa. O Bibliotecário Irand me indicou o mesmo acadêmico que ajudara o Lorde Supremo em sua busca: Tayend de Tremmelin. Esse homem possui uma memória extraordinária das visitas do Lorde Supremo e tenho progredido bastante.

Segundo Tayend, o Lorde Supremo mantinha um diário no qual fazia anotações, copiava passagens de livros e desenhava mapas. Orientado pelo acadêmico, li atentamente metade das fontes consultadas pelo Lorde Supremo e transcrevi muito do que seria útil, inclusive tudo o de que Tayend se recordava

como sendo do interesse do Lorde Supremo.

Há vários assuntos que eu poderia investigar a partir daqui, assim como aconteceu com o Lorde Supremo. Muitos deles exigem uma ida a um túmulo, a um templo ou a uma biblioteca nas Terras Aliadas. Quando concluir a leitura, saberei de todas as possibilidades consideradas pelo Lorde Supremo. A partir daí, terei de escolher qual delas vou investigar.

Para ajudar-me na decisão, Tayend foi até o cais onde, há muitos anos, são mantidos os registros de todas as chegadas e partidas. Ele encontrou uma menção a um Lorde Akkarin, que aqui chegou há mais de dez anos, depois partiu para Lonmar alguns meses mais tarde, voltando, em seguida, para Capia para tomar um outro navio para as Ilhas Vin, regressando novamente para Capia um mês mais tarde. Não havia mais registros.

Tendo em vista as informações que colhi, é provável que o Lorde Supremo tenha estado no Templo Esplêndido em Lonmar. Transcrevi minhas anotações e as incluí nesta carta.

Segundo Embaixador do Clã em Elyne,

Dannyl.”

Deixando de lado a carta, Lorlen folheou todas as anotações incluídas. Eram claras e bem escritas, descrevendo e reunindo pedaços de informações de muito tempo antes da formação do Clã. No final, na última página, Dannyl incluíra uma pequena anotação.

“Encontrei um livro que descrevia a Guerra Sachakan logo após o acontecimento. Ele é notável no sentido de que descreve o Clã como o inimigo — e pinta, sem dúvida, um quadro nada elogioso! Depois que terminar esta tarefa, voltarei à biblioteca para lê-lo por inteiro.”

Lorlen sorriu. Se soubesse que Dannyl era tão bom em pesquisa, teria

recorrido a ele antes. Embora ainda não tivesse descoberto nada que pudesse ser usado contra Akkarin, Dannyl havia reunido muitas informações num curto espaço de tempo. As esperanças de Lorlen quanto à possibilidade de que algo útil fosse encontrado haviam se fortalecido.

Além do mais, nenhuma pergunta estranha fora feita. Conforme suas expectativas, Dannyl era sensato o suficiente para manter o assunto em sigilo mesmo ignorando as razões para tal. Caso ele tivesse mesmo descoberto algo que o levasse a suspeitar que Akkarin aprendera magia negra, Lorlen tinha certeza de que o jovem mago lhe teria confidenciado.

E agora? Lorlen crispou os lábios, pensativo. Provavelmente, teria de contar a verdade a Dannyl. Confiava, porém, que o jovem mago reconhecesse a sabedoria de evitar um confronto com Akkarin até que isso pudesse ser feito sem risco. Saber que Rothen e Sonea haviam concordado com esse plano também ajudaria a convencer Dannyl a permanecer calado.

No entanto, seria melhor evitar contar a Dannyl a verdade pelo máximo de tempo possível. Por ora, Lorlen o ajudaria a reunir tantas informações quanto pudesse. Pegando uma folha de papel, escreveu uma carta ao Primeiro Embaixador do Clã. Selou-a cuidadosamente, subscreveu o endereço da Casa do Clã em Elyne e, em seguida, colocou-a em outra caixa sobre a mesa. Lorde Osen providenciaria um emissário para levá-la no dia seguinte.

Lorlen levantou-se e guardou a carta de Dannyl com as anotações numa caixa onde mantinha documentos importantes. Tratou de fortalecer a barreira mágica que impedia que outros tivessem acesso ao conteúdo da caixa e, em seguida, guardou-a num armário por trás de sua mesa. Ao sair do aposento, permitiu-se um leve sorriso.

“Akkarin estava certo ao afirmar que eu escolhera o homem adequado para o posto de Segundo Embaixador do Clã em Elyne”, pensou.

Capítulo 9

Pensando no Futuro

–Você conseguiria uma dessas, mais simples? — perguntou Sonea, empunhando a escova de cabelos de prata.

— Ah, até isso também? — Suspirou Tania. — A senhora não vai levar nada de bonito?

— Não. Nada de valor e nada do que eu gosto.

— Mas está deixando tanta coisa para trás... Que tal um lindo vaso? Eu lhe levarei flores de vez em quando. Isso vai enfeitar bastante o quarto.

— Estou acostumada a muito pior, Tania. Quando eu der um jeito de esconder ou proteger as coisas, devo voltar e pegar alguns livros.

Sonea olhou o conteúdo de uma caixa sobre a cama.

— É isso.

Com um suspiro, Tania pegou a caixa e retirou-a do quarto. Seguindo-a, Sonea encontrou Rothen entrando na sala de visitas. Tinha a testa franzida e, ao vê-la, correu até ela, tomando-lhe as mãos.

— Sinto muito por isso, Sonea — começou. — Eu...

— Não se desculpe, Rothen — disse-lhe ela. — Sei que deve ter feito o que podia. É melhor que eu vá.

— Mas não faz sentido. Eu poderia...

— Não — ela lhe disse, com um olhar equilibrado. — Tenho de ir. Se eu não for, Regin vai fazer com que eles encontrem fundamento nisso. E ainda assim ele

poderá tentar, se seu objetivo for excluir você como meu guardião. Aí então os mestres podem me ignorar e eu nada poderei fazer a respeito.

Ele desfez o cenho.

— Não havia pensado nisso — murmurou. — Não é justo que um simples aprendiz nos cause tantos problemas.

Ela sorriu.

— Não, mas ele não me impedirá de passar à sua frente, não é? Vamos continuar nosso trabalho.

Rothen concordou.

— Sim, vamos.

— Então, nos encontramos fora da Biblioteca dos Magos dentro de uma hora?

— Sim.

Ela apertou suas mãos e as largou. Fez um sinal com a cabeça para Tania. A criada levantou a caixa e levou-a até a porta. Ao passar pela porta, Sonea olhou para trás e sorriu para Rothen.

— Vou ficar bem.

Ele sorriu discretamente de volta. Virando-se, Sonea saiu pelo corredor com Tania a seu lado.

Os Alojamentos dos Magos estavam especialmente agitados para uma manhã de Dia Livre. Sonea ignorou os olhares dos magos que passavam, evitando encará-los, pois sabia que seria muito difícil esconder a raiva que estava sentindo. Ela mal ouviu o que Tania resmungava acerca de justiça ao pegarem a escada, mas não pediu que repetisse. Sonea já ouvira muito esse tipo de conversa nos últimos dias.

Ela expressara uma bravura bem maior do que de fato sentia, nos aposentos de Rothen. Uma vez nos Alojamentos dos Aprendizes, não haveria como fugir de Regin. Ela poderia trancar seu quarto com magia — Rothen a havia ensinado como —, mas tinha certeza de que Regin encontraria alguma forma de atingi-la.

E ela não poderia estar ali o tempo todo.

Esta era a vingança por ela ter caluniado a Casa dele. Deveria tê-lo atirado ao chão e o deixado ali. Mas tinha que ter aberto a boca para insultá-lo e ele não permitiria que ela levasse a melhor. Benfeito por ignorá-lo na esperança de que ele se aborrecesse e a deixasse em paz.

Agora não eram apenas os aprendizes a murmurar seu nome pelos corredores. Já ouvira cochichos suficientes entre os magos para saber a opinião deles a seu respeito. Nenhum dos magos realmente se importava em saber quem dera início ao rumor e por quê. “Em princípio, rumores como esse jamais deveriam começar”, conforme um mestre havia dito. Morar com Rothen parecia suspeito, principalmente quando seu passado era levado em conta. Como se toda mulher da favela fosse uma vadia!

Sonea ouvira muitos perguntarem por que ela deveria ser tratada de forma diferente dos demais aprendizes. Eles tinham de morar nos Alojamentos dos Aprendizes. E ela também.

Chegando às portas dos Alojamentos dos Magos, Sonea começou a atravessar o pátio. O calor escaldante do alto verão já se fora há muito tempo e o dia estava agradavelmente ameno. Ela podia sentir a irradiação morna que subia do calçamento de pedra.

Sonea jamais entrara nos Alojamentos dos Aprendizes. Apenas uma vez, durante a noite, ela e Cery tinham se enfiado no Clã havia muito tempo, e ela espiara por uma janela o interior dos quartos. Eram pequenos, simples e sem decoração.

Diversos grupos de aprendizes estavam em volta da entrada. Pararam de conversar para observá-la, alguns se inclinando para cochichar. Sonea lançou sobre eles um olhar plácido ao passar e penetrou pelas portas abertas.

Mais aprendizes atravessavam o corredor interno e Sonea resistiu à tentação de buscar rostos familiares. Tania passou para o lado direito da entrada e bateu à porta.

Enquanto esperavam, Sonea espreitou os aprendizes no corredor com o canto

dos olhos. Queria saber onde estava Regin. Certamente, estaria presente nesse breve momento de vitória.

A porta se abriu e um Guerreiro magro e empertigado olhou Sonea de alto a baixo. Ela curvou-se e considerou os resmungos e queixas que ouvira sobre o Diretor dos Alojamentos dos Aprendizes. Ahrin não era benquisto.

— Então, você por aqui — disse ele friamente. — Siga-me.

Com passos largos, seguiu pelo corredor, os aprendizes desviando-se de seu caminho e parou em frente a uma porta não muito longe dali. A porta se abriu para mostrar um quarto simples e pequeno como os que estavam em sua memória.

— Nenhuma modificação no quarto — disse Ahrind. — Nenhum visitante após soar o gongo da noite. Se tiver que se ausentar, seja pelo número que for de noites, informe-me, por favor, dois dias antes. O quarto deve ser mantido limpo e arrumado. Combine com os criados conforme necessário. Estou sendo claro?

Sonea balançou a cabeça, concordando.

— Sim, meu senhor.

Ahrind virou-se e saiu em grandes passadas. Sonea trocou olhares com Tania, entrou no quarto e olhou em volta.

Era um pouco maior do que seu quarto anterior, com uma cama, um armário para as roupas, uma escrivaninha e algumas prateleiras. Dirigindo-se à janela, vislumbrou a Arena e os jardins. Tania colocou a caixa sobre a cama e começou a retirar o conteúdo.

— Não vi o tal sujeito — observou Tania.

— Não. O que não significa que não estivesse olhando, ele ou um de seus seguidores.

— É bom que a senhora esteja bem perto da entrada.

Concordando, Sonea retirou da caixa os cadernos, as canetas e papel e guardou-os nas gavetas da escrivaninha.

— Provavelmente Ahrind quer ficar de olho em mim. Assegurar que eu não seja uma influência maligna.

Tania fez um barulho alto.

— Os criados não gostam muito dele. Se eu fosse a senhora, não lhe daria razões para que ele me notasse. O que vai fazer em relação às refeições?

Sonea deu de ombros.

— Jantarei com Rothen. Ou... No Refeitório, espero. Devo conseguir penetrar ali, pegar alguma coisa e escapar de volta antes que Regin termine.

— Posso lhe trazer algo para comer, se desejar.

— Você não deve fazer isso. — Suspirou Sonea. — Apenas se transformaria num alvo.

— Virei com um dos outros criados ou farei com que um deles pegue algo para a senhora. Não vou deixar que aquele sujeito a prive de alimento.

— Ele não vai fazer isso — garantiu-lhe Sonea. — Agora está tudo desempacotado.

Ela pousou a mão sobre a porta do armário e, em seguida, sobre a gaveta da escrivaninha.

— Está tudo trancado. Vamos encontrar Rothen na Biblioteca dos Magos.

Sorrindo, Sonea colocou a criada para fora do quarto, trancou-o e partiu para a Universidade.

— O que é isto no meu bolso? — Tirando um maço de papel do bolso do casaco, Tayend o examinou. — Ah, as anotações que fiz na ida ao cais. — Ele as leu, franzindo a testa. — Akkarin tinha ficado fora por seis anos, certo?

— Sim — respondeu Dannyl.

— Isto significa que ele passou cinco deles aqui, depois de haver regressado das Ilhas Vin.

— A não ser que ele tenha ido por terra a alguma outra parte — observou Dannyl.

— Para onde? — Tayend indagou. — Gostaria de poder perguntar à família que o acolhera, mas é provável que eles informem a Akkarin que alguém esteve perguntando sobre ele e você parece querer evitar isso. — Bateu com os dedos na balaustrada do navio.

Dannyl sorriu e virou o rosto contra o vento. Passara a gostar do acadêmico desde que haviam começado a trabalhar juntos. Tayend tinha a mente ágil e boa memória, era afável e bom assistente. Quando se oferecera para acompanhar Dannyl na viagem para Lonmar, este se mostrara surpreso e satisfeito. Tinha perguntado se Irand o permitiria.

— Ah, eu só trabalho aqui porque quero — Tayend respondera, visivelmente alegre. — Na verdade, eu não trabalho, por assim dizer. Administro a biblioteca em troca de me fazer útil aos visitantes e pesquisadores.

Quando Dannyl expressara seu desejo de ir a Lonmar e Vin, tinha certeza de que o Primeiro Embaixador o desaprovaria. Afinal, ele só ficaria em Elyne poucos meses. Errend, no entanto, ficara radiante. Parecia que Lorlen havia pedido a ele que fosse àquelas terras para tratar de alguns assuntos diplomáticos e Errend não gostava nada de viagens de navio. Daí ele prontamente decidira que Dannyl iria em seu lugar.

Tudo tão misteriosamente conveniente...

— Como é que ele retornou ao Clã?

Surpreso, Dannyl virou-se para Tayend.

— Quem?

— Akkarin.

— Dizem que ele se acercou dos Portões do Clã, todo sujo e mal trajado, e ninguém o reconheceu a princípio.

Tayend arregalou os olhos.

— Verdade? Ele disse por quê?

Dannyl deu de ombros.

— Possivelmente. Devo admitir que não prestei muita atenção, na época.

— Gostaria que pudéssemos perguntar a ele.

— Se estamos procurando por magia antiga, a razão para Akkarin aparecer em andrajos ao final de sua busca provavelmente não vai nos dizer nada. Lorlen disse que sua procura não estava concluída, lembre-se.

— Ainda assim gostaria de saber — insistiu Tayend.

O barco balançou ao passar pela entrada da baía. Olhando para trás, Dannyl suspirou, admirando a cidade radiosa. Sem dúvida, ele tivera sorte ao ser indicado para o cargo de Embaixador do Clã em um lugar daqueles. Tayend tratou de esconder o maço de papéis.

— Adeus, Capia — disse ele, melancólico. — É como deixar os braços da bela amada, a quem você displicentemente não dá importância. Só na partida é que se dá conta do que tem.

— Dizem que o Templo Esplêndido é um lugar magnífico.

Tayend deu uma olhada pelo deque do navio.

— Sim, e o veremos com nossos próprios olhos. Que aventura nos aguarda! Quantas vistas deslumbrantes e experiências memoráveis... E que fantástica forma de viajar.

— Você pode querer esperar até ver seu quarto antes de vir com qualquer outra grande descrição da nossa jornada... Embora, tenho de dizer, você vá considerar o ato de dormir nele uma experiência inesquecível.

Tayend oscilava à medida que o navio singrava as ondas.

— Isso vai parar logo, não vai? Quando chegar a um ponto mais distante?

— Parar o quê? — Dannyl perguntou com certa malícia.

O acadêmico olhou-o aterrorizado, então correu até a amurada e vomitou.

Imediatamente, Dannyl se sentiu envergonhado por sua observação maldosa.

— Aqui. — Ele pegou a mão de Tayend e colocou a sua palma no pulso dele. Fechando os olhos, enviou seu conhecimento ao corpo do acadêmico, mas a percepção se desfez quando este afastou sua mão.

— Não. Não faça isso. — Tayend enrubesceu fortemente. — Vou ficar bem. Estou mareado, certo? Vou me acostumar a isso.

— Você não precisa ficar mal — disse Dannyl, confuso com a reação do acadêmico.

— Sim, preciso sim. — Tayend debruçou-se novamente sobre a amurada. Depois de um momento, curvou-se contra o parapeito e limpou a boca com um lenço. — Tudo isso é parte da experiência, sabem — disse ele às ondas. — Se me fizerem parar de sentir isso, não terei boas histórias para contar.

Dannyl deu de ombros.

— Bem, se mudar de ideia...

Tayend tossiu.

— Falo com você.

À medida que os derradeiros raios de luz passaram a iluminar apenas as folhas mais altas da floresta, Lorlen saiu da Universidade e tomou o rumo da Residência do Lorde Supremo.

Mais uma vez, ele precisará se esforçar para guardar tudo o que sabe em alguma parte obscura da mente. Mais uma vez sustentará conversas amistosas, contará algumas piadas e beberá do melhor vinho nas Terras Aliadas.

Outrora, ele confiara sua vida a Akkarin. Tinham sido muito próximos como aprendizes, confiando um no outro, defendendo um ao outro. Akkarin fora o mais inclinado a quebrar as regras do Clã e a propor travessuras. Lorlen franziu a testa. Teria isso dado origem ao seu interesse por magia negra? Estaria Akkarin burlando as regras apenas por diversão pessoal?

Ele suspirou. Não lhe agradava ter medo de Akkarin. Era mais fácil, em noites desse tipo, inventar uma boa razão para Akkarin estar usando magia negra. Mas sempre restavam dúvidas.

“A luta me enfraqueceu. Preciso da sua força.”

Que luta? Com quem Akkarin havia lutado? Recordando-se do sangue que cobrira Akkarin nas lembranças de Sonea, Lorlen só podia concluir que o adversário fora ferido gravemente. Ou assassinado.

Lorlen balançou a cabeça. As histórias que Derril e seu filho haviam contado eram estranhas e perturbadoras. Ambas envolviam vítimas que apareciam mortas apesar dos ferimentos sem gravidade. O que, no entanto, não era suficiente para provar que um mago do mal estivera em ação. Lorlen não podia deixar de pensar que, caso não estivesse preocupado com Akkarin, talvez se inclinasse mais a levar as mortes para a consideração de Vinara. A Curadora deveria saber uma forma de detectar se alguém tinha morrido por magia negra.

Se o Clã, porém, começasse a procurar por um mago do mal, haveria um confronto prematuro com Akkarin?

Lorlen suspirou ao parar em frente à porta da Residência do Lorde Supremo. Precisava afastar tais coisas da mente. Na verdade, alguns dos magos suspeitavam que o Lorde Supremo poderia ler pensamentos de longe. Embora não acreditando nisso, Akkarin tinha de fato uma capacidade de descobrir segredos antes de qualquer um.

Como sempre, a porta abriu-se para dentro tão logo ele bateu. Ao entrar, encontrou Akkarin de pé, a alguns passos dali, estendendo-lhe uma taça de vinho.

Lorlen sorriu e aceitou a taça.

— Obrigado.

Pegando outra taça numa mesa próxima, Akkarin levou-a aos lábios e olhou para Lorlen por sobre a borda.

— Você parece cansado.

Lorlen assentiu.

— Não estou surpreso. — Ele balançou a cabeça e virou-se, procurando uma cadeira.

— Takan disse que o jantar estará pronto em alguns minutos — disse Akkarin. — Vamos lá em cima.

Dirigindo-se para o lado esquerdo da sala, Akkarin abriu a porta que dava para a escadaria e acenou chamando Lorlen. Ao subir, Lorlen sentiu um desconforto tomar conta dele e, de repente, teve consciência do mago, de túnica negra, que o seguia logo atrás. Afastou a sensação e entrou no longo corredor no topo da escadaria.

No meio do trajeto, uma porta dupla se abriu, convidando Lorlen a entrar na sala de jantar. Takan estava lá dentro. Ante a reverência do criado, Lorlen resistiu a olhar o homem muito de perto, embora houvera várias oportunidades de examinar Takan desde que soubera das atividades de Akkarin.

Takan dirigiu-se a uma cadeira e a afastou. Sentando-se nela, Lorlen o viu proceder da mesma forma em relação ao Lorde Supremo, e sair rapidamente em seguida.

— O que o está perturbando, Lorlen?

Lorlen olhou para Akkarin, surpreso.

— Me perturbando?

Akkarin sorriu.

— Você parece distraído. No que está pensando?

Passando a mão entre os olhos, Lorlen suspirou.

— Precisei tomar uma decisão desagradável esta semana.

— Ah? Lorde Davin está tentando comprar mais materiais para seus experimentos climáticos?

— Não... Bem, é isso também. Tive de mudar Sonea para os Alojamentos dos Aprendizes. Pareceu-me uma crueldade já que ela obviamente não está se dando

bem com os colegas de turma.

Akkarin deu de ombros.

— Ela teve sorte em poder ficar tanto tempo com Rothen. Em algum momento, alguém iria acabar protestando. É uma surpresa para mim que a questão não tenha sido levantada antes.

Concordando, Lorlen acenou com uma das mãos.

— Está feito. Só posso tentar ficar de olho na situação entre ela e seus colegas e alertar Lorde Garrel no sentido de conter as artimanhas de Regin.

— Você pode tentar, mas mesmo que pedisse a Garrel para seguir seu aprendiz, isso não impediria o rapaz de fazer o que quer que ele esteja fazendo. Se Sonea deseja ser respeitada pelos demais aprendizes, terá de aprender a se defender sozinha.

Takan chegou com uma travessa e serviu pequenas tigelas de sopa. Envolvendo a tigela com os dedos longos de uma das mãos, Akkarin sorveu um gole, provou, e sorriu.

— Você sempre menciona Sonea quando vem aqui — observou ele. — Não é do seu feitio demonstrar interesse por um aprendiz em especial.

Lorlen engoliu cuidadosamente a porção da sopa salgada que lhe enchia a boca.

— Estou curioso para ver quão bem ela vai se sair... Para ver quanto de suas origens dificulta seu progresso. É de nosso total interesse fazer com que ela se adapte à nossa maneira e que realize seu potencial, sendo assim, tomo nota de seus progressos de tempos em tempos.

— Pensando, talvez, em recrutar mais nas classes mais baixas?

Lorlen fez uma careta.

— Não, e você está?

Desviando o olhar, Akkarin ergueu levemente os ombros.

— Às vezes. Devemos estar desperdiçando grande quantidade de potencial ao

ignorar tanto o povo. Sonea é prova disso.

Lorlen gargalhou.

— Nem mesmo você persuadiria o Clã a fazê-lo.

Voltando com uma bandeja maior, Takan colocou-a entre Lorlen e Akkarin. Retirou as tigelas vazias e as substituiu por pratos. Depois que o criado desapareceu novamente, Akkarin começou a escolher entre as várias iguarias dispostas na bandeja.

Fazendo o mesmo, Lorlen soltou um breve suspiro de satisfação. Era bom poder ter um jantar normal de novo. As refeições rápidas que fazia em seu gabinete nunca se comparavam a uma comida feita na hora.

— Que novidades você tem? — ele perguntou.

Entre uma e outra garfada, Akkarin descreveu as peripécias do Rei e sua corte.

—Tenho ouvido relatos positivos de nosso novo Embaixador em Elyne — acrescentou. — Parece que diversas jovens solteiras foram apresentadas a ele, mas ele se mostrou educadamente desinteressado em relação a todas elas.

Lorlen sorriu.

— Estou certo de que ele está se divertindo. — Fazendo uma pausa, Lorlen considerou que seria uma boa oportunidade para perguntar a Akkarin sobre suas viagens. — Eu o invejo. Diferentemente de você, nunca tive a chance de viajar e nem sei se ainda terei tempo a esta altura. Você teria escrito um diário? Sei que costumava manter um quando éramos aprendizes.

Akkarin fitou Lorlen, curioso.

— Lembro-me de certo aprendiz que costumava tentar ler meu diário sempre que havia oportunidade.

Dando uma gargalhada, Lorlen baixou os olhos na direção do prato.

— Não mais. Estou apenas procurando por um diário de viagem para ler à noite.

— Não tenho como ajudá-lo — disse Akkarin. Ele suspirou e meneou a

cabeça. — Meu diário e todas as anotações feitas foram destruídos durante a última parte de minha viagem. Em várias ocasiões, desejei ter feito uma cópia e, às vezes, alimento a ilusão de voltar e recolher todas as informações novamente. Assim como você, tenho responsabilidades que me mantêm em Kyralia. Talvez, quando ficar velho, eu dê outra escapulida.

Lorlen concordou.

— Aí então terei de procurar por histórias de viagens noutra parte.

Quando Takan voltou para recolher a bandeja, Akkarin começou a sugerir livros. Lorlen anuiu e tentou mostrar-se atento, mas uma parte de seu pensamento estava já bem à frente. Conhecendo Akkarin, provavelmente deveria existir um diário. Teria ele referências a magia negra? Teria sido realmente destruído ou Akkarin estaria mentindo? Deveria estar em alguma parte da Residência do Lorde Supremo. Será que ele poderia se insinuar e procurar por ele?

No entanto, enquanto Takan servia tigelas com piorres cozidos em calda de vinho, Lorlen sabia que essa tal busca seria arriscada. Caso Akkarin encontrasse a mínima evidência de um intruso, ele estaria alerta para a possibilidade de alguém saber do seu segredo. Melhor aguardar para ver se Dannyl descobriria qualquer coisa antes de tentar algo assim tão perigoso.

Capítulo 10

O Trabalho Duro Compensa

— Lorde Kiano, Sonea conseguiu concluir as provas de meio de ano — Jerrik informou. — Eu a transferi para esta turma.

Oito pares de olhos caíram sobre Sonea. Os aprendizes estavam em semicírculo em torno da mesa do mestre. Ela olhou para cada um dos rostos, tentando decifrar suas expressões. Não encontrou sorrisos de deboche, mas também não viu manifestações de boas-vindas.

O mestre era um vindo baixo e atarracado, de olhos sonolentos. Ele acenou com a cabeça para o Diretor da Universidade e Rothen, então, olhou para Sonea.

— Pegue uma cadeira no final da sala e junte-se aos outros.

Sonea fez uma mesura e dirigiu-se à pilha de cadeiras próxima à parede mais distante. Pegando a cadeira, ela observou os aprendizes. Com eles de costas para ela, não tinha como ver os rostos e saber quem poderia se importar se ela sentasse perto. Então, conforme caminhava de volta para a frente da sala, um menino olhou para ela e sorriu timidamente. Ela partiu na direção dele e sentiu-se gratificada ao vê-lo afastar um pouco a cadeira para o lado e dar-lhe espaço.

Rothen e Jerrik tinham se retirado da entrada. O eco de suas passadas no corredor rapidamente desapareceu. Lorde Kiano pigarreou, olhou ao redor da classe e retomou a preleção.

Os demais aprendizes se inclinaram sobre os cadernos, escrevendo rápido. Conforme o Curador ditava rapidamente uma série de doenças e os remédios que deveriam ser usados para tratá-las, Sonea logo pegou uma folha de papel e começou a tomar notas de forma desordenada de tudo o que ouvia. Ela não tinha

ideia do que deveria anotar, então escreveu cada palavra em garranchos desordenados, suspeitando que mais tarde teria problemas para decifrá-los. Quando Lorde Kiano finalmente fez uma pausa para desenhar um diagrama no quadro, ela conseguiu olhar cuidadosamente para os outros aprendizes.

Uma menina e seis meninos. Com exceção de um jovem lan alto, um elyne e um menino vindo, os restantes eram kyralianos — apesar de o menino a seu lado ser excepcionalmente baixo, ele poderia ser meio vindo. Sua pele era manchada e o cabelo pendia em tranças frouxas.

Sentindo o olhar de Sonea, ele sorriu timidamente, e em seguida com mais ênfase à medida que ela lhe retribuía o sorriso. Os olhos se voltaram, então, para a folha na sua mão e ele franziu as sobrancelhas. Ele virou suas anotações de modo que ela pudesse lê-las e escreveu no canto de uma folha.

“Você pegou tudo?”

Sonea deu de ombros e escreveu no canto da sua folha: “Espero que sim... Ele fala muito rápido”.

O menino começou a escrever outra coisa, mas, em seguida, Lorde Kiano iniciou uma explicação detalhada do desenho e, para surpresa tanto de Sonea quanto de seu companheiro, eles compreenderam que deveriam tê-lo copiado. Por alguns minutos, ela rabiscou e desenhou o mais rápido possível. Antes que conseguisse terminar, o som familiar do gongo informando a pausa do meio-dia para o almoço ecoou por toda a Universidade.

Lorde Kiano se colocou de pé em frente à turma.

— Antes da próxima aula, quero que estudem e memorizem os nomes e o poder das plantas com qualidades expectorantes, conforme detalhado no capítulo cinco. Podem ir.

Como se fossem um, os aprendizes se levantaram e fizeram reverência ao mestre. Este se virou para o quadro e fez um movimento com a mão. Para horror de Sonea, o diagrama desapareceu da sua superfície.

— Quanto você copiou?

Sonea se virou. O menino estava em pé próximo a ela, esticando o pescoço para ver suas anotações. Sonea virou a página para mostrar a ele.

— Nem tudo, mas parece que você anotou algumas coisas que eu perdi. Eu posso... Podemos comparar nossas anotações?

— Sim. Se... Se você não se importar.

Os outros aprendizes tinham pegado seus pertences e estavam saindo da sala. Alguns olharam para ela, talvez curiosos sobre a nova colega de classe. Sonea olhou para o menino.

— Você vai para o Refeitório?

O sorriso empalideceu um pouco.

— Sim.

— Então vou com você.

Ele concordou com um gesto de cabeça e seguiram o restante da classe pelo corredor. Os aprendizes andavam em pares, mas ficavam próximo o suficiente para sugerir que todos deveriam permanecer juntos. Alguns olharam rapidamente para ela, mas nenhum se afastou nem fez nenhuma tentativa óbvia de humilhá-la.

— Qual o seu nome? — perguntou ao menino.

— Poril. Família Vindel, Casa Heril.

— Eu sou Sonea. — Ela procurou por qualquer outra coisa para perguntar. — Todos vocês já estão aqui desde o último inverno?

— Ah, todos menos eu. — Poril deu de ombros. — Comecei no verão anterior.

Um aprendiz lento. Ela pensou no que o estaria atrapalhando. Ele poderia ser forte em termos de magia, mas ainda ter dificuldade na compreensão das lições ou poderia simplesmente ser muito fraco para executar as tarefas que recebia.

Poril começou a falar sobre a família, os irmãos e irmãs — que eram seis — e sobre inúmeros outros detalhes a respeito dele mesmo. Ela assentiu e o

encorajou, temendo as inevitáveis perguntas sobre si mesma.

A turma desceu para o andar térreo da Universidade e entrou no Refeitório. Conforme se encaminhavam para uma mesa, Sonea hesitou, mas Poril deu um passo à frente e calmamente sentou em uma das cadeiras. Ela sentou ao seu lado e ficou aliviada pelos outros a terem aceitado sem protesto.

Os criados trouxeram bandejas de comida e todos começaram a comer e beber. Ela ouviu cuidadosamente conforme discutiam sobre pessoas que não conhecia e sobre a aula. Eles pareciam distraídos em relação à sua presença, até que um dos meninos olhou diretamente para ela.

— Você é da turma de Regin, não é? — perguntou, acenando em direção a um lado da sala.

O estômago de Sonea se retorceu. Então sua antiga turma era conhecida como “a turma de Regin”.

— Sim — ela admitiu.

Ele fez um gesto com seus talheres.

— Foi um tempo difícil para você, pelo que ouvi.

— Às vezes.

O menino assentiu, dando de ombros.

— Bem, você não terá esse problema conosco. Não há tempo para brincadeiras agora. Você terá que trabalhar muito. Não são mais exercícios de Controle. — Os outros aprendizes concordaram.

Ela conteve uma risada. Lições de Controle? Ele certamente não sabia muito da história dela... Ou sabia e isso era apenas um tipo mais sutil de zombaria ao qual ela estava acostumada.

A conversa mudou para outros assuntos. Lembrando-se da atitude do menino ao falar de Regin, ela deu uma olhada para sua direita. Rostos familiares a olhavam de algumas mesas à frente. Ela imaginou o que eles teriam pensado quando ela não aparecera para as aulas naquela manhã. Provavelmente,

esperavam que não passasse nas provas de meio de ano.

Tinha sido um trabalho duro. Três meses haviam se passado desde que ela começara na Universidade e nesse tempo ela completara seis meses de trabalho. Em seguida, tivera de compensar o trabalho da turma de inverno, o que significava comprimir o trabalho de outros seis meses em três. Isso não tinha sido fácil.

Sentindo seu olhar, Regin ergueu a vista do prato e a fitou. Eles se entreolharam. Estreitando os olhos, ele empurrou a cadeira para trás.

Uma pontada de apreensão acabou com a satisfação de Sonea e ela rapidamente desviou o olhar. O que ele planejara fazer? Pelo canto do olho, ela viu Kano pôr a mão no braço de Regin. Eles conversaram por alguns minutos. Regin recolocou a cadeira de volta junto à mesa e Sonea soltou a respiração que havia prendido.

Ela ergueu o olhar enquanto a criada oferecia um prato de comida. Em seguida, com um gesto, mandou a mulher embora, pois havia perdido o apetite. Regin podia não estar mais na sua turma, mas isso não o impedia de assediá-la no Refeitório, ou nas idas e vindas para os Alojamentos dos Aprendizes. Pelo canto dos olhos, ela podia vê-lo se virar para olhá-la novamente. Não, ela não estava completamente livre dele.

Mas Sonea tinha agora a chance de fazer um amigo. Olhando para os rostos ao seu redor, sentiu um fio de esperança. Ela poderia se tornar amiga de todos eles.

Rothen sentiu uma presença ao seu lado e olhou para cima.

— Perdoe-me por interromper — disse Lorde Jullen formalmente —, mas gostaria de fechar a biblioteca agora.

— Certamente — assentiu Rothen, já levantando. — Só vamos juntar o nosso material.

Quando o bibliotecário voltava para sua mesa próxima à porta da Biblioteca dos Magos, Sonea suspirou e fechou o grande livro que estivera lendo.

— Nunca pensei que os corpos das pessoas fossem tão complicados.

Rothen riu.

— Isto é só o começo.

Eles guardaram tudo de forma eficiente. Livros foram rapidamente fechados, papéis postos em caixas, canetas e tinteiros guardados de forma segura. Rothen devolveu alguns volumes para as prateleiras da biblioteca e, então, conduziu Sonea para fora dali.

A Universidade estava escura e quieta, e Sonea permanecia em silêncio, caminhando a seu lado. Impossibilitados de trabalhar em seus aposentos por medo de levantar novas suspeitas, ele sugerira que usassem os aposentos dela. Ela balançou a cabeça negativamente, e ressaltou que Regin poderia facilmente persuadir outros aprendizes a vir com a história de ruídos suspeitos ou conversas ouvidas ao acaso.

Sua sugestão de trabalhar na Biblioteca dos Magos fora brilhante. As aulas eram ministradas pelo bibliotecário, Lorde Jullen, e ela tinha acesso a livros que outros aprendizes precisavam de permissão especial para usar. Regin, assim como ela, só podia frequentar a biblioteca sob supervisão do seu guardião.

Rothen sorriu. Ele tinha de lhe admirar a habilidade em transformar uma situação ruim em vantagem para ela. Conforme chegaram do lado de fora, ele envolveu os dois com um escudo protetor mágico e aqueceu o ar no interior dele. As noites estavam cada vez mais frias. Havia folhas caídas recobrindo todo o chão do pátio, que provocavam leves ruídos, conforme eles pisavam no calçamento. Faltava apenas um mês para o inverno.

Chegando aos Alojamentos dos Aprendizes, eles entraram. O corredor estava vazio e silencioso. Rothen acompanhou-a até sua porta, e murmurou uma despedida. Ele se virou e ouviu o som da porta fechando atrás de si.

Ele subira uns poucos degraus, quando uma figura entrou no corredor. Reconhecendo o menino, Rothen diminuiu o passo e estreitou os olhos.

Eles se encararam de forma fixa. À passagem de Rothen, Regin virou a cabeça para manter o contato, o olhar inabalável apesar da desaprovação que Rothen

sabia que deveria estar exibindo em sua expressão. O menino retorceu a boca levemente para cima antes de finalmente ir embora.

Arfando suavemente, Rothen prosseguiu saindo dos Alojamentos dos Aprendizes. Regin só assediara Sonea uma ou duas vezes desde que ela se mudara para os novos alojamentos e de modo algum desde que ela trocara de sala. Ele nutrira esperanças de que o menino perdesse o interesse por ela. Mas, conforme Rothen percebia a confiança e a malevolência no olhar do menino, sentiu uma certeza crescente de que suas esperanças eram em vão.

— *Rothen!*

Reconhecendo imediatamente quem estava emitindo a mensagem, ele parou a meio passo e quase tropeçou.

— *Dorrien!* — respondeu.

— *Tenho boas notícias, pai. Lady Vinara decidiu que já é hora de eu me reportar a ela novamente. Em breve, irei ao Clã... Provavelmente dentro de um mês, mais ou menos.*

Sentimentos complexos permeavam a emissão de Dorrien. Rothen sabia que viajar para Imardin por causa de uma formalidade irritava seu filho. Dorrien não podia deixar de se preocupar com a possibilidade de o vilarejo onde vivera ficar sem um Curador por várias semanas. Havia ainda um entusiasmo reconfortante na emissão de Dorrien. Eles não se viam havia mais de dois anos.

Mas não era apenas aquilo. Ultimamente, todas as vezes que Rothen se comunicara com o filho, ele havia detectado uma curiosidade relutante. Dorrien queria conhecer Sonea.

— *Essas são boas notícias.* — Rothen sorriu e continuou caminhando para fora dos Alojamentos dos Aprendizes. — *Já se passou muito tempo desde que você me visitou. Gostaria que houvesse um meio de eu poder mandar você vir para casa.*

— *Pai!* — A emissão de Dorrien veio carregada de uma certa suspeita. — *Você não arranjou isso, arranjou?*

— *Não.* — Rothen riu com satisfação. — *Mas, posso pensar nisso para o futuro. Vou aprontar o seu antigo quarto para você.*

— *Vou ficar por duas semanas, então garanta um estoque daquele bom vinho do Distrito de Lake de Elyne. Estou absolutamente farto do bol local.*

— *Combinado. E traga um pouco de raka com você. Ouvi dizer que a raka do Distrito Oriental é a melhor. Sonea adora.*

— *É a melhor* — Dorrien disse com orgulho. — *Tudo bem, raka em troca de vinho. Eu entrarei em contato novamente quando partir. Preciso ir agora.*

— *Tome cuidado, meu filho.*

Rothen sentiu a presença familiar se esvair da sua mente. Ele sorriu ao alcançar os Alojamentos dos Magos. Dorrien podia estar curioso para conhecer Sonea, mas o que ela acharia dele? Rindo com satisfação, começou a subir os degraus para seus aposentos.

— Sinto-me melhor esta noite — Tayend disse para o teto do seu camarote. — Eu lhe disse que acabaria me acostumando com isso.

Observando a estreita passagem que ia até onde seu amigo estava deitado, Dannyl sorriu. Tayend tinha cochilado a maior parte do dia. O calor fora sufocante e a umidade da noite tornava o sono impossível.

— Você não tinha de sofrer por tanto tempo. Certamente um dia de enjoo deveria ser aventura suficiente para você.

Tayend olhou para Dannyl, envergonhado.

— Sim.

— Você está com medo de ser curado, não está?

O acadêmico concordou com a cabeça, mais como um tremor.

— Nunca encontrei alguém que ficasse, mas ouvi dizer que aconteceu antes. — Dannyl franziu as sobrancelhas. — Posso perguntar por quê?

— Prefiro não conversar sobre isso.

Dannyl assentiu com a cabeça. Levantando-se, espreguiçou-se o melhor que podia. Era como se todos os navios mercantes tivessem acomodações apertadas — o que se dava provavelmente devido à pequena estatura de seus construtores. Muitos dos navios que cruzavam os mares no entorno das Terras Aliadas eram construídos e conduzidos pelos vindos.

A navegação para Capia levara duas semanas e, ao chegar, sentiu-se sinceramente agradecido por pisar em terra firme de novo. A capital de Lonmar, Jebem, ficava a quatro semanas de viagem de Capia, e Dannyl já estava cansado do seu ambiente. Para piorar as coisas, o vento fora escasso nos últimos dias e o capitão o informara que, em consequência, o navio se atrasaria.

— Vou subir para pegar ar fresco.

Tayend resmungou uma resposta. Deixando o acadêmico, Dannyl avançou pela passagem e entrou na acomodação comum. Diferentemente da tripulação anterior, esta mantinha silêncio à noite. Sentavam-se em pares ou sozinhos, alguns amontoados nos sacos de dormir que usavam. Passando por eles, Dannyl galgou as escadas até a porta e subiu para o convés.

Um ar pesado o saudou. Apesar de ser outono em Kyralia, o tempo havia esquentado enquanto eles viajavam para o norte. Caminhando pelo convés, Dannyl cumprimentou com a cabeça os marinheiros a postos. Eles mal se importaram em responder, alguns o ignoraram completamente.

Ele sentia saudade da companhia de Jano. Nenhum dos marinheiros estava interessado em tentar conversar ou cantar com ele. Chegava a sentir falta de uma talagada do potente siyo.

As tochas mantinham o navio vivamente iluminado. À noite, de tempos em tempos, um marinheiro pegava uma de um poste e se debruçava sobre a amurada para inspecionar o casco do navio. Uma vez, Dannyl perguntou o que ele estava procurando, mas pelo olhar apático que recebeu, entendeu que o marinheiro não compreendera sua língua.

Era uma noite calma e Dannyl mostrava-se despreocupado, ao recostar-se na

amurada da popa, olhando a ondulação das ondas iluminadas. Ficava fácil, à noite, imaginar a sombra de uma onda como as costas de uma criatura deslizando pela água. Vez por outra, durante as últimas duas semanas, ele vislumbrara peixes saltando nas ondas. Alguns dias atrás, ficara exultante ao ver anyis nadando na onda produzida pela proa do navio. As criaturas espinhentas levantavam seus focinhos cabeludos, articulando gritos estranhos e assustadores.

Desviando o olhar, começou a andar ao longo da amurada, e então parou ao perceber vários pedaços pequenos de corda preta e grossa, espalhados pelo caminho. Dannyl franziu as sobrancelhas, pensando em como poderia ter facilmente tropeçado.

Foi aí que uma das cordas se moveu.

Dando um passo para trás, ele olhou fixamente para a coisa. Era muito macia para ser corda. E, de qualquer forma, por que uma corda deveria ser cortada em pedaços pequenos? Cada pedaço negro repugnante brilhava sob a luz da tocha.

Um deles se virou e começou a rastejar em sua direção.

— Eyoma!

O grito de alerta ecoou na noite e foi repetido por todo o convés. Dannyl olhou ao redor para os marinheiros com incredulidade.

— Pensei que fosse uma brincadeira — murmurou, afastando-se das criaturas. — Deveriam ser uma brincadeira.

— Eyoma! — Um marinheiro correu em sua direção, com uma grande panela numa das mãos e um remo na outra. — Sanguessuga-do-mar. Ei, você, fique longe da amurada!

Virando-se, Dannyl percebeu que havia mais criaturas atrás dele. Subiam para o convés por todos os lados. Ele se encaminhou para o meio do navio, e então se esquivou quando uma delas deu um pequeno salto em sua direção. Outra levantara metade do corpo para fora como se cheirasse o ar, mas ele não podia ver-lhe o nariz — apenas uma boca redonda e clara, cheia de dentes que pareciam afiados.

Passando por ele, o marinheiro balançou a panela que segurava e derramou o líquido, que caiu sobre as criaturas e o convés. Um odor familiar de nozes chegou às narinas de Dannyl e ele olhou inquisitivo para o marinheiro.

— Siyo?

As criaturas pareciam tão chocadas quanto Dannyl com o tal banho. Conforme se debatiam, o marinheiro as empurrava para a borda do navio com o remo. Seguiram-se pequenos respingos.

Mais dois marinheiros se juntaram ao primeiro. Eles se revezavam para reabastecer as panelas em um barril aberto, amarrado ao navio, derramavam o líquido sobre as sanguessugas e as varriam do convés. O procedimento era feito com tal eficiência que Dannyl começou a relaxar. Quando um dos tripulantes acidentalmente derrubou outra panela com o líquido, ele conteve uma risada.

Entretanto, as criaturas pretas continuavam a vir, inundando o convés em maior quantidade. Era como se a noite estivesse corroendo a borda do navio. Um dos marinheiros praguejou e olhou para baixo. Uma sanguessuga agarrara seu tornozelo. Ela prendeu o corpo na perna do marinheiro com velocidade alarmante. Ainda praguejando, derramou siyo sobre ela, o que fez com que ela se debatesse e se soltasse. Daí, ele a chutou do convés.

Recobrando-se, Dannyl se moveu para a frente, determinado a ajudar. Quando um dos marinheiros deu um passo à frente para empurrar as criaturas para fora, Dannyl pegou seu braço e o deteve. Gesticulando em direção às sanguessugas, Dannyl concentrou sua vontade e as empurrou. As sanguessugas se dispersaram, indo para fora do convés e caindo no mar.

Ele encontrou os olhos do marinheiro e o homem assentiu com a cabeça uma vez.

— Por que siyo? — Dannyl perguntou quando o homem trouxe outra panela. — Por que não empurrá-las apenas?

— Não Siyo — o homem disse, descartando o remo. — Yomi. Uma coisa que sobra quando faz siyo. Queima eyoma e param de voltar.

O marinheiro continuou a derramar o líquido e Dannyl continuou a empurrar

as criaturas. Então o navio começou a se deslocar de forma estranha na água, adernando levemente para um lado e o marinheiro praguejou.

— O que está acontecendo?

O homem ficou pálido.

— Muito eyoma. Se muitas quantidades, navio muito pesado. Se o peso mais pra um lado só, navio vira.

Olhando em volta, Dannyl viu que o capitão e mais da metade da tripulação haviam se juntado na parte baixa da embarcação, onde o convés estava negro de sanguessugas. Pensando na história de Jano, compreendeu o perigo que a tripulação enfrentava. Se o navio virasse e eles caíssem na água, não sobreviveriam por muito tempo.

— Como vocês acabam com elas? — ele perguntou, empurrando mais criaturas de volta ao mar.

— Não fácil. — O marinheiro correu para pegar mais líquido no barril, e voltou para o lado de Dannyl. — Difícil pegar yomi no casco.

O navio adernou mais um pouco. Dannyl pegou o remo que o homem havia descartado e voltou a usá-lo. — Vou ver se consigo ajudar.

O marinheiro assentiu. Com passos largos e rápidos Dannyl encontrou seu caminho bloqueado por sanguessugas espalhadas que haviam escapado dos marinheiros. Ele percebeu sombras negras serpenteando pelas cordas, pelos cantos e na amurada. Levantando uma barreira mágica em torno de si mesmo, passou por elas, esquivando-se conforme elas saltavam sobre ele. Um breve chiado se seguia quando elas atingiam a barreira e caíam por terra. Satisfeito, continuou.

Antes que tivesse chegado ao capitão, uma voz familiar veio da porta das acomodações de uso comum.

— O que está acontecendo?

Vendo Tayend aparecer, Dannyl ficou alarmado.

— Fique aí embaixo.

Uma sanguessuga caiu de uma corda no chão, próximo à porta. Tayend a olhou com fascínio e terror.

— Mais uma.

— Feche a porta! — Dannyl ordenou com vontade firme, e a porta bateu. De imediato, ela se abriu novamente e Tayend pulou para fora.

— Elas estão por aqui, também! — gritou ele. Esquivando-se da sanguessuga próxima à porta, correu para o lado de Dannyl. — O que é isso?

— Eyoma. Sanguessugas-do-mar.

— Mas... Você disse que era brincadeira!

— É óbvio que não é.

— O que o capitão está fazendo? — perguntou Tayend, com os olhos ainda mais arregalados.

Olhando para cima, Dannyl prendeu a respiração ao ver o capitão, que se dirigia a passos largos e rápidos na direção de uma espessa manta de sanguessugas que recobria o convés a bombordo. O homem ignorava as criaturas que se enrolavam em suas pernas. Ele prendeu a extremidade de uma mangueira em uma das mãos e a outra ponta foi presa ao barril. Debruçando sobre a amurada, o capitão mirou a mangueira no casco e berrou uma ordem. O tripulante começou a girar a manivela no barril. Logo o líquido estava jorrando da mangueira nas mãos do capitão.

Embora os tripulantes tivessem derramado yomi nas pernas do capitão, mais sanguessugas rapidamente substituíam aquelas que haviam caído. Em alguns minutos, as pernas do capitão estavam com listras de sangue resultantes das mordidas das eyomas. Dannyl se encaminhou ao local, seguido de Tayend.

— Fique aqui — ele disse ao acadêmico.

Olhando para as sanguessugas que cobriam o convés entre ele e o capitão, Dannyl hesitou. Respirou fundo, e, em seguida, investiu contra a escuridão

pegajosa. Ouvia-se o chiado ao seu redor na medida em que elas tocavam no escudo. Ele sentia as criaturas estourando conforme eram esmagadas sob suas botas.

Acercando-se do capitão, Dannyl tocou numa sanguessuga que subira nos ombros dele. Ela caiu deixando um círculo de pequenas perfurações. O homem se virou para olhar Dannyl e cumprimentou-o com gratidão.

— Volte — ordenou Dannyl.

O homem meneou a cabeça, mas não se recusou.

— Sem matar muitas ou navio vira do outro lado.

— Entendo — Dannyl respondeu.

Era alarmante a inclinação do navio. Recostado na amurada, Dannyl observou o casco. Estava quase invisível, apenas uma ou outra onda de luz aparecendo na escuridão. Criando um globo de luz, ele o enviou para baixo a fim de iluminar as criaturas.

Reunindo poder, ele o liberou na forma de um spray que causava um atordoamento. Uma chuva de sanguessugas caiu no mar. Provavelmente sobreviveriam ao atordoamento, mas ele não queria correr o risco de usar ataques de energia ou de fogo no casco. Conforme mais sanguessugas caíam no mar, o navio lentamente foi voltando à posição normal, e começou a se inclinar para o lado oposto.

Atravessando o convés, Dannyl se debruçou sobre a amurada do outro lado. Mais uma vez, forçou as sanguessugas a se desprender, e o navio retomou a posição original. Ao retornar para bombordo, Dannyl observou que os marinheiros tinham voltado seus esforços para retirar as sanguessugas do convés. Um homem perambulava à procura de sanguessugas que estivessem presas nos cabos ou caídas pelos cantos ou rachaduras.

A sensação de perigo tinha passado, mas o trabalho desagradável seguia incessantemente, conforme as sanguessugas continuavam subindo no navio. Logo Dannyl perdeu a conta das vezes que tinha atravessado o convés. Ele se aliviou com a magia Curativa, mas com o passar das horas a cabeça começou a

doer devido ao esforço mental constante.

Finalmente, o ataque se reduziu e minguou, restando apenas algumas sanguessugas mais preguiçosas. Ouvindo seu nome ser chamado, Dannyl se aprumou e virou-se, vendo que tudo estava iluminado pela luz pálida do amanhecer. Uma pequena multidão se formara ao seu redor. O capitão ergueu o braço e ouviu-se uma aclamação entre os marinheiros.

Surpreso, Dannyl sorriu, juntando-se à celebração. Ele se sentia exausto, mas igualmente feliz.

De algum lugar apareceu um pequeno barril, e uma caneca foi passada de marinheiro para marinheiro. Conforme Dannyl aceitou a caneca, sentiu o cheiro forte do siyo real. A golada lhe irradiou um calor pelo corpo. Procurou por Tayend, mas o acadêmico não estava em nenhum lugar à vista.

— Seu amigo dormir — disse um dos marinheiros.

Aliviado, Dannyl aceitou outra golada de siyo.

— Vocês sempre encontram eyoma?

— Vez por outra — disse o capitão, assentindo. — Não dessa forma.

— Nunca vi tamanha quantidade — concordou outro marinheiro. — Bom que você passageiro. Se não com a gente, nós isca de peixe hoje.

O capitão olhou de repente e disse algo em vindo. Conforme a tripulação moveu as cordas, Dannyl percebeu que uma brisa suave tinha começado. O capitão parecia exausto, mas satisfeito.

— Vá dormir agora — sugeriu a Dannyl. — Você ajuda nós muito. Podemos precisar ajuda de noite.

Assentindo, Dannyl foi para sua cabine. Encontrou Tayend dormindo, com as sobrancelhas franzidas enrugando-lhe a testa. Parou, preocupado com os círculos escuros sob os olhos do rapaz. Desejou poder curar o amigo, e, então, aplicar-lhe um pouco de poder Curativo enquanto dormia.

Fazer isso, no entanto, poderia significar trair-lhe a confiança, e Dannyl não

queria correr o risco de arruinar a nova amizade. Suspirando, deitou-se na cama, fechou os olhos e rendeu-se à exaustão.

Capítulo 11

Chegadas Indesejadas

O suco doce encheu a boca de Sonea conforme seus dentes romperam a pele do pachi. Ela segurou a fruta amarela entre os dentes e virou as páginas do livro de Poril até achar o diagrama certo.

— Aqui está — ela disse, depois de tirar a fruta da boca de novo. — O sistema sanguíneo. Lady Kinla disse que tínhamos de memorizar todas as diferentes partes.

Poril olhou para a página e soltou um grunhido.

— Não se preocupe — ela o tranquilizou. — Nós vamos encontrar uma maneira de ajudá-lo a se lembrar. Rothen me mostrou uns exercícios muito úteis para lembrar listas.

Vendo sua expressão de dúvida, Sonea reprimiu um suspiro. Ela havia rapidamente descoberto por que Poril estava tendo problemas com os estudos. Ele não era nem esperto nem forte, e as provas lhe davam acessos de terror. E, o pior de tudo, estava tão desmoralizado por isso que havia desistido de tentar.

Mas ele estava faminto por companhia. Embora ela não tivesse visto os outros aprendizes serem deliberadamente cruéis com o garoto, eles, é claro, não gostavam dele. Ele era da Casa Heril, que havia perdido as boas graças na corte por motivos que ela ainda não havia descoberto. No entanto, ela não achava que fosse por isso que o evitavam. Ele tinha vários hábitos irritantes, o pior deles uma risada ridícula e aguda que fazia os dentes dela rangerem.

O resto da sala a ignorava também. Mas ela rapidamente percebeu que, no entanto, não a estavam evitando de propósito, e que não tinham uma aversão por

ela como tinham por Poril. Simplesmente cada um havia formado uma amizade próxima com outro colega e não tinha interesse de incluir um terceiro.

Trassia e Narron eram claramente mais do que apenas amigos.

Sonea os tinha visto de mãos dadas algumas vezes, e notou que Lorde Ahrind ficava de olho no casal. Narron já estava determinado a se tornar um Curador e seus resultados nessa matéria eram os melhores da sala. Trassia também estava interessada principalmente por Cura, mas de uma maneira passiva, a qual sugeria que seu interesse se devia apenas ao entusiasmo de Narron — ou à expectativa de que mulheres fossem mais adequadas para a Cura.

O único elyne na classe, Yalend, passava o tempo com o falante garoto vindo, Seno. Hal, o garoto lan de cara séria, e seu amigo kyraliano, Benon, formavam a outra dupla. Embora mais silenciosos que os garotos na classe de Regin, esses quatro ainda falavam sem parar de corridas de cavalo, contavam histórias improváveis sobre garotas na corte e matavam o tempo como se não tivessem chegado ao fim da infância.

O que eles não tinham conseguido, ela estava começando a entender. As crianças das favelas cresciam rápido porque precisavam. Esses aprendizes haviam vivido suas vidas no luxo e tinham menos motivo para amadurecer mais rápido do que seus irmãos e irmãs fora do Clã.

Até terem se formado, eles estavam livres de responsabilidades familiares, tais como se apresentar na corte, casar e gerenciar quaisquer “interesses” produtores de renda na agricultura ou manufatura em que sua família estivesse envolvida. Juntar-se ao Clã estendia sua infância por cinco anos extras.

Embora fosse um ano mais velho, Poril era algumas vezes o mais infantil dos aprendizes. Sua amizade parecia genuína, mas ela suspeitava que ele estava feliz de não ser mais o aprendiz da camada social mais baixa.

Regin, para sua surpresa e alívio, a havia ignorado desde que ela deixara sua turma. Ela o via de relance no Refeitório todos os dias, e ocasionalmente deparava com sua turma se juntando nos corredores antes das aulas, mas ele não tentava provocá-la. Mesmo o rumor que ele havia feito circular ligado ao

relacionamento dela com Rothen havia sido esquecido. Os professores não mais a olhavam com suspeita, e ela raramente ouvia o nome de Rothen sussurrado quando passava por um corredor.

— Se pelo menos soubéssemos que partes ela vai nos pedir para nomear — Poril suspirou. — As maiores eu acho... E algumas das menores.

Sonea deu de ombros.

— Não perca seu tempo tentando adivinhar o que ela vai perguntar. Isso exige mais esforço do que memorizar todas.

Um gongo soou. Entre as árvores, Sonea pôde ver outros aprendizes relutantemente juntando as coisas e se apressando em direção à Universidade. Como eles, Sonea e Poril tinham passado a pausa do meio-dia lá fora desfrutando do raro calor de um dia ensolarado de outono. Ela se pôs de pé e se alongou.

— Depois da aula, vamos para a biblioteca estudar.

Poril concordou com a cabeça.

— Se você quiser.

Andando rápido, eles se apressaram para deixar os jardins e entrar na Universidade. O resto dos aprendizes já estava sentado na sala de aula. Quando Sonea tomou seu assento, Lorde Skoran entrou na sala.

Colocando na mesa uma pequena pilha de livros, o mago pigarreou e encarou os aprendizes. Então, um movimento na entrada chamou sua atenção. Toda a sala se voltou para observar quando três figuras entraram. Vendo Regin entre elas, Sonea sentiu um calafrio de mau presságio.

Jerrik, o Diretor da Universidade, olhou ao redor da sala. Seus olhos pousaram brevemente no rosto dos outros aprendizes. Quando eles se encontraram com o dela, ele franziu as sobrancelhas, e então olhou para o aprendiz a seu lado.

— Regin completou de forma bem-sucedida as provas de meio de ano. — A voz normalmente severa de Jerrik tinha um indício de relutância. — Eu o transferi para a sala de vocês.

O estômago de Sonea revirou. Os magos ainda estavam falando, mas ela não conseguia se concentrar nas palavras. Sentiu o peito se comprimir, como se uma mão invisível tivesse se enrolado ao redor dela e a estivesse apertando. Seus batimentos cardíacos foram se tornando mais altos até rugir em seus ouvidos.

E então ela lembrou de respirar.

Sentindo-se tonta de repente, fechou os olhos. Quando os abriu de novo, Regin estava usando seu sorriso mais charmoso. Seu olhar passou dos outros aprendizes para ela. Embora sua boca permanecesse fixa no mesmo largo sorriso, e nenhum músculo do rosto parecesse se mover, de alguma forma a expressão mudou completamente.

Ela afastou os olhos. “Isso é impossível. Como ele poderia ter me alcançado? Ele deve ter trapaceado.”

Ainda assim, ela não conseguia entender como ele poderia ter enganado os professores e passado nas provas. Isso só deixava uma possibilidade. Ele devia ter iniciado estudos adicionais não muito depois de ela ter feito... Provavelmente tão logo descobrira o que ela pretendia fazer. E ele tinha realizado isso em segredo, muito provavelmente com a ajuda de seu guardião.

Mas por quê? Todos os seus amigos estavam na outra sala. Talvez ele achasse que fosse ganhar outra turma de admiradores ali. Ela sentiu um fio de esperança. Era improvável que mesmo ele pudesse quebrar os grupos que a classe havia estabelecido de forma tão firme. A não ser que...

Conhecendo Regin, após decidir fazer o esforço de passar para a turma seguinte, ele teria feito gestos de amizade para todos os aprendizes nela. Ele teria certeza de que ia ser bem recebido.

Olhando ao redor da sala, Sonea estava surpresa em ver Narron encarando Regin com uma careta. O garoto parecia descontente. Então ela lembrou como haviam dito a ela com firmeza que essa classe não tinha tempo para “brincadeiras”.

Então, talvez Regin ainda não tivesse feito amizade com seus novos colegas. Mas mesmo assim ele tinha feito bastante esforço para passar para o nível

seguinte.

Talvez só não aguentasse ver a garota da favela indo melhor que ele. Fergun estivera disposto a correr grandes riscos para expulsá-la do Clã porque não queria que pessoas de classe baixa se juntassem a ele. Seu sucesso ou fracasso em aprender e ser aceita seria levado em consideração se o Clã algum dia pensasse novamente em receber membros de fora das Casas. E se Regin estivesse tentando prejudicar seu aprendizado, para garantir que ela fracassasse e que pessoas de classe baixa nunca mais fossem bem-vindas?

“É melhor eu me assegurar de que ele não seja bem-sucedido!”

Ela havia escapado dele uma vez e podia fazer isso de novo estudando com mais afinco e passando para a turma seguinte.

No instante em que a ideia lhe ocorreu, ela já viu que não era possível. Tinha usado todas as noites e Dias Livres para terminar meio ano de aprendizado três meses antes e ainda precisava alcançar o que essa classe havia estudado nos meses antes de ela se juntar à turma. Ela também não tinha tempo para aprender o que o pessoal do Segundo Ano havia estudado.

Talvez fosse melhor fazer com que ele pensasse que ganhara. Ele a deixaria em paz se ela não fosse tão bem quanto ele. Ela não precisava ser a melhor aprendiz da sala para provar que pessoas de fora das Casas poderiam ter sucesso como magos.

Se ela voltasse para a turma anterior, com certeza o orgulho de Regin não lhe permitiria segui-la. Ela abandonou a ideia mais rápido do que a primeira. A turma de verão ainda estava sob o controle de Regin, mesmo que ele a tivesse deixado. Ao menos, a sala atual não estava unida contra ela...

Ela piscou, percebendo de repente que a voz fina e vacilante de Lorde Skoran tinha sido o único som na sala nos últimos momentos.

— ... E continuando nossa avaliação da Guerra Sachakan, quero que vocês descubram tudo que puderem sobre os cinco Magos Superiores que se juntaram à batalha no segundo estágio. Eles eram de países fora de Kyralia e sua ajuda foi conquistada por um certo mago jovem chamado Genfel. Escolham um desses

magos e escrevam um texto de quatro mil palavras sobre a vida dele antes de se envolver na guerra.

Pegando a caneta, Sonea começou a escrever. Regin podia ter chegado à turma superior, mas ainda tinha muito trabalho pela frente antes de estar no mesmo pé que eles. Por algumas semanas, ele se veria ocupado demais para provocá-la, e até lá ela saberia se ele ia ter alguma influência sobre o resto da sala. Sem eles para apoiá-los, não seria fácil fazer dela o alvo de suas peças.

***

— Jebem, halai!

Ouvindo o grito, Dannyl levantou o olhar ansioso.

— O que foi? — Tayend perguntou.

Dannyl colocou o prato de lado com uma careta. Embora pasta de marin seco fosse uma iguaria, nada poderia fazer pão velho parecer apetitoso.

— Jebem foi avistada — ele disse, se levantando. Curvando-se para não bater a cabeça no teto, Dannyl se dirigiu à porta. Quando saiu, a luz o ofuscou. O sol estava baixo sobre o mar, fazendo as ondas cintilarem de forma brilhante. O calor do dia se demorava no ar e irradiava do convés.

Olhando para o norte, Dannyl recuperou o fôlego e então colocou a cabeça pela entrada e gesticulou para que Tayend viesse também.

Aprumando-se, andou pelo convés até a proa, e olhou para a cidade distante.

Casas baixas construídas de pedras lisas e cinzas se espalhavam de maneira interminável pela costa. Entre elas se elevavam milhares de obeliscos.

Tayend apareceu ao seu lado.

— Grande, não é? — o acadêmico sussurrou.

Dannyl concordou com a cabeça. Os pequenos vilarejos da costa pelos quais haviam passado nos últimos dias eram compostos de casas no mesmo estilo simples, com um punhado de obeliscos se elevando acima deles. As casas de Jebem não eram maiores, mas o gigantesco tamanho da cidade era incrível. Os

obeliscos entre elas eram como uma floresta de agulhas, e o sol baixo pintava todas com uma vívida luz vermelho-alaranjada.

Eles observaram silenciosamente conforme o navio seguia pela costa. Uma fileira de afloramentos rochosos apareceu, paralelamente à cidade, como guardas. O navio navegou no espaço entre eles. Quando se nivelaram com a parte da cidade onde havia a maior concentração de obeliscos, a embarcação diminuiu a velocidade e entrou num canal estreito. De ambos os lados, homens de pele escura se apressavam rumo aos bancos de pedra. Jogaram cordas para os marinheiros, as quais foram então amarradas em volta de postes robustos no navio. As outras pontas já haviam sido amarradas em bandos de gorin. Os grandes animais começaram a puxar o navio pelo canal.

Durante a hora seguinte, os trabalhadores lonmares do cais guiaram o navio pelo canal até ele chegar numa marina artificial. Vários outros navios, alguns com duas vezes o tamanho desse, balançavam suavemente na água. Quando o navio foi preso a postes ao longo do cais, Dannyl e Tayend voltaram aos quartos para juntar seus pertences.

Depois de uma conversa breve e formal com o capitão, andaram pela prancha em direção à terra seca. Seus baús foram entregues a quatro homens. Um quinto deu um passo à frente e fez uma reverência.

— Saudações, Embaixador Dannyl, jovem Tremmelin. Sou Loryk, seu tradutor. Vou levá-los à Casa do Clã. Por favor me sigam.

Ele fez um gesto rápido e imperioso para os carregadores e começou a se dirigir para a cidade. Seguindo-o, Dannyl e Tayend andaram por vários ancoradouros até uma rua ampla.

A poeira enchia o ar, embotando as cores ao seu redor. A brisa do mar foi substituída por um calor sufocante e por uma mistura de perfumes, especiarias e pó. Homens enchiam as ruas, todos bem cobertos por roupas lonmares simples. Vozes os rodeavam, mas as palavras de sons fluidos eram incompreensíveis. Os homens pelos quais eles passavam encaravam Dannyl abertamente, e depois Tayend, o olhar nem acolhedor nem desaprovador. Ocasionalmente, um deles estreitava os olhos para este último, que havia colocado sua roupa de corte mais

chique e parecia muito deslocado.

Ao contrário do seu habitual, o acadêmico estava bastante quieto. Olhando para o companheiro, Dannyl reconheceu os agora familiares sinais de inquietação: uma pequena ruga apareceu no meio da testa de Tayend e ele estava andando meio passo atrás. Quando o acadêmico encontrou seu olhar, Dannyl deu a ele um sorriso tranquilizador.

— Não se preocupe. No início, é perturbador estar numa cidade estranha.

A careta de Tayend desapareceu, e ele se adiantou para ficar ao lado de Dannyl conforme seguiam o tradutor por uma viela estreita. Emergindo numa grande praça, Dannyl diminuiu o passo e olhou ao redor assustado.

Plataformas de madeira tinham sido erguidas por todo canto. No mais próximo, havia uma mulher de pé com as mãos amarradas. Atrás dela, estava um homem vestido de branco, a cabeça raspada e coberta de tatuagens, segurando um chicote na mão esquerda. Outro homem andava em meio à multidão reunida em volta do palco, recitando algo escrito num pedaço de papel.

Dannyl apertou o passo para alcançar o tradutor.

— O que ele está dizendo?

Loryk ouviu.

— A mulher trouxe vergonha para seu marido e família ao convidar outro homem para sua cama. — Ele acenou com a mão. — Essa é a Praça do Julgamento.

Gritos soaram, cobrindo o resto da proclamação. Uma multidão havia se juntado ao redor de várias das plataformas. Enquanto Dannyl seguia os carregadores para longe da mulher, ele percebeu um jovem parado próximo, observando-a. Os olhos escuros do homem brilhavam com umidade, mas seu rosto estava imóvel e rígido.

“Marido ou amante?”, Dannyl se perguntou.

O centro da praça era menos cheio. Os carregadores o cruzaram e fizeram seu caminho entre duas plataformas. Os homens vestidos de branco de pé nas

plataformas seguravam espadas. Dannyl manteve os olhos nas costas do tradutor, mas uma voz se levantou acima do burburinho da multidão e Loryk diminuiu o ritmo.

— Ah... Ele diz: esse homem trouxe vergonha a sua família com seus pervertidos... Qual é a palavra na sua língua? Desejos? Ele conquistou o castigo final por corromper as almas e corpos de homens. Da mesma forma que o sol se põe e a escuridão limpa o mundo do pecado, só sua morte pode limpar essas almas que ele maculou.

Apesar do calor, Dannyl sentiu o frio se espalhar pelo corpo. O homem condenado estava apoiado contra um poste, com a expressão resignada. A multidão começou a gritar, os rostos contorcidos de ódio. Dannyl afastou o olhar, lutando para conter uma onda de horror e raiva. O homem ia ser executado por um crime que em Kyralia conquistaria apenas desonra e vergonha e que em Elyne, de acordo com Tayend, não era nem sequer crime.

Dannyl não deixou de pensar no escândalo e rumor que tantos problemas lhe haviam causado quando ele era um aprendiz. Ele havia sido acusado do mesmo "crime" que aquele homem. Provas não importavam; uma vez que o boato começara, ele fora tratado como um pária tanto pelos aprendizes quanto pelos professores. Tremeu quando a multidão urrou novamente atrás dele. "Se eu tivesse tido azar suficiente para ter nascido em Lonmar, a questão poderia ter acabado assim."

Loryk entrou em outra viela e a balbúrdia se esvaiu atrás dele. Dannyl olhou para Tayend. O rosto do acadêmico estava branco.

— Uma coisa é ouvir falar das leis estritas de outra terra ou ler sobre elas, e outra, completamente diferente, é vê-las sendo executadas — o acadêmico murmurou. — Juro que jamais vou reclamar dos excessos da corte de Elyne de novo.

O tradutor continuou por outra rua, e então parou quando os carregadores entraram em um prédio baixo.

— A Casa do Clã em Jebem — ele anunciou quando chegaram na porta. —

Vou deixá-los aqui.

O homem fez uma reverência e partiu. Examinando o prédio, Dannyl notou uma placa com o símbolo do Clã afixada na parede. Fora isso, o prédio era igual a qualquer outro que haviam visto. Atravessando a porta, entraram num quarto com o teto baixo. Um mago elyne estava de pé próximo.

— Saudações — ele disse. — Sou Vaulen, Primeiro Embaixador do Clã em Lonmar.

O homem tinha o cabelo grisalho e ralo. Dannyl inclinou a cabeça.

— Segundo Embaixador do Clã em Elyne, Dannyl. — Ele apontou para Tayend, que fez uma reverência gentil. — Tayend de Tremmelin, acadêmico da Grande Biblioteca e meu assistente.

Vaulen acenou educadamente para Tayend com a cabeça. Seus olhos quedaram-se na camisa violeta deste.

— Bem-vindo a Jebem. Sinto que devo avisá-lo, Tayend de Tremmelin, que o povo lonmar valoriza a humildade e a simplicidade e desaprova roupas coloridas, não importa quão na moda estejam. Posso recomendar um bom alfaiate que vai lhe providenciar vestimentas de qualidade, mas num estilo mais simples para sua estadia.

Dannyl esperou ver um cintilar de rebelião nos olhos do acadêmico, mas Tayend apenas curvou a cabeça de forma elegante.

— Obrigado pelo aviso, meu lorde. Vou ver esse alfaiate amanhã se ele estiver disponível.

— Tenho quartos preparados para vocês — Vaulen continuou. — Estou certo de que vão querer descansar depois de sua jornada. Dispomos de banhos separados aqui... Os criados vão mostrar onde. Depois disso, são bem-vindos para se juntar a mim na refeição noturna.

Eles seguiram um criado por um corredor curto. O homem apontou para duas portas abertas, fez uma reverência e então foi embora. Tayend entrou em um dos quartos, parou e olhou ao redor, parecendo perdido.

Dannyl hesitou e entrou no quarto.

— Você está bem?

Tayend tiritou.

— Eles vão executá-lo, não? Provavelmente já o fizeram.

Percebendo que Tayend estava falando sobre o homem condenado na Praça do Julgamento, concordou com a cabeça.

— Provavelmente.

— Nada que pudéssemos fazer. Outro país, leis diferentes, e tudo mais.

— Infelizmente.

Tayend suspirou e sentou numa cadeira.

— Não quero estragar a aventura para você, Dannyl, mas já não estou gostando de Lonmar.

Dannyl concordou com a cabeça.

— A Praça do Julgamento não foi exatamente uma introdução encorajadora para o país — ele concordou. — Mas não podemos julgar Lonmar tão rápido. Deve haver mais nesse lugar. Se você visse as favelas de Imardin primeiro, não ia pensar grande coisa de Kyralia. Com sorte, vimos o pior e o resto só pode ser melhor.

Tayend suspirou, e então foi até seu baú e o abriu.

— Você provavelmente está certo. Vou tentar achar roupas menos enfeitadas.

Dannyl deu um sorriso cansado.

— Algumas vezes, esse uniforme tem suas vantagens — ele disse, puxando a manga da túnica. — A mesma velha túnica roxa todos os dias, mas ao menos posso usá-la em qualquer lugar das Terras Aliadas. — Foi até a entrada do quarto. — Se não o vir nos banhos, o encontrarei no jantar.

Sem voltar o olhar para ele, Tayend levantou uma das mãos para acenar. Dannyl deixou o acadêmico revirando as coloridas roupas no baú e entrou no

outro quarto.

Ele ficou sério enquanto pensava nas próximas semanas. Depois de lidar com suas obrigações como Embaixador na cidade, visitariam o Templo Esplêndido como parte de sua pesquisa. Diziam que era um lugar de uma beleza serena, mas ainda assim era o centro da estrita religião Mahga, que estabelecera as punições que eles haviam encontrado hoje. De repente, não estava mais ansioso pela visita.

Mas ainda assim ele poderia descobrir informações sobre magia antiga lá. Depois de um mês preso nos confins de um navio, estava ansioso por esticar as pernas e a mente de novo. Com sorte, o resto de Lonmar seria mais acolhedor do que a Praça do Julgamento.

Era tarde quando Lorlen voltou a seu escritório. Tirando o relatório mais recente de Dannyl de sua caixa segura, ele sentou na mesa e o leu inteiro de novo. Quando terminou, refestelou-se na cadeira e suspirou.

Vinha pensando sobre o diário de Akkarin havia semanas. Se ele existisse, estaria na Residência do Lorde Supremo em algum lugar. Considerando o que o diário poderia conter, Lorlen duvidou que fosse mantido na biblioteca de Akkarin junto com os livros comuns. Provavelmente, estava armazenado no porão embaixo do prédio, e Lorlen tinha certeza de que o lugar estava trancado de forma segura.

Uma brisa gelada tocou sua pele. Ele tiritou e então xingou baixinho. Seu escritório sempre fora ventilado, algo de que o Administrador anterior havia reclamado constantemente. Levantando, procurou a fonte da brisa como fizera com frequência no passado, mas, como sempre, o frio desaparecera tão rápido quanto viera.

Balançando negativamente a cabeça, começou a andar de um lado para outro. Dannyl e seu companheiro acadêmico deveriam chegar em Lonmar logo e visitariam o Templo Esplêndido. Lorlen esperava que eles não fossem encontrar nada... A ideia de que informações sobre magia negra pudessem existir num

lugar assim era terrível de se considerar.

Parou de andar quando ouviu uma batida na porta. Andando até ela, ele a abriu, esperando receber uma reprovação gentil de Lorde Osen sobre não dormir o suficiente. Em vez disso, uma silhueta escura encheu a entrada.

— Boa noite, Lorlen — Akkarin disse, sorrindo.

Lorlen olhou para o Lorde Supremo, surpreso.

— Vai me deixar entrar?

— É claro! — Balançando a cabeça como se para limpá-la, Lorlen recuou. Akkarin entrou num passo relaxado e sentou numa das grandes cadeiras acolchoadas. O olhar do Lorde Supremo vagueou até a mesa de Lorlen.

Seguindo o olhar do amigo, Lorlen prendeu a respiração quando viu a carta de Dannyl aberta sobre a mesa. Foi preciso toda sua vontade para não correr até ela e enfiar as páginas de volta dentro da caixa. Em vez disso, cruzou a sala de forma casual, parando para aprumar uma cadeira, e então se quedou no assento com um suspiro.

— Como sempre, você vai achar isso uma bagunça — ele murmurou. Pegando a carta de Dannyl, jogou-a de volta na caixa segura. Depois de arrumar mais alguns itens na mesa, guardou a caixa numa gaveta. — O que o traz aqui tão tarde?

Akkarin deu de ombros.

— Nada em particular. Você está sempre me visitando, então pensei em dar uma passada para vê-lo. Sabia que tentar seus aposentos primeiro não ia funcionar, mesmo sendo tarde até para você.

— É mesmo — Lorlen concordou com a cabeça. — Eu estava só lendo algumas correspondências e então ia parar por essa noite.

— Alguma coisa interessante? Como está Lorde Dannyl?

O coração de Lorlen pulou. Tinha Akkarin sido capaz de ver a assinatura de Dannyl ou reconhecido a caligrafia? Ele franziu a testa enquanto tentava lembrar

o que estava escrito na página exposta.

— Ele está indo para Lonmar para resolver uma discussão do conselho sobre o Clã Maior Koyhmar. Pedi a Errend para resolver isso, já que ele agora tem um Segundo Embaixador para lidar com as questões de Elyne enquanto está longe, mas Errend resolveu mandar Dannyl em seu lugar.

Akkarin sorriu.

— Lonmar. Um lugar que vai abrir seu apetite por viajar ou matá-lo.

Lorlen se inclinou para a frente.

— Qual foi o seu caso?

— Hummm. — Akkarin considerou a pergunta cuidadosamente. — Ela me deu uma vontade de ver mais do mundo, mas também me endureceu como viajante. Os lonmares podem ser o povo mais civilizado das Terras Aliadas, mas há muito de duro e cruel sobre eles. Você aprende a tolerar seu senso de justiça, talvez entendê-lo também, mas ao fazer isso suas próprias crenças e ideais são fortalecidos. O mesmo pode se dizer da frivolidade dos elynes ou da obsessão com o comércio dos vindos. Tem mais coisas na vida do que moda e dinheiro.

Akkarin fez uma pausa, o olhar distante, e então se aprumou no assento.

— E você vai descobrir que, da mesma forma que nem todo elyne é frívolo ou todo vindo é ganancioso, nem todo lonmar é inflexível. A maioria é gentil e indulgente, preferindo resolver disputas de maneira privada. Aprendi bastante sobre eles, e, embora toda a jornada tenha se provado um desperdício de tempo quanto à minha pesquisa, a experiência se mostrou valiosa para meu papel aqui.

Lorlen fechou os olhos e os massageou. Um desperdício de tempo? Estava Dannyl também desperdiçando seu tempo?

— Você está cansado, meu amigo — Akkarin disse, a voz tornando-se mais suave. — Eu o estou mantendo longe da cama com minhas histórias.

Piscando, Lorlen olhou para o Lorde Supremo.

— Não... Não ligue para mim. Por favor, continue.

— Não. — Akkarin se levantou, sua túnica negra farfalhando. — Eu o estou impedindo de dormir. Conversamos outra hora.

Desapontamento e alívio misturaram-se enquanto Lorlen seguia Akkarin até a porta. Saindo no corredor, Akkarin se voltou para encarar Lorlen e deu um sorriso torto.

— Boa noite, Lorlen. Você vai descansar um pouco, não? Você parece exausto.

— Sim. Boa noite, Akkarin.

Fechando a porta, Lorlen suspirou. Ele havia acabado de aprender algo útil... Ou não? Akkarin poderia estar dizendo que não encontrara nada em Lonmar para esconder algo que ele tinha descoberto. Era estranho que ele de repente decidisse falar da jornada depois de ter evitado o assunto no passado.

Lorlen estremeceu quando uma rajada de vento frio gelou o pescoço. Distraído de seus pensamentos, ele bocejou, e então voltou para a mesa e colocou a caixa segura em seu lugar correto no armário. Sentindo-se melhor, deixou o escritório e seguiu para seus aposentos.

Precisava ser paciente. Dannyl iria descobrir em breve se a jornada para Lonmar era um desperdício de tempo.

Capítulo 12

Não o que Eles Tinham em Mente

“Como ele tinha feito aquilo?”

Sonea andou lentamente pelo corredor. Em seus braços, estava a caixa na qual guardava a caneta, o tinteiro e a pasta de anotações soltas, com papel em branco.

A pasta estava vazia.

Mais uma vez, ela revirou a memória. Quando ela dera a Regin oportunidade para mexer nos seus pertences? Ela era sempre cautelosa, nunca deixando as anotações abandonadas nem por um instante.

Mas, na sala de aula, durante a lição de Lady Kinla, os aprendizes eram chamados de seus assentos para observar alguma demonstração com frequência. Era possível que Regin tivesse retirado as anotações da capa quando passara por sua mesa. Ela havia acreditado que tal leveza dos dedos estivesse aquém das crianças mimadas das Casas. Obviamente, estava errada.

Ela havia verificado a sala dela de maneira exaustiva e até voltado para a Universidade tarde da noite para checar a sala de aula. Por todo o tempo em que havia procurado, sabia que não ia encontrar suas anotações, ao menos não completas ou antes das provas de hoje.

Quando entrou na sala de aula, suas suspeitas foram confirmadas pela expressão presunçosa de Regin. Recusando-se a mostrar qualquer perda de compostura, ela fez uma reverência para Lady Kinla e dirigiu-se ao assento de costume, ao lado de Poril.

Lady Kinla era uma Curadora alta e de meia-idade. As Curadoras sempre

usavam o cabelo preso atrás num nó na altura da nuca, e em Lady Kinla esse costume dava a seu rosto fino uma expressão permanentemente severa. Enquanto Sonea sentava, a Curadora pigarreou e olhou para cada aprendiz atentamente.

— Hoje vou testá-los em relação às lições que abordamos nos últimos três meses. Vocês podem consultar suas anotações. — Ela levantou algumas folhas de papel, os olhos passando rapidamente sobre a página. — Primeiro, Benon...

Sonea sentiu seu coração acelerar quando a prova começou. Lady Kinla vagueou pela sala, fazendo o caminho entre os aprendizes conforme jogava perguntas em sua direção. Quando Sonea ouviu seu nome, sentiu o coração pular, mas, para seu alívio, a pergunta era fácil e ela conseguiu responder.

Lentamente, no entanto, as perguntas se tornaram mais difíceis. Quando os outros aprendizes começaram a hesitar e consultar as anotações antes de responder, Sonea ficou ansiosa. O ar se movimentou atrás dela no momento em que Kinla caminhou próximo a sua cadeira.

Então, a Curadora parou e se voltou para encarar Sonea. Ela deu alguns passos à frente até se inclinar sobre a carteira de Sonea.

— Sonea. — Ela colocou a ponta do dedo na mesa. — Onde estão suas anotações?

Sonea engoliu em seco. Por um segundo, pensou em fingir que as havia esquecido. Mas inventar tal história daria ainda mais satisfação a Regin, e outra desculpa lhe veio à mente...

— A senhora disse que essa aula seria um teste, minha lady — ela disse. — Achei que não iria precisar fazer nenhuma anotação.

As sobrancelhas de Lady Kinla se levantaram e ela encarou Sonea de forma especulativa. De algum lugar atrás dela veio uma risada abafada de antecipação.

— Entendo. — O tom da professora parecia perigoso. — Nomeie vinte ossos do corpo, começando do menor.

Sonea praguejou por dentro. Sua resposta havia irritado a Curadora, que

obviamente não esperava que ela fosse capaz de lembrar tanta coisa.

Mas ela tinha que tentar. Lentamente, e depois com mais confiança, Sonea puxou os nomes da memória, contando-os nos dedos conforme falava. Quando terminou, Lady Kinla a encarou em silêncio, os lábios comprimidos numa fina linha.

— Você está certa — a Curadora disse de forma relutante.

Com um silencioso suspiro de alívio, Sonea observou a professora se virar e continuar vagueando entre as mesas dos aprendizes. Lançando um olhar para a classe, encontrou Regin encarando-a, os olhos estreitos como lâminas.

Ela desviou o olhar. Por sorte, havia ajudado Poril com suas anotações e podia copiá-las de novo para ela. Ela duvidava que fosse ver as suas de novo.

Alguns dias depois de sua chegada, os sacerdotes do Templo Esplêndido responderam ao pedido de Dannyl para ver a coleção de pergaminhos deles. Ele estava feliz com essa pausa em suas obrigações como Embaixador. As brigas entre o Conselho de Anciões de Lonmar já estavam esgotando sua paciência.

Os motivos de Lorlen para enviar um Embaixador do Clã para Lonmar eram irritantemente válidos. Um dos Grandes Clãs havia caído em desgraça e diminuído em fortuna, não sendo mais capaz de sustentar seus aprendizes e magos. Os outros clãs tinham que assumir a responsabilidade.

Estudar os acordos entre o Clã e outras terras tinha sido parte do preparo de Dannyl para esse papel. Embora o rei kyraliano destinasse parte de sua renda de impostos para pagar pelas necessidades dos magos kyralianos, e deixasse a seleção de candidatos ao acaso, outras terras tinham abordagens diferentes. O rei de Elyne oferecia um número de vagas todo ano e escolhia os candidatos levando em conta implicações políticas futuras. Os vindos mandavam tantos candidatos quanto pudessem achar e pagar, o que não era muito, já que havia pouca habilidade mágica em suas linhagens.

Os lonmares eram governados por um Conselho de Anciões composto por representantes dos Grandes Clãs. Cada Clã financiava o treinamento de seus

magos. O acordo de séculos realizado entre os lonmares e o rei kyraliano declarava que, se um clã não fosse capaz de financiar seus magos, outros clãs deveriam compartilhar de maneira igual o custo de sustentá-los. O Clã não queria que magos enfrentassem tempos financeiros difíceis e se voltassem para usos não éticos de magia para sobreviver.

Não era de surpreender, portanto, que vários clãs estivessem protestando. Pelo que o Embaixador Vaulen havia dito a Dannyl, no entanto, eles só precisavam ser lembrados de maneira gentil e firme das desvantagens de se ter o acordo anulado, com seus magos sendo enviados de volta para casa e o acesso ao treinamento do Clã sendo recusado, e eles iriam cooperar. Vaulen representava o papel do elyne que procurava convencer de maneira gentil e Dannyl deveria ser o kyraliano firme e inflexível.

Mas não hoje.

Ouvindo que o pedido de Dannyl para o Templo havia sido bem-sucedido, o Embaixador Vaulen mandou criados prepararem imediatamente a carruagem do Clã.

— Hoje é um dia de descanso — ele disse. — O que significa que os Anciões vão visitar uns aos outros e debater o que fazer. É melhor você aproveitar para fazer uma excursão. — Ele lhe ofereceu frutas secas amolecidas com água misturada com mel e esperou.

— Há alguma coisa que eu deva saber sobre os sacerdotes antes de ir? — Dannyl perguntou.

Vaulen refletiu sobre a pergunta.

— De acordo com a doutrina Mahga, todos os homens encontram um equilíbrio entre o prazer e a dor na vida. Embora os magos sejam considerados como presenteados com a magia, eles são impedidos de atingir o sacerdócio. Apenas algumas exceções foram feitas.

— Verdade? — Dannyl se aprumou. — Em que circunstâncias?

— No passado, julgou-se que alguns teriam sofrido grandemente e poderiam buscar o equilíbrio ligando-se ao sacerdócio, mas apenas se desistissem de seus

poderes... E mesmo assim eles ainda eram impedidos de assumir os postos mais elevados.

— Espero que isso não signifique que eles venham a me causar dor para equilibrar meus dons.

Vaulen sorriu.

— Você é um descrente. Isso é equilíbrio suficiente.

— O que você pode me dizer sobre o Sacerdote Supremo Kassyk?

— Ele respeita o Clã e fala com apreço do Lorde Supremo.

— Por que Akkarin em particular?

— Akkarin visitou o Templo há mais de dez anos, e parece que ele impressionou bastante o Sacerdote Supremo.

— Ele tem um jeito de fazer isso. — Dannyl olhou para Tayend, mas o acadêmico estava concentrado em comer. Tayend, para sua surpresa, havia voltado de sua visita ao alfaiate no dia seguinte de sua chegada vestido em roupas sem cores, típicas do lonmares. “Elas são muito confortáveis”, o acadêmico havia dito. “E eu queria ter algo como suvenir da nossa visita.” Balançando negativamente a cabeça, Dannyl respondera: “Só você poderia transformar uma declaração de humildade num objeto de indulgência”.

— Sua carruagem chegou — Vaulen disse, se levantando.

Ouvindo batidas de casco e o rangido de molas lá fora, Dannyl se dirigiu para a porta. Tayend o seguiu, limpando o resíduo grudento da fruta seca dos seus dedos com um pano úmido.

— Transmita meus cumprimentos ao Sacerdote Supremo — disse Vaulen.

— Eu o farei. — Dannyl saiu do prédio. Na mesma hora ele foi banhado pelo calor que irradiava do muro iluminado pelo sol no outro lado da rua. A poeira levantada pela carruagem fez sua garganta coçar.

Um criado abriu a porta da carruagem. Subindo nela, Dannyl se retraiu quando entrou na cabine quente a ponto de sufocar. Tayend o seguiu, se

ajeitando do lado oposto com uma careta. O criado entregou a eles duas garrafas de água e então sinalizou ao condutor para que partisse.

Abrindo as janelas da carruagem na esperança de receber uma brisa, Dannyl teve de aguentar a poeira que voou para dentro, tirando-a de sua garganta com golaços d'água. As ruas eram estreitas, o que as mantinha com tanta sombra quanto possível, mas o aglomerado de pedestres tornava a carruagem lenta. Algumas ruas eram cobertas com tetos de madeira, formando túneis escuros.

Depois de algumas conversas breves, eles ficaram em silêncio. Falar apenas enchia a boca de poeira. A carruagem andava lenta, se arrastando pela cidade infindável. Não demorou muito para Dannyl se cansar de ver pessoas e casas que pareciam todas iguais. Encostou na lateral da carruagem e cochilou.

O som de calçamento sob as patas dos cavalos o acordou. Olhando para fora da janela, ele viu paredes lisas em ambos os lados. Depois de uma centena de passos mais ou menos, o corredor se encerrou e a carruagem entrou em um largo pátio. Finalmente, o Templo Esplêndido apareceu no campo de visão.

Como todo o resto da arquitetura lonmar, o prédio tinha um só andar e não era decorado. As paredes eram de mármore, no entanto os blocos eram encaixados uns com os outros de maneira tão precisa que era difícil ver suas bordas. Obeliscos foram colocados na face do prédio em intervalos, cada um tão largo na base quanto alto era o prédio, e eles se elevavam além do que a janela da carruagem permitia que ele visse.

A carruagem parou e Dannyl desceu, ansioso demais para sair do calor sufocante do interior para esperar o condutor vir abrir a porta. Erguendo os olhos, respirou fundo quando viu quão altos os obeliscos eram. Colocados a cinquenta passos mais ou menos em todas as direções, eles enchiam o céu.

— Olhe tudo isso — Dannyl disse para Tayend baixinho. — É como uma floresta de árvores gigantescas.

— Ou milhares de espadas.

— Ou mastros de navios esperando para levar almas embora.

— Ou uma enorme cama de pregos.

— Você está de bom humor hoje — Dannyl comentou secamente.

Tayend deu um sorriso torto.

— Eu estou, não estou?

Quando se aproximaram da porta do Templo, um homem de túnica branca simples saiu para cumprimentá-los. Seu cabelo era branco, contrastando com o negro intenso da pele. Fazendo uma reverência mínima, ele pressionou uma das mãos contra a outra e então as abriu no gesto ritual dos seguidores de Mahga.

— Bem vindo, Embaixador Dannyl. Sou o Sacerdote Supremo Kassyk.

— Obrigado por permitir nossa visita — Dannyl respondeu. — Esse é meu assistente e amigo, Tayend de Tremmelin, acadêmico da Grande Biblioteca de Capia.

O Sacerdote Supremo repetiu o gesto.

— Bem-vindo, Tayend de Tremmelin. Vocês gostariam de ver um pouco do Templo Esplêndido antes de olhar os pergaminhos?

— Nós ficaríamos honrados — Dannyl respondeu.

— Sigam-me.

O Sacerdote Supremo se virou e os guiou para a refrescância do prédio do templo. Eles percorreram um longo corredor, o sacerdote gesticulando enquanto explicava a história ou o significado religioso dos detalhes. Longos corredores cruzavam aquele pelo qual seguiam. A luz infiltrava-se por pequenas e estreitas janelas, colocadas logo abaixo do teto arqueado. Ocasionalmente passaram um pequeno pátio cheio de plantas de folhas grandes, surpreendendo os visitantes em seu inesperado viço. Em outros pontos, pararam em fontes instaladas nas paredes para beberem um bocado de água.

O Sacerdote Supremo mostrou os pequenos quartos onde os sacerdotes viviam e passavam o tempo em estudo ou em contemplação. Ele os guiou por salões grandes e cavernosos nos quais preces e rituais eram realizados todos os dias. Por fim, conduziu-os ao complexo de pequenas salas onde ficavam os

pergaminhos e livros.

— Que textos gostaria de ver? — Kassyk perguntou.

— Eu gostaria de ver os pergaminhos de Dorgon.

O sacerdote encarou Dannyl silenciosamente antes de responder.

— Nós não permitimos a descrentes lerem esses textos.

— Ah. — Dannyl franziu a testa, desapontado. — Isso não é uma boa notícia. Fui levado a acreditar que esses pergaminhos estavam disponíveis para consulta e vim de longe para vê-los.

— É de fato uma pena. — O Sacerdote Supremo parecia genuinamente compadecido.

— Perdoe-me se estou errado, mas o senhor permitiu que fossem lidos antes, não é mesmo?

Kassyk piscou surpreso. Concordou lentamente com a cabeça.

— Seu Lorde Supremo, quando visitou dez anos atrás, me persuadiu a lê-los para ele. Ele me assegurou que ninguém viria buscar essas informações de novo.

Dannyl trocou olhares com Tayend.

— Akkarin não era o Lorde Supremo na época, mas mesmo que fosse, como ele poderia ter garantido isso?

— Ele fez um juramento de nunca repetir o que ouvira. — O sacerdote franziu ainda mais as sobrancelhas. — Ou de não fazer referência aos pergaminhos para qualquer outra pessoa. Ele também disse que as informações não eram de interesse para o Clã. Nem eram de interesse para ele, pois ele estava buscando magia antiga, não tradições religiosas. Você está buscando as mesmas verdades?

— Eu não posso dizer, pois não sei exatamente o que Akkarin estava procurando. Esses pergaminhos podem ser relevantes para minha pesquisa apesar de não terem sido de nenhuma utilidade para o Lorde Supremo. — Dannyl encarou o olhar do sacerdote. — E se eu fizer o mesmo juramento, o senhor os lerá para mim?

O sacerdote examinou Dannyl. Depois de uma longa pausa, concordou.

— Muito bem, mas seu amigo precisa permanecer aqui.

Os ombros de Tayend se arquearam, mas, quando sentou numa cadeira próxima, ele liberou um suspiro de alívio. Deixando o acadêmico a se abanar, Dannyl seguiu o Sacerdote Supremo pelas salas de pergaminhos. Depois de um percurso labiríntico, entraram numa pequena sala quadrada.

Em toda a volta, havia prateleiras cobertas com quadrados de vidro claro e sem falhas. Ao se aproximar, Dannyl viu os pedaços fragmentados de papel que estavam pressionados contra o vidro.

— Os pergaminhos de Dorgon. — O Sacerdote Supremo se dirigiu até o primeiro.

— Eu vou traduzir para você se jurar pela honra de sua família e do Clã que nunca vai divulgar seu conteúdo para ninguém.

Dannyl se aprumou e virou-se para encarar Kassyk.

— Juro pela honra da minha família e de minha Casa, e do Clã dos Magos de Kyralia, que nunca vou transmitir o que aprender nesses pergaminhos para nenhum homem ou mulher, velho ou jovem, a não ser que meu silêncio cause danos do maior grau às Terras Aliadas. — Ele fez uma pausa. — Isso é aceitável? Eu não posso jurar se não for assim.

As rugas ao redor da boca do velho homem ficaram mais pronunciadas com seu deleite, mas ele respondeu de forma solene.

— Isso é aceitável.

Aliviado, Dannyl seguiu o Sacerdote Supremo até o primeiro dos pergaminhos e ouviu enquanto o homem começava a ler. Eles lentamente percorreram toda a sala, Kassyk apontando e explicando diagramas e imagens no texto. Quando o último pergaminho foi lido, Dannyl sentou num banco no centro da sala.

— Quem poderia ter imaginado? — ele disse em voz alta.

— Ninguém na época — Kassyk respondeu.

— Eu posso entender por que você não quer eles sejam lidos.

Kassyk riu e sentou ao lado de Dannyl.

— Não é segredo para aqueles que entram no Sacerdócio que Dorgon era um impostor que usou seus parcos poderes para convencer milhares de sua santidade. O que aconteceu depois é que tem um significado profundo. Ele começou a ver que havia milagres nos seus truques, e que os milagres na verdade eram truques do Grande Poder. Mas qualquer um que tenha lido esses pergaminhos não saberia disso.

— Por que o senhor conserva esses pergaminhos, então?

— Eles são tudo que temos de Dorgon. Suas obras posteriores foram copiadas, mas esse é o único texto original que sobreviveu. Ele foi mantido e preservado por uma família que resistiu à religião Mahga por séculos.

Dannyl olhou ao redor da sala e concordou com a cabeça.

— Certamente, não há nada de danoso aqui ou mesmo útil. Eu vim a Lonmar por nada.

— Seu Lorde Supremo disse a mesma coisa, antes de ser Lorde Supremo. — Kassyk sorriu. — Eu me lembro bem da visita dele. Você foi educado, Embaixador Dannyl. O jovem Akkarin riu em voz alta quando ouviu o que você aprendeu hoje. Talvez as verdades que vocês estão buscando sejam mais semelhantes do que você pensou inicialmente.

Dannyl concordou com a cabeça.

— Talvez. — Ele olhou para o Sacerdote Supremo. — Obrigado por me permitir saber isso, Sacerdote Supremo. Peço desculpas por não ter acreditado no senhor quando disse que não continha nada sobre o poder antigo.

O homem se levantou.

— Eu sabia que você permaneceria curioso se eu lhe tivesse negado. Agora você sabe e eu confio que vai manter sua palavra. Vou devolvê-lo a seu amigo.

Levantando-se, eles percorreram o caminho de volta pelo labirinto de

passagens.

— Todos os livros sobre a Guerra Sachakan foram levados? — Sonea perguntou.

Lorde Jullen ergueu o olhar.

— Foi isso que eu disse.

Sonea se virou e balbuciou um xingamento que a teria feito tomar uma bronca severa de Rothen.

Quando passaram um exercício para a sala que envolvia pegar livros da biblioteca, seguiu-se uma dança elaborada, na qual a classe competia de maneira educada pelos melhores livros. Não querendo se juntar a eles, Sonea tentou a biblioteca de Rothen, mas descobriu que ele não tinha nada sobre o assunto. Quando ela finalmente voltou à Biblioteca dos Aprendizes, nada de útil restara. Sobrou a Biblioteca dos Magos, que aparentemente tinha sido pilhada também.

— Eles se foram todos — ela contou a Rothen quando chegou até ele.

Suas sobrancelhas se levantaram.

— Todos eles? Como isso é possível? Há uma restrição no número de livros que cada aprendiz ou mago pode tomar emprestado.

— Eu não sei. Ele provavelmente persuadiu Gennyl a tomar alguns emprestados também.

— Você não sabe se foi Regin que fez isso, Sonea.

Ela deu uma risada baixinho.

— Por que você não manda fazer uma cópia?

— Isso ia sair caro, não?

— É para isso que você tem uma mesada, lembre-se.

Ela fez uma careta e afastou o olhar.

— Quanto tempo levaria?

— Isso depende do livro. Alguns dias para livros impressos, algumas semanas para escritos a mão. Seu professor vai saber quais volumes são os melhores. — Ele riu e abaixou a voz. — Não conte a ele seus motivos e ele vai ficar impressionado por seu aparente interesse no tema.

Ela pegou sua pasta de anotações.

— É melhor eu ir. Vejo você amanhã.

Ele concordou com a cabeça.

— Quer que eu vá com você?

Ela hesitou e então balançou negativamente a cabeça.

— Lorde Ahrind fica de olho em todo mundo.

— Boa noite, então.

— Boa noite.

Lorde Jullen a olhou de maneira suspeita quando ela deixou a Biblioteca dos Magos. Estava frio lá fora, e ela se dirigiu apressadamente para os Alojamentos dos Aprendizes. Passando pela porta, ela avistou uma pequena multidão de aprendizes no corredor e parou. Quando eles a viram, seus rostos se abriram em enormes sorrisos. Olhando além deles, notou as palavras que alguém havia escrito na porta com tinta. Cerrando os dentes, deu um passo adiante.

Quando ela fez isso, Regin emergiu da multidão. Ela se preparou para suas palavras de escárnio, mas de repente ele recuou tão rápido quanto havia aparecido.

— Hai! Sonea!

Reconhecendo a voz, ela girou o corpo. Duas figuras haviam entrado no corredor, uma alta e uma baixa. Os olhos de Lorde Ahrind se estreitaram quando ele viu os escritos na porta. Ele a ultrapassou, e ela ouviu as negações dos aprendizes atrás dela.

— Não me importa quem fez isso. Você vai limpar. Agora!

Mas Sonea ignorou tudo isso. Sua atenção foi atraída por um rosto familiar e

amigável.

— Cery! — ela sussurrou.

O sorriso de Cery desapareceu quando ele olhou para a situação atrás dela.

— Eles estão causando problemas. — Não era uma pergunta.

Ela deu de ombros.

— Eles são só crianças. Eu...

— Sonea. — Lorde Ahrind voltou para o lado deles. — Você tem um visitante, como sem dúvida pode ver por si mesma. Pode falar com ele no corredor ou lá fora. Não no seu quarto.

Sonea anuiu com a cabeça.

— Sim, meu lorde.

Satisfeito, ele saiu andando pela porta e desapareceu. Olhando ao redor, ela viu que todos os aprendizes tinham desaparecido, menos um. Observou o garoto que restara limpar a tinta da porta dela. Pelo olhar mal-humorado que ele lhe deu antes de ir embora e desaparecer dentro de seu quarto, ela imaginou que ele tinha sido meramente um entre os que estavam na plateia, não o que havia escrito a mensagem.

Embora o corredor estivesse vazio, Sonea podia imaginar ouvidos pressionados contra as portas, ouvindo sua conversa com Cery.

— Vamos lá fora. Espere aqui. Só vou pegar algo.

Entrando no quarto, ela pegou um pequeno pacote e então voltou ao corredor e conduziu Cery até os jardins. Eles encontraram um banco abrigado. Quando ela criou uma barreira de calor ao redor deles, as sobrancelhas de Cery se levantaram e ele lhe deu um olhar de aprovação.

— Você aprendeu uns truques úteis.

— Só alguns — ela concordou.

Ele deu uma olhada rápida nos arredores, observando constantemente as

sombras.

— Lembra quando estivemos neste jardim a última vez? — ele perguntou. — Nos esgueirando por entre as árvores. Isso foi quase um ano atrás.

Ela sorriu.

— Como eu poderia esquecer?

Seu sorriso sumiu quando ela lembrou o que tinha presenciado embaixo da Residência do Lorde Supremo. Na ocasião, estava ansiosa demais para sair dali e contar a Cery o que tinha visto. Mais tarde, ela lhe havia dito que vira um mago usando magia, mas não sabia que era magia negra proibida. Agora, é claro, ela havia prometido ao Administrador que ia manter a verdade escondida de todos, com exceção de Rothen.

— Aquele garoto é o líder, não é? O que se escondeu quando viu aquele mago... Lorde Ahrind, não?

Ela concordou com a cabeça.

— Qual é o nome do garoto?

— Regin.

— Ele a está incomodando muito?

Ela suspirou.

— O tempo todo. — Conforme ela contou sobre as peças e zombarias, sentiu-se ao mesmo tempo embaraçada e aliviada. Era bom falar com um velho amigo e dava satisfação ver a raiva no rosto de Cery.

Ele soltou uns bons xingamentos.

— Esse garoto precisa de uma boa lição, se você quer saber. Gostaria que eu a ensinasse para ele?

Sonea riu.

— Mas você nunca vai chegar perto dele.

— Ah? — Ele deu um sorriso malicioso. — Magos não deveriam machucar

pessoas, não é?

— Não.

— Então ele não poderia usar seus poderes numa luta contra um não mago, não é?

— Ele não lutaria com você, Cery. Ele consideraria abaixo dele lutar com um favelado.

Ele fez um barulho rude.

— Ele é um covarde então?

— Não.

— No entanto, ele não tem nada contra ficar provocando você. Você era uma favelada.

— Ele não está lutando comigo. Ele só está fazendo com que todo mundo se lembre de onde eu vim.

Cery refletiu sobre isso por um tempo, e então deu de ombros.

— Então, nós só vamos ter que matá-lo.

Surpresa com o absurdo da sugestão, ela riu.

— Como?

Seus olhos lampejaram.

— Nós poderíamos... Atraí-lo para uma passagem e então fazê-la desmoronar.

— Isso é tudo? Ele só teria que usar um escudo e então empurrar os destroços para longe.

— Não sem usar toda sua magia. Que tal se nós o cobrirmos com muitos destroços? Uma casa inteira.

— Seria preciso mais que isso.

Ele franziu os lábios, pensando.

— Nós poderíamos fazê-lo tropeçar num tanque de esgoto e prendê-lo lá

dentro.

— Ele iria abrir o caminho para si próprio.

— Então podemos enganá-lo para ele entrar num navio e depois afundá-lo bem longe no mar.

— Ele faria uma bolha de ar em volta de si mesmo e flutuaria.

— Ah, mas ele não poderia aguentar para sempre. Ele iria ficar cansado e então se afogar.

— Nós podemos manter um escudo básico por bastante tempo — ela contou a ele. — Tudo que ele precisaria fazer é se comunicar mentalmente com Lorde Garrel e o Clã iria mandar outro barco para resgatá-lo.

— Se afundássemos o navio bem longe de outros magos, ele poderia morrer de sede.

— Ele poderia — ela concordou —, mas eu duvido. A magia nos torna robustos. Sobrevivemos por mais tempo do que pessoas normais... E, além disso, aprendemos como extrair o sal da água. Ele não iria passar sede, e poderia pegar peixes e cozinhá-los para comer.

Cery emitiu um pequeno suspiro de impaciência.

— Pare! Você está me deixando com ciúme. Não dá para você cansá-lo para mim antes? Aí eu dou uma boa amolecida nele.

Sonea riu.

— Não, Cery.

— Por que não? Ele é mais forte que você?

— Eu não sei.

— Então o quê?

Ela desviou o olhar.

— Não vale a pena. O que quer que você faça, ele vai revidar em mim.

Cery sossegou.

— Parece que ele já está se divertindo às suas custas o suficiente. Não é a sua cara ficar aguentando algo assim. Lute com ele, Sonea. Pelo jeito, você não tem nada a perder. — Seus olhos se estreitaram. — Eu podia fazer à maneira dos Ladrões.

Ela o olhou severa.

— Não.

Ele esfregou uma mão na outra.

— Ele machuca minha família, eu machuco a dele.

— Não, Cery.

Sua expressão ficou distante e ele não parecia estar ouvindo.

— Não se preocupe, eu não iria matá-los ou machucar os mais fracos, só assustar alguns dos homens da família. Regin vai acabar entendendo, porque ele vai perceber que um dos seus parentes vai ser visitado por um mensageiro toda vez que ele fizer algo com você.

Sonea tremeu.

— Nem brinque com isso, Cery. Não tem graça.

— Eu não estava brincando. Ele não ousaria mexer com você.

Ela agarrou o braço dele e o virou para que a encarasse.

— Isso não é a favela, Cery. Se você acha que Regin vai ficar quieto por ter de admitir o que está fazendo, você está errado. Você estaria jogando nas mãos dele. Machucar sua família é uma ofensa maior do que tornar as coisas difíceis para outro aprendiz. Eu teria usado conexões com os Ladrões para machucar a família de outro aprendiz. Eles iriam me expulsar do Clã por isso.

— Conexões com os Ladrões. — O nariz de Cery se agitou. — Entendo.

— Ah, Cery. — Sonea fez uma careta. — Eu te agradeço por querer ajudar. De verdade.

Ele olhou feio para as árvores.

— Eu não posso fazer nada para pará-lo, não é?

— Não. — Ela sorriu. — Mas é divertido pensar em afundar Regin no mar ou em jogar uma casa em cima dele.

Os lábios dele se curvaram num sorriso.

— Com certeza.

— E eu estou feliz por você ter vindo. Eu não te vejo desde que entrei na Universidade.

— O trabalho tem me mantido ocupado — ele disse. — Você ouviu sobre os assassinatos?

Sonea franziu as sobrancelhas.

— Não.

— Tem tido vários ultimamente. Estranhos. A Guarda está em busca do assassino, causando problemas para todo mundo, então os Ladrões querem que ele seja encontrado. — Ele deu de ombros.

— Você viu Jonna e Ranel?

— Eles estão bem. Seu priminho é forte e saudável. Você vai aparecer em breve? Eles dizem que faz tempo que você não vai lá.

— Eu vou tentar. Ando muito ocupada. Tem bastante coisa para estudar. — Ela enfiou a mão no bolso e puxou um pacote. — Quero que dê isso a eles. — Pressionou contra a mão dele.

Ele avaliou o peso, e então olhou para ela surpreso.

— Moedas?

— Um pouco da minha mesada. Diga a eles que é uma parte dos seus impostos indo para uma causa melhor... E se Jonna não aceitar, dê para Ranel. Ele não é tão teimoso.

— Mas por que me dar para entregar?

— Porque eu não quero que ninguém aqui saiba. Nem mesmo Rothen. Ele

aprovaria, mas... — Ela deu de ombros. — Eu gosto de manter algumas coisas para mim mesma.

— E eu?

Ela sorriu e balançou um dedo na frente dele.

— Eu sei exatamente quanto tem aí.

Ele comprimiu o lábio inferior?

— Como se eu fosse roubar de uma amiga.

Ela riu.

— Não, não iria. Só de todo mundo mais.

— Sonea! — uma voz chamou.

Eles ergueram os olhos. Lorde Ahrind estava parado fora dos Alojamentos dos Aprendizes, virando a cabeça de um lado para o outro, em busca dela. Sonea se levantou e o mago a localizou. Ele gesticulou de maneira imperiosa para que ela entrasse.

— É melhor eu ir — ela disse.

Cery balançou negativamente a cabeça.

— É estranho ouvir você chamá-los de “meu lorde” e pular para obedecer suas ordens.

Ela fez uma careta para ele.

— Como se você não tivesse feito isso para Faren. Ao menos eu sei que, em cinco anos, vou mandar em todo mundo por aqui.

Uma expressão estranha cruzou o rosto de Cery. Ele sorriu e gesticulou para que ela fosse embora.

— Vá lá. Volte para seus estudos. Vou tentar aparecer logo.

— Eu vou lhe cobrar isso.

Ela começou a seguir para os Alojamentos dos Aprendizes com relutância.

Lorde Ahrind a observou, os braços cruzados.

— E diga àquele garoto que vou quebrar as pernas dele se ele não te deixar em paz — Cery gritou, alto o suficiente para apenas ela ouvir.

Ela se voltou para sorrir para ele.

— Vou fazer isso eu mesma se ele me provocar o suficiente. Por engano, é claro.

Ele fez um movimento de aprovação com a cabeça, e então acenou com as mãos para que ela fosse embora. Ao chegar aos Alojamentos dos Aprendizes, ela olhou de volta. Ele ainda estava parado perto do banco. Quando ela acenou, ele fez para ela um rápido sinal na linguagem de sinais de rua. Ela sorriu e então deixou Lorde Ahrind conduzi-la para dentro.

Capítulo 13

Ladra!

Ao sair dos Alojamentos dos Aprendizes, Sonea prendeu a respiração com surpresa e prazer. O céu era de um azul pálido luminoso, com listras de nuvens alaranjadas e brilhantes. Em algum lugar por trás da Montanha de Sarika, o sol nascia.

Ela descobrira que apreciava as primeiras horas, quando tudo ainda estava quieto e tranquilo. Com a proximidade do inverno, a aurora chegava cada dia mais tarde, e hoje, por fim, ela podia vê-la pessoalmente.

Criados, bocejando, piscaram para Sonea, e, conforme entrava no Refeitório, um deles, sem nada dizer, embrulhou um apetitoso pão doce para ela levar. Já estavam acostumados à sua presença em horários imprevisíveis. Dali, Sonea seguiu para a Casa de Banhos. De todos os locais no Clã, a Casa de Banhos se tornara um dos mais seguros. Mulheres e homens eram rigorosamente separados e, para garantir isso, haviam sido construídos setores exclusivos, separados por uma parede de tijolos. Nem Issle nem Bina jamais haviam tentado aborrecê-la por lá. Quase sempre havia outras magas na Casa de Banhos, então as chances de assédio eram menores.

Regin rapidamente descobrira que qualquer insulto ou insinuação dirigida a ela não impressionava seus novos colegas de classe. Como Sonea esperava, ele não conseguira seduzi-los para que o seguissem. Sua tentativa de fazer amizade com Poril fora quase comicamente malsucedida, à medida que o menino se recolhia com medo e descrença.

Na pausa do meio-dia, quando os aprendizes iam ao Refeitório, Regin sempre se juntava à sua antiga turma. Ela imaginava que ele não abandonaria sua velha

gangue já que os novos colegas de classe não estavam interessados em formar uma nova. E, agora que tinham recomeçado com os assédios, precisavam de tempo para planejar suas ações.

Eles só dispunham de poucas horas antes da primeira aula e depois da última para encontrá-la e atormentá-la. Sonea procurou dificultar que a encontrassem até os últimos momentos antes do primeiro gongo. Depois da aula, entretanto, a gangue geralmente ficava de tocaia, aguardando-a e ela pouco podia fazer para evitá-los.

Apesar de os colegas de turma não aderirem, tampouco acorriam em seu auxílio. Poril não servia de barreira. Ele ficava atrás, pálido e trêmulo, enquanto ela suportava as provocações de Regin.

Por vezes, ela conseguia evitar a gangue oferecendo-se para carregar alguma coisa para o mestre ou fazendo-lhe uma pergunta cuja resposta levasse a maior parte do tempo do trajeto para fora da Universidade para ser dada. A presença de qualquer mago no corredor era oportunidade para escapar deles. Rothen encontrava-se com ela algumas vezes após a aula, mas no dia seguinte Sonea sempre ouvia comentários desprezíveis a respeito.

Nos Alojamentos dos Aprendizes, a gangue a deixava sozinha. Um dia, forçaram a porta de seu quarto e bagunçaram seus pertences. Um rápido questionamento mental a Lorde Ahrind sobre como lidar com convidados indesejáveis o fizera vir cobrar, irado, explicações sobre o ocorrido. Desde então, eles não tentaram entrar novamente no quarto de Sonea... Até onde ela podia afirmar.

Ela comprara uma caixa resistente com uma alça para carregar seus pertences, cansada de ter os livros arrancados das mãos, as anotações queimadas e as canetas e tinteiros destruídos. E, ao proteger essa caixa com magia, conservou bem afiadas as suas habilidades de manter escudos.

À saída da Casa de Banhos, Sonea observou as identidades dos aprendizes nos arredores do pátio. Ela segurou com força a alça da caixa ao entrar na Universidade e começou a subir os degraus. Chegando ao corredor do segundo andar, rapidamente verificou os rostos. Um amontoado de túnicas marrons se

juntara do lado de fora de sua sala de aula, as cabeças próximas umas das outras. Seu estômago doeu.

Olhando ao redor, Sonea viu um mago conversando com um aprendiz uns cem passos à frente. Estaria ele perto o suficiente para deter qualquer maldade? Talvez.

Caminhando o mais suavemente possível, Sonea se aproximou dos aprendizes. Quando estava bem perto da sala, o mago de repente se virou e, a passos largos, desceu as escadas. Ao mesmo tempo, Issle olhou para cima e viu Sonea.

— Ugh! — A voz clara de Issle encheu o corredor. — Que cheiro é esse?

Regin olhou para cima e sorriu.

— É o cheiro das favelas. Veja, fica mais forte quanto mais perto se chega.

Ele passou em frente a Sonea e sua atenção desviou-se para ela.

— Talvez haja algo fedorento em sua nova caixa, não?

Sonea recuou conforme Regin veio ao encalço da caixa. Foi, então, que uma figura alta, de túnica preta, saiu da passagem ao lado deles e Regin ficou petrificado no lugar, com os braços ainda estendidos.

Conforme o impulso de Sonea a retirou do alcance de Regin e colocou-a no caminho do mago, ela compreendeu que era a única ainda em movimento. Todos os outros aprendizes no corredor estavam parados, com a atenção fixa no mago.

O mago da túnica preta. O Lorde Supremo.

No fundo de sua mente uma voz gritava: “É ele! Corra! Fuja!”. Sonea deu alguns passos rápidos para trás, saindo do caminho dele. “Não”, ela pensou, “não chame atenção para você. Comporte-se como ele esperaria que você fizesse.” Reequilibrando-se, ela se curvou respeitosamente.

Ele continuou a passar, sem olhar para ela. Imitando-a, os demais aprendizes fizeram uma rápida reverência. Ela decidiu tirar vantagem da distração, e passou por Regin, entrando na sala.

De imediato, Sonea sentiu o efeito da presença do Lorde Supremo se dissipar. Os aprendizes na sala se recostaram em suas cadeiras. Lorde Vorel estava tão concentrado no que quer que estivesse escrevendo que nem notou a mesura que ela fez. Sentando ao lado de Poril, ela fechou os olhos e soltou um longo suspiro.

Naqueles poucos momentos, com todos quase congelados de surpresa, era como se existissem apenas ela e a figura negra dos seus pesadelos. E ela fizera uma mesura para ele. Olhou para suas mãos, ainda segurando a alça da caixa. Ela se curvara tanto que não pensara em nada disso. Mas isso era diferente. Estava enraivecida. Sabendo o que ele era e o que era capaz de fazer...

De repente, a sala se encheu com o ruído do arrastar de cadeiras, enquanto todos os aprendizes em volta dela se colocavam de pé. Sonea seguiu o exemplo dos demais, compreendendo que o último dos aprendizes havia chegado e que ela não ouvira Lorde Vorel se dirigir à turma. O Guerreiro gesticulou na porta e os aprendizes começaram a sair em fila. Intrigada, Sonea seguiu Poril.

— Deixe seus livros aqui, Sonea — disse Vorel.

Sonea olhou para sua caixa e, em seguida, para o restante das mesas vendo que os outros aprendizes também tinham deixado seus pertences para trás. Relutante, voltou para sua mesa e colocou a caixa em cima dela, em seguida apressou-se para alcançar a turma.

Os aprendizes conversavam animadamente entre si. Poril, entretanto, parecia doente.

— Nós estamos indo para onde? — ela sussurrou para ele.

— Pa-para a Arena — ele respondeu, com voz trêmula.

Sonea sentiu o coração palpitar. A Arena. Por enquanto as aulas de Artes Guerreiras haviam sido lições de história e instruções sem fim sobre criação de barreiras. Tudo era executado dentro das salas de aula da Universidade. Eles haviam sido informados que seriam levados no final para a Arena, a fim de aprender o lado ofensivo da disciplina.

Um estranho sentimento — não exatamente de pavor — tomou conta dela conforme a turma descia as escadas e se encaminhava para fora da Universidade.

Ela não se aproximara da Arena desde o dia, quase um ano atrás, em que Rothen a levara para ver a demonstração das Artes Guerreiras como parte da sua tentativa de persuadi-la a permanecer no Clã e se unir a ele. Ver os aprendizes lançarem magias uns nos outros fora perturbador. Aquilo lhe evocou lembranças desagradáveis do dia em que arremessara a pedra nos magos e pela primeira vez usara magia, e como eles tinham matado, sem intenção, o menino que, segundo eles, os havia atacado.

Fora um erro banal, mas transformara um menino inocente em um corpo carbonizado. As preleções sobre segurança que os outros aprendizes pareciam rejeitar tão facilmente sempre lhe davam calafrios. Ela não podia deixar de imaginar a frequência com que os erros de fato aconteciam.

À frente, Regin, Hal e Benon avançavam ansiosamente e a passos largos ao longo do caminho do jardim. Até mesmo os rostos de Narron e Trassia estavam corados com entusiasmo. Talvez a ideia de matar acidentalmente alguém das Casas, ou da nobreza de outra terra, pudesse contê-los. Mas será que a perspectiva de matar uma ex-favelada os faria parar?

Conforme alcançaram o espaço externo da Arena, amplo e plano, Sonea fitou as oito estruturas curvas e espiraladas, espalhadas em torno dela. Ela pôde sentir no ar uma tênue vibração proveniente da barreira mágica que as espirais sustentavam. Forçando-se a andar para a extremidade, olhou a parte inferior da estrutura. A base era um círculo de pedra coberto com areia branca. As espirais estavam dispostas uniformemente em torno dela. A partir de suas bases, havia degraus de pedra que iam até a altura do jardim. De um lado, havia um portal quadrado, que dava acesso ao interior da Arena através de uma pequena escadaria subterrânea.

— Sigam-me — ordenou Lorde Vorel.

Ele desceu a escadaria, levando os aprendizes através do portal e para dentro da Arena.

— Formem uma fila.

Os aprendizes obedeceram, Poril indo para o último lugar. Lorde Vorel

esperou até que ficassem em silêncio, então pigarreou.

— Esta será a primeira lição de ataques básicos. Também será a primeira vez em que usam a magia para valer. Atenção a este aviso: o que vocês vão fazer hoje é perigoso. — Ele encarou todos eles, um por vez, conforme falava. — Precisamos ter extremo cuidado durante estes exercícios. Mesmo no nível básico, vocês são bem capazes de matar. Lembrem-se bem disso. Eu não tolerarei qualquer tolice. Displicência será punida severamente.

Um arrepio percorreu a espinha de Sonea. “Espero que a punição seja severa o suficiente para convencer Regin de que um ‘acidente’ não é um caminho fácil para se livrar de mim.”

De repente, Vorel sorriu e esfregou as mãos com vigor.

— Vou ensinar três ataques básicos neste nível. Primeiro, veremos cada um de vocês usá-los instintivamente. Regin.

Regin deu um passo à frente.

Lorde Vorel andou para trás até ficar quase na extremidade da Arena, então levantou as mãos e fez um movimento de amplitude. Um disco de energia visível estacionada apareceu na frente dele. Dando um passo para o lado, acenou para Regin.

— Concentre seu poder e mande-o na direção deste escudo.

Regin levantou a mão e esticou-a em direção ao alvo. Franziu o cenho e, em seguida, um raio brilhante de luz saiu de sua mão atingindo o disco.

— Bom — disse Lorde Vorel. — Um golpe de força, mas com muita quantidade de energia desperdiçada em termos de luz e calor. Hal.

Sonea olhou para o disco reluzente de magia. Provavelmente, Vorel estaria usando um escudo para detectar que tipos de energia os aprendizes utilizavam... Mas ela continuou lembrando-se de outra coisa, algo que fez seu estômago revirar com ódio e náusea.

Novamente um raio de energia atingiu o disco, dessa vez tingido de azul. Uma lembrança de luz e gritos passou-lhe pela mente.

— Um golpe de calor — disse Vorel, continuando a explicar as diferenças entre golpe de força e golpe de calor. Parte da mente dela estava organizando essas informações, embora ela não pudesse se livrar das lembranças.

“A multidão correndo... Um corpo enegrecido... O cheiro de carne queimada...”

— Benon.

O menino kyraliano deu um passo à frente. O raio que saía de sua mão era quase transparente.

— Golpe de força.

Vorel pareceu satisfeito.

— Narron...

Outro raio de força percorreu o ar.

— Principalmente golpe de força, mas com grande quantidade de calor. Trassia...

Um feixe de chamas deslumbrou os olhos de Sonea.

— Golpe de calor. — Vorel pareceu confuso. — Seno...

O menino vindo franziu a testa por um longo tempo antes de um feixe de luz saltar-lhe da mão, que saiu torto e errou o disco. Conforme bateu na barreira da Arena, o ar se encheu com um tilintar mudo, como vidro quebrando ao longe. Finos fios de energia ondularam para fora. Sonea engoliu em seco. Logo poderia ser a sua vez. Logo...

— Yalend.

O menino ao seu lado deu um passo à frente e atingiu o disco sem hesitação.

— Sonea...

Ela olhou para o disco, mas tudo o que podia ver era um menino encarando-a. Temerosa, ainda não compreendendo...

— Sonea?

Ela respirou fundo e livrou-se da imagem do pesadelo.

“Quando decidi me juntar ao Clã, eu sabia que teria que aprendê-las. Estas lutas são apenas um jogo.”

Um jogo perigoso criado de modo que as habilidades de luta fossem mantidas vivas em caso de as Terras Aliadas serem atacadas.

Lorde Vorel deu um passo à frente em sua direção e parou conforme ela levantava a mão. Pela primeira vez desde as aulas de Controle, ela conscientemente alcançou a energia em seu interior. Os outros aprendizes esperavam impacientes.

A imagem do menino voltou. Ela precisava substituí-la por outra coisa ou seu sangue frio poderia ruir. Enquanto Regin dizia algo sobre estar com medo, outra figura apareceu em sua mente e ela sorriu. Ela concentrou sua vontade e enviou uma rajada de raiva.

O que passou como sendo uma praga entre os magos podia ser ouvido além do som claro de vidro quebrando. Sonea sentiu o estômago revirar. Ela errara o disco?

Ondulações de luz curvaram o topo das espirais da Arena e o disco desapareceu. Intrigada, ela olhou para Lorde Vorel, que esfregava as têmporas.

— Eu não falei que você já poderia colocar toda a sua força nisso, Sonea — ele disse. — Aquilo foi uma... Combinação de... Golpe de calor e golpe de força... Eu acho.

Virou-se para Poril, que ficou instantaneamente rígido.

— Vou restaurar o alvo em um momento. Não atire até eu mandar.

Ele permaneceu calado por vários minutos, de olhos fechados. Então, respirou fundo e colocou o disco novamente.

— Pode ir, Poril.

O menino suspirou. Levantando uma das mãos, lançou um golpe quase invisível na direção do escudo.

— Bom — disse Vorel, acenando. — Um golpe de força, sem magia desperdiçada. Agora, todos vocês vão lançar novamente, mas dessa vez com força total. Depois disso, vão aprender a adequar seus golpes a determinado propósito. Regin.

Sonea observava os aprendizes que atacavam a barreira. Era difícil saber se os golpes eram mais potentes, mas Vorel parecia satisfeito. Ao chegar a vez de Sonea, ele hesitou e, em seguida, deu de ombros.

— Vá. Vamos ver se consegue fazer de novo.

Divertindo-se, ela colocava toda a sua força e a deixava fluir. O disco pareceu suportar, então foi para a frente e para trás e desapareceu. Uma luz branca se arqueou para cima e por cima da barreira da Arena, fazendo com que os aprendizes se abaixassem involuntariamente. O ar estremeceu com o som provocado e, então, todos ficaram em silêncio.

Vorel olhava para ela, curioso.

— Sem dúvida sua idade é uma vantagem para você — ele disse, quase para si mesmo. — Exatamente como a experiência de Poril deu controle a ele.

Ele arrumou novamente a barreira.

— Poril, mostre-nos um golpe de força.

O lançamento do menino foi quase invisível. Vorel indicou a barreira.

— Como podem ver... Ou não ver... O golpe de Poril foi econômico. Não há excesso de luz ou de calor. Sua potência foi direcionada para a frente e em nenhuma outra direção. Vocês agora tentarão dar forma a seu poder em golpes de força. Regin, você começa.

Conforme a aula continuava, Sonea percebeu que estava se divertindo. Dar forma aos seus golpes era desafiador, mas fácil, uma vez que ela tinha o “sentimento” de cada tipo. Quando Vorel os encaminhou de volta à sala, ela quase ficou decepcionada com o término da aula.

Olhando em volta, ela observou os sorrisos e as conversas entusiasmadas entre os outros aprendizes. Eles subiram animados as escadas e encheram o corredor

com o vozerio. Entrando na sala de aula, eles se acalmaram, e retomaram seus lugares.

Lorde Vorel esperou até que a sala estivesse em silêncio, e, aí, cruzou os braços.

— Na próxima lição, retornaremos ao refinamento de barreiras. — Os aprendizes ficaram desapontados. — O que viram hoje demonstra claramente por que é tão importante que aprendam a se proteger bem — disse ele seriamente. — Pelo resto do tempo antes da pausa do meio-dia, eu gostaria que registrassem o que aprenderam hoje.

Um lamento velado escapou dos lábios de vários aprendizes. Conforme eles começaram a abrir seus cadernos, Sonea procurou pelos fechos de sua caixa. Tocando-os, percebeu que tinha esquecido de acionar a trava mágica.

Ao abri-la, ela suspirou de alívio ao encontrar seus pertences intactos. Pegou a pasta de anotações, mas, ao fazer isso, algo escorregou das folhas e caiu no chão com um som metálico.

— É a minha caneta!

Sonea olhou para cima e viu Narron fitando-a. Franzindo a testa, olhou para baixo e notou uma lasca de ouro no chão aos seus pés. Ela se curvou e a pegou.

Uma mão arrancou a caneta dos seus dedos. Ela olhou para cima e deu com Lorde Vorel encarando-a. Ele virou para Narron.

— Esta é a caneta da qual você deu falta?

— Sim. — Narron virou para olhar para Sonea. — Estava com Sonea, dentro de sua caixa.

Vorel contraiu o maxilar ao colocar os olhos sobre Sonea.

— De onde você pegou isto?

Sonea baixou o olhar para a caixa em suas mãos.

— Estava aqui — ela disse.

— Ela roubou a minha caneta! — Narron declarou indignado.

— Não roubei! — ela protestou.

— Sonea.

Os dedos de Vorel se crisparam em torno da caneta.

— Venha comigo.

Ele girou nos calcanhares e foi até à frente da sala. Sonea olhou para ele, descrente, até que ele se virou e a repreendeu.

— Agora — ele vociferou.

Fechando a caixa, Sonea se levantou e o acompanhou até à porta, consciente dos olhos que a seguiam. Ela deu uma olhada para os aprendizes. Certamente, eles não acreditariam que ela havia roubado a caneta de Narron — não quando estava tão claro que Regin pregara uma peça nela novamente...

Eles olharam de volta para ela, com olhos estreitos de suspeita. Poril olhou para baixo, evitando seus olhos. Ela sentiu uma punhalada no coração e se afastou.

Sonea era uma favelada. A menina que tinha admitido roubar quando criança. A estranha. A amiga dos Ladrões. Eles haviam visto Regin atormentando-a, mas nunca ficaram sabendo sobre as anotações e os livros que ele roubara, ou as inúmeras outras peças que pregara nela. Não sabiam quão astucioso e determinado ele era.

Ela não podia acusar Regin. Mesmo se ela ousasse e arriscasse uma leitura da verdade, não poderia provar que ele realmente fizera isso. Tinha apenas sua própria inocência para provar, e ela não ousaria arriscar uma leitura da verdade sobre aquilo, pois se o fizesse, e o Diretor da Universidade não lhe permitisse escolher o leitor da verdade, alguém poderia saber sobre os crimes do Lorde Supremo.

Vorel parou à porta.

— Narron, é melhor você vir também — ele disse. — O restante de vocês deve terminar as anotações. Não voltarei antes da pausa do meio-dia.

Ao entrar na sala do Diretor da Universidade, Rothen observou a postura dos ocupantes. Jerrik, sentado à sua mesa, os braços cruzados e uma expressão contrariada. Sonea estava jogada em uma cadeira, os olhos concentrados longe dali. Outro aprendiz estava sentado e empertigado, na ponta de um banco próximo. Atrás dele, em pé, o Guerreiro, Lorde Vorel, cujo olhar queimava de raiva.

— Por que estamos aqui? — perguntou Rothen.

O cenho franzido de Jerrik ficou ainda mais profundo.

— Sua aprendiz foi pega de posse de uma caneta que pertence ao colega de classe dela, Narron.

Rothen olhou para Sonea, mas ela não ergueu a cabeça para fitá-lo.

— Isto é verdade, Sonea?

— Sim.

— Detalhes?

— Eu abri a minha caixa, peguei minhas anotações e a caneta caiu.

— Como a caneta foi parar lá?

Ela deu de ombros.

— Eu não sei.

Jerrik deu um passo à frente.

— Você não pôs isso lá?

— Eu não sei.

— O que quer dizer?

— Eu não sei se a coloquei lá.

Ele franziu o cenho.

— Como não sabe? Ou você a pôs lá ou não.

Ela estendeu as mãos.

— É possível que estivesse nas minhas anotações quando as guardei ontem à noite.

— Você roubou a caneta de Narron?

Sonea franziu o cenho.

— Não deliberadamente.

Por ter tido conversas semelhantes com Sonea, Rothen quase sorriu. Mas não era hora para jogo de palavras.

— Então você está dizendo que pode ter roubado acidentalmente? — ele perguntou.

— Como se pode roubar algo acidentalmente? — Jerrik exclamou. — Roubar é um ato deliberado.

Vorel suspirou de desgosto.

— Sonea, se você não nega, só tem a assumir que é culpada.

Ela olhou para o professor e de repente seus olhos estreitaram.

— O que importa? Vocês já decidiram. Nada que eu diga fará a diferença.

A sala ficou em silêncio durante várias batidas de coração. Então, conforme Rothen percebeu o rosto de Vorel retomar a cor, ele deu um passo à frente e colocou a mão no ombro de Sonea.

— Espere por mim do lado de fora, Sonea.

Ela saiu da sala e fechou a porta.

— O que devo fazer sobre isso? — Jerrik exclamou. — Se ela é inocente, por que nos confunde com essas respostas evasivas?

Rothen olhou diretamente para o aprendiz, Narron. Jerrik seguiu seu olhar e então assentiu.

— Você pode voltar para a sala, Narron.

O menino se levantou.

— Posso pegar minha caneta de volta, Diretor?

— Certamente.

Jerrik assentiu para Vorel. Vendo a cara caneta de ouro que o mestre devolvia, Rothen estremeceu. Provavelmente fora um presente para marcar a entrada do menino no Clã.

Quando Narron saiu da sala, Jerrik olhou para Rothen com expectativa.

— Você estava dizendo, Lorde Rothen?

Rothen cruzou as mãos atrás das costas.

— Você está ciente do assédio que Sonea vem sofrendo por parte dos outros aprendizes?

Jerrik assentiu.

— Sim, estou.

— Você identificou o líder desses arruaceiros?

O Diretor da Universidade ficou boquiaberto.

— Você está dizendo que o líder arranjou esse aparente roubo?

— Só estou sugerindo que você considere a possibilidade.

— Você precisaria de provas. Conforme está, tudo que temos é uma caneta desaparecida que foi encontrada entre os pertences de Sonea. Ela se recusa a negar o roubo, e não acusou Regin de colocar a caneta ali. No que devo acreditar?

Rothen assentiu em reconhecimento.

— Tenho certeza de que Sonea gostaria de ter provas em contrário, mas se não está acusando ninguém, então provavelmente não tem. Nessa situação, há alguma razão para protestar inocência?

— Isso não prova que ela não fez — disse Vorel.

— Não, mas me pediram para explicar seu comportamento, e não provar que é inocente. Posso apenas atestar seu caráter. Não acredito que ela tenha feito isso.

Vorel fez um pequeno ruído, mas permaneceu em silêncio. Jerrik olhou para ambos, então os dispensou.

— Vou considerar suas palavras. Obrigado. Pode ir.

Sonea estava encostada na parede do lado de fora, olhando para suas botas gastas. Vorel estreitou os olhos para ela, mas andou a passos largos sem falar. Acercando-se dela, Rothen encostou na parede e suspirou.

— Não parece bom.

— Eu sei — disse com tom resignado.

— Você não disse nada sobre Regin?

— Como eu poderia? — Ela olhou para cima e encontrou o seu olhar. — Não posso acusá-lo, mesmo se tivesse provas.

— Por que n... — A resposta lhe ocorreu num lampejo. Leis do Clã. Um acusador deve se submeter a uma leitura da verdade. Ela não arriscaria uma. Segredos confiados a eles poderiam ser revelados antes do momento certo. Perturbado, frustrado, ele olhou para o chão em silêncio.

— Você acredita neles?

Ele olhou para cima.

— Claro que não.

— Nem mesmo a mais leve dúvida?

— Nem a mais leve.

— Talvez você devesse — ela disse amargamente. — Todos estavam esperando por este acontecimento. Não importa o que eu disser ou fizer. Não faz diferença. Eles sabem que eu fiz isso antes, então pensam que farei novamente, tenha eu motivo ou não.

— Sonea — ele disse com doçura. — O que você diz e o que você faz são coisas diferentes. Você sabe disso. Apenas porque você roubou sem necessidade muito tempo atrás, não significa que fará isso agora. Se você tivesse algum tipo de hábito irresistível por roubar, nós teríamos tido indícios disso há mais tempo.

Você deve negar, clara e veementemente, mesmo que pense que ninguém acreditará em você.

Ela assentiu, apesar de ele não estar seguro de que estava convencida.

Ambos olharam para cima ao soar o gongo para a pausa do meio-dia. Rothen se desencostou da parede.

— Venha e coma comigo. Nós não almoçamos juntos há semanas.

Ela sorriu.

— Eu não acho que serei bem recebida no Refeitório por enquanto.

CAPÍTULO 14

Más Notícias

Enfileirados, um por um, os aprendizes passaram pela mesa de Lorde Elben, cada um deles pegando um jarro de vidro. Sabendo que seria alvo de olhares hostis caso se juntasse a eles, Sonea aguardou. Para seu desapontamento, Regin foi o último a se aproximar da mesa. Olhando para ela, ele hesitou. Em seguida, deu um passo à frente e pegou os dois últimos jarros. Lorde Elben franziu a testa vendo Regin examiná-los, mas ao que o mestre abriu a boca, Regin atirou um dos jarros na direção de Sonea.

— Pegue.

Ela tentou agarrar o jarro, mas, justo quando os dedos o tocaram, ele lhe escapuliu da mão, caiu no chão e se espatifou.

— Ah, lamento por isso — exclamou Regin, afastando-se dos cacos de vidro. — Como sou desastrado...

Lorde Elben olhou do alto de seu longo nariz para Regin e, em seguida, para Sonea.

— Regin, arranje um criado para limpar isto. Sonea, você terá de aprender com esta lição.

Sonea retomou seu lugar, sem se surpreender. O “roubo” da caneta de Narron havia modificado algo mais do que a opinião dos aprendizes a respeito dela. Antes do “roubo”, Elben teria dito a Regin para dar a ela o último jarro ou lhe ordenado que buscasse outro.

O “roubo” apenas confirmara aquilo que os aprendizes e os mestres já

suspeitavam. Como penalidade, todas as noites, durante uma hora, ela teria de recolocar os livros nas prateleiras da Biblioteca dos Aprendizes, o que se mostrou bastante prazeroso — quando Regin não estava por perto, tentando dificultar a tarefa. A punição terminara no último Quarto Dia, mas aprendizes e mestres ainda a tratavam com suspeita e desdém.

Na maior parte do tempo, Sonea era ignorada pela turma. No entanto, ao chegar mais próximo de outro aprendiz ou ousar dirigir-se a um deles, recebia de volta olhares frios. Ela não tentara juntar-se a eles no Refeitório. Em lugar disso, retomou o antigo hábito de pular o almoço ou de fazer refeições com Rothen.

Nem tudo, porém, mudara para pior. Agora, sabedora de que seus poderes eram tão mais fortes do que os dos demais aprendizes, ela ganhara nova confiança. Não precisava mais reservar sua energia para as atividades de aula, conforme os aprendizes haviam sido aconselhados a fazer, portanto manteve ativo um forte escudo para proteger-se de mísseis, empurrões e outras peças. Isso significava que ela poderia facilmente passar por Regin e seus seguidores caso eles se acercassem dela pelos corredores.

A porta do quarto de Sonea era protegida por um escudo próprio, assim como a janela e sua caixa. Ela recorria à magia dia e noite, e ainda assim jamais se sentia cansada ou exaurida. Nem mesmo depois de uma aula particularmente extenuante de Artes Guerreiras.

Todavia, ela estava só. Suspirou, ao fitar a cadeira vazia à sua frente. Poril havia se ferido na semana anterior, queimando as mãos enquanto estudava. Ela sentia sua falta, em particular porque ele não parecera se importar com o fato de ela ter sido aparentemente considerada uma ladra.

— Lorde Elben?

Sonea ergueu o olhar. À entrada havia uma mulher trajada com túnica verde. Ela afastou-se um pouco e, com um leve empurrão, colocou um pequeno aprendiz para dentro da sala. Sonea sentiu o coração se iluminar.

— Decidi que Poril já está bem o suficiente para frequentar as aulas. Ele ainda não pode fazer nada com as mãos, mas pode assistir.

O olhar de Poril foi direto para Regin. Desviando rapidamente a vista, ele curvou-se ante Lorde Elben e, em seguida, correu para sentar-se em seu lugar. A Curadora cumprimentou o professor com a cabeça e retirou-se da sala.

Enquanto Elben começava a dar a aula, a atenção de Sonea desviava-se, vez por outra, para as costas do amigo. Poril não parecia estar prestando atenção à lição. Sentado bem ereto, olhava de vez em quando para as mãos, avermelhadas, com cicatrizes recentes. Horas depois, ao soar o gongo para a pausa do meio-dia, ele esperou até que o restante dos aprendizes tivesse saído e, então, ligeiro, levantou-se e correu para a porta.

— Poril — ela chamou. Curvando-se rapidamente ante Elben, alcançou-o com alguns passos.

— Bem-vindo de volta, Poril.

Ele a olhou e ela lhe sorriu de volta.

— Precisa de alguma ajuda para se atualizar?

— Não. — Ele franziu o cenho e aumentou as passadas.

— Poril? — Sonea adiantou-se para segurar-lhe o braço. — O que há de errado?

Poril olhou, e em seguida avistou o resto da turma já mais à frente no final do corredor. Regin vinha por trás do grupo, lançando olhares por cima do ombro na direção dos dois e sorrindo de um jeito que fez Sonea se arrepiar.

Poril estremeceu.

— Não posso falar com você. Não posso. — E afastou a mão dela.

— Mas...

— Não, me deixe sozinho. — Ele virou-se, mas Sonea agarrou novamente seu braço e segurou-o com firmeza.

— Não vou deixá-lo sozinho até que me diga o que está acontecendo — disse ela entre dentes.

Ele hesitou antes de responder.

— É Regin.

Vendo o rosto pálido de Poril, ela sentiu o estômago revirar. Ele continuou olhando para os outros aprendizes e ela sabia que ele não queria lhe dizer mais nada. Só queria se afastar dela.

— O que ele disse? — pressionou ela.

Poril engoliu em seco.

— Ele disse que não posso mais falar com você. Sinto muito...

— E você vai fazer apenas o que ele quer? — Era injusto, ela sabia, mas agora ela estava morrendo de raiva. — Por que não o mandou afogar-se no Rio Tarali?

Ele ergueu as mãos feridas.

— Eu o mandei.

A raiva de Sonea congelou-se. Ficou olhando para Poril.

— Ele fez isso?

O sinal positivo de Poril foi tão sutil que Sonea mal o percebeu. Ela fitou o corredor, mas a turma havia chegado à escadaria e descera, desaparecendo.

— Isto é... Por que não contou a ninguém?

— Não tenho como provar.

Uma leitura da verdade o provaria. Será que Poril tinha um segredo a esconder, assim como Sonea? Ou estaria ele tão amedrontado com a ideia de um mago ler sua mente que faria qualquer coisa para evitar isso.

— Ele não pode fazer com que suas mãos se queimem só porque você é meu amigo — urrou ela. — Se ele o ameaçar novamente, avise-me. Eu... Eu...

— O quê? Você não pode fazer nada, Sonea. — Seu rosto enrubescera. — Sinto muito, mas não posso. Simplesmente não posso. — Virou-se e correu até o final do corredor.

Balançando a cabeça, Sonea o seguiu de longe. Chegando à escadaria, ela desceu devagar. Ao chegar ao térreo, ouviu um burburinho discreto. Ao

vislumbrar o corredor na direção do Grande Salão, ela piscou, surpresa.

O salão estava repleto de magos, dispostos em pares ou em grupos maiores, conversando. Sonea parou, imaginando o que poderia ter reunido tantos de uma vez. Não era Dia de Encontro, portanto deveria haver outra razão.

— Se eu fosse você, eu não chamaria atenção para mim — disse-lhe uma voz ao ouvido.

Encolhendo-se, ela se virou e deu com Regin.

— Eles devem decidir que perderam um — disse ele, com os olhos brilhando de júbilo.

Ela se afastou dele, confusa, porém certa de que não queria saber do que ele estava falando. Os olhos dele cintilaram de contentamento ao perceber seu estado de perplexidade, e ele chegou mais perto.

— Você não consegue entender, não é? — Sua fisionomia estava feia. — Você se esqueceu? Hoje é aquele dia mais festivo do ano para lixo da favela como você. O Dia da Purificação.

A compreensão atingiu-a em cheio. A Purificação. Todo ano, desde a primeira Purificação havia mais de trinta anos, o Rei enviava a Guarda e o Clã às ruas da cidade para limpá-las dos “vagabundos e maus elementos”. O propósito, ou assim alegava o Rei, era tornar as ruas mais seguras, retirando delas os pequenos ladrões. Na verdade, os Ladrões mal eram perturbados com o evento, já que possuíam formas próprias de sair e entrar na cidade. Apenas os pobres, os sem-teto, eram confinados nas favelas. E, no caso de sua família um ano atrás, aqueles que alugavam quartos em abrigos “lotados e inseguros”. Sonea ficara tão enraivecida naquele dia que se juntara a uma gangue de jovens que apedrejava os magos, ocasião em que liberara seu poder pela primeira vez.

Regin riu de prazer. Sentindo a raiva crescer, Sonea forçou-se a virar e sair. Regin adiantou-se para bloquear a passagem dela. Seu rosto se retorcia de triunfo e de cruel satisfação, e ela se sentiu gratificada pelo fato de que aprendizes não se juntassem à Purificação. Foi aí que pensou no futuro e deu de ombros. Era evidente que Regin ansiava pelo dia em que pudesse usar seus

poderes para expulsar da cidade os mendigos desgraçados e as famílias pobres.

— Não vá agora — disse Regin, insinuando a direção do saguão. — Não deseja perguntar ao seu guardião quanto ele se divertiu?

“Rothen? Ele não o faria...” Certa de que ele estava simplesmente importunando-a, ela se virou. Examinando os rostos, encontrou um que lhe era familiar num grupo próximo. Rothen.

Sonea gelou. Como ele poderia ter ido, sabendo de seus sentimentos em relação à Purificação? Mas ele não poderia se recusar a cumprir as ordens do Rei...

“Sim, ele poderia! Nem todos os magos vão. Ele poderia ter se recusado e deixado outro ir em seu lugar!”

Como se pressentisse o olhar de Sonea, Rothen levantou a vista e os olhares se cruzaram. Sua atenção desviou-se para Regin e ela franziu a testa.

Regin deu uma gargalhada. De repente, tudo o que Sonea queria era estar fora dali. Virando-se, ela passou por Regin e saiu da Universidade. Ele a seguiu, provocando-a por todo o caminho até os Alojamentos dos Magos, onde ele finalmente parou e deixou-a entrar sozinha. Ficou aliviada ao penetrar nos aposentos de Rothen e ver que estavam vazios. Não queria Tania por perto agora para não descontar sua frustração na criada.

Ela estava entrando quando a porta se abriu logo depois.

— Sonea.

A expressão de Rothen era desconsolada. Sem responder, ela dirigiu-se até à janela e ficou olhando para fora.

— Perdoe-me, sei que isso pode parecer uma traição — disse ele. — Queria lhe dizer que ia lá. Fiquei adiando e não soube que seríamos convocados nesta data, até hoje de manhã.

— Você não tinha de ir — ela retrucou com uma voz cheia de raiva, que mais parecia a de um estranho.

— Tinha, sim — disse ele.

— Não, não tinha. Outro poderia ter ido no seu lugar.

— É verdade — concordou. — Mas não foi por isso que eu tive de ir. — Ele se aproximou com voz baixa e suave. — Sonea, eu tinha de estar lá ou fazer tudo o que pudesse para evitar erros. Se não tivesse ido, e algo de errado acontecesse... — Suspirou. — Todos estavam desconfortáveis dessa vez. Pode ser difícil perceber, mas a autoconfiança do Clã foi atingida pelo que ocorreu ano passado. Seja pelo medo de cometer erros ou — ele riu — por causa de uma favelada fazedora de magia... Não importa. O Clã precisava de alguém para ficar de olho nisso.

Sonea baixou o olhar. Fazia sentido. Ela percebeu a raiva se dissipando. Num suspiro, olhou para ele e ensaiou um cumprimento. Rothen sorriu, esperançoso.

— Você me perdoa?

— Acho que sim — disse ela ressentida. Observando a mesa, ela viu que Tania tinha deixado uma refeição de pães saborosos e outras iguarias frias, já que ela não tinha certeza de que horas ele iria voltar.

— Venha comer — disse Rothen.

Aceitando o convite, Sonea procurou uma cadeira e sentou-se.

A carruagem do Clã estacionou ao lado de um edifício simples de dois andares. De dentro dela, Lorlen saiu, ignorando os olhares curiosos e assustados do povo que andava pela rua. Dirigiu-se à entrada da Primeira Casa da Guarda da Cidade e, quando um criado lhe abriu a porta, adentrou um saguão estreito.

O ambiente era decorado com gosto, porém sem ostentação. Havia cadeiras confortáveis dispostas em grupos pela sala. Lembrava a Lorlen o Salão da Noite no Clã. Um corredor para fora do saguão dava acesso ao resto do edifício.

— Administrador.

Lorlen virou-se e deu com o filho de Derril levantando-se da cadeira.

— Capitão Barran. Parabéns pelo novo cargo.

O jovem sorriu.

— Obrigado, Administrador. — E indicou a direção do corredor. — Venha até meu gabinete e vou contar-lhe as últimas notícias.

Barran guiou Lorlen até uma porta perto do final do corredor. Além dela, havia uma sala pequena, porém confortável. Uma das paredes era repleta de gavetas e uma escrivaninha dividia o espaço igualmente em dois. Barran indicou-lhe duas cadeiras e, depois que Lorlen escolheu uma, ele ocupou a outra.

— Seu pai disse que você mudou de ideia a respeito da mulher de que falamos — iniciou Lorlen. — E que agora você acha que foi um assassinato.

— Sim — respondeu Barran. — Aconteceram vários aparentes suicídios muito semelhantes àquele outro. Em cada caso, faltava a arma e havia sinais de um intruso. Cada uma das vítimas tinha marcas de mão ou de impressões digitais nas feridas. É uma coincidência estranha demais. — Ele fez uma pausa. — Tais suicídios começaram por volta de um mês depois que os assassinatos ritualísticos pararam, quase como se o assassino se desse conta de que estava chamando atenção e decidisse mudar seus métodos na esperança de que presumissem ser suicídio.

Lorlen concordou.

— Ou talvez seja um novo assassino.

— Talvez — disse Barran, hesitante. — Há algo mais, embora possa não estar relacionado. Perguntei ao meu antecessor se ele teria visto algo tão estranho assim e ele me contou que havia acontecido uma série de assassinatos intermitentes nos últimos quatro ou cinco anos. — Barran então deu uma gargalhada. — E disse ainda que este era apenas o preço que pagamos por morar em cidades.

Um calafrio percorreu o corpo de Lorlen. Akkarin retornara de sua viagem justamente havia mais de cinco anos.

— Nada disso tinha acontecido antes?

— Acho que não. Ele teria mencionado, se houvesse ocorrido.

— Então os assassinos eram os mesmos?

— Apenas no sentido de que seguiram um mesmo padrão por um tempo, para depois mudar para outro. Primeiro, meu antecessor suspeitou que um dos Ladrões teria por alvo um grupo rival. Eles estariam marcando as vítimas de uma forma que os rivais soubessem quem as matara. As vítimas, porém, não pareciam estar ligadas umas às outras ou aos Ladrões. Então ele considerou a possibilidade de que um assassino estivesse construindo sua reputação com base em mortes passíveis de serem identificadas. Entretanto, poucas eram as vítimas com grandes dívidas ou qualquer razão aparente para serem assassinadas. Meu antecessor não conseguiu encontrar um motivo comum para as mortes, assim como não consigo achar um agora.

— Nem mesmo roubo comum?

Barran balançou negativamente a cabeça.

— Poucas vítimas foram roubadas, mas não todas elas.

— Testemunhas?

— Ocasionais. Suas descrições variam. No entanto, havia um detalhe em comum. — Os olhos de Barran brilharam. — O assassino usa um anel com uma grande pedra vermelha.

— Verdade? — Lorlen franziu o cenho. Teria ele alguma vez visto Akkarin usando um anel? Não. Akkarin nunca usava joias. O que não significava que ele não pudesse colocar um anel no dedo quando estivesse fora de vista. Mas por que faria isso?

Lorlen suspirou e meneou a cabeça.

— Algum sinal de que as vítimas possam ter sido executadas com magia?

Barran sorriu.

— Meu pai acharia isso muito excitante, mas não foram. Há certos aspectos estranhos em alguns dos assassinatos, mas nenhum vestígio de queimaduras

resultantes de golpes ou de qualquer outra coisa que não tenhamos como explicar normalmente.

Era evidente que uma morte por magia negra não deixaria marcas que Barran pudesse reconhecer. Lorlen nem mesmo tinha certeza de haver marcas identificáveis por qualquer mago. Entretanto, ele deveria obter o máximo de detalhes possível.

— O que mais você tem a me dizer?

— Quer os detalhes de cada assassinato?

— Sim.

Barran fez um gesto indicando a parede de gavetas.

— Tenho reunidos aqui todos os registros de assassinatos em série estranhos. Há muito a ser visto.

Lorlen olhou para as gavetas, desalentado. Eram tantas...

— Quais os mais recentes, então?

Barran assentiu. Foi até a parede de gavetas e retirou de uma delas uma grande pasta.

— Bom saber que o Clã está disposto a se interessar por assuntos como esse — disse ele.

Lorlen sorriu.

— Meu interesse é essencialmente pessoal, mas se houver qualquer coisa que o Clã possa fazer, diga-me. De qualquer forma, estou certo de que a investigação está nas mãos dos mais qualificados para empreendê-la.

Barran sorriu, com ironia.

— Espero que sim, Administrador. Realmente espero que sim.

Acima da barreira curva da Arena, nuvens de um cinza muito escuro passavam lentamente na direção do Bairro Norte. As árvores nos jardins

oscilavam para a frente e para trás, conforme o vento agitava os ramos. Os galhos já haviam escurecido com a proximidade da estação fria, mas as poucas folhas restantes presas a eles apresentavam um colorido amarelo e vermelho vibrante.

Dentro da Arena, o ar estava parado. A barreira a protegia do vento, mas não do frio. Sonea resistiu ao desejo de envolver o corpo com os braços e pressionar contra si as camadas de roupas de baixo de lã. Lorde Vorel ordenara-lhes que retirassem quaisquer escudos, inclusive o escudo para aquecimento.

— Lembrem-se destas leis da magia — ele frisou. — Primeira: um escudo sob ataque exige mais esforço para ser mantido contra um golpe do que o golpe usado contra ele. Segunda: a trajetória de um golpe curvo ou modificado exige mais esforço do que um direto. Terceira: a luz e o calor atingem com mais velocidade e facilidade do que a força, portanto um golpe de força exige mais empenho do que um golpe de calor.

Lorde Vorel, à frente da sala, tinha as pernas firmes no chão e as mãos na cintura. Olhou para Sonea.

— Os golpes são fáceis. Por isso é tão comum os magos exagerarem. É por essa razão também que os escudos constituem a habilidade mais importante de um Guerreiro e que os aprendizes passem a maior parte do tempo exercitando. Lembrem-se das regras da Arena. Uma vez por terra o escudo exterior, a batalha estará perdida. Não é preciso outra prova além desta.

Sonea estremeceu e sabia que não era só devido ao frio. Esta seria a primeira aula em que os aprendizes lutariam uns contra os outros. Todas as recomendações feitas por Vorel passaram-lhe pela mente. Sonea observou o rosto dos demais aprendizes.

A maioria deles se mostrava inflamada e entusiasmada. Poril, contudo, estava branco como a neve. Uma vez que ela e Poril sempre formavam dupla nos exercícios de aula, Lorde Vorel provavelmente os colocaria frente a frente. Ela decidiu ser cautelosa e “pegar leve” com o velho amigo.

— Inicialmente, vocês formarão duplas de acordo com a força pessoal —

disse-lhes Vorel. — Regin, você luta contra Sonea. Benon, você luta contra Yalend. Narron, contra Trassia. Hal, Seno e Poril se alternarão.

Sonea sentiu o sangue congelar. “Ele formou minha dupla com Regin!”

Mas fazia sentido. Eles eram os dois aprendizes mais fortes na classe. De repente, desejou ter previsto a situação e fingido ser mais fraca do que realmente era.

“Não, não devo pensar desta forma.” Vorel lhes dissera inúmeras vezes que a batalha já estava perdida se o mago a começasse convencido da derrota. “Vou derrotar Regin”, ela disse para si mesma. “Eu sou mais forte. Será a minha vingança pelos ferimentos de Poril.”

Não foi fácil manter aquela determinação quando Lorde Vorel a chamou para ficar ao lado de Regin. Ele colocou a mão no seu ombro e ela sentiu sua magia envolvendo-a como se ele tivesse criado um escudo interno. Um segundo Guerreiro, Lorde Makin, criou o escudo de Regin.

— Os demais podem se retirar — ele ordenou.

Conforme os aprendizes obedientemente faziam uma fila através da passagem, Sonea se obrigou a encarar Regin. Seus olhos estavam brilhando e os cantos de seus lábios curvaram-se num sorriso malicioso.

— Agora — Vorel disse conforme os aprendizes sentavam nas escadas externas da Arena. — Tomem suas posições.

Engolindo em seco, Sonea se deslocou para um lado da Arena. Regin andou sem pressa para o outro e virou-se para encará-la. Vorel e Makin recuaram para a extremidade e Sonea os sentiu formando escudos em torno de si. Seu coração batia acelerado.

Vorel olhou para ela e em seguida para Regin, então fez um gesto rápido.

— Comecem.

Sonea lançou um escudo forte e preparou-se, mas a artilharia de golpes que esperava não aconteceu. Regin ficou de pé com o peso do corpo sobre uma das pernas e de braços cruzados. Esperando.

Sonea estreitou os olhos. Era de supor que o primeiro lançamento tivesse alguma significação no sentido de revelar o caráter do combatente. Olhando mais de perto, ela compreendeu que Regin não tinha nem mesmo um escudo erguido. Ele transferia seu peso, tamborilava os dedos de uma das mãos no braço oposto, batia o pé e então olhava para o mestre de forma inquisitiva.

Sonea arriscou um olhar para Lorde Vorel. O Guerreiro observava com atenção, aparentemente despreocupado com a falta de luta.

Regin suspirou forte o suficiente para que mesmo os aprendizes do lado de fora da Arena pudessem ouvir. Então bocejou. Sonea ensaiou um sorriso. Esta não era uma batalha de magia, era uma batalha para ver quem perdia a paciência primeiro.

De mãos nos quadris, então, ela olhou para os aprendizes, não mais preocupada em manter a atenção em Regin. Alguns olhavam interessados, outros pareciam confusos ou entediados. Ela fitou o mestre de novo. Lorde Vorel retribuiu seu olhar friamente.

Quem sabe, ela pudesse atrair Regin para o primeiro ataque. “Talvez se eu deixar cair meu escudo...”

Com cuidado, ela deixou sua barreira externa de proteção se dissolver. De imediato, tudo ficou em chamas num clarão. O rápido escudo que ela criou para repelir os ataques se manteve por poucos segundos, então balançou e ruiu. O calor beliscou sua pele no ponto em que a magia de Regin encontrou o escudo interno de Vorel.

— Parem!

Os ataques desapareceram, deixando manchas negras na vista de Sonea. Ela piscou para Lorde Vorel, enquanto ele caminhava a passos largos em direção ao centro da Arena.

— Regin é o vencedor — ele anunciou. Os outros aprendizes festejaram inexpressivamente. Sonea sentiu o rosto esquentar, enquanto Regin fazia uma reverência graciosa.

— Sonea. — Lorde Vorel virou-se para ela. — Deixar seu escudo cair é

inadmissível, a menos que tenha habilidade para reerguê-lo rapidamente. Se pretende usar essa estratégia de novo, deve praticar mais a sua defesa. Ambos podem sair. Benon e Yalend serão os próximos.

Sonea se curvou e, em seguida, dirigiu-se ao portal a passos largos o mais rápido que podia. Ao entrar na passagem, um pensamento sombrio apossou-se dela. “Esta é apenas a primeira batalha”, disse para si mesma. Ela não podia esperar vencer o tempo todo, especialmente contra Regin, cujo guardião, além de tudo, era um Guerreiro.

Se eles sempre formassem duplas baseados na força, ela teria de lutar contra Regin a cada aula. Já estava claro que Regin preferia a disciplina de Habilidades de Guerreiro, e ela ouvira Hal dizer algo sobre Regin estar tendo aulas particulares. Como ela não tinha nenhum desejo real de se tornar uma guerreira ou de ter aulas extras, estava certa de que ele sempre seria melhor nisso do que ela.

Entretanto, Vorel tinha dito que inicialmente eles formariam pares com base na força. Se os pares mudassem de acordo com habilidade e talento, e ela se mostrasse menos habilidosa que Regin, Vorel a colocaria para fazer dupla com outros aprendizes.

Isso significava que ela tinha duas escolhas: tentar fazer bem e eventualmente terminar lutando o tempo todo contra Regin, ou se permitir perder deliberadamente de modo que pudesse evitá-lo.

Suspirando, Sonea subiu as escadas de forma pesada e ruidosa e se juntou aos aprendizes, sentando nos degraus ao redor da Arena. De qualquer forma, ela provavelmente sofreria mais derrotas humilhantes. Um tanto melancólica, pensou no Domo, a antiga estrutura arredondada de pedra, próxima aos Alojamentos dos Aprendizes. Antes de a Arena ser construída, os aprendizes eram treinados dentro dela. As grossas paredes protegiam os de fora de serem atingidos por ataques perdidos desferidos pelos combatentes do lado de dentro, embora restringisse a visão da batalha ao mestre e ao aprendiz. Apesar de ser uma sala sem ar fresco, opressiva, pelo menos proporcionava privacidade.

Olhando Benon e Yalend começarem seu embate, Sonea rapidamente sentiu-

se entediada. Ela não via como aquelas lições, com todas as suas regras, poderiam preparar magos para a verdadeira guerra. Não, esses Guerreiros passavam toda a vida se entregando a um jogo perigoso quando sua magia poderia ter melhor uso... Como a Cura.

Ela balançou a cabeça. Quando chegasse o momento de escolher uma disciplina, sabia que não escolheria as túnicas vermelhas.

Capítulo 15

Um Ataque-Surpresa

Tão logo entrou na sala de aula, Sonea sentiu uma diferença, como se houvesse uma estranha corrente de magia no ar. Ela hesitou na entrada, seu alívio por ter evitado a gangue de Regin evaporando.

Lorde Kiano ergueu o olhar, sua atenção se agarrando a ela com uma ânsia particular, como se ela fosse uma distração bem-vinda.

— Não vai haver aulas hoje, Sonea.

Ela encarou o professor, surpresa.

— Nenhuma aula, meu lorde?

Kiano hesitou. Um silvo chamou a atenção de Sonea para o centro da sala. Apenas quatro aprendizes haviam chegado antes dela. Benon segurava a cabeça entre as mãos. Trassia e Narron haviam movido suas cadeiras para perto dele. Regin sentou-se silencioso atrás deles, seus olhos planos e para variar sem expressão. Trassia encarava Sonea com olhos acusadores.

— Um aprendiz morreu — Kiano explicou. — Shern.

Sonea franziu a testa, lembrando-se do aprendiz da turma de verão cujos poderes pareciam tão estranhos. “Morreu?” Perguntas surgiram em sua mente. Como? Quando?

— Ah, vá embora! — Trassia rosnou. Assustada pela explosão da garota, Sonea a encarou.

— Ele era primo de Benon — Kiano disse a ela em voz baixa.

Trassia encarou de volta. Lentamente, ela entendeu. Ao perguntar por que a aula havia sido cancelada, Lorde Kiano fora forçado a falar sobre a morte de Shern na frente de Benon. Sonea sentiu o rosto se aquecer. Quando Narron se virou para ela e a olhou com raiva, ela recuou e fugiu.

Parou de correr depois de apenas alguns passos quando sua raiva e frustração a alcançaram. Como ela poderia saber que Shern estava morto ou que Benon era seu primo? Perguntar por que a aula havia sido cancelada era algo completamente razoável.

Não era?

Seus pensamentos retornaram para Shern. Quando ela buscou seus sentimentos, não conseguiu encontrar nada além de uma leve tristeza. Shern nunca havia falado com ela, ou com qualquer um. Na verdade, toda a turma de verão o havia ignorado nas poucas semanas em que ele frequentara a Universidade.

Quando chegou ao fim da escadaria, viu que Rothen estava subindo em direção a ela, e sentiu uma onda de alívio.

— Aí está você — ele disse. — Você ficou sabendo?

— Eles cancelaram as aulas.

— Sim. — Ele anuiu com a cabeça. — Sempre fazem assim quando isso ocorre. Fui encontrá-la em seu quarto, mas você não estava lá. Venha tomar uma bebida quente comigo.

Andando a seu lado, Sonea permaneceu quieta. Parecia incrível que o Clã fechasse a Universidade por causa da morte de um aprendiz que mal passara mais do que algumas semanas ali. Mas já que todos os outros aprendizes, com exceção dela, eram das Casas, o garoto provavelmente era aparentado com vários aprendizes e magos.

— Shern estava em sua primeira turma, não estava? — Rothen perguntou quando eles entraram na sua sala de visitas.

— Sim. — Sonea hesitou. — Posso perguntar o que aconteceu com ele?

— É claro. — Rothen pegou um bule e xícaras de uma mesa de canto e então tirou dois potes de um armário. — Você se lembra do que eu disse sobre o Controle falhar quando um mago morre?

— Qualquer magia não usada é solta, e consome o corpo.

Rothen fez que sim com a cabeça. Ele colocou as xícaras e os potes na mesa.

— Shern perdeu o controle de sua magia.

Sonea sentiu um calafrio lhe percorrer a espinha.

— Mas ele passou o Segundo Nível.

— Sim, mas de forma ruim e incompleta. Sua mente nunca foi estável o suficiente. — Rothen balançou negativamente a cabeça. — Tal estado é raro, mas algumas vezes ocorre. Veja, quando são encontradas crianças com potencial para magia, nós também as testamos em busca de problemas como esse. Algumas vezes, elas não têm a força ou a estabilidade mental para controlar a magia.

— Entendo — Sonea disse, anuindo com a cabeça. Rothen colocou água de um jarro no bule, e acrescentou folhas de sumi de um dos potes. Pegando o outro pote, Sonea misturou pó de raka com água e aqueceu a mistura com um pouco de magia.

— Infelizmente, algumas pessoas desenvolvem instabilidades mentais quando ficam mais velhas — Rothen continuou — ou quando sua magia é libertada. Nesse momento, é tarde demais. Cedo ou tarde, elas perdem o Controle que lhes foi ensinado... Em geral nos seus primeiros anos. Shern começou a mostrar sinais de instabilidade meses atrás. O Clã o levou para longe da cidade para um lugar que construímos para tais aprendizes. Tentamos mantê-los calmos e felizes, e eles são tratados por Curadores bem versados no problema. Mas ninguém nunca encontrou uma cura, e qualquer bloqueio que colocamos sobre seus poderes não parece resistir por muito tempo.

Sonea tremeu.

— Na primeira vez que o vi, achei que sua presença era estranha.

Rothen franziu.

— Você sentiu sua instabilidade tão cedo? Ninguém mais sentiu. Eu preciso contar isso para...

— Não! — O coração de Sonea pulou. Se Rothen contasse a alguém que ela havia pressentido algo errado com Shern, os outros aprendizes teriam mais algum motivo para culpá-la. — Não. Por favor.

Rothen a examinou de forma especulativa.

— Ninguém ia pensar mal de você por não ter dito nada. Você não poderia ter entendido o que estava sentindo.

Ela encarou seu olhar. Rothen suspirou.

— Tudo bem. Suponho que não importa agora. — Ele colocou suas mãos ao redor do bule. Na mesma hora, começou a sair vapor do funil. — Como você se sente quanto a tudo isso, Sonea?

Ela deu de ombros.

— Eu não o conhecia. — Sonea então contou o que acontecera quando ela havia entrado na sala de aula. — Era como se tudo fosse minha culpa.

Rothen franziu o rosto enquanto despejava uma xícara de sumi fervido para si.

— Eles provavelmente a agrediram porque interrompeu numa hora ruim. Não se preocupe com o que disseram. Amanhã, já terão se esquecido disso.

— Então, o que eu vou fazer hoje? — ela se perguntou em voz alta.

Rothen fez uma pausa para sorver sua bebida, e então sorriu.

— Achei que poderíamos fazer alguns planos para a visita de Dorrien.

O capitão do Anyi tinha ficado feliz quando Dannyl perguntou se ele estava partindo em direção às Ilhas Vin. De início, Dannyl presumira que o homem estava ansioso por ver sua terra natal, mas ficou desconfiado quando o capitão insistiu que Dannyl e Tayend ficassem em sua cabine. Do que ele sabia dos

marinheiros vindos, era preciso mais do que saudade de casa ou respeito pelo Clã para motivar um capitão a ceder seu espaço.

Na noite depois que eles partiram, Dannyl descobriu o motivo real para o entusiasmo do capitão.

— A maioria dos navios para Cidade de Kiko passa por Capia primeiro — o capitão contou depois de uma refeição generosa. — Esse caminho é bem mais rápido.

— Por que eles não velejam direto para Cidade de Kiko? — Tayend perguntou.

— Homens ruins vivem nas Ilhas Superiores de Vin. — O capitão fez uma cara feia. — Roubam navios, matam tripulação. Pessoas perigosas.

— Ah. — Tayend olhou para Dannyl. — E nós vamos navegar próximo dessas ilhas?

— Nenhum perigo dessa vez. — O capitão sorriu para Dannyl. — Nós temos mago a bordo. Mostramos bandeira do Clã. Ninguém vai ousar nos roubar!

Lembrando-se da conversa, Dannyl sorriu para si mesmo. Ele suspeitou que mercadores de tempos em tempos arriscavam essa rota de qualquer forma, protegendo-se por meio da exibição da bandeira do Clã mesmo quando não tinham um mago a bordo. Os piratas podiam ter percebido isso também e ele não duvidava que tivessem um uniforme do Clã, de verdade ou copiado, que era mantido num baú em algum lugar para os dias em que a bandeira não fosse suficiente para afastar os piratas.

Ele havia ficado aliviado demais em deixar Lonmar para se importar com isso. A disputa com o Conselho dos Anciões levara quase um mês de protestos e discussões para se resolver. Embora as obrigações que ele ia cumprir em Vin fossem pequenas, ele se perguntava se elas também não iriam se mostrar mais complicadas do que parecia.

Conforme a distância de Lonmar aumentou e a tripulação ficou cada vez mais tensa e observadora, Dannyl percebeu que a ameaça dos piratas era real. Das conversas ouvidas secretamente que Tayend traduziu, Dannyl percebeu que um

encontro com piratas não era só um risco, mas uma certeza. Era meio desconcertante saber que aqueles homens acreditavam que suas vidas dependiam de sua presença no barco.

Ele olhou para Tayend, deitado na segunda cama estreita. O acadêmico estava pálido e magro. Ataques de náusea haviam cobrado um preço em sua saúde. Apesar da fraqueza e do óbvio desconforto, Tayend ainda se recusava a deixar Dannyl curá-lo.

Até o momento, sua jornada não tinha sido a aventura agradável que Tayend esperara. Dannyl sabia que o acadêmico também estava aliviado por deixar Lonmar. Quando chegassem à Cidade de Kiko, ele decidiu, iam passar uma semana ou duas descansando. Os vindos eram conhecidos por sua cordialidade e hospitalidade. Com sorte, iam compensar o calor e estranheza de Lonmar, e Tayend ia reconquistar sua força e o entusiasmo por viajar.

Duas pequenas janelas ofereciam um vislumbre do mar em ambos os lados. O céu era de um azul-escuro de fim de tarde, sem nuvens. Chegando mais próximo, Dannyl viu a sombra distante de ilhas pontilhando o horizonte de um lado... E dois grandes barcos.

Ouvindo um bocejo, ele lançou um olhar para Tayend. O acadêmico estava sentando-se e se estirando.

— Como está se sentindo? — Dannyl perguntou.

— Melhor. Como está lá fora?

— Muito agradável, pela aparência. — Os barcos eram menores do que o Anyi. Eles deslizavam sobre as ondas, aproximando-se com rapidez. — Acho que vamos ter alguma companhia antes do jantar.

Tayend se apoiou contra a parede da cabine e se deslocou até o lado de Dannyl. Olhou pela janela.

— Piratas?

Passos apressados se aproximaram da porta da cabine, seguidos por várias batidas rápidas.

— Eu os vi — Dannyl gritou.

Tayend deu um tapinha no ombro de Dannyl.

— Hora de ser herói, meu amigo mago.

Dannyl deu a Tayend um olhar fulminante antes de abrir a porta e sair pelo corredor. O mais jovem dos marinheiros, um garoto de talvez 14 anos, acenou de maneira desenfreada para que ele o seguisse.

— Venha! Seja rápido! — ele disse, com os olhos arregalados.

Seguindo o garoto, Dannyl percorreu o caminho pela sala comum e saiu no convés. Localizando o capitão na popa do navio, ele percorreu seu caminho em meio às cordas, e subiu um pequeno lance de escadas para se juntar ao homem.

— Homens maus — o capitão disse, apontando.

Os barcos estavam a menos de duzentos metros de distância. Dannyl lançou um olhar para o mastro do Anyi e viu a bandeira do Clã tremulando ao vento. Olhando ao redor do convés, viu que todos os tripulantes, mesmo o garoto, carregavam facas ou espadas curtas de fabricação grosseira. Alguns seguravam arcos, todos carregados e já apontados para os navios que se aproximavam.

Tayend fez um pequeno som de desgosto.

— A tripulação não parece ter muita confiança em você — ele murmurou.

— Eles não estão assumindo nenhum risco — Dannyl respondeu. — Você arriscaria?

— Você é nosso herói e protetor. Sei que vai nos salvar.

— Você precisa continuar dizendo isso?

Tayend riu.

— Só quero que você se sinta necessário e apreciado.

O barco principal não diminuiu a velocidade conforme se aproximou do Anyi. Preocupado que os piratas pretendessem golpear o navio com o barco, Dannyl foi até a amurada, pronto para virar a proa do barco. Ele virou no último instante,

com as velas virando-se de repente de forma que o barco ficasse navegando paralelo ao Anyi.

Homens atarracados e musculosos enchiam essas embarcações menores. Grandes escudos estavam sendo segurados em direção ao navio, prontos para uma chuva de projéteis. Entre eles, Dannyl captou o brilho da luz do sol em lâminas. Dois homens seguravam cordas enroladas, pesadas em uma das pontas por causa dos ganchos presos nelas.

Os homens que ele conseguia ver eram mais escuros e altos do que o vindo médio, sugerindo uma mistura de sangue vindo e lonmar. Todos o estavam encarando, as expressões cautelosas. Um ou dois lançaram olhares para o homem na proa do barco. Esse, Dannyl supôs, devia ser seu líder.

Quando o segundo barco se aproximou do navio, o homem levantou a mão e gritou na língua vindo. Tayend fez um pequeno barulho abafado, mas a tripulação do Anyi permaneceu quieta. Dannyl apenas olhou para o capitão.

— O que ele disse?

O capitão pigarreou.

— Ele perguntou por quanto você vende seu amigo bonito. Ele diz que tem lucro vendendo-o como escravo no Oeste.

— Verdade? — Dannyl deu uma olhada em Tayend. — O que você acha? Cinquenta moedas?

Tayend se virou para encarar feio Dannyl.

O capitão deu uma risada.

— Eu não sei o preço certo para escravos homens.

Sorrindo, Dannyl balançou negativamente a cabeça.

— Nem eu. Diga ao pirata que meu amigo não está à venda. Diga a ele — Dannyl se virou para encarar o pirata — que ele não pode pagar o preço da carga desse navio.

O capitão repetiu as palavras em vindo. O pirata sorriu e então levantou a mão

para sinalizar para o outro barco. Homens se apressaram com cordas e roldanas, e logo as embarcações haviam se afastado do navio, movendo-se para longe com rapidez.

O capitão deu um passo em direção a Dannyl.

— Você mata agora — ele disse com urgência. — Antes que fujam.

Dannyl balançou a cabeça negativamente.

— Não.

— Mas piratas pessoas más. Sempre roubam navios. Eles matam. Eles tomam escravos.

— Eles não nos atacaram — Dannyl respondeu.

— Você os mata, torna o mar mais seguro.

Dannyl se virou para encarar o capitão.

— Matar os homens em um ou dois barcos não vai fazer nenhuma diferença. Outros vão substituí-los. Se o povo vindo quer que magos removam os piratas dessas ilhas, eles precisam negociar com o Clã. Por lei, só posso usar meus poderes em defesa, a não ser que sob comando direto do meu Rei.

O capitão abaixou os olhos e se afastou. Dannyl ouviu o homem murmurar em sua língua antes de ordenar à tripulação que voltasse a suas tarefas. Vários dos marinheiros pareciam descontentes, mas retornaram ao trabalho sem reclamações.

— Eles não são os únicos desapontados com sua atuação — Tayend disse.

Dannyl encarou o amigo de forma especulativa.

— Você também acha que eu deveria tê-los matado?

Tayend franziu os olhos em direção aos piratas em retirada.

— Eu não teria protestado. — Ele então deu de ombros. — Mas eu estava esperando mesmo era uma demonstração de magia. Nada muito exagerado. Só algumas faíscas e fogo.

— Faíscas e fogo?

— É. Talvez uma pequena tromba d’água.

— Lamento desapontá-lo — Dannyl respondeu secamente.

— E o que era aquilo de me vender para traficantes de escravos... E por apenas cinquenta moedas! Que insulto!

— Eu lamento. Cem moedas teria sido mais apropriado?

— Não! E você não parece querer se retratar muito.

— Peço desculpas por falhar em ser convincente com minhas desculpas.

Tayend rolou os olhos.

— Basta! Eu vou entrar.

Sonea abraçou sua pasta de anotações contra o peito e suspirou. Estava escurecendo rapidamente. A luz do sol havia raiado a floresta com longas sombras quando Sonea tinha partido, mas apenas uma meia luz enevoada permanecia agora, tornando difícil distinguir as pontas das coisas. Ela resistiu à ânsia de criar uma luz, sabendo que com isso poderia ser encontrada muito mais facilmente.

Um graveto se quebrou ali perto.

Ela parou e olhou através das árvores. Na distância, as luzes dos Alojamentos dos Curadores podiam ser vistas tremeluzindo por entre os troncos. Ela não viu nenhum movimento, não ouviu nenhum som.

Soltando a respiração que vinha segurando, começou a andar de novo.

Apenas algumas semanas atrás, Lorde Kiano havia levado a classe para os campos e estufas além dos Alojamentos dos Curadores, onde plantas medicinais eram cultivadas. Ele havia mostrado a eles várias espécies, dizendo-lhes como identificar cada planta. Depois disso, afirmara que, a cada semana, iria selecionar um aprendiz para acompanhá-lo aos campos após a aula, onde iria testar seu conhecimento.

Aquela tarde tinha sido sua vez. Depois da prova, ele a havia liberado, deixando-a retornar para os Alojamentos dos Aprendizes sozinha. Sabendo que Regin não iria perder a oportunidade de armar uma cilada para ela longe dos magos, ela tinha se demorado, fingindo estar interessada em examinar as plantas, na esperança de poder seguir Kiano na volta. Mas quando o professor começou uma conversa preguiçosa com o jardineiro, ela percebeu que teria de esperar por muito tempo.

Então decidiu tentar seu outro plano. Adivinhando que Regin iria aguardá-la no caminho de costume, cortou pela floresta, esperando contornar os Alojamentos dos Curadores até o caminho que levava para a frente da Universidade. Um barulho à sua esquerda a fez parar de novo. Ela sentiu o sangue gelar quando ouviu uma risada abafada e soube que seu plano havia falhado.

— Boa noite, Sonea.

Girando para virar para trás, viu uma silhueta familiar entre as árvores. Ela manifestou um globo de luz e a escuridão se afastou. Regin parou, um sorriso se espalhando ao redor do rosto enquanto duas outras figuras apareciam ao seu lado: Issle e Alend. Ouvindo sons em toda sua volta, Sonea viu Gennyl, Vallon e Kano emergirem das sombras.

— Uma bela noite para um passeio na floresta — Regin observou, olhando ao redor. — Tão silenciosa. Pacífica. Ninguém para nos interromper. — Ele se aproximou. — Os professores não estão lhe dando tratamento especial, não é? Que pena. Não é muito justo que nós recebamos atenção especial e você não. Então pensei que eu mesmo podia te dar umas lições.

O barulho de neve sendo esmagada por botas indicou a Sonea que os aprendizes atrás dela estavam se aproximando. Ela fortaleceu seu escudo, mas, para sua surpresa, eles se moveram ao redor dela para ficar atrás de Regin.

— Hummm — Regin continuou. — Talvez eu possa lhe ensinar algo do que Lorde Balkan me mostrou. — Ele olhou para os outros e concordou com a cabeça. — Sim, eu acredito que você vai achar interessante.

A boca de Sonea ficou seca. Ela sabia que Regin estava assistindo a aulas extras em Artes Guerreiras, mas não que estivesse aprendendo com Balkan, o Chefe dessa disciplina. Quando Regin levantou a palma das mãos, os outros aprendizes se moveram para mais perto de seu líder e colocaram as mãos nos ombros dele.

— Defenda-se — Regin disse, imitando o tom autoritário de Lorde Vorel.

Colocando mais magia no seu escudo, ela bloqueou o fluxo da energia que estava sendo emitida de cada uma das mãos de Regin. Os golpes eram fracos, mas rapidamente cresceram em força até serem mais fortes do que qualquer coisa que ela tinha encarado na Arena. Surpresa, ela colocou mais e mais magia em seu escudo.

Como isso era possível? Ela lutara com Regin por vezes suficientes para conhecer sua força. Ele sempre fora bem mais fraco que ela. Ele se segurara antes, só esperando o momento para surpreendê-la com sua força real?

O rosto de Regin se esticou numa careta horrenda, e ele deu um passo em direção a ela. De forma abrupta, o ataque se enfraqueceu, e então parou quando ele se deteve para encarar os outros. Eles rapidamente se esticaram para a frente para agarrar novamente seu ombro.

Quando eles tocaram Regin de novo, ele retomou o ataque. Ela refletiu sobre o que isso significava. Obviamente, os outros estavam emprestando poder a ele. Ela não sabia que isso era possível, mas tinha muita coisa sobre Artes Guerreiras que ela não conhecia — ou que tinha perdido durante as longas e tediosas palestras de Vorel.

Seus sentidos zuniram com a magia que preenchia o ar. A neve entre eles havia derretido em poças que chiavam de fervura. Tanto poder... A ideia do que estava sendo dirigido contra ela era aterrorizante, e fez seu coração disparar. Se ela falhasse em manter seu escudo, as consequências seriam breves... E fatais. Ele estava assumindo um grande risco... Seria mesmo?

“E se ele quis me matar?”

Com certeza, não era isso. Ele seria expulso do Clã.

Ainda assim, quando imaginava Regin encarando os magos reunidos no Salão do Clã, ela conseguia facilmente ouvir o que eles iam dizer. Um acidente infeliz. Ele não era culpado por ela não ser habilidosa. Quatro semanas de trabalho na biblioteca e não deixaria isso acontecer de novo.

A raiva substituiu seu medo. Ela examinou os aprendizes e viu que estavam olhando uns para os outros cheios de dúvida. Regin não exibia mais o sorriso forçado, estava com a testa franzida em concentração. Ele grunhiu algo, e os outros protestaram em resposta. O que quer que estivessem fazendo, não estava tendo o efeito esperado.

Era isso, então, o máximo de força que eles tinham juntos? Ela sorriu. Estava contendo-os com facilidade. Ele a havia subestimado — se o globo de luz flutuando acima deles era alguma indicação, ela ainda tinha força de sobra.

Como então aquilo ia acabar? Ela tinha certeza que atacar em resposta ia quebrar seu ataque. Mas se eles não pudessem se defender, ela poderia ser a pessoa a encarar os Magos Superiores e o exílio.

E se eles conseguissem se defender, iriam persegui-la o caminho todo até os Alojamentos dos Aprendizes. Como ela poderia escapar deles? Olhou para o globo de luz. Se ela o extinguisse, levaria alguns minutos para seus olhos se acostumarem com o escuro. Ela poderia sair de fininho. Infelizmente, ela sofreria a mesma cegueira noturna...

Cegueira?...

Ela sorriu. Fechando os olhos com força, exerceu sua vontade. A luz cintilou por trás de suas pálpebras e ela sentiu o ataque perder a força. Quando abriu os olhos de novo, os aprendizes estavam piscando ou esfregando os olhos.

— Eu não consigo enxergar! — Kano exclamou.

“Funcionou!” Ela sorriu quando Alend xingou com veemência e abriu os braços, tendo quase perdido o equilíbrio no terreno acidentado. Issle tateou até achar uma árvore e então a agarrou como se tivesse medo que ela fosse sair correndo.

Sonea deu um passo para trás. Ouvindo o barulho de neve sendo esmagada,

Regin esticou o braço e deu um passo em direção a ela. Ele enfiou a bota na lama criada pela neve derretida, e então escorregou de lado. Caiu de cabeça na lama. Uma exclamação de nojo e frustração escapou dele enquanto tentava se pôr de pé.

Sonea engoliu uma risada. Uma expressão assassina cruzou o rosto de Regin e ele se levantou pulando do chão. Evitando suas mãos tateantes, Sonea se afastou dos aprendizes.

— Obrigada pela lição, Regin. Eu nunca soube que você fosse um homem de tanta visão.

Rindo, ela se virou e começou a seguir em direção às luzes da Universidade.

Capítulo 16

A Regra sobre Acusações

Rothen estava desmantelando uma delicada construção de tubos, válvulas e bugigangas de vidro quando uma voz falou seu nome. Ele ergueu o olhar para encontrar um jovem com roupas de criado, usando um cinturão verde que o marcava como mensageiro de um Curador, parado na porta da sala de aula.

— Sim? — Rothen disse.

— Lady Vinara solicita sua presença nos Alojamentos dos Curadores.

O coração de Rothen pulou. O que poderia Vinara querer? Tinha acontecido algo com Sonea? Teria uma das peças de Regin ido longe demais? Ou era outra pessoa? Seu velho amigo, Yaldin? Ou Ezrille, sua esposa?

— Irei em breve — ele respondeu.

O mensageiro fez uma reverência e se apressou em ir embora. Rothen olhou para o aprendiz, que havia permanecido após a aula para ajudá-lo. Farind sorriu.

— Posso terminar se o senhor quiser, meu lorde.

Rothen concordou com a cabeça.

— Muito bem. Apenas tenha cuidado ao lidar com o ácido.

— É claro.

Seguindo apressado pelo corredor, Rothen procurou impedir a si mesmo de ficar tentando adivinhar o motivo para a convocação de Vinara. Ele iria saber muito em breve. Fora da Universidade, o ar da noite estava gelado, então ele se envolveu num escudo e esquentou o ar dentro deste. Chegando aos Alojamentos

dos Curadores, encontrou Lady Vinara esperando por ele na entrada.

— Chamou? — Rothen perguntou sem ar.

Os lábios dela se dobraram num leve sorriso.

— Não havia motivo para se apressar, Lorde Rothen — Vinara disse. — Os aprendizes que afirmam ser vítimas de sua favorita não vão morrer. Você sabe onde Sonea está?

“Vítimas? O que ela tinha feito?”

— Estudando em seu quarto, muito provavelmente.

— Você não a viu esta noite.

— Não. — Rothen franziu a sobrancelha. — Do que se trata?

— Seis aprendizes vieram parar aqui uma hora atrás. Eles afirmam que Sonea os emboscou na floresta e os cegou.

— Cegou-os? Como?

— Com uma luz brilhante.

— Ah. — Rothen relaxou, mas ao ver a expressão severa da Curadora, ficou preocupado de novo. — Não permanentemente?

Ela balançou a cabeça em negativo.

— Não. Nenhum dos ferimentos era sério... Certamente não o suficiente para desperdiçar o tempo dos Curadores com eles. Eles vão se recuperar.

— Algum outro ferimento que não a cegueira?

— Cortes e contusões ao tatear o caminho pela floresta.

— Entendo. — Rothen concordou com a cabeça lentamente. — Um desses aprendizes não seria o favorito de Garrel, Regin?

— Sim. — Ela franziu os lábios. — Ouvi falar que Sonea tem uma antipatia particular por esse garoto.

Rothen deu uma risada curta e amarga.

— O sentimento é mútuo, eu lhe garanto. Posso falar com Regin?

— É claro. Eu o levarei a ele. — Vinara se virou e começou a andar pelo corredor principal do prédio.

Enquanto seguia apressadamente pelo corredor, Rothen pensou em tudo que Vinara havia contado a ele. Não acreditou nem por um minuto que Sonea tivesse emboscado Regin e seus amigos. Muito provavelmente, eles a haviam emboscado. Algo tinha dado errado no entanto.

Eles podiam ter se cegado para poder culpá-la, mas ele duvidava que tivesse sido esse o caso. Se fosse essa a intenção, eles teriam combinado com outros para que os encontrassem e os guiassem para os Alojamentos dos Curadores. O fato de eles nem sequer terem pedido ajuda mentalmente sugeria que tinham hesitado em chamar atenção para sua situação.

Vinara parou em frente a uma porta e apontou para dentro. Olhando na sala, Rothen viu um jovem familiar com a túnica manchada de lama sentado na beirada de uma cama. O rosto de Regin estava vermelho. Seus punhos se cerraram e se abriram e os olhos brilhavam com intensidade, olhando para um ponto bem além do ombro de seu guardião, Lorde Garrel.

O mago se virou para encarar Rothen e sua expressão se fechou. Ignorando-o, Rothen ouviu, em vez disso, Regin, que estava no final de uma longa lamentação raivosa.

— Eu juro, ela estava tentando nos matar! Eu conheço a lei do Clã. Ela deve ser expulsa!

Rothen olhou para Vinara, e então para o garoto, e sentiu um sorriso querendo surgir nos lábios. Se Regin queria invocar a lei do Clã, então que fosse.

— Essa é uma acusação muito séria, Regin — ele disse num tom baixo. — E seria muito inapropriado para seu guardião confirmar a verdade dela. — Ele se voltou para a mulher a seu lado. — Talvez Lady Vinara possa sugerir alguém.

Vinara piscou e então seus olhos brilharam quando ela percebeu qual era a intenção de Rothen.

— Eu vou realizar a leitura da verdade — ela disse.

Regin respirou fundo. Olhando de novo para o aprendiz, Rothen ficou contente de ver que o garoto havia ficado branco.

— Não, eu não quis dizer... — ele balbuciou. — Eu não...

— Você está retirando a acusação então? — Rothen disse.

— Sim — Regin disse ofegante. — Eu retiro minha acusação.

— Então o que aconteceu hoje à noite?

— Sim — disse Vinara, a voz tornando-se sombria. — Por que Sonea o atacou, como você afirma?

— É óbvio que ela pretendia garantir que eles não frequentassem as aulas por alguns dias — respondeu Garrel.

— Entendo — Rothen disse. — E o que vai ocorrer nos próximos dias para ela querer que vocês estivessem ausentes?

— Eu não sei... Eu acho que ela só queria nos machucar.

— Então, ela seguiu seis aprendizes numa floresta — Rothen deu a Vinara um olhar expressivo —, certa de que poderia superar sua força combinada? Ela deve ser melhor em Artes Guerreiras do que suas notas indicam.

Os olhos sem visão de Regin buscaram seu guardião.

— Para começar, o que vocês seis estavam fazendo na floresta? — perguntou Vinara.

— Nós só estávamos... explorando. Por diversão.

— Hummm — ela disse. — Não foi isso que seus amigos disseram.

Regin abriu a boca, e então a fechou de novo. Garrel se levantou.

— Meu aprendiz sofreu um ferimento e precisa de descanso. Com certeza, esse questionamento pode esperar até ele ter se recuperado.

Rothen hesitou e então decidiu que valia o risco. Ele se virou para Vinara.

— Ele está certo. Nós não precisamos das respostas de Regin. Eu tenho certeza de que Sonea vai se submeter a uma leitura da verdade para provar sua inocência.

— Não! — Regin exclamou.

Vinara franziu os olhos.

— Se ela estiver disposta, você não pode impedir, Regin.

O aprendiz fez uma careta, como se tivesse provado algo ruim.

— Tudo bem, eu vou lhes contar. Nós a seguimos na floresta e pregamos uma peça nela. Nada perigoso. Nós só estávamos... praticando o que tínhamos aprendido em sala de aula.

— Entendo. — A voz de Vinara estava gélida. — Então é melhor nos contar qual foi a peça... E lembre-se que a memória de Sonea vai confirmar ou negar tudo que você disser.

Suspirando, Sonea marcou a página do livro com um pedaço de papel, e se levantou para atender a porta. Abriu-a com cuidado, apoiando-a com magia para o caso de Regin tentar forçar sua entrada. Para sua surpresa, Lorde Osen se encontrava no corredor.

— Perdoe-me a intrusão — Lorde Osen disse. — O Administrador Lorlen deseja falar com você em seu escritório.

Sonea o encarou, o calor drenando do seu rosto. Um temor gelado tomou conta de seu estômago. O Administrador... Há meses ela não falava com ele. O que ele queria? Tinha alguma coisa a ver com o Lorde Supremo? Tinha Akkarin descoberto que ela sabia seu segredo?

— Não se preocupe — Osen disse a ela, sorrindo. — Ele só quer fazer algumas perguntas.

Saindo do quarto, ela o seguiu para fora dos Alojamentos dos Aprendizes, atravessando o pátio e pela entrada de trás da Universidade. Seus passos ecoavam no corredor vazio. Quando abriu a porta do escritório do Administrador, Sonea inspirou fundo. A sala estava cheia de magos. Alguns

sentados em cadeiras, outros de pé. Ao entrar, ela percebeu que a maioria dos Magos Superiores estava presente.

Vendo Rothen, ela soltou a respiração aliviada. Depois, viu Lorde Garrel e sentiu um aperto no coração. Então era sobre seu encontro com Regin. Ele devia ter contado uma história incrível para terem convocado os Magos Superiores.

Rothen sorriu e a chamou com um gesto. Sentindo-se mal, ela foi até seu lado.

— Sonea.

Ela se voltou para encarar Lorlen, que estava sentado atrás de uma grande mesa. A expressão do mago de túnica azul era séria.

— Mais cedo ocorreu um incidente entre você e seis aprendizes, e ele foi trazido à nossa atenção. Queremos que nos conte o que aconteceu.

Ela olhou ao redor da sala, e então engoliu em seco.

— Lorde Kiano me levou aos campos para uma prova. Eu retornei pelo caminho mais longo, dando a volta nos Alojamentos dos Curadores. Regin e seus amigos me pararam na floresta. — Ela hesitou, perguntando-se como poderia evitar dizer algo que pudesse ser tomado como uma acusação.

— Vá em frente — Lorlen disse. — Conte-nos o que aconteceu.

Respirando fundo, Sonea continuou.

— Regin disse que queria me mostrar algo que aprendera com Lorde Balkan. — Ela olhou em direção ao mago de túnica vermelha. — E então os outros colocaram as mãos nos ombros dele. Seu ataque foi mais forte do que de costume e percebi que os outros estavam lhe dando poderes adicionais de alguma forma.

— O que você fez?

— Levantei um escudo.

— Só isso?

— Eu não queria atacar em resposta. Eles poderiam não se proteger bem o suficiente.

— Sábia. O que aconteceu então?

— Eu ainda tinha meu globo de luz, então sabia que ainda me restavam poderes.

Uma inspiração forte à sua esquerda a fez estremecer. Ela se voltou para ver Lady Vinara avaliando-a com um olhar.

— Prossiga — Lorlen disse.

— Eu sabia que eles não iriam desistir e que eu tinha de escapar antes que eles decidissem fazer outra coisa. Então, para que parassem de me seguir, eu os ofusquei com a luz.

Ela ouviu várias vozes baixas murmurando atrás dela. Lorlen fez um pequeno gesto e eles silenciaram.

— Algumas perguntas me vêm à mente — ele disse. — Por que você pegou o caminho mais comprido para voltar dos campos?

— Eu sabia que eles estariam esperando por mim — Sonea respondeu.

— Quem?

— Regin e os outros.

— Por que eles fariam isso?

— Eles sempre... — Sonea balançou negativamente a cabeça. — Eu bem que queria saber, Administrador.

Lorlen concordou com a cabeça. Ele olhou para Vinara.

— A história dela casa com a de Regin.

Sonea encarou a Curadora.

— Regin lhe disse isso?

— Regin a acusou de tentar matá-los — Rothen explicou silenciosamente. — Quando percebeu que isso significava que ele precisava se submeter a uma leitura da verdade, ele retirou a acusação. Então, eu disse que você se submeteria a uma leitura para provar sua inocência. Depois disso, a verdade veio à tona.

Ela o olhou surpresa. Ele havia sugerido que alguém realizasse uma leitura da mente nela? E se Regin não tivesse confessado? Rothen devia ter certeza de que Regin ia contar a verdade uma vez que soubesse que tudo ia ser revelado de qualquer forma.

— Então, sobre o que se trata essa reunião? Por que todos os Magos Superiores estão aqui?

Rothen não teve chance de responder.

— Alguém mais tem perguntas para Sonea? — Lorlen indagou.

— Sim.

Lorde Sarrin se aprumou e deu um passo à frente.

— Depois desse confronto você se sentiu cansada? Exausta?

Sonea balançou negativamente a cabeça.

— Não, meu lorde.

— Você realizou mais alguma magia hoje à noite?

— Não... Na verdade, sim. Eu coloquei uma proteção na minha porta.

Lorde Sarrin franziu os lábios e olhou para Lorde Balkan. O Guerreiro a encarou de forma especulativa.

— Você tem praticado Artes Guerreiras sozinha? — ele perguntou.

— Não, meu lorde.

— Você já tinha tido outros encontros com aprendizes usando esse método de combinar poderes antes?

— Não, nunca tinha ouvido falar disso.

Lorde Balkan se reclinou na cadeira e acenou com a cabeça para o Administrador. Lorlen olhou ao redor da sala.

— Mais alguma pergunta?

Os magos olharam uns para os outros, então balançaram negativamente a

cabeça.

— Você pode ir, Sonea.

Ela se levantou e fez uma reverência para os magos. Eles a observaram silenciosamente quando ela passou. Só depois de a porta bater, ela ouviu as vozes na sala, abafadas demais para serem entendidas.

Ela encarou a porta, e então lentamente começou a sorrir. Ao tentar causar problemas para ela, Regin havia criado problemas piores para ele. Virando-se, ela percorreu o caminho de volta para os Alojamentos dos Aprendizes, certa de que, dessa vez, ninguém iria incomodá-la.

— Tamanho poder em alguém tão jovem. — Lorde Sarrin balançou negativamente a cabeça. — Tão poucos progrediram tão rápido.

Lorlen concordou com a cabeça. Seus poderes também haviam se desenvolvido rapidamente. Bem como os de Akkarin. E ambos haviam sido eleitos para os dois cargos mais altos no Clã. Ele podia ver o horror no rosto dos Magos Superiores quando isso aconteceu com eles.

Normalmente, eles ficariam felizes em descobrir tal promessa num aprendiz. Mas Sonea era a favelada e tinha demonstrado recentemente seu caráter questionável ao roubar uma caneta. Embora Lorlen estivesse preparado para acreditar que isso fora um incidente isolado, talvez em reação às importunações dos outros aprendizes, outros magos não iriam perdoar tão facilmente.

— Não devemos estimular nenhuma alta expectativa ainda — ele disse, para tranquilizá-los. — Ela pode simplesmente ter se desenvolvido cedo e isso ser o máximo de força que vai atingir.

— Ela já é mais forte do que a maioria de seus professores e — Sarrin apontou em direção a Rothen — talvez que seu próprio guardião.

— Isso é um problema? — Rothen perguntou friamente.

— Não. — Lorlen sorriu. — E nunca foi no passado. Você precisa ser cauteloso.

— Vamos ter de passá-la para a próxima turma de novo? — Jerrik cruzou os braços e franziu o rosto.

— É só seu poder que é avançado — Vinara respondeu. — Não suas habilidades. Ela ainda tem muito a aprender.

— Tudo que temos que fazer é avisar seus professores — Lorlen disse. — Eles não devem testar sua força sem tomar as precauções de costume.

Para a satisfação de Lorlen, todos os magos concordaram com a cabeça. As ações de Regin haviam revelado mais do que sua natureza cruel.

Ele tinha mostrado a todo mundo do que Sonea era capaz. Lorlen suspeitou que Rothen também fora surpreendido por quão forte ela provara ser.

A atenção de Rothen estava em Lorde Garrel, no entanto. O guardião de Regin tinha ficado silencioso durante a maior parte da discussão. Lorlen fechou a cara. Eles não deveriam esquecer a seriedade do incidente que os havia trazido ali.

— O que devemos fazer com Regin? — ele perguntou num tom mais alto que os múrmurios.

Balkan sorriu.

— Acho que o jovem aprendeu sua lição. Ele seria um tolo em provocá-la agora.

Os outros magos concordaram com a cabeça e expressaram estar de acordo.

— Alguma disciplina é necessária — Lorlen insistiu.

— Ele não quebrou nenhuma regra — Garrel protestou. — Balkan lhe deu permissão para praticar essa estratégia com seus colegas de classe.

— Emboscar outro aprendiz não é o que nós chamamos de “prática” — Lorlen respondeu. — É perigoso e irresponsável.

— Concordo — Vinara disse de maneira firme. — E sua punição deve refletir isso.

Os magos trocaram olhares.

— Regin tem recebido lições adicionais em Artes Guerreiras — Balkan disse. — Já que essas são a fonte do problema, vou suspendê-las por um prazo de... três meses.

Lorlen franziu os lábios.

— Aumente isso até o meio do Segundo Ano. Acredito que sua classe terá tido todas as lições sobre honra e justiça até lá.

Observando Rothen, Lorlen viu o mago levantar a mão para coçar o nariz e esconder um sorriso. A expressão de Garrel se fechou, mas ele permaneceu quieto. Os cantos da boca de Balkan se curvaram para cima.

— Muito bem — o Guerreiro concordou. — Até as provas de meio de ano do Segundo Ano terem passado.

Lorlen olhou para os outros magos. Eles concordaram com a cabeça.

— Está combinado.

Jerrik suspirou, olhou para os outros e deu um passo à frente.

— Se isso é tudo, vou voltar ao meu trabalho.

Lorlen observou quando Lorde Sarrin e Lady Vinara também se levantaram e seguiram o Diretor da Universidade para fora da sala. Lorde Garrel os seguiu. Balkan estava observando Rothen com atenção.

— É uma pena que Sonea não tenha nenhum entusiasmo para a área de Artes Guerreiras. Nós raramente encontramos mulheres guerreiras com sua força... ou engenhosidade.

Rothen se virou para encarar o Guerreiro.

— Não posso fingir estar desapontado com sua falta de entusiasmo — ele respondeu.

— Você a tem desencorajado? — Havia um indício de advertência na voz de Balkan.

— Nem um pouco — Rothen respondeu com naturalidade. — Eu acho que foi um certo incidente na Praça Norte que a desencorajou, e duvido que eu pudesse

consertar isso mesmo que tentasse. Levou tempo para persuadi-la que não éramos todos vilões maníacos por batalhas.

Balkan deu um sorriso torto.

— Você a convenceu de que nós não somos assim, espero.

Rothen suspirou e desviou o olhar.

— Algumas vezes acho que sou o único que está tentando.

— A inimizade dos outros aprendizes era inevitável e não irá parar depois de ela se formar. Ela precisa aprender a lidar com isso. Ao menos, dessa vez, ela usou magia em vez de habilidades menos honrosas.

Rothen estreitou os olhos encarando o outro mago. Balkan devolveu o olhar na mesma medida. Sentindo a tensão aumentar entre os dois magos, Lorlen deu um tapa leve em cima da mesa.

— Apenas cuidem pra que eles mantenham suas batalhas na Arena — ele disse. — Se fosse verão, poderiam ter posto fogo na floresta inteira. Já tenho o bastante para fazer sem desastres que aumentem meu trabalho. Agora, por favor... — ele apontou a porta com ambas as mãos. — Quero meu escritório de volta!

Os dois magos fizeram uma reverência. Pedindo desculpas, foram até a porta e saíram. Quando a porta se fechou, Lorlen soltou um suspiro de alívio e exasperação.

“Magos!”

Capítulo 17

Um Companheiro e Tanto

A neve já fora retirada dos caminhos através dos jardins, mas as árvores ainda conservavam uma camada branca sobre os galhos desfolhados. Rothen olhou para a Universidade. Pingentes de gelo caíam das janelas, incrementando a decoração das molduras em pedra. Ao chegarem à frente do prédio, a neve começou a cair, então Rothen conduziu Sonea pelas escadas até a marquise do salão de Entrada.

— Rothen?

— Dorrien.

— Espero que tenha uma dúzia de globos de aquecimento nos seus aposentos. Mal posso acreditar nesse clima tão frio e seco. Está pior do que qualquer outro de que eu me lembre. Agora começo a ver os portões.

Rothen baixou a cabeça, olhando para Sonea. Os olhos dela tinham se estreitado fitando a rua, para além dos portões.

— Lá vem ele — ela murmurou.

Olhando para acima, Rothen viu um cavaleiro solitário se aproximando. O cavaleiro acenou com a mão e um dos portões começou a se abrir para dentro. Antes que estivesse completamente aberto, ele incitou o cavalo e entrou a galope.

O cavalo percorreu a curva da estrada, a túnica verde do cavaleiro esvoaçando ao vento. Dorrien gargalhava e tinha o rosto corado.

— Pai!

Conforme o cavalo deslizou até parar, Dorrien passou a perna por sobre a sela e apeou suavemente.

— Muito espalhafatoso, Dorrien — disse secamente Rothen, olhando de novo para os degraus da Universidade. — Um dia você vai cair de cara no chão.

— Sem dúvida e bem na sua frente — Dorrien respondeu, envolvendo Rothen com um grande manto verde conforme o abraçava. — Para então você poder dizer: “Bem que eu avisei”.

— Eu diria isso? — perguntou Rothen inocentemente.

— Sim, você diria... — Os olhos azuis de Dorrien piscaram ligeiros por sobre o ombro de Rothen.

— Então, esta é sua nova aprendiz.

— Sonea. — A um aceno de Rothen, Sonea começou a descer as escadas.

Dorrien passou as rédeas do cavalo para Rothen e deu um passo à frente. Como sempre, ver o sorriso do filho depois de uma longa ausência trouxe-lhe uma ponta de tristeza. Era quando Dorrien se mostrava mais encantador que ele fazia Rothen recordar-se de sua falecida esposa. O menino também havia herdado de Yilara uma dedicação quase obsessiva à Cura.

“Ele não é mais um menino”, Rothen se lembrou. Dorrien completara 24 anos havia poucos meses. Era um homem adulto. “Nessa idade”, Rothen meditou, “eu tinha esposa e filho.”

— Saudações, Lady Sonea.

— Saudações, Lorde Dorrien — Sonea respondeu, curvando-se de forma graciosa.

Um criado das cocheiras veio enquanto estavam conversando, e Rothen passou as rédeas do cavalo para ele.

— Para onde devo levar as malas, meu lorde? — perguntou o servo.

— Para meus aposentos — respondeu Rothen. O homem assentiu e levou o cavalo embora.

— Vamos sair do frio — sugeriu Dorrien.

Concordando, Rothen rumou para as escadas da Universidade. Conforme adentraram o ambiente aquecido, Dorrien suspirou.

— É bom estar de volta — disse ele. — Como estão as coisas por aqui, pai?

Rothen deu de ombros.

— Calmas, como sempre, pelo menos. Os únicos dramas no ano passado parecem ter sido os que nos envolveram. — Ele sorriu para Sonea — E você sabe tudo sobre eles.

Dorrien riu.

— Sim. E como está o Embaixador Dannyl?

— Ele não tem se comunicado diretamente comigo há alguns meses, mas recebi algumas cartas e uma caixa de vinho de Elyne.

— Sobrou algum?

— Sim.

— Essa é uma boa notícia. — Dorrien esfregou as mãos.

— E os assuntos no nordeste?

Dorrien deu de ombros.

— Nada diferente. Um surto de pneumonia foi o evento mais emocionante do ano passado. Como de costume, alguns dos fazendeiros tentaram levar o trabalho adiante e arranjaram uma doença pulmonar. Poucos acidentes a tratar, alguns idosos morrendo, alguns bebês “no pedaço”. Ah, e um dos meninos pastores de reber veio me procurar com queimaduras. Ele disse que havia sido atacado pelo que os locais chamam de Rei Sakan.

Rothen franziu o cenho.

— O Rei Sakan? Isso não é uma antiga superstição sobre um fantasma que mora no Monte Kanlor?

— Sim, mas, pelo tipo de ferimento, eu diria que o menino se deixou atingir

por alguma madeira em brasa.

Rothen riu.

— Meninos pequenos podem ser incrivelmente criativos quando não querem admitir que fizeram algo errado ou bobo.

— Essa foi uma história bem divertida — concordou Dorrien. — O menino inventou um quadro bastante vívido sobre esse Rei Sakan.

Rothen sorriu. A comunicação telepática era direta demais para esse tipo de conversa. Era muito melhor conversar cara a cara. Pelo canto do olho, podia ver Sonea olhando para Dorrien. Conforme o filho se virou para olhar dentro do Refeitório, ela o fitou, avaliando-o um pouco mais.

Dorrien observou a direção do olhar de Rothen e olhou de volta para ela, que entendeu o gesto como um convite para se juntar à conversa.

— Você teve uma viagem difícil?

Dorrien gemeu.

— Terrível. Nevascas nas montanhas e neve sem fim no restante. Mas, quando o Clã chama, é preciso atender mesmo que isso signifique um esforço extremo para abrir caminho pela neve e evitar que você e seu cavalo congelem.

— Você não poderia esperar pela primavera?

— A primavera é a época mais ocupada para os pastores de reber. Os animais começam a soltar os pequenos, os fazendeiros trabalham muito, há acidentes. — Ele balançou a cabeça. — Não é uma boa época.

— O verão, então?

Dorrien meneou novamente a cabeça.

— Há sempre alguém com desidratação ou queimaduras de sol. E tosse de verão.

— Outono?

— Época da colheita.

— Então a melhor época é o inverno.

— Sempre há alguém que me procura com rachaduras causadas pelo frio, e ficar dentro de casa por meses pode ser complicado para a saúde, e...

— Não existe época boa, existe?

Ele sorriu.

— Não.

Saindo pelo acesso dos fundos da Universidade, eles caminharam sob a neve até os Alojamentos dos Magos. Rothen viu as sobrancelhas de Sonea se arquearem quando Dorrien entrou na área azulejada da escadaria e começou a flutuar, indo para cima.

— Você ainda usa as escadas, pai? — Dorrien cruzou os braços e balançou a cabeça. — Suponho que ainda pregue sobre exercício e preguiça. E sobre manter as habilidades em forma assim como o corpo?

— Me surpreende ver que você ainda tenha alguma energia para levitar depois de todas as provas que enfrentou para chegar até aqui — respondeu Rothen.

Dorrien deu de ombros. Olhando mais de perto, Rothen notou sinais de tensão na expressão do jovem rapaz. “Então ele está se exibindo”, pensou. Yaldin certa vez comentara que Dorrien podia tosquiar um reber caso se determinasse a fazer isso. Rothen olhou para Sonea. Ela observava de forma fixa os pés de Dorrien, provavelmente percebendo o disco de energia sob eles.

Chegaram ao topo das escadas, Dorrien aterrissou com um calmo suspiro de alívio. Ele fitou Sonea, inquisitivo.

— Meu pai já lhe mostrou como levitar?

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Bem, teremos que fazer algo em relação a isso. — Dorrien enviou um olhar de reprovação para Rothen. — É uma habilidade que pode ser muito útil em certos momentos.

— Para impressionar jovens moçoilas?

Dorrien ignorou a pergunta. Rothen sorriu e os levou até sua porta. Eles entraram no aconchego da sala de visitas e foram recebidos por Tania.

— Vinho quente, senhores?

— Por favor! — exclamou Dorrien.

— Para mim, não — disse Sonea, permanecendo no vão da porta. — Tenho ainda três capítulos de medicina para estudar.

Dorrien pareceu querer protestar, mas mudou de ideia.

— Você está perto do final do Primeiro Ano, não é, Sonea?

— Sim, faltam duas semanas para as provas do Primeiro Ano.

— É muita coisa para estudar.

Sonea assentiu.

— Sim. Portanto, devo deixar os dois colocando a conversa em dia. Muita honra em conhecê-lo, Lorde Dorrien.

— Foi bom conhecer você, também, Sonea. — Dorrien ergueu o copo. — Nós nos vemos mais tarde ou no jantar.

A porta se fechou suavemente atrás dela. Os olhos de Dorrien vaguearam.

— Você não me disse que ela tinha cabelo curto.

— Era muito mais curto há um ano.

— Ela parece tão frágil. — Dorrien franziu o cenho. — Eu esperava algo... mais robusto, suponho.

— Você deveria ter visto a magreza dela quando apareceu por aqui pela primeira vez.

— Ah — Dorrien comentou. — Criada nas favelas. Não admira ser tão franzina.

— Franzina, talvez — Rothen concordou —, mas forte. Não no sentido de magia, de qualquer forma. — Rothen observou o filho. — Eu tinha esperanças de que você a distraísse um pouco. Desde o verão, ela só pensa nos estudos e nos

problemas com os outros aprendizes.

Uma centelha de humor trouxe vida novamente aos olhos de Dorrien.

— Distraí-la? Eu posso fazer isso... Se você acha que ela não vai se entediar terrivelmente com um Curador do interior.

A rua principal da Cidade de Kiko serpenteava ao redor da ilha em uma espiral ininterrupta, culminando na casa do Imperador vindo, que ficava no topo. De acordo com o guia de Dannyl, a cidade fora construída daquela forma para confundir e retardar os invasores. A estrada também era usada como rota de desfiles durante os festivais, assegurando que todos os habitantes da cidade pudessem acompanhar.

O festival da colheita estava no auge quando Dannyl e Tayend chegaram, e ainda duraria mais três dias.

As tarefas que Lorlen havia solicitado a Errend eram menos importantes, porém numerosas. Dannyl não podia começar a trabalhar nelas até que o festival houvesse terminado, então ele e Tayend cuidaram de relaxar na Casa do Clã desde sua chegada, saindo apenas para ver as performances de rua ou comprar vinho e iguarias locais.

Celebrantes, cantores, dançarinos e músicos enchiam a rua principal pela maior parte do dia, o que tornava difícil chegar rapidamente a qualquer lugar. O desfile, entretanto, poderia ser evitado usando-se a escadaria íngreme que atravessava cada volta das espirais da rua principal. Não era uma empreitada fácil, numa subida, e Tayend estava ofegante quando, finalmente, alcançaram seu destino, a loja de um comerciante de vinhos na rua principal, várias escadarias acima da Casa do Clã.

Parando para se recostar num prédio, Tayend acenou para Dannyl em direção à loja.

— Vou descansar — ele arfou. — Vá você.

Imediatamente, uma menina carregando pulseiras de flores destacou-se da

procissão, aproximando-se do acadêmico e tentando persuadi-lo a comprar algumas. Tayend ficara um pouco mais do que impressionado com a ousadia das mulheres vindo, mas, segundo as informações do seu guia, a amabilidade dos vindos era simplesmente expressão local de boas maneiras.

Deixando Tayend ocupado, Dannyl entrou na loja e começou a escolher o vinho. Sabendo que Tayend apreciaria algo conhecido, ele escolheu várias garrafas do vinho de Elyne. Como muitos vindos, o negociante falava a língua de Dannyl o suficiente para lhe informar os preços, mas não tão bem para barganhar.

Quando o homem começou a acondicionar as garrafas em uma caixa, Dannyl foi até à janela projetada da loja. A menina das flores já se fora. Tayend, encostado na quina da construção, tinha os braços cruzados e a atenção voltada para um grupo de homens acrobatas.

Uma mão agarrou então o braço de Tayend e puxou o acadêmico para as sombras.

Dannyl chegou mais perto da janela que dava para uma sacada, e aí congelou. Via Tayend agora, pressionado contra a parede de um beco ao lado da loja. Um vindo de aparência suja e descabelado agarrava o pescoço do acadêmico. A outra mão empunhava uma lâmina apontada para Tayend.

Pálido de terror, Tayend olhava para o assaltante. Os lábios do homem se moviam. Exigia dinheiro, imaginou Dannyl. O que poderia acontecer se o assaltante fosse confrontado por um mago?

A imaginação de Dannyl deu um salto à frente. Viu o assaltante usando Tayend como refém... Levando o acadêmico consigo para escapar... Esfaqueando Tayend quando ele, Dannyl, não estivesse olhando.

Ao passo que, se Tayend entregasse o dinheiro, o homem poderia simplesmente pegar e ir embora.

Os olhos de Tayend se moveram para a janela e se postaram em Dannyl. Sinalizando na direção ao assaltante, Dannyl murmurou as palavras:

— Entregue a ele.

Tayend franziu o cenho.

Vendo a mudança na expressão do acadêmico, o assaltante olhou em direção à janela. Saindo do raio de visão, Dannyl praguejou. Será que o homem o teria visto? Ele olhou pela beirada da janela.

Tayend retirou do casaco o saco de moedas. O assaltante agarrou-o e testou o peso. Com um sorriso de triunfo, guardou-o no bolso.

Foi aí que, num golpe rápido, ele enfiou a faca na lateral de Tayend.

Horrorizado, Dannyl saiu correndo da loja. Tayend pendia para a frente, o sangue jorrava do ferimento. Vendo que o assaltante se acercava para esfaqueá-lo novamente, Dannyl alcançou-o com magia. A expressão do assaltante mudou para surpresa e horror ao ver Dannyl. Então, ele voou pelos ares. Jogado por sobre a estrada, bateu na construção oposta num baque horrível e caiu no chão, as pessoas se dispersando quando ele aterrissou entre elas.

Por um momento, Dannyl olhou para o homem surpreso e horrorizado ao mesmo tempo. Ele não pretendia reagir com tanta força. Tayend, então, soltou um gemido baixo e tirou o assaltante do pensamento. Correndo em frente, Dannyl pegou Tayend conforme o acadêmico se contorcia e estirou-o no chão. Rasgou-lhe a camisa ensanguentada e pressionou a mão sobre a ferida.

Fechando os olhos, enviou seu pensamento para dentro. A faca tinha feito um corte profundo, danificando veias, artérias e órgãos. Dannyl chamou a força de Cura e a concentrou na área atingida. Desviou o sangue, persuadiu o tecido a ser unido, e encorajou o corpo de Tayend a expelir a impureza da faca suja. Os Curadores costumavam trabalhar apenas até que o ferimento estivesse fechado e seguro, poupando seu poder para outros pacientes, mas Dannyl colocou sua energia até permanecer apenas a cicatriz superficial. Então, auscultou o corpo sob suas mãos, conforme havia aprendido, checando se tudo funcionava perfeitamente.

Outras mensagens chegaram até ele. O coração de Tayend acelerou. Seus músculos estavam retesados. Um sentimento de alívio e pavor acometia o pensamento de Dannyl. Ele franziu o cenho. O esperado era um medo

prolongado, mas havia algo diferente acerca desse sentimento de temor. Seus sentidos passaram para o nível mental e, de repente, os pensamentos de Tayend jorraram na mente de Dannyl.

Talvez ele não veja... Não, é tarde demais! Provavelmente ele já viu. Agora ele vai me rejeitar. Os magos kyralianos são assim. Pensam que somos pervertidos. Afetados. Mas não! Ele vai compreender. Ele diz que sabe como é. Mas ele não é um moço... Ou é? Poderia estar escondendo isso. Não, não poderia estar. Ele é um mago kyraliano. Seus Curadores o teriam detectado e o expulsado...

Surpreso, Dannyl afastou-se da mente de Tayend, mas manteve os olhos fechados e a mão na lateral do acadêmico. Então fora por isso que Tayend recusara a Cura. Ele estava com medo que Dannyl pudesse sentir que... que ele era como o Dem Agerralin. Tayend desejava homens.

As lembranças de alguns meses anteriores passaram pela mente de Dannyl. Ele lembrou o dia seguinte ao ataque das sanguessugas-do-mar. Tayend encontrara um par de sanguessugas entrelaçadas em uma corda. Um marinheiro observou o interesse de Tayend.

— Elas estão cruzando — disse o homem.

— Quem é o menino e quem é a menina? — perguntou Tayend.

— Não menino não menina. O mesmo.

As sobrancelhas de Tayend se arquearam e ele olhou para o marinheiro.

— Sério?

O homem saiu para pegar uma panela de siyo. Tayend ficou olhando as sanguessugas.

— Bom para vocês — dissera ele.

Recordando seu tempo em Elyne, lembrou-se de sua conversa com Errend.

“Ele é o filho mais novo de Tremmelin... Acadêmico, eu creio... Não o tenho visto muito na corte ultimamente... Pensava tê-lo visto com o Dem Agerralin... Homem de relacionamentos duvidosos.”

Então o Dem Agerralin: “Todos nós temos grande curiosidade a seu respeito...”

Nós?

O próprio Tayend, no Palácio: “A corte de Elyne tanto é terrível pela sua decadência, quanto maravilhosa pela sua liberdade. Esperamos que todos tenham alguns hábitos interessantes ou excêntricos”.

Tayend ficara apreensivo durante toda a permanência em Lonmar. Dannyl sabia que o que eles haviam presenciado na Praça do Julgamento chocara Tayend, mas ele esperara que o acadêmico pudesse, afinal, esquecer o incidente e aproveitar o restante da “aventura”. Mas Tayend permanecera temeroso e quieto.

“E agora, com certeza, ele está preocupado em como vou reagir. Nós kyralianos não somos exatamente conhecidos por nossa tolerância com homens como Tayend. Eu sei disso muito bem. Não me admira que ele estivesse com medo de ser curado. Ele acredita que os Curadores podem sentir se um homem deseja outros homens, como se fosse uma doença.”

Dannyl franziu o cenho. Então, o que deveria fazer agora? Deixar Tayend saber que ele havia descoberto seu segredo ou fingir que nada notara?

“Eu não sei. Preciso de mais tempo para avaliar. Por ora... Sim, vou fingir que não sei.”

Abrindo os olhos, deu com Tayend olhando para ele. Sorrindo, Dannyl retirou sua mão.

— Você está...?

— Meu lorde?

Erguendo a vista, Dannyl percebeu que uma multidão se reunira em torno dele. O homem que se dirigira a ele era um guarda vindo. Outros guardas faziam perguntas às pessoas. Um deles revistou o ladrão deitado de bruços, e, então, tirou a bolsa de dinheiro de Tayend da mão dele.

O guarda que vigiava Dannyl empurrou com cuidado, com a ponta da

sandália, uma faca ensanguentada caída no chão, perto dos pés de Tayend.

— Não julgamento — disse ele, olhando Dannyl nos olhos, nervoso. — Pessoas dizer você matar homem malvado. Você certo.

Olhando através da multidão, Dannyl viu os olhos esbugalhados do ladrão. Morto. Sentiu um arrepio na espinha. Nunca matara antes. Aquilo era algo sobre o que ele deveria pensar mais tarde. Conforme o guarda se afastou, Dannyl virou para Tayend, fitando o acadêmico com um olhar inquisidor.

— Você já se recuperou?

Tayend assentiu rapidamente.

— Se não levar em conta o fato de que ainda estou tremendo.

O comerciante de vinho em pé no vão da porta de sua loja, olhava desconfiado e amedrontado. Um homem mais jovem estava ao seu lado com a caixa de vinhos nos braços.

— Venha, então. Vamos pegar nosso vinho. Não sei de você, mas eu fiquei com mais sede ainda.

Tayend deu alguns passos cambaleantes, e aí pareceu recobrar a confiança. Um guarda apertou a bolsa de dinheiro em suas mãos. Dannyl sorriu com a expressão do acadêmico, e, então, indicando que o parceiro do comerciante deveria segui-lo, partiu rumo à Casa do Clã.

As palavras contidas na página diante de Sonea desapareceram de repente sob espessas gotas de tinta. Ela olhou por cima do ombro, mas ninguém estava nas proximidades. Ouvindo mais gotas caírem sobre a página, olhou para cima e viu um tinteiro trabalhado com ornamentos pairando bem alto, acima dela.

Por detrás das prateleiras de livros à sua esquerda, ouviu risadinhas. O tinteiro se moveu, ameaçando derramar tinta na túnica de Sonea. Estreitando os olhos na direção dele, ela enviou um lampejo de força. Imediatamente, a tinta ferveu e secou, e o tinteiro começou a incandescer. Como um tiro, ele rumou na direção das prateleiras e ela ouviu um grito agudo.

Sorrindo, olhou novamente para baixo, mas seu sorriso desapareceu ao ver a tinta secando na página. Ela pegou um lencinho e esfregou de leve nas manchas. Em seguida, praguejou ao ver a tinta se espalhando.

— Má ideia. Você só está piorando as coisas — disse uma voz no seu ombro.

Ela deu um pulo e se virou para deparar com Dorrien em pé atrás dela. Sem conseguir se controlar, fechou o livro.

Ele balançou a cabeça.

— Isso com certeza não vai ajudar.

Sonea franziu o cenho, contrariada, e procurou uma forma de revide, mas ele esticou o braço para pegar o livro dela.

— Aqui, deixe-me dar uma olhada. — Ele riu. — Primeiro ano de Alquimia. Este nem vale a pena salvar!

— Mas é da biblioteca.

Dorrien folheou até as folhas manchadas e fez uma careta.

— Não há nada que possa fazer para consertar isso — ele disse, balançando a cabeça negativamente. — Mas não se preocupe. Rothen pode pedir para fazerem outra cópia.

— Mas...

As sobrancelhas de Dorrien se arquearam.

— Mas?

— Vai custar...

— Dinheiro? — Dorrien completou. — Isso não é problema algum, Sonea.

Sonea abriu a boca para protestar, mas fechou-a novamente.

— Você não acha justo ele pagar por isso, acha? — Dorrien sentou em uma das cadeiras ao seu lado. — Além do mais, você não danificou o livro.

Sonea mordeu os lábios.

— Você os viu?

— Eu passei por um aprendiz que estava cuidando das pontas dos dedos queimadas e outro que segurava o que parecia um tinteiro derretido. Quando vi você tentando recuperar o livro, imaginei o resto. — Seus lábios se contorceram. — Rothen me contou sobre seus admiradores.

Ela olhou para ele em silêncio. Dorrien riu da sua expressão, mas era uma risada amarga.

— Eu também não era muito popular no meu Primeiro Ano de Universidade. Compreendo um pouco o que você está passando. É torturante, mas você pode escapar disso.

— Como?

Ele colocou o livro sobre a mesa e se recostou na cadeira.

— Antes de dizer qualquer coisa, seria melhor você me contar o que tem feito até agora. Preciso ter uma ideia de como esses aprendizes são, especialmente Regin, antes de poder ajudá-la.

— Ajudar-me? — Ela olhou para ele em dúvida. — O que você pode fazer que Rothen não pode?

Ele riu.

— Talvez nada, mas não vamos saber se não tentarmos.

Com certa relutância, ela contou sobre o primeiro dia, sobre Issle e como toda a turma se virara contra ela. Relatou como tinha trabalhado até que pudesse se juntar à turma seguinte, apenas para não ter Regin em seu encalço, e como logo depois ele colocara a caneta de Narron em sua caixa de modo que todos pensassem que ela era uma ladra. E, em seguida, ela descreveu a emboscada na floresta.

— Eu não sei a razão, mas saí daquela reunião com os Magos Superiores com um sentimento que algo que eu ignorava estava acontecendo — ela completou. — Eles não fizeram o tipo de perguntas que eu esperava.

— O que você estava esperando?

Sonea deu de ombros.

— Perguntas sobre quem começara toda a coisa. Eles se limitaram a perguntar se eu estava cansada.

— Você tinha acabado de demonstrar quão forte você era, Sonea — Dorrien frisou. — Eles estariam mais interessados naquilo do que em alguma rixa entre você e os aprendizes.

— Mas eles baniram Regin da turma de Balkan até o meio do próximo ano.

— Ah, eles tinham de puni-lo — Dorrien fez um movimento com a mão demonstrando desinteresse —, mas esse não foi o motivo pelo qual questionaram você. Eles queriam que você confirmasse a história dele, mas principalmente queriam testar os seus limites, Sonea.

Ela pensou novamente naquela entrevista e assentiu de leve.

— Pelo que ouvi, você agora é mais forte do que muitos dos mestres do nível Júnior — ele continuou. — Alguns acreditam que seus poderes se desenvolveram cedo e que não irão se desenvolver além, outros acham que você continuará nesse ritmo, tornando-se tão poderosa quanto Lorlen. Quem sabe? Isso não significa nada até que você saiba como usar esse poder.

Dorrien se inclinou para a frente e esfregou as mãos.

— Mas os magos têm de reconhecer que Regin e seus amigos estão conspirando contra você agora. Infelizmente, eles só podem fazer algo a esse respeito quando houver alguma prova. Nós temos que fornecer a eles essa prova. Acho que podemos convencê-los que foi ele quem plantou a caneta de Narron na sua caixa.

— Como?

— Hum.... — Dorrien encostou-se na cadeira e tamborilou na capa do livro. — O ideal seria fazer com que ele se envolvesse numa nova tentativa para acusá-la de ladra. Então, quando ele fosse pego, todos teriam que admitir que ele já havia armado para você antes. Além disso, teremos de garantir que não haja a

menor possibilidade de pensarem que nós armamos para eles...

Conforme trocavam ideias, Sonea sentiu seu estado de espírito ficar mais leve. Talvez Dorrien pudesse ajudá-la. Ele, com certeza, não era de forma alguma como ela esperava que fosse. Na verdade, ela concluiu, ele não era como qualquer outro mago que ela tinha conhecido antes.

“Acho que realmente gosto dele”, refletiu.

Capítulo 18

Amizade

Abrindo a porta do quarto, Sonea piscou surpresa.

— Chega de estudar — Dorrien anunciou. — Você ficou enfurnada aqui todas as noites esta semana. É Dia Livre, e nós vamos sair.

— Sair? — Sonea repetiu.

— Sair — ele afirmou.

— Para onde?

— Isso... — os olhos de Dorrien brilharam — é segredo.

Sonea abriu a boca para protestar, mas ele colocou um dedo sobre os lábios dela.

— Xiu — ele disse. — Sem mais perguntas.

Curiosa apesar de irritada, ela fechou a porta e o seguiu pelo corredor dos Alojamentos dos Aprendizes. Percebeu um som fraco atrás dela e olhou por cima do ombro. Regin estava espreitando da entrada de um quarto, os lábios curvados num sorriso ardiloso.

Desviando o olhar, ela seguiu Dorrien para fora. O sol brilhava, embora o terreno ainda estivesse coberto por uma grossa camada de neve. Dorrien andava com rapidez e ela teve de se apressar para acompanhar-lhe o ritmo.

— É longe esse lugar secreto?

— Não é. — Dorrien sorriu.

Não é. Como a maioria das respostas de Dorrien, isso não dizia nada a ela. Ela

comprimiu os lábios, determinada a não fazer mais perguntas.

— Você saiu daqui muitas vezes desde que veio para cá? — ele perguntou, diminuindo o passo quando entraram na Universidade.

— Algumas vezes. Mas desde que entrei na Universidade não mais.

— Isso foi há quase seis meses. — Dorrien balançou negativamente a cabeça. — Rothen realmente deveria levar você para passear mais. Não é saudável passar o tempo todo dentro de casa.

Achando graça em sua desaprovação, ela sorriu. Não conseguia imaginá-lo confortável dentro de casa por longos períodos de tempo. Um bronzeado leve lhe coloria o rosto e as mãos, indicando as longas horas passadas sob o sol. Suas passadas eram longas e sem esforço, e ela tinha de andar rápido para acompanhá-lo.

Ela tinha imaginado um Rothen mais jovem. Embora os olhos de Dorrien fossem do mesmo azul brilhante dos do pai, o maxilar era mais estreito e a compleição mais magra. No entanto, a principal diferença estava em sua personalidade. Ou seria mesmo? Enquanto Rothen se dedicava a ensinar aprendizes, Dorrien estava comprometido em cuidar dos vilarejos sob sua responsabilidade. Eles apenas praticavam disciplinas diferentes e viviam em ambientes vastamente diversos.

— Aonde você foi? — Dorrien perguntou.

— Visitei minha tia e meu tio na favela algumas vezes — ela contou. — Toda vez que eu fazia isso, acho que alguns magos tinham medo de que eu tentasse fugir.

— Você já pensou em fugir, Sonea?

Surpresa com a pergunta, ela o encarou com atenção. Seu olhar estava sereno e sua expressão séria.

— Algumas vezes — admitiu, levantando o queixo.

Dorrien sorriu.

— Não pense que é a única aprendiz que já pensou nisso — ele disse baixinho. — Quase todos nós o fazemos alguma vez... Em geral antes da hora das provas.

— Mas você conseguiu escapar no final, não foi? — Sonea observou.

Ele riu.

— Pode pensar dessa forma.

— Há quanto tempo está trabalhando no interior?

— Cinco anos. — Chegando ao fim do corredor, ele parou no Salão de Entrada, e começou a subir as escadas.

— Você sente falta do Clã?

Ele franziu os lábios.

— Algumas vezes. Sinto falta mais do meu pai, mas também de ter acesso a todos os remédios e conhecimento daqui. Se eu precisar descobrir como tratar uma doença, posso me comunicar com os Curadores aqui, mas é um processo mais lento e geralmente não tenho no meu depósito os remédios de que preciso.

— Tem outros Alojamentos dos Curadores onde você vive?

— Ah não. — Dorrien sorriu. — Moro numa casinha numa colina, sozinho. As pessoas vêm até mim para tratar suas doenças, ou vou até elas. Algumas vezes, tenho que viajar por várias horas e levar comigo tudo que possa precisar.

Sonea absorveu isso enquanto o seguia por um segundo lance de escadas. Quando chegaram ao alto, percebeu que, embora ela estivesse sem fôlego, Dorrien mal havia sido afetado pelo esforço físico.

— Por aqui — ele chamou com a mão e andou pelo corredor principal. Eles estavam no terceiro andar da Universidade. Intrigada, Sonea se perguntou o que poderia ser tão interessante lá em cima.

Dorrien virou para uma passagem menor. Depois de fazer várias curvas e passar por uma sala pequena e sem uso, parou diante de uma porta e lentamente agitou a mão sobre um painel instalado na madeira, a uma certa distância dele.

Sonea ouviu um clique e então a porta abriu para dentro. Gesticulando para que ela o seguisse, Dorrien caminhou até uma escadaria não iluminada. Quando a porta se fechou atrás dele, um globo de luz se acendeu acima de sua cabeça.

— Onde estamos? — Sonea sussurrou. Eles tinham dado tantas voltas que ela se viu completamente desorientada. Ela tinha certeza de que eles estavam em algum lugar próximo da frente da Universidade. Não havia nenhum andar acima, mas mesmo assim a escadaria continuava para cima.

— Nós estamos dentro da Universidade — Dorrien disse a ela com um sorriso inocente.

— Eu sei disso.

Ele riu e se virou em direção às escadas. Eles subiram até outra porta, que respondeu à mão de Dorrien como a anterior tinha feito. Quando ela se abriu, uma rajada de ar gelado entrou e esfriou a pele de Sonea.

— Agora nós estamos fora da Universidade — Dorrien disse enquanto atravessava a porta.

Descobrindo-se num caminho largo, Sonea conteve a respiração, surpresa. Eles estavam no teto da Universidade.

Ele era ligeiramente curvado para impedir que a chuva e a neve acumulassem. Ela podia ver o imenso teto de vidro do Grande Salão no centro. Um pouco de neve havia se juntado ao redor da armação de cada painel de vidro. A orla ornamentada que cobria os dois lados mais compridos do prédio formava um parapeito resistente na altura da cintura.

— Eu não sabia que era possível chegar ao teto — ela admitiu.

— Apenas alguns magos têm autorização para vir aqui. — Dorrien contou a ela. — As travas respondem a seu toque. Eu recebi acesso do predecessor de Lady Vinara, Lorde Garen. — A expressão de Dorrien ficou saudosa. — Depois que minha mãe morreu, ele e eu nos tornamos amigos. Era como se eu tivesse um avô a mais, penso. Alguém que sempre estava por perto para conversar comigo. Ele me ensinou quando eu decidi me t...

Uma rajada de vento levou suas palavras para longe e atingiu sua túnica. A franja de Sonea fustigou-lhe o rosto, fazendo arder os olhos. Ela colocou uma das mãos atrás da cabeça e agarrou o prendedor de cabelo. Voltando-se para encarar o vento, juntou as mechas que se agitavam e as prendeu firmemente.

Então o vento parou de forma abrupta. Sentindo a barreira que Dorrien havia criado para protegê-los, ela ergueu a vista e o descobriu observando-a, seus olhos brilhando na luz do sol.

— Desça aqui — ele chamou.

Ele avançou pelo parapeito. Sonea o seguiu, notando como a superfície do teto havia sido esculpida com ranhuras para impedir que botas deslizassem quando estivesse molhado. Dorrien parou mais ou menos na metade do comprimento do prédio. Varrendo a neve do parapeito com a mão, ela se inclinou sobre ele para encarar o chão. Era alto a ponto de dar tontura.

Um grupo de criados andava pelo caminho lá embaixo, avançando pelos jardins em direção aos Alojamentos dos Curadores. Era possível divisar o telhado do prédio circular acima da copa das árvores. Virando-se para direita, ela viu os Alojamentos dos Aprendizes, o Domo, o prédio dos Sete Arcos e os Banhos. Atrás dela, estava a Colina de Sarika, a floresta coberta de neve. No alto da colina, o posto de guarda em desuso e se desmanchando mal podia ser visto, escondido na maior parte por árvores.

Virando-se na direção totalmente contrária, ela olhou para a cidade, e então além. Uma fita de azul, o Rio Tarali, partia de Imardin em direção ao horizonte.

— Olhe — disse Dorrien apontando. — Dá para ver as barcas no rio.

Sonea fez uma proteção para os olhos com a mão e viu uma longa linha de embarcações chatas flutuando sobre o rio logo além dos limites da cidade. Em cada uma havia homens minúsculos com varas, com as quais cutucavam o leito do rio. Ela franziu o cenho.

— O rio não é fundo?

— Mais próximo da cidade, sim — Dorrien lhe disse. — Mas lá ainda é raso o suficiente para barqueiros. Quando eles chegam à cidade, um barco vem e os

leva até o porto. Eles estão carregando produtos agrícolas do noroeste, provavelmente — Dorrien observou. — Vê a estrada do outro lado do rio?

Sonea concordou com a cabeça. Uma linha marrom estreita corria ao lado da linha azul do rio.

— Quando entregam a carga, eles amarram as barcas em gorins, que as puxam de novo corrente acima. Os gorins serão usados para trazer outras cargas ao descer a correnteza: eles são mais lentos e baratos de contratar. Para chegar à minha casa, você segue aquela estrada. — Dorrien apontou. — As Cordilheiras do Cinturão do Aço aparecem no horizonte depois de alguns dias a cavalo.

Sonea seguiu a direção do dedo dele. Grupos escuros de árvores cresciam junto à estrada distante, e, além dela, ela via campos que se estendiam pelo horizonte.

Ela havia estudado mapas de Kyralia e sabia que as montanhas marcavam a fronteira entre Kyralia e Sachaka, da mesma forma que, no noroeste, as Montanhas Cinzentas formavam a fronteira com Elyne. Enquanto encarava a distância, um estranho sentimento tomou conta dela. Havia lugares lá fora que ela nunca tinha visto... Nem sequer havia pensado sobre eles... Mas eles ainda eram parte de seu país.

E além disso havia outras terras sobre as quais só recentemente ela começara a aprender.

— Você já esteve fora de Kyralia?

— Não. — Dorrien deu de ombros. — Talvez eu viaje um dia. Nunca tive uma boa razão para ir e não gosto de ficar longe do meu vilarejo por muito tempo.

— E quanto a Sachaka? Você mora perto de uma das passagens, não? Você já a atravessou para dar uma olhada?

Ele balançou negativamente a cabeça.

— Alguns dos pastores atravessaram a fronteira, provavelmente para ver se havia algum pasto bom lá. Não há nenhuma cidade do outro lado, a não ser

depois de muitos dias andando a cavalo. Só devastação.

— A devastação da guerra?

— Sim. — Ele concordou com a cabeça. — Você está prestando atenção a suas aulas de história, pelo visto.

Ela deu de ombros.

— É a única parte interessante. Tudo mais... A Aliança e a formação do Clã... É um tédio sem fim.

Ele riu, e então se afastou do parapeito. Eles andaram lentamente de volta para a porta e entraram de novo na pequena sala. Parando no topo das escadas, ele colocou-lhe uma mão sobre o braço.

— E então, gostou da minha surpresa?

Ela concordou com a cabeça.

— Sim.

— Melhor que estudar?

— É claro.

Ele sorriu e deu um passo para o lado. Sonea perdeu o ar quando o viu caindo da escadaria. Um momento depois, ele subiu até sua altura de novo, flutuando num disco de magia. Ela pressionou a mão contra o peito, sentindo o coração bater acelerado.

— Você quase me fez ter um treco, Dorrien! — ela brigou.

Ele riu.

— Quer aprender a levitar?

Ela balançou a cabeça em negativo.

— É claro que você quer.

— Eu tenho mais três capítulos para ler.

Seus olhos brilharam.

— Você pode lê-los hoje à noite. Você quer aprender isso quando outros aprendizes estiverem observando? Se eu lhe ensinar agora, ninguém além de mim vai ver os erros que você cometer.

Ela mordeu o lábio. Ele tinha razão...

— Vamos lá — ele insistiu. Abrindo os braços, girou a si mesmo num círculo. — Não vou deixar você sair pela porta lá embaixo se se recusar.

Sonea rolou os olhos.

— Ah, está bem!

A Casa do Clã na Cidade de Kiko era construída numa ladeira escarpada. Várias sacadas permitiam que os visitantes tivessem vista para o mar, as praias e a longa estrada espiral — ainda cheia de celebrantes. O som de música rítmica andou à deriva até chegar aos ouvidos de Dannyl. Numa das mãos, ele segurava uma taça de vinho de Elyne, na outra estava a garrafa. Tomando um gole, foi da amurada até uma cadeira e sentou, colocando a garrafa a seu lado. Esticando as pernas, deixou a mente vaguear.

Como sempre, ela vagueou direto para Tayend.

O acadêmico procedera de maneira constrangida e nervosa em relação a Dannyl desde o assalto. Embora Dannyl estivesse tentando agir como se não tivesse percebido algo de errado, isso não parecia ter convencido Tayend de que seu segredo permanecera não descoberto. O acadêmico acreditava que um mago, quando curava, descobria algum sinal físico que traía suas inclinações, e a única maneira que Dannyl tinha de garantir a Tayend que isso não era verdade era lhe dizer que ele estava errado. Isso, é claro, iria de qualquer forma revelar que Dannyl havia descoberto o segredo.

Tayend temia que Dannyl fosse rejeitar sua amizade. Era um medo razoável. Embora os kyralianos não executassem homens por esse comportamento “inaceitável” como faziam os lonmares, ele ainda era considerado errado e não natural. Homens eram punidos com a remoção de títulos e, por associação, a família passava a ser tratada como maculada. Se se descobria que um dos seus

tinha tais tendências não naturais, ele era mandado para longe para gerenciar propriedades pequenas ou interesses da família.

Dannyl tinha ouvido falar sobre magos do Clã que no passado haviam sido punidos dessa maneira. Ainda que não fossem expulsos, eles se tornavam párias em todos os outros aspectos. Haviam lhe dito, durante as provações que enfrentara quando aprendiz, que, se os rumores se revelassem verdadeiros, ele poderia não ter permissão de se formar.

Em todos os anos desde então, ele se preocupara em não atrair suspeitas para si mesmo. Nos últimos dias, vinha se digladiando com o pensamento perturbador de que, se as preferências de Tayend eram bem conhecidas em Elyne, era inevitável que a corte estivesse especulando sobre as dele. As histórias do seu passado só iam jogar lenha no fogo dos boatos, e embora estes não fossem perigosos em Elyne, quando chegassem ao Clã...

Dannyl balançou negativamente a cabeça. Depois de passar vários meses viajando com Tayend, qualquer dano a sua reputação já teria sido feito. Para reconquistá-la, ele deveria se dissociar completamente de Tayend tão logo voltassem a Elyne. Deveria deixar claro que ficara chocado em descobrir que seu assistente era, como diziam em Elyne, um “moço”.

“Tayend vai entender”, uma voz no fundo da mente disse. “Ou não?”, disse outra. “E se ele ficar com raiva e contar a Akkarin sobre a pesquisa de Lorlen?”

“Não”, a primeira voz respondeu. “Isso arruinaria sua integridade como acadêmico. E talvez você possa terminar essa amizade de maneira gentil, sem magoar os sentimentos dele.”

Dannyl fez uma careta para sua taça de vinho. Por que sempre tinha de ser assim? Tayend era um bom companheiro, um homem de quem gostava e a quem valorizava. Pensar em terminar sua amizade por medo de boatos chegarem ao Clã o fazia se sentir envergonhado e com raiva. Com certeza, ele poderia desfrutar da companhia do acadêmico sem arriscar sua reputação.

“Deixe os fofoqueiros falarem”, pensou. “Não vou permitir que arruínem outra amizade promissora.”

Mas se o Clã ficasse sabendo e se sentisse ultrajado o suficiente para ordenar que voltasse para casa...

“Não, eles não fariam algo tão drástico só por causa de um mero rumor. Sabem como é a corte de Elyne. Não vão agir, a não ser que fiquem sabendo de algo realmente incriminador.”

“E eles não vão”, Dannyl disse a si mesmo. Estava claro que ele nunca ia escapar desse tipo de especulação. Então, teria que viver com isso. Lidar com isso. Talvez até usar isso em seu proveito...

— Você não está planejando beber essa garrafa toda sozinho, está?

Assustado, Dannyl ergueu a vista e viu Tayend parado na porta da sacada.

— É claro que não — ele respondeu.

— Bom — Tayend disse. — Senão eu ia parecer um bobo carregando isso comigo. — Ele estava segurando uma taça vazia.

Enquanto Dannyl servia o vinho, Tayend o encarou, mas desviou o olhar rapidamente quando Dannyl o olhou nos olhos. O acadêmico foi até a amurada e fitou o mar.

“É a hora”, Dannyl decidiu. “Hora de contar a ele a verdade, e dizer que não vou forçá-lo a se afastar.” Ele respirou fundo.

— Nós temos que conversar — Tayend disse de repente.

— Sim — Dannyl concordou. Ele considerou suas palavras com cuidado. — Acho que sei por que você não queria que eu o curasse.

Tayend estremeceu.

— Você disse uma vez que entendia como poderia ser difícil... para homens como eu.

— Mas você disse que homens como você são aceitos em Elyne.

— Eles são e não são. — Tayend baixou o olhar para sua taça, e então a esvaziou. Virou-se para encarar Dannyl. — Ao menos, nós não repudiamos pessoas por isso — disse de forma acusatória.

Dannyl fez uma careta.

— Enquanto nação, Kyralia não é conhecida por sua tolerância. Você sabe que eu vivenciei isso por mim mesmo. No entanto, nós não somos todos preconceituosos.

Uma dobra se formou na testa de Tayend.

— Uma vez, eu ia ser um mago. Um primo meu me testou e descobriu um potencial. Eles iam me mandar para o Clã. — Os olhos de Tayend lacrimejaram, e Dannyl viu o anseio no rosto do acadêmico, mas este último balançou a cabeça numa negativa e suspirou. — Então, ouvi falar de você e percebi que não importava se esses rumores eram verdade ou não. Estava claro que eu nunca poderia ser um mago. O Clã ia descobrir o que eu era e me mandar direto de volta para casa.

Dannyl sentiu de repente uma raiva estranha e embotada. Com sua memória impressionante e intelecto afiado, Tayend teria sido um ótimo mago.

— E como você evitou se juntar ao Clã?

— Eu disse a meu pai que não queria. — Tayend deu de ombros. — Ele não suspeitou na época. Mais tarde, quando comecei a me associar com certas pessoas, ele achou que tinha entendido meu motivo real. Ele acredita que abandonei a chance porque eu queria me permitir prazeres que o Clã não iria permitir. Ele nunca entendeu que eu não seria capaz de esconder o que eu era. — Tayend olhou para a taça vazia e então andou ligeiro e pegou a garrafa. Enchendo de novo a taça, sorveu seu conteúdo rapidamente.

— Bem — ele disse, olhando para o oceano —, se é algum consolo, eu sempre soube que os rumores sobre você não podiam ser verdade.

Dannyl se retraiu.

— Por que você diz isso?

— Bem, se você fosse como eu, e não pudesse evitar sentir como se sente, então os Curadores iriam descobrir, não?

— Não necessariamente.

Os olhos do acadêmico se arregalaram.

— Você está me dizendo...

— Que eles sentem o físico. Isso é tudo. Se há algo no corpo de um homem que o faz desejar homens, os Curadores ainda não descobriram isso.

— Mas me disseram... Me disseram que os Curadores podem descobrir se há algo de errado com alguém.

— Eles podem.

— Então isso... isso não é errado ou... — Tayend franziu a testa e olhou para Dannyl. — Então como você soube sobre mim?

Dannyl sorriu.

— Sua mente estava gritando tão alto que eu não pude ignorar. Pessoas com potencial mágico que não aprendem a usá-lo com frequência projetam seus pensamentos com muita força.

— Ah? — Tayend desviou o olhar, o rosto ruborizando-se. — Quanto você... leu?

— Não muito — Dannyl o tranquilizou. — Na maior parte os seus medos. Não continuei ouvindo. Não é educado.

Tayend concordou com a cabeça. Pensou por um instante, então seus olhos se arregalaram.

— Eu podia ter me juntado ao Clã! — Ele fechou a cara. — Mas não sei se teria gostado muito. — Andando até a cadeira ao lado da de Dannyl, Tayend se sentou. — Posso fazer uma pergunta pessoal?

— Sim.

— O que realmente aconteceu entre você e aquele aprendiz?

Dannyl suspirou.

— Nada. — Olhou para Tayend e descobriu o acadêmico a observá-lo ansioso. — Muito bem. A história toda, então. Eu não era popular. Novos

aprendizes com frequência buscam aprendizes mais velhos para ajudar com seus estudos, mas eu tive dificuldades de encontrar alguém que concordasse em me ajudar. Eu tinha ficado sabendo de histórias sobre um dos garotos mais velhos, e que os outros aprendizes o evitavam por causa dessas histórias, mas ele era um dos melhores no seu ano e decidi ignorar os rumores. Quando ele concordou em me ajudar, fiquei bastante feliz comigo mesmo. — Ele balançou a cabeça negativamente. — Mas havia um aprendiz na minha sala que me odiava.

— Lorde Fergun?

— Sim. Nós trocávamos insultos e aplicávamos peças um no outro desde que as aulas haviam começado. Ele ouvira falar das histórias sobre meu ajudante, e era tudo de que precisava para começar novos rumores. Quando menos esperava, eu estava sendo questionado pelos Magos Superiores.

— O que aconteceu?

— Eu neguei os rumores, é claro. Eles decidiram que a melhor maneira de parar os boatos era nos manter afastados, então me deram ordens para ficar longe do garoto. É claro, essa foi toda a confirmação de que os aprendizes precisavam.

— O que aconteceu a ele? Os rumores sobre ele eram verdadeiros?

— Ele se formou e voltou a seu país, e isso é tudo que posso lhe dizer. — Vendo o olhar de Tayend ficar afiado de curiosidade, Dannyl acrescentou: — Não, eu não vou lhe dizer o nome dele.

Parecendo desapontado, Tayend se reclinou na cadeira.

— E o que aconteceu então?

Dannyl deu de ombros.

— Eu continuei estudando e procurando não despertar suspeitas sobre mim novamente. Com o tempo, todo mundo esqueceu isso, com exceção de Fergun... e da corte de Elyne, pelo visto.

Tayend não sorriu. Uma dobra apareceu entre suas sobrancelhas.

— E o que você vai fazer agora?

Dannyl encheu seu copo.

— Já que os Túmulos das Lágrimas Brancas estão fechadas durante o festival, não tem muito que eu possa fazer exceto beber e relaxar.

— E depois?

— Eu acho que vamos visitar as Tumbas.

— E depois?

— Isso depende do que vamos encontrar. De qualquer forma, voltaremos para Elyne.

— Não foi isso que eu quis dizer. — Tayend olhou firme nos olhos de Dannyl. — Se ser visto com um aprendiz que podia ou não ter sido um moço foi o suficiente para lhe causar tantos problemas, então se associar com um homem que se sabe ser um moço pode ser muito, muito pior. Você disse que precisa evitar suspeitas a seu respeito. Eu ainda posso ajudá-lo da biblioteca, mas vou mandar o que encontrar por um mensageiro.

Dannyl sentiu algo se contorcer por dentro. Ele não havia pensado que Tayend pudesse sugerir isso. Lembrando-se de seus pensamentos anteriores de acabar com a amizade, sentiu uma pontada de culpa.

— Ah, não — respondeu. — Você não vai se livrar de mim tão facilmente.

— Mas o que poderia trazer mais suspeita sobre você do que se associar com...

— ...Um acadêmico da Grande Biblioteca — Dannyl terminou. — Um assistente útil e valioso. E um amigo. Se os fofoqueiros vão falar, eles já começaram. E vão ter muito mais para falar se souberem que estamos nos comunicando em segredo.

Surpreso, Tayend abriu a boca para falar, e então balançou a cabeça. Olhando para a taça, ergueu para brindar com Dannyl.

— Um brinde à amizade, então.

Sorrindo, Dannyl ergueu sua taça para encostar na do acadêmico.

Rothen passou um dedo pelas lombadas dos livros enquanto procurava. Parou quando a porta da Biblioteca dos Magos se abriu e voltou o olhar para ver Dorrien entrando na sala seguido por Sonea. Franziu a testa. Sonea havia pedido para ele pegar vários livros na biblioteca, mas ali estava ela com Dorrien.

Lorde Jullen fez uma careta e disse para ela deixar sua caixa nas prateleiras perto da porta. Ela puxou algumas folhas de papel e deixou a caixa para trás. Dorrien cumprimentou educadamente com a cabeça o bibliotecário, então guiou Sonea pelas longas fileiras de estantes.

Decidindo procurar os livros antes de seguir o par, Rothen continuou a busca, encontrando por fim o primeiro livro da lista várias prateleiras distante de onde deveria estar. Silenciosamente, xingou o mago que o havia colocado no lugar errado.

Ele teve apenas uma ligeira percepção de alguém se aproximando de Lorde Jullen e pedindo ajuda, mas percebeu que Dorrien havia começado uma conversa amigável com Lorde Galin no corredor ao lado. Uma tossida alta soou atrás dele, e ele deu uma espiada e viu Lorde Garrel segurando um lenço próximo da boca. Então, uma exclamação atraiu-lhe a atenção.

— Regin! — Galin gritou, andando rápido pelo corredor. Olhando através das prateleiras, Rothen viu Regin parado do lado da mesa de Jullen.

— Sim, meu lorde? — Sua expressão era toda de inocência e perplexidade.

— O que você colocou nessa caixa?

— Que caixa, meu lorde?

Os olhos de Galin se estreitaram.

— Qual é o problema, Lorde Galin? — Lorde Garrel veio andando pelo corredor e se aproximou da mesa de Jullen.

— Acabei de ver Regin pegar algo da mesa de Jullen e colocar nessa caixa. — Galin puxou a caixa de Sonea da prateleira e a colocou na mesa em frente de Regin.

Ouvindo o murmúrio de vozes, Rothen olhou ao redor e notou magos em grupos de dois ou três, observando o drama se desenrolar. Lorde Jullen surgiu de trás das estantes. Ele olhou dos magos para o aprendiz e então para a caixa.

— O que está acontecendo aqui? Essa é a caixa de Sonea.

As sobrancelhas de Galin se levantaram.

— É? Que interessante. — Ele repetiu o que tinha visto. As sobrancelhas de Lorde Jullen se abaixaram numa carranca de desaprovação.

— Vamos ver quais das suas posses Regin decidiu que Sonea ia muito querer ter?

Regin empalideceu. Rothen sentiu um sorriso se espalhar pelo rosto. Ele quase gritou de surpresa quando uma mão tocou seu ombro. Virando-se, encontrou Dorrien parado a seu lado, um brilho travesso familiar nos olhos.

— O que você fez? — Rothen sussurrou de forma acusadora.

— Nada — Dorrien respondeu, os olhos arregalados de inocência fingida. — Regin fez tudo sozinho. Só garanti que houvesse alguém observando.

Ouvindo o clique da caixa de Sonea se abrindo, Rothen observou enquanto Jullen tirava um objeto negro e brilhante.

— Meu tinteiro elyne de 200 anos. — O bibliotecário fechou a cara. — Valioso, mas propenso a vazar. Eu devo cumprimentá-lo, Regin. Mesmo que Sonea tivesse conseguido devolvê-lo, suas anotações estariam cobertas de tinta.

Regin olhou para seu guardião desesperado.

— Sem dúvida ele só queria arruinar suas anotações — Garrel disse. — Apenas uma peça boba.

— Eu não acredito nisso — Galin interrompeu. — Ou ele teria simplesmente despejado o conteúdo por cima dos papéis dela e deixado o tinteiro na mesa de Lorde Jullen.

A expressão de Garrel se fechou, mas o olhar acusador de Galin permaneceu firme. Lorde Jullen olhou de um mago para o outro e então para as prateleiras.

— Lorde Dorrien — ele chamou.

Dorrien entrou no corredor.

— Sim?

— Por favor, encontre Sonea e traga-a aqui.

Dorrien assentiu com a cabeça e andou pelas colunas de estantes. Rothen observou o rosto de Sonea quando ela entrou no campo de visão dos magos. Na mesma hora, sua expressão ficou preocupada. Enquanto Jullen explicava o que havia acontecido, seus olhos se arregalaram e ela olhou feio para Regin.

— Eu temo que suas anotações tenham sido arruinadas, Sonea — Jullen disse, virando a caixa em direção a ela. Ela olhou dentro e fez uma careta. — Se quiser, vou trancar sua caixa no meu armário daqui por diante.

Ela olhou para ele surpresa.

— Obrigado, Lorde Jullen — disse numa voz baixa.

Ele fechou a caixa e a colocou num armário atrás da mesa. Gallin olhou para Regin.

— Você pode voltar a seu estudo, Sonea. Regin e eu vamos ter uma conversa com o Diretor da Universidade.

Ela olhou para Regin mais uma vez, e então se virou e voltou para as prateleiras. Dorrien hesitou e então a seguiu.

Galin olhou para Garrel.

— Você vem?

O Guerreiro fez que sim com a cabeça.

Quando os dois magos e o aprendiz deixaram a biblioteca, Dorrien e Sonea se aproximaram de Rothen. Ambos tinham uma expressão de declarada satisfação. Balançando negativamente a cabeça, Rothen deu a ambos um olhar severo.

— Isso foi arriscado. E se ninguém tivesse visto?

Dorrien sorriu.

— Ah, mas eu procurei ter certeza de que alguém ia ver. — Ele olhou para Sonea. — Você conseguiu parecer surpresa de maneira convincente.

Ela deu um sorriso tímido.

— Eu só estava surpresa de que tivesse funcionado.

— Humpf! — Dorrien disse. — Ninguém tem confiança em mim? — Ele ficou sério e olhou para Rothen. — Você percebeu quem levou Jullen para longe da mesa e distraiu todo mundo enquanto Regin fazia sua maldade?

Rothen relembrou.

— Garrel? Não. Não seja ridículo. Regin só estava tirando vantagem da situação. Só porque Garrel foi quem pediu ajuda e tossiu na mesma hora em que Regin agiu não significa que ele está se envolvendo em travessuras infantis.

— Você provavelmente está certo — Dorrien disse. — Mas eu ficaria de olho nele se fosse você.

Capítulo 19

Começam as Provas

O céu começava a ficar mais ameno com o brilho do alvorecer, quando Sonea saiu da Casa dos Banhos. Entretanto, ainda estava frio, o que a levou a criar uma barreira em volta do corpo, aquecendo o ar no interior desta. Ao fazer uma pausa para ajeitar os trajes, um vulto envergando uma túnica verde saiu do setor da Casa dos Banhos reservado aos homens.

Reconhecendo Dorrien, sentiu o espírito mais leve. Como ele planejara sair cedo naquela manhã, eles tinham se despedido no jantar da noite anterior nos aposentos de Rothen. Agora, porém, Sonea tinha mais uma oportunidade de falar com ele antes da partida.

— Eu devia ter adivinhado que você é madrugador — disse ela.

Voltando-se, ele piscou, surpreso.

— Sonea! O que faz de pé, de madrugada?

— Sempre começo cedo. Posso dar conta de uma porção de coisas se não tenho ninguém para me perturbar.

Ele sorriu meio torto.

— Uma medida sensata, embora desnecessária agora. Regin tem deixado você em paz, não tem?

— Sim.

— Ótimo.

Inclinando levemente a cabeça, Dorrien dirigiu-lhe um olhar diferente.

— Estava indo a um antigo reduto meu antes de partir. Quer vir comigo?

— Onde é?

— Na floresta.

Ela olhou de relance para o alto das árvores.

— Mais um de seus lugares secretos?

Dorrien sorriu.

— Sim, mas desta vez é realmente um segredo.

— É? Mas se me mostrar deixará de ser um segredo.

Ele deu uma risada.

— Suponho que não. É apenas um lugar onde eu costumava ir quando garoto. Eu me escondia ali sempre que estava em apuros.

— Então, tenho certeza de que você se escondia muito lá.

— Claro — disse forçando uma risada. — Então, vamos?

Ela olhou para baixo, vendo sua caixa. Sua próxima parada deveria ser no Refeitório.

— Não vai demorar muito, vai?

Ele balançou a cabeça.

— Trago você de volta a tempo de fazer as provas.

— Ótimo — disse ela.

Ele tomou o caminho que levava até a floresta. Andando ao seu lado, Sonea recordou-se da última vez que havia percorrido aquele trajeto. Fora numa noite fria havia quase um ano, quando ela ainda era uma “prisioneira” do Clã. Rothen decidira que ela precisava de ar fresco e de um pouco de exercício. Não muito longe, entrando pela floresta, havia um antigo cemitério e Rothen explicou-lhe o que acontecia com os magos quando morriam.

Ela estremeceu ao recordar. Quando a vida de um mago chegava ao fim, a

mente abdicava do controle sobre seus poderes. A magia remanescente no corpo o consumia, transformando carne e ossos em cinzas e pó. Uma vez que nada havia para enterrar, os magos jamais eram sepultados, portanto a existência do antigo cemitério era um mistério.

Os passos de Dorrien eram largos e ela precisava andar ligeiro para acompanhá-lo. Pensando sobre a conversa da noite anterior, Sonea lembrou-se de como ele estava ansioso para voltar para casa, mas desejava que ficasse um pouco mais. Não conseguia se lembrar de ter se divertido tanto quanto nas últimas semanas. Embora Rothen fosse boa companhia, Dorrien era dinâmico e estava sempre à procura de oportunidades de divertimento. Ele havia ensinado Sonea a levitar e também a jogar diversos jogos. Todos eles envolviam magia, e ele estava obviamente curtindo ter um parceiro de jogo.

— Como é ser o único mago entre pessoas comuns? — indagou ela.

Dorrien meditou sobre a pergunta.

— É prazeroso e desafiador. As pessoas jamais esquecem que você é diferente, não importa quão próximo esteja delas. Sentem-se desconfortáveis porque você pode fazer algo que elas não compreendem. Alguns dos fazendeiros não me deixariam tocá-los, ainda que ficassem felizes permitindo-me curar seus animais.

Ela concordou.

— Gente da favela é assim. Fica aterrorizada com os magos.

— No princípio, a maior parte dos fazendeiros me temia. Levou um tempo para que acreditassem em mim.

— Você se sente solitário?

— Às vezes. Mas vale a pena.

Eles haviam chegado à estrada agora e Dorrien virou à esquerda.

— Há algo de certo naquilo que faço. Tem gente naquelas montanhas que teria morrido se eu não estivesse por perto para ajudar.

— Deve ser maravilhoso saber que salvou a vida de alguém.

Dorrien sorriu.

— É o melhor uso que se pode fazer da magia. Em comparação, o resto são apenas jogos bobos. Meu pai não concordaria, mas sempre achei a Alquimia um desperdício de energia e as Artes Guerreiras... Bem, dizer o quê?

— Os alquimistas afirmam que criaram e inventaram meios de tornar a vida das pessoas mais segura e confortável — Sonea observou. — Os Guerreiros dizem que são essenciais à defesa de Kyralia.

Ele assentiu.

— Os alquimistas fizeram de alguma forma um bom trabalho e não é sensato deixar que os magos esqueçam como se defender. Acho que tenho certa antipatia em relação àqueles que gastam seu tempo se comprazendo, quando poderiam estar ajudando os outros. Aqueles que desperdiçam todo o seu tempo com passatempos prestigiosos.

Sonea sorriu ao pensar nos experimentos de Dannyl com a transferência de imagens mentais para o papel — algo deixado de lado agora que ele era Embaixador do Clã em Elyne. Dorrien provavelmente não aprovaria o “hobby” de Dannyl.

— Há alquimistas demais e curadores de menos — Dorrien continuou. — Os Curadores restringem seu tempo àqueles que têm dinheiro e *status* por não terem condições de tratar todo mundo. Todos nós aprendemos Cura básica. Não há razão alguma para que Alquimistas e Guerreiros não possam dedicar algum tempo auxiliando os Curadores. Assim, poderíamos ajudar mais gente. Trato de todos aqueles que precisam da minha ajuda: pastores, artesãos, fazendeiros, andarilhos. Não existe uma boa razão para que os Curadores daqui não façam o mesmo. Os artesãos pagam impostos e parte deles é direcionada para a manutenção do Clã. Eles deveriam ter acesso ao serviço que o dinheiro deles está sustentando.

A voz de Dorrien ficara mais grave. Era óbvio que aquilo era algo em que acreditava piamente.

— E o pessoal das favelas? — lembrou Sonea.

Ele deteve o passo e virou-se para olhá-la.

— Sim — disse ele, caminhando mais lentamente. — Embora ache que teríamos de ser cautelosos ao abordá-los.

— O quê?

— As favelas são parte de um problema bem maior e poderíamos facilmente perder muito tempo e esforço. Elas são como, se me perdoa dizê-lo, furúnculos na pele da cidade, indicando problemas mais profundos no corpo. Os furúnculos não acabarão até que os problemas mais profundos sejam tratados.

— Problemas mais profundos?

— Bem... — Dorrien fitou-a novamente. — Prosseguindo com minha analogia, eu diria que a cidade se transformou num velho Guerreiro, gordo e comilão. Ele não tem noção e nem se importa que seus hábitos extravagantes estejam destruindo os sistemas do corpo ou que sua pança o enfeie. Ele já está longe disso, mas, como não tem mais inimigos que o preocupem, sente-se feliz na inércia e se satisfaz com ela.

Sonea olhou-o, impressionada. O que ele dizia, segundo o entendimento dela, era que o Rei e as Casas eram vorazes e preguiçosos e que o custo disso era sentido pelo resto da população da cidade — como nas favelas. Ele tornou a olhar para ela, com incerteza nos olhos.

— Ou seja — acrescentou ele rapidamente —, não estou dizendo que não deveríamos fazer nada porque o problema é grande demais. Deveríamos estar fazendo alguma coisa.

— Como o quê?

Ele sorriu.

— Ah, mas não quero estragar nossa caminhada com esse palavrório. Por aqui, chegamos à estrada.

Pegando a estrada, Dorrien conduziu-a pelas casas dos moradores

aposentados, os mais idosos do Clã. Ao alcançarem o final da rota, ele continuou pela floresta, com as botas afundando na neve. Sonea foi atrás dele, seguindo suas pegadas.

Logo o chão tornou-se irregular. Sua pesada caixa dificultava a passagem pela floresta, então Sonea repousou-a sobre uma tora, protegida por uma barreira de magia. A ladeira íngreme logo alterou sua respiração. Dorrien acabou parando e apoiou-se no tronco de uma enorme árvore.

— O primeiro marco. Lembre-se desta árvore, Sonea. Ande na mesma direção para a qual a estrada conduz até alcançá-la, então vire para o leste e suba até encontrar o muro.

— O Muro Externo?

Ele assentiu. Sonea conteve um gemido. O Muro Externo tinha de ser bem mais para dentro da floresta. Eles vaguearam morro acima pela neve por alguns minutos, até que Sonea se sentiu ofegante.

— Pare! — gritou ela quando parecia que as pernas não podiam dar sequer um passo à frente.

Dorrien virou-se e deu uma risada e ela se sentiu aliviada, vendo-o respirar com dificuldade. Ele fez um gesto indicando uma pilha de rochas cobertas de neve à frente.

— O muro.

Sonea olhou a neve, e aí compreendeu que as rochas que estavam embaixo dela eram na verdade imensas placas de pedra, espalhadas pela floresta. Aquele entulho era tudo o que restara do Muro Externo.

— Agora — disse Dorrien entre uma respiração e outra —, vamos rumo norte novamente.

Antes que ela pudesse protestar, ele já ia longe. Sem ter de escalar morros, era mais fácil caminhar, e ela, pouco a pouco, recuperou o fôlego. Dorrien alcançou um amontoado de rochas, ultrapassou-as e desapareceu. Sonea seguiu as pegadas dele na neve e viu-se dentro de um pequeno círculo de pedras. Pela profusão de

árvores, ela concluiu que o lugar estaria muito bem escondido quando as folhas voltassem a crescer. De um lado, a água jorrava por cima das rochas e se depositava numa piscina cercada de gelo antes de cair sobre outras rochas.

Dorrien ficara a uns bons passos dali, sorrindo.

— É aqui. A nascente. A fonte de água do Clã.

Acercando-se dele, ela viu a água saindo de uma fenda nas rochas.

— É maravilhoso — disse ela, erguendo o olhar para Dorrien. — Deve ser lindo no verão.

— Não é preciso esperar pelo verão — disse ele com os olhos brilhando. — É igualmente uma maravilha na primavera. Eu costumava vir aqui logo que a neve começava a derreter.

Sonea tentou imaginar Dorrien, menino, escalando o morro e sentando ali, sozinho. O menino que se tornara um aprendiz do Clã e depois um Curador. Ela voltaria ali, decidiu. Seria um lugar para ir quando precisasse de algum tempo sozinha, longe de Regin e dos outros aprendizes. Talvez fosse isso que Dorrien pretendesse todo o tempo.

— Em que pensa, pequena Sonea?

— Quero agradecer-lhe.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Agradecer-me?

— Por ludibriar Regin. Por levar-me ao telhado da Universidade. — Ela deu uma risada. — Por me ensinar a levitar.

— Ah! — Ele abanou com a mão. — Isso foi fácil.

— E por fazer com que eu me divertisse novamente. Quase cheguei a acreditar que diversão não fosse coisa de mago. — Ela sorriu meio torto. — Sei que você tem de voltar, mas queria que ficasse mais tempo.

A expressão dele ficou séria.

— Também vou sentir sua falta, pequena Sonea.

Dorrien deu um passo, aproximando-se e, em seguida, abriu a boca como se fosse dizer mais alguma coisa, porém as palavras lhe faltaram. Ele tocou o queixo de Sonea, elevando um pouco sua cabeça, inclinou-se e encostou seus lábios nos dela.

Surpresa, Sonea afastou-se um pouco. Ele estava muito perto, os olhos brilhando, inquisitivos. De repente, sentiu o rosto bem quente e o coração disparando. Sorria descontraidamente e, embora tentasse, não conseguia parar. Dorrien riu, tranquilo, e inclinou-se para beijá-la de novo.

Dessa vez, seus lábios se demoraram mais e ela sentiu-lhes o calor e a suavidade. Experimentou um tremor espinha abaixo, mas não era de frio. Quando ele se afastou, ela adiantou-se um pouco, prolongando o toque.

Ele deu um passo atrás, desfazendo o sorriso.

— Perdoe-me, não agi corretamente.

Ela engoliu em seco e, recuperando a voz, disse:

— Não agiu corretamente?

Ele olhou para baixo, com a expressão séria.

— É porque vou embora. Porque você poderia querer ou precisar de alguém para o tempo entre o agora e o “sabe deus quando”, e ignorá-los por minha causa.

Sonea riu, contrariada.

— Tenho dúvidas disso.

O olhar de Dorrien pareceu desconfiado. Sonea franziu o cenho. Será que ele agora estaria achando que ela acolhera sua atenção apenas por pensar que jamais alguém se interessaria por ela, para um romance?

Estaria ela fazendo isso? Até agora há pouco ela nem mesmo considerara a possibilidade de que ele fosse mais do que um amigo. Ela balançou a cabeça e sorriu.

— Desta vez você me surpreendeu bastante, Dorrien.

Dorrien torceu os cantos dos lábios para cima.

— *Dorrien?*

Ela reconheceu a conversa em pensamento de Rothen.

— *Pai* — Dorrien respondeu.

— *Onde você está?*

— *Saí para uma caminhada matutina.*

— *O chefe das cocheiras está aqui.*

— *Estarei logo aí.*

Dorrien fez uma careta, se desculpando.

— Temo que tenhamos nos demorado mais por aqui do que eu imaginara.

Sonea sentiu uma pontada de apreensão. Será que se atrasaria para as provas do Primeiro Ano?

— Vamos.

Eles subiram pelas rochas, passando para o outro lado e começaram a voltar. Depois de muitos minutos andando rapidamente pela floresta, chegaram à tora sobre a qual ela deixara a caixa. Logo depois, alcançaram a estrada e passaram a correr.

De vez em quando, ela dava uma olhada para Dorrien, imaginando o que ele estaria pensando. Outras vezes, ela o percebia observando-a, e ele sorria quando Sonea erguia a cabeça para fitá-lo nos olhos. Ele estendeu a mão e segurou a dela. Seus dedos eram cálidos, mas ela ficou desapontada ao avistarem o Clã e ele, então, largou sua mão.

Ao se aproximarem dos Alojamentos dos Magos, Rothen saiu pela porta para encontrá-los.

— Seu cavalo está à espera logo adiante, Dorrien.

Rothen olhou-os de cima a baixo, notando a neve nos sapatos e nas túnicas,

arqueando as sobrancelhas.

— É melhor vocês se secarem.

Ao começarem a descer pelo caminho contíguo à Universidade, um vapor saía das vestes de Dorrien. Concentrando-se, Sonea aqueceu o ar em volta da túnica para secá-la. Um criado os esperava ao pé da escadaria da Universidade, segurando as rédeas do cavalo de Dorrien.

Dorrien envolveu primeiro Rothen, depois Sonea, num abraço apertado.

— Cuidem-se — disse ele.

— Cuide-se você — respondeu Rothen. — Não vá enfrentar nevascas só para chegar mais cedo em casa.

Dorrien montou no cavalo e acomodou-se na sela.

— Nunca houve nevasca que me impedisse de chegar em casa!

— Então, do que vem se queixando nestas últimas quatro semanas?

— Eu? Me queixando?

Rindo, Rothen cruzou os braços.

— Vá embora daqui, Dorrien.

Dorrien forçou uma risada.

— Adeus, Pai.

— Adeus, Dorrien.

Dorrien piscou para Sonea. Ela sentiu um toque sutil nas extremidades de sua mente.

— Adeus, Sonea. Aprenda rápido.

Em seguida, o cavalo de Dorrien partiu a galope, ultrapassando os portões e ganhando as ruas da cidade cobertas de neve.

Por alguns minutos ficaram olhando para os portões. Rothen suspirou e voltou-se para olhar Sonea. Seus olhos se estreitaram.

— Hummm — disse ele. — Há algo acontecendo por aqui.

Sonea manteve o semblante neutro.

— Como o quê?

— Não se preocupe — disse sorrindo intencionalmente e começando a subir os degraus. — Eu aprovo. Não creio que a diferença de idade importe. São apenas alguns anos. Você sabe que tem de ficar aqui até a formatura, não sabe?

Sonea abriu a boca para protestar e fechou-a logo a seguir ao perceber um movimento no Salão de Entrada. Ela segurou no braço de Rothen.

— Não me incomodo que você queira saber, Rothen — disse-lhe tranquilamente. — Mas gostaria que o fizesse discretamente.

Ele franziu o cenho e olhou-a, surpreso. Ela mantinha a atenção no saguão. Ao entrarem, a sala ecoou com o som de passos rápidos no piso da escadaria. Olhando para cima, Sonea viu de relance um aprendiz conhecido que subia correndo.

Seu estômago revirou. Ela tivera uma visão clara da expressão no rosto de Regin antes que ele sumisse de vista. Ela poderia ter obtido dos mestres uma benevolência forçada agora que Regin fora pego tentando incriminá-la como ladra, mas tinha dúvidas de que estivesse livre de suas provocações. Os preparativos para as provas do Primeiro Ano haviam mantido o garoto ocupado, porém ela suspeitava que ele estivesse planejando uma vingança especialmente maldosa.

— Eu o verei à noite — disse ela a Rothen.

Ele aquiesceu, solene.

— Boa sorte, Sonea. Sei que se sairá bem.

Ela sorriu e começou a subir as escadas. Chegando ao topo, entrou cautelosamente no corredor. A Universidade estava cheia de aprendizes, falando baixo e com expressões tensas, o que criava uma atmosfera de expectativa e medo. Chegando à sua sala de aula, ela entrou.

Regin estava sentado no lugar de costume, olhando diretamente para ela. Virando-se, ela se curvou ante os dois mestres à frente da sala e dirigiu-se ao seu lugar. Sonea abriu sua caixa e retirou o projeto de história que Lorde Skoran havia passado. Folheando as páginas, ficou aliviada ao encontrá-las ainda em ordem, intactas. Embora assim estivessem quando selara a caixa antes de sair de seu quarto, ela ficava pensando que Regin teria tido acesso a elas de alguma forma.

Skoran balançou a cabeça, reconhecido, quando Sonea lhe entregou as páginas. Para sua satisfação, ele as trancou numa caixa.

Durante todo o tempo, ela estava consciente de que Regin a observava. Retornando ao seu lugar, ignorou o rosto que via com o canto do olho. Assistiu aos últimos aprendizes entrarem na classe e entregarem os trabalhos ao mestre. Quando todos estavam presentes, Lorde Vorel deu um passo à frente e ficou de pé diante deles, com os braços cruzados.

— Hoje vocês farão as provas do Primeiro Ano em Artes Guerreiras — comunicou-lhes. — Terão de lutar contra todos os outros membros da turma e receberão nota de acordo com habilidade, controle e, claro, número de vitórias. Por favor, sigam-me.

Sonea levantou-se com o restante da turma. Enquanto os primeiros aprendizes, em fila, saíam da sala, Regin virou-se e olhou-a nos olhos. Ele sorriu docemente.

Ela se aprimorara na prática de retornar os olhares dele com gélida indiferença. Agora, um arrepio de medo percorria-lhe o corpo. Embora fosse muito mais forte do que os outros aprendizes, as restrições que Vorel lhe impusera impediam-na de usar seus poderes em benefício próprio. De alguma forma, o escudo interno que ele mantinha em torno dos aprendizes para protegê-los enquanto lutavam informava-lhe quando seus ataques eram mais poderosos do que o tido como apropriado. Regin ainda era melhor em Artes Guerreiras do que ela e, embora o menino não tivesse mais aulas com Lorde Balkan, nada o impedira de ter aulas extras com Lorde Garrel.

À saída da sala, surgiu um criado uniformizado de mensageiro, deslizando até parar bem ao seu lado.

— Lady Sonea — disse o homem. — Fui enviado para entregar-lhe um pedido urgente para retornar aos aposentos de Rothen imediatamente.

Surpresa, ela ergueu a vista para Lorde Vorel. O mago franziu o cenho.

— Não podemos esperar por você, Sonea. Se não chegar a tempo, teremos que providenciar uma prova para o início do próximo ano.

Sonea assentiu. Agradecendo ao mensageiro, ela seguiu pelo corredor.

Por que Rothen mandara buscá-la? Ele mal teria tido tempo de chegar aos seus aposentos desde que haviam se separado. Talvez tivesse descoberto que Regin tinha de fato algo planejado e a chamara para preveni-la.

Ela meneou a cabeça. Rothen não faria isso. Ele se empenharia em alertar Vorel quanto aos planos de Regin, em vez de convocá-la, afastando-a de uma prova importante.

A menos que ele quisesse simplesmente falar-lhe sobre o que esperar de Regin. Talvez desejasse sugerir uma forma pela qual ela pudesse transformar o que quer que fosse em vantagem para ela. Ela ainda poderia voltar rápido para a Arena a tempo das provas.

Mas, se era isso, por que ele simplesmente não a encontrara fora da sala de aula?

E por que ele não estava em sua sala de aula, preparando-se para aplicar as provas na própria turma?

Ela franziu as sobrancelhas ao descer para o andar térreo da Universidade. E se houvesse alguma outra razão para a convocação? O mensageiro não dissera que a mensagem era de Rothen. Neste caso, Rothen poderia ser a razão do chamado. Ele poderia estar doente. Não era velho, mas nem tão novo assim. Ele poderia estar...

“Pare de se preocupar!”, disse para si mesma. “Provavelmente não é nada sério.” Mesmo assim, ela se apressou, atravessando o pátio até os Alojamentos dos Magos. Seu coração se acelerou ao subir os degraus e seguir pelo corredor até a porta de Rothen.

A porta se abriu ao toque de Sonea. Rothen estava de pé, junto à janela. Virou-se ao vê-la entrar na sala. Ela abriu a boca para fazer a pergunta que trazia na ponta da língua, mas se conteve ao ver a expressão de alerta de Rothen.

Sonea sentiu primeiro a presença. Era concreta, manifesta, preenchendo a sala como uma fumaça espessa e sufocante. O terror acelerou-lhe o coração, porém ela procurou manter uma expressão que esperava ser apenas de surpresa e respeito. “Você não sabe por que ele está aqui”, disse para si mesma ao se virar. “Não o deixe perceber que está com medo dele.” Mantendo os olhos fixos no chão, Sonea virou-se para encarar o visitante e curvou-se.

— Perdoe-me, Lorde Supremo.

Ele não respondeu.

— Sonea. — A voz de Rothen era baixa e grave. — Venha até aqui.

Ela olhou para Rothen e sentiu o estômago revirar. O rosto dele era de um pálido quase doentio. Ele acenou, balançando a mão levemente. Perturbada com esses sinais de medo, Sonea apressou-se para se colocar ao lado dele.

A voz de Rothen soou surpreendentemente calma, ao se dirigir ao Lorde Supremo.

— Sonea está aqui, conforme solicitou, Lorde Supremo. No que podemos ajudá-lo?

Akkarin fitou Rothen com um olhar que a teria congelado.

— Estou aqui para saber a origem de certo... rumor. Um rumor que soube pelo Administrador e que envolve você e sua aprendiz.

Rothen meneou a cabeça, concordando. Ele pareceu escolher as palavras seguintes com muito cuidado.

— Pensei que esse rumor sobre nós tivesse passado. Ninguém parece ter lhe dado crédito e ...

Os olhos escuros brilharam.

— Não é aquele rumor. Estou me referindo ao rumor sobre minhas atividades

noturnas. Um rumor que precisa parar.

Sonea sentiu como se uma mão lhe apertasse a garganta, dificultando sua respiração. Rothen franziu o cenho e balançou a cabeça.

— Engano seu, Lorde Supremo. Nada sei sobre suas...

— Não minta para mim, Rothen. — Os olhos de Akkarin se estreitaram. — Eu não teria vindo aqui se não tivesse certeza. — Ele deu um passo na direção deles. — Acabei de sabê-lo pela leitura da mente de Lorlen.

A cor fugiu totalmente do rosto de Rothen. Ele fitou Akkarin em silêncio.

"Se Akkarin leu a mente de Lorlen", pensou ela, "ele sabe de tudo!" Sonea sentiu os joelhos enfraquecerem e, com medo de se estatelar no chão, agarrou-se ao peitoril da janela por detrás dela.

O Lorde Supremo sorriu discretamente.

— Vi muita coisa surpreendente: como Sonea visitou o Clã enquanto ainda era uma renegada, o que ela testemunhou naquela noite, como Lorlen descobriu ao fazer a leitura da mente dela durante a audiência de escolha da guarda e como ele ordenou a vocês dois que mantivessem a descoberta em segredo de forma que ele pudesse resolver como fazer valer as leis do Clã. Uma decisão sensata. E favorável para todos vocês.

Rothen aprumou-se e ergueu a cabeça para encarar Akkarin novamente.

— Não dissemos nada a ninguém.

— É o que você diz. — A voz do Lorde Supremo ficou suave, sem perder a frieza. — Com certeza, eu o saberia.

Sonea ouviu a profunda inspiração de Rothen. Os dois magos fitavam-se.

— E se eu negar?

— Tomarei todas as medidas que você me forçar a tomar, Rothen. Você não tem como me impedir de ler sua mente.

Rothen desviou o olhar. De repente, Sonea recordou-se da descrição de Cery sobre a leitura da mente que Akkarin fazia. Cery lhe havia contado que, quando

Akkarin o descobrira aprisionado por Fergun num quarto no subsolo da Universidade, ele permitira que o Lorde Supremo lesse sua mente para fazer a leitura da verdade. Tinha sido fácil, completamente diferente da comunicação mental de Rothen ou da leitura da mente de Lorlen, e ela concluíra que a lenda sobre a capacidade de Akkarin ler mentes, com ou sem permissão, deveria ter algum fundo de verdade.

Aprumado, embora sua ossatura fosse a de um homem vinte anos mais velho, Rothen se encaminhou na direção do Lorde Supremo. Sonea o observava, sem acreditar que ele desistiria tão facilmente.

— Rothen...

— Está tudo bem, Sonea — disse Rothen com voz tensa. — Fique onde está.

Diminuindo com alguns passos a distância entre ele e o guardião dela, Akkarin posicionou as mãos nas laterais da cabeça deste. Fechou os olhos e o rosto adquiriu uma suavidade, com uma expressão inesperada de placidez.

Rothen inspirou com profundidade e oscilou. Suas mãos, caídas junto ao corpo, se crisparam e se abriram novamente. Sonea deu um passo à frente e parou. Não ousaria interferir. E se isso fizesse com que Akkarin ferisse Rothen? Frustrada, com medo, ela cerrou os punhos até sentir as unhas cravarem nas mãos.

Os dois magos permaneceram quietos e em silêncio por um tempo insuportavelmente longo. Então, sem avisar, Akkarin inspirou profundamente e abriu os olhos. Ele fitou o homem à sua frente por um momento, em seguida recolheu as mãos e afastou-se.

Sonea observava, ansiosa, enquanto Rothen fazia uma longa e ruidosa inspiração e oscilava um pouco. Akkarin cruzou os braços, fitando o velho mago. Cautelosa, Sonea adiantou-se e segurou o braço de Rothen.

— Estou bem — disse ele, desgastado. — Está tudo bem — falou, esfregando as têmporas e fazendo uma careta. Em seguida, apertou uma das mãos dela para tranquilizá-la.

— Agora, Sonea.

Um choque de terror enregelante correu-lhe pelo corpo. Ela sentiu a mão de Rothen apertando a dela com mais força.

— Não! — protestou Rothen, com voz rouca e passando o braço ao redor dos ombros de Sonea como que a protegendo. — Você já sabe de tudo agora. Deixe-a em paz.

— Não posso.

— Mas você viu tudo — protestou Rothen. — Ela é apenas uma...

— Uma criança? — Akkarin arqueou as sobrancelhas. — Uma menina? Ora essa, Rothen. Você sabe que isto não vai machucá-la.

Rothen engoliu com dificuldade e virou-se para ela. Olhou-a nos olhos.

— Ele sabe de tudo agora, Sonea. Não há nada a esconder dele. Deixe-o confirmar pessoalmente se quiser. Não vai lhe fazer mal.

Os olhos dele, embora lacrimejantes, estavam serenos. Sonea sentiu-o apertar suas mãos e largá-las. Ele deu um passo atrás. Um terrível sentimento de traição se fez sentir.

— Confie em mim. Temos de cooperar. É tudo o que podemos fazer agora.

Ela ouviu o passo de Akkarin atrás dela. O coração acelerou ao virar-se para encará-lo. A túnica preta farfalhava suavemente conforme o Lorde Supremo se adiantava. Ela recuou e sentiu as mãos de Rothen sobre os ombros.

Akkarin franziu o cenho ao chegar perto dela. Dedos frios passaram-lhe pelo rosto e ela se acovardou. Então, ele pressionou as têmporas de Sonea com firmeza.

Ela sentiu uma presença rondando-lhe a mente, mas era desprovida de personalidade. Não percebeu pensamentos nem sentimentos. Talvez ele não tivesse emoções. Era um pensamento nada reconfortante.

Foi então que uma imagem relampejou em sua mente. Ela a acionou, percebendo que estivera esperando que ele encontrasse as barreiras em sua mente. De alguma forma, ele havia passado por elas. Verificando, viu que suas

defesas estavam intactas, mas a presença dele não era tangível o suficiente para enfrentar a resistência das defesas.

A mesma imagem continuava a relampejar na mente. Era do quarto subterrâneo, embaixo da residência dele, visto do lado de fora da porta. Surgiu uma lembrança da cena que ela havia testemunhado na noite em que fora espioná-lo.

Algo reteve a tal lembrança e começou a vasculhar os detalhes. Sonea recordou-se de como Lorlen havia manipulado as lembranças dela e de como conseguira escondê-las, desejando que ficassem fora do pensamento. Talvez pudesse fazer o mesmo agora. Ela tentou encobrir a lembrança, mas a leitura da mente continuava sem parar. Deu-se conta de que seus esforços eram infrutíferos, porque Akkarin estava no controle da lembrança, enquanto Lorlen apenas estivera orientando e estimulando.

A descoberta deixou-a em pânico. Desesperada, tentou mergulhar a lembrança em outros pensamentos e imagens.

— Pare com isto.

Havia um quê de raiva nas palavras. Sonea fez uma pausa, sentindo um arrepio de triunfo ao compreender que havia encontrado uma forma de ludibriá-lo. Seu medo enrijeceu-se numa determinação. Ela reviu aulas, listas de fatos, imagens do trabalho que havia feito. Bombardeou-o com figuras de livros-texto e poemas sem sentido que descobrira na biblioteca. Atirou-lhe lembranças da favela, de pequenos trechos comuns, sem importância, de sua vida pregressa.

Surgiu, então, a imagem mental de uma tempestade — um funil de imagens que mantinha Akkarin prisioneiro em seu centro. Ela não sabia se a figura era real ou algo que sua mente havia criado...

— Dor! Facas partindo-lhe o crânio. — Um grito chegou aos seus ouvidos. Vendo que tinha conseguido, Sonea abriu os olhos e sua consciência oscilou entre o mundo exterior e o interior. Mãos apertaram seus ombros. Uma voz veio de cima.

“Pare de lutar contra mim”, ordenava ela.

Sentiu mãos pressionando fortemente as têmporas. Ela foi empurrada para o recôndito da mente. Desorientada e chocada com a dor, tentou recuperar um pouco do seu senso de equilíbrio. A presença retomou a tarefa de escavar as lembranças que procurava. Sem dó, acessou imagem por imagem. Dessa vez, Sonea se via revivendo os momentos no Bairro Norte. De novo, ela jogou a pedra e fugiu do fogo dos magos. Salas e corredores das favelas tremulando por ali. O dia em que percebera Rothen vasculhando sua mente e em que, instintivamente, havia escondido sua presença. Cery, Harrin e sua gangue. Faren dos Ladrões. Senfel, o mago dos Ladrões.

Em seguida, ela rastejava pela floresta em terras do Clã. As lembranças, aguçadas, foram examinadas mais detidamente. Mais uma vez escalou o muro dos Alojamentos dos Curadores e olhou os aprendizes lá dentro. Uma vez mais ela sentiu a vibração em torno da Arena. Sonea espiou pelas janelas da Universidade. A viagem a conduziu até os fundos do Clã novamente para olhar os Alojamentos dos Aprendizes e pela floresta nos fundos. Depois, quando Cery saiu para roubar os livros, ela se arrastou para baixo até o estranho edifício cinza de dois andares. O criado chegou, forçando-a a escapar por detrás da vegetação baixa. Então, vendo luz através dos orifícios de ventilação, ela se agachou e espiou.

Sonea sentiu um ligeiro sinal de desagrado. “Sim”, pensou ela, “eu também ficaria zangada se meus segredos fossem descobertos tão facilmente.” Ela viu o homem ensanguentado despir-se, limpar-se e ir embora. Voltando envolto numa túnica negra, o homem falou para o criado: “A luta me enfraqueceu, preciso da sua força”. O homem pegou uma faca trabalhada e fez um corte no braço do criado, em seguida, colocou a mão sobre o ferimento. Mais uma vez, ela sentiu a estranha magia.

A lembrança parou abruptamente e Sonea nada mais sentiu em relação à mente que espreitava por detrás dela. Ela imaginava: o que ele estaria pensando?

— *Você deixou que outros soubessem disso, além de Lorlen e Rothen?*

— *Não* — falou ela em pensamento.

Sonea relaxou, certa de que isso era tudo o que ele buscava. No entanto, um

questionamento incansável se seguiu à medida que ele procurava por mais lembranças. Akkarin explorou partes da vida dela, desde a infância até as aulas na Universidade. Ele fazia uma triagem de sentimentos, de sua afeição por Rothen à persistente lealdade a Cery e aos favelados até as emoções mais recentes em relação a Dorrien.

Foi então que, espontaneamente, surgiu a raiva que ela sentira por ele estar fazendo isso com ela. Ele procurou pelos sentimentos de Sonea quanto à sua prática de magia negra e a mente dela reagiu com desaprovação e medo. Será que ela o exporia se pudesse? — Sim! — Mas apenas se ela soubesse que Rothen e os demais não seriam machucados.

Então, a presença desapareceu e ela sentiu a pressão nas têmporas relaxar. Abriu os olhos e piscou. Akkarin virara-se de costas, afastando-se deles lentamente. Sonea sentiu as mãos de Rothen em seus ombros, firmes e reconfortantes.

— Vocês dois me exporiam, se pudessem — disse Akkarin. Ficou calado por algum tempo, e virou-se para eles. — Vou reivindicar a guarda de Sonea. As habilidades dela são avançadas e, conforme Lorlen supunha, ela tem uma força incomum, incrivelmente alta. Nenhum de vocês vai questionar minha escolha.

— Não! — implorou Rothen, apertando mais ainda as mãos.

— Sim — respondeu Akkarin, voltando-se para encará-los. — Ela será a garantia do seu silêncio. Você jamais contará a ninguém que eu pratico magia negra enquanto ela for minha. — Os olhos dele fitaram os de Sonea. — E o bem-estar de Rothen será a minha garantia de que você vai cooperar.

Sonea o olhou, horrorizada. Seria sua refém!

— Vocês não se falarão a não ser para evitar suspeitas. Vão se comportar como se nada de anormal tivesse acontecido, exceto uma mudança de guardião. Compreenderam?

Rothen pareceu engasgado. Sonea virou-se para ele, alarmada. Ele a fitou e ela percebeu culpa em seus olhos.

— Não me façam pensar em uma alternativa — avisou Akkarin.

Rothen tinha a voz tensa, ao responder.

— Eu compreendo. Faremos conforme está pedindo.

— Muito bom.

Akkarin deu um passo, aproximando-se, e Sonea ergueu a vista para dar com ele observando-a diretamente.

— Há um quarto em minha residência para o aprendiz do Lorde Supremo. Você vem comigo agora e mande um criado buscar seus pertences mais tarde.

Sonea fitou Rothen, a garganta seca. Ele buscou os olhos dela.

— Sinto muito.

— Agora, Sonea. — Akkarin gesticulou na direção da porta e esta se abriu.

Ela sentiu as mãos de Rothen relaxarem. Ele lhe deu um empurrão muito suave. Olhando para Akkarin, ela se deu conta de que não queria que Rothen a visse sendo arrastada. Ele encontraria uma forma de ajudá-la. Faria tudo o que pudesse. Por ora, não tinham escolha, a não ser obedecer.

Respirando fundo, ela se afastou de Rothen e seguiu pelo corredor. Akkarin dirigiu a ele um último olhar avaliativo e tomou a direção da porta. Quando o Lorde Supremo deu as costas, os olhos de Rothen se estreitaram de ódio.

Em seguida, a porta se fechou e ele foi excluído de seu campo de visão.

— Venha comigo — disse Akkarin. — Faz muitos anos que o quarto do aprendiz em minha residência não tem um ocupante, mas sempre esteve pronto para ter um. Vai achá-lo muito mais confortável do que aqueles dos Alojamentos dos Aprendizes.

Parte dois

Capítulo 20

A Boa Sorte de Sonea

Quando a porta se abriu, o Diretor da Universidade levantou o olhar da mesa para ver quem entrara em seu escritório. Pela primeira vez, até onde Sonea conseguia se lembrar, a expressão azeda de Jerrik sumiu. Ele ficou de pé na mesma hora.

— O que posso fazer pelo senhor, Lorde Supremo?

— Desejo discutir o treinamento de Sonea. Li seu relatório e a falta de habilidades dela em certas disciplinas me assusta.

Jerrik pareceu surpreso.

— O progresso de Sonea tem sido mais do que satisfatório.

— Suas habilidades em Artes Guerreiras são medianas na melhor das interpretações.

— Ah. — Jerrik lançou um olhar para Sonea. — Não é incomum para um aprendiz mostrar menos aptidão para uma das disciplinas nesse estágio. Embora ela não esteja se distinguindo em Artes Guerreiras, seus resultados têm sido aceitáveis.

— No entanto, quero essa deficiência corrigida. Acredito que Lorde Yikmo seria um tutor adequado.

— Lorde Yikmo? — As avantajadas sobrancelhas de Jerrik se levantaram e então se juntaram num franzir. — Ele não dá aulas à noite, mas se Sonea frequentar aulas noturnas em outras disciplinas isso fará com que lhe sobre algum tempo durante o dia.

— Acredito que ela perdeu a aula de Artes Guerreiras ontem.

— Sim — Jerrik respondeu. — Normalmente, arranjaríamos uma prova depois das férias, mas acho que uma avaliação por Lorde Yikmo serviria. — Ele olhou para sua mesa. — Posso montar a tabela de horários de aulas de Sonea para o ano que vem agora, se o senhor quiser. Isso não vai levar muito tempo.

— Sim. Vou deixar Sonea com você para pegá-la. Obrigado, Diretor.

A presença a seu lado se afastou. Quando a porta se fechou, Sonea inspirou fundo e lentamente exalou. Ele tinha partido. Finalmente.

Com um baque suave, Jerrik se afundou novamente na cadeira. Apontou para uma cadeira de madeira próxima da extremidade da mesa.

— Sente-se, Sonea.

Ela obedeceu. Respirando fundo de novo, sentiu a tensão sair de seus músculos.

Tudo que havia acontecido depois de ela deixar Rothen parecia um sonho ruim. Ela tinha seguido Akkarin até sua residência, onde um criado a havia guiado até uma sala no segundo andar. Pouco depois disso, um baú havia chegado com seus pertences dos Alojamentos dos Aprendizes. Outro criado lhe trouxera um prato de comida, mas Sonea estava apreensiva demais para sentir fome. Em vez disso, sentou perto de uma das pequenas janelas, mal notando os magos e aprendizes que andavam pelos arredores e buscou uma maneira de escapar de sua situação.

Primeiro, ela pensou em escapar para as favelas. Os Ladrões estariam ansiosos em protegê-la, agora que ela tinha o Controle de sua magia. Eles haviam conseguido esconder Senfel, o mago não autorizado pelo Clã que Faren não conseguira persuadir a ensiná-la. Eles poderiam escondê-la também.

Se ela desaparecesse, no entanto, Akkarin iria fazer algo com Rothen. Mas se Rothen fosse avisado de antemão, poderia contar ao resto do Clã que Akkarin estava praticando magia negra, antes de o Lorde Supremo perceber que ela tinha sumido. Ela teria que alertar Lorlen também, já que ele igualmente estaria em perigo se ela partisse. Sim, se ela avisasse a ambos que estava partindo, e

acertasse o tempo corretamente, Akkarin poderia não ter uma chance de impedir Lorlen e Rothen de o denunciar.

E então? O Clã iria confrontar Akkarin. Lorlen acreditava que eles não poderiam vencer tal batalha, e Lorlen conhecia Akkarin melhor do que qualquer outro mago. Então, se ela escapasse, poderia provocar um confronto que devastaria o Clã e talvez toda Kyralia.

Havia ocorrido para ela então que o destino do Clã descansava em suas mãos. Ela, uma mera garota favelada. No entanto, esse poder súbito sobre o destino do Clã não lhe deu nenhum prazer. Em vez disso, ela se sentiu mal, cheia de frustração e medo.

Muito depois de os jardins terem desaparecido nas sombras da noite, o criado voltou com uma bebida. Reconhecendo o aroma de um remédio sonífero suave, Sonea bebeu tudo, enrolou-se na cama estranha e macia demais, e acolheu o embotamento que lentamente tomou conta dela.

De manhã, criados exageradamente preocupados em cuidar dela trouxeram novas túnicas e mais comida. Ela conseguiu engolir uns bocados, mas, quando Akkarin chegou, ela se arrependeu. Sentindo-se indisposta por causa do medo, seguiu-o até a Universidade. Até o escritório de Jerrik. Ela havia passado por aprendizes no caminho? Teriam eles se quedado silenciosos quando ela apareceu, como sempre faziam? Ela não conseguia se lembrar.

Os movimentos de Jerrik eram apressados, suas sobrancelhas abaixadas em concentração. Nas poucas vezes que ela tinha visto o Lorde Supremo entre outros magos, ela havia notado que ele era tratado com respeito e até reverência. Isso era devido ao cargo de Lorde Supremo? Ou era outra coisa? Será que eles tinham um medo instintivo dele, sem saber a razão?

Observando Jerrik, ela balançou negativamente a cabeça. Tabelas de horário de aula e provas pareciam muito triviais agora. Se Jerrik soubesse o que realmente havia acontecido, ele não estaria nem um pouco interessado nesse amontoado de papéis e aulas. Não respeitaria Akkarin nem um pouco.

Mas ele não sabia, e ela não podia contar para ele.

Jerrik se levantou de maneira abrupta. Voltando-se para um armário, tirou três caixas: uma verde, uma vermelha e uma roxa. Foi até as portas altas e estreitas que cobriam uma parede da sala e passou a mão acima da maçaneta da primeira. Houve um clique e a porta se abriu para revelar um punhado de prateleiras.

Passando o dedo pela primeira delas, parou e puxou uma pasta organizada. Colocou-a na mesa e Sonea viu seu nome escrito de maneira primorosa na capa. A curiosidade a tomou quando ele abriu a pasta e leu várias folhas de papel. “O que estava ali?”, ela se perguntou. “Comentários dos professores, provavelmente. E um relatório sobre a caneta que ela supostamente havia roubado.”

Jerrik abriu as três caixas. Dentro delas estavam mais folhas de papel com nomes de professores e tabelas desenhadas nelas. Ele selecionou algumas delas e então pegou uma folha em branco da mesa e começou a desenhar outra tabela. Por vários minutos, tudo que podia ser ouvido na sala era a respiração de Jerrik e o riscar de sua caneta.

— Esse é um acontecimento de muita sorte para você, Sonea — ele disse, sem levantar os olhos.

Sonea reprimiu uma vontade súbita e amarga de rir.

— Sim, Diretor — ela conseguiu dizer.

Ele levantou os olhos e franziu a testa e então voltou sua atenção de volta à escrita. Terminando a tabela, pegou outra folha de papel e começou a fazer uma cópia.

— Você não vai ter muito tempo para si mesma no ano que vem — ele disse a ela. — Lorde Yikmo prefere dar aulas durante o dia, então você vai ter algumas aulas particulares de Alquimia no lugar delas. Você vai ter os Dias Livres para estudo. Se estudar de maneira eficiente, pode ser capaz de manter as manhãs dos Dias Livres disponíveis para interesses pessoais. — Ele fez uma pausa e considerou seu trabalho com uma sacudida triste da cabeça. — Se conseguir satisfazer Lorde Yikmo com seu progresso, pode reconquistar algumas tardes para si mesma.

Sonea não respondeu. Que uso ela teria para tempo livre agora? Akkarin a havia proibido de conversar com Rothen e ela não tinha amigos entre os aprendizes. Ela temia as próximas semanas. Sem aulas para frequentar até o ano seguinte, o que faria consigo mesma? Ficar em seu novo quarto na residência de Akkarin? Ela tremeu. Não, ela ia ficar longe dali tanto quanto possível.

Se ele a deixasse. E se ele quisesse mantê-la por perto? “E se ele quiser me usar em seus trabalhos malignos?” Ela começou a afastar a ideia e então se conteve. Não importava quão horrível fosse, ela tinha que pensar na possibilidade. Ele poderia obrigá-la a fazer qualquer coisa ameaçando Rothen. Seu estômago revirou com temor. Qualquer coisa...

Suas mãos estavam doendo. Olhando para baixo, abriu os punhos. Quatro conjuntos de marcas na forma de meias-luas se encontravam em cada palma. Esfregando as mãos na túnica, fez uma anotação mental de aparar as unhas quando voltasse para o quarto.

Jerrik permaneceu completamente absorto em seus papéis. Ela observou sua caneta chegar até o final da página. Alcançando o final, ele deu um grunhido de satisfação e entregou a página a ela.

— Como a favorita do Lorde Supremo, você receberá tratamento preferencial, mas também terá que provar que a escolha dele foi benfeita. Não hesite em tirar vantagem de sua nova posição... Você precisará fazer isso se pretende cumprir suas expectativas.

Ela concordou com a cabeça.

— Obrigada, Diretor.

— Pode ir.

Engolindo em seco com força, ela se levantou, fez uma reverência e se dirigiu à porta.

— Sonea.

Olhando por sobre o ombro, ela encontrou um raro sorriso surgindo nos cantos da boca de Jerrik.

— Sei que você sente falta de Rothen como seu guardião — ele disse. — Akkarin pode não ser tão amigável, mas ao escolhê-la ele ajudou muito a melhorar sua situação. — O sorriso sumiu. — Pode ir.

Ela se forçou a concordar com a cabeça em resposta. Quando fechou a porta, viu que Jerrik a estava observando, a expressão pensativa. Virando-se, enfiou a tabela de horários na sua caixa e começou a andar pelo corredor largo e familiar.

Alguns aprendizes se demoraram nas portas. Eles observaram enquanto ela passava. Perturbada com os olhares deles, ela apertou o passo. “Quantas pessoas sabem?”, ela se perguntou. “Provavelmente todo mundo. Eles tiveram um dia todo para descobrir.” A notícia de que o Lorde Supremo havia finalmente escolhido uma favorita teria se espalhado pelo Clã mais rápido do que tosse no inverno. Um professor surgiu vindo do corredor. Olhou para ela com um ar duvidoso e então seus olhos se quedaram para a manga dela. Suas sobrancelhas se levantaram e ele balançou ligeiramente a cabeça como se não acreditasse.

Ela olhou para o pequeno quadrado de ouro na manga de sua túnica. Incals eram símbolos de família usados pelos membros das Casas. Magos não os usavam porque, uma vez que se juntavam ao Clã, eles supostamente deveriam deixar laços familiares e políticos para trás. O criado que havia trazido a túnica explicou que o Lorde Supremo usava o símbolo do Clã como um incal porque sua posição era um compromisso vitalício. O Clã se tornava sua família e Casa.

E ela era sua aprendiz. Dobrando a manga contra o corpo para esconder o incal, ela se aproximou da porta da sala de aula. Parou antes do batente para juntar coragem.

— Bom dia, Sonea.

Virando-se, ela viu Lorde Elben andando pelo corredor em sua direção. Ele sorriu, a boca se alargando, mas os olhos permanecendo frios.

— Parabéns por seu novo guardião — ele disse quando emparelhou com ela.

Sonea fez uma reverência.

— Obrigada, Lorde Elben.

Ele entrou na sala. Respirando fundo, Sonea o seguiu.

— Tomem seus lugares, por favor — Elben falou numa voz retumbante. — Temos muito que fazer hoje.

— Ah! — Uma voz familiar se levantou acima do barulho e do arrastar de cadeiras. — A favorita do Lorde Supremo se dignou a honrar nossa humilde classe com sua presença.

A sala ficou silenciosa. Todos os rostos se voltaram para Sonea. Vendo a incredulidade em seus rostos, ela sentiu uma satisfação esquisita. Quão irônico que seus colegas de classe fossem os últimos a descobrir isso. Todos com exceção de um, ela corrigiu. Regin estava reclinando-se contra uma mesa, sorrindo satisfeito com o efeito que a notícia tivera na sala.

— Tome seu lugar, por favor, Regin — Elben resmungou.

Regin deslizou da mesa e se arrumou na cadeira. Indo para seu lugar, Sonea colocou sua caixa na mesa. Quando fez isso, sua manga se soltou e ela ouviu um pequeno arfar próximo. Levantando os olhos, viu que Narron estava encarando o incal.

— Sonea — Elben disse. — Reservei um lugar para você na frente.

Ela olhou e percebeu que, de fato, havia um assento livre na fileira na frente da sala. O assento de Poril. Ela se virou e viu seu velho amigo sentado no fundo da sala. Ele ficou corado e desviou o olhar.

— Obrigada, meu lorde — ela respondeu, virando-se. — É muito generoso de sua parte, mas prefiro permanecer aqui.

O mago franziu os olhos. Ele pareceu querer discutir, mas deu uma olhada na sala e achou melhor não fazer isso.

— Muito bem. — Ele se ajeitou no assento e colocou uma das mãos num bloco de papéis na mesa. — Hoje, vocês serão testados em seu conhecimento de Alquimia — ele disse à classe. — Vou lhes apresentar uma lista de perguntas para responder agora e mais tarde vou passar exercícios para completar. Depois da pausa do meio-dia, vocês vão receber uma prova prática.

Quando ele passou as folhas de papel para a sala, Sonea sentiu uma velha mas quase esquecida ansiedade retornar. As provas. Ela examinou as perguntas rapidamente com os olhos e suspirou de alívio. Apesar do desdém dos professores, apesar das longas horas de estudo, apesar das tentativas de Regin de atrapalhá-la, ela tinha conseguido absorver as lições. Sentindo-se melhor, tirou a caneta da caixa e começou a escrever.

Horas depois, quando o gongo marcou o fim da prova, a sala deu um suspiro coletivo de alívio.

— Isso é tudo — Elben terminou. — Podem ir.

Quando um dos aprendizes se levantou e fez uma reverência para o professor, Sonea notou diversos olhares em sua direção à medida que saíam da sala. Lembrando-se por que, sentiu o estômago revirar de temor.

— Espere, Sonea — Elben disse quando ela passou por sua mesa. — Gostaria de falar com você.

Ele esperou até a sala estar vazia antes de começar a falar.

— Depois da pausa do meio-dia — ele lhe disse —, gostaria que você tomasse o lugar que arranjei para você.

Sonea engoliu em seco. Era isso que Jerrik queria dizer quando falou que os professores lhe dariam tratamento preferencial? Ela deveria tirar vantagem disso, como ele sugerira?

Mas o que ela ganhava passando para a frente da sala? Apenas o conhecimento de que Poril havia perdido mais status na sala por sua causa. Ela balançou negativamente a cabeça.

— Prefiro sentar próxima a janela.

Elben franziu a testa.

— Seria mais apropriado que você sentasse na frente da sala agora.

Apropriado? Ela sentiu um ataque de raiva. Ele não estava preocupado em ajudá-la a aprender, mas sim em que o vissem favorecendo a aprendiz do Lorde

Supremo. Ele provavelmente esperava que ela relatasse cada pequeno favor a Akkarin. Ela reprimiu uma risada amarga. Teria tão pouco a dizer a seu novo guardião quanto possível.

Se tinha aprendido algo nos últimos seis meses era evitar perturbar a ordem social costumeira da sala de aula. Tomar o lugar de Poril seria mais do que apenas uma mudança de assento. Os aprendizes já não gostavam dela; ela não queria dar mais razão para isso. Ela olhou para Elben, de pé com os braços cruzados, e sentiu sua raiva se endurecer, transformando-se em rebeldia.

— Vou permanecer no lugar de costume — disse a ele.

Elben estreitou os olhos, mas parecia ter visto algo em seu olhar que o fez dar uma pausa. Franziu os lábios, pensativo.

— Seria mais fácil ver e ouvir na frente — ele apontou.

— Não sou surda, Lorde Elben, nem míope.

Ele apertou a mandíbula.

— Sonea — ele se aproximou e falou mais baixo —, se você não aceitar o assento da frente pode parecer... negligente da minha parte, como professor...

— Talvez eu deva contar a Akkarin que você não quer me deixar sentar onde eu quero.

Seus olhos se arregalaram.

— Você não o incomodaria por algo tão pequeno...

Ela sorriu.

— Seja como for, duvido que ele esteja interessado em saber onde eu sento.

Ele a encarou silencioso, e então concordou com a cabeça.

— Muito bem. Você pode sentar onde quiser. Vá.

Quando saiu no corredor, ela percebeu que seu coração estava disparado. O que ela tinha feito? Aprendizes nunca discutiam com professores.

Então ela percebeu que o corredor, ao contrário do que seria de esperar, estava

muito silencioso. Levantando os olhos, viu que aprendizes de todas as séries a observavam, quietos. Toda a satisfação de sua conversa com Elben evaporou. Engolindo em seco, ela se dirigiu às escadas.

— É ela — sussurrou uma voz à sua direita.

— Ontem... — alguém murmurou — ... Sem nenhum aviso.

— ... Lorde Supremo...

— Por que ela? — alguém disse com escárnio, um comentário claramente para ela ouvir. — Ela é só uma favelada.

— ... não está certo.

— ... não deveria ser...

— ... insulto para as Casas.

Ela resfolegou baixinho. “Se eles soubessem o motivo real pelo qual ele me escolheu”, pensou, “eles nãos seriam tão...”

— Abram alas para a favorita do Lorde Supremo!

Ela sentiu calafrios no estômago quando reconheceu a voz. Regin se posicionou para bloquear seu caminho.

— Grandiosa! — ele exclamou em voz alta. — Posso pedir um minúsculo e infinitesimal favor de alguém tão admirado e influente?

Sonea o encarou cautelosa.

— O que quer, Regin?

— Você poderia... se não for uma grande ofensa a sua alta posição, isto é... — Ele deu um sorriso nauseante. — Poderia remendar meus sapatos hoje à noite? Veja, eu sei que você é muito habilidosa em grandiosas e honradas tarefas como essa, e, bem, se é para eu ter meus sapatos remendados eles devem ser feitos pela melhor remendadora de sapatos da favela... quero dizer... do Clã, não é mesmo?

Sonea balançou negativamente a cabeça.

— Foi só isso que você conseguiu inventar, Regin? — Ela o contornou e

continuou pelo corredor. Passos a seguiram.

— Ah, mas Sonea... quero dizer... Ah, Grandiosa. Eu ficaria tão hon...

Sua voz parou de maneira abrupta. Franzindo a testa, ela resistiu à tentação de olhar para trás.

— Ela é a aprendiz do Lorde Supremo — alguém murmurou. — Você é estúpido? Deixe-a em paz.

Reconhecendo a voz de Kano, Sonea segurou a respiração de surpresa. Era isso que Jerrik quisera dizer quando falara que Akkarin havia melhorado sua situação? Chegando às escadas, ela desceu até o Salão de Entrada, atravessou as portas e se dirigiu aos Alojamentos dos Magos.

E então parou.

Aonde ela estava indo? Para os aposentos de Rothen? Parada, tentou organizar os pensamentos.

A fome decidiu por ela. Iria até o Refeitório. E depois das provas da tarde? À biblioteca. Se permanecesse ali até que fechasse, poderia evitar voltar a Residência do Lorde Supremo até tarde. Com sorte, Akkarin teria se recolhido, e ela poderia alcançar seu quarto sem encontrá-lo. Respirando fundo, preparou-se para os olhares e sussurros inevitáveis e entrou na Universidade de novo.

Os aposentos de Lorlen ficavam no andar térreo dos Alojamentos dos Magos. Ele passava pouco tempo neles, levantando cedo e voltando muito depois de o resto do Clã ter se retirado. A cada dia, ele notava pouca coisa em seus aposentos além da cama e do armário de roupas.

Mas no último dia ele tinha redescoberto muito sobre seu espaço particular. Havia ornamentos e objetos nas prateleiras dos quais se esquecera que era dono. Essas lembranças do passado, da família e de suas realizações traziam apenas culpa e dor. Elas o lembravam de pessoas que ele amava e respeitava. Pessoas com quem ele falhara.

Fechando os olhos, Lorlen sorriu. Osen não ficaria preocupado ainda. Apenas

um dia e meio havia passado. Não o suficiente para seu assistente entrar em pânico com a lista crescente de trabalho por fazer. E Osen vinha tentando persuadi-lo por anos a tirar uma folga de suas responsabilidades.

“Se ao menos fosse uma folga.” Lorlen esfregou os olhos e vagueou pelo quarto. Talvez ele estivesse cansado o suficiente para dormir agora. Ele não tinha sido capaz disso por duas noites, não desde...

Quando se deitou, as memórias retornaram. Ele grunhiu e tentou afastá-las, mas estava cansado demais para lutar com elas e sabia que de qualquer forma elas iam voltar tão logo ele relaxasse.

“Como isso começou? Eu disse algo sobre o fato de o Embaixador vindo querer ficar na residência...”

“Ele ficara surpreso ao saber que o Lorde Supremo não mais recebia convidados, já que seu pai ficava ali com seu predecessor — Lorlen” lembrou-se de explicar.

Akkarin havia sorrido por causa disso. Ele estava de pé próximo à pequena mesa onde servia drinques, olhando pela janela para os arredores envolvidos pela noite.

— A melhor mudança que eu fiz.

— Você realmente valoriza sua privacidade — Lorlen dissera sem pensar.

Akkarin então colocou um dedo na garrafa de vinho, como se refletisse se deveria tomar outra taça. Havia virado o rosto, algo pelo qual Lorlen ficou grato quando Akkarin falou em seguida.

— Duvido que o Embaixador fosse ficar confortável com meus... hábitos.

“Ali! Outro desses comentários estranhos. Como se ele estivesse me testando. Eu achei que estava seguro, já que ele estava de costas para mim e não podia ver minha reação...”

— Hábitos? — Lorlen fingiu incredulidade. — Duvido que ele fosse se importar se você dorme tarde de vez em quando ou se bebe demais. Você só tem medo de que ele vá tomar todo seu vinho favorito.

— Isso também. — Akkarin abriu a garrafa então. — Mas nós não podemos ter ninguém descobrindo todos os meus segredinhos, não é mesmo?

Uma imagem de Akkarin coberto em trapos de mendigo ensanguentados relampejou pela mente de Lorlen nesse ponto da conversa. Ele tremeu e a afastou, grato de novo que as costas de Akkarin estivessem viradas.

“Foi isso que Akkarin sentiu? Ele estava ouvindo meus pensamentos nesse momento?”

— Não — Lorlen havia respondido e, querendo mudar o assunto, pediu notícias da corte.

Nesse momento, Akkarin levantou um objeto da mesa. Captando um brilho de pedras preciosas, Lorlen olhou mais de perto. Era uma faca. A faca que Sonea havia visto Akkarin utilizar para o ritual de magia negra. Surpreso e horrorizado, Lorlen respirou fundo e engasgou no vinho.

— Você deve beber o vinho, meu amigo — Akkarin disse, sorrindo. — Não respirá-lo.

Lorlen afastou o olhar, escondendo-o atrás das mãos enquanto tossia. Tentou recobrar sua compostura, mas ainda assim era como se a cena de Akkarin segurando a faca revivesse a memória de Sonea. Ele se perguntou por que Akkarin a havia trazido à sala de visitas.

Então seu sangue virou gelo, quando pensou que Akkarin tinha a intenção de usá-la.

— Que notícias eu tenho? — Akkarin se perguntou. — Deixe-me pensar.

Lorlen se forçou a encarar o amigo com calma. Quando Akkarin voltou à garrafa, Lorlen captou um movimento correspondente na mesa. Uma bandeja de prata polida encostada em outra garrafa refletiu os olhos de Akkarin. Olhos que o estavam observando.

“Então ele estava me observando o tempo todo. Talvez nem tenha tentado ler meus pensamentos superficiais até aquele momento da conversa. Apenas minha reação a seus comentários e a faca poderiam ter convencido de que eu sabia

algo...”

— Ouvi relatórios sobre Dannyl de amigos em Elyne e Lonmar — Akkarin disse em seguida, afastando-se de forma abrupta da mesa. — Eles falam bem dele.

— Isso é bom de ouvir.

Akkarin parou no centro da sala.

— Tenho seguido seu progresso com interesse. Ele é um pesquisador eficiente.

Então ele sabia que Dannyl estava pesquisando algo. Mas ele sabia o que Dannyl estava pesquisando? Lorlen se forçou a sorrir.

— Eu me pergunto o que capturou sua atenção.

Akkarin franziu os olhos.

— Ele não o tem mantido informado?

— Eu?

— Sim. Afinal, você pediu para ele investigar meu passado.

Lorlen pensou com cuidado nas palavras que ia dizer. Akkarin poderia saber que Dannyl estava retraçando suas viagens, mas como ele podia saber por que, se Dannyl não o sabia?

— É o que seus amigos dizem?

— Espiões seria um termo mais preciso.

A mão de Akkarin se moveu e com um lampejo de medo Lorlen viu que ele ainda segurava a faca. Percebendo que Akkarin não teria ignorado sua reação, Lorlen a encarou abertamente.

— O que é isso?

— Algo que eu consegui durante minhas viagens — Akkarin respondeu, levantando-a. — Algo que você reconhece, acredito.

Lorlen então sentiu uma pontada de triunfo. Akkarin tinha basicamente

admitido que aprendera magia negra durante suas viagens. A pesquisa de Dannyl ainda podia ser útil...

— Ela é estranhamente familiar — disse Lorlen. — Talvez eu tenha visto uma semelhante num livro ou numa coleção de antiguidades... ela tem uma aparência tão malévola que com certeza iria grudar na memória.

— Você sabe para que ela é usada?

Uma memória de Akkarin cortando o braço de seu criado relampejou pela mente de Lorlen.

— É uma faca, então algo desagradável, provavelmente.

Akkarin, para o alívio de Lorlen, depositou a faca numa mesa de canto, mas a sensação durou pouco.

— Você tem sido estranhamente cauteloso em relação a mim nos últimos meses — disse Akkarin. — Você evita comunicação mental, como se tivesse medo de que eu pudesse detectar algo por trás dos seus pensamentos. Quando meus contatos me contaram sobre a pesquisa de Dannyl, fiquei intrigado. Por que você pediu para ele investigar meu passado? Não negue isso, Lorlen. Eu tenho provas.

Lorlen estava consternado por Akkarin ter descoberto as ordens dadas a Dannyl. Mas ele tinha se preparado para essa pergunta. Fingiu estar embaraçado.

— Eu estava curioso e, depois de nossa conversa sobre seu diário, achei que poderia restaurar um pouco do que fora perdido. Você não está livre para juntar as informações de novo, então... Não seria tão satisfatório quanto ir você mesmo, mas achei que poderia ser uma surpresa agradável.

— Entendo. — A voz de Akkarin havia endurecido. — Eu queria poder acreditar em você, mas não acredito. Veja, hoje eu fiz algo com você que nunca tinha feito antes e nunca quis fazer. Enquanto conversávamos, li seus pensamentos superficiais. Eles revelaram muito, muito mais. Sei que você está mentindo. Sei que viu coisas que não deveria ter visto, e preciso saber como isso aconteceu. Conte-me, há quanto tempo sabe que pratico magia negra?

“Apenas algumas palavras e tudo mudou. Havia algum remorso ou culpa em sua voz? Não. Apenas raiva...”

Estarrecido e bastante assustado, Lorlen finalmente tentou uma última e desesperada evasão. Encarou o amigo com horror.

— Você pratica o quê?

A expressão de Akkarin se fechou.

— Não seja tolo, Lorlen — esbravejou. — Vi nos seus pensamentos. Você não pode mentir para mim.

Percebendo que não podia negar isso, Lorlen olhou para a faca na mesa. Perguntou-se o que ia acontecer. Se estava prestes a morrer. Como Akkarin iria explicar isso. Se Rothen e Sonea iriam suspeitar da verdade e revelar o crime de Akkarin...

Tarde demais, ele percebeu que Akkarin poderia ter ouvido seus pensamentos. Levantou o olhar, mas a expressão de Akkarin não mostrava nenhum alarme ou suspeita, apenas expectativa, e isso deu a ele um pouco de esperança.

— Quanto tempo? — Akkarin insistiu.

— Mais de um ano — confessou.

— Como?

— Eu vim aqui uma noite. A porta estava aberta e notei uma luz nas escadas, então comecei a descer. Quando vi o que você estava fazendo... foi um choque. Não sabia o que pensar.

— O que exatamente você viu?

Com uma dificuldade que não precisou fingir, Lorlen descreveu o que Sonea tinha visto. Enquanto falava, procurou um indício de vergonha na expressão do Lorde Supremo, mas viu apenas um quê de irritação.

— Alguém mais sabe sobre isso?

— Não — Lorlen respondeu rapidamente, esperando evitar trair Sonea e Rothen, mas os olhos de Akkarin se franziram.

— Você está mentindo para mim, meu amigo.

— Não estou.

Akkarin então suspirou. Lorlen lembrou-se vividamente desse suspiro.

— Isso é lamentável.

Lorlen havia então se levantado para encarar o velho amigo, determinado a convencer Akkarin de que seu segredo estava seguro.

— Akkarin, você precisa acreditar em mim. Não contei a ninguém sobre isso. Isso causaria muita discórdia no Clã. Eu... eu não sei por que você está mexendo com isso... essa magia proibida. Só posso confiar que você tenha um bom motivo. Acha que você estaria aqui se eu não pensasse assim?

— Então você confia em mim?

— Sim.

— Sendo assim, me mostre a verdade. Preciso saber quem você está protegendo, Lorlen, e exatamente quanto você descobriu.

Akkarin então esticou a mão em direção à cabeça de Lorlen. Com um choque, Lorlen percebeu que Akkarin pretendia ler sua mente. Agarrou as mãos dele e as afastou, chocado que o amigo pudesse exigir tal coisa.

— Você não tem o direito de...

Então o resto da confiança de Lorlen no amigo desapareceu quando Akkarin flexionou os dedos num gesto familiar. Uma força puxou Lorlen para trás. Ele caiu na cadeira e sentiu a magia pressionando-o para baixo.

— Não faça isso, Akkarin!

Porém a boca de Akkarin estava franzida numa linha fina.

— Lamento, velho amigo, mas preciso saber.

Então os dedos de Akkarin tocaram as têmporas de Lorlen.

“Isso não deveria ser possível! Era como se ele não estivesse lá, mas ele estava. Como ele faz essa leitura da mente?”

Tiritando por causa da lembrança, Lorlen abriu os olhos e encarou as paredes do quarto. Quando cerrou os punhos, ele sentiu uma faixa quente de metal pressionar a pele ao redor de um de seus dedos. Levantando a mão, sentiu o nó no estômago quando a gema vermelha brilhou na luz fraca.

Tudo havia sido revelado: o que Sonea tinha visto, a leitura da verdade, o envolvimento de Rothen e tudo que Dannyl havia aprendido ou descoberto. Nenhuma indicação dos pensamentos ou emoções de Akkarin havia sido detectada por ele. Só depois Lorlen pôde ver indícios do estado da mente do Lorde Supremo enquanto este andava de um lado para o outro na sala de visitas, pensando em silêncio por uma hora, talvez mais. O que ele havia descoberto obviamente o preocupava bastante, mas seu comportamento não havia perdido nada da confiança.

Por fim, a magia de confinamento que mantinha Lorlen na cadeira foi removida. Akkarin pegou a faca da mesa. Com mais tempo para pensar, Lorlen teria temido por sua vida, mas, em vez disso, encarou incrédulo enquanto Akkarin passava a faca na palma da própria mão.

Com o sangue se acumulando em uma das mãos, Akkarin pegou a taça vazia de Lorlen e a esmagou de encontro à mesa. Ele pegou um dos fragmentos e o jogou no ar.

O pedaço de vidro parou na frente dos olhos de Akkarin e começou a girar, as pontas afiadas ficando vermelhas conforme derretiam. Quando esfriaram de novo, elas formaram uma esfera facetada. Akkarin levantou a mão que estava sangrando e envolveu a esfera com os dedos. Quando abriu a mão de novo, o corte havia desaparecido e uma gema vermelho-brilhante se encontrava em sua mão.

Em seguida, Akkarin usou sua vontade para atrair uma colher de prata para sua mão do armário de bebidas. Ela se contorceu, derretendo e se dobrando até formar um círculo grosso. Akkarin pegou a gema entre dois dedos e a colocou na parte mais grossa da aliança, que se fechou em volta da pedra preciosa como uma flor.

Ele então segurou o anel em direção a Lorlen.

— Coloque-o.

Lorlen havia pensado em recusar, mas sabia que Akkarin estava disposto a usar força para realizar sua vontade, e ele podia imaginar algumas maneiras desagradáveis pelas quais o anel poderia ser preso a ele de forma permanente. Ele queria a opção de tirá-lo algum dia, então pegou o anel e relutantemente colocou em seu dedo médio.

— Eu vou ser capaz de ver e ouvir tudo ao seu redor — Akkarin lhe disse. — E nós seremos capazes de nos comunicarmos sem ninguém ouvir.

“Estava Akkarin vigiando-me agora? Ele está me observando andar de um lado para o outro em meus aposentos? Ele sente alguma culpa pelo que fez?”

Embora Lorlen se sentisse magoado e traído pelas ações de Akkarin, era o destino de Sonea que mais o atormentava. Estava Akkarin assistindo quando, olhando para fora da janela alguns minutos atrás, Lorlen vira Sonea deixar a Universidade? Ela havia parado de forma abrupta, a dor em seus olhos muito clara quando lembrou que não podia mais voltar aos aposentos de Rothen.

Ele não tinha certeza de que queria que Akkarin a tivesse visto. Não tinha certeza que seu “amigo” pudesse sentir remorso ou culpa. Até onde Lorlen sabia, Akkarin poderia ter gostado de ver o sofrimento dela.

Mas, apesar de tudo, ele ainda queria acreditar que não era assim.

Capítulo 21

Os Túmulos das Lágrimas Brancas

Ao se afastar da Universidade, Sonea imaginou que podia sentir o enorme prédio se encolhendo por trás dela. As costas formigavam com um calor prolongado e o rosto ardia com o frio. À frente, uma forma escura se agigantava conforme se aproximava.

A residência do Lorde Supremo. A casa de Akkarin.

Sonea havia prolongado ao máximo o jantar e, então, sem querer sair da Universidade, fora até a Biblioteca dos Aprendizes. Agora, com a biblioteca fechada e o resto da Universidade vazia, ela não tinha alternativa a não ser voltar para o novo aposento.

O coração batia rápido demais quando chegou à porta. Parou, engoliu em seco e alcançou a maçaneta. Assim que a tocou, a porta se abriu para dentro.

O interior da sala estava iluminado por um único globo de luz. Uma silhueta sentada em uma das cadeiras mais suntuosas segurava um livro com dedos longos e pálidos. Ele olhou para cima e Sonea sentiu um aperto no estômago.

— Entre, Sonea.

Ela forçou as pernas a se moverem. Uma vez dentro do cômodo, a porta se fechou atrás dela, batendo com um clique suave, mas definitivo.

— Você se saiu bem nas provas de hoje?

Ela abriu a boca para responder, mas, não confiando na voz, resolveu apenas assentir.

— Isso é bom. Já jantou?

Ela assentiu novamente.

— Então, deve descansar um pouco para se preparar para amanhã. Vá.

Aliviada, curvou-se e correu pela porta à sua esquerda. Criou um globo de luz e colocou-o à sua frente, ao subir pelas escadas em caracol.

Sob a luz mágica, ela se lembrou da escadaria que a conduzira ao aposento no subsolo onde tinha visto Akkarin praticando magia negra. Aquelas escadas ficavam por detrás da porta do outro lado da sala de visitas, ela imaginou. Deste lado, as escadas apenas subiam.

No topo, alcançou um longo corredor. Seu aposento ficava atrás da primeira porta. Sonea nada mais havia visto da Residência do Lorde Supremo.

Conforme girou a maçaneta da porta, ouviu passos que vinham da outra extremidade do corredor. Olhando para cima, viu uma parede iluminada por uma luz fraca e o topo da outra escadaria.

Desejando que sua própria luz se extinguisse, Sonea abriu rapidamente a porta do seu aposento e deslizou para dentro. Deixou a porta entreaberta, mas olhava com dificuldade através dela e praguejou, resfolegando. Apenas a parede oposta do corredor era visível. Para observá-lo, teria de abrir bem mais a porta, e ele com certeza notaria.

A luz estampada na parede do corredor se apagou. Os passos pararam e um discreto clique chegou aos seus ouvidos. A luz se moveu novamente, e, então, tudo desapareceu na escuridão, conforme o som de uma porta se fechando ecoava pelo corredor.

“Então aqueles eram os aposentos dele”, Sonea refletiu. Apenas uns vinte passos à frente no corredor. Saber que ele estava tão próximo não era reconfortante, mas não teria sido melhor se ele estivesse do outro lado da residência. Apenas saber que ela estava no mesmo prédio já era suficientemente perturbador.

Fechando a porta devagar, Sonea olhou ao redor e inspecionou o aposento. A luz da lua derramava-se pelas duas janelas pequenas, formando pálidos retângulos no chão. O aposento parecia quase convidativo sob a iluminação

suave.

Era muito diferente do quarto simples que tinha nos Alojamentos dos Aprendizes. A mobília era feita de madeira avermelhada escura, lustrosa ao extremo. Havia um grande armário em uma das paredes. Ao lado dele, uma mesa com uma cadeira para estudo. A cama, entre as duas janelas. Havia algo sobre ela.

Sonea dirigiu-se até a cama e acionou um globo de luz. Sobre a colcha, havia uma trouxa de tecido simples, amarrada com uma fita. Ao desatar o nó, a trouxa se abriu e um material verde surgiu de dentro.

Seu vestido da Cerimônia de Aceitação.

Conforme ela ergueu o vestido, objetos mais pesados caíram das dobras: o pente de prata e o espelho, e dois livros de poesia presenteados por Rothen. Ela sentiu lágrimas brotando nos olhos.

“Não. Não vou ficar choramingando como uma criança perdida”, disse para si mesma. Pestanejou, livrando-se da umidade dos olhos, colocou os objetos sobre a mesa de estudo e, em seguida, levou o vestido para o guarda-roupa.

Um odor discreto de madeira se espalhou pelo ar, quando ela pendurou o vestido num cabide. O odor recordou-lhe o Salão do Clã. Ocorreu-lhe uma lembrança de Rothen pronunciando as palavras cerimoniais do guardião. Ela se lembrou da alegria por estar ao seu lado, com a nova túnica nas mãos. “Mas ele não é mais meu guardião.” Num suspiro, fechou a porta do armário.

Voltando para a cama, viu um objeto menor sobre a coberta. Pegando-o, reconheceu a escultura bruta de um reber que Dorrien dera a Rothen logo após sua chegada. Sonea ficara fascinada de ver como algo podia ter talhado tão rudemente e ainda conservar toda a essência do animal que representava.

Dorrien. Ela não pensara nele desde que havia partido. Era como se semanas tivessem se passado, mas fazia apenas dois dias desde que tinham ido até à nascente e que ele a beijara.

O que ele pensaria quando soubesse da súbita mudança de guardião? Sonea suspirou. Tal como o restante dos magos, teria se maravilhado com a “boa sorte”

dela... No entanto, Sonea estava certa de que, se ele estivesse ali, teria detectado que algo não corria bem. Ele teria percebido seu medo, assim como a aflição e a raiva de Rothen.

Mas Dorrien não estava ali. Estava longe, em seu pequeno vilarejo nas montanhas.

Dorrien acabaria vindo ao Clã novamente. Quando viesse, ia querer vê-la. Akkarin permitiria? Sonea sorriu. Mesmo se Akkarin o proibisse, Dorrien encontraria uma forma. Além disso, o fato de Akkarin impedir Dorrien de vê-la poderia levantar suspeitas.

Ou não? Akkarin poderia simplesmente alegar que Dorrien estaria distraindo Sonea dos estudos, e embora Dorrien pudesse ver o gesto como uma forma de superproteção, ninguém mais o questionaria. Ela franziu o cenho. E se Dorrien percebesse que havia algo errado? O que ele faria? O que Akkarin faria? Ela estremeceu. Diferentemente de Rothen e dela mesma, Dorrien vivia longe das vistas do Clã. Quem poderia questionar se um Curador trabalhando num vilarejo distante morresse em um “acidente”?

Sonea segurou a escultura com firmeza. Ela não devia dar a Akkarin motivos para notar Dorrien. Quando este último voltasse ao Clã, teria de lhe dizer que não nutria sentimentos por ele. Ele mesmo dissera que ela deveria encontrar outra pessoa nos anos que se seguissem até a graduação. Deixaria que pensasse que ela de fato tinha feito isso.

Mas jamais haveria qualquer outro. Não enquanto Sonea fosse refém de Akkarin. Fazer amigos seria colocá-los em perigo. E quanto à tia, ao tio e ao priminho? Por agora, Akkarin não faria mal a Rothen, já que com isso iria deixá-la livre para revelar seu segredo. Se ele soubesse onde sua família estava, eles poderiam ser usados contra ela também.

Num suspiro, ela se deitou na cama. Quando tudo aquilo começara a dar errado? Seus pensamentos voltaram-se para o Bairro Norte. Desde aquele dia, sua sorte estivera nas mãos dos outros: primeiro Cery e Harrin, em seguida, os Ladrões, depois Rothen e agora Akkarin. Antes disso, porém, ela tinha sido uma criança, protegida por seus tios. Será que algum dia estaria no controle de sua

vida?

“Mas eu estou viva”, lembrou-se. “O que posso fazer agora é ser paciente e esperar que algo aconteça para consertar tudo isso... e assegurar-me de estar pronta para ajudar quando a oportunidade aparecer.”

Levantando-se, foi para a mesa de estudos. Se algo de fato acontecesse, provavelmente envolveria magia. Portanto, quanto mais preparada estivesse, melhor. As provas de Cura seriam aplicadas no dia seguinte, e ela tinha de ler suas anotações mais uma vez.

Aproximando-se novamente da janela, Rothen olhou para a Residência do Lorde Supremo. Pequenos quadrados iluminados haviam aparecido na torre norte durante as duas últimas noites. Quanto mais ele olhava para lá, mais certeza tinha de que Sonea estava por trás daquelas janelas.

“Quão amedrontada ela deve estar. Que armadilha. Deve estar desejando nunca ter concordado em ingressar no Clã.”

Ele compreendeu que estava de mãos atadas. Forçando-se a voltar para sua cadeira na sala de visitas, sentou-se e olhou as sobras da refeição que mal tocara.

“O que posso fazer? Deve haver alguma coisa que eu possa fazer.”

Ele fizera essa pergunta a si mesmo repetidas vezes. A resposta era sempre a mesma.

“Aquilo que ousar fazer.”

Tudo dependia da segurança de Sonea. Ele queria sair pelo corredor, gritando a verdade para todos os magos que cegamente haviam aceito a decisão de Akkarin, mas sabia que, se o fizesse, Sonea poderia ser a primeira das vítimas de Akkarin. O poder dela seria usado para lutar contra o Clã; sua morte poderia ajudar Akkarin a derrotá-los.

Rothen desejava desesperadamente falar com Lorlen. Embora ansiasse pela certeza de que este último não sacrificaria a vida de Sonea na tentativa de derrotar Akkarin, também queria saber se o Administrador não tinha abandonado

todos os planos de lutar contra o Lorde Supremo.

Akkarin proibira qualquer contato entre eles, mas, mesmo que Rothen ousasse arriscar falar com Lorlen, não poderia. O Administrador se retirara para seus aposentos e estava repousando. Desde que soubera disso, Rothen tinha ficado preocupado se Lorlen fora ferido no seu confronto com Akkarin. A possibilidade era aterrorizante. Se Akkarin podia ferir seu amigo mais próximo, o que seria capaz de fazer com quem lhe importava menos?

Mas o Lorde Supremo poderia estar muito acostumado a matar e a tomar o poder dos outros. Poderia estar fazendo isso há anos. Rothen franziu o cenho. Por quanto tempo Akkarin estaria praticando magia negra? Desde que se tornou Lorde Supremo? Há mais tempo?

Desde que Sonea tinha lhe contado o segredo de Akkarin, Rothen meditara várias vezes sobre como Akkarin poderia ter descoberto a magia negra. O que se sabia era que o Clã destruíra todo esse conhecimento havia séculos. Os magos mais qualificados tinham sido informados sobre como reconhecê-la, mas isso era tudo. Mesmo assim, era possível que Akkarin tivesse acesso a informações e instruções com base em registros esquecidos em algum lugar no Clã.

Ou ele poderia ter aprendido magia negra anos atrás, antes de partir para sua jornada. A investigação para descobrir o conhecimento do poder antigo poderia ter sido uma desculpa para aprender mais, ou simplesmente para ganhar tempo e liberdade de praticar. Ou talvez Akkarin tivesse descoberto a magia negra durante suas viagens. Akkarin havia “tropeçado” no conhecimento e o utilizara para se fortalecer?

Onde quer que o conhecimento do poder se encontre, frequentemente existe um meio para derrotá-lo bem ao seu lado. Se Akkarin descobrira a magia negra durante suas viagens, então outra pessoa também poderia encontrá-la de novo. Rothen suspirou. Se ao menos ele pudesse sair do Clã, passaria todos os minutos de cada dia procurando aquele conhecimento. Mas ele não podia sair. Provavelmente, Akkarin o estaria vigiando de perto. Ele não ia querer que Rothen perambulasse pelas Terras Aliadas, fora de sua vista.

“Então, outro tem de fazer isso”, Rothen disse a si mesmo. “Alguém livre para

viajar. Alguém que faria isso sem levantar muitas perguntas. Alguém em quem eu possa confiar...”

Pouco a pouco, Rothen começou a sorrir. Ele conhecia exatamente a pessoa certa.

Dannyl.

Centenas de tochas bruxuleavam ao sabor da brisa gelada da noite. À frente, centenas de outras formavam um longo zigue-zague que oscilava para frente e para trás, e para cima, em direção ao céu. A superfície pedregosa de um morro era iluminada por elas e, de tempos em tempos, a boca das cavernas era rodeada por chamas.

Os remadores puxavam os remos no tempo certo da batida lenta do tambor de proa. Canções ecoavam por detrás dos penhascos à medida que os cantores alternavam para harmonias lentas que causavam arrepio na espinha de Dannyl. Ele olhou para Tayend, que fitava pensativamente os outros barcos ao longe. Após umas poucas semanas de descanso, o cortesão parecia mais saudável.

— Você está se sentindo bem? — Dannyl indagou baixinho.

Tayend assentiu e gesticulou para o casco do barco.

— Quase não balança nada.

Um fragmento macio veio do fundo do barco. Com agilidade, os remadores pularam e puxaram o barco até a praia. Tayend se levantou e, avaliando cuidadosamente o ritmo das ondas que batiam no barco, saltou quando a água tinha recuado. E praguejou ao ver os elegantes sapatos afundarem na areia molhada.

Numa gargalhada, Dannyl desceu do barco e rumou pela praia em direção ao caminho iluminado pelas tochas. Parou quando um grupo grande de pranteadores iniciou uma procissão subindo os degraus escavados na encosta do penhasco. Deixando um espaço respeitoso atrás do grupo, Dannyl e Tayend seguiram.

Todos os meses, na lua cheia, a população de Vin ia até essas cavernas. No interior delas, estavam os túmulos dos mortos. Parentes dos ancestrais deixavam presentes e faziam pedidos aos seus espíritos. Alguns túmulos eram antigos a ponto de não terem mais descendentes vivos para visitá-los, e era para ver uma dessas tumbas que Dannyl e Tayend tinham vindo.

Lembrando os costumes sobre os quais já haviam sido informados, permaneceram em silêncio durante a subida. Passaram por diversas cavernas, subindo sem parar. Tayend estava ofegante quando o grupo de acompanhantes à sua frente virou, entrando numa caverna. Após um breve descanso, ele e Dannyl continuaram a subir pelos degraus estreitos.

— Espere. Veja isto.

Ao ouvir o sussurro, Dannyl se virou e viu Tayend apontando para a entrada de uma caverna pela qual tinha passado sem notar. Uma dobra discreta no penhasco escondera uma pequena fenda, larga o suficiente para um homem entrar de lado. Acima dela havia um símbolo esculpido.

Reconhecendo o símbolo, Dannyl dirigiu-se à fenda e olhou através dela. Só o que via era a escuridão. Afastou-se um pouco para trás, criou um globo de luz e enviou-o para dentro.

Tayend soltou um grito agudo meio abafado conforme a luz revelou um rosto à espreita. O homem olhou de esguelha para Dannyl e disse algo em vindo. Ao perceber que se tratava de uma tumba vigiada, Dannyl disse o ritual de cumprimento que havia aprendido.

O homem respondeu de acordo e, a seguir, deu um passo atrás e chamou-os, acenando. Conforme Dannyl penetrou, seu globo de luz iluminou a armadura polida do homem e sua pequena espada que brilhavam. O guarda fez uma mesura, empertigado.

Eles estavam em uma pequena câmara. Um corredor mais abaixo permitia avançar mais ainda pelo interior do lado do penhasco. Havia pinturas sobre todas as paredes. Tayend examinou-as de perto, admirado.

— Vocês precisar guia — disse o guarda. — Então vocês não se perder. Não

pode tirar nada do lugar, nem uma pedra. — Sacou uma pequena flauta e soprou uma única nota. Daí a pouco, um menino envergando uma veste simples acinturada apareceu na porta.

Ele acenou chamando e, conforme Dannyl e Tayend entraram pela porta, orientou-os a seguir à frente. Ao avançarem por um túnel estreito, o menino os acompanhou em silêncio.

Tayend ditava o ritmo, andando lentamente e examinando as pinturas na parede.

— Algo interessante? — perguntou Dannyl quando o acadêmico parou pela terceira vez.

— Ah, sim — respondeu Tayend. Olhou para Dannyl, e sorriu em seguida, se desculpando. — Apenas não relacionado ao que você está procurando.

Aprumando-se, ele continuou com um passo mais rápido, com a atenção ainda nas paredes, mas a expressão menos relaxada. Com o passar do tempo, Dannyl se deu conta do peso da terra acima dele e do aperto das paredes. Caso o túnel ruísse, ele tinha certeza de que poderia evitar que fossem soterrados interpondo uma barreira. Fizera quase a mesma coisa havia um ano quando, para impedir que ele alcançasse Sonea, os Ladrões haviam derrubado um dos túneis.

Entretanto, ali era diferente. Havia muito mais cascalho e sujeira acima deles. Provavelmente, Dannyl poderia impedir que fossem esmagados, mas não estava certo do que poderia fazer então. Talvez retirar a terra no entorno e por trás de sua barreira, e aí fazer um túnel para fora? Será que teria tempo antes de o ar acabar? Teria ele a magia forte o suficiente para fazer isso? Se não tivesse, se enfraqueceria pouco a pouco até ser vencido pelo peso da terra.

Incomodado por tal pensamento, tentou pensar em outra coisa. Os passos do menino que vinha atrás eram quase imperceptíveis. Imaginava se o garoto estaria preocupado em ser enterrado vivo. Pegou-se pensando num outro dia, quando entrara pelos túneis sob a Universidade para averiguar por que Fergun estivera espionando por lá. Tinha afastado a suspeita de que alguém o estivera seguindo, apenas para se dar conta de que aquele alguém era o Lorde Supremo.

— Você está bem?

Dannyl pulou ao ouvir a pergunta. Tayend o observava de perto.

— Sim. Por quê?

— Você estava respirando tão rápido.

— Ah. Eu estava?

— Sim.

Após mais alguns passos, Dannyl inspirou profundamente e expirou devagar e, em seguida, começou a fazer um exercício para relaxar.

Tayend olhou para ele e sorriu.

— Ficar embaixo da terra incomoda você?

— Não.

— Muita gente se sente desconfortável em lugares como este. Eu vi muitos em pânico na biblioteca, daí ter aprendido a identificar os sinais. Você vai me dizer se estiver entrando em pânico, não vai? Não me agrada muito a ideia de ficar perto de um mago em pânico.

Dannyl sorriu.

— Eu estou bem. Estou apenas... recordando algumas experiências desagradáveis que tive em lugares semelhantes.

— É mesmo? Conte-me então.

De alguma forma, Dannyl sentiu-se melhor ao compartilhar as duas experiências. A descrição de como os Ladrões queriam soterrá-lo levou-o a histórias sobre a procura por Sonea. Ao chegar à parte onde havia entrado pelos túneis sob a Universidade e encontrado o Lorde Supremo, os olhos de Tayend se estreitaram.

— Você está com medo dele, não está?

— Não. Não com tanto medo quanto... Bem, depende da situação.

Tayend deu risada.

— Bem, se alguém tão amedrontador como você tem medo do Lorde Supremo, então eu estou fora do caminho dele sempre.

Dannyl estancou o passo.

— Eu sou amedrontador?

— Ah, sim — assentiu Tayend. — Muito amedrontador.

— Mas... — Dannyl balançou a cabeça. — Eu não fiz nada para... — Ele parou ao lembrar-se do assaltante. — Bem, acho que fiz, agora... mas certamente você não tinha medo de mim antes disso?

— Claro que tinha.

— Por quê?

— Todos os magos metem medo. Todo mundo sabe o que eles podem fazer... mas o que você não sabe que eles podem fazer é que dá medo.

Dannyl fez uma careta.

— Bem, imagino que você tenha visto o que eu posso fazer, agora. E eu não pretendia matar o ladrão.

Tayend observou-o em silêncio por alguns passos.

— Como está se sentindo sobre aquilo?

— Nada bem — admitiu Dannyl. — E você?

— Não tenho certeza. É como se eu tivesse dois pontos de vista diferentes e contrários ao mesmo tempo. Não lamento por você tê-lo matado, mas acho que matar é errado mesmo. Acho que é a incerteza o que mais me incomoda. Quem realmente sabe se foi certo ou errado? Tenho lido mais livros do que muita gente que conheço, e nenhum deles concorda em nada. Mas há uma coisa que eu quero dizer a você.

Dannyl se forçou a olhar Tayend nos olhos.

— Sim?

— Obrigado. — A expressão de Tayend era grave. — Obrigado por ter salvo a

minha vida.

Algo dentro de Dannyl se abrandou, como um nó desfeito. Ele compreendeu que precisava da gratidão de Tayend. Isso não tranquilizava sua consciência, mas ajudava a manter o episódio como um todo nos eixos.

Olhando em frente, observou que a luz do seu globo não iluminava as paredes mais distantes. Franziu o cenho, e, aí, percebeu que estavam se aproximando de uma caverna maior. Conforme chegavam mais perto, um odor mineral chamou a atenção de Dannyl. O cheiro ficou mais distinto à medida que alcançavam a abertura. Dannyl enviou seu globo para iluminar e Tayend sobressaltou-se.

A câmara era tão ampla quanto o Salão do Clã, cheia de cortinas deslumbrantes e espirais em branco. O som do gotejamento de água ecoava no espaço. Olhando cuidadosamente, Dannyl podia ver a umidade caindo das extremidades das estalactites. Entre as estalagmites, que pareciam presas, escorria um fluxo raso d’água.

— Os Túmulos das Lágrimas Brancas — murmurou Tayend.

— Formados pela água que pinga do teto e deposita minerais ao longo de toda a sua passagem — explicou Dannyl.

Tayend revirou os olhos.

— Eu sabia disso.

Um caminho escorregadio seguia para baixo até a câmara. Descendo cuidadosamente, avançaram ao longo do piso desnivelado. Ao passarem pelas fantásticas estruturas brancas, o raio de visão se ampliou. De repente, Tayend parou.

— A Boca da Morte — disse ele, num sussurro.

À frente, uma fila de estalagmites e estalactites atravessava a câmara. Algumas haviam crescido sobre as outras, tornando-se espessas até formarem colunas. Os espaços entre outras se mostravam tão pequenos que era como se fossem se juntar em poucos momentos.

Cada uma era colossal, no chão ou no teto, afunilando-se em finas pontas

brancas, de modo que o conjunto como um todo parecia os dentes de um animal enorme.

— Vamos ver se existe um estômago? — indagou Tayend. Sem esperar pela resposta, meteu-se entre dois dos dentes e desapareceu.

Seguindo-o, Dannyl encontrou Tayend de pé do lado de um túnel, acenando furiosamente. As paredes de ambos os lados eram cortinas de um branco brilhante, interrompidas aqui e ali por alcovas horizontais rasas. Chegando ao lado de Tayend, ele viu que havia um esqueleto dentro de uma pequena alcova. Uma nova cortina branca se formara, cobrindo metade da alcova.

— Eles devem ter talhado os túmulos sabendo que as paredes desceriam para encobri-las — disse Tayend calmamente.

Prosseguindo, encontraram outro túmulo e ainda outro. Quanto mais longe iam, mais antigos e mais numerosos eram eles. Por fim, não havia mais esqueletos à vista, apenas paredes que haviam coberto completamente as alcovas.

Dannyl sabia que haviam se passado horas. Os vindos proibiam visitantes nas cavernas durante o dia, e ele começou a se preocupar por não voltarem para a praia a tempo de pegar o barco. Quando chegaram ao final do túnel, deu um suspiro de alívio.

— Não há nada aqui — disse Tayend, descartando possibilidades.

Em torno deles, as paredes eram inteiriças. Dannyl chegou mais para a direita, examinando-as cuidadosamente. Eram quase translúcidas em determinados pontos. Seguindo em frente, Tayend olhou a superfície da parede à esquerda minuciosamente. Depois de alguns minutos, chamou Dannyl, muito entusiasmado.

Ao chegar ao lado do amigo, Dannyl viu que Tayend apontava para um pequeno orifício.

— Você pode colocar alguma luz ali?

— Vou tentar.

Conforme Tayend se moveu para o lado, Dannyl criou uma centelha de luz e enviou-a pelo orifício. Olhou conforme ela se movia através da largura de um dedo no depósito mineral branco, e, daí, para a escuridão.

Aumentando o brilho da centelha para iluminar o espaço adiante, ele sentiu um sorriso se espalhar pelo rosto.

— O que é? — perguntou Tayend, alvoroçado. — Deixe-me ver!

Dando um passo para o lado, Dannyl observou Tayend curvando-se para olhar pelo orifício. Os olhos do acadêmico se arregalaram. Além da cortina branca, havia uma pequena caverna. Um caixão esculpido estava no centro do aposento. As paredes internas eram parcialmente forradas com sedimento mineral, mas grande parte da decoração esculpida original ainda era visível.

Tayend tirou folhas de papel e um lápis de desenho dos bolsos do casaco, com os olhos brilhantes de excitação. — Quanto tempo tenho?

Dannyl deu de ombros.

— Uma hora, provavelmente menos.

— É o suficiente por enquanto. Podemos vir aqui novamente?

— Não vejo por que não.

Tayend gracejou.

— Nós encontramos, Dannyl! Nós encontramos o que seu Lorde Supremo estava procurando. Sinais de magia antiga!

Capítulo 22

Evitando o Lorde Supremo

Quando Sonea deixou os Alojamentos dos Curadores, aprendizes se apressavam em ultrapassá-la, alguns correndo ou pulando, ou fazendo barulho. Sonea ouviu o riso e a excitação ao seu redor. Com o gongo final ainda soando em seus ouvidos, aprendizes de todas as idades e níveis conversavam sobre andar a cavalo, frequentar danças da corte e brincar com jogos dos quais ela nunca tinha ouvido falar.

Pelas próximas duas semanas, túnicas marrons seriam uma visão rara na região, pois os aprendizes... e não poucos magos... voltariam para as famílias durante as férias de inverno. “Se ao menos eu pudesse partir também”, ela pensou melancólica em passar dias com a tia e o tio, e o bebê, na favela. “Mas ele nunca iria deixar.”

Chegando à Universidade, ela parou conforme vários aprendizes mais velhos saíam apressados. Alguns retardatários passaram por ela enquanto subia as escadas. Ao chegar ao segundo andar, no entanto, ela se descobriu abruptamente sozinha.

O silêncio no corredor continha um vazio que ela não tinha vivenciado antes, mesmo tarde da noite. Apertando sua caixa contra o peito, Sonea se dirigiu apressadamente até uma passagem lateral.

Embora a Biblioteca dos Magos ficasse no andar térreo da Universidade, próxima dos fundos do prédio, a Biblioteca dos Aprendizes era alcançada por meio de uma série de passagens confusas e tortas no segundo andar. Sonea não tinha sido capaz de encontrar na primeira vez em que procurara, e acabou tendo de seguir outros aprendizes.

Alcançando a biblioteca, viu que também estava despovoada de aprendizes. Abrindo a porta, ouviu passos e fez uma reverência quando a bibliotecária, Lady Tya, apareceu.

— Lamento, Sonea — Tya disse —, a biblioteca está fechando agora. Acabei de terminar de arrumar as coisas para este ano.

— Ela vai abrir durante as férias, minha lady?

A bibliotecária balançou a cabeça negativamente. Concordando em silêncio, Sonea saiu pela porta e partiu.

No cruzamento de passagens seguintes, ela parou. Xingando, recostou-se na parede. Aonde poderia ir agora? Qualquer lugar que não a Residência do Lorde Supremo. Tiritando, considerou as passagens à sua esquerda e à direita. A da direita levava ao corredor principal. A da esquerda levava para... onde?

Tomando esse caminho, chegou a outra intersecção. Parou, lembrando-se da jornada confusa pela qual Dorrien a havia levado para chegarem ao teto da Universidade. Ele dissera que conhecia cada passagem e cada quarto no prédio. Crescer no Clã tinha suas vantagens, havia dito.

Sonea franziu os lábios. Ela precisava de qualquer vantagem que pudesse conseguir. Era hora de saber andar por ali.

Mas e se ela se perdesse?

Sonea riu. Ela tinha horas para preencher. Pela primeira vez em seis meses, não precisava estar em lugar nenhum. Se se perdesse, bastava encontrar o caminho de novo.

Dando um sorriso soturno, começou a andar.

Ouviram-se quatro batidas firmes contra a porta. O sangue de Lorlen virou gelo.

Essas não eram as batidas educadas de Osen, ou a pancadinha tímida do criado de Lorlen. Nem era a pancada não familiar de outro mago. Essa era a

batida que ele vinha temendo; uma batida que ele sabia que viria.

Agora que ela tinha vindo, ele não conseguia se mover. Encarou a porta esperando em vão que o visitante achasse que ele não estava e partisse.

— Abra a porta, Lorlen.

A comunicação o chocou. Parecia diferente, como se uma voz de verdade tivesse falado dentro de sua mente.

Lorlen respirou fundo. No fim, teria de encarar Akkarin. Por que prolongar o momento? Dando um suspiro pesado, usou a mente para abrir a porta.

— Boa noite, Lorlen.

Akkarin entrou, usando o mesmo sorriso com o qual normalmente cumprimentava Lorlen. Como se eles ainda fossem bons amigos.

— Lorde Supremo. — Lorlen engoliu em seco. Seu coração estava batendo rápido demais e ele queria se encolher na cadeira. Sentiu um lampejo de irritação consigo mesmo. “Você é o Administrador do Clã”, disse a si mesmo, “ao menos aja com dignidade.” Lorlen se forçou a levantar e encarar Akkarin.

— Não vai visitar o Salão da Noite hoje? — Akkarin perguntou.

— Não estou com vontade.

Houve um silêncio e então Akkarin cruzou os braços.

— Eu não os machuquei, Lorlen. — A voz de Akkarin estava calma. — Nem a você. Sonea na verdade vai se beneficiar de ter a mim como guardião. Seus professores a estavam negligenciando, apesar da influência de Rothen. Agora, vão fazer um esforço especial para ajudá-la... e ela vai precisar de sua ajuda se for realizar o potencial que vi nela.

Lorlen encarou Akkarin, chocado.

— Você leu sua mente?

Akkarin levantou uma sobrancelha.

— É claro. Ela pode ser pequena, mas não é nenhuma criança. Você sabe

disso, Lorlen. Você leu a mente dela também.

— Foi diferente. — Lorlen desviou o olhar. — Eu fui convidado. — Sem dúvida, Akkarin havia lido a mente de Rothen também. Ele sentiu outra onda de culpa.

— Mas não é por isso que estou aqui — Akkarin disse. — Nada nunca manteve você longe do Salão da Noite quando havia tanta fofoca e especulação no ar. Eles esperam que você apareça. É hora de parar de se lamentar, meu amigo.

Amigo? Lorlen fez uma carranca de raiva e olhou para o anel. Que tipo de amigo fazia isso? “Que tipo de Administrador permite que um mago negro tome um aprendiz como refém?” Ele suspirou. “Um que não tem escolha.”

Para proteger Sonea, ele precisava fingir que nada havia acontecido. Nada mais extraordinário do que o Lorde Supremo finalmente reivindicando a guarda de um aprendiz e surpreendendo a todos ao escolher a garota favelada. Ele concordou com a cabeça.

— Eu vou. Você vai? — ele perguntou, embora soubesse a resposta.

— Não, vou retornar a minha residência.

Lorlen concordou com a cabeça de novo. Se Akkarin aparecesse no Salão da Noite, sua presença iria desencorajar as fofocas. Em sua ausência, no entanto, perguntas que ninguém teria coragem de fazer ao Lorde Supremo seriam feitas ao Administrador. Como de costume, Akkarin iria querer um relatório.

Então Lorlen lembrou-se do anel e das palavras de Akkarin: “Eu vou ser capaz de ver e ouvir tudo ao seu redor”. Akkarin não precisava esperar por um relatório. Ele ouviria tudo que ia ser dito.

Levantando-se, Lorlen passou para o quarto, jogou água de uma bacia no rosto, e conferiu seu reflexo no espelho. Dois borrões escuros sob os olhos demonstravam as noites insones pelas quais havia passado. Alisando o cabelo, ele o penteou até a nuca e o amarrou de maneira elegante. Sua túnica estava vincada, mas um pequeno uso de magia resolveu o problema.

Voltando à sala de visita, ele encarou o olhar de Akkarin. Um sorriso tênue se esboçou nos lábios do Lorde Supremo. Virando-se, Lorlen conteve sua expressão e usou a mente para abrir a porta.

Seguindo Akkarin para fora, Lorlen viu magos no corredor pararem e olhá-lo com atenção. Ele acenou com a cabeça educadamente. Eles veriam os círculos escuros sob seus olhos e achariam que estivera doente. Fora dos Alojamentos dos Magos, Akkarin lhe deu boa-noite e desapareceu dentro da Universidade.

Continuando em direção ao Salão da Noite, Lorlen cumprimentou dois magos quando eles também chegaram à entrada. Como esperado, eles perguntaram se ele estava bem. Ele os assegurou que sim e os guiou para dentro.

Quando as portas internas se abriram, as cabeças se voltaram para ver quem havia entrado. O burburinho de vozes mudou, primeiro diminuindo, e então tornando-se mais intenso. Lorlen percorreu o caminho pela sala lotada em direção a sua cadeira favorita, e viu que vários magos, incluindo muitos dos Magos Superiores, já haviam se reunido ao redor dela.

Achando graça, descobriu Lorde Yikmo em seu assento. O jovem Guerreiro se pôs de pé prontamente.

— Administrador Lorlen! — ele exclamou. — Por favor, sente-se. O senhor está bem? Parece cansado.

— Eu estou bem — Lorlen respondeu.

— É bom saber — Yikmo disse. — Esperávamos que viesse hoje, mas eu entenderia se decidisse evitar todas as perguntas sobre Sonea e o Lorde Supremo.

Lorlen conseguiu sorrir.

— Mas eu não podia deixar vocês todos se perguntando, não é? — Lorlen se reclinou na cadeira e esperou a primeira pergunta. Três magos, incluindo Lorde Peakin, falaram ao mesmo tempo. Pararam, olharam um para o outro e então dois deles acenaram com a cabeça educadamente para o Chefe de Estudos Alquímicos.

— Sabia que Akkarin estava pensando em assumir a guarda dela? — Lorde Peakin perguntou.

— Não — Lorlen admitiu. — Ele não mostrou mais interesse nela do que em qualquer outro aprendiz. Conversávamos sobre ela de tempos em tempos, mas fora isso ele manteve seus pensamentos para si mesmo. Ele pode tê-la avaliado por semanas, senão meses.

— Por que Sonea, então? — Lorde Garrel perguntou.

— De novo, não tenho certeza. Algo deve ter atraído sua atenção.

— Talvez sua força — Lorde Yikmo sugeriu. — Esses aprendizes da turma de verão alertaram todos nós para seu potencial quando combinaram seus poderes contra ela.

— Ele a testou, então?

Lorlen hesitou, e então respondeu afirmativamente com a cabeça.

— Sim.

Os magos ao seu redor trocaram olhares de compaixão.

— O que ele descobriu? — Peakin perguntou.

— Disse que viu grande potencial — Lorlen respondeu. — Ele está ansioso em supervisionar seu treinamento.

Um dos magos parados próximo se aprumou e se afastou para se juntar a um recém-chegado e sem dúvida espalhar a informação. Além do par, um rosto familiar despertou a atenção de Lorlen. Quando os olhos de Rothen se encontraram com os seus, sentiu uma pontada de culpa.

O fato de Rothen estar presente o surpreendeu. Tinha Akkarin ordenado a ele que também mantivesse as aparências?

— O Diretor Jerrik me disse que ela vai frequentar aulas noturnas — Lady Vinara falou. — Não acha que é demais esperar isso dela?

Forçando-se a voltar a atenção de volta aos magos que faziam perguntas, Lorlen deu de ombros.

— Isso é novidade para mim. Não sabia que ele já havia abordado Jerrik.

— A maior parte de suas aulas noturnas é para cobrir aquelas deslocadas por aulas particulares de Artes Guerreiras. — Lorde Yikmo lhe disse.

— Ela não poderia frequentar essas à noite? — outro perguntou.

— Não, porque não dou aulas à noite — Yikmo respondeu, com um largo sorriso.

— Perdoe-me por dizer isso, mas eu esperava que Lorde Balkan ensinasse a favorita do Lorde Supremo — disse Lorde Garrel. — Mas talvez seu método incomum de ensino combine com uma garota como Sonea.

— Tenho descoberto que aprendizes com mentes rápidas e temperamentos menos agressivos respondem bem aos meus métodos — Yikmo falou tranquilamente.

Sentindo que Rothen ainda o estava observando, Lorlen se voltou para olhar para o grupo. Rothen desviou o olhar. Voltando à conversa, Lorlen a desviou do tema das aulas de Sonea com Yikmo. “Guerreiros!” ele pensou. “Sempre tão competitivos.”

Duas horas depois, Lorlen se descobriu reprimindo um bocejo. Olhou ao redor para os magos e então se levantou.

— Com licença — disse. — Está ficando tarde e quero dormir cedo. Boa noite.

Cruzar a sala não foi fácil. A cada poucos passos, ele era abordado e questionado. Depois de se desvencilhar educadamente das conversas várias vezes, virou-se e deu de cara com Rothen.

Eles se olharam em silêncio. O coração acelerado, tudo em que Lorlen conseguia pensar era que Akkarin o havia proibido de que conversassem. Mas os rostos se viraram para observá-los, e se eles não se falassem, todo tipo de especulação poderia surgir.

— Boa noite, Administrador — Rothen disse.

— Boa noite, Lorde Rothen — respondeu Lorlen.

"Então nós já desobedecemos Akkarin", Lorlen pensou. O rosto de Rothen estava mais marcado por linhas do que ele se recordava. De repente, lembrando-se do anel, Lorlen juntou as mãos atrás das costas.

— Eu queria... expressar minha comiseração. Deve ser perturbador perder a guarda de uma aprendiz pela qual você claramente tinha muita afeição.

Uma dobra tornou-se mais visível entre as sobrancelhas de Rothen.

— É sim — ele concordou.

Como ele gostaria de poder tranquilizar Rothen. Talvez pudesse...

— Ouvi dizer que ela foi matriculada para aulas noturnas durante o Segundo Ano. Ela vai passar a maior parte do tempo em aula, então duvido que vá ver muito seu novo guardião... o que é provavelmente a maneira de Akkarin fazer com que ela não grude nele.

Rothen concordou lentamente com a cabeça.

— Ela vai preferir assim, tenho certeza. — Ele hesitou, e então abaixou a voz. — Você está bem, Administrador?

— Sim. — Lorlen deu um sorriso fraco. — Só preciso de um pouco de sono. Eu... — Ele parou e sorriu quando um grupo de magos passou. — Obrigado por sua preocupação. Boa noite, Lorde Rothen.

— Boa noite, Administrador.

Afastando-se, Lorlen continuou até as portas do Salão da Noite e saiu no ar frio. Permitiu-se um suspiro raso. "Realmente acredito que Akkarin não vai machucá-los?"

— Eles estão seguros o suficiente. Tranquilizar Rothen foi uma atitude sábia.

Lorlen enrijeceu com a surpresa e olhou para o anel. Espiando ao redor, ficou aliviado em ver que o pátio estava vazio e ninguém tinha presenciado sua reação.

— Você me contou sobre as habilidades de conversar de Garrel, mas eu nunca o tinha visto em ação. Ele faz isso com todo mundo?

Lorlen olhou para o anel. A luz das lâmpadas no pátio incidiu sobre ele, não parecia nada diferente de um rubi comum.

— Eu lhe disse, Lorlen. Tudo que você vê e escuta.

— E penso?

— Quando estou ouvindo... mas você não vai saber quando estou ouvindo.

Chocado, Lorlen agarrou o anel e começou a girá-lo para tirar do dedo.

— Pare, Lorlen. Você já se atormentou com culpa o bastante. Não me force a torná-la pior.

Soltando o anel, Lorlen apertou os dedos, frustrado.

— Melhor. Agora descanse. Você tem trabalho acumulado para dar conta.

Respirando pesadamente e com raiva, e tomado por uma sensação de derrota, Lorlen começou a caminhar em direção a seus aposentos.

Familiarizar-se com as passagens internas da Universidade havia se mostrado mais difícil do que Sonea esperara. Quanto mais fundo ela explorava, mais fácil era se perder. As passagens eram tão intricadas e imprevisíveis que ela começou a pensar se não tinham sido projetadas especificamente para confundir estranhos.

A disposição dos caminhos não seguia um padrão previsível ou repetitivo. Cada passagem se contorcia e virava de maneiras diferentes. Algumas vezes, elas iam parar no corredor principal de novo; em outras, terminavam numa extremidade sem saída.

Tirando um pedaço de papel de sua caixa, ela começou a contar os passos e a desenhar as curvas conforme andava. Depois de uma hora, havia mapeado uma pequena seção de passagens. Estavam faltando partes, no entanto. Embora tivesse retraçado seus passos, ela não encontrou passagens que levassem às seções em branco em seus mapas.

Ela parou e sentou em cima de sua caixa para descansar e pensar. Tinha assumido que a rota tortuosa pela qual Dorrien a conduzira quando a levara para

cima do telhado fora um truque deliberado para confundi-la. Talvez não fosse. Pensando na ocasião, ela lembrou-se de uma pequena salinha estranha pela qual haviam passado. Ela continha alguns armários com ornamentos, mas de outra forma parecia não ter nenhum propósito prático. Talvez, pensou, seu propósito verdadeiro fosse o de funcionar como um portal ou entrada para as partes internas da Universidade.

Levantando-se, ela apertou o passo até um dos pontos sem saída que encontrara. O corredor terminava numa parede simples e sem marcas, mas à sua esquerda havia uma porta. Ela apertou a maçaneta... e parou.

E se ela estivesse errada e essa fosse uma sala comum? Ela poderia dar de cara com um mago ou interromper uma reunião.

Talvez fosse exatamente isso que eles queriam que ela pensasse. A maioria das pessoas se sentiria relutante em abrir a porta fechada de uma sala desconhecida sem ser convidado. Ela tirou a mão da porta e deu um passo atrás para examiná-la. Havia algum sinal ou indicação de que a porta levasse a uma sala-portal em vez de ser uma sala normal?

Ela era feita de madeira escura. A superfície se mostrava lisa e sem adornos. As dobradiças eram de ferro enegrecido. Ela andou pela passagem para examinar outras portas. Eram iguais.

Voltando à primeira, Sonea lutou com sua relutância em abri-la. Imaginou-se entrando numa sala apenas para encontrar um mago assustado e bravo a encará-la.

Mas, se fizesse isso, podia sempre pedir desculpas e dizer que cometera um engano. Melhor ainda, podia bater na porta primeiro e, se alguém respondesse, dizer que batera na porta errada. Obviamente, os aprendizes estavam sempre se confundindo e se perdendo.

Ela bateu de leve, e depois um pouco mais alto. Após ter contado até cinquenta, girou a maçaneta. A porta se abriu com um clique e se abriu para dentro.

Ao entrar, ela se viu numa sala igual àquela que, ao que se lembrava, Dorrien

a tinha levado. Sentindo-se satisfeita consigo mesma, foi até a outra porta. Ela abriu para dentro da sala, revelando outra passagem.

Era diferente daquelas que ela já havia explorado. As paredes tinham painéis de madeira, além de pinturas e esculturas em relevo penduradas ao longo de todo seu comprimento. Até o ar cheirava diferente... uma mistura de óleo para polir madeira e ervas. Sonea vagueou lentamente de pintura para pintura, desfrutando a satisfação por seus instintos terem se provado corretos.

As salas-portais agiam como uma barreira, ela concluiu. Mantinham aqueles que não conheciam seu propósito fora daquelas passagens internas. A maioria das pessoas não abriria uma porta, a não ser que soubessem o que se encontrava depois dela, e, mesmo se o fizessem por engano, encontrariam uma sala desinteressante além dela. Ela se perguntou quantas salas-portais havia. Descobrir isso iria lhe dar algo para fazer nas próximas duas semanas.

Ela franziu a testa então. Se partes da Universidade eram projetadas para deter a exploração, estaria ela agora numa parte proibida para aprendizes?

Ouvindo um rangido baixinho próximo, ela se virou. Uma porta se abriu alguns passos mais à frente na passagem. Tarde demais para se esconder, ela sentiu o coração acelerar quando um mago saiu. Ele olhou para ela e franziu a testa.

“Faça como se você tivesse o direito de estar aqui!” Aprumando as costas, ela andou até ele como se tivesse parado para ver uma pintura. O olhar dele se quedou no incal na manga dela. Quando ela se aproximou, ele parou e fez uma reverência, e depois seguiu em frente.

Ouvindo o som de pegadas desaparecer atrás dela, suspirou com alívio. Pela reação a sua presença, aprendizes não tinham autorização para andar naquela parte da Universidade. Ainda assim ele aceitara sua presença depois de notar o incal na manga. Ela sorriu. Contanto que parecesse ter um motivo para estar lá, os magos a deixariam quieta.

“Então, para onde daqui?”, ela se perguntou. Desdobrando o pedaço de papel em sua mão, examinou o mapa de novo.

Capítulo 23

A Promessa de Akkarin

Ao retornar do convés, Dannyl encontrou Tayend em sua cabine, sentado de pernas cruzadas, sobre a cama estreita. Os desenhos e as anotações do acadêmico estavam espalhados sobre toda e qualquer superfície lisa disponível.

— Traduzi o que pude. Há uma expressão sobre o caixão que, desconfio, está repetida em várias línguas antigas. Vou poder verificar isso quando voltar para a biblioteca. A terceira linha está no idioma elyne primitivo, que se fundiu ao kyraliano há mil anos.

— O que ela diz?

— Que essa mulher era honrada e justa. Que ela protegia as ilhas com alta magia. As palavras correspondentes a “alta magia” foram entalhadas com maior profundidade. Há uma gravação igualmente destacada no que penso ser um antigo idioma vindo... que era o que estava gravado nas paredes. A mesma gravação aparece nas paredes em vários lugares.

Ao entregar o desenho a Dannyl, Tayend mostrou a gravação. Cada vez que as palavras para “alta magia” apareciam, a imagem acima delas representava alguém se ajoelhando diante de uma mulher. A mão da mulher estava estendida para tocar a palma da mão elevada do suplicante, como se estivesse acalmando ou recompensando.

— Isso poderia significar que ela está praticando a tal alta magia. O que acha que ela está fazendo?

Dannyl deu de ombros.

— Curando, talvez. O que faria sentido, já que, há mil anos, a Cura seria algo muito raro. Foi apenas mediante cooperação e experimentação que o Clã conseguiu desenvolver a habilidade... e ela ainda é a disciplina mais difícil de ser aprendida.

— Então o termo “alta magia” não é conhecido?

Dannyl balançou a cabeça.

— Não.

— Não me pareceu natural o buraco pelo qual olhamos. Deve ter sido feito por alguém. Acha que ele pode ter sido resultado de magia?

— É possível. — Dannyl sorriu. — Acho que o último visitante nos fez um favor.

— Sem dúvida. — O barco adernou abruptamente. Tayend recuou e adquiriu uma cor doentia.

— Você não vai passar esta viagem em agonia — disse Dannyl com firmeza. — Dê-me o seu pulso.

Os olhos de Tayend se esbugalharam.

— Mas... eu...

— Você não tem nenhuma desculpa agora.

Para a satisfação de Dannyl, Tayend enrubesceu e desviou o olhar.

— Ainda me sinto... desconfortável com... bem...

Dannyl fez um gesto com a mão.

— Este tipo de Cura é rápido. E não vou ler sua mente. Além disso, tem de encarar a verdade. Você não é boa companhia quando está mareado. Quando não está vomitando por toda a parte, fica reclamando de vomitar.

— Reclamando disso! — Tayend protestou. — Eu não reclamei! — Ele estendeu o pulso. — Vá em frente, então.

Tayend fechou os olhos com força. Com o pulso do acadêmico na mão,

Dannyl enviou seu pensamento e sentiu náusea e tontura imediatamente. Um pequeno esforço de vontade fez aquilo passar. Dannyl soltou o pulso de Tayend e observou o acadêmico abrindo os olhos e dando-se conta do efeito.

— Bem melhor. — Tayend lançou um olhar para Dannyl, deu de ombros e voltou-se para suas anotações. — Quanto tempo isso vai durar?

— Algumas horas. Mais ainda, conforme se acostumar com o balanço.

Tayend sorriu.

— Eu sabia que havia trazido você comigo por alguma razão. O que vamos fazer quando voltarmos?

Dannyl fez uma careta.

— Vou ter de gastar muito tempo colocando em dia meus compromissos de Embaixador.

— Bem, enquanto estiver fazendo isso, vou dar continuidade à nossa pesquisa. Sabemos para onde Akkarin viajou devido aos registros dos navios. Uma pergunta aqui e outra acolá vão nos dizer o que ele fez em seguida. Todo ano, a Bel Arralade promove uma festa para comemorar seu aniversário e este será o lugar perfeito para começar. Haverá um convite esperando por você na Casa do Clã.

— Como pode estar tão certo? Passei apenas uns poucos meses em Capia e ainda não conheci a Bel Arralade.

— O que faz com que eu tenha certeza de que será convidado. — Tayend sorriu. — Um jovem mago solteiro como você. Além disso, o Embaixador Errend sempre comparece. Mesmo que você não recebesse um convite, ele insistiria para que o acompanhasse.

— E você?

— Tenho amigos que me levarão se eu pedir com jeito.

— Por que não ir comigo?

— Se chegarmos juntos, farão suposições que você preferiria que não fossem

feitas.

— Estamos viajando juntos há meses — Dannyl observou. — Tais suposições já devem ter sido feitas.

— Não necessariamente. — Tayend gesticulou com a mão. — Não se as pessoas virem você me tratar como um mero subalterno. Podem presumir que nada sabe sobre mim. Afinal, você é um kyraliano. Se soubesse, teria arranjado outro assistente.

— Nós temos de fato uma péssima reputação, não é?

Tayend assentiu.

— Mas podemos usar isso a nosso favor. Se qualquer um falar alguma coisa de mim, você deverá ficar indignado por estarem me caluniando. Vou apelar para meus amigos para que não lhe falem nada, porque é importante para o meu trabalho. Se formos convincentes o suficiente, poderemos prosseguir o trabalho juntos sem que ninguém o questione.

Dannyl franziu o cenho. Odiava ter de admitir, mas Tayend estava certo. Embora preferisse dar de ombros e deixar o falatório rolar, quaisquer passos que pudessem dar para proteger a reputação dele facilitariam a vida de ambos.

— Muito bem. Vou bancar o mago kyraliano arrogante que esperam que eu seja. — Olhou para Tayend. — Mas quero que se lembre: se eu disser qualquer coisa mais dura ou fizer críticas, não será para valer.

Tayend concordou.

— Eu sei.

— Estou apenas alertando você. Minhas habilidades teatrais são bastante boas.

— Mesmo?

Dannyl deu uma risada.

— Sim, de verdade. As palavras do meu mentor o comprovam. Segundo ele, se eu podia convencer os Ladrões de que era um pobre mercador, eu enganaria qualquer um.

— Vamos ver — Tayend respondeu. — Vamos ver.

Lord Osen esperou pacientemente que Lorlen terminasse a carta. Com um abanar de mão, secou a tinta, dobrou a folha de papel e selou-a.

— O que mais? — perguntou, entregando a carta a Osen.

— Isso é tudo.

Lorlen ergueu o olhar, surpreso.

— Estamos acertados?

— Sim. — Osen sorriu.

Recostado na cadeira, Lorlen olhou para o assistente, com ar aprovador.

— Não lhe agradeci por ter cuidado de tudo para mim na semana passada.

Osen deu de ombros.

— Você precisava de um descanso. Em minha opinião, deveria ter feito uma parada mais longa. Talvez visitado a família por algumas semanas como qualquer um. Ainda parece desgastado.

— Agradeço a preocupação — respondeu Lorlen. — E deixá-los todos por conta de seus próprios truques por algumas semanas? — Ele balançou negativamente a cabeça. — Não seria boa ideia.

O jovem mago deu risada.

— Agora está começando a parecer você de novo. Vamos iniciar os preparativos para o próximo Encontro?

— Não. — Lorlen franziu as sobrancelhas, lembrando-se. — Vou falar com o Lorde Supremo esta noite.

— Perdoe-me por dizê-lo, mas não me parece especialmente entusiasmado — disse Osen, hesitante, e continuando num tom mais baixo. — Vocês tiveram algum desentendimento?

Lorlen observou o assistente. Osen raramente deixava passar alguma coisa, mas era discreto. Será que acreditaria numa negativa? Provavelmente não de forma completa.

— *Diga-lhe que tivemos. Algo de pouca importância.*

Lorlen aprumou-se ao ouvir a voz em sua mente. Akkarin não lhe falara através do anel desde a conversa fora do Salão da Noite havia mais de uma semana.

— Acho que se poderia dizer que sim — Lorlen respondeu lentamente. — De certa maneira.

Osen assentiu.

— Como eu pensei. Foi em relação à guarda de Sonea? É o que alguns magos acreditam ser.

— Eles acham mesmo? — Lorlen não pôde deixar de sorrir. Ele se tornara alvo de fofocas.

— *Fui bem?* — proferiu para o anel.

— *A resposta em que você está pensando vai funcionar.*

Com um leve pigarro, Lorlen dirigiu a Osen um olhar de advertência.

— Sei que posso confiar que você vá manter silêncio sobre isso, Osen. A especulação é válida, mas não quero que os outros saibam que eu e o Lorde Supremo nos desentendemos. Pelo bem de Sonea.

Osen anuiu com a cabeça.

— Compreendo. Vou manter segredo... e espero que vocês dois resolvam suas diferenças.

Lorlen levantou-se.

— Vai depender de como Sonea reagirá à mudança. É esperar demais dela depois de tudo pelo que já passou.

— Eu não gostaria de estar no lugar dela — Osen admitiu, acompanhando

Lorlen até a porta. — Mas tenho certeza de que ela vai saber encarar.

Lorlen concordou.

"Assim espero."

— Boa noite, Osen.

— Boa noite, Administrador.

Os passos do jovem mago ecoaram pelo corredor da Universidade quando ele saiu. Ao penetrar no Salão de Entrada, Lorlen sentiu uma nuvem de temor acercar-se dele. Passou por entre as enormes portas e parou no topo das escadas.

Olhando através da parte da frente dos jardins, ele pensou na Residência do Lorde Supremo. Não estivera ali desde a noite em que Akkarin tinha lido sua mente. A lembrança fez com que um calafrio lhe percorresse o corpo.

Inspirou profundamente e permitiu-se pensar em Sonea. Em nome da segurança dela, ele tinha de atravessar o jardim e encarar Akkarin novamente. O convite do Lorde Supremo não devia ser recusado.

Lorlen se forçou a prosseguir. Após alguns passos, andou mais depressa. Melhor acabar logo com aquilo. Parou à frente da porta da residência, com o coração acelerado e bateu. Como sempre, a porta se abriu ao primeiro toque. Vendo a sala vazia, Lorlen suspirou aliviado e entrou.

Com o canto do olho, percebeu um movimento. Uma sombra destacou-se do retângulo escuro da porta da escadaria da direita. A túnica negra de Akkarin farfalhou suavemente quando ele se aproximou.

Túnica negra. Magia negra. Ironicamente, o preto sempre fora a cor do Lorde Supremo. "Não precisava ter levado tão a pé da letra", pensou Lorlen.

Akkarin deu risada.

— Vinho?

Lorlen meneou a cabeça negativamente.

— Então, sente-se. Relaxe.

Relaxar? Como poderia relaxar? Sentia-se incomodado com aquela intimidade exagerada. Lorlen permaneceu de pé vendo Akkarin dirigir-se ao armário de vinhos e pegar uma garrafa.

— Como está Sonea?

Akkarin ergueu os ombros.

— Não sei. Nem mesmo estou certo do local onde se encontra. Em algum lugar na Universidade, creio eu.

— Ela não está aqui?

— Não. — Akkarin virou-se e gesticulou mostrando-lhe as cadeiras.

— Sente-se.

— Então, como é que você... não deu a ela um desses anéis?

— Não. — Akkarin tomou um gole de vinho. — Eu andei vendo onde ela estava de tempos em tempos. Sonea passou alguns dias explorando a Universidade e, agora que encontrou alguns cantos onde pode se esconder, preenche o tempo lendo livros. Histórias de aventuras, até onde sei.

Lorlen franziu o cenho. Estava feliz em ver que Akkarin não forçara Sonea a permanecer em seu aposento durante as férias, mas saber que ela se escondia pelos cantos da Universidade confirmava quão amedrontada e infeliz ela deveria estar.

— Tem certeza de que não quer mesmo o vinho? O Anuren escuro deste ano está muito bom.

Lorlen deu uma olhada na garrafa e, em seguida, meneou a cabeça. Num suspiro, dirigiu-se a uma cadeira e sentou.

— Assumir a guarda dela não foi tão penoso quanto eu temia — disse Akkarin calmamente, indo sentar-se em sua cadeira. — Torna tudo mais complicado, mas é melhor do que a alternativa.

Lorlen fechou os olhos e tentou não pensar que alternativa poderia ser. Inspirou profundamente e soltou a respiração bem devagar, forçando-se então a

fitar os olhos de Akkarin.

— Por que fez isso, Akkarin? Por que a magia negra?

Akkarin sustentou o olhar dele.

— Dentre todos, Lorlen, você é o único a quem eu gostaria de contar. Vi que isso mudou a forma como você me vê. Se tivesse achado ser possível me derrotar, teria enviado o Clã contra mim. Por que não perguntou o que eu estava fazendo da primeira vez que tomou conhecimento?

— Por não saber o que você faria.

— Depois de tantos anos de amizade, você não confiou em mim?

— Depois do que vi na mente de Sonea, percebi que não sabia nada sobre você.

Akkarin ergueu as sobrancelhas.

— É compreensível. É poderosa essa crença de que a magia negra é maléfica.

— É mesmo?

Akkarin franziu o cenho, o olhar distante, voltado para o chão.

— Sim.

— Então, por que praticá-la? — perguntou Lorlen. Ele ergueu a mão que trazia o anel. — Por que isto?

— Não posso dizer a você. Pode estar certo de que não estou pretendendo tomar o Clã.

— Não precisa fazê-lo. Você já é o Lorde Supremo.

Akkarin torceu o canto da boca para cima.

— Eu sou, não sou? Então tenha a certeza de que não estou a fim de destruir o Clã nem outra coisa qualquer que lhe seja cara.

Pousando a taça, levantou-se e foi até o aparador. Encheu outra taça e estendeu-a a Lorlen.

— Um dia ainda vou lhe contar, Lorlen. Eu lhe prometo.

Lorlen fitou Akkarin. Os olhos escuros estavam fixos. Lorlen aceitou com relutância a taça e a restauração da confiança.

— Vou cobrar a promessa.

Akkarin abriu a boca para responder, mas parou ao ouvir uma batida fraca que vinha da porta. Estreitou os olhos.

A porta se abriu. O brilho do globo de luz de Akkarin mal chegava aos olhos de Sonea quando ela entrou na sala, curvando-se.

— Boa noite, Sonea — disse Akkarin suavemente.

Ela os saudou.

— Boa noite, Lorde Supremo, Administrador — respondeu em voz baixa.

— O que fez hoje?

Sonea olhou para os livros que trazia contra o peito.

— Um pouco de leitura.

— Com as bibliotecas fechadas, você deve ter pouca escolha. Há livros que gostaria de comprar?

— Não, Lorde Supremo.

— Podemos arranjar outros tipos de diversão se desejar.

— Não, obrigada, Lorde Supremo.

Uma das sobrancelhas de Akkarin se ergueu e, em seguida, ele acenou com a mão.

— Pode ir.

Parecendo aliviada, encaminhou-se rapidamente para a escadaria da esquerda. Lorlen sentiu uma pontada de culpa e de pena ao vê-la ir embora.

— Ela deve estar péssima — murmurou ele.

— Hummm. A reticência dela é irritante — disse Akkarin baixinho como se

falando consigo mesmo. Voltando à cadeira, pegou de novo a taça de vinho.

— E, então, diga-me, Peakin e Davin já resolveram sua rixazinha?

Encostado à janela, Rothen fitava o pequeno quadrado de luz do outro lado dos jardins. Ele havia notado a frágil silhueta se aproximar da residência alguns minutos antes. Momentos depois, a luz havia aparecido. Agora ele tinha certeza de que o aposento atrás daquela janela era o de Sonea.

Uma leve batida à porta desviou-lhe a atenção. Tania entrou, trazendo uma jarra de água e um pequeno pote, colocando-os sobre a mesa.

— Lady Indria disse que deve evitar tomar isto com o estômago vazio — falou Tania.

— Eu sei — respondeu Rothen. — Já o usei antes. — Ele se afastou da janela e pegou o pote. O soporífero era de um cinza inofensivo, mas ele jamais esquecera o gosto terrível que tinha.

— Obrigado, Tania. Pode ir.

— Durma bem — disse ela. Curvando-se, dirigiu-se à porta.

— Espere. — Rothen aprumou-se e olhou atentamente para a criada. — Você poderia... será que pode...?

Ela sorriu.

— Eu lhe direi se souber de alguma coisa.

Ele aquiesceu.

— Obrigado.

Depois que Tania saiu, ele se sentou e misturou parte do pó na água. Forçando-se a engolir de uma só vez, Rothen reclinou-se e esperou pelo efeito do remédio. O gosto recuperou a lembrança de um rosto que ele, às vezes, pensava já ter esquecido. Sentiu um golpe de dor.

“Yilara, minha mulher. Mesmo depois de todo esse tempo eu choro por você. No entanto, acho que jamais me perdoaria se deixasse de fazê-lo.”

Ele decidira sempre se lembrar da mulher conforme ela era, ainda com saúde, e não como ela ficara no final, definhando com a doença. Sorriu à medida que lembranças mais felizes lhe ocorreram.

Ainda sorrindo, ainda em sua cadeira, mergulhou num sono tranquilo.

Capítulo 24

Um Pedido

Ao deixar os Banhos, Sonea pensou nas últimas duas semanas e ficou surpresa de sentir um pouco de tristeza ao ver que as férias haviam acabado. Ela passara a maior parte do tempo explorando a Universidade, lendo ou, em dias mais quentes, andando pela floresta até a nascente.

De certa maneira, pouco havia mudado. Ela ainda planejava seus movimentos pelo Clã para evitar alguém. Akkarin era bem mais fácil de evitar do que Regin, no entanto. O único momento em que ela o via era à noite, quando voltava à Residência do Lorde Supremo.

Uma criada fora designada para ela. Ao contrário de Tania, Viola era distante e profissional. Tendo notado o hábito de Sonea de se levantar cedo, sempre aparecia logo depois do nascer do sol. Haviam sido necessários vários pedidos até que a mulher lhe trouxesse um pote de pó de raka, e a expressão dela, quando o aroma encheu o quarto de Sonea, demonstrou de forma clara sua aversão pelo estimulante tão amado pelos habitantes da favela.

Toda manhã, Sonea deixava a Residência do Lorde Supremo e se dirigia para os Banhos, onde se cobria de água quente e decidia como ocupar o dia. O relaxamento permitia que a fome finalmente chegasse até ela, e ela ia ao Refeitório em seguida. Um punhado de cozinheiros e servos atendia os aprendizes que haviam permanecido no Clã. Entediados e ansiosos por cultivar oportunidades para cargos futuros servindo as Casas, eles encorajavam os aprendizes a pedir suas refeições favoritas. Embora Sonea não tivesse altas ligações, os jovens cozinheiros a mimavam também, sem dúvida por causa do incal na sua manga.

Depois de comer, Sonea andava pelas passagens da Universidade para reforçar sua lembrança da planta do prédio. De tempos em tempos, parava numa sala silenciosa e abria um livro, algumas vezes lendo por horas antes de resolver continuar andando. Quando a noite chegava, no entanto, seu temor lentamente retornava até que ela não pudesse mais se concentrar na leitura. Não haviam determinado uma hora para ela voltar. Embora estivesse tentando chegar à residência cada vez mais tarde, Akkarin estava sempre lá, esperando por ela. Depois de uma semana, ela se conformou com esse encontro diário, e começou a voltar numa hora que lhe permitia ter uma boa noite de sono.

Bem quando ela estava começando a ficar acostumada com sua nova rotina, as férias acabaram. Havia passado a maior parte da tarde anterior numa janela da Universidade, observando carruagens chegarem e partirem. Na maioria dos dias, quando o Clã estava cheio de magos, era fácil esquecer que esposas, maridos e crianças também viviam na área. Sonea percebera que havia poucos de quem sabia o nome. Concluindo que devia saber mais sobre seus futuros colegas, começou a anotar os grupos de famílias, e os incals das Casas das carruagens que chegavam.

Houvera uma falta de formalidade nesse retorno. Enquanto os criados se ocupavam carregando bagagens e cuidando de cavalos, magos e cônjuges paravam para conversar com outros. Crianças corriam pelos jardins para brincar na neve. Aprendizes se juntaram em grupos de túnicas marrons, sendo que seus gritos e risos podiam ser ouvidos das janelas da Universidade.

Mas hoje os magos andavam apressados pelos arredores, claramente mestres de seu domínio. Os criados se dirigiam para vários lugares, mas as famílias que ela havia observado não eram vistas em lugar algum. Havia aprendizes por toda parte.

Andando em direção à Universidade, Sonea sentiu um desconforto familiar. Embora tivesse certeza de que Regin não ousaria molestar a favorita do Lorde Supremo, ela havia criado uma barreira ao seu redor só para se garantir. Chegando até as escadas, percebeu que o aprendiz na frente dela estava tiritando e esfregando os braços. Um recém-chegado, pensou. Lorde Vorel havia afirmado

que os aprendizes da turma de inverno sempre aprendiam a usar escudos mais rápido do que os que começavam a treinar no verão. Agora ela entendia o motivo.

— É ela.

— Quem?

Os sussurros vieram de trás dela. Ela resistiu à vontade de olhar para trás enquanto continuava a subir as escadas.

— A favelada.

— Então, é verdade?

— Sim. Minha mãe diz que não está certo. Ela diz que há vários aprendizes tão fortes quanto ela. E que não têm um histórico ruim.

— Meu pai diz que é um insulto para as Casas... e mesmo o Administrador não...

O resto se perdeu quando Sonea virou no corredor do segundo andar. Parando, ela examinou os aprendizes no corredor à frente e então começou a andar. Ao contrário da primeira ocasião em que aparecera como aprendiz de Akkarin, eles não a encararam. Em vez disso, olharam uma vez, fizeram uma careta e então desviaram o olhar. Sobrancelhas se levantaram e olhares cheios de significado foram trocados.

“Isso não é bom”, ela pensou.

Quando se aproximou da sala de aula, ela sentiu seu temor aumentar. Parou na porta para respirar fundo e então entrou. O professor que olhou para ela era surpreendentemente jovem. Não poderia fazer muitos anos que se formara. Olhou para seu cronograma de horários em busca do nome dele.

— Lorde Larkin — ela disse, fazendo uma reverência.

Para seu alívio, ele sorriu.

— Escolha um lugar, Sonea.

Apenas metade dos outros aprendizes havia chegado. Alguns a observaram

quando ela caminhou para seu lugar de costume próximo da janela. Suas expressões não eram amigáveis, mas também não eram desaprovadoras. O sentimento de temor diminuiu.

Larkin se levantou. Vendo que ele ia se aproximar de sua mesa, ela suspirou. Sem dúvida, queria que ela fosse para um lugar mais na frente.

— O Lorde Supremo me pediu para dizer que deseja vê-la depois da próxima aula — falou baixinho. — Você deve retornar à residência dele.

Sonea sentiu todo o calor deixar seu rosto. Imaginando que devia ter ficado pálida, abaixou o olhar para a carteira, esperando que ele não tivesse notado.

— Obrigada, meu lorde.

Larkin se virou e voltou para sua mesa. Sonea engoliu forte em seco. O que Akkarin queria? Cenários aterrorizantes vieram-lhe à mente e ela pulou de susto quando Larkin se levantou e começou a falar com a sala. Olhando ao redor, percebeu que o resto dos aprendizes havia chegado.

— A história da arquitetura projetada por magos é longa — Larkin disse à classe. — Partes dela são insuportavelmente cansativas, mas vou pular tantas dessas quanto possível. Em vez disso, começarei com a história de Lorde Loren, o arquiteto que projetou a Universidade.

Pensando no mapa que havia desenhado das passagens da Universidade, Sonea se aprumou no assento. Aquilo seria interessante. Pegando folhas de papel de sua mesa, Larkin andou pelas fileiras de carteiras, entregando uma para cada aprendiz.

— Essa é uma planta aproximada do nível superior da Universidade... uma cópia de um desenho feito pelo próprio homem — Larkin disse. — O trabalho inicial de Lorde Loren era com frequência instável e de aparência ridícula. Ele era considerado um artista obcecado em fazer esculturas grandes e nada práticas, em vez de prédios habitáveis, mas sua descoberta de métodos de moldar e fortalecer pedra com magia mudou mais do que a arquitetura. Ele começou a fazer prédios onde as pessoas queriam morar.

Larkin apontou com uma das mãos para o teto.

— A Universidade é um dos seus melhores trabalhos. Quando pediram a Lorde Loren para projetar e construir os novos prédios do Clã, ele era famoso no mundo todo por seu trabalho. — Larkin fez uma pausa para rir. — O Clã ainda achou necessário estipular nas instruções que ele não usasse espirais no projeto... algo em que, todos sabiam, ele gostava de se exceder.

— No entanto, o uso de espirais pode ser encontrado no teto de vidro acima do Salão do Clã e nas escadarias do Salão da Entrada. — Larkin continuou. — Pelos diários e registros mantidos por outros magos dessa época, sabemos que Lorde Loren era uma figura sorrateira na maior parte das vezes. Cerca de cem anos mais tarde, um mago chamado Lorde Rendo escreveu um livro detalhando a carreira do arquiteto. Eu adicionei ao plano alguns trechos dessa biografia e uma cronologia de sua vida e obra. Leiam-nos agora. Depois da aula, vocês podem dar uma olhada nos prédios que ele projetou. Como aconteceu comigo, vocês vão ver muita coisa que não haviam percebido antes. Vou querer um ensaio sobre sua obra para daqui a três semanas.

Conforme outros aprendizes começaram a ler, Sonea olhou para a planta da Universidade. As quatro torres nas pontas e a enorme sala no centro estavam desenhadas de forma clara, bem como a planta do teto de vidro, mas as salas e passagens em ambos os lados do corredor principal não estavam marcadas.

Ela tirou seu mapa da caixa e o colocou do lado da planta. Depois de observar ambos, começou a copiar a planta do teto no seu desenho. Como ela suspeitava, as linhas que marcavam as espirais no vidro combinavam com as que mostravam as passagens. Embora as passagens se virassem em ângulos retos, elas combinavam com o desenho do teto para formar espirais ainda maiores.

— O que está fazendo, Sonea?

Percebendo que o professor estava parado em frente a sua carteira, sentiu o rosto esquentar.

— Eu... eu pensei no que o senhor falou sobre espirais, meu lorde — ela explicou —, e comecei a procurar por elas.

Larkin inclinou a cabeça e observou o desenho dela, então apontou as

passagens internas que ela havia marcado.

— Examinei a planta da Universidade muitas vezes, mas nunca vi tantas dessas. Onde conseguiu essa planta?

— Eu, ah, eu fiz. Não tinha muito o que fazer durante as férias. Espero que não estivesse andando em nenhum lugar que não deveria.

Ele balançou a cabeça em negativo.

— Os únicos lugares da Universidade que são proibidos para aprendizes são o Salão do Clã e o escritório do Administrador.

— Mas... essas salas entre as passagens normais e as passagens decoradas. Elas pareciam ser um tipo de barreira.

Larkin concordou com a cabeça.

— No passado, eram trancadas, mas, conforme mais espaço se tornou necessário, decidiu-se que as áreas internas deveriam ser acessíveis a todos.

Sonea pensou no olhar desaprovador que havia recebido do mago que encontrara na primeira noite de exploração. Talvez ele tivesse meramente suspeitado de uma aprendiz que vagueava sozinha. Talvez simplesmente não confiasse na garota favelada.

— Você se importa se eu fizer uma cópia da sua planta? — Larkin perguntou.

— Eu desenho uma para o senhor, se quiser — ela ofereceu.

Ele sorriu.

— Obrigado, Sonea.

Quando ele se afastou, Sonea o observou de maneira pensativa.

No jeito dele de agir não parecia haver nada da desaprovação ou do desdém que ela estava acostumada a ver em outros professores. Será que agora só os aprendizes tinham ressentimento em relação a ela? Olhou ao redor da sala e viu vários rostos se desviarem, mas um a mirou nos olhos.

Os olhos de Regin penetraram fundo nos dela. Desviando o olhar, Sonea

tremeu. Como ela tinha conquistado tamanha raiva exposta?

Toda vez que ela tinha ido bem na aula, ele tinha conseguido igualá-la ou superá-la. Ele era melhor em Artes Guerreiras. Se tudo isso era porque ele queria ser melhor que ela, ele estava ganhando.

Mas agora ela havia sido bem-sucedida de uma maneira que ele não poderia igualar. Ela havia se tornado a favorita do Lorde Supremo. E ele não podia fazer nada, sob pena de piorar as coisas para ele.

Ela suspirou.

“Ele não teria tanta inveja se soubesse o que realmente estava acontecendo. Eu trocaria de lugar com ele a qualquer hora. Ele ficaria assustado para valer...”

Ficaria mesmo? Será que Regin, que adorava ter poder e influência e estava disposto a machucar outros para conseguir, seria capaz de resistir à atração da magia negra? Não, ele provavelmente ia querer se juntar a Akkarin. Ela tremeu. Regin como um mago negro... A ideia era verdadeiramente assustadora.

Quando Dannyl entrou na Casa do Clã, o Embaixador Errend apareceu vindo da sala de audiências.

— Bem-vindo de volta, Embaixador Dannyl.

— Obrigado, Embaixador Errend — Dannyl respondeu, inclinando a cabeça educadamente. — É bom estar de volta. Se alguma vez entrar na minha cabeça a ideia de velejar pelo mundo de novo, por favor me lembre das duas últimas semanas.

O Embaixador sorriu.

— Ah, a viagem por mar de fato perde seu romantismo depois das primeiras vezes.

Dannyl fez uma careta.

— Em especial se você encontrar uma tempestade.

Embora o rosto de Errend não mudasse muito, Dannyl tinha certeza que vira

uma pitada de satisfação na expressão do homem.

— Bem, você está em terra firme agora — ele disse. — Sem dúvida, vai querer descansar pelo resto do dia. Poderá me contar sobre suas aventuras hoje à noite.

— Perdi muita coisa?

— É claro — Errend disse. — Estamos em Capia. — Deu um passo de volta em direção à sala de audiências e então parou. — Algumas cartas urgentes chegaram para você dois dias atrás. Quer lê-las agora ou esperar até amanhã?

Dannyl fez que sim com a cabeça, curioso apesar do cansaço.

— Mande-as para meu quarto. Obrigado, Embaixador.

O homenzarrão inclinou sua cabeça afirmativamente de maneira graciosa e então se afastou. Andando pelo corredor principal da casa, Dannyl considerou o trabalho a sua frente. Ele achava que ia ter muitas tarefas acumuladas, e também precisava redigir um relatório para Lorlen. Não seria fácil encontrar tempo para visitar a Grande Biblioteca.

Mas sua pesquisa iria continuar por outros meios também. O convite para a festa de Bel Arralade provavelmente estaria entre as cartas que o aguardavam. Ele tinha que admitir, estava ansioso por ele. Fazia tempo que não exercitava suas habilidades de descobrir fofocas.

Quando voltou dos pequenos Banhos dentro da Casa do Clã, encontrou uma pilha de cartas sobre sua mesa. Sentando-se, espalhou-as e imediatamente reconheceu a caligrafia elegante do Administrador Lorlen.

Quebrando o lacre, desdobrou o grosso papel e começou a ler.

“Para o Segundo Embaixador do Clã em Elyne, Dannyl, da família Vorin, Casa Tellen.

Foi trazido a minha atenção recentemente que algumas pessoas acreditam que você passa menos tempo cumprindo as obrigações de Embaixador do que em

suas pesquisas “pessoais”. Você tem minha gratidão pelo tempo e dedicação que devotou a meu pedido. O trabalho que realizou foi de valor inestimável. No entanto, para evitar que perguntas adicionais surjam, devo pedir que cesse sua pesquisa. Relatórios adicionais não serão necessários.

Administrador Lorlen.”

Deixando a carta cair sobre a mesa, Dannyl a encarou, atônito. Todas aquelas viagens e estudos de livros, e agora tudo estava sendo abandonado por causa de umas poucas fofocas? Obviamente, a pesquisa não era tão importante, no final das contas.

Então, sorriu. Tinha apenas presumido que havia um bom motivo para reviver a busca de Akkarin por conhecimento mágico antigo. Quando sua própria curiosidade diminuíra diante da leitura de alguns velhos livros especialmente entediantes e frente ao desconforto da viagem marítima, seu entusiasmo havia se mantido pela ideia de que poderia existir um motivo mais significativo para coletar essas informações do que apenas continuar a pesquisa de Akkarin. Talvez Akkarin estivesse prestes a redescobrir um método valioso de usar magia e Lorlen quisesse que outro assumisse a busca. Talvez um pedaço perdido de história estivesse para ser encontrado.

Mas Lorlen havia, em apenas algumas linhas rabiscadas, colocado um fim a uma pesquisa, como se no final ela não significasse nada.

Balançando a cabeça, Dannyl dobrou a carta e a colocou de volta. Tayend ficaria desapontado, ele pensou. Eles não tinham nenhum motivo para ir à festa de Bel Arralade agora. Não que isso fosse impedir ambos de irem... e ele ainda visitaria seu amigo na biblioteca. Sem o pedido de Lorlen como desculpa, teria de encontrar outro motivo “público” para falar com o acadêmico... talvez alguma outra coisa para pesquisar...

Dannyl se aquietou. Era Tayend o motivo pelo qual Lorlen parara a pesquisa? Havia Lorlen ouvido as fofocas sobre Tayend e ficado preocupado de que perguntas sobre a reputação de Dannyl pudessem ressurgir?

Dannyl fechou o rosto para as cartas. Como poderia saber se essa era a razão verdadeira? E não poderia perguntar a Lorlen.

Outro símbolo do Clã entre as cartas chamou-lhe a atenção. Pegando a carta, sorriu quando reconheceu a letra firme de Rothen. Aprumando-se, rompeu o lacre e começou a ler.

"Para o Embaixador Dannyl.

Não estou certo de quando você vai ler esta, pois fiquei sabendo que está visitando outras terras. Sem dúvida, você está se familiarizando com as pessoas com quem pode precisar trabalhar no futuro. Se eu tivesse percebido que as obrigações de um Embaixador incluíam viajar pelo mundo, talvez tivesse deixado de lado dar aulas anos atrás. Tenho certeza de que terá muitas histórias para me contar da próxima vez que nos visitar.

Eu tenho notícias, mas você pode já ter ficado sabendo delas. Não sou mais o guardião de Sonea. Ela foi escolhida pelo Lorde Supremo. Embora outros acreditem que esse é um acontecimento muito afortunado para Sonea, não estou satisfeito. Tenho certeza que você vai entender por quê. Junto com a perda de sua companhia, fiquei com a sensação de ter deixado um trabalho inacabado.

Então, por sugestão de Yaldin, adotei um novo interesse para substituir o antigo. Você, sem dúvida, vai achar graça ao saber. Decidi compilar um livro sobre práticas mágicas antigas. É uma tarefa que Akkarin começou dez anos atrás, e estou determinado a completá-la.

Pelo que me lembro, Akkarin começou sua busca na Grande Biblioteca. Como você está morando próximo dela, achei que poderia visitá-la para mim. Se não tiver tempo, há alguém que você tenha conhecido a quem possa confiar tal tarefa? Ele precisaria ser discreto, já que não quero dar ao Lorde Supremo a impressão de que estou investigando seu passado! Seria, no entanto, gratificante ser bem-sucedido onde ele falhou. Sei que você vai apreciar a ironia.

Seu em amizade,

Lorde Rothen.

P.S.: Dorrien esteve entre nós por algumas semanas. Pediu para que lhe enviasse parabéns e votos de sucesso.”

Dannyl leu a carta duas vezes e então riu. Ele nunca tinha visto Rothen falhar em realizar algo que havia decidido fazer. Na maior parte das vezes, esses “interesses” eram os aprendizes de quem ele assumia a guarda. Perder Sonea para o Lorde Supremo devia ter doído.

No entanto, o fato de o Lorde Supremo a ter escolhido não era nenhum fracasso. Sem o trabalho duro de Rothen contribuindo para seu sucesso, Sonea não teria despertado a atenção de Akkarin. Dannyl balançou a cabeça afirmativamente. Ele devia se lembrar de dizer isso na resposta.

Lentamente, examinou a carta de novo, enquanto relia o pedido de ajuda de Rothen. Ele apreciava a ironia, mas achava ainda mais graça de que Rothen pedisse a mesma informação pela qual Lorlen havia acabado de decidir que não estava mais interessado. Que coincidência incrível.

Dannyl pegou a carta de Lorlen e a desdobrou. Olhando de uma carta para a outra, sentiu a pele formigar na base da nuca. *Era* uma coincidência? Observou as duas cartas por um tempo, notando as marcas apressadas de Lorlen e as letras cuidadosamente traçadas de Rothen. O que estava acontecendo ali?

Se deixasse toda especulação de lado, apenas três certezas permaneciam. Primeiro, Lorlen quisera saber o que Akkarin havia aprendido em sua jornada, mas agora não queria mais. Segundo, Rothen agora queria a mesma informação que Akkarin buscara. Terceiro, tanto Lorlen quanto Rothen queriam que a busca permanecesse em segredo e Akkarin nunca tornara públicas suas descobertas.

Havia um mistério ali. Mesmo que Rothen não tivesse pedido sua ajuda, Dannyl poderia ter ficado curioso o suficiente para continuar a busca por seu próprio interesse. Agora, ele estava determinado a fazer isso. Afinal, não tinha

passado várias semanas no mar só para abandonar tudo.

Sorrindo para si mesmo, dobrou as cartas e colocou-as junto com suas anotações sobre a jornada de Akkarin.

A cada passo da Universidade até a Residência do Lorde Supremo, o nó no estômago de Sonea apertava. Quando ela chegou à porta, seu coração estava disparado. Deteve-se, respirou fundo e encostou a mão na maçaneta.

Como sempre, a porta se abriu no primeiro toque. Ela sentiu a boca secar enquanto olhava para a sala de visitas. Akkarin estava sentado numa das cadeiras, esperando por ela.

— Entre, Sonea.

Engolindo em seco, ela se forçou a entrar e fazer uma reverência, mantendo os olhos no chão. A túnica dele farfalhou baixinho quando ele levantou da cadeira. O coração de Sonea acelerou ainda mais quando ele caminhou em sua direção. Ela deu um passo para trás e sentiu o calcanhar bater contra a porta atrás dela.

— Mandei que uma refeição fosse preparada para nós.

Ela mal o ouviu, consciente apenas da mão que vinha em sua direção. Seus dedos se enrolaram ao redor da alça de sua caixa. Com esse toque, ela jogou a mão para trás, entregando a caixa. Ele a colocou numa mesa baixa.

— Siga-me.

Quando ele se virou, ela inspirou fundo e soltou o ar devagar. Seguiu e então parou ao perceber que ele estava se dirigindo para as escadas que levavam à sala subterrânea. Como se sentisse sua hesitação, ele se virou para olhá-la.

— Ande. Takan não vai ficar feliz se a comida esfriar.

Comida. Uma refeição. Com certeza, ele não comia lá embaixo. Ela suspirou de alívio quando ele começou a subir as escadas. Forçando-se a se mover, colocou o pé na escadaria e o seguiu.

Depois de chegar ao corredor, Akkarin passou por duas portas antes de parar

numa terceira. A porta se abriu e, dando um passo para o lado, ele gesticulou para que ela entrasse.

Olhando para a sala à frente, Sonea viu uma grande mesa polida rodeada de cadeiras profusamente decoradas. Pratos, facas e copos haviam sido colocados sobre ela.

Uma refeição formal. Por quê?

— Vá em frente — ele murmurou.

Ela olhou para ele, percebendo um ar de divertimento em seus olhos antes de parar junto à porta. Ele a seguiu e apontou para uma cadeira.

— Por favor, sente-se. — Movendo-se ao redor da mesa, ele se instalou na cadeira oposta.

Obedecendo, ela se perguntou como iria comer. Seu apetite havia sumido depois da mensagem de Lorde Larkin. Talvez ela pudesse dizer que não estava com fome. Talvez ele a deixasse partir.

Olhou para a mesa e conteve a respiração. Tudo que estava à sua frente era feito de ouro: os talheres, os pratos e até as bordas dos copos eram revestidos com ele. Um quase esquecido tremor de tentação a percorreu. Seria tão fácil enfiar um daqueles garfos na roupa quando ele não estivesse olhando. Embora ela não fosse mais tão mão-leve quanto já fora antes, ela havia se testado de vez em quando pregando peças em Rothen. Só um desses lindos garfos poderia render uma fortuna... ou, ao menos, o suficiente para ela viver até encontrar algum lugar remoto para desaparecer.

“Mas eu não posso partir.” Frustrada, ela se perguntou se valeria a pena roubar algo só para irritá-lo.

Tomou um susto quando percebeu que o criado de Akkarin estava parado ao lado dela. Perturbada por não tê-lo ouvido se aproximando, ela observou quando ele despejou vinho em sua taça e então foi até o outro lado da mesa realizar o mesmo serviço para Akkarin.

Como saía do quarto cedo e voltava tarde, ela vislumbrara o criado só algumas

vezes. Agora, olhando de perto, tremeu ao perceber que o havia visto antes, na sala subterrânea, ajudando Akkarin a realizar o ritual de magia negra.

— Como foram suas aulas hoje, Sonea?

Assustada, ela encarou Akkarin e logo em seguida desviou o olhar.

— Interessantes, Lorde Supremo.

— O que aprendeu?

— Sobre arquitetura projetada por magos. Os projetos de Lorde Loren.

— Ah, Lorde Loren. Sua investigação das passagens da Universidade deve tê-la familiarizado com algumas de suas peculiaridades.

Ela manteve os olhos abaixados. Então ele sabia sobre sua exploração da Universidade. Ele a havia observado? Seguido? Apesar das garantias de Lorde Larkin de que ela não tinha andado por nenhum lugar proibido para aprendizes, sentiu seu rosto se aquecer. Pegando a taça, ela provou o vinho. Era doce e forte.

— Como estão indo as aulas com Lorde Yikmo?

Ela estremeceu. O que deveria dizer? Desapontador? Horrível? Humilhante?

— Você não gosta de Artes Guerreiras.

Era uma afirmação. Ela decidiu que não precisava responder. Em vez disso, tomou outro gole de vinho.

— As Artes Guerreiras são importantes. Elas usam tudo que você aprende nas outras disciplinas e então desafiam seu entendimento delas. Apenas na batalha você encontra os limites da sua força, conhecimento e Controle. É uma pena que Rothen tenha sido negligente em conseguir um treinamento extra na primeira vez que você mostrou um ponto fraco nessa parte da sua educação.

Sonea sentiu uma pontada de mágoa e raiva com a crítica a Rothen.

— Acho que ele não viu necessidade — ela respondeu. — Não estamos em guerra, ou sob o risco de nos envolvermos numa.

Um dos longos dedos de Akkarin bateu na base da taça.

— Você acha que é sábio jogar fora todo o conhecimento de guerra durante os tempos de paz?

Sonea balançou negativamente a cabeça, desejando subitamente não ter expressado uma opinião.

— Não.

— Então, não devemos preservar o conhecimento e nos mantermos experientes em seu uso?

— Sim, mas... — Ela parou. “Por que estou discutindo com ele?”

— Mas... — ele incitou.

— Não é preciso que todo mago faça isso.

— Não?

Ela xingou em silêncio. Por que ele estava se dando ao trabalho de discutir isso com ela? Ele não se importava se ela era boa em Artes Guerreiras. Só queria mantê-la ocupada e fora do caminho.

— Talvez Rothen tenha negligenciado essa parte do seu treinamento porque você é uma mulher.

Ela deu de ombros.

— Talvez.

— Talvez ele esteja certo. Nos últimos cinco anos, as poucas mulheres que pensaram em se tornar Guerreiras foram persuadidas a mudar de opinião. Você acha isso justo?

Ela franziu a testa diante da pergunta. Ele sabia que ela não queria se juntar aos Guerreiros, então devia estar perguntando isso a fim de enredá-la na conversa. Se ela cooperasse, isso a levaria a um território perigoso? Ela deveria se recusar a conversar com ele.

Antes que pudesse decidir se deveria responder ou não, a porta atrás de Akkarin se abriu e Takan entrou carregando uma grande bandeja. Um cheiro delicioso o seguiu até a mesa. O criado colocou tigelas e pratos numa linha entre

ela e Akkarin, depois pôs a bandeja embaixo do braço e começou a descrever cada prato.

O estômago de Sonea se contorceu de fome. A cada cheiro agradável, os nós no seu estômago se desfaziam.

— Obrigado, Takan — Akkarin murmurou quando o criado terminou. Takan fez uma reverência. Quando ele partiu, Akkarin pegou uma concha de servir e começou a pegar um pouco de cada prato.

Por causa de algumas refeições formais com Rothen, Sonea sabia que essa era a maneira tradicional pela qual as Casas kyralianas entretinham os convidados. Na favela, a comida era cozida com pouco preparo, e os únicos utensílios eram as facas que cada pessoa carregava. A tradição kyraliana única de servir comida em pedaços pequenos e do tamanho de uma bocada exigia mais preparo e, quanto mais formal a refeição, mais elaborada a comida e os utensílios para comê-la.

Felizmente, Rothen a havia feito memorizar o propósito de todos os diferentes garfos, conchas, pinças ou espetos. Se Akkarin achava que ia humilhá-la chamando a atenção para sua falta de criação “correta”, ele ia ficar desapontado.

Ela se serviu dos pratos, primeiro colocando alguns pedaços de rasook enroladas em folhas de brasi. Depois de espetar um pedaço com o garfo e colocá-lo entre os dentes, ela percebeu que Akkarin havia parado para observá-la.

Um sabor delicioso encheu sua boca. Surpresa, ela comeu outra. Logo seu prato se esvaziou e ela passou a olhar o próximo prato.

Conforme provava de todos os pratos, ela ia se esquecendo de todo o resto. Filetes de peixe tinham sido servidos num forte molho de marin vermelho. Embrulhos misteriosos estavam cheios de ervas e picadinho de harrel. Crots roxos enormes, grãos que ela sempre odiara, estavam cobertos por um miolo de pão salgado que os tornava irresistíveis.

Ela nunca havia provado uma comida tão deliciosa. As refeições na Universidade sempre tinham sido boas, e ela ouvira os outros aprendizes

reclamarem sem acreditar. Essa refeição, no entanto, explicava por que eles achavam que o Refeitório deixava a desejar.

Com o retorno de Takan, ela levantou os olhos e descobriu Akkarin observando-a, o queixo descansando em uma das mãos. Desviando o olhar, ela observou Takan juntar os pratos e tigelas vazios e então levá-los embora.

— O que achou da comida?

Sonea balançou a cabeça afirmativamente.

— Boa.

— Takan é um excelente cozinheiro.

— Ele fez tudo isso sozinho? — Ela não conseguiu esconder a surpresa na voz.

— Sim, embora tenha um assistente para mexer as panelas para ele.

Takan voltou com duas tigelas, que colocou na frente deles. Olhando para baixo, Sonea sentiu a boca aguar. Arcos pálidos de fruta pachi brilhavam num melaço grosso. O primeiro bocado revelou que a doçura era intensificada por um forte sabor alcoólico. Ela comeu devagar, saboreando cada bocado. “Refeições como essa podem fazer valer a pena ter que aguentar a companhia dele”, ela pensou.

— Quero que você jante aqui toda noite de Primeiro Dia.

Sonea congelou. Ele tinha lido sua mente? Ou era sua intenção desde sempre?

— Mas eu tenho aulas à noite — ela protestou.

— Takan está ciente do tempo reservado para a refeição da noite. Você não vai perder as aulas.

Ela olhou para a tigela vazia.

— Mas você *vai* perder sua aula hoje, se eu a mantiver aqui por mais tempo — ele acrescentou. — Pode ir, Sonea.

Aliviada, ela praticamente pulou da cadeira e então colocou a mão na mesa

para se firmar quando a cabeça começou a girar. Ainda um pouco tonta, fez uma reverência e então se dirigiu à porta.

Parando no corredor para recuperar o equilíbrio, ouviu um murmúrio vindo da sala atrás dela.

— Menos vinho da próxima vez, Takan.

— Foi a sobremesa, mestre.

Capítulo 25

Aparecendo em Lugares Estranhos

Sonea suspirou ao avistar Narron e Trassia que se dirigiam para a próxima aula. Por um momento, desejou juntar-se a eles, mas agora apenas metade do seu horário coincidia com o deles. Seu destino pela manhã era uma pequena sala situada bem no interior das passagens da Universidade, onde Lorde Yikmo a aguardava para lhe dar mais uma aula de Artes Guerreiras.

Sonea saiu do corredor principal e virou em uma passagem lateral. Andava lentamente e sentiu um desânimo se abater sobre ela. A Arena estava ocupada durante todo o dia com as aulas, assim Yikmo ministrava suas aulas em uma sala protegida com magia, dentro da Universidade. Apenas pequenos usos de magia eram empregados, em jogos complicados que supostamente afiariam sua sagacidade e reflexos.

Ao virar outra esquina, ela colidiu com um mago. De olhos baixos, começou a esboçar uma desculpa.

— Sonea!

Reconhecendo a voz, olhou para Rothen e sentiu o coração disparar. Imediatamente, ambos olharam por cima dos respectivos ombros. A passagem estava vazia.

— É bom te ver. — Ele a olhou de forma penetrante, e tinha no rosto marcas de expressão que ela não se lembrava de ter visto antes. — Como você está?

Ela deu de ombros.

— Ainda por aqui.

Ele assentiu com a expressão grave.

— Como ele está tratando você?

— Mal o vejo. — Sonea fez uma careta. — Muitas aulas. Acho que era isso que ele queria.

Ela olhou por cima dos ombros novamente ao ouvir passos a distância, que se aproximavam.

— Eu tenho que ir. Lorde Yikmo está me esperando.

— Claro. — Rothen hesitou. — De acordo com meu horário, vou dar aula para sua turma amanhã.

— Sim — disse ela sorrindo timidamente. — Acho que seria estranho se a aprendiz do Lorde Supremo não tivesse aula com o melhor professor de química do Clã.

O rosto relaxou um pouco, mas ele não sorriu. Forçando-se a ir embora, ela continuou descendo pelo corredor. Não ouviu passadas atrás dela e sabia que Rothen a observava enquanto se afastava.

“Ele parece diferente”, pensou Sonea, ao virar em outra passagem. “Tão mais velho. Ou ele sempre pareceu velho e eu é que não notava?” Sem ela se dar conta, seus olhos se encheram de lágrimas. Parou e se encostou à parede, piscando furiosamente.“Não aqui! Não agora! Eu tenho controle sobre mim mesma!” Inspirou profundamente, expirou bem devagar e inspirou de novo.

Um gongo ressoou, um som que vibrava pela parede atrás dela. Esperando que seus olhos não estivessem vermelhos, ela correu pela passagem. Quando conseguiu ver a porta da sala de Yikmo, esta se abriu. Observando de relance uma manga preta, Sonea estancou.

“Não. Não posso encará-lo. Não agora.”

Correndo de volta até a última virada, ela desceu rapidamente pela passagem até onde esta se cruzava com outra, e então saiu depressa, sem ser vista. Virando-se, espiou para trás em torno da esquina. Conseguiu ouvir o burburinho de vozes conhecidas, sem distinguir o que diziam.

— Ora, ora. Que coisa interessante.

Num giro de corpo, Sonea deu com Regin de pé do outro lado da passagem, de braços cruzados.

— Pensei que você estivesse por aí, seguindo seu guardião, e não se escondendo dele.

Ela sentiu o rosto corar.

— O que está fazendo aqui, Regin?

Ele sorriu.

— Ah, só estou aqui por acaso.

— Por que você não está na aula?

— Por que você não está na sua?

Ela balançou a cabeça. Aquilo não fazia sentido.

— Por que estou perdendo meu tempo falando com você?

— Porque ele ainda está aqui — disse Regin, com um sorriso tímido. — E você tem muito medo de encará-lo.

Sonea olhou detidamente para ele, avaliando possíveis respostas. Ele não acreditaria em uma negação, e não dizer nada apenas confirmaria sua suspeita.

— Com medo? — Ela riu com desdém. — Não mais do que você.

— É mesmo? — Ele deu um passo à frente. — Então, o que está esperando? O gongo já soou. Você está atrasada e seu guardião está por perto e vai perceber. Então por que ainda está se demorando? Ou talvez eu deva gritar e informá-lo que você está aqui se escondendo dele.

Sonea o fitou. Será que ele faria isso? Provavelmente, se pensasse que poderia deixá-la em uma situação difícil. Ainda assim, se ela saísse agora, estaria confirmando as suspeitas dele.

Melhor desistir do que deixá-lo gritar por Akkarin. Revirando os olhos, girou nos calcanhares e andou em direção à passagem. Ao se aproximar da

extremidade, uma silhueta negra passou pela entrada da passagem e ela congelou.

Para seu alívio, Akkarin não a notou. Ele passou e Sonea ouviu o som de seus passos diminuírem conforme ele avançava pelo corredor. Ela ouviu uma risada de satisfação vindo de trás. Olhando por sobre o ombro, viu Regin olhando para ela e sorrindo.

Sonea virou-se e partiu pelo corredor. Por que estaria ele tão interessado se ela estava com medo de Akkarin ou não? Ela balançou a cabeça. Com certeza, qualquer sinal de sua infelicidade lhe daria prazer.

Mas por que ele não estava na sala de aula? Que razão teria para estar naquela parte da Universidade?

Certamente ele não a estava seguindo...

Uma rajada de ar frio saudou Lorlen quando ele abriu a porta de seu gabinete. A corrente de ar soprou para o corredor várias correspondências a ele destinadas, que haviam sido colocadas sob a porta. Vendo a quantidade de mensagens, ele suspirou e varreu-as para dentro novamente usando um pouco de magia.

Fechou a porta e atravessou o aposento até sua mesa.

— Você não está no melhor dos humores hoje.

Lorlen deu um salto ao ouvir a voz e olhou em volta procurando pelo dono dela. Akkarin estava sentado em uma das cadeiras, os olhos negros refletindo a luz difundida pelas cortinas da janela.

“Como ele entrou aqui?”

Lorlen fitou Akkarin, tentado a exigir uma explicação. Mas a tentação desapareceu conforme o Lorde Supremo o encarou. Desviando o olhar, Lorlen se concentrou nas mensagens espalhadas pelo chão. Ele as enviou fazendo com que esvoaçassem pelo aposento até suas mãos, e então as selecionou.

— O que o está aborrecendo, meu amigo?

Lorlen deu de ombros.

— Peakin e Davin ainda estão brigados, Garrel quer que eu permita que Regin retome as aulas com Balkan e Jerrik apenas encaminhou outro pedido de Tya por um assistente.

— Tudo dentro da sua competência para resolver, Administrador.

Lorlen riu com desdém do uso do seu título.

— O que me aconselharia a fazer, Lorde Supremo? — perguntou com deboche.

Akkarin riu.

— Você conhece nossa pequena família melhor do que eu, Lorlen. — Crispou os lábios, pensativo. — Diga “sim” para Garrel, “não” para Lady Tya, e para Davin... Sua ideia de reconstruirmos o Mirante para que ele possa observar o clima é interessante. O Clã não constrói há muito tempo, e uma torre de observação tem valor militar, o que agradaria ao Capitão Arin. Ele vem tentando me persuadir a reconstruir o Muro Distante desde que se tornou Conselheiro Militar do Rei.

Lorlen franziu o cenho.

— Certamente você não está falando sério. Um projeto como esse seria caro e levaria muito tempo. Nosso tempo seria mais bem gasto... — Lorlen parou. — Você disse “sim” para Garrel? Você reduziria a pena de Regin, por atacar Sonea, para seis meses?

Akkarin deu de ombros.

— Você realmente acha que ele causará problemas a Sonea agora? O menino é talentoso. É uma vergonha desperdiçá-lo.

Lorlen assentiu lentamente.

— Isso poderia... reduzir a dor de ter seu adversário favorecido pelo Lorde Supremo.

— Balkan concordaria.

Colocando as mensagens sobre a mesa, Lorlen sentou-se.

— Mas este não é o motivo pelo qual você veio me ver, é?

Akkarin tamborilava os longos dedos no braço da cadeira.

— Não. — Seus olhos estavam pensativos. — Há alguma forma pela qual possamos retirar Rothen da grade do Segundo Ano de Sonea sem que isso pareça suspeito?

Lorlen suspirou.

— Nós precisamos fazê-lo?

A expressão de Akkarin se fechou ainda mais.

— Sim. Nós precisamos.

O arrastar dos pés de Sonea ecoava na passagem. A aula da manhã com Lorde Yikmo fora um desastre. Os encontros com Rothen e Regin tinham deixado seus sentimentos à flor da pele e ela ficara distraída, sem conseguir memorizar os nomes das plantas usadas nos remédios, além de muito cansada para compreender a aula da noite de matemática.

Considerando tudo isso, fora um dia que ela gostaria que acabasse.

Ao lembrar-se da expressão presunçosa de Regin, ela tentava imaginar novamente o que ele concluíra. Talvez simplesmente gostasse de pensar que ela estava infeliz com a troca de guardião.

“E daí?”, ela pensou. “Enquanto ele me deixar em paz, não me importo com o que pensa.”

Mas ele a deixaria em paz? Se concluísse que ela estava com medo demais de Akkarin para informar o assédio dele, talvez voltasse a importuná-la novamente. No entanto, ele teria de tomar cuidado para fazer isso quando os outros magos não pudessem ver...

Apenas um movimento embaçado percebido de canto de olho a alertou. Ela não tinha tempo para evadir-se. Um braço envolveu-lhe o pescoço, o outro a

cintura. O impulso do atacante os desequilibrou, mas o braço continuou apertando o pescoço.

Ela lutou, porém rapidamente compreendeu que seu atacante era muito mais forte do que ela. Então, recordou-se de um truque ensinado por Cery. A memória era muito vívida, ela quase podia ouvir a voz de Cery...

“Se alguém fizer isso, firme suas pernas... isso mesmo... então atinja-o por trás...”

Ela sentiu o homem tombando e soltou um riso curto de satisfação quando ele caiu por terra. Entretanto, o atacante não se estatelou de cara, mas rolou para o lado e ficou de pé. Alarmada, ela recuou, procurando por uma faca que não estava... então parou e olhou surpresa para o atacante.

Lorde Yikmo parecia um desconhecido em roupas comuns. Uma camisa lisa sem mangas revelava ombros surpreendentemente musculosos. Ele cruzou os braços e assentiu.

— Logo imaginei.

Sonea olhou para ele, sua surpresa, aos poucos, se transformando em chateação.

O Guerreiro sorriu.

— Posso ter encontrado a origem do seu problema, Sonea.

Ela engoliu uma resposta malcriada.

— Então, qual é?

— Pela reação que acaba de ter está claro que sua primeira resposta a um ataque é física. Você aprendeu essa manobra defensiva nas favelas, não foi?

Ela assentiu com relutância.

— Você teve um treinador particular?

— Não.

Ele franziu o cenho.

— Como sabia o que fazer?

— Meus amigos me ensinaram.

— Amigos? Seriam jovens, é? Não eram treinadores mais velhos?

— Certa vez, uma velha prostituta me mostrou como usar minha faca caso eu estivesse... em uma determinada situação.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Eu sei. Briga de rua. Manobras defensivas. Não é de estranhar que você use isso primeiro. É o que conhece melhor e que sabe que funciona. Temos de mudar isso. — Ele fez um gesto com a mão para que ela andasse a seu lado, e seguiu pela passagem em direção ao corredor principal.

— Você precisa aprender a reagir usando mais a magia do que o corpo — ele lhe disse. — Eu posso criar exercícios de estratégia que ajudarão você nisso. Preciso alertá-la, porém, que esse tipo de reaprendizado pode ser bem lento e difícil. Persevere, entretanto, e estará usando magia sem raciocinar até o final do ano.

Ela balançou a cabeça.

— Sem raciocinar? Isso é o oposto daquilo que outros mestres dizem.

— Sim. Isto é porque a maioria dos aprendizes está ansiosa demais para usar magia. Eles devem ser ensinados a se restringir. Mas você não é um aprendiz comum, e, portanto, os métodos de ensino comuns podem ser descartados.

Sonea refletiu sobre aquilo. Fazia sentido. Então outra coisa lhe ocorreu.

— Como sabe que eu não pensei em usar magia primeiro, porém decidi não usá-la?

— Eu sei que você estava agindo por instinto. Procurou por uma faca. Não parou para pensar sobre isso?

— Não, mas é diferente. Se alguém me atacar assim, devo presumir que ele realmente quer me ferir.

— Então você estava quase pronta para me ferir de volta?

Ela assentiu.

— Com certeza.

As sobrancelhas de Yikmo se arquearam.

— Poucos condenariam um homem ou uma mulher comum se ele ou ela matasse outro em legítima defesa, mas se um mago matar alguém que não é mago isto é um escândalo. Você tem o poder para se defender, então não há desculpa para matar, não importa o intento do seu atacante... nem mesmo se o atacante for um mago. Frente a tal situação de ataque, sua primeira reação deve ser criar um escudo. Essa é outra boa razão para mudar sua primeira reação para uma magia em lugar de uma reação física.

Ao chegarem ao corredor principal, Yikmo sorriu e bateu no ombro dela.

— Sonea, você não está tão mal quanto pensa. Se tivesse me atingido com magia, ou simplesmente congelado ou berrado, eu teria ficado desapontado. Em vez disso, você se manteve calma, pensou com rapidez e conseguiu me derrotar. Acho que esse é um esplêndido começo. Boa noite.

Ela fez uma reverência e o observou caminhar pelo corredor em direção aos Alojamentos dos Magos. Virando-se, tomou a outra direção.

“Você tem o poder de se defender, então não há desculpa para matar, não importa o intento do seu atacante — nem mesmo se o atacante for um mago.” Ainda assim, quando ela pegou a faca, estava preparada para matar. Isso poderia parecer razoável então, mas agora ela não tinha tanta certeza.

Fosse qual fosse a razão, a punição para um mago que deliberadamente ferisse alguém, mesmo se por meios que não envolvessem magia, era severa, e isso constituía razão suficiente para Sonea mudar seu pensamento. Ela não queria passar o resto dos dias presa, com seus poderes bloqueados. Se sua reação instintiva era matar, então seria melhor que ela a desaprendesse o mais breve possível.

De qualquer forma, que utilidade tinham para ela os truques que aprendera na favela? Quando refletiu sobre o que era capaz de fazer, duvidou que precisasse manusear, com destreza, uma faca novamente. Se ela precisasse se defender no

futuro, pensou com um arrepio, seria contra magia.

Capítulo 26

Um Rival Ciumento

Quando a carruagem se afastou da Casa do Clã, Dannyl refletiu sobre tudo que sabia sobre a Bel Arralade. Viúva de meia-idade, ela era a líder de uma das famílias mais ricas de Elyne. Seus quatro filhos — duas mulheres e dois homens —, haviam casado com gente de famílias poderosas. Embora a própria Bel nunca tivesse se casado de novo, havia boatos sobre vários encontros amorosos entre ela e outros membros da corte Elyne.

A carruagem virou uma esquina, depois outra e parou. Olhando pela janela, Dannyl viu que havia se juntado a uma longa fila de veículos decorados de acordo com a moda vigente.

— Quantas pessoas frequentam essas festas? — ele perguntou.

— Umas trezentas ou quatrocentas — respondeu de forma casual o Embaixador Errend.

Impressionado, Dannyl contou as carruagens. A fila se estendia para além da vista, então ele não podia imaginar quão longa ela era. Vendedores de rua audazes andavam de uma ponta a outra da rua, oferecendo mercadorias para os ocupantes das carruagens. Vinho, doces, bolos e todo tipo de diversão estavam disponíveis. Músicos tocavam e acrobatas se apresentavam. Os melhores deles eram persuadidos por uma torrente constante de moedas reluzentes a permanecer mais tempo ao lado dos cortesãos entediados.

— Podemos andar mais rápido do que isso — Dannyl disse.

Errend riu.

— Sim, poderíamos tentar, mas não iríamos muito longe. Alguém ia nos chamar e insistir que viajássemos com eles, e seria falta de educação recusar.

Ele comprou uma pequena caixa de doces e, enquanto eles os repartiam, contou histórias sobre as festas anteriores organizadas pela Bel Arralade. Era em ocasiões como essa que Dannyl se sentia grato pelo Primeiro Embaixador do Clã ser um nativo da terra e poder explicar os costumes elynes. Dannyl ficou surpreso em saber que era permitido a crianças pequenas estar presente na festa.

— As crianças são favorecidas aqui — Errend avisou. — Nós, elynes, gostamos de mimá-las quando são pequenas. Infelizmente, elas podem se mostrar tiranas com magos, esperando que façamos truques para elas como se fôssemos artistas.

Dannyl sorriu.

— Todas as crianças acreditam que a função primária de um mago é diverti-las.

Muito mais tarde, a porta da carruagem se abriu e Dannyl seguiu Errend até que ambos se vissem diante de uma típica mansão de Capia. Criados bem-vestidos os cumprimentaram e depois os guiaram por uma imensa arcada. Uma grande sala se seguiu, aberta aos elementos como o átrio do Palácio havia sido. O ar estava gelado, e os convidados que haviam chegado antes deles apressavam-se em direção às portas na outra ponta.

Além delas, ficava uma sala circular maior cheia de pessoas. A luz de vários candelabros caía sobre a miríade de roupas coloridas e brilhantes. Um constante zunir de vozes ecoava do teto em forma de domo e o cheiro misturado de flores, frutas e temperos era quase opressivo.

Cabeças se viraram, a maioria apenas para notar quem havia chegado. Dems e Bels de todas as idades estavam presentes. Alguns magos se encontravam entre eles. Crianças, vestidas em versões miniatura das roupas dos adultos, corriam de um lado para o outro, ou ficavam espremidas em bancos. Criados estavam por toda parte, todos vestidos de amarelo e carregando bandejas de comida ou garrafas de vinho.

— Que mulher incrível essa Bel Arralade deve ser — Dannyl murmurou. — Se você colocasse tantos membros das Casas kyralianas juntos... fora da corte... espadas seriam desembainhadas em menos de meia hora.

— Sim — Errend concordou. — Mas armas serão desembainhadas essa noite, Dannyl. Nós elynes acreditamos que palavras são mais afiadas que espadas. Elas apenas não destroem a mobília.

Uma grande escadaria levava a uma sacada que rodeava toda a sala. Ao olhar para cima, Dannyl viu Tayend observando-o de trás do parapeito. O acadêmico fez a ele uma pequena reverência. Resistindo à tentação de sorrir de sua rígida formalidade, Dannyl inclinou a cabeça em resposta.

Ao lado de Tayend se encontrava um jovem musculoso. Percebendo a meia reverência do companheiro, o homem franziu o rosto e olhou para baixo. Quando viu Dannyl, seus olhos se arregalaram surpresos, e ele rapidamente desviou o olhar.

Dannyl se virou para Errend. O Embaixador estava se servindo do conteúdo de uma bandeja oferecida por um dos criados de roupas brilhantes.

— Experimente esses — Errend incitou. — São deliciosos!

— O que acontece agora? — Dannyl perguntou, pegando um dos rolinhos de doce.

— Nós nos socializamos. Fique comigo e vou apresentá-lo às pessoas.

Então, pelas horas seguintes, Dannyl acompanhou o colega Embaixador pela sala e se concentrou em memorizar nomes e títulos. Errend o avisou que nenhuma refeição seria servida, pois a moda mais recente na realização de festas era que os convidados beliscassem das bandejas de iguarias que eram carregadas pelo local. Dannyl recebeu uma taça de vinho, enchida com tanta regularidade que, para manter sua mente clara, ele colocou a taça numa das bandejas num momento em que o criado não estava observando.

Quando uma mulher usando um elaborado vestido amarelo se aproximou deles, Dannyl soube no mesmo instante que era a anfitriã. Sua pele não estava tão enrugada no retrato que ele havia estudado durante o preparo para seu novo

cargo, mas o olhar brilhante e alerta o avisou de que ela ainda era a formidável Bel de quem ele tanto tinha ouvido falar.

— Embaixador Errend — disse, curvando-se ligeiramente. — E esse deve ser o Embaixador Dannyl. Obrigada por virem à minha festa.

— Obrigado por nos convidar — Errend respondeu, inclinando a cabeça.

— Eu não poderia realizar uma festa sem incluir os Embaixadores do Clã na minha lista de convidados — ela disse, sorrindo. — Magos sempre foram os convidados mais bem-comportados e divertidos. — Ela se virou para Dannyl. — Então, Embaixador Dannyl, tem desfrutado de sua estadia em Capia até o momento?

— Tenho sim — Dannyl respondeu. — É uma bela cidade.

A conversa continuou dessa maneira por vários minutos. Uma mulher se juntou a eles e atraiu Errend para uma conversa. A Bel Arralade exclamou que seus pés já estavam cansados e chamou Dannyl para um banco colocado numa alcova da parede.

— Fiquei sabendo que está pesquisando magia antiga — ela disse.

Dannyl a encarou surpreso. Embora ele e Tayend tivessem evitado discutir o tema de sua pesquisa com qualquer outra pessoa que não o Bibliotecário Irand, era possível que seu interesse tivesse sido notado por alguém que eles tinham conhecido durante a viagem. Ou teria Tayend decidido que não era preciso mais ser segredo, agora que eles não estavam mais juntando informações para Lorlen, mas “ajudando” Rothen com seu livro?

Se fosse isso, uma negação só a deixaria desconfiada.

— Sim — ele respondeu. — É um interesse meu.

— Você descobriu algo novo e fascinante?

— Nada de muito excitante — disse em tom casual. — Apenas uma porção de livros e pergaminhos cheios de línguas antigas.

— Mas você não viajou recentemente para Lonmar e Vin? Com certeza,

colheu algumas histórias interessantes lá.

Ele decidiu ser vago.

— Eu vi pergaminhos em Lonmar e tumbas em Vindo, mas eles não eram mais excitantes do que os velhos livros mofados que venho lendo. Temo que iria entediá-la se começasse a descrevê-los em detalhes... e o que as pessoas vão dizer se o novo Embaixador colocar a anfitriã para dormir na sua própria festa?

— Isso deve ser evitado a todo custo. — Ela riu, e então seus olhos ficaram enevoados. — Ah, mas esse tema me traz lembranças agradáveis. Seu Lorde Supremo veio para cá numa busca semelhante muitos anos atrás. Ele era um homem muito lindo. Não era o Lorde Supremo na época, é claro. Ele podia ter falado por horas sobre magia antiga, e eu teria ouvido só pela oportunidade de admirá-lo.

Era esse então o motivo do seu interesse? Dannyl riu.

— Felizmente para você, sei que não sou bonito o suficiente para compensar ficar tagarelando sobre minha pesquisa.

Ela sorriu, os olhos relampejando.

— Não é bonito? Eu não diria isso. Outros diriam aliás que é bem o oposto. — Ela parou, sua expressão tornando-se pensativa. — Mas não pense que o Lorde Supremo foi rude. Embora eu tenha dito que o teria ouvido falar por horas, ele nunca o fez. Veio à minha festa de aniversário, mas mal tinha voltado de Vin quando partiu para as montanhas, e não o vi desde então.

As montanhas? Aquilo era novo.

— Devo mandar um cumprimento seu para ele, Bel? — ele se ofereceu.

— Ah, duvido que se lembre de mim — ela disse, com um gesto.

— Absurdo! Nenhum homem pode esquecer a beleza, mesmo que só a tenha vislumbrado de relance.

Ela abriu um sorriso largo e lhe deu um pequeno tapa no braço.

— Ah, eu gosto de você, Embaixador Dannyl. Agora me diga: o que acha de

Tayend de Tremmelin? Ele foi seu companheiro nessas viagens, não foi?

Ciente da maneira que ela o observava por entre seus longos cílios, Dannyl pensou nas respostas que havia discutido com Tayend.

— Meu assistente? Eu o achei muito útil. Ele tem uma memória incrível e seu conhecimento de línguas é impressionante.

Ela concordou.

— Mas quanto a ele pessoalmente? Você não o achou um companheiro agradável?

— Sim. — Dannyl sorriu. — Embora ele não seja bom para viajar, devo dizer. Nunca vi ninguém tão mareado.

Ela hesitou.

— Eles dizem que ele tem alguns interesses não convencionais. Alguns, especialmente as mulheres, o acham um pouco... desinteressado.

Dannyl concordou com a cabeça lentamente.

— Passar dias no subterrâneo, rodeado por livros e falando línguas mortas, não o tornaria um homem atraente para as mulheres. — Ele lançou um olhar calculista para ela. — Você está querendo dar uma de casamenteira, Bel Arralade?

Ela deu um sorriso tímido.

— E se eu estiver?

— Então devo avisá-la que não conheço Tayend bem o suficiente para ser útil. Se ele está interessado em alguma mulher, guardou essa informação para si mesmo.

De novo, ela hesitou.

— Então vamos deixá-lo ter sua privacidade — ela disse, concordando com a cabeça. — Agir como casamenteira é um hábito tão maligno quanto fofocar, quando não se é desejado. Ah, ali está o Dem Dorlini. Esperava que viesse, pois tenho algumas perguntas para ele. — Ela se levantou. — Foi um prazer

conversar com você, Embaixador Dannyl. Tomara que possamos conversar de novo.

— Eu ficaria honrado, Bel Arralade.

Depois de alguns minutos, Dannyl descobriu o perigo de permanecer parado e sozinho. Um trio de jovens garotas, com as roupas de corte tamanho infantil sujas de comida, o rodeou. Ele as manteve entretidas com ilusionismos até seus pais as resgatarem. Levantando-se, começou a se dirigir até Errend, mas parou quando ouviu seu nome sendo dito.

Virando-se, viu Tayend se aproximando, o homem musculoso ao seu lado.

— Tayend de Tremmelin.

— Embaixador Dannyl. Esse é Velend de Genard. Um amigo — Tayend disse.

A boca do jovem homem se curvou, mas o sorriso não chegou aos seus olhos. Ele fez uma reverência dura e relutante.

— Tayend me contou sobre suas viagens — Velend disse. — Embora pelas suas descrições eu não ache que eu fosse gostar de Lonmar.

— É um país quente e imponente — Dannyl respondeu. — Tenho certeza de que poderia ser possível se aclimatar se uma pessoa ficasse tempo bastante. Você é um acadêmico também?

— Não — o homem respondeu. — Meus interesses são esgrima e armas. Você pratica, Embaixador?

— Não — Dannyl respondeu. — Há pouco tempo para tais atividades para rapazes que se juntam ao Clã. — Esgrima, então... Ele se perguntou se fora por isso que sentira uma antipatia instantânea pelo homem. Será que Velend não o teria lembrado demais de Fergun, que também era a favor de armas físicas?

— Encontrei alguns livros que podem ser do seu interesse, Embaixador — Tayend disse, em tom profissional. Conforme Tayend começou a descrever os livros, sua idade e conteúdo em geral, Dannyl observou Velend jogar seu peso de um pé para outro e olhar ao redor para a multidão. Por fim, o homem interrompeu Tayend.

— Com licença, Tayend, Embaixador Dannyl. Há alguém com quem preciso falar.

Enquanto ele se afastava, Tayend deu um sorriso maroto.

— Eu sabia que não ia levar muito tempo para me livrar dele. — Parou quando um casal passando se aproximou deles, e voltou ao tom profissional. — Estivemos examinando livros velhos, mas decidi tentar uns mais recentes. Algumas vezes, quando um Dem morre, sua família envia quaisquer diários ou livros de visitantes que ele tinha para a biblioteca. No diário de um Dem, encontrei umas referências interessantes para... bem, não vou entrar em detalhes agora, mas eles indicam que podemos talvez encontrar mais informações em algumas bibliotecas particulares de outros Dems. Não tenho certeza de quem ou onde, no entanto.

— Algum deles vive nas montanhas? — Dannyl perguntou.

Os olhos de Tayend se arregalaram.

— Alguns. Por que pergunta?

Dannyl abaixou a voz.

— Nossa anfitriã estava relembrando de um jovem mago em particular que foi à sua festa de aniversário dez anos atrás.

— Ah.

— Sim. Ah. — Vendo Velend se aproximar, Dannyl franziu a testa. — Aquele seu amigo está voltando.

— Ele não é meu amigo, na verdade — Tayend corrigiu. — É mais um amigo de um amigo. Ele me trouxe à festa.

O passo de Velend era fluido, como o modo de andar de um limek, o cão predador que incomodava fazendeiros e algumas vezes matava viajantes nas montanhas. Para alívio de Dannyl, o homem parou para falar com outro cortesão.

— Devo avisá-lo — Dannyl acrescentou. — A Bel Arralade pode estar

tentando lhe arranjar uma jovem lady.

— Duvido. Ela me conhece muito bem.

Dannyl franziu a testa.

— Então por que ela comentou sobre você ser atraente para as mulheres?

— Ela provavelmente estava testando-o, para descobrir o que sabia sobre mim. O que você disse?

— Que eu não conhecia você bem o suficiente para adivinhar se tinha alguém em mente.

As sobrancelhas de Tayend se levantaram.

— Não, você não conhece, não é mesmo? — ele disse num tom baixo. — Eu me pergunto. Iria perturbá-lo saber que há alguém?

— Perturbar? — Dannyl balançou a cabeça negativamente. — Não... mas talvez dependesse de quem fosse. Devo acreditar então que há alguém?

— Talvez. — Tayend deu um sorriso torto. — Mas não vou lhe contar... ainda.

Achando graça, Dannyl olhou sobre o ombro de Tayend para Velend. Com certeza não... Um rosto se virou em sua direção e acenou. Reconhecendo o Embaixador Errend, Dannyl fez que sim com a cabeça em resposta.

— O Embaixador Errend quer que eu me junte a ele.

Tayend concordou com a cabeça.

— E eu serei acusado de ser um tédio se passar a noite discutindo trabalho. Vou vê-lo na biblioteca logo?

— Em alguns dias. Acho que talvez tenhamos outra jornada para planejar.

Sonea passou um dedo pela lombada dos livros. Encontrou um espaço e colocou o volume que estava faltando lá. O outro livro que ela estava segurando era grosso e pesado. Percebendo que pertencia a uma prateleira no outro lado da biblioteca, ela o enfiou debaixo do braço e começou a atravessar a sala.

— Sonea!

Virando-se em outra fileira, Sonea andou até a frente da biblioteca, onde Lady Tya estava sentada atrás de uma pequena mesa.

— O que é, minha lady?

— Chegou uma mensagem para você — a bibliotecária lhe disse. — O Lorde Supremo quer vê-la na sala de treinamento de Lorde Yikmo.

Sonea concordou com a cabeça, a boca secando de repente. O que Akkarin queria? Uma demonstração?

— É melhor eu ir, então. Gostaria que eu voltasse amanhã à noite?

Lady Tya sorriu.

— Você é um sonho que se tornou realidade, Sonea. Ninguém acredita o trabalho que é necessário para manter esse local. Mas você tem muita coisa para estudar.

— Posso reservar uma hora ou duas... e me ajuda saber o que tem aqui e onde encontrar.

A bibliotecária concordou com a cabeça.

— Se tiver algum tempo livre, agradeço a ajuda. — Ela balançou um dedo para Sonea. — Mas não quero ouvir alguém dizendo que estou distraindo a favorita do Lorde Supremo de seus estudos.

— Você não vai. — Largando o livro, Sonea pegou sua caixa e abriu a porta. — Boa noite, Lady Tya.

As passagens da Universidade estavam silenciosas e vazias. Sonea se dirigiu à sala de Lorde Yikmo.

A cada passo, ela sentia seu temor crescer. Lorde Yikmo não gostava de ensinar à noite. Os motivos do mago vindo tinham algo a ver com a religião de sua terra natal. No entanto, um pedido do Lorde Supremo não poderia ser recusado.

Mesmo assim, era tarde para começar qualquer tipo de lição ou demonstração. Talvez Akkarin tivesse outro motivo para chamá-la para a sala de Yikmo. Talvez

Yikmo nem fosse estar lá...

Ela tomou um susto quando um aprendiz apareceu na frente dela vindo de uma passagem lateral. Quando tentou contorná-lo, ele se moveu para bloquear seu caminho e mais três aprendizes apareceram para ficar ao lado dele.

— Olá, Sonea. Você recebeu minha mensagem.

Virando-se, ela sentiu um aperto no peito. Regin estava em frente a um pequeno grupo de aprendizes, bloqueando a passagem atrás dela. Ela reconheceu alguns membros de sua antiga sala, mas o resto só era vagamente familiar. Esses outros, ela percebeu, eram aprendizes mais velhos. Eles a encararam friamente e ela lembrou-se dos comentários que ouvira no dia em que as aulas tinham recomeçado. Se tantos achavam que ela não merecia ser escolhida pelo Lorde Supremo, não seria preciso muito para Regin persuadir alguns a se juntar a ele.

— Pobre Sonea — Regin falou de maneira arrastada. — Deve ser tão solitário ser a favorita do Lorde Supremo. Nada de amigos. Ninguém para brincar. Achamos que você poderia querer um pouco de companhia. Talvez um pequeno jogo. — Ele olhou para um dos garotos mais velhos. — Do que vamos brincar?

O garoto sorriu.

— Eu gostei da sua primeira ideia, Regin.

— Um jogo de “Purificação”, então? — Regin deu de ombros. — Acho que vai ser uma boa prática para o trabalho que vamos ter que fazer mais tarde na vida. Mas acho que vai ser preciso mais do que luzes e barreiras para remover esse tipo de escória da Universidade. — Ele estreitou os olhos enquanto olhava para Sonea. — Vamos ter que usar meios mais persuasivos.

A raiva tomou conta de Sonea com essas palavras, mas quando suas mãos se levantaram ela se transformou em descrença. Com certeza, ele não iria atacá-la. Não ali. Não na Universidade.

— Você não ousaria...

Ele sorriu.

— Não? — Quando um brilho reluziu saído de sua mão ela levantou um

escudo. — O que você vai fazer a respeito? Contar a seu guardião? Pelo que me parece, você não vai. Eu acho que você tem medo demais dele.

Regin se aproximou e a magia branca jorrou das suas mãos.

— Como pode ter certeza? — ela retrucou. — E se alguém nos descobrir lutando no corredor? Você conhece as regras.

— Eu não acho que há muita chance de isso acontecer. — Regin deu um sorriso afetado. — Nós conferimos. Não há ninguém por perto. Mesmo Lady Tya deixou a biblioteca.

Era fácil de se proteger de seus golpes com o escudo. Alguns ataques de seu poder e ela poderia pará-lo. Mas resistiu à tentação, lembrando-se da palestra de Yikmo sobre a responsabilidade de magos evitarem machucar outros.

— Então chame seu guardião, Sonea — ele insistiu. — Peça para ele resgatá-la.

Ela sentiu um calafrio na espinha, mas o ignorou.

— De você, Regin? Não é nada por que valha a pena incomodar o Lorde Supremo.

Ele olhou para os aprendizes ao seu redor.

— Vocês ouviram? Ela acha que não somos dignos da atenção do Lorde Supremo. Os melhores das Casas e ela uma mera favelada? Vamos mostrar para ela quem é digno. Vamos lá.

Ele a atacou de novo. Sentindo seu escudo ser atacado também pelas costas, ela olhou e viu que Kano e Issle tinham ido para a frente dos aprendizes. Mas os aprendizes mais velhos estavam de cara fechada. Olhando para seus rostos, Sonea viu dúvida.

— Eu lhes disse — Regin falou entre ataques. — Ela não vai contar para ele.

Ainda assim, eles hesitaram.

— Se ela fizer algo — Regin acrescentou, — eu assumo a responsabilidade. Estou disposto a isso, só para provar a vocês. O que têm a perder?

Sentindo mais ataques, Sonea olhou por sobre o ombro e viu que mais aprendizes haviam se juntado. Era preciso muito mais poder para manter o escudo agora. Ficando preocupada, olhou para ambos os lados, pensando no que fazer. Se conseguisse chegar ao corredor principal... Começou a andar para a frente, forçando Regin e seus companheiros para trás.

— Se vocês não se juntarem a nós agora — Regin praticamente gritou para os poucos aprendizes ainda hesitantes —, ela vai se safar. Da mesma forma como fez para tomar o que é nosso por direito. Vocês vão colocá-la em seu lugar ou passar o resto da vida se ajoelhando para uma favelada!?

Os aprendizes ao seu lado deram um passo à frente, embora com alguma relutância, e a atacaram com um golpe de força. Tentar se mover na direção de golpes de força exigia mais da sua força do que apenas um escudo, e embora ela tivesse conseguido, o progresso era lento e custoso.

Ela parou e reconsiderou. Tinha força suficiente para chegar no corredor? Ela não sabia. Melhor conservar sua força. Com sorte, eles iam se cansar, e ela ia ser capaz de forçar seu caminho entre eles com facilidade.

Contanto que ela não se cansasse primeiro.

Para reduzir o tamanho de seu escudo, ela pressionou as costas contra a parede. Conforme o ataque continuava, ela pensou sobre qual era seu propósito. Ela tinha presumido que Regin havia juntado um grupo tão grande para poder ter uma plateia maior... e proteção se ela revidasse. Ele estava esperando exauri-la também? Se fosse assim, o que pretendia fazer depois de cansá-la? Matá-la? Com certeza, a favelada não era alguém por quem valia a pena ir para prisão. Não, ele provavelmente queria que ela ficasse cansada demais para as lições no dia seguinte.

Os ataques estavam começando a enfraquecer, mas para seu alarme, ela sentiu sua força começando a falhar. Ia ser apertado. Apertado demais. Quando seu escudo começou oscilar, Regin levantou os braços.

— Pare!

Os golpes pararam. Em silêncio, Regin olhou para os outros um por um e

sorriu.

— Viram? Agora vamos colocá-la em seu devido lugar.

Quando ele se voltou para encará-la, ela viu o brilho malicioso em seus olhos e percebeu que exauri-la era só a primeira parte do plano. Ela queria ter continuado forçando em direção ao corredor principal. Mas logo em seguida ela teve a certeza de que não teria ido longe.

Regin enviou outro golpe cauteloso em seu escudo. Um por um, os outros continuaram essa investida cautelosa. A maioria dos ataques era fraca, mas conforme usava mais e mais da fonte de seu poder para manter o escudo, ela percebeu que estava perdida mesmo assim. Ainda que todos acabassem exaustos demais para usar seus poderes, dez aprendizes podiam facilmente atormentá-la sem usar nenhuma magia.

Com um temor crescente, ela sentiu seu poder se esvaindo. Seu escudo tremeu e desapareceu, deixando nada a não ser ar entre ela e Regin. Ele sorriu para os outros... um sorriso cansado mas triunfante.

Então uma linha de luz vermelha pulsou da palma de Regin. A dor floresceu no peito dela e se espalhou para fora, causando-lhe um arrepio nos braços e pernas e apunhalando-a na cabeça.

Ela sentiu os músculos se contraírem e as costas deslizarem contra a parede.

Quando a sensação sumiu, ela abriu os olhos e se descobriu enrolada em si mesma no chão. Seu rosto estava quente. Humilhada, tentou se levantar, mas outra rajada de dor tomou conta de seus sentidos. Ela cerrou os dentes, determinada a não gritar.

— Bem, eu sempre me perguntei o que um golpe de atordoamento fazia — ela ouviu Regin dizer. — Quer experimentar?

Ouvindo um som de nojo, Sonea sentiu uma esperança momentânea quando dois dos aprendizes trocaram um olhar de horror e então se viraram e foram embora. Mas os outros tinham expressões ansiosas e a esperança dela sumiu conforme os golpes de atordoamento, um após o outro, fizeram com que a dor a percorresse de novo.

A provocação de Regin ecoou em sua cabeça: “Então chame seu guardião, Sonea. Peça para ele resgatá-la.” Bastaria um breve chamado mental; uma imagem de Regin e seus comparsas...

“Não.” Nada que Regin fizesse poderia ser tão terrível quanto ter que pedir ajuda a Akkarin.

“Rothen então!”

“Eu não posso falar com ele.”

“Tem que ter alguém!”

Mas um pedido de ajuda iria ser ouvido por Akkarin... e outros magos. Todo o Clã logo saberia que essa aprendiz havia sido encontrada exaurida e derrotada nas passagens da Universidade.

Não havia nada que ela pudesse fazer.

Enrolando-se numa bola, ela esperou os aprendizes gastarem o resto de seus poderes ou ficarem entediados com seu jogo e deixá-la em paz.

***

Já passava da meia-noite quando Lorlen finalmente terminou a última carta. Ele se levantou, esticou-se e andou até a porta, mal vendo as coisas ao redor enquanto ativava automaticamente a trava mágica. Quando se virou para andar pelo corredor, ele ouviu um barulho no Salão de Entrada da Universidade.

Parou, pensando se deveria investigar. Tinha sido um som fraco, talvez uma folha seca soprada por uma porta. Ele já tinha se convencido a ignorar isso quando o som surgiu de novo.

Franzindo a testa, foi até a porta do Salão de Entrada. Um movimento atraiu seu olhar para uma das enormes portas. Algo deslizou pela madeira ancestral. Ele deu um passo à frente e então respirou fundo.

Sonea estava se encostando na enorme porta como se fosse cair sem esse apoio. Ela deu um passo e então parou e balançou tonta no alto das escadas. Apressando-se para chegar até ela, Lorlen agarrou seu braço para firmá-la. Ela o

encarou, demonstrando surpresa e óbvio desalento.

— O que aconteceu com você? — ele disse.

— Nada, meu lorde — ela respondeu.

— Nada? Você está exausta.

Ela deu de ombros, e era óbvio que até isso exigia esforço. Toda sua força havia desaparecido. Como se... como se ela tivesse sido drenada dela...

— O que fizeram com você? — Lorlen disse sem ar.

Ela franziu a testa e então balançou negativamente a cabeça. De repente, seus joelhos se dobraram e ela afundou até as escadas. Ele sentou-se ao seu lado, soltando seu braço.

— Não é o que você está pensando — ela disse, e então se dobrou para a frente e descansou a cabeça nos joelhos. — Não é quem você está pensando. Não é ele. — Ela suspirou e esfregou o rosto. — Eu nunca me senti tão cansada antes.

— Então o que a fez ficar assim?

Os ombros de Sonea caíram, mas ela não respondeu.

— Foi algo que um professor falou para você fazer?

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Você tentou algo que exigiu mais poder do que você esperava?

Ela balançou a cabeça de novo.

Lorlen tentou pensar em alguma outra maneira pela qual os poderes dela pudessem ter sido exauridos. Pensou nas poucas vezes em que usara toda sua força. Voltou muitos anos em sua lembranças, no tempo da Universidade. Para lutar contra Akkarin em Artes Guerreiras. Mas ela havia dito que não era Akkarin.

Então ele se lembrou. Uma vez, o professor havia posto vários aprendizes contra cada um dos membros da sala sozinho. Tinha sido uma das poucas

ocasiões em que ele fora derrotado.

Mas era tarde demais para aulas. Por que ela estaria lutando contra outros aprendizes? Lorlen fez uma careta quando um nome lhe veio à mente.

Regin. O garoto havia juntado seus partidários e a emboscado em algum lugar. Era algo ousado e arriscado. Se Sonea contasse a Akkarin sobre a agressão...

Mas ela não iria fazê-lo. Lorlen olhou para Sonea e sentiu o coração apertar. Ao mesmo tempo, sentiu um orgulho inesperado.

— Foi Regin, não foi?

Suas pálpebras piscaram e se abriram. Vendo a preocupação neles, ele concordou com a cabeça.

— Não se preocupe, não vou contar a ninguém a não ser que você queira que eu faça. Posso informar a Akkarin sobre o que está acontecendo, se você quiser. — "Se estiver ouvindo agora, ele já sabe." Ele olhou para o anel e rapidamente desviou o olhar.

Ela balançou negativamente a cabeça.

— Não. Não faça isso. Por favor.

É claro. Ela não ia querer que Akkarin soubesse.

— Eu não estava esperando isso — ela acrescentou. — Vou me manter longe deles daqui por diante.

Lorlen concordou lentamente com a cabeça.

— Bem, se você não conseguir, você sabe agora que pode me chamar para ajudar.

Os cantos da boca de Sonea se ergueram num sorriso irônico, e em seguida ela respirou fundo e começou a se levantar.

— Espere. — Ela parou quando ele pegou sua mão. — Aqui — ele disse. — Isso vai ajudar.

Ele enviou uma suave corrente de energia de Cura pela palma para o corpo

dela. Seus olhos se arregalaram quando ela sentiu. Aquilo não restaurou seu poder, mas abrandou seu cansaço físico. Seus ombros se aprumaram e a palidez deixou seu rosto.

— Obrigada — ela disse. Levantando-se, olhou em direção à Residência do Lorde Supremo e seus ombros penderam novamente.

— Não vai ser assim para sempre, Sonea — ele disse brandamente.

Ela concordou com a cabeça.

— Boa noite, Administrador.

— Boa noite, Sonea.

Ele a observou enquanto ela se afastava, torcendo para que suas palavras se provassem verdadeiras, mas perguntando-se como isso seria possível.

Capítulo 27

Informações Úteis

Sonea apoiou a caixa de livros na cintura quando Lady Tya abriu a porta da Biblioteca dos Aprendizes e entrou. Ela depositou o volume perto do de Tya sobre a mesa de Lorde Jullen e deu uma olhada pela sala escurecida.

— Não venho aqui há semanas.

Tya começou a retirar livros das caixas.

— Por que não?

— “Aprendizes só estão autorizados a entrar na companhia de um mago”.

A bibliotecária deu uma risada.

— Não consigo imaginar seu guardião querendo ficar esperando por você enquanto estuda. Não tem de pedir a ele, de qualquer forma. Agora você pode ir a quase qualquer parte que desejar.

Sonea pestanejou, surpresa.

— Até mesmo aqui?

— Sim, mas você ainda tem de levar estes aqui para mim.

Os olhos da bibliotecária cintilaram ao estender a pilha de livros para a aprendiz. Tomando-os nas mãos, Sonea a seguiu por entre as estantes de livros até a parede do fundo e daí até uma pequena porta que dava para uma sala que até então ela desconhecia. Mais estantes preenchiam o centro da sala, mas as paredes eram repletas de armários e de arcas.

— É um depósito?

— Sim. — Tya começou a empilhar os livros nas estantes. — São cópias de obras populares da Biblioteca dos Aprendizes ou das turmas, prontas para quando as mais antigas se deteriorarem. Os originais estão guardados nessas arcas.

Tya pegou os livros de Sonea e continuou caminhando rente à parede na direção do fundo da sala. Elas passaram por um armário pesado, cheio de livros de tamanhos variados e por um pequeno amontoado de pergaminhos. As portas de vidro se apoiavam em uma tela de metal.

— O que há aí dentro?

A bibliotecária olhou para trás e seus olhos brilharam.

— São originais dos livros e dos mapas mais antigos e valiosos do Clã. São muito frágeis para o manuseio. Eu vi cópias de alguns deles.

Sonea espiou pelo vidro.

— Você nunca viu os originais?

Acercando-se de Sonea, Tya olhou para os livros dentro do armário.

— Não, as portas estão trancadas com magia. Quando Jullen era jovem, seu antecessor lhe abriu as portas, mas Jullen jamais as abriu para mim. Ele me disse certa vez que tinha visto um mapa das passagens subterrâneas da Universidade.

— Passagens? — Sonea recordou-se de ter sido vendada e levada por Fergun, para ver seu amigo Cery, preso nos subterrâneos da Universidade.

— Sim. Supõe-se que o Clã esteja todo perfurado por elas. Ninguém as utiliza nos dias de hoje... embora eu diria que o seu guardião o faz, já que ele é bem conhecido pelo hábito de aparecer e desaparecer em lugares inesperados.

— E há um mapa deles aqui?

— Jullen afirmou que sim, mas suponho que estivesse apenas me irritando.

Sonea olhou de lado para Tya.

— Irritando?

A bibliotecária corou, aprumou-se e virou de costas.

— Isso foi há muitos anos, quando éramos bem mais jovens.

— É difícil imaginar que Lorde Jullen já tenha sido jovem — disse Sonea, seguindo Tya até o fundo da sala. — Ele é muito duro e crítico.

Em frente a uma das arcas, Tya parou, pegou os livros que estavam com Sonea e empilhou-os dentro.

— As pessoas mudam — disse ela. — Ele cresceu muito cheio de si mesmo, como se ser bibliotecário fosse tão importante quanto, digamos, ser o Chefe dos Guerreiros.

Sonea deu uma risada.

— O Diretor Jerrik diria que o conhecimento é mais importante do que qualquer outra coisa, portanto, como zeladores da sabedoria do Clã, vocês são mais importantes do que os Magos Superiores.

Tya retorceu a boca num sorriso.

— Acho que sei por que o Lorde Supremo escolheu você, Sonea. Agora, vá buscar o resto daqueles livros que ficaram sobre a mesa de Jullen.

Sonea voltou à outra sala. Durante as últimas duas semanas, ela passara a maior parte das noites ajudando Tya. Embora sua verdadeira motivação fosse evitar Regin, ela se dera conta de que sua afeição pela bibliotecária excêntrica aumentava. Tão logo a biblioteca era fechada e elas começavam a limpeza, Tya se mostrava tão falante quanto as mulheres que lavavam roupa à beira do Rio Tarali.

A bibliotecária era uma ouvinte interessada quando Sonea precisava discutir os projetos que lhe haviam sido designados. Se ela não estivesse disposta a conversar, Lady Tya parecia feliz em fazê-lo sozinha. Ela era também uma fonte inesgotável de informações e da história recente do Clã, cheia de relatos de lutas corpo a corpo e de intriga política, de escândalos e segredos. Sonea ficara surpresa ao saber dos rumores que tinham corrido sobre Dannyl quando ele era aprendiz, e que Tya descartara, e entristecida ao saber da morte sofrida da

mulher de Rothen devido a uma doença que nenhum Curador conseguiu curar.

De volta com os livros, Sonea passou pelo armário de novo e olhou para ele, pensativa. Ninguém usava as passagens subterrâneas da Universidade. Regin certamente não. E, como Tya havia dito, ela agora podia ir aonde quisesse.

Logo que a porta de seu aposento se fechou, Rothen apressou-se em sentar numa cadeira e retirou a carta de dentro da túnica. Ela ficara escondida ali desde que um mensageiro a havia entregue num intervalo das aulas. Embora tivesse ficado quase o dia inteiro perturbado pela curiosidade, ele não ousou abri-la na Universidade.

Fazia sete semanas que escrevera a Dannyl. Sete semanas desde que Akkarin tinha levado Sonea. Rothen falara com ela apenas uma vez durante esse período. Rothen se envaidecera quando o aprendiz de uma família influente lhe pedira para ser seu tutor particular; mas ao ficar claro que o aprendiz só estaria disponível no horário em que Rothen ensinava na turma de Sonea, ele começou a suspeitar das razões que poderiam estar por trás do arranjo. Entretanto, teria sido grosseiro recusar. E ele não conseguia pensar numa razão válida para explicar por que, a não ser a verdade.

Rothen olhou para a carta e preparou-se para uma decepção. Mesmo que Dannyl tivesse concordado em ajudá-lo, havia apenas uma leve esperança de que ele encontrasse algo que pudesse derrotar Akkarin. A carta, porém, era grande e surpreendentemente volumosa. Com mãos trêmulas, Rothen quebrou o lacre. Quando várias folhas de papel deslizaram e a caligrafia de Dannyl surgiu, ele pegou a primeira delas e começou a ler.

“Para Rothen.

Foi uma grata surpresa ter notícias suas, meu velho amigo. De fato, andei viajando pelas terras, conhecendo pessoas de diferentes raças, culturas e religiões. A experiência tem sido ao mesmo tempo educativa e esclarecedora, e vou ter muitas histórias para contar ao regressar no próximo verão.

As notícias sobre Sonea são incríveis. É uma mudança afortunada para ela, embora eu compreenda o seu desalento ao perder a guarda dela. Sei que foi seu zelo e seu trabalho empenhado que fizeram dela uma aprendiz merecedora da atenção do Lorde Supremo. Por outro lado, essa nova condição certamente deve ter posto um fim aos seus problemas com certo aprendiz.

Entretanto, fiquei desapontado ao saber que perdi a visita de Dorrien. Por favor, encaminhe-lhe minhas recomendações.

Junto com esta carta seguem umas poucas informações que colhi na Grande Biblioteca e em algumas outras fontes. Espero que lhe sejam úteis. Admiro imensamente o paradoxo de seu novo interesse. Caso minha próxima viagem seja bem-sucedida, é possível que tenhamos ainda mais coisas a acrescentar ao nosso livro.

Seu amigo,

Dannyl.”

Ao folhear as várias páginas, Rothen murmurou, extasiado:

— Tudo isso? O Templo Magnífico? Os Túmulos das Lágrimas Brancas! — Ele deu risada. — Só algumas outras fontes, hein, Dannyl?

Voltando à primeira página, começou a ler. Assim que começara a terceira, foi interrompido por uma batida à porta. Rothen fitou-a e, num salto, ficou de pé, o coração acelerado. Procurou um lugar para esconder a carta volumosa e, então, correu até a estante de livros e colocou-a entre as páginas de um livro maior. A espessura avantajada fez o livro inchar, mas isso passaria despercebido, a não ser que alguém olhasse bem de perto.

Rothen dirigiu-se apressadamente até a porta logo que soou a segunda batida. Inspirou profundamente, preparando-se para o pior. Ao abrir, suspirou aliviado ao ver o velho casal de pé no corredor.

— Yaldin e Ezrille. Entrem.

Eles entraram na sala de visitas.

— Como vai, Rothen? — perguntou Ezrille. — Faz algum tempo que não nos vemos.

— Bem e vocês?

— Ótimo — disse Ezrille. Ela hesitou e olhou, em seguida, para Yaldin.

— Aceitam uma xícara de sumi? — Rothen ofereceu.

— Sim, obrigado — respondeu Yaldin.

O casal sentou e Rothen tratou de arrumar uma bandeja com xícaras e jarras numa mesa lateral. Yaldin falou sobre um assunto menos importante do Clã enquanto Rothen começava a preparar a bebida quente. “Fazia, de fato, muito tempo que não falava com os velhos amigos”, Rothen pensou. Ezrille ficara calada até que ele lhe servira a segunda xícara de sumi.

— Quero que venha jantar conosco todo Primeiro Dia, Rothen — disse ela.

— Mesmo? — Sorriu ele. — Seria ótimo. Mas todo Primeiro Dia?

— Sim — disse ela, decidida. — Sabemos que foi um choque para você o fato de Sonea ter sido escolhida pelo Lorde Supremo. Ela nunca aparece para uma visita, o que deve ser bem frustrante depois de tudo o que fez por ela. Mesmo tendo aulas extras, ela...

— Não pode fazer muita coisa — Yaldin acrescentou, sorrindo para Rothen. — Tenho certeza de que ela virá quando tiver mais tempo. Por ora, não podemos vê-lo por aí nessa apatia.

— Ele quer dizer que você não deve ficar sozinho todas as noites.

— Principalmente com Dannyl fora — acrescentou Yaldin. — Você precisa de gente com quem possa conversar, fora aprendizes ou mestres.

— E Tania disse que você voltou a tomar nemmin — Ezrille acrescentou em voz baixa. — Não se zangue com ela por ter nos contado. Tania está preocupada com você... e nós também.

— Então, você virá? — perguntou Yaldin.

Rothen olhou de um rosto ansioso para o outro e riu.

— Claro. Vou adorar.

Sonea caminhou lentamente pela passagem da Universidade, consciente do ruído de suas botas no chão. Chegando a uma virada, espiou com cuidado a passagem seguinte e suspirou de alívio ao vê-la vazia.

Era tarde. Mais tarde que o costume. Ela tinha conseguido evitar Regin por duas semanas, fosse acompanhando Tya fora da Universidade, fosse fazendo trajetos longos e complicados pelas passagens. A cada vez, ela chegava ao corredor principal para dar com um aprendiz à espera. Entretanto, eles não tentavam atacá-la no corredor principal. Era muito alto o risco de serem descobertos por um mago. O mesmo medo os impedia de ficar esperando muito próximo à biblioteca, já que Tya poderia ouvi-los.

Sonea esperava que os aliados de Regin acabassem perdendo o interesse. Apenas por medida de segurança, passara a deixar sua caixa na biblioteca em vez de levá-la consigo para seu aposento. Eles haviam feito uma bagunça nas suas anotações e livros quando se cansaram de atormentá-la com os golpes de atordoamento. E ela se vira forçada a deixar a caixa para trás, sentindo-se muito exausta por ter de carregá-la.

De modo a manter os passos silenciosos, Sonea tinha de andar devagar quando o que queria mesmo era correr. Não era a primeira vez que ficava imaginando se as botas de magos eram feitas para fazer barulho. Não importava a suavidade de seus passos, o atrito das solas pesadas ecoava pelas passagens silenciosas. Ela suspirou. Fazia apenas algumas semanas ela gostava de perambular pelas passagens da Universidade. Agora, sentia-se de fato aliviada quando cruzava as portas da Residência do Lorde Supremo.

Sonea ouviu um som fraco. Era um riso abafado. Ela parou, compreendendo que eles haviam bloqueado seu acesso ao corredor principal. No entanto, eles não sabiam que ela os escutara. Se voltasse correndo e deslizasse para dentro de uma sala de acesso no interior das passagens, poderia chegar ao corredor vindo de outra direção.

Girando nos calcanhares, saiu correndo.

— Corra, Sonea, corra! — soou a voz de Regin. O som de passos e de risadas tomou a passagem.

Ela dobrou uma esquina e depois outra. Uma porta conhecida apareceu. Sonea agarrou a maçaneta e entrou rapidamente. Sem esperar para ver se eles a seguiam, atravessou às pressas a sala de acesso até a porta do lado oposto e correu pela passagem do outro lado. Ela ouviu o som abafado de uma porta se fechando por detrás.

A passagem virava para a direita, desembocava noutra e acabava numa outra porta. Um aprendiz estava do lado de fora, um riso forçado estampado no rosto.

Sonea estancou e olhou para o aprendiz com desalento. Então, eles agora conheciam as passagens. O riso do aprendiz se alargou e ela estreitou os olhos. É claro que ele fora colocado ali para vigiá-la. Entretanto, ele estava sozinho e era facilmente eliminável.

O riso largo dele desapareceu quando percebeu a expressão de Sonea, e ele rapidamente se colocou de lado. Passando pela porta, ela atravessou a sala e chegou de novo às passagens comuns. Ao ouvir uma porta se abrindo em algum lugar atrás dela, desandou a correr. A passagem principal estava apenas a algumas curvas dali. Ela se atirou dobrando uma esquina, depois outra e, aí, deu com uma saraivada de fogo vermelho.

Ela não vinha colocando escudos, esperando conservar sua força o máximo possível. Tudo escureceu à medida que a dor tomou seu corpo. Quando a visão clareou novamente, estava deitada no chão e sentia o ombro machucado. Outro clarão de fogo a atingiu, impossibilitando-a de qualquer reação a não ser cerrar os dentes. Quando o ataque parou, porém, ela providenciou um escudo.

Sonea rolou no chão, agachou-se sobre os pés e levantou-se. Regin e quatro outros aprendizes ficaram por trás dela. Outros três bloqueavam a passagem para o corredor principal. Mais dois aprendizes chegaram e, em seguida, outros três. Treze aprendizes. Mais do que antes. Ela engoliu com dificuldade.

— Olá, de novo, Sonea. — Sorriu Regin. — Como é que continuamos a nos

encontrar assim toda hora?

Os aprendizes riram baixinho. Agora, não havia sinal de dúvida em suas expressões. Eles não tinham sido chamados para dar conta de pegá-la de surpresa e torturá-la, uma prova de que, como Regin tinha previsto, ela nada contaria a Akkarin.

Regin pôs a mão no coração. — Que coisa estranha é o amor — disse ele pensativo. — Pensei que me odiasse, mas olha só você aqui, me seguindo!

Um dos aprendizes entregou-lhe uma caixa de papelão. Sonea franziu o cenho. Caixas como aquela costumavam conter nozes açucaradas ou outros doces.

— Ah! Um presente! — disse Regin, levantando a tampa. — Algo para demonstrar meu apreço por você.

Dentro da caixa havia pequenos montinhos amarrados de papel colorido. Um cheiro penetrou pelo nariz de Sonea e ela sentiu o estômago revirar. Pelotas de harrel, ela inferiu, ou esterco de herber — ou ambos. Regin pegou uma delas.

— Posso colocar um na sua boca, como os jovens enamorados fazem? — Ele olhou para os companheiros. — Mas você parece precisar de um pouco de aquecimento primeiro.

No que ele fez voar o escudo dela pelos ares, os outros aderiram. O estômago de Sonea afundou de pavor. Com tantos aprendizes a atacá-la, não havia chance de superá-los. Virando-se para os que bloqueavam a passagem para o corredor principal, ela começou a reagir ao ataque deles. Lentamente, eles foram caindo, mas, depois de algumas passadas, ela sentiu que estava enfraquecendo. Os aprendizes, contudo, não mostravam sinais de cansaço.

Sonea parou. Da última vez, ela tinha levado um tempo enorme se arrastando até as portas da Universidade. Ela desejava ter apenas um pouco de energia ainda, suficiente para poder se levantar e andar. Para conservar sua energia, ela poderia deixar o escudo cair um pouco antes da hora e fingir estar completamente exausta. Sim, isso poderia funcionar.

Entretanto, olhando para a caixa de doces, mudou de ideia. Ela aguentaria o

máximo possível. Ao sentir sua força se esvaindo, ela decidiu atirá-los em cima dele.

Sonea sentiu o restante de seu poder lhe escapar lentamente. À medida que o escudo caiu, seu corpo foi alvo de golpes de atordoamento e ela gemeu de dor. Sentiu os joelhos cederem e baterem no chão. Quando o fogo finalmente cessou, ela abriu os olhos e deu com Regin encolhido à sua frente, amassando o envoltório do doce entre os dedos.

— O que está havendo aqui?

Regin esbugalhou os olhos e o rosto adquiriu uma palidez cadavérica. Rapidamente, ele fechou a mão com o doce e se aprumou. Ao se afastar, Sonea viu o dono da voz e sentiu o rosto corar. Lorde Yikmo estava de pé, na passagem, com os braços cruzados.

— E então? — ele indagou.

Regin curvou-se e os demais aprendizes se apressaram em fazer o mesmo.

— Apenas um pequeno jogo, meu lorde — disse ele.

— Um jogo, é? — Yikmo olhou enraivecido. — Será que as regras desse jogo prevalecem sobre as do Clã? Lutas fora das aulas ou da Arena são proibidas.

— Não estávamos lutando — disse um dos aprendizes. — Apenas brincando.

Yikmo estreitou os olhos.

— É mesmo? Então vocês estavam usando golpes de atordoamento fora de combate... contra uma moça indefesa.

Regin engoliu em seco.

— O escudo dela caiu antes que o percebêssemos, meu lorde.

Lorde Yikmo ergueu as sobrancelhas.

— Você não me parece nem disciplinado nem habilidoso como Lorde Garrel alega. Tenho certeza de que Lorde Balkan vai concordar. — Yikmo fez uma varredura do grupo, registrando identidades. — Voltem para seus aposentos, todos vocês.

Os aprendizes apressaram-se em sair. Quando Lorde Yikmo virou-se para vê-la, Sonea desejou que tivesse tido forças para escapar dali enquanto a atenção dele se concentrava nos aprendizes. Ele parecia muito desapontado. Ela se ergueu sobre as pernas sem muita firmeza.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo?

Ela hesitou, sem querer admitir que já acontecera antes.

— Uma hora.

Ele balançou a cabeça.

— Que burrice, a desses aprendizes. Atacar a favorita do Lorde Supremo? E em maioria, também. — Yikmo olhou para ela e suspirou. — Não se preocupe. Não vai acontecer de novo.

— Por favor, não conte a ninguém.

Ele a fitou, franzindo o cenho. Sonea deu um passo à frente, e, aí, oscilou quando o corredor começou a girar. Uma mão a agarrou pelo braço para reequilibrá-la. Ela sentiu uma pequena energia de Cura formigar pelo braço. Assim que readquiriu o equilíbrio, afastou a mão de Yikmo.

— Diga-me, você revidou?

Ela meneou a cabeça, negando.

— Por que não?

— De que serviria?

— De nada, mas a maior parte das pessoas, quando em minoria, reage lutando por orgulho. Mas talvez você tenha se privado pela mesma razão.

Yikmo olhou-a, esperançoso, mas ela parecia distante e permanecia calada.

— É claro que, se tivesse mirado em um ou dois dos aprendizes mais fracos, os teria deixado tão exaustos quanto você. No mínimo, isso desencorajaria os demais.

Sonea franziu o cenho.

— Mas eles não possuíam escudos internos. E se eu ferisse um deles?

Ele sorriu, satisfeito.

— Esta é a resposta que eu queria ouvir. Embora ache que há algo além de zelo na sua relutância em revidar.

Sonea sentiu uma ponta de raiva. Mais uma vez ele a pressionava, bisbilhotando suas fraquezas. Mas não se tratava de uma aula. Não seria suficiente a humilhação de ser encontrada por ele? Desejava que ele a deixasse em paz e pensou no único assunto que fazia a maioria dos magos recuar.

— Teria tanta gana de golpear, se tivesse visto um menino morrer nas mãos de magos?

O olhar de Yikmo não vacilou, pelo contrário, intensificou-se.

— Ah — disse ele. — Então, é isso.

Ela o fitou, estarrecida. Será que ele transformaria até a tragédia da Purificação em outra preleção? Ela sentiu a raiva crescer e sabia que não seria capaz de controlar a emoção por muito tempo.

— Boa noite, Lorde Yikmo — disse, cerrando os dentes. Em seguida, virando as costas, caminhou a passos largos pela passagem na direção do corredor principal.

— Sonea! Volte aqui.

Ela o ignorou. Yikmo a chamou novamente e havia raiva e autoridade no tom de voz. Lutando contra a debilidade das pernas, ela apertou as passadas.

Ao chegar ao corredor, sentiu a fúria refluir. Ele a faria se arrepender daquela saída grosseira, mas por ora ela pouco se importava. Tudo o que queria era uma cama quentinha para dormir por muitos dias.

Capítulo 28

Plano Secreto

Quando a porta se abriu, a luz do sol brilhante entrou e ofuscou os olhos de Lorlen. Ele colocou a mão na frente para fazer uma sombra e seguiu Akkarin para o teto da Universidade.

— Nós temos companhia — observou Akkarin.

Seguindo o olhar do companheiro, Lorlen viu uma figura solitária de túnica vermelha parada próximo ao parapeito.

— Lorde Yikmo. — Lorlen franziu a testa. — Balkan deve ter lhe dado acesso.

Akkarin fez um barulho baixo de desaprovação.

— Há tantas identidades registradas na porta que me pergunto por que nós nos damos o trabalho de trancá-la.

Ele caminhou em direção ao Guerreiro. Lorlen se apressou em segui-lo, preocupado que Akkarin tivesse a intenção de remover o acesso de Yikmo ao telhado.

— Balkan não teria concedido acesso a ele se não o tivesse em alta conta.

— É claro. Nosso Chefe dos Guerreiros sabe que seus métodos de ensino não são adequados para todos os aprendizes. Eu tenho certeza de que ele está ciente de que Yikmo desvia a atenção de suas próprias fraquezas.

Yikmo não havia percebido a aproximação deles. O Guerreiro se inclinou no parapeito, a atenção capturada por algo abaixo. Ele levantou os olhos quando Akkarin estava a apenas alguns passos de distância e se aprumou apressado.

— Lorde Supremo. Administrador.

— Saudações, Lorde Yikmo — Akkarin respondeu, tranquilo. — Eu não o tinha visto aqui antes.

Yikmo balançou negativamente a cabeça.

— Eu raramente venho aqui... a não ser quando preciso pensar. Tinha esquecido como é boa essa vista.

Lorlen olhou para o território em volta, e para a cidade localizada num dos lados. Deixando o olhar se quedar sobre os jardins, viu que alguns aprendizes tinham se aventurado a sair durante a pausa do meio-dia. Embora a neve ainda cobrisse o terreno, o sol continha um indício do calor da primavera vindoura.

Mais próximo deles havia uma figura familiar. Sonea estava sentada num dos bancos de jardim, a cabeça inclinada sobre um livro.

— A fonte da minha contemplação — Yikmo admitiu.

— Ela está melhorando? — Akkarin perguntou.

— Não tão rapidamente quanto eu esperava. — Yikmo suspirou. — Ela ainda hesita em atacar. Estou começando a entender por quê.

— O quê?

Yikmo deu um sorriso torto.

— Ela é boazinha demais.

— Como assim?

— Ela está preocupada de que vá machucar alguém... mesmo seus inimigos. — Yikmo franziu a testa e encarou o Lorde Supremo. — Ontem à noite, descobri Regin e vários outros aprendizes atormentando Sonea. Eles a haviam cansado até quase o ponto de exaustão e usavam golpes de atordoamento.

Lorlen sentiu o coração parar.

— Golpes de atordoamento — ele sibilou.

— Eu os lembrei das regras do Clã e os enviei para seus aposentos.

Yikmo olhou com expectativa o Lorde Supremo, mas Akkarin não respondeu. Ele encarou Sonea com um olhar tão intenso que Lorlen se perguntou se ela não poderia senti-lo.

— Eram quantos aprendizes? — ele perguntou.

Yikmo olhou para o lado enquanto pensava.

— Doze ou treze. Posso identificar a maioria deles.

Akkarin assentiu com a cabeça.

— Não será preciso. Não há necessidade de chamar mais atenção para esse incidente. — Seu olhar sombrio se voltou para o Guerreiro. — Obrigado por me informar disso, Yikmo.

Yikmo parou como se fosse dizer mais alguma coisa e então concordou com a cabeça e se afastou em direção à porta. Quando o Guerreiro desapareceu, o olhar de Akkarin recaiu sobre Sonea de novo. Os cantos dos seus lábios estavam ligeiramente curvados para cima.

— Doze ou treze. Sua força está crescendo rapidamente. Eu me lembro de um aprendiz na minha classe cujo poder cresceu tão rápido quanto.

Lorlen encarou Akkarin de perto. Na brilhante luz do sol, a pele pálida do Lorde Supremo parecia doentia. Havia sombras sob os olhos, mas o olhar era atento.

— Pelo que me lembro, você progrediu igualmente rápido.

— Eu com frequência me pergunto se teríamos feito assim caso não estivéssemos constantemente tentando superar um ao outro.

Lorlen deu de ombros.

— Provavelmente.

— Eu não sei. Talvez a rivalidade tenha sido boa para nós.

— Boa para nós? — Lorlen deu uma risada curta. — Boa para você. Acredite, não há nada de bom em ser o segundo lugar. Estar ao seu lado era o mesmo que ser invisível... ao menos quando se tratava das mulheres. Se eu soubesse que

ambos íamos acabar solteirões, não teria tido tanta inveja de você.

— Inveja? — O sorriso de Akkarin se desvaneceu. Ele se virou para encarar o horizonte. — Não. Não tenha inveja.

A resposta foi tão fraca que o Administrador se perguntou se ele realmente a tinha ouvido. Lorlen abriu a boca para perguntar por que ele não deveria ter inveja, mas o olhar de Akkarin tinha se desviado para o Posto da Guarda arruinado.

— Como estão indo os planos de Davin para o Posto de Guarda?

Suspirando, Lorlen deixou a pergunta de lado e voltou a mente para os assuntos do Clã.

No começo da tarde, Dannyl e Tayend haviam deixado as últimas casas pobres da parte externa de Capia para trás. Fazendas e pomares cobriam as colinas com quadrados de verdes diferentes. Ocasionalmente, um canteiro recém-afofado de terra acrescentava uma pitada de marrom avermelhado ao conjunto.

Os cavalos avançavam num ritmo confortável. Criados haviam sido enviados antes para anunciar sua chegada na primeira parada, a casa da irmã de Tayend. Dannyl respirou fundo e suspirou contente.

— É bom estar viajando de novo, não é? — Tayend disse.

Dannyl olhou para o companheiro, surpreso.

— Você está mesmo ansioso por isso?

— Sim. Por que não deveria estar?

— Pensei que nossa última viagem tinha feito com que não gostasse mais de viajar.

Tayend deu de ombros.

— Tivemos algumas experiências desagradáveis, mas não foi tudo ruim. Dessa vez, estamos permanecendo dentro das fronteiras de Elyne e em terra firme.

— Tenho certeza que podemos encontrar um lago ou rio com barcos para contratarmos se você começar a sentir que nossa viagem carece do sentimento de aventura que deseja.

— Bisbilhotar em bibliotecas de outras pessoas vai ser aventura o bastante — Tayend disse firme. Olhou a distância e franziu os olhos. — Eu me pergunto que Dem tem os livros que estamos buscando.

— Se algum deles tem — Dannyl disse com certa descrença. — Até onde sabemos, Akkarin pode ter visitado um Dem em outro lugar, e viajado para as montanhas por um motivo totalmente diferente.

— Mas aonde ele foi depois? — Tayend olhou para Dannyl. — É isso que me intriga mais. Sabemos que Akkarin foi para as montanhas. Depois disso, não há menção dele. Não nos registros da cidade, nem nas lembranças das pessoas. Duvido que ele tenha voltado para Capia em segredo, e ele só retornou ao Clã anos depois. Ele permaneceu nas montanhas todo esse tempo? Viajou por elas, para o norte ou para o sul? Ou as atravessou?

— Para Sachaka?

— Faria sentido. O Império Sachakano não é velho o suficiente para ser chamado de antigo, mas é uma sociedade bastante mágica... e ele pode ter encontrado referências de culturas ainda mais antigas.

— Nós temos bastante material em nossas bibliotecas sobre o império — Dannyl disse. — Mas duvido que tenha sobrado muita coisa para se encontrar em Sachaka. O que o Clã não levou consigo depois da guerra, ele destruiu.

Tayend ergueu as sobrancelhas.

— Bonito da parte deles.

Dannyl deu de ombros.

— Era uma época diferente. O Clã era recém-formado, e, depois dos horrores da guerra, os magos estavam determinados a evitar outra. Eles sabiam que se permitissem aos magos sachakanos manter seu conhecimento de magia, teriam guerras de vingança infindáveis entre os dois países.

— Então deixaram uma desolação.

— Em parte. Além do território devastado, há terra fértil, fazendas e cidades. E Arvice, a capital.

Tayend franziu o rosto.

— Você acha que Akkarin foi para lá?

— Eu nunca ouvi alguém falar que ele foi.

— Então, se ele visitou Sachaka, por que manteve esse fato para si mesmo? — Tayend fez uma pausa, pensando. — Talvez tenha passado todos esses anos pesquisando o Império Sachakano, sem encontrar nada, e ficou envergonhado demais para admitir. Ou... — Tayend sorriu — talvez ele tenha passado um tempo em ociosidade e não quis admitir isso... ou fez algo que o Clã não aprovaria... ou se apaixonou por uma jovem garota sachakana, casou com ela e jurou nunca mais retornar, exceto que ela morreu, ou o deixou e ele...

— Não vamos nos empolgar demais, Tayend.

Tayend sorriu.

— Ou talvez ele tenha se apaixonado por um jovem sachakano e foi por fim descoberto e expulso do país.

— É do Lorde Supremo que você está falando, Tayend de Tremmelin — Dannyl disse severo.

— Por acaso o ofende eu sugerir tal coisa? — Havia um tom de desafio na voz do acadêmico.

Dannyl encarou o olhar de Tayend.

— Eu posso estar desenterrando um pouco do passado dele para ajudar minha pesquisa, Tayend, mas isso não significa que não tenho respeito pelo homem ou por seu cargo. Se ele fosse ficar ofendido ou se seu cargo fosse ameaçado pela especulação, então eu desencorajaria isso.

— Entendo. — Ficando sério, Tayend baixou o olhar para as rédeas.

— E mesmo assim — Dannyl acrescentou —, o que você sugere é impossível.

Tayend deu um sorriso malicioso.

— Como pode ter tanta certeza?

— Porque Akkarin é um mago poderoso. Os sachakanos conseguirem expulsá-lo? Ah! Duvido!

O acadêmico riu e balançou a cabeça negativamente. Ficou em silêncio por um tempo, então franziu a testa.

— O que nós vamos fazer se descobrirmos que Akkarin realmente viajou para Sachaka? Vamos para lá também?

— Hummm. — Dannyl se virou para olhar para trás na estrada. Capia havia desaparecido atrás das colinas ondulantes. — Isso depende de quanto tempo vou levar para realizar minhas obrigações como Embaixador do Clã.

Quando ouvira Errend reclamando da turnê bianual vindoura do país, Dannyl se oferecera para tomar seu lugar, pensando como seria uma oportunidade ideal para deixar Capia e continuar sua pesquisa sem levantar perguntas sobre se esquivar de suas responsabilidades. Errend tinha ficado contente.

Para a consternação de Dannyl, ele descobriu que a jornada o levaria ao redor do país inteiro, que ele teria de passar semanas em lugares onde não havia nenhuma biblioteca particular e que não ia partir antes do verão. Impaciente em começar, Dannyl persuadiu Errend a organizar a viagem antes, mas não havia jeito de omitir quaisquer destinos da programação.

— Então, o que exatamente você vai fazer? — Tayend perguntou.

— Vou me apresentar para os Dems do interior, entrar em contato com os magos e confirmar o potencial mágico das crianças que o Rei vai mandar para o Clã. Espero que você não ache isso tedioso demais.

Tayend deu de ombros.

— Eu posso bisbilhotar bibliotecas particulares. Isso valeria dez viagens. E posso visitar minha irmã.

— Como ela é?

O rosto de Tayend se iluminou com um grande sorriso.

— Ela é incrível. Acho que ela descobriu que eu era um moço muito antes que eu mesmo. Você vai gostar dela, acho, embora ela tenha um jeito meio desconcertante de ir direto ao ponto. — Ele apontou a estrada. — Veja aquela fileira de árvores colina acima. É lá que a estrada para a propriedade dela começa. Vamos em frente. Não sei quanto a você, mas eu estou com fome!

Enquanto Tayend incitava o cavalo a trotar, Dannyl sentiu o estômago roncar. Olhou para as árvores que Tayend havia indicado e cutucou os flancos de sua montaria com as botas. Logo estavam saindo da estrada, cavalgando embaixo de um arco de pedra e se dirigindo a uma distante mansão do interior.

Voltando da biblioteca depois de sua aula da noite, Sonea notou as manchas escuras sob os olhos de Tya.

— Ficou até muito tarde ontem à noite, minha lady?

A bibliotecária concordou com a cabeça.

— Quando essas entregas chegam, tenho de fazer isso. Não há outra hora para arrumá-las. — Bocejou e então sorriu. — Obrigada por ficar um tempo para me ajudar.

Sonea encolheu os ombros.

— Essas caixas também são para a Biblioteca dos Magos?

— Sim. Nada muito excitante. Apenas alguns compêndios. — Elas pegaram uma pilha de caixas cada uma e percorreram o caminho pelas passagens. As sobrancelhas de Jullen se levantaram quando Sonea seguiu Tya para dentro da Biblioteca dos Magos.

— Então, você conseguiu uma assistente — ele observou. — Achei que Lorlen havia recusado seu pedido.

— Sonea ofereceu seu tempo por escolha própria.

— Você não deveria estar estudando, Sonea? Penso que a aprendiz do Lorde

Supremo teria coisas melhores para fazer do que carregar caixas.

Mantendo a expressão neutra, Sonea olhou ao redor.

— O senhor pode sugerir um lugar melhor para eu passar meu tempo livre, meu lorde?

Sua boca se contorceu e depois ele fungou.

— Contanto que o tempo seja livre. — Ele olhou para Tya. — Vou me recolher agora. Boa noite.

— Boa noite, Lorde Jullen — Tya respondeu.

Quando o severo mago partiu, Tya se dirigiu ao depósito. Sonea riu.

— Acho que ele está com inveja.

— Inveja? — Tya se virou e franziu a testa. — Do quê?

— Você conseguiu uma assistente. Não só isso, a aprendiz do Lorde Supremo.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Você dá um alto valor a si mesma.

Sonea fez uma careta.

— Não por minha escolha. Mas aposto que Jullen ficou um pouco irritado por você ter conseguido uma ajudante voluntária.

Tya franziu a boca, como se estivesse resistindo à vontade de sorrir.

— Apresse-se, então. Se vai ser de alguma ajuda, não fique aí parada especulando.

Seguindo Tya até a sala dos fundos, Sonea colocou as caixas em cima de um baú e começou a retirar o conteúdo delas. Resistiu à tentação de examinar o armário de velhos livros e mapas, concentrando-se em vez disso em organizar os livros em pilhas e separá-los. Tya parou para bocejar várias vezes.

— Quão tarde você ficou ontem à noite? — Sonea perguntou.

— Muito tarde — Tya admitiu.

— Por que não deixa para eu fazer isso?

Tya lançou um olhar incrédulo para ela.

— Você realmente tem energia demais, Sonea — suspirou. — Eu não devo deixar você sozinha... e você ficaria trancada. Terei que voltar e te deixar sair.

Sonea deu de ombros.

— Eu tenho certeza que você não vai me esquecer. — Olhou para os livros. — Posso ajudar com isso, mas não com o trabalho de catalogação. É melhor você voltar e terminá-lo.

Tya concordou com a cabeça lentamente.

— Muito bem. Eu vou e volto para buscá-la em uma hora. — Ela sorriu. — Obrigada, Sonea.

Seguindo a bibliotecária até a porta, Sonea a observou se afastar. Ela sentiu uma animação crescente conforme o barulho dos passos de Tya sumia na distância. Virando-se, encarou a biblioteca. A poeira pairava no ar, colorida de amarelo pelo brilho de seu globo de luz. As estantes de livro se estendiam pela escuridão, como se continuassem no infinito.

Sorrindo para si mesma, ela voltou ao depósito e empilhou os livros tão rápido quanto possível. Contou os minutos, ciente de que só tinha uma hora. Depois de ter desempacotado as caixas, ela as abandonou e foi até o armário.

Ela inspecionou a trava com cuidado, tanto com os olhos quanto com a mente. Tya havia falado de uma trava e fazia sentido que um repositório tão importante de conhecimento fosse protegido por magia. A busca provou que suas suspeitas estavam corretas.

Embora a trava física não fosse mais complicada do que outras que ela havia forçado antes, ela não tinha ideia se seria possível derrotar uma trava mágica. Mesmo que conseguisse, sua intervenção poderia ser detectável e ela identificável.

Quando a ensinara como forçar fechaduras, Cery tinha lhe dito para procurar outra maneira primeiro. Algumas vezes, há jeitos mais fáceis de acessar um

lugar do que forçar a trava. Ela procurou as dobradiças das portas e xingou baixinho quando viu que ficavam para dentro do armário.

Começou a examinar o conjunto todo, inspecionando com cuidado as juntas e beiradas. O armário era velho, mas resistente e benfeito. Ela franziu os lábios, pensativa, e então pegou uma cadeira e ficou acima dele para examinar a parte superior. Nenhum ponto fraco ali também. Suspirando, desceu e voltou para o chão.

Com isso, sobrou a parte de trás e a base. Para olhar embaixo, ela teria que levantar o armário com magia e engatinhar para examinar o fundo. Embora tivesse se recuperado o suficiente da exaustão da noite anterior para lidar com as aulas, ela não tinha certeza de que poderia levantar e segurar o armário com firmeza. Queria tanto assim encontrar o mapa?

Olhou pelo vidro para os livros e papéis enrolados. Uma fina membrana de vidro e tela metálica era tudo que se encontrava entre ela e uma possível fuga de Regin. Mastigou o lábio, frustrada.

Então ela percebeu algo estranho na parte de trás de madeira.

Conseguiu ver duas linhas no sentido do comprimento, retas demais para serem fendas naturais na madeira. O fundo do armário obviamente não era feito de uma peça inteiriça. Agachando um pouco, ela conferiu para ver se as linhas se estendiam até a base. Isso não acontecia.

Ficando na lateral do armário, ela olhou pelo espaço entre ele e a parede. Com um globo de luz minúsculo, iluminou o espaço estreito e descobriu uma coisa estranha.

Algo do tamanho de um livro, mas feito de madeira, estava preso à parede atrás do armário.

Afastando-se, inspirou fundo e lentamente estendeu seu poder para fora de si e ao redor do armário, tomando cuidado para sua magia não tocar a trava. Com um uso delicado da vontade, levantou o armário. Este balançou um pouco enquanto se elevava. Franzindo a testa com a concentração, ela o virou para longe da parede como se ele fosse uma porta e o colocou no chão com cuidado de novo,

com algumas farens se afastando assustadas de suas teias.

Sonea soltou o ar, e percebeu que seu coração estava batendo rápido. Se alguém descobrisse o que estava fazendo ali, ela ia ter problemas sem fim. Olhando pelo vidro, ficou aliviada de ver que nenhum dos itens do armário estava fora de lugar. Andando até a parte de trás, ela descobriu que o objeto atrás do armário era apenas uma pequena pintura. Olhou para a parte de trás do armário e respirou fundo, surpresa.

Um pequeno quadrado havia sido recortado nas costas. Ela deslizou as unhas pelo buraco e o quadrado de madeira saiu com facilidade, revelando as pontas dos papéis enrolados e alguns livros.

Agora, seu coração estava disparado. Ela hesitou, temerosa de enfiar a mão dentro do armário. O buraco havia sido criado por alguém. Será que sempre fizera parte do armário? Ou alguém o cortara mais tarde, para poder tirar algo sem ser percebido. Seus sentidos não detectavam uma barreira sobre o buraco ou qualquer outra magia. Ela enfiou a mão e gentilmente tirou um dos pergaminhos.

Era uma planta dos Alojamentos dos Magos. Ela a inspecionou com cuidado, mas não conseguiu encontrar passagens escondidas marcadas. Colocando-a de volta, tirou outra. Dessa vez, era uma planta que detalhava os Alojamentos dos Aprendizes. Nenhuma passagem secreta ali também.

O terceiro pergaminho que ela pegou mostrava um mapa da Universidade e seu pulso se acelerou. Mas nada de misterioso ou incomum estava marcado nela. Desapontada, Sonea o substituiu e estava prestes a pegar outro pergaminho quando algo chamou sua atenção.

Enfiado entre as páginas de um dos livros estava um pedaço de papel. Curiosa, ela retirou o livro.

— As Majias do Mondo — ela leu em voz alta. Era um dos primeiros textos usado na aula de História. Embaixo do título estava escrito, numa tinta desbotada: Cópia do Lorde Supremo.

Um calafrio passou por seu corpo. De repente, queria colocar o livro de volta, o armário no lugar e sair da biblioteca o mais rápido possível. Respirando fundo,

colocou os medos de lado. A biblioteca estava fechada. Mesmo se Jullen ou Tya voltassem, ela poderia ouvi-los chegando. Embora tivesse que se mover com rapidez, provavelmente conseguiria colocar o armário de volta antes de eles entrarem no depósito.

Abrindo o livro onde o pedaço de papel estava, ela examinou as páginas e reconheceu parte do texto. Nada de estranho ou incomum explicava essa página estar marcada. Dando de ombros, colocou o papel usado como marcador sobre a página.

Então seu coração parou. Três mapas minúsculos da Universidade, desenhados à mão, estavam esboçados no pedaço de papel... um para cada andar. Olhando atentamente, sentiu um tremor de excitação. Nos outros mapas, as paredes eram linhas grossas; nesse, elas eram ocas, e nelas havia portas indicadas onde ela sabia não existir nenhuma. Pequenas cruzes misteriosas tinham sido marcadas dentro das paredes. O terceiro mapa, do térreo, mostrava uma teia de aranha de passagens fora das paredes da Universidade.

Ela havia encontrado! Um mapa das passagens embaixo da Universidade. Ou, mais precisamente, um mapa das passagens por toda a Universidade.

Segurando o mapa, ela deu um passo para trás do armário. Deveria levar consigo, ou alguém iria notar que estava faltando? Talvez pudesse copiá-lo. Quanto tempo ainda tinha? Conseguiria memorizá-lo?

Olhando para o mapa, ela traçou as passagens com os olhos. Percebeu um pequeno símbolo desenhado em uma das paredes internas próxima da Biblioteca dos Magos. Examinando com atenção, notou que era a parede da qual ela estava ao lado, marcando um lugar mais ou menos em...

Virando-se, observou a pintura pendurada atrás do armário. “Por que pendurar um quadro atrás de um armário?” Sonea pegou o quadro, ergueu-o e prendeu a respiração.

Um buraco quadrado preciso havia sido cortado na parede. Olhando dentro, ela podia ver um quadrado de luz correspondente iluminando a parede de pedra adiante, a um braço de distância.

Apressada, deixou que a pintura voltasse ao lugar. Seu coração batia a mil agora. Aquilo não era coincidência. Quem quer que tivesse feito o buraco o havia criado para chegar ao armário.

Poderia ter sido feito séculos atrás. Ou poderia ter sido feito recentemente. Examinando o mapa de novo, ela viu que não conseguiria memorizá-lo, e, agora que sabia que alguém poderia voltar ao armário e perceber que ele estava faltando, não ousava levá-lo com ela. Mas ela não podia partir de mãos vazias. Uma oportunidade para acessar o armário poderia não surgir de novo.

Correndo para a mesa de Lorde Jullen, encontrou uma folha fina de papel, uma caneta e seu tinteiro. Colocando o papel sobre o mapa, começou a decalcar tão rápido quanto possível. Sua boca estava seca enquanto ela trabalhava, a respiração irregular. Parecia que estava levando tempo demais, mas por fim terminou. Dobrando a cópia, colocou-a num bolso da túnica.

Só então ela ouviu o barulho fraco de passos se aproximando da biblioteca. Xingando baixinho, limpou apressada a caneta de Jullen e a colocou de lado. Correndo para o depósito, pôs o mapa de volta no livro e devolveu o livro à prateleira. Quando pressionou o quadrado de madeira de volta no lugar, ouviu os passos se deterem na porta da biblioteca. Afastando-se da parede, concentrou sua mente no armário.

“Com cuidado.” Respirando fundo, levantou o armário e colocou as costas dele novamente contra a parede.

A porta da biblioteca fechou-se.

— Sonea?

Percebendo que estava tremendo, Sonea decidiu que não confiava em sua voz.

— Hummm? — ela respondeu.

Tya apareceu na entrada do depósito.

— Você terminou?

Concordando com a cabeça, Sonea pegou as caixas vazias.

— Desculpe ter demorado tanto. — Tya franziu a testa. — Você parece meio... perturbada.

— É meio assustador aqui — Sonea admitiu. — Mas estou bem.

Tya sorriu.

— É, pode ser. Mas, graças a você, tudo está terminado e podemos finalmente dormir um pouco.

Enquanto seguia Tya para fora da biblioteca, Sonea colocou a mão no bolso onde o mapa estava escondido e sorriu.

Capítulo 29

Uma Revelação

Sonea respirou fundo ao entrar na sala de treinamento de Yikmo. De olhos baixos, parou logo depois da porta.

— Meu lorde — disse ela. — Peço desculpas pela desobediência da outra noite. O senhor me ajudou e eu fui grosseira.

Yikmo ficou em silêncio por um momento e, depois, sorriu.

— Sonea, você não tem de se desculpar por isso.

Erguendo o olhar, ela ficou aliviada ao ver que Yikmo sorria. Ele apontou um assento e ela, obedientemente, se sentou.

— É preciso que compreenda que isso é o que eu faço — disse ele. — Vejo os aprendizes que estão tendo dificuldades com o treino de Artes Guerreiras e descubro a razão. Entretanto, em todos os casos, exceto no seu, os aprendizes a quem tenho ensinado procuram minha ajuda por eles mesmos. Ao perceberem que vou levantar questões pessoais que podem ser a causa de seus problemas, eles têm três opções: aceitar meu método de ensino, procurar outro professor ou escolher outra disciplina. Mas você... Você só está aqui porque seu guardião assim o deseja. — Ele olhou diretamente para ela. — Estou certo?

Sonea assentiu.

— É difícil gostar de algo em que não se é bom. — O mago olhou para ela de forma firme e calma. — Você quer melhorar nessa disciplina, Sonea?

Ela deu de ombros.

— Sim.

Os olhos dele se estreitaram.

— Suspeito que esteja dizendo apenas o que acha que deve dizer. Eu não vou comunicar sua resposta ao seu guardião, se é isso o que teme. Não vou pensar mal de você se disser que não quer. Considere a questão com cuidado. Você deseja realmente dominar essa arte?

Desviando o olhar, Sonea pensou em Regin e em seus seguidores. Talvez se os ensinamentos de Yikmo a ajudassem a se defender... mas, com tantos aprendizes aliados contra ela, que utilidade haveria em saber habilidade e estratégia?

Havia alguma outra razão para melhorar? Ela certamente não se importava em conquistar a aprovação do Lorde Supremo — e mesmo alcançando a proficiência de Yikmo ou de Balkan, jamais teria a força para enfrentar Akkarin.

Um dia, porém, o Clã viria a descobrir a verdade sobre o Lorde Supremo. Ela desejava estar lá para emprestar sua força ao embate. Ser boa em Artes Guerreiras apenas aumentaria as chances de derrotá-lo.

Sonea se aprumou. Sim, esse era um bom motivo para melhorar suas habilidades. Ela podia não gostar das aulas de Artes Guerreiras, mas se, um dia, ajudassem o Clã a expulsar Akkarin, ela aprenderia tudo o que pudesse.

Ela olhou para Yikmo.

— Se for difícil gostar daquilo em que não se é bom, será que vou gostar mais quando melhorar nisso?

O Guerreiro deu um sorriso largo.

— Sim. Prometo que gostará. Mas não o tempo todo. Todos nós temos de sofrer derrotas de tempos em tempos, e não conheço alguém que goste disso. — Ele fez uma pausa e sua expressão ficou mais grave. — Mas, primeiro, temos alguns assuntos mais sérios a tratar. Você tem muitas fraquezas a superar e aquilo que testemunhou durante a Purificação trouxe à tona grande parte delas. O medo de matar a fez relutar em atacar, e saber que era mais forte do que os outros a tornou ainda mais cautelosa. Precisa aprender a confiar em si mesma. Você tem de conhecer os limites da sua força e do seu Controle. E eu criei alguns exercícios que vão ajudá-la nisso. Esta tarde usaremos a Arena.

Sonea olhou para ele surpresa.

— A Arena?

— Sim.

— Só para mim?

— Toda para você... e seu mestre, é lógico.

Ele deu um passo em direção à porta.

— Então, vamos.

Levantando-se, ela o seguiu para fora da sala e entrou na passagem.

— A Arena não é usada diariamente por outras turmas?

— Sim — respondeu Yikmo. — Mas convenci Balkan a fazer outra coisa com sua turma esta tarde. — Ele olhou para ela sorrindo. — Algo engraçado que os levasse para fora do Clã, assim não se ressentiriam com sua intrusão.

— O que estão fazendo?

Ele deu uma gargalhada.

— Explodindo pedras numa antiga pedreira.

— O que vão aprender com isso?

— A respeitar o potencial destrutivo de seus poderes. — Yikmo deu de ombros. — Isso também os ajuda a lembrar dos danos que podem causar aos arredores, caso lutem fora da Arena.

Eles chegaram ao corredor principal e continuaram pela escadaria dos fundos. Ao deixarem o prédio e se encaminharem para a Arena, Sonea olhou para as janelas da Universidade. Apesar de não ver nenhum rosto, ela se deu conta, de repente, de que sua lição “particular” não seria tão particular assim.

Entrando pelo portal da Arena, passaram pela escuridão e chegaram à luz do sol novamente. Yikmo apontou na direção dos Alojamentos dos Curadores.

— Ataque a barreira.

Ela franziu o cenho. — Apenas... atacar?

— Sim.

— De que jeito?

Ele fez um movimento com a mão, desinteressado.

— Qualquer um. Não importa. Apenas ataque.

Respirando fundo, Sonea concentrou seu desejo e fez um ataque de fogo em direção ao escudo invisível. Ao atingi-lo, centenas de filamentos de energia explodiram entre as espirais curvas da Arena. O ar vibrou com um tilintar abafado.

— Golpeie novamente, mas com mais força.

Dessa vez, um raio encobriu todo o teto da barreira. Yikmo sorriu e assentiu.

— Nada mal. Agora, coloque toda a sua força no ataque.

A força faiscou por dentro e para fora dela. Foi uma sensação de euforia. O escudo se despedaçou com a luz e Yikmo soltou uma risada.

— Agora coloque toda a sua força, Sonea.

— Pensei que eu tivesse colocado.

— Não acho que tenha feito. Imagine que tudo que importa para você depende apenas de um único e enorme esforço. Não se contenha.

Assentindo com a cabeça, Sonea imaginou Akkarin em frente à barreira. E visualizou Rothen de pé a seu lado, o alvo do enorme poder de Akkarin.

“Não se contenha”, disse para si mesma ao enviar a magia.

A barreira da Arena brilhou tão intensamente que ela precisou proteger os olhos. Embora o tilintar não fosse mais audível, seus ouvidos vibraram com o som. Yikmo exultou, tranquilo.

— É mais parecido com isso! Agora, faça novamente.

Ela olhou para ele.

— De novo?

— Mais forte, se puder.

— E quanto à barreira da Arena?

Ele riu.

— Seria necessário muito mais do que isso para quebrar a barreira da Arena. Os magos a têm fortalecido por séculos. Espero ver os suportes incandescerem no final desta aula, Sonea. Continue. Aplique outro golpe.

Após alguns outros ataques, Sonea percebeu que estava começando a se divertir. Embora o ataque à barreira da Arena não significasse um desafio, era um alívio poder arremessar sem se preocupar com precauções ou restrições. Entretanto, cada ataque era um pouco mais fraco e, logo, tudo que ela podia fazer era enviar alguns filamentos de luz através da barreira.

— Isto será suficiente, Sonea. Não quero que pegue no sono na próxima aula. — Ele olhou para ela de forma inquisitiva. — Como se sente em relação a esta aula?

Ela sorriu.

— Não foi tão dura quanto as que costuma dar.

— Você gostou?

— Acho que sim.

— De que forma?

Ela franziu o cenho, e reprimiu um sorriso.

— É como... ver quão rápido eu posso correr.

— Algo mais?

Sonea não podia contar a ele que imaginara estar reduzindo Akkarin a cinzas. Mas ele tinha notado sua hesitação.

— Algo parecido, então?

Olhando para ele, ela sorriu com malícia.

— É como atirar pedras em magos.

As sobrancelhas de Yikmo se arquearam.

— Verdade?

Virando-se, ele fez um gesto para que ela o seguisse para o portal da Arena.

— Hoje, nós testamos seus limites, mas não medimos sua força contra os outros. Este será o próximo passo. Uma vez sabedora da força que poderá usar com segurança contra outra pessoa, deixará de hesitar antes de atacar.

Ele fez uma pausa.

— Faz dois dias que Regin exauriu você. Sentiu-se cansada ontem?

— Um pouco, pela manhã.

Ele assentiu lentamente.

— Vá para a cama cedo esta noite, se puder. Vai precisar da sua força amanhã.

— Então, o que acha de minha irmã?

Vendo que Tayend exibia um sorriso largo, Dannyl deu uma gargalhada.

— Rothen diria que ela se expressa com franqueza.

— Ah! — respondeu Tayend. — Você está simplificando as coisas.

Mayrie de Porreni era tão sincera quanto seu irmão era bonito, embora ambos fossem magros e de ossatura pequena. Era objetiva e tinha um senso de humor ousado que fazia dela uma pessoa fácil de se gostar.

Na propriedade administrada pelo marido criavam-se cavalos e havia algumas plantações de alimentos e vinhos muito procurados em todas as Terras Aliadas. A casa era uma mansão unilinear, contornada por uma varanda. Após o jantar, Tayend pegara uma garrafa de vinho e alguns copos e levara Dannyl para a varanda, onde havia cadeiras dispostas de forma a se ter uma vista do vinhedo.

— Onde está o marido dela, Orrend? — perguntou Dannyl.

— Em Capia — disse Tayend. — Mayrie administra tudo por aqui. Ele só vem de visita uma vez a cada poucos meses. — Ele olhou para Dannyl e baixou a voz. — Eles não se dão muito bem. Meu pai a casou com alguém que ele achou ser adequado para ela. Mas, como sempre, a Mayrie da imaginação dele é completamente diferente da Mayrie real.

Dannyl concordou. Ele percebera como Mayrie tinha ficado tensa quando o nome do marido fora mencionado por um dos convidados, durante o jantar.

— Imagine você, o homem que ela escolheria caso seu casamento não fosse arranjado seria um erro maior ainda — acrescentou Tayend. — Um dia desses, ela vai admitir isso. — Ele suspirou. — Ainda espero que meu pai escolha uma esposa adequadamente terrível para mim.

Dannyl franziu o cenho.

— Ele ainda faria isso?

— Provavelmente. — O acadêmico brincou com o copo, então levantou o olhar abruptamente. — Eu nunca lhe perguntei antes, mas você tem alguém esperando por você em Kyralia?

— Eu? — Dannyl balançou a cabeça. — Não.

— Nenhuma moça? Nenhuma queridinha? — Tayend parecia surpreso. — Por que não?

Dannyl deu de ombros.

— Eu nunca tive tempo. Muita coisa para fazer.

— Como o quê?

— Meus experimentos.

— E...

Dannyl riu.

— Não sei. Quando lembro do passado, fico pensando em como consegui preencher meu tempo. Certamente não foi comparecendo àqueles encontros na corte que pareciam planejados para se encontrar uma esposa ou um marido. Eles

não atraem o tipo de mulher que poderia me interessar.

— Por que tipo de mulher você se interessa?

— Não sei — confessou Dannyl. — Nunca encontrei uma que me interessasse o suficiente.

— Mas e sua família? Eles não tentaram encontrar uma esposa adequada para você?

— Tentaram uma vez, há anos. — Suspirou Dannyl. — Ela era uma boa moça e eu planejava ir em frente com o casamento apenas para deixar minha família feliz. Mas, um dia, decidi que não podia fazer isso, que seria melhor ficar sozinho, sem filhos, do que casar com alguém com quem não me importasse. Pareceu-me mais cruel fazer isso com ela do que desistir do casamento.

Tayend ergueu as sobrancelhas.

— Mas como você escapou dessa situação? Pensei que pais kyralianos arranjassem pares para seus filhos.

— Sim eles arranjam. — Dannyl riu. — Mas é privilégio dos magos o direito de recusar um casamento arranjado. Não recusei aberta e diretamente, mas encontrei uma forma de persuadir meu pai a mudar de ideia. Eu sabia que a moça admirava outro rapaz, então fiz com que determinadas situações ocorressem, coisas que convenceriam a todos de que ele era um partido melhor. Fiz o papel do noivo decepcionado e todos sentiram pena de mim. Fiquei sabendo que, desde então, ela está bem feliz e tem cinco filhos.

— E seu pai não lhe arranjou outro par?

— Não. Ele decidiu que... como ele colocou isso... se eu optasse por ser do contra, contanto que não escandalizasse a família escolhendo alguma reles criada, ele me deixaria em paz.

Tayend suspirou.

— Parece que você lucrou mais com a situação do que sendo capaz de escolher sua esposa. Meu pai nunca aceitou minhas escolhas. Em parte, porque sou o único filho homem e ele se preocupa com a ausência de herdeiros meus.

Mas, principalmente, ele desaprova minhas... bem... inclinações. Ele acha que estou sendo voluntarioso, que estou encantado com coisas pervertidas, como se se tratasse apenas de satisfação física. — Ele franziu o cenho, e, em seguida, tirou os óculos. — Não é, caso você esteja imaginando. Pelo menos não para mim. Tenho uma... convicção própria sobre o que é natural e certo para mim que é tão forte quanto a certeza dele sobre o que seja natural e certo. Li livros sobre eras e lugares onde ser um moço era tão comum quanto ser... não sei, um músico ou um espadachim. Eu... eu estou falando muita bobagem, não estou?

Dannyl sorriu.

— Um pouco.

— Desculpe-me.

— Não se desculpe — disse Dannyl. — Todos nós precisamos falar besteiras de vez em quando.

Tayend deu uma risada e assentiu.

— Sem dúvida, precisamos sim. — E suspirou. — Bem, por ora chega.

Olharam os campos enluarados, o silêncio se instalando confortavelmente entre eles. De repente, Tayend respirou fundo. Pulando da cadeira, correu para dentro de casa, cambaleando um pouco, sob o efeito do vinho. Imaginando o que causara a saída repentina do amigo, Dannyl pensou em ir atrás dele, mas, em vez disso, resolveu esperar e ver se ele retornava.

Dannyl se servia de outro copo de vinho, quando Tayend apareceu novamente.

— Olhe isto.

O acadêmico espalhou um dos desenhos da tumba sobre o colo de Dannyl e, em seguida, entregou-lhe um livro grande. Nas páginas do livro, havia um mapa das Terras Aliadas e de países vizinhos.

— O que vejo aqui? — perguntou Dannyl.

Tayend indicou uma fileira de hieróglifos no topo do desenho da tumba.

— Estes dizem algo sobre um lugar... o lugar de origem da mulher.

Ele assinalou com o dedo um hieróglifo em particular: uma lua crescente e uma mão dentro de um quadrado com cantos arredondados.

— Eu não sabia o que isto significava, mas era familiar, e levou um tempo até recordar o que ele me lembrava. Há um livro na Grande Biblioteca que é tão antigo que as páginas se esfarelam se as tocarmos sem cuidado. Muitos séculos atrás, ele pertenceu a um mago, Ralend de Kemori, que governou parte de Elyne antes de Elyne ser um país. Os visitantes escreviam nesse livro seus nomes e títulos, além do propósito da visita, apesar de a maior parte dos nomes ter a mesma caligrafia, o que me faz suspeitar que um escriba tenha sido contratado para anotar os nomes daqueles que não eram capazes de escrever por si mesmos.

— Há um símbolo semelhante a este em uma página. Eu me lembro, porque era uma marca feita por um lacre, não com uma caneta. E era vermelho... desbotado, mas ainda visível. O escriba havia escrito “Rei de Charkan” ao lado dele.

— Agora, é razoável pensar que a mulher da tumba veio do mesmo lugar... o hieróglifo é muito semelhante ao lacre. Mas onde é este lugar chamado Charkan? — Tayend deu um amplo sorriso e apontou no mapa. — Este é um atlas antigo que pertenceu ao bisavô de Orrend. Olhe cuidadosamente.

Dannyl tirou o livro das mãos de Tayend e trouxe seu globo de luz para mais perto. Próximo à extremidade do dedo de Tayend havia uma pequena palavra e um desenho.

— Shakan Dra — Dannyl leu em voz alta.

— Eu teria perdido isso se não fosse pela pequena lua crescente e a mão.

Olhando o resto do mapa, Dannyl pestanejou, surpreso.

— Este é o mapa de Sachaka.

— Sim. As montanhas. É difícil dizer a partir disso, mas aposto vinte moedas que Shakan Dra fica próximo à fronteira. Você está pensando o mesmo que eu sobre certa pessoa não mencionada aqui fazendo uma viagem pelas montanhas alguns anos atrás?

Dannyl assentiu.

— Sim.

— Eu acho que temos um novo destino a explorar.

— Nós ainda precisamos seguir a rota planejada — lembrou Dannyl. Não lhe agradara muito a ideia de entrar em Sachaka. Levando em conta sua história, ele não sabia se seria bem recebido pelo pessoal local. — E Sachaka não faz parte das Terras Aliadas.

— Esse lugar não é longe da fronteira. Não mais que um dia de viagem.

— Não sei se temos tempo.

— Podemos retardar um pouco nosso retorno a Capia. Duvido que alguém venha a questionar esse atraso. — Tayend voltou para sua cadeira e se esparramou nela.

— Alguns dias talvez. — Dannyl observou cuidadosamente o amigo. — Mas eu não pensei que você quisesse se atrasar.

Tayend deu de ombros.

— Não. Por que não?

— Não há alguém aguardando a sua volta?

— Não. A não ser que você queira dizer o bibliotecário Irand? Ele não se preocupará se eu estiver alguns dias atrasado.

— Ninguém mais?

Tayend balançou a cabeça.

— Hummm. — Dannyl assentiu para si mesmo. — Então você não está de olho em ninguém, conforme insinuou na festa de Bel Arralade.

O acadêmico piscou surpreso e, em seguida, olhou Dannyl de lado.

— Deixei você curioso, não deixei? E se eu lhe disser que não há ninguém esperando meu retorno porque essa pessoa não sabe do meu interesse?

Dannyl sorriu.

— Você é um admirador secreto, então.

— Talvez.

— Você pode confiar em mim para guardar seu segredo, Tayend.

— Eu sei.

— É Velend?

— Não! — Tayend olhou para ele de modo reprovador.

Aliviado, Dannyl deu de ombros de forma a se desculpar.

— Eu o vi na biblioteca algumas vezes.

— Estou tentando desencorajá-lo — disse Tayend, rindo —, mas ele acha que eu só estou fazendo isso para manter as aparências por sua causa.

Dannyl hesitou.

— Eu estou impedindo você de se aproximar da pessoa pela qual está interessado?

Para sua surpresa, Tayend recuou.

— Não. Esta pessoa é, ah...

Ao som de passos, ergueram o olhar e viram Mayrie vindo em direção a eles trazendo uma lanterna. Pelo som dos passos, ela usava botas pesadas sob o vestido.

— Achei que ia encontrá-los aqui — disse ela. — Será que algum de vocês poderia me acompanhar em uma caminhada pelas vinhas?

Dannyl se levantou.

— Eu ficaria honrado. — Ele olhou para Tayend na expectativa, mas ficou desapontado ao ver que o acadêmico balançava a cabeça.

— Bebi demais, irmã querida. Tenho medo de pisar nos seus pés ou tropeçar nas vinhas.

Ela fez um muxoxo desaprovador.

— Então fique aí onde está, seu bêbado. O Embaixador Dannyl será uma companhia mais agradável. — Ela passou o braço no de Dannyl e o guiou gentilmente em direção à plantação.

Eles andaram em silêncio por cerca de cem passos, então entraram por uma aleia entre as vinhas. Mayrie perguntou a Dannyl sobre as pessoas que ele tinha encontrado na corte e qual era sua opinião sobre elas. Então, ao chegarem ao final da fileira de vinhas, ela o mediu com o olhar.

— Tayend me contou muitas coisas sobre você — disse ela —, mas nada sobre seu trabalho. Eu tenho a impressão que é um assunto secreto.

— Provavelmente ele não quer aborrecê-la — respondeu Dannyl.

Ela olhou para ele de lado.

— Se você assim o diz... Entretanto, Tayend me disse tudo o mais. Eu não esperava um mago kyraliano ser tão... bem, eu não esperaria que vocês ficassem amigos, pelo menos não tão amigos.

— Parece que temos uma forte reputação de intolerantes.

Ela deu de ombros.

— Mas você é uma exceção. Tayend me falou dos rumores que acarretaram tantos problemas para você como aprendiz, e que o incidente lhe proporcionou uma compreensão superior à de muitos magos. Acho que isso também deu a ele noção da sorte que teve por nascer em Elyne. — Ela parou. — Espero que não se importe de eu tocar nesse assunto.

Dannyl balançou a cabeça e tentou aparentar despreocupação. Entretanto, ele ficara de fato desconfortável ao ouvir alguém que acabara de conhecer falando sobre seu passado particular de forma tão trivial. Mas era a irmã de Tayend, lembrou-se. Ele não teria contado nada a ela se não a achasse confiável.

Chegaram ao final do vinhedo. Virando para a esquerda, ela começou a voltar em direção à casa pela última fileira de vinhas. Olhando em direção à casa, Dannyl viu que a cadeira na qual Tayend estivera sentado estava vazia. Mayrie parou.

— Sendo irmã de Tayend, eu o protejo muito. — Ela virou o rosto para ele, com uma expressão séria e decidida. — Se você o tem como um amigo, seja cuidadoso. Eu acho que ele está apaixonado por você, Dannyl.

Dannyl piscou surpreso. “Eu? Eu sou o amor secreto de Tayend?” Ele olhou para a cadeira vazia. Não era de admirar que Tayend tivesse sido tão evasivo. Ele se sentiu... estranhamente satisfeito. “É lisonjeiro ser admirado por alguém”, disse para si mesmo.

— Isto é uma surpresa para você? — disse Mayrie.

Dannyl assentiu.

— Eu não fazia ideia. Você tem certeza?

— Quase total. Só contei a você porque me preocupo com ele. Não o deixe acreditar em qualquer coisa sobre você que não seja verdade.

Dannyl franziu o cenho.

— Eu fiz isso?

— Não que eu saiba. — Ela parou e sorriu, mas os olhos permaneciam firmes. — Como eu disse antes, eu superprotejo meu irmão mais novo. Só quero avisá-lo... e dizer-lhe que, se eu souber que ele se magoou de alguma forma, você poderá achar sua estada em Elyne menos confortável do que gostaria que fosse.

Dannyl a olhou bem, de perto. Havia uma dureza no seu olhar, e ele não tinha dúvidas de que o que lhe dissera era verdade.

— Mayrie de Porreni, o que você quer que eu faça?

Seu rosto relaxou e ela bateu de leve na sua mão.

— Nada. Apenas tome cuidado. O que vi em você me agradou, Embaixador Dannyl. — Dando um passo à frente, ela o beijou no rosto. — Vejo-o amanhã na primeira refeição. Boa noite.

Dito isso, ela virou e tomou a direção da casa. Dannyl a observou se afastando e balançou a cabeça. Claramente, seu propósito em levá-lo para passear fora alertá-lo.

Será que Tayend teria sugerido a visita para possibilitar à sua irmã o acesso a Dannyl? Teria ele planejado para que a irmã o percebesse e revelasse?

“Ele está completamente apaixonado por você, Dannyl.”

Dannyl foi até o assento deixado por Tayend e acomodou-se. Como isso afetaria a amizade deles? Ele franziu o cenho. Se Tayend não soubesse que a irmã tinha revelado seu interesse e Dannyl continuasse a se comportar como se não soubesse, então tudo poderia permanecer o mesmo.

“Mas eu sei”, ele pensou. “Isso muda, de fato, as coisas.”

Sua amizade dependia de quão bem Dannyl lidasse com essas notícias. Ele avaliou seus sentimentos. Estava surpreso, mas não decepcionado. Agradava-lhe até saber que alguém gostava dele daquela forma.

“Ou será que gosto da ideia por outros motivos?”

Fechando os olhos, espantou o pensamento. Ele já enfrentara aquelas questões antes, assim como suas consequências. Tayend era e só poderia ser um amigo.

As entradas para as passagens secretas eram surpreendentemente fáceis de serem encontradas. Muitas se localizavam na parte mais interna da Universidade, o que fazia sentido, uma vez que os projetistas originais não deveriam querer aprendizes perambulando por elas. Os mecanismos para abrir as portas no painel de madeira ficavam por trás de pinturas e de outros ornamentos de parede.

Em vez de ir à biblioteca, Sonea começara a procurar por elas assim que a aula da noite terminara. Os corredores estavam calmos, mas não completamente desertos, razão pela qual ela jamais encontraria Regin e seus amigos nessas ocasiões. Eles preferiam esperar que ela saísse da biblioteca, quando tinham certeza de que a Universidade estaria vazia.

Mesmo assim, Sonea estava tensa como a corda de um arco ao caminhar pelas passagens. Examinara várias das portas escondidas antes de ter coragem para tentar uma delas. Embora fosse tarde, não podia deixar de se preocupar em estar sendo observada. Finalmente, em uma parte pouco usada das passagens internas,

ousou acionar uma alavanca atrás da pintura de um mago que segurava instrumentos de desenho e um pergaminho.

O painel pivotou silenciosamente para dentro, e ela se arrepiou com o ar frio. Recordando-se da noite em que Fergun a vendara e a conduzira pelos túneis para encontrar Cery, Sonea se lembrou de como havia sentido essa mesma mudança de temperatura.

Olhando o interior, ela viu uma passagem estreita e seca. Esperava encontrá-la gotejante de umidade como os túneis subterrâneos da cidade. No entanto, a Estrada dos Ladrões passava sob o nível do rio; a Universidade ficava em um terreno mais alto — e, certamente, não haveria umidade no terceiro piso.

Preocupada em ser vista próximo à porta aberta, Sonea entrou. Conforme ela se afastou da porta, esta se fechou, mergulhando o túnel na escuridão. O coração disparou e, em seguida, ela estremeceu conforme o globo de luz que criara iluminou mais do que pretendia.

Ao examinar a passagem, Sonea observou que o chão tinha uma camada espessa de pó. No centro, a camada era mais fina já que o trânsito de pés espalhava o pó para os lados, mas suas botas deixaram marcas indicando que ninguém tinha usado o caminho por muito tempo. Todas as suas dúvidas se evaporaram. Ela não poderia encontrar ninguém nas passagens; eram suas para serem exploradas. A sua Estrada dos Ladrões.

Pegou o mapa das passagens e seguiu em frente. Ao avançar, encontrou e observou outras entradas. Os caminhos secretos eram restritos às paredes mais largas da Universidade, assim eles seguiam um padrão simples que era fácil de lembrar. Logo ela havia circulado por todo o piso superior do prédio.

Entretanto, não havia escadaria à vista. Examinando o mapa de novo, ela observou pequenas cruzes aqui e ali. Dirigiu-se ao local de uma delas e examinou o piso. Espalhando a poeira para o lado com a ponta do pé, Sonea descobriu uma fenda.

Agachando-se, ela varreu a poeira com leves espanadas mágicas. Conforme suspeitava, a fenda girava em ângulos de noventa graus, uma vez, duas...

formando uma portinhola no chão. Pondo-se de pé, ela se concentrou na placa de madeira, desejando que esta se levantasse.

A porta se articulou para cima, revelando outra passagem abaixo e uma escada presa à parede lateral. Sorrindo para si mesma, Sonea desceu para o segundo andar.

A disposição das passagens do segundo nível era quase idêntica àquela do terceiro. Depois de checar todas as passagens laterais, ela localizou outra portinhola e desceu para o piso térreo. Novamente, os caminhos eram similares, apesar de haver menos passagens laterais, mas ali ela encontrou escadas que levavam ainda mais para baixo, para o subsolo.

O entusiasmo aumentou ao descobrir que as fundações da Universidade eram crivadas de túneis e aposentos vazios, indicados por traços no mapa do piso térreo. Os túneis não apenas percorriam o subsolo do edifício, como também se estendiam além das paredes e sob os jardins. Afastando-se da Universidade, Sonea notou como a passagem se inclinava para baixo, aprofundando-se sob o solo. As paredes mudaram para tijolo e raízes pendiam do teto. Recordando-se da dimensão de algumas árvores acima, Sonea se deu conta de que deveria estar em uma profundidade maior do que imaginava.

Um pouco mais adiante, a passagem terminava onde o teto estava cavado. Ao voltar, considerou o tempo que havia gasto na exploração. Era tarde. Muito tarde. Ela não queria dar motivos para Akkarin procurar por ela — ou pior, para ordenar seu retorno para casa todas as noites após as aulas.

Satisfeita, então, com o sucesso obtido, iniciou o retorno, subindo até chegar às paredes da Universidade e surgindo em um lugar onde sabia que seria remota a chance de ser vista saindo da passagem.

Capítulo 30

Uma Descoberta Perturbadora

Quando Tania tirou os copos de sumi vazios da mesa, Rothen bocejou. Ele estava tomando quantidades menores de nemmin agora, mas isso significava que com frequência acordava cedo e passava as últimas horas da noite se preocupando.

— Conversei com Viola de novo esta tarde — Tania disse de repente. — Ela ainda está agindo de maneira altiva... os outros criados dizem que ela se acredita muito importante desde que se tornou criada de Sonea. Mas ela está começando a me aceitar porque posso dizer como melhor agradar a favorita do Lorde Supremo.

Rothen a encarou ansioso.

— E...

— Ela falou que Sonea está bem, embora em algumas manhãs pareça cansada.

Ele concordou com a cabeça.

— Isso não é surpresa com tantas lições extras. Fiquei sabendo que ela também tem ajudado Lady Tya.

— Viola também disse que Sonea janta com o Lorde Supremo nos Primeiros Dias, então talvez ele não a esteja negligenciando tanto quanto você teme.

— Jantar, hein? — O humor de Rothen se fechou quando ele pensou em Sonea fazendo refeições com o Lorde Supremo. Poderia ser pior, ele lembrou a si mesmo. Akkarin poderia tê-la mantido próximo dele, ele poderia... mas não, ele sabia quão teimosa ela poderia ser. Ela não se deixaria corromper. Ainda

assim, ele não deixava de se perguntar sobre o que eles conversavam.

— Rothen!

Surpreso, Rothen se aprumou na cadeira.

— Dorrien?

— Pai. Como você está?

— Bem. E você?

— Estou bem, mas alguns no meu vilarejo não estão. — Rothen podia sentir a preocupação do filho. *— Tivemos um ataque de doença da língua negra... uma variedade incomum. Quando ela passar, vou fazer uma visita curta, para levar uma amostra para Vinara.*

— Eu vou vê-lo?

— É claro. Eu não poderia percorrer esse caminho todo sem falar com você! Posso ficar no meu velho quarto?

— Você é sempre bem-vindo a fazer isso.

— Obrigado. Como está Sonea?

— Bem, pelo que Tania me diz.

— Você não falou com ela ainda?

— Não com frequência.

— Achei que ela o visitava o tempo todo.

— Ela está ocupada com os estudos. Quão logo você virá nos visitar?

— Não posso dizer com certeza. Pode levar semanas ou meses até a doença se dissipar. Aviso quando souber melhor.

— Muito bem. Duas visitas num ano!

— Eu queria poder ficar mais. Até lá, pai.

— Cuide-se.

— *Eu vou me cuidar.*

Quando a voz mental de Dorrien sumiu, Tania riu.

— Como Dorrien está?

Ele olhou para ela surpresa.

— Bem. Como você sabia que era ele?

Ela deu de ombros.

— Você fica com uma certa expressão no rosto.

— Fico? — Rothen balançou a cabeça. — Você me conhece bem demais, Tania. Bem demais.

— Sim — ela concordou, sorrindo. — Eu conheço.

Ela se virou ao ouvir uma batida na porta. Rothen acenou com a mão e usou a mente para abrir. Ficou surpreso quando Yaldin entrou.

— Boa noite — o velho mago disse. Ele lançou um olhar a Tania, que fez uma reverência e saiu pela porta, fechando-a atrás dela. Rothen apontou para uma cadeira e Yaldin se sentou com um suspiro de alívio.

— Tenho feito um pouco dessa "escuta" que você me ensinou — Yaldin disse.

De forma abrupta, Rothen lembrou que hoje era Quarto Dia. Ele havia se esquecido completamente da reunião do Salão da Noite. Realmente, era hora de parar de tomar nemmin. Talvez pudesse tentar dormir aquela noite.

— Ouviu algo de interessante?

Yaldin concordou com a cabeça, a expressão ficando séria.

— Provavelmente é só especulação. Você sabe como os magos são fofoqueiros... e você tem um dom para escolher aprendizes que se metem em problemas. Mas eu me pergunto se ele pode permitir que tais rumores venham à tona de novo. Especialmente ag...

— De novo? — Rothen interrompeu. Seu coração havia começado a bater mais rápido com as palavras de Yaldin. Agora, ele mal conseguia respirar. Havia

acontecido algo no passado para fazer as pessoas questionarem a integridade de Akkarin?

—Sim — Yaldin disse. — A corte de Elyne está toda num alvoroço com especulações... você sabe como eles são. O que sabe sobre esse assistente de Dannyl?

Respirando fundo, Rothen soltou o ar lentamente.

— Então é sobre Dannyl?

— Sim. — Yaldin franziu ainda mais a testa. — Você se lembra dos rumores que circularam sobre a natureza de sua amizade com um certo aprendiz?

Rothen fez que sim com a cabeça.

— É claro... mas nada foi provado.

— Não, e a maioria de nós rejeitou os rumores e esqueceu a coisa toda. Mas, como você sabe, a gente de Elyne é mais tolerante com tal comportamento. Pelo que fiquei sabendo, o assistente de Dannyl é conhecido por isso. Felizmente, a maioria da corte de Elyne acredita que Dannyl não está ciente dos hábitos de seu assistente. Parecem achar isso bastante engraçado.

— Entendo. — Rothen balançou a cabeça lentamente numa negativa. “Ah, Dannyl”, ele pensou. “Só Sonea já não me basta para me preocupar? Você também precisa me causar noites de insônia?”

Mas talvez não fosse tão ruim quanto soara de início. Como Yaldin dissera, os elynes toleravam muita coisa e adoravam fofocar. Se achavam que Dannyl não sabia das preferências de seu assistente, e consideravam essa ignorância apenas engraçada, não devia existir nenhuma prova de que havia algo mais no relacionamento.

E Dannyl era um adulto agora. Ele podia se resguardar frente ao escrutínio público. Se não por outro motivo, sua experiência passada o havia preparado para isso.

— Você acha que devemos avisar Dannyl? — Yaldin perguntou. — Se ele não sabe sobre esse assistente...

Rothen refletiu sobre a sugestão.

— Sim. Vou escrever uma carta para ele. Mas não acho que tenhamos de nos preocupar muito. Estou certo que ele sabe como lidar com os elynes.

— Mas e quanto ao Clã?

— Nada vai parar as fofocas aqui senão o tempo. Nem você nem eu... nem Dannyl... podemos fazer algo a respeito. — Rothen suspirou. — Acho que esse tipo de especulação vai seguir Dannyl por toda a vida. A não ser que algo seja provado, vai parecer algo mais cansativo e ridículo toda vez que for sugerido.

O mago mais velho concordou com a cabeça e então bocejou.

— Você provavelmente está certo. — Ele se levantou e se estirou. — Vou dormir então.

— Dannyl ficaria orgulhoso do seu sucesso na espionagem — Rothen acrescentou sorrindo.

Yaldin deu de ombros.

— É fácil depois que você aprende como. — Ele foi até a porta. — Boa noite.

— Boa noite.

Levantando-se, Rothen dirigiu-se a seu quarto e se trocou para dormir. Quando ele se deitou, as perguntas inevitáveis começaram a ocupar sua mente. Ele estava certo? Essas fofocas sobre Dannyl iam passar?

Provavelmente. Mas apenas se nada fosse provado.

O problema era que, embora ele conhecesse Dannyl melhor do que todo mundo, havia o lado do homem que ainda era desconhecido para ele. O aprendiz que ele havia adotado fora cheio de medo e dúvidas quanto a si mesmo. Rothen havia mantido distância por respeito, evitando certos temas e deixando claro que não pretendia questionar Dannyl sobre o incidente com o outro aprendiz. Ele sabia que qualquer um que tivera sua vida pessoal discutida pelo público, especialmente numa idade tão nova, precisava ter sua privacidade respeitada.

Todos os aprendizes pensavam sobre seus desejos, sobre coisas de que Dannyl

fora acusado. Era assim que a mente funcionava. Isso não significava que eles fossem culpados de agir de acordo com esses pensamentos.

“Mas e se os rumores antigos fossem verdade?”

Rothen suspirou, levantou-se e voltou à sala de visitas. Quando assumira a guarda de Dannyl, ele falara com o Chefe dos Curadores, o predecessor de Vinara, em busca de conselhos. Lorde Garen havia dito a Rothen que a ocorrência de homens que escolhiam amantes do sexo masculino era mais comum do que se pensava em geral. O velho Curador tinha uma aceitação bastante surpreendente da prática, dizendo em seu típico jeito de clínico que não havia dano físico num relacionamento adulto entre homens, contanto que ambos estivessem livres de doenças.

As consequências sociais no entanto eram bem piores. Honra e reputação importavam mais do que tudo para as Casas, e a corte kyraliana era exageradamente conservadora. Embora Dannyl não pudesse ser eliminado do Clã por tal “crime”, ele se tornaria um pária social. Provavelmente, perderia o cargo de Embaixador e nunca mais receberia um papel de tal importância. Não seria incluído nos projetos do Clã, e nenhum dos seus experimentos receberia fundos ou atenção. Ele seria alvo de piadas e vítima de...

“Pare. Nada foi provado. É só um rumor.”

Rothen suspirou e esticou a mão para a jarra de nemmin. Enquanto misturava o pó com água, pensou saudoso no ano anterior. Como tanta coisa podia mudar em tão pouco tempo? Como ele gostaria que tudo estivesse como um ano atrás, antes de Dannyl partir para Elyne e Sonea começar a frequentar a Universidade.

Preparando-se para o gosto amargo, colocou o copo nos lábios e engoliu o remédio.

Com a batida na porta do escritório, Lorlen virou os olhos, surpreso. Ele raramente era perturbado tão tarde. Levantando-se, foi até a porta e a abriu.

— Capitão Barran — ele exclamou. — O que o traz ao Clã tão tarde?

O jovem homem fez uma reverência e então deu um sorriso fino.

— Perdoe-me pela visita tardia, Administrador. Estou aliviado em encontrá-lo acordado. Disse para contatá-lo se alguma evidência de magia fosse encontrada em ligação com os assassinatos.

Lorlen sentiu uma pontada de alarme. Abriu mais a porta e deu um passo para o lado.

— Entre e me conte o que descobriu.

Barran seguiu Lorlen até a sala. Com um aceno, Lorlen convidou o jovem policial a sentar, contornou a mesa e voltou à sua cadeira.

— Então me diga por que acredita que esse assassino está usando magia — ele solicitou.

Barran fez uma careta.

— As marcas num dos corpos... mas antes deixe-me descrever a cena. — Ele parou, com certeza organizando mentalmente os detalhes. — Fomos alertados para os assassinatos cerca de duas horas atrás. A casa era no Bairro Ocidental, numa das áreas mais ricas... o que foi uma surpresa. Não encontramos sinal de que alguém houvesse forçado a entrada na casa. No entanto, uma janela estava escancarada.

— Dentro de um quarto, encontramos dois homens, um jovem e seu pai. O pai estava morto e tinha todas as marcas associadas com o assassino: pulsos cortados e marcados com impressões ensanguentadas. O jovem estava vivo, mas por pouco. Tinha as típicas marcas de ataque no peito e nos braços, e suas costelas estavam esmagadas. Apesar disso, pudemos interrogá-lo antes de ele morrer.

A expressão de Barran estava tensa.

— Ele disse que o assassino era alto e tinha cabelo escuro. Estava vestido com roupas escuras e estranhas. — Barran olhou para o globo de luz de Lorlen. — E havia um desses flutuando no quarto. Ele chegou em casa e encontrou o pai gritando. O assassino ficou surpreso com sua descoberta e o atacou sem hesitação, fugindo depois pela janela. — Barran fez uma pausa e olhou para a

mesa de Lorlen. — Ah, e ele estava usando um...

Vendo a expressão surpresa do guarda, Lorlen olhou para baixo. Ele segurou a respiração quando percebeu que o anel de Akkarin, brilhando vermelho na luz, estava plenamente visível. Pensando rápido, ele levantou a mão para permitir uma vista melhor a Barran.

— Um anel como esse?

Os ombros de Barran se levantaram.

— Não posso dizer exatamente. O jovem não teve tempo de descrever em detalhes. — Ele franziu a testa e ficou hesitante. — Não me lembro de tê-lo visto usando isso antes, Administrador. Posso perguntar onde o adquiriu?

— Foi um presente — Lorlen respondeu. Deu um sorriso irônico. — De um amigo que não estava ciente desse detalhe sobre os assassinatos. Senti que devia usá-lo, mesmo que só por um tempo.

Barran concordou.

— Sim, o rubi não é uma pedra popular no momento. Então, o que vai fazer agora?

Lorlen suspirou e considerou a situação. Com uma evidência tão óbvia de magia, ele deveria alertar os Magos Superiores. Mas se Akkarin fosse o assassino e a investigação levasse a essa descoberta, isso causaria o confronto com Akkarin que Lorlen temia.

No entanto, se Lorlen tentasse esconder a evidência de magia, e se ficasse provado que Akkarin não era o assassino, pessoas continuariam a morrer nas mãos do mago criminoso. Quando o assassino fosse descoberto, a verdade viria à tona e as pessoas iriam se perguntar por que Lorlen não tinha feito nada...

— *Você deve investigar isso você mesmo.*

Lorlen piscou em surpresa. A voz mental de Akkarin era tão quieta quanto um sussurro. Ele fez um esforço para parar de encarar fixamente o anel.

— *Fale a Barran que a evidência de magia deve permanecer em segredo. Se*

o público souber que um mago virou assassino, isso vai gerar pânico e desconfiança.

Concordando com a cabeça, Lorlen olhou para Barran.

— Preciso discutir isso com meus colegas. Por enquanto, não deixe que notícias sobre esse assassino se espalhem mais do que o necessário. É melhor que possamos lidar com esse homem sem o público saber que ele é um mago não autorizado. Entrarei em contato com você amanhã.

Barran assentiu com a cabeça. Quando Lorlen se levantou, o jovem guarda se pôs de pé rapidamente.

— Há outra informação que pode interessá-lo — Barran disse, enquanto seguia Lorlen até a porta.

— Sim?

— Dizem por aí que os Ladrões também estão procurando por esse homem. Parece que não gostam muito de ter um assassino que não está no controle deles.

— Não, eu imagino que não gostem.

Barran deu um passo para fora da sala.

— Obrigado por me receber numa hora tão tardia, Administrador.

Lorlen deu de ombros.

— Com frequência fico acordado até tarde. Embora duvide que vá dormir muito pelo resto da noite depois dessa notícia. Ainda assim, agradeço por me comunicar tão logo ficou sabendo.

O jovem guarda sorriu e fez uma reverência.

— Boa noite, Administrador.

Observando Barran se afastar, Lorlen suspirou. Olhou para o anel em sua mão. — *Você é o assassino?* — projetou em direção a ele.

Não houve resposta.

A passagem virou de novo e Sonea parou para descobrir onde estava. De início, tentou imaginar a planta em sua memória, mas depois de várias tentativas desistiu e meteu as mãos nos bolsos.

Fazia uma semana desde que ela havia, pela primeira vez, entrado nas passagens. Ela as visitara todas as noites, sempre deixando o mapa na túnica até ser forçada a usá-lo. Queria memorizá-lo totalmente para o caso de Regin e seus aliados a emboscarem e examinarem sua caixa ou os bolsos depois de a terem exaurido.

Os dedos exploradores de Sonea não encontraram nada. O mapa não estava lá. Seu coração parou e acelerou em seguida. Ela o havia perdido? Tinha deixado cair em algum lugar das passagens? Ela não achava que tivesse muita chance de retraçar seus passos. Todas aquelas curvas e intersecções atrás dela...

Então ela se lembrou de que havia escondido o mapa dentro da capa desgastada de um de seus livros de medicina, que estava na sua caixa... e ela havia deixado a caixa na entrada das passagens, não querendo carregá-la durante a exploração.

Ela se xingou por esquecer e começou a voltar pelo caminho pelo qual tinha vindo. Depois de várias centenas de passos, parou, balançando negativamente a cabeça. Já deveria ter chegado a um lugar familiar, porém as curvas e intersecções estavam todas erradas.

Ela tinha se perdido.

Ela não se sentiu assustada, apenas irritada consigo mesma. O território do Clã era grande, mas ela duvidava que os túneis fossem muito além da área coberta pelos prédios. Se seguisse em frente, com certeza iria dar embaixo da Universidade em algum momento. Contanto que não vagueasse sem rumo e prestasse atenção para a direção geral que tomasse, ia encontrar a saída.

Então ela começou a andar. Depois de várias voltas e curvas, e da descoberta de um pequeno complexo de salas incluindo uma com uma lareira bloqueada e uma sala com azulejos que devia ter sido um banheiro no passado, ela chegou num beco sem saída onde o teto havia afundado. Não era um dos becos sem

saída que ela já havia encontrado. Voltando, escolheu outro caminho.

Por fim, ela se viu numa passagem estreita sem entradas laterais. Sua curiosidade ficou mais forte conforme ela prosseguiu nessa passagem. Um túnel reto como aquele devia levar a algum lugar. Talvez a outro prédio do Clã. Ou talvez completamente para fora do Clã.

Depois de uma centena de passos, ela encontrou uma alcova. Pisando nela, descobriu o mecanismo para uma porta escondida. Encontrou o olho mágico que todas as portas continham e encostou o olho nele.

Uma sala se encontrava além, mas ela não podia ver muito dela. Não apenas era uma sala escura, como um pedaço de vidro sujo havia sido colocado sobre o buraco, borrando a vista.

Mas ela podia ver o suficiente para saber que a sala estava vazia. Colocando a mão no mecanismo, pressionou a alavanca e a porta se abriu. Ela olhou ao redor e sentiu seu sangue virar gelo.

Era a sala embaixo da Residência do Lorde Supremo.

Pelo que parecia uma eternidade, tudo que ela podia fazer era olhar ao redor, o coração martelando no peito. Então, lentamente, suas pernas obedeceram à necessidade de ir para longe. Suas mãos tatearam em busca da alavanca para poder fechar a porta e a encontraram.

Quando ela se fechou, seus músculos se soltaram e ficaram flácidos. Ela se encolheu contra a parede, não dando atenção para as farens e outros insetos, e escorregou até ficar de joelhos.

“Se ele estivesse lá...”

Era aterrorizante demais pensar nisso. Respirando fundo, ela se forçou a parar de tremer. Olhou para a porta e então para si mesma. Ela estava ajoelhada em frente à entrada secreta da sala de Akkarin. Não era um bom lugar para ficar, em especial se ele tinha o hábito de usar essas passagens.

Fortalecida de novo pelo medo, cambaleou até ficar de pé e se afastou apressadamente. Embora a passagem continuasse além da alcova, ela não mais

sentia a necessidade de saber aonde ela levava. Respirando fundo, seguiu em desabalada carreira e fugiu para o que ela esperava que fosse a direção da Universidade.

Capítulo 31

Um Encontro Inesperado

A estrada serpenteava, seguindo o desenho do relevo, à medida que cortava os contrafortes das Montanhas Cinzentas. Quando Dannyl, Tayend e seus criados viraram numa curva, surgiu um prédio impressionante. Ele se erguia rente à beira de um precipício. Pequeninas janelas pontilhavam as paredes e uma ponte estreita de pedra levava a uma abertura despojada.

Dannyl e Tayend trocaram olhares. Pela expressão de Tayend, Dannyl sabia que, assim como ele, o acadêmico tinha achado o prédio inóspito. Virou-se para os criados.

— Hend, Krimen. Sigam em frente e vejam se o Dem Ladeiri pode nos permitir uma visita.

— Sim, meu lorde — respondeu Hend. — Os dois criados partiram num trote e desapareceram depois da curva seguinte.

— Lugar nada simpático — resmungou Tayend.

— Nada mesmo — concordou Dannyl. — Parece mais um forte do que uma casa.

— Foi um forte, no passado — disse Tayend. — Há séculos.

Dannyl diminuiu o passo do cavalo.

— O que tem a me dizer sobre o Dem Ladeiri?

— Ele é velho. Está com cerca de noventa anos. Tem alguns criados, mas, em geral, vive sozinho.

— E possui uma biblioteca.

— Que é até bastante renomada. A família dele colecionou toda a sorte de esquisitices ao longo das últimas centenas de anos, incluindo alguns livros.

— Talvez encontremos algo de útil por aqui.

Tayend encolheu os ombros.

— Acho que vou encontrar muito mais estranhezas do que utilidades. O bibliotecário Irand disse que conheceu o Dem quando ambos eram rapazes e chamou-o de “excêntrico divertido”.

Dannyl procurou visualizar o prédio por entre as árvores, à medida que seguiam pela estrada. Estavam viajando havia três semanas, ficando não mais do que um pernoite nos lugares. A tarefa de se apresentar aos Dems locais e examinar seus filhos estava se tornando um fardo e nenhuma das bibliotecas que haviam visitado continha algo que já não soubessem.

Obviamente, talvez tivesse acontecido o mesmo com Akkarin. Sua busca pelo conhecimento de magia antiga terminara sem que ele tivesse feito descobertas expressivas.

Por fim, a ponte surgiu diante deles. Ela atravessava uma queda vertiginosa pelo profundo desfiladeiro. Bem dentro de uma abertura na parede frontal do prédio havia duas grandes portas, que pendiam de dobradiças tão enferrujadas que Dannyl ficou imaginando como ainda não tinham se deteriorado. De pé, entre as portas, estava um homem magro, de cabelos brancos, vestindo roupas que pareciam ser de um tamanho bem maior que o seu.

— Saudações, Embaixador Dannyl. — A voz do ancião era fraca e oscilante. Ele cumprimentou, empertigado. — Bem-vindos à minha casa.

Dannyl e Tayend apearam e passaram as rédeas aos criados.

— Agradecidos, Dem Ladeiri — respondeu Dannyl. — Este é Tayend de Tremmelin, acadêmico da Grande Biblioteca.

O Dem virou-se e fitou Tayend com olhos míopes.

— Bem-vindo, meu jovem. Também possuo uma biblioteca, você sabe.

— Sim, eu soube. Uma biblioteca famosa em toda Elyne — Tayend respondeu com um entusiasmo convincentemente afetado. — Cheia de curiosidades. Adoraria conhecê-la, se não se importar.

— Claro que pode! — exclamou o Dem. — Entrem.

Eles seguiram o velho homem por um pequeno pátio, em seguida passaram por uma porta de ferro enferrujada para um salão. Embora o mobiliário fosse luxuoso, havia no ar um cheiro de poeira.

— Iri! — o velho chamou com voz aguda.

Passos rápidos chegaram até a porta e uma mulher de meia-idade usando um avental apareceu.

— Traga refrescos para meus convidados. Estaremos na biblioteca.

A mulher esbugalhou os olhos ao ver a túnica de Dannyl. Curvou-se rapidamente e saiu.

— Não é preciso nos levar à biblioteca de imediato — disse Dannyl. — Não queremos ser inconvenientes.

O Dem fez um gesto com a mão.

— Não é inconveniência. Eu estava na biblioteca quando seus criados chegaram.

Eles seguiram o velho por um corredor, depois desceram uma grande escadaria em espiral que parecia ter sido escavada na parede de pedra. O último lance da escadaria era de madeira maciça e dava no meio de uma vasta sala.

Dannyl sorriu ao ouvir Tayend suspirar. Ficou claro que o acadêmico não esperava que fosse ficar tão impressionado.

A sala era criteriosamente dividida por fileiras de estantes. À frente deles, espalhados, havia animais empalhados, garrafas de líquido conservante contendo criaturas e órgãos, esculturas feitas com todo tipo de material, bugigangas estranhas, pedaços de rocha e de cristal, incontáveis pergaminhos, tabuletas e

prateleiras de livros. Aqui e acolá, viam-se enormes esculturas, o que levava Dannyl a imaginar como teriam sido trazidas escada abaixo até a biblioteca — ou mesmo transportadas pelas montanhas. Nas paredes, havia mapas estelares e outros diagramas misteriosos.

Eles seguiram o Dem por entre aquelas maravilhas, admirados demais para falar. Ao conduzi-los por uma ala entre os livros, Tayend espiou as plaquetas gravadas com assuntos e números pregadas em cada prateleira.

— Para que são esses números? — perguntou o acadêmico.

O Dem virou-se e sorriu.

— Um sistema de catalogação. Cada livro tem um número e eu tenho uma listagem escrita de todos eles.

— Não temos nada assim tão detalhado na Grande Biblioteca. Mantemos juntos os livros sobre o mesmo assunto... o melhor possível. Há quanto tempo tem esse sistema aqui?

O ancião olhou Tayend de lado.

— Meu avô o inventou.

— Alguma vez sugeriu à Grande Biblioteca que o adotasse?

— Várias vezes. Irand não viu valor algum nele.

— É verdade. — Tayend parecia entretido. — Gostaria muito de ver como funciona.

— Você verá — respondeu o velho —, pois é exatamente o que vou lhe mostrar.

Eles deixaram as prateleiras e aproximaram-se de uma grande escrivaninha cercada por arcas de madeira com gavetas.

— Agora, há algum assunto em particular que gostariam de pesquisar?

— O senhor tem livros sobre práticas antigas de magia? — Tayend perguntou.

O velho ergueu as sobrancelhas.

— Sim. Mas pode ser mais específico?

Dannyl e Tayend se entreolharam.

— Qualquer coisa ligada ao Rei de Charkan ou Shakan Dra.

As sobrancelhas do Dem se ergueram ainda mais.

— Vou verificar.

Ele se virou e puxou uma gaveta que continha fileiras de cartões. Folheando-os, gritou um número. Em seguida, fechou a gaveta, dirigiu-se ao final das prateleiras e virou numa ala. O Dem parou em frente a uma das estantes, correu o dedo pelas lombadas e tocou numa delas.

— É este aqui. — Ele retirou o livro e entregou-o a Tayend.

— É uma história de Ralend de Kemori.

— Deve haver alguma referência ao Rei de Charkan aí ou meus cartões não teriam me levado a esse livro — o Dem garantiu. — Agora, sigam-me. Acho que temos alguns objetos também.

Eles seguiram o Dem, afastando-se das estantes de livros na direção de várias fileiras de gavetas, estas igualmente numeradas. O velho homem puxou uma gaveta e colocou-a sobre uma mesa próxima. Ao espiar o interior, soltou uma exclamação.

— Ah! É mesmo. Isso me foi enviado há cinco anos. Lembro-me de achar que seu Lorde Supremo teria querido vê-lo.

Mais uma vez Tayend e Dannyl se entreolharam.

— Akkarin? — Dannyl perguntou, olhando dentro da caixa. Continha um anel de prata. — Por que estaria ele interessado?

— Porque ele veio até aqui há muitos anos procurando informações sobre o Rei de Charkan. Mostrou-me este símbolo.

O Dem segurou o anel. Nele havia incrustada uma pedra vermelho-escuro e, esculpido na superfície desta, uma lua crescente ao lado de uma mão rude. — Mas quando enviei a ele uma carta contando o que eu havia recebido, ele

respondeu que não teria condições de vir devido a seu novo cargo.

Dannyl pegou o anel e examinou-o bem de perto.

— A pessoa que o enviou disse que, de acordo com a lenda, os magos podem usá-lo para se comunicar uns com os outros sem medo de serem ouvidos — acrescentou o Dem.

— De verdade? Quem foi esse generoso doador?

— Não sei. Ele, ou ela, não se identificou. — O Dem ergueu os ombros. — Às vezes, as pessoas não querem que suas famílias saibam que se desfizeram de algo valioso. De qualquer forma, não é uma pedra verdadeira. É apenas vidro.

— Experimente-o — incitou uma voz por trás do ombro de Dannyl.

Dannyl olhou para Tayend, surpreso. O acadêmico forçou um riso.

— Ande!

— Eu teria de me comunicar com outro mago — observou Dannyl, colocando o anel no dedo. — E ter ainda um terceiro para testar se ele poderia detectar nossa conversa.

Dannyl olhou para o anel. Não sentiu nada indicativo de que algum tipo de magia estivesse acontecendo.

— Não consigo sentir nada vindo dele. — Retirou o anel e devolveu-o ao Dem. — Talvez ele já tenha tido propriedades mágicas no passado, mas perdeu-as ao longo do tempo.

O ancião concordou e guardou a caixa.

— O livro pode ser mais esclarecedor. Há cadeiras aqui, para leitura — disse ele, acenando para eles do outro lado da sala.

Ao se acercarem das cadeiras, a mulher que tinham visto antes chegou com uma bandeja cheia de comida. Outra trazia os copos e uma garrafa de vinho. Tayend se sentou e começou a folhear a história de Ralend de Kemori.

— “O Rei de Charkan falou sobre o seu trajeto” — ele leu. — “Ele veio pelas montanhas, parando para oferecer presentes em Armje, a cidade da lua.” —

Tayend olhou para cima. — Armje. Já ouvi esse nome.

— Agora é uma ruína — disse o Dem, com a boca ainda cheia de um saboroso bolinho. — Não fica longe daqui. Eu costumava ir lá em cima com frequência, na minha juventude.

Enquanto o Dem começava a descrever, entusiasmado, as ruínas, Dannyl percebeu que Tayend não estava ouvindo. O olhar do acadêmico se concentrou à medida que ele continuava a ler o livro. Conhecedor daquele olhar, Dannyl sorriu. A biblioteca do Dem não era a coleção de esquisitices inúteis que Tayend esperava.

Durante as duas semanas depois que Sonea entrara nas passagens secretas pela primeira vez, ela não encontrou Regin em nenhuma ocasião. Embora esperasse que a descoberta por Lorde Yikmo tivesse acabado com os aliados de Regin, ela suspeitava que não.

Ela não ficara sabendo de nada que indicasse que eles haviam sido punidos. Yikmo não voltara a mencionar o incidente e ninguém parecia saber dele, daí Sonea achar que ele havia respeitado seu pedido para não comentar. Infelizmente, isso apenas daria mais confiança aos aliados de Regin, para que pudessem molestá-la sem serem pegos.

Uma vez que Regin sempre a surpreendia em algum ponto do segundo andar, onde estava a biblioteca, Sonea cuidara em sair das passagens secretas no andar mais baixo. Na noite anterior, ela vira o primeiro sinal de que ele já o descobrira. Ao entrar no corredor principal no andar de baixo, tinha visto um aprendiz de pé no final dele e, alguns passos à frente, no Salão de Entrada, Sonea deu de cara com um dos meninos mais velhos. Embora ele não tivesse ousado atacá-la, sorriu, cheio de presunção, quando ela passou.

Esta noite, então, ela saíra das passagens pelo terceiro andar. Procurou silenciar ao máximo seus passos e, cautelosamente, encaminhou-se pelo corredor principal.

Caso ela encontrasse Regin e seus amigos, ainda poderia fugir e escapar pelas

passagens secretas. Se não fosse cercada antes, poderia chegar a uma entrada, ou seja, se conseguisse entrar nas passagens sem que eles a vissem.

Ao dobrar uma esquina, ela viu de relance um movimento de pano marrom perto da virada seguinte e sentiu o coração afundar. Recuando, ouviu um sussurro bem fraco. Sonea escutou o eco de passos chegando da direção da qual tinha vindo. Ela praguejou baixinho e começou a correr. Atirando-se numa passagem lateral, colidiu com um aprendiz solitário. Um golpe de magia atingiu seu escudo, mas ele estava sozinho e ela facilmente o descartou.

Três viradas mais adiante, ela encontrou dois outros aprendizes. Eles tentaram bloquear-lhe o caminho, mas desistiram depois de alguns momentos. Em frente à porta de uma sala-portal, ela foi retida quando quatro aprendizes apareceram para lutar com ela. Passou por eles empurrando-os e colocou uma tranca mágica na porta.

“Mantenha-os separados”, pensou, “Yikmo o aprovaria.”

Entrando pelas passagens mais internas, ela se dirigiu apressadamente até a sala-portal mais próxima. Assim que a avistou, desejou que a porta se abrisse e fechasse e rapidamente retomou seus passos.

“Ainda sozinha”, pensou. Prosseguindo mais devagar para abafar as passadas, seguiu por um caminho espiralado, chegando finalmente a uma porta para as passagens secretas. Depois de se certificar de que ninguém podia vê-la, deslizou a mão sob uma pintura e sentiu a alavanca.

— Ela foi por aqui — falou uma voz.

O coração de Sonea falhou. Ela pressionou a alavanca para baixo e precipitou-se através da abertura. Em seguida, empurrou a porta, fechando-a.

Rodeada pela escuridão, ela espreitou pelo buraco, com a respiração pesada. Pelo pequeno orifício, viu vários aprendizes passarem. Ao contá-los, sentiu-se mal. Vinte aprendizes.

Mas ela havia escapado deles. Seu coração se acalmou e a respiração se aquietou. Um pouco de ar quente tocou-lhe o pescoço.

Sonea franziu as sobrancelhas. Ar quente?

Então, por baixo do som de sua respiração, ela ouviu outra respiração mais suave. Virou-se e manifestou uma luz com sua mente... então conteve um grito de terror.

Olhos escuros encaravam os seus. Os braços dele estavam cruzados na altura do peito, o incal brilhando dourado contra o negro da túnica. Seu rosto estava fechado com um semblante de desaprovação.

Engolindo em seco, ela se esgueirou para o lado, mas um braço se colocou de forma a bloquear-lhe o caminho.

— Caia fora — ele rosnou.

Ela hesitou. Ele não estava ouvindo os aprendizes? Ele não entendia que ela iria cair numa armadilha?

— Agora! — ele vociferou. — E não entre nessas passagens de novo.

Virando-se, ela se atrapalhou com a fechadura, as mãos trêmulas. Ao verificar pelo buraco, ficou aliviada percebendo que o lado de fora da passagem estava livre de testemunhas. Ela cambaleou para fora e sentiu um sopro de ar frio na nuca quando a porta se fechou por trás dela.

Com o coração galopante, ainda por um tempo, ela ficou ali, tremendo. Então, pensou que ele a estaria observando pelo buraco e forçou-se a sair. Ao virar uma esquina, vinte pares de olhos se postaram fixos sobre ela, surpreendida.

— Nós a achamos! — alguém gritou alegremente.

Sonea ergueu um escudo contra os primeiros ataques. Ela recuou e, em seguida, ao ouvir Regin vociferar ordens para que metade deles fechasse um círculo e bloqueasse sua passagem, virou-se e correu.

Ao fugir pela porta escondida, sentiu o choque esmorecer e a raiva crescer.

“Por que ele não os interceptara? Seria esta a punição dada a ela por ir aonde não deveria?” Sonea estancou quando os aprendizes surgiram de uma passagem lateral e, erguendo uma barreira para segurá-los ali, desceu rapidamente pela

única outra saída.

“Será que não iam questionar por que ele não o fizera... mas é claro que ninguém sabia que ele estava ali, a não ser eu”, Sonea praguejou ao sentir sua barreira falhar sob o ataque violento dos aprendizes.

Ao dobrar uma esquina, ela bateu numa parede invisível. Destruiu a barreira com facilidade e se apressou em frente até encontrar outra. Esta também caiu rapidamente, mas ela se viu bloqueada por outra e mais outra. O coração afundou ao perceber passos sinalizando a aproximação dos aprendizes pela frente e por trás. No momento seguinte, ela se viu erguendo escudos contra uma rajada maciça de ataques.

“O que ele estaria fazendo nas passagens secretas, de qualquer forma? Eu nunca tinha visto sinais de pegadas... a não ser que ele estivesse espalhando o pó ao passar... mas por que faria isso se ninguém mais usava as passagens?”

Os aprendizes bloquearam-lhe a saída. Encurralada, ela só tinha de esperar que a destruíssem. Com tantos atacantes, sua força se extinguiu rapidamente. À medida que seu escudo estremeceu, Regin veio à frente e escancarou uma risada. Ele tinha na mão uma pequena garrafa, cheia de um líquido escuro. A um sinal dele, o ataque cessou.

— Doce Sonea — disse ele, enviando um raio de força contra o escudo dela. — Como meu coração se enleva ao vê-la. — Outro ataque. — Faz tanto tempo desde que nos encontramos.

O escudo de Sonea começou a se esfarelar, mas ela conseguiu reunir forças de algum lugar.

— De fato, a ausência alimenta o apreço, é o que dizem.

O ataque seguinte esfacelou o escudo facilmente. Ela se preparou, esperando pela chegada do choque de atordoamento.

— Trouxe-lhe um presente — continuou ele. — Um perfume do tipo mais exótico. — Ele tirou a rolha do vidro. — Urgh! Que fragrância doce. Gostaria de experimentá-la?

Mesmo a alguns passos de distância, ela reconheceu o cheiro. A turma dela havia extraído o óleo das folhas de um arbusto de kreppa para um projeto de remédios. O sumo residual cheirava a vegetação apodrecida e podia causar bolhas dolorosas.

Regin sacudiu a garrafa destampada displicentemente.

— Mas uma garrafinha é um símbolo muito pequeno da minha afeição. Veja, eu trouxe mais!

Outras garrafas apareceram nas mãos dos aprendizes. Eles as abriram com cuidado e o corredor foi tomado pelo odor repugnante.

— Amanhã, saberemos onde você está pelo seu doce perfume.

Regin fez um sinal com a cabeça para os outros.

— Agora! — ele berrou.

As mãos se estenderam, arremessando vários jatos do extrato nojento sobre ela. Ela esticou as mãos, fechou os olhos e, de alguma parte, reuniu os últimos resquícios de força.

Nenhum líquido atingiu sua pele. Nada. Ela ouviu alguém tossindo, depois outro, e, então, a passagem se encheu de pragas e exclamações. Ao abrir os olhos, pestanejou, extasiada. As paredes, o teto e os aprendizes estavam cobertos de respingos marrons. Os aprendizes limpavam as mãos e o rosto freneticamente. Uns cuspiam no chão. Outros esfregavam os olhos e um deles começou a gemer de dor.

Ao olhar para Regin, percebeu que, por ser o mais próximo, fora o que mais sofrera. Seus olhos lacrimejavam e tinha o rosto esfolado com manchas vermelhas.

Um sentimento estranho fervilhava dentro dela. Percebendo que ia começar a rir, cobriu a boca. Arrastou-se para longe da parede, cambaleou, e, em seguida, aprumou-se novamente.

“Não permita que vejam como está cansada”, ela pensou. “Não lhes dê tempo para pensarem num revide.”

Ela começou a andar por entre o grupo de aprendizes. Regin empinou a cabeça.

— Não a deixem escapar — grunhiu.

Alguns aprendizes ainda o olharam, mas o restante o ignorou.

— Esqueçam isso. Estou indo tirar essa túnica agora — disse um aprendiz. Outros concordaram e começaram a sair. Regin piscou para eles, o rosto se escurecendo de fúria, mas não discutiu.

Sonea virou as costas e forçou as pernas cansadas a ultrapassarem os aprendizes e levarem-na embora.

Capítulo 32

Um Pequeno Desvio na Viagem

Rothen bocejou enquanto subia as escadas dos Alojamentos dos Magos. Mesmo um banho gelado não teria ajudado muito a acordá-lo. Encontrou Tania esperando por ele na sala de visitas, colocando pratos com bolos e biscoitos.

— Bom dia, Tania — ele disse.

— Está um pouco atrasado esta manhã, meu lorde — ela respondeu.

— Sim. — Ele esfregou o rosto com as mãos, e então começou a fazer sumi. Percebendo que ela ainda o estava observando, ele suspirou. — Eu diminuí para um décimo da dosagem.

Ela não disse nada, apenas concordou com a cabeça aprovando.

— Tenho notícias. — Ela se calou por um instante e, quando ele gesticulou para que continuasse, fez uma cara de quem se desculpava. — Talvez não vá gostar, meu lorde.

— Prossiga.

— Os faxineiros da Universidade estavam reclamando essa manhã que um líquido de cheiro ruim foi espalhado por toda uma passagem. Perguntei a eles o que tinha acontecido, e começaram a reclamar de aprendizes que tinham lutado uns com os outros. Eles estavam relutantes em dizer quais aprendizes... Relutantes em falar na minha frente, quero dizer. Então, subornei uma das serventes que já tinha ouvido a história. Regin tem juntado outros aprendizes e emboscado Sonea à noite. Perguntei a Viola sobre isso, e ela disse que não tinha visto nada indicando que Sonea tivesse se machucado de alguma forma.

Rothen franziu a testa.

— Seria preciso muito esforço para deixar Sonea esgotada. — Ele sentiu uma centelha de raiva quando percebeu o que isso significava. — Uma vez que ela ficasse assim, no entanto, Regin poderia fazer qualquer coisa com ela. Ela estaria cansada demais até para lutar com ele fisicamente.

Tania respirou fundo.

— Ele não ousaria machucá-la, não é?

— Não de alguma forma de que provocasse dano duradouro ou que o levasse a ser expulso da Universidade. — Rothen fez uma cara feia olhando para a mesa.

— Por que o Lorde Supremo não dá um basta nisso... ou talvez ele não tenha ficado sabendo? Talvez devesse falar com ele.

Rothen balançou negativamente a cabeça.

— Ele sabe. É sua obrigação saber.

— Mas... — Tania parou por causa de uma batida na porta. Aliviado pela interrupção, Rothen usou a mente para abrir a porta. Um mensageiro entrou, fez uma reverência e entregou uma carta a ele, antes de deixar a sala.

— É para Sonea. — Rothen virou a carta e sentiu o coração parar por um instante. — É de seus tios.

Tania se aproximou.

— Eles não sabem que ela não está mais morando em seus aposentos?

— Não. Sonea achou que Regin poderia interceptar suas cartas se elas fossem entregues nos Alojamentos dos Aprendizes, e ela provavelmente não os contatou depois de ter se mudado para a residência.

— Quer que eu leve para ela? — Tania se ofereceu.

Rothen olhou-a surpreso. Era fácil esquecer que outros não tinham motivos para temer Akkarin.

— Você faria isso?

— É claro. Não falo com ela há tanto tempo.

No entanto, Akkarin poderia ficar desconfiado se visse a criada de Rothen entregando uma mensagem para Sonea.

— Ela vai querer ler isso tão logo quanto possível. Se entregar no quarto dela, ela não vai receber até hoje à noite. Acho que ela passa os Dias Livres na Biblioteca dos Aprendizes. Poderia entregar isso a Lady Tya?

— Sim. — Tania pegou a carta e a colocou na frente de seu uniforme. — Vou passar na biblioteca depois de deixar estes pratos na cozinha.

— Argh! Minhas pernas doem! — Tayend reclamou.

Dannyl riu baixinho quando o acadêmico se deixou cair sobre uma rocha para descansar.

— Você queria visitar as ruínas. Não foi minha ideia.

— Mas o Dem Ladeiri as fez parecer tão interessantes... — Tayend pegou o cantil e tomou alguns goles d'água. — E mais próximas.

— Ele só esqueceu de dizer que tínhamos de escalar alguns penhascos para chegar lá. Ou que a ponte de corda não era segura.

— Bem, mas ele nos disse que fazia muito tempo desde a última vez que tinha vindo aqui. A levitação deve ajudar nessas horas.

— De vez em quando, sim.

— Por que você não está ofegante?

Dannyl sorriu.

— A levitação não é o único truque útil que o Clã nos ensina.

— Você está se curando? — Tayend jogou uma pedrinha nele. — Isso é trapaça!

— Então, imagino que vai recusar minha ajuda se eu oferecer.

— Não, acho que é justo eu ter no mínimo a mesma vantagem que você.

Dannyl suspirou, fingindo um ar de resignação.

— Dê-me seu pulso, então. — Para sua surpresa, Tayend ofereceu o braço sem hesitação, mas, quando Dannyl colocou a palma contra a pele do acadêmico, este desviou o olhar e fechou os olhos com força.

Enviando um pouco de magia de Cura para o corpo de Tayend, Dannyl relaxou os músculos estressados. A maioria dos Curadores iria fazer cara feia diante daquele desperdício de magia. Não havia nada de errado com Tayend, ele apenas não estava acostumado com o esforço de percorrer um território montanhoso.

Quando Dannyl soltou o braço de Tayend, o acadêmico parou e olhou para si mesmo.

— Isso é incrível! — ele exclamou. — Eu me sinto como me sentia essa manhã, antes de partirmos. — Sorriu para Dannyl e continuou pelo caminho. — Vamos lá, então. Não temos o dia todo.

Perplexo, Dannyl o seguiu. Apenas algumas centenas de passos depois, Tayend chegou a uma elevação e diminuiu o ritmo até parar. Quando Dannyl alcançou o acadêmico, a visão das ruínas surgiu. Espalhadas numa encosta suave estavam paredes baixas, marcando o contorno de prédios. Aqui e ali uma coluna antiga havia sobrevivido, e no centro da pequena cidade deserta uma estrutura maior sem teto permanecia intacta, as paredes construídas de grandes placas de pedra. Grama e outras vegetações cresciam sobre e ao redor de tudo.

— Então isso é Armje — Tayend murmurou. — Não sobrou muita coisa.

— Ela tem mais de mil anos de idade.

— Vamos olhar mais de perto.

Conforme se curvava para chegar à cidade, o caminho se ampliava numa estrada coberta por grama. Quando atingia o primeiro dos prédios, ele se tornava reto, levando ao prédio grande. Dannyl e Tayend pararam para examinar algumas das salas expostas dos prédios menores.

— Você acha que isso era algum tipo de banheiro público? — Tayend

perguntou num ponto, perto de um banco de pedra que tinha buracos cortados em intervalos regulares.

— Talvez algum tipo de cozinha — Dannyl respondeu. — Os buracos podiam ser para panelas colocadas sobre um fogo ou braseiro.

Quando eles chegaram à grande estrutura no centro, Dannyl percebeu uma quietude no ar. Eles passaram por baixo de uma pesada verga para uma sala ampla. O chão estava escondido embaixo da sujeira, assim como de grama e de ervas que chegavam até a cintura.

— Eu me pergunto o que era este lugar — Tayend pensou em voz alta. — Algo importante. Um palácio, talvez. Ou um templo.

Passando para uma sala menor, Tayend de repente correu para um lado. Observou a parede, na qual estava entalhado um desenho complexo.

— Há palavras nisso — ele disse. — Algo sobre leis.

Dannyl olhou mais de perto, então sentiu o coração se sobressaltar quando viu uma mão esculpida.

— Olhe.

— Esse é o hieróglifo para magia — Tayend disse de maneira desdenhosa.

— Uma mão é o símbolo para magia em elyne antigo?

— Sim... e em muitas escritas antigas. Alguns acadêmicos acreditam que a letra moderna “m” é derivada do símbolo de uma mão.

— Então metade do título do Rei de Charkan significa magia. O que a lua crescente significa então?

Tayend deu de ombros e foi mais longe na ruína.

— Magia da lua. Magia da noite. Por acaso a magia alguma vez seguiu os ciclos da lua?

— Não.

— Talvez tenha algo a ver com mulheres. Magia de mulheres. Espere... olhe

isso!

Tayend parou diante de outra parede esculpida. Ele estava apontando para uma seção bem no alto, onde um pedaço da pedra havia caído, deixando apenas parte da escultura atrás. Então, Dannyl respirou fundo. O acadêmico não estava apontando para um dos hieróglifos esculpidos. Ele apontava para um nome familiar escrito em letras modernas.

— O Dem Ladeiri não mencionou nada sobre Akkarin vir aqui — Tayend disse.

— Talvez ele tenha esquecido. Talvez Akkarin não tenha contado a ele.

— Mas ele realmente queria que viéssemos aqui.

Dannyl encarou o nome, e então olhou para o resto da parede.

— O que a escrita antiga diz?

Tayend olhou mais de perto.

— Espere um minuto...

Enquanto o acadêmico examinava os hieróglifos, Dannyl deu um passo para trás e olhou ao redor da sala. Embaixo do nome de Akkarin estava uma escultura em relevo de uma arcada. Ou seria outra coisa? Ele arrastou a terra e a grama para longe da base e, com um sorriso, descobriu uma fenda.

Tayend respirou fundo.

— De acordo com isso, isso é uma...

— Porta — Dannyl terminou.

— Sim! — Tayend bateu na porta. — E ela leva a um lugar de julgamento. Eu me pergunto se ela ainda pode ser aberta.

Olhando para a porta, Dannyl estendeu seus sentidos. Ele detectou um mecanismo simples, projetado para ser aberto apenas por dentro... ou por magia.

— Para trás.

Quando Tayend saiu da frente, Dannyl usou sua vontade. O mecanismo se

virou relutante, o movimento se forçando contra a terra, a poeira e a grama que entupiam a entrada. Um ruído alto, de algo raspando, encheu a sala no momento em que a porta de pedra se virou para dentro, revelando uma passagem escura.

Quando a porta se abriu o bastante para um homem entrar virado de lado, Dannyl soltou o mecanismo, temendo provocar danos permanentes se ele fosse forçado além disso. Ele trocou um olhar com Tayend.

— Vamos entrar? — o acadêmico sussurrou.

Dannyl franziu a testa.

— Eu vou primeiro. Pode ser instável.

Tayend ensaiou um protesto, mas pareceu mudar de ideia.

— Vou continuar traduzindo isso.

— Volto assim que souber que é seguro.

— Acho bom.

Depois de deslizar pela porta, ele invocou um globo de luz em existência e o enviou à frente. As paredes não tinham adornos. De início, ele teve de espanar uma sucessão de raízes e teias de faren, mas depois de vinte passos o caminho estava limpo. O chão se inclinava ligeiramente para baixo, e o ar rapidamente se tornou mais frio.

Não havia passagens laterais. O teto era baixo e logo Dannyl sentiu um desconforto familiar tomar conta dele. Contou os passos: havia superado duzentos quando as paredes chegaram ao fim. O chão continuava, no entanto, na forma de uma saliência estreita que levava a uma escuridão total. Com cuidado, colocou o pé nessa saliência, pronto para levitar caso ela desmoronasse sob seus pés. Pela maneira como suas pegadas ecoavam, a queda de qualquer lado seria considerável.

A saliência se alargava para formar uma plataforma circular depois de uns dez passos. Usando sua vontade para fazer o globo de luz brilhar mais, Dannyl ficou sem ar quando a luz foi refletida de um domo brilhante. A superfície cintilava e brilhava como se coberta por uma quantidade incontável de joias preciosas.

— Tayend! — ele chamou. — Venha ver isso! — Olhando de novo para a entrada escura da passagem, Dannyl manifestou sua vontade, criando pequenos globos de luz ao longo de sua extensão.

Algo se moveu no canto do olho. Ele se virou e viu que uma seção do domo estava brilhando mais do que o resto. Filetes de luz apareceram, cintilando em direção um ao outro. Encarando fascinado, observou enquanto eles corriam para se encontrar. Parecia com a barreira da Arena quando ela era atacada, só que ao contrário...

Algum instinto o avisou e ele ergueu um escudo bem a tempo de receber a rajada de poder do domo. Ele exclamou, surpreso com a força dela e entrou em choque quando sentiu outro ataque vindo de trás. Virando-se, viu um segundo filete luminoso vindo das pedras... e mais dois se formando rapidamente.

Deu um passo em direção à entrada da passagem e então outro, e sentiu o ferrão de uma barreira bloqueando seu caminho. “O que está acontecendo! Quem está fazendo isso?”

Mas não havia ninguém mais. Apenas Tayend. Dannyl olhou para a passagem, porém ela estava vazia. Conforme mais ataques surgiram, Dannyl espalmou as mãos diante da barreira e enviou um raio de magia. A barreira se manteve. Talvez, se ele colocasse toda sua força nele... mas ele precisava de poder para se proteger.

Sentiu o pânico aumentar. Cada ataque o cansava mais. Ele não tinha ideia de quanto tempo esse ataque ia continuar. Se esperasse, esse lugar... essa armadilha... poderia matá-lo.

“Pense!”, ele disse a si mesmo. Os ataques vindos das paredes eram direcionados por um ponto acima do centro da plataforma. Se ele se espremesse contra a barreira, os ataques poderiam não atingi-lo quando o escudo falhasse. E se ele abandonasse o escudo e colocasse todo o poder em quebrar a barreira, ela poderia ser destruída antes do próximo ataque acertá-lo.

Era tudo em que ele podia pensar. Não tinha tempo para cogitar uma ideia melhor. Fechando os olhos, ignorou o ferrão da magia enquanto pressionava o

corpo contra a barreira. Respirou fundo e então simultaneamente removeu seu escudo e atacou a barreira com todo seu poder.

Ele sentiu a barreira falhar. Ao mesmo tempo, estava ciente de que o resto de sua força o deixava. Ele se preparou para a dor, mas em vez disso sentiu que estava caindo. Abriu os olhos, porém tudo que conseguiu ver foi a escuridão... uma escuridão na qual ele continuou a cair muito depois de quando já deveria ter se chocado com o chão...

— Lady Sonea.

Levantando os olhos, Sonea sentiu o coração parar.

— Tania!

Quando a criada sorriu, lembranças ternas de conversas no começo da manhã trouxeram a dor da saudade. Sonea deu uns tapinhas no assento ao lado do dela, e Tania o ocupou.

— Como você está? — Tania perguntou. Algo sobre a maneira como a criada olhou para Sonea sugeria que ela não esperava uma resposta favorável.

— Bem. — Sonea forçou um sorriso.

— Você parece cansada.

Sonea deu de ombros.

— Muitas noites longas. Há tanto a aprender agora. Como você está? Rothen a está mantendo muito ocupada.

Tania riu.

— Ele não dá trabalho, embora sinta muito sua falta.

— Também sinto falta dele... e de você.

— Tenho uma carta para você, minha lady — Tania disse. Ela a tirou de suas roupas e a colocou na mesa. — Rothen disse que é de seus tios e que iria querer lê-la agora mesmo, então me ofereci para vir entregá-la.

Sonea pegou a carta, ansiosa.

— Obrigada. — Ela rasgou o envelope e começou a ler. A letra era formal e pomposa. Como os tios não sabiam escrever, contratavam um escriba sempre que queriam lhe mandar uma carta.

— Minha tia vai ter outro filho! — Sonea exclamou. — Ah, como gostaria de poder vê-los.

— É claro que pode — Tania disse. — O Clã não é uma prisão, você sabe.

Sonea pensou no que a mulher tinha dito. É claro, Tania não sabia sobre Akkarin. Mas Akkarin nunca tinha dito que proibia visitas familiares. Nem que ela nunca deveria sair do Clã. Os guardas no portão não iriam detê-la. Ela poderia sair para a cidade e ir aonde quisesse. Akkarin não ia gostar, mas como ele a havia forçado para fora das passagens secretas e a deixado à mercê da gangue de Regin, ela não se importava muito em ser cooperativa.

— Você está certa — Sonea disse devagar. — Eu vou visitá-los. Vou hoje.

Tania sorriu.

— Tenho certeza que eles vão ficar felizes de vê-la de novo.

— Obrigada, Tania — Sonea disse, se levantando. A criada fez uma reverência e, ainda sorrindo, se dirigiu para a porta da biblioteca.

Guardando os livros na sua caixa, Sonea sentiu uma excitação crescente, mas, quando considerou para onde estava indo, ela se acalmou de novo. Podia andar facilmente pela cidade. Ninguém pensaria duas vezes sobre a presença de um mago nas ruas, muito menos de uma aprendiz. Mas uma vez na favela sua túnica ia chamar atenção, possivelmente hostil. Era um problema com o qual ela não tivera de lidar em suas visitas anteriores porque ainda não era uma aprendiz. Embora ela pudesse se proteger de quaisquer projéteis ou agressões com magia, não queria ser seguida, nem atrair esse tipo de atenção para seus tios.

No entanto, a lei dizia que ela deveria usar o uniforme o tempo todo. Ela não estava muito preocupada por quebrar a lei, mas onde iria se trocar e vestir aquele tipo de roupa surrada que a disfarçaria na favela, mesmo que encontrasse

alguém?

Ela poderia comprar um casaco ou uma capa no Mercado quando chegasse ao Bairro Norte. Para isso, no entanto, precisava de dinheiro, e ela guardava seu dinheiro em seu quarto na Residência do Lorde Supremo. Olhando para sua caixa, refez o plano. Ia deixar o medo de Akkarin impedi-la de visitar sua família? Não. Ele quase nunca estava na residência durante o dia. Ela provavelmente não iria encontrá-lo.

Pegando sua caixa, fez uma reverência para Lady Tya e deixou a biblioteca. Quando andou pelas passagens da Universidade, ela sorriu. Também iria comprar um presente para seus tios... e poderia passar depois na hospedaria de Gollin para ver Harrin e Donia e perguntar sobre Cery.

Quando entrou na Residência do Lorde Supremo, ela sentiu o coração acelerar. Para seu alívio, Akkarin não estava lá, e Takan, o criado, apareceu apenas pelo tempo suficiente para lhe fazer uma reverência respeitosa e desaparecer de novo. Deixando sua caixa, ela enfiou uma bolsa de dinheiro na túnica e saiu. Quando a porta da residência se fechou atrás dela, aprumou-se e se dirigiu aos portões.

Os guardas do portão olharam para ela com curiosidade quando ela passou por eles. Eles provavelmente nunca a tinham visto antes, já que ela só tinha deixado o Clã algumas vezes de carruagem com Rothen. Talvez apenas fosse estranho ver um aprendiz saindo a pé.

Uma vez no Círculo Interno, ela se sentiu curiosamente deslocada. Olhando para as casas grandiosas que preenchiam as ruas, fortes lembranças voltaram de suas poucas visitas a essa parte da cidade anos antes, para entregar sapatos e roupas consertados aos criados das Casas. Durante essas visitas, homens e mulheres bem-vestidos do Círculo Interno a haviam tratado com suspeita e desdém, e ela havia sido forçada a mostrar seu símbolo de admissão várias vezes.

Agora, essas pessoas sorriam e se curvavam educadamente quando ela passava por eles. Parecia estranho e surreal. O sentimento aumentou quando ela transpôs os portões do Bairro Norte. Os guardas do portão pararam e a

saudaram, e até mesmo pararam uma carruagem da Casa Korin para que ela pudesse passar sem demora.

Uma vez no Bairro Norte, reverências educadas e sorrisos se transformaram em pessoas a encarando. Depois de várias centenas de passos, Sonea mudou de ideia quanto a visitar o Mercado. Em vez disso, dirigiu-se até uma casa que anunciava “Roupas de Qualidade e Alterações”.

— Sim? — Uma mulher de cabelos grisalhos atendeu a porta e, ao ver a jovem maga na sua soleira, arfou, surpresa.

— Minha lady! O que posso fazer por você? — perguntou, fazendo uma reverência apressadamente.

Sonea sorriu.

— Eu gostaria de comprar uma capa, por favor.

— Entre! Entre! — A mulher abriu bem a porta e se curvou de novo quando Sonea entrou. Ela guiou Sonea para uma sala, onde cabides de roupas estavam pendurados por todos os lugares.

— Não estou certa de ter algo bom o suficiente — a mulher disse num tom de desculpas, enquanto tirava várias capas dos cabides. — Esse tem pele de limek ao redor do capuz, e aquele tem uma bainha de contas.

Incapaz de resistir, Sonea inspecionou as capas.

— Isso é de boa qualidade — ela disse da capa com contas. — Mas eu duvido que essa pele seja limek. Limek tem uma capa dupla.

— Ah, minha nossa! — a mulher exclamou, agarrando a capa de volta.

— Mas elas não são o que estou procurando, de qualquer forma — Sonea acrescentou. — Preciso de algo velho e meio gasto... não que esperasse encontrar algo de baixa qualidade aqui. Alguma de suas criadas tem uma capa que pareça que deve ser jogada fora logo?

A mulher encarou Sonea surpresa.

— Eu não sei... — ela disse, em dúvida.

— Por que não pergunta a elas agora enquanto admiro um pouco do seu trabalho!? — sugeriu.

— Se é o que quer... — A curiosidade havia tomado conta do olhar da mulher agora. Ela fez uma reverência e em seguida desapareceu dentro de casa chamando uma criada.

Andando por entre os cabides, Sonea examinou algumas roupas. Ela suspirou melancólica. Com a lei restringindo sua roupa a túnicas, provavelmente nunca ia usar nada como aquelas coisas, embora agora pudesse comprá-las.

Ouvindo passos apressados se aproximando, ela se virou para ver a costureira entrar na sala, os braços cheios de roupas.

Uma criada a seguiu, parecendo pálida e fustigada. Vendo Sonea, os olhos da garota se arregalaram.

Olhando as capas, Sonea escolheu uma com um rasgo longo e reparado com habilidade num dos lados. A bainha tinha se descosturado do forro também. Ela olhou para a criada.

— Há um jardim aqui? Talvez um galinheiro?

A garota concordou com a cabeça.

— Pegue essa capa e esfrega a bainha na sujeira para mim... e jogue um pouco de terra sobre ela.

Parecendo confusa, a garota desapareceu com a capa. Sonea pressionou uma moeda de ouro na mão da costureira, e quando a criada voltou com a capa suja, enfiou uma moeda de prata no bolso da garota.

“Quem pensaria que eu ia acabar usando minhas habilidades de batedora de carteira para dar dinheiro em vez de roubá-lo?”, ela pensou enquanto deixava a casa. Com a capa cobrindo a túnica, ninguém mais a encarou enquanto ela prosseguia em direção aos Portões Nortes.

Os guardas lhe deram apenas um olhar rápido quando ela entrou na favela. Eles estavam mais preocupados com favelados que deixavam a favela do que com os que entravam nela. Um cheiro ao mesmo tempo desagradável e

confortavelmente familiar a envolveu enquanto ela se movia entre as ruas tortuosas. Olhando ao redor, ela sentiu que relaxava um pouco. Ali, Regin e Akkarin pareciam preocupações distantes e insignificantes.

Então ela notou um homem observando-a da porta de uma boleria e ficou tensa de novo. Ali ainda era a favela, e embora ela pudesse se proteger com magia, seria melhor evitar ter que fazer isso. Mantendo-se alerta e andando na sombra, ela se moveu rapidamente pelas ruas e becos.

Jonna e Ranel agora viviam numa parte mais próspera da favela, onde os moradores tinham casas de madeira resistente. Ela foi até o mercado comprar alguns cobertores e uma cesta cheia de vegetais e pão fresco. Queria poder comprar algo mais luxuoso, mas Jonna sempre recusava tais presentes dizendo: “Eu não quero nada que pareça com as Casas na minha casa. As pessoas vão ficar pensando coisas estranhas sobre nós”.

Quando ela chegou à rua em que sua família vivia, jogou alguns pãezinhos saborosos para a pequena gangue de garotos sentada nas caixas vazias num canto. Eles agradeceram. Ela percebeu que não se divertia assim havia meses.

“Não desde que Dorrien visitou”, refletiu de repente. “Melhor não pensar em Dorrien.”

Chegando à casa de seus tios, ela ficou séria. Desde que tinha se juntado ao Clã, eles agiam de maneira intranquila e incomodada. Eles a haviam observado perder o Controle de seus poderes um ano antes, e Sonea não ficaria surpresa se ainda tivessem medo dela. Mas ela sabia que nunca iam superar seu medo ou embaraço se não continuasse a visitá-los. Eles ainda eram sua única família e ela não ia deixar que desaparecessem da sua vida.

Ela bateu na porta. Um momento depois, esta se abriu e Jonna a encarou surpresa.

— Sonea!

Sonea sorriu.

— Olá, Jonna.

Jonna escancarou a porta.

— Você parece diferente... mas vi o que fez com a capa. Isso é permitido?

Sonea riu.

— Quem se importa? Recebi sua carta hoje, e tinha que vê-la. Olhe, trouxe um presente para celebrarmos.

Entregando a cesta e os cobertores, Sonea entrou na sala de visita pequena e decorada de maneira simples. Ranel deu um passo para dentro da sala e riu com felicidade.

— Sonea! Como está minha pequena sobrinha?

— Bem. Feliz — Sonea mentiu. “Não pense em Akkarin. Não estrague a tarde.”

Ranel a abraçou.

— Obrigado pelo dinheiro — ele murmurou.

Sonea sorriu e começou a tirar a capa, mas depois pensou melhor. Vendo um berço num lado da sala, foi até ele e olhou seu primo adormecido.

— Ele está crescendo bem — ela disse. — Sem problemas?

— Não, só um pouco de tosse — Jonna disse, sorrindo. Ela deu um tapinha no ventre. — Estamos torcendo por uma garota dessa vez.

Enquanto eles falavam, Sonea se sentiu aliviada de encontrá-los mais relaxados na sua presença. Eles comeram um pouco do pão, brincaram com o bebê quando ele acordou e discutiram nomes para o que ia nascer. Ranel contou notícias para Sonea sobre seus velhos amigos e conhecidos, e outros eventos importantes para os moradores da favela.

— Nós não estávamos na cidade, mas ouvimos quando a Purificação aconteceu — Ranel disse, suspirando. Ela olhou para ela. — Você...? — ele perguntou relutante.

— Não. — Sonea fez uma careta. — Aprendizes não participam. — Eu... eu acho que foi estúpido, mas pensei que não iam ter uma, depois do que aconteceu

ano passado. Talvez quando eu tiver me formado... — Ela balançou negativamente a cabeça. “O que eu vou fazer? Convencê-los de não fazer isso? Como se fossem ouvir a favelada.”

Ela suspirou. Ainda faltava muita coisa para ela poder ajudar as pessoas das quais uma vez sentira que fazia parte. A ideia de persuadir o Clã a parar a Purificação parecia ingênua e ridícula agora, bem como a esperança dela de oferecer Cura para os favelados.

— Que mais temos aqui? — Jonna disse, examinando os vegetais na cesta. — Você vai ficar para o jantar, Sonea?

Sonea se aprumou assustada.

— Que horas são? — Olhando para as janelas altas e estreitas, ela viu que a luz lá fora era branda e dourada. — Tenho de voltar logo.

— Tome cuidado ao voltar para casa — Ranel disse. — Você não quer encontrar com esse assassino de quem todo mundo está falando.

— Ele não vai ser problema para Sonea — Jonna disse, rindo.

Sonea sorriu com a confiança de sua tia.

— Que assassino?

As sobrancelhas de Ranel se levantaram.

— Achei que você já soubesse. Estão falando pela cidade toda. — Ele fez uma cara feia. — Dizem que o assassino não é um dos Ladrões... ouvi dizer que os Ladrões estão atrás dele. Não tiveram sorte, no entanto.

— Não consigo imaginá-lo escapando dos Ladrões por muito tempo — Sonea pensou.

— Mas isso está acontecendo há meses — Ranel disse. — E alguns dos favelados dizem se lembrar de assassinatos semelhantes acontecendo um ano atrás e antes disso.

— Alguém sabe como é a imagem dele?

— As histórias são todas diferentes. A maioria diz que ele usa um anel com

uma grande joia vermelha. — Ranel se inclinou para a frente. — A história mais estranha que ouvi foi de um de nossos clientes. Ele disse que o marido de sua irmã é dono de uma hospedaria no Lado Sul. Esse homem ouviu alguém gritando num dos quartos uma noite, então foi ver o que estava acontecendo. Quando abriu a porta, o assassino pulou da janela. Mas em vez de cair no chão, estando no terceiro andar, ele caiu para cima como se estivesse voando!

Sonea deu de ombros. Muitas pessoas com atividades dúbias usavam caminhos pelos tetos da favela, conhecida como a Estrada do Alto. Era possível que o homem tivesse balançado num apoio de mão e escalado até o teto.

— Mas não é isso que é estranho — Ranel continuou. — O que assustou o hospedeiro foi que o homem naquele quarto estava morto, mas seu corpo só tinha cortes rasos.

Sonea franziu a testa. Morto, sem muitos ferimentos com exceção de alguns cortes rasos? Então o sangue dela virou gelo. Uma lembrança de Akkarin passou por sua mente na sala subterrânea.

“O criado ficou de joelhos e ofereceu-lhe o braço. Na mão de Akkarin estava uma adaga brilhante. Ele passou a lâmina sobre a pele do criado, e depois colocou uma das mãos sobre a ferida...”

— Sonea. Você está ouvindo?

Ela piscou e então olhou para o tio.

— Sim. Só me lembrando de algo. De muito tempo atrás. Todo esse papo de assassinos. — Ela tremeu. — Eu tenho que ir.

Quando ela se levantou, Jonna a envolveu num abraço.

— É bom saber que consegue se proteger, Sonea. Eu não tenho que me preocupar com você.

— Humpf. Você podia se preocupar pelo menos um pouco.

Jonna riu.

— Tudo bem. Se isso a faz se sentir melhor.

Sonea se despediu de Ranel e então saiu na rua. Conforme ela se deslocava pela favela, não pôde evitar lembrar-se das palavras de Lorlen durante a leitura da verdade.

“Temo que, embora eu não goste de pensar nisso, você possa ser uma vítima atraente para ele. Ele sabe que você tem fortes poderes. Você pode ser uma fonte potente de magia.”

Mas Akkarin não podia matá-la. Se ela desaparecesse, Rothen e Lorlen poderiam contar ao Clã sobre seu crime, e ele não poderia arriscar isso.

Ainda assim, enquanto atravessava os portões da cidade para o Bairro Norte, Sonea não deixou de se preocupar. Ele tinha feito da favela seu território de caça? Seus tios estavam em perigo?

“Ele não vai matá-los também”, ela disse para si mesma. “Porque então eu contaria ao Clã sobre a verdade.”

Mas de repente ela pensou que visitar seus tios tinha sido o pior tipo de burrice. Ela basicamente desaparecera; apenas Tania sabia para onde tinha ido. Se Lorlen ou Rothen ficassem sabendo que ela estava desaparecida, poderiam decidir que era culpa de Akkarin. Ou Akkarin poderia ter concluído que ela havia abandonado o Clã e estar se preparando para silenciar os outros agora.

Tremendo, ela percebeu que não se sentiria segura até estar de volta ao Clã, embora isso significasse viver sob o mesmo teto que o homem que poderia ser o assassino que os moradores da favela temiam.

Capítulo 33

A Advertência do Lorde Supremo

Ao despertar, Dannyl foi saudado pelo vento e pelo canto dos passarinhos. Abriu os olhos e pestanejou, percebendo o entorno, momentaneamente confuso. Havia paredes de pedra por todos os lados, mas nenhum teto por cima. Estava deitado sobre uma espessa camada de relva. O ar tinha um quê de manhã.

Armje. Ele estava nas ruínas de Armje. Lembrou-se da câmara e do teto abobado que o tinha atacado.

"Então, eu sobrevivi."

Dannyl examinou-se de cima a baixo. Sua túnica estava chamuscada em torno da bainha. A pele ao redor da panturrilha, acima de onde batia o cano das botas, mostrava-se vermelha e ardia. Erguendo o olhar, viu as botas bem juntas, poucos passos à frente. Estavam chamuscadas e empoladas.

Ele compreendeu que estivera muito próximo da morte.

Tayend devia tê-lo tirado da caverna e o levado para aquele local. Dannyl olhou em torno, mas não viu sinal do acadêmico. No chão, percebeu uma mancha colorida próximo a ele, e reconheceu o casaco azul de Tayend dobrado ao lado de outra camada de relva.

Pensou em se levantar e procurar pelo amigo, mas permaneceu sobre a camada de relva. Tayend não deveria estar longe, e ele sentiu uma enorme relutância em se mexer. Precisava descansar — não porque seu corpo necessitasse disso, mas devido a sua necessidade de recuperar a energia mágica.

Concentrou-se na fonte do seu poder e descobriu que quase não lhe restava

magia para utilizar. Normalmente, ele teria dormido até se recuperar, pelo menos em parte. Talvez a lembrança prolongada do perigo o tivesse acordado logo que novamente obteve força suficiente para sair daquele sono letárgico. Saber-se sem poderes mágicos deveria ter feito com que se sentisse vulnerável e desconfortável, mas em vez disso ele se sentia mais livre, como se liberado de algo.

Ao ouvir passos, apoiou-se em um dos cotovelos. Tayend entrou no espaço e sorriu quando o viu acordado. O cabelo do acadêmico estava meio despenteado, mas de qualquer forma ele ainda conseguia parecer bem apessoado apesar de ter dormido sobre uma camada de relva.

— Finalmente você acordou. Acabei de reabastecer nossos cantis. Com sede?

Percebendo que estava, Dannyl assentiu. Pegou o cantil e o esvaziou.

Tayend se agachou ao seu lado.

— Você está bem?

— Sim. Com os tornozelos queimando, nada de mais grave.

— O que aconteceu?

Dannyl balançou a cabeça.

— Eu ia perguntar a mesma coisa.

— Você primeiro.

— Muito bem.

Dannyl descreveu a câmara e como ela o atacara. Tayend arregalou os olhos enquanto ouvia.

— Depois que você saiu, continuei lendo os hieróglifos — disse o acadêmico. — A escrita dizia que a porta levava a um local chamado Caverna da Punição Final, e lendo um pouco mais entendi que se destinava a executar magos. Tentei chamá-lo... para avisar... então ouvi você me chamar e acionar as luzes. Antes que eu pudesse alcançar o final da passagem, elas se apagaram. — Tayend se arrepiou. — Eu prossegui. Quando cheguei à caverna, você estava comprimido

contra algo invisível. Em seguida, caiu para a frente e não se mexeu mais. Pude ver mais daquelas coisas lampejantes nas paredes. Corri, agarrei-o pelos braços e o arrastei para fora da plataforma. Um raio a atingiu e, aí, tudo ficou escuro. Eu não conseguia ver, mas continuei puxando-o pela passagem e para fora, novamente. Então, trouxe-o para cá.

Ele parou, esboçando um sorriso.

— A propósito, você é bem pesado.

— Sou mesmo?

— É a sua altura, tenho certeza.

Dannyl sorriu, e, de repente, se sentiu cheio de afeto e gratidão.

— Você salvou minha vida, Tayend. Obrigado.

O acadêmico piscou e sorriu convicto.

— Suponho que sim. É como se eu retribuísse o favor. Então, você acha que o Clã sabe sobre a Caverna da Punição Final?

— Sim. Não. Talvez. — Dannyl balançou a cabeça. Ele não queria falar sobre o Clã ou sobre a caverna. “Eu estou vivo”, pensou. Olhou ao redor, para as árvores, para o céu e, então, para Tayend. “Realmente é um homem bonito”, pensou de repente, lembrando como ficara encantado com a bela aparência do acadêmico naquele primeiro dia, nas docas de Capia. Sentiu algo acercar-se de seus pensamentos, como uma lembrança distante. A lembrança ficou mais forte à medida que se concentrava nela e sentiu um desconforto familiar se abater sobre ele. Tentou afastá-lo.

De repente, deu-se conta claramente da falta de sua força mágica. Franziu o cenho, imaginando por que havia procurado por seus poderes inconscientemente. Então, veio-lhe a compreensão. Ele estava usando seus poderes curativos para eliminar o desconforto ou pelo menos a reação física que o havia causado. “Como sempre faço sem me dar conta.”

— O que há de errado? — perguntou Tayend.

Dannyl balançou a cabeça.

— Nada.

Mas era mentira. Era o que vinha fazendo por todos aqueles anos: tirando da mente os pensamentos que lhe causavam tantos problemas e angústia, e usando o poder de Cura para impedir o corpo de reagir em primeiro lugar.

As lembranças acorreram velozmente. Lembranças de ter sido objeto de escândalos e rumores. Ele tinha decidido que, se seu modo de sentir era tão inaceitável, então seria melhor não sentir nada. E talvez, com o tempo, começaria a desejar o que era certo e adequado.

Mas nada havia mudado. No momento em que perdeu a habilidade de Cura, lá vinha aquilo novamente. Ele tinha falhado.

— Dannyl?

Olhando para Tayend, Dannyl sentiu o coração saltar. Como ele podia olhar para o amigo e considerar que ser como ele era um erro?

Ele não podia. Lembrou-se de algo que Tayend havia dito. “Tenho uma... uma convicção própria sobre o que é natural e certo para mim que é tão forte quanto a própria certeza dele sobre o que seja natural e certo.”

O que era natural e certo? Quem realmente sabia? O mundo nunca fora algo tão simples a ponto de uma única pessoa saber todas as respostas. Ele tinha lutado contra isso por muito tempo. Como seria parar de lutar? Aceitar o que ele era.

— Você está com o olhar mais estranho do mundo no rosto. O que está pensando?

Dannyl olhou para Tayend, inquisitivo. O acadêmico era seu amigo mais chegado. Mais próximo até mesmo do que Rothen... compreendeu de repente. Ele nunca fora capaz de contar a Rothen a verdade. Sabia que poderia confiar em Tayend. O acadêmico não o protegera dos boatos em Elyne?

“Seria um tremendo alívio apenas contar a alguém”, pensou Dannyl. Respirou fundo e expirou lentamente.

— Temo não ter sido inteiramente honesto com você, Tayend.

Os olhos do acadêmico se arregalaram de leve. Ele sentou-se de cócoras e sorriu.

— Inteiramente? Como assim?

— Aquele aprendiz que eu protegi há alguns anos. Ele era exatamente o que diziam que era.

Os lábios de Tayend se moveram num leve sorriso.

— Você nunca disse que não era.

Dannyl hesitou, então continuou.

— Eu também era.

Olhando o rosto de Tayend, Dannyl estava surpreso em ver o sorriso tímido mudar para um sorriso franco.

— Eu sei.

Dannyl franziu o cenho.

— Como você poderia saber? Eu nem mesmo... lembrava até agora.

— Lembrar? — Tayend ficou sério e pendeu a cabeça para um lado. — Como poderia esquecer algo assim?

— Eu... — Suspirou Dannyl, e aí explicou sobre a Cura. — Depois de alguns anos, tornou-se um hábito, eu acho. A mente pode ser uma coisa poderosa, particularmente para os magos. Somos treinados para dominar nossas mentes e alcançar altos níveis de concentração. Eu afastava cada pensamento perigoso. Isso não teria funcionado, se eu não tivesse sido capaz de encobrir meus sentimentos físicos com magia também. — Ele fez uma careta. — Mas isso não mudou nada. Fez, sim, com que me despojasse de quaisquer sentimentos de atração. Eu não desejava nem homem nem mulher.

— Deve ter sido terrível.

— Sim e não. Tenho poucos amigos. Suponho que era solitário. Mas era um

tipo de solidão entediante. A vida não é muito dolorosa quando você não se permite um envolvimento com os outros. — Ele parou. — Mas será isso realmente viver?

Tayend não respondeu. Olhando para o acadêmico, Dannyl sentiu cautela.

— Você sabia. Mas você não podia falar nada — Dannyl disse lentamente. E imediatamente pensou: “De outra forma eu teria reagido com medo e negação”.

Tayend encolheu os ombros.

— Era mais como uma intuição. Porém, se eu estivesse certo eu sabia que haveria uma chance de você nunca confrontar a questão. Agora que sei do esforço que fez, é espantoso que o tenha confrontado de algum modo. — Ele se calou por um instante. — Hábitos são difíceis de serem mudados.

— Mas eu o farei. — Dannyl acalmou-se ao se dar conta do que havia dito. “Será que posso realmente confiar nisso? Será que posso aceitar o que sou e encarar esse medo da descoberta e da rejeição?”

Olhando para Tayend, ele ouviu uma profunda voz interior responder: “Sim!”.

O caminho para a Residência do Lorde Supremo estava coberto de uma poeira de pequeninos fragmentos coloridos. Conforme o vento balançava as folhas das árvores, mais flores caíam rapidamente, juntando-se às outras. Sonea admirava as cores. Sentia o humor mais leve desde a visita aos tios no dia anterior. Nem mesmo as encaradas de Regin em sala de aula a haviam afetado.

No entanto, ao chegar à porta, um desalento já conhecido tomou conta dela. A porta se abriu ao seu toque. Ela fez a reverência ao mago, de pé na sala de visitas.

— Boa noite, Sonea — disse Akkarin. Era imaginação sua ou havia uma diferença no tom de voz dele?

— Boa noite, Lorde Supremo.

Os jantares de Primeiro Dia haviam se tornado uma rotina previsível. Ele sempre perguntava sobre suas aulas; ela respondia o mais sucintamente possível. Não tinham muito mais sobre o que conversar. Na noite depois que ele a

descobrira nas passagens, Sonea esperou que ele tocasse no assunto, mas, para alívio dela, Akkarin jamais mencionara o tema. Obviamente, ele sentira que ela não necessitava de mais repreensões.

Sonea arrastou-se lentamente pelas escadas. Takan, como sempre, esperava por eles na sala de jantar. Havia um delicioso aroma apimentado no ar e ela sentiu o estômago roncar com impaciência. Mas ao que Akkarin se sentou do lado oposto ao dela, recordou-se da história de Ranel sobre o assassino e seu apetite sumiu.

Sonea olhou para a mesa, então arriscou uma olhadela nele. Estaria ela sentada em frente a um assassino? Os olhos dele encontraram os dela, e ela rapidamente desviou o olhar.

Ranel havia dito que o assassino usava um anel com uma pedra vermelha. Olhando para as mãos de Akkarin, ficou desapontada ao ver que ele não usava nada. Nem mesmo uma marca indicativa de que um anel fosse usado habitualmente. Seus dedos eram compridos e elegantes, e, ainda assim, másculos...

Takan entrou com uma bandeja de comida, desviando-lhe a atenção. Conforme Sonea começou a comer, Akkarin se aprumou na cadeira e ela sabia que as perguntas usuais iriam começar.

— Então como vão os seus tios, e o filho deles? Você teve uma tarde agradável ontem com eles?

“Ele sabe!”

Ela engoliu em seco e sentiu algo preso na garganta. Pegou um guardanapo, cobriu o rosto e tossiu.

“Como ele sabe onde fui? Será que me seguiu? Ou ele estava nas favelas, à procura de vítimas, e aconteceu de me ver por lá?”

— Você não vai me decepcionar, vai? — ele perguntou secamente. — Isso seria inconveniente.

Sonea baixou o guardanapo e deu com Takan de pé ao seu lado, oferecendo-

lhe um copo d’água. Pegando o copo, ela tomou um gole grande.

“O que eu deveria dizer? Ele sabe onde Jonna e Ranel moram.” Sonea sentiu uma ponta de medo, mas afastou-a. Se quisesse, ele a teria encontrado facilmente sem ter de segui-la. Poderia até ter obtido a localização deles lendo sua mente... ou a de Rothen.

Ele não pareceu esperar uma resposta ou desistiu de esperar por uma.

— Eu não desaprovo que você os visite — disse ele. — O que espero, entretanto, é que me peça permissão sempre que pretender sair do Clã. Da próxima vez, Sonea — e a fitou diretamente, com o olhar grave —, estou certo de que se lembrará de perguntar primeiro.

Baixando os olhos, ela assentiu.

— Sim, Lorde Supremo.

A porta se abriu logo que Lorlen chegou à Residência do Lorde Supremo. Ele parou ao ver Sonea saindo com sua caixa na mão. Ela piscou, surpresa, ao vê-lo, e, em seguida, fez uma reverência.

— Administrador.

— Sonea — ele respondeu.

Ela olhou para suas mãos, e, então, arregalou os olhos. Pestanejou para ele, com uma expressão inquisitiva, em seguida, desviou o olhar rapidamente e, ligeira, se encaminhou para a Universidade.

Olhando para o anel na mão, Lorlen sentiu o estômago embrulhar. Estava claro que ela tinha ouvido sobre o assassino e seu anel vermelho. O que pensaria dele agora? Virando para observá-la, sentiu um aperto no peito. Cada dia ela passava de um inescapável pesadelo para outro. Das sombras de Akkarin para os tormentos impostos pelos outros aprendizes. Era uma situação cruel.

E desnecessária. Cerrando os punhos, ele avançou para a porta e entrou. Akkarin estava sentado em uma das suas luxuosas poltronas, já bebericando um

copo de vinho.

— Por que está deixando que os aprendizes a ataquem? — ele inquiriu antes que a raiva e a coragem acabassem.

As sobrancelhas de Akkarin se arquearam.

— Presumo que esteja falando de Sonea? É bom para ela.

— Bom? — Lorlen exclamou.

— Sim. Ela tem de aprender a se defender.

— Contra outros aprendizes?

— Ela deveria ser capaz de derrotá-los. Eles não estão bem articulados.

Lorlen balançou a cabeça e começou a andar pelo aposento.

— Mas ela não os está derrotando e alguns magos se perguntam por que você não interfere e coloca um ponto final nisso.

Akkarin encolheu os ombros.

— Sou eu que resolvo como minha aprendiz é treinada.

— Treinada! Isso não é treinamento!

— Você ouviu a análise de Lorde Yikmo. Ela é muito boa. O conflito de verdade a ensinará a revidar.

— Mas são quinze aprendizes contra um. Como pode esperar que ela aguente tantos?

— Quinze? — Akkarin sorriu. — O último que eu vi eram quase vinte.

Lorlen parou de andar e olhou para o Lorde Supremo.

— Você a tem observado?

— Sempre que posso. — Akkarin abriu o sorriso. — Apesar de que nem sempre é fácil acompanhá-los. Eu gostaria de saber como terminou o último. Dezoito, talvez dezenove e ela ainda conseguiu se livrar.

— Ela escapou? — Lorlen de repente se sentiu confuso. Dirigiu-se a uma

cadeira e afundou-se nela. — Mas isso significa...

Akkarin sorriu.

— Eu avisei você para pensar duas vezes caso estivesse planejando levá-la para a Arena, Lorlen, apesar de que a falta de habilidade e confiança dela poderiam assegurar a vitória a você.

Lorlen não respondeu, sua mente ainda lutava para aceitar que uma aprendiz tão jovem quanto Sonea já pudesse ser tão poderosa. Akkarin inclinou-se em direção a ele, os olhos negros brilhando.

— Toda vez que eles a atacam, ela se exercita — ele disse calmamente. — Ela está aprendendo a se defender de uma forma que nem Balkan nem Yikmo poderiam lhe ensinar. Não vou deter Regin e seus comparsas. Eles são os melhores professores que ela tem.

— Mas... por que você a quer mais forte? — Lorlen respirou. — Não teme que ela se vire contra você? O que fará quando ela se graduar?

Akkarin desfez o sorriso.

— Ela é a aprendiz escolhida pelo Lorde Supremo. O Clã espera que ela seja a melhor. No entanto, ela nunca será forte o suficiente para ser uma ameaça para mim. — Ele desviou o olhar e sua expressão endureceu. — Quanto à graduação, vou decidir como lidar com isso quando chegar a hora.

Vendo o olhar calculista nos olhos de Akkarin, Lorlen se arrepiou. Recordou-se de sua visita à Casa da Guarda. As imagens dos corpos do jovem assassinado e do pai eram fortes demais para serem esquecidas. Apesar de mais horripilante, a morte do jovem não impressionara Lorlen tanto quanto a do outro. Os pulsos do pai tinham cortes superficiais e ele perdera pouco sangue. Ainda assim, estava morto.

Seguindo instruções de Akkarin, Lorlen tinha explicado a Barran que ele não poderia mandar magos à caça de um marginal, como fizera com Sonea. A busca anterior levara Sonea a procurar a ajuda dos Ladrões e eles impediram o Clã de achá-la por meses. Apesar do rumor de que os Ladrões também estariam caçando o assassino, não era impossível que pudessem fazer um acordo se ele os

procurasse pedindo auxílio. Então, era melhor que o Clã não desse motivo ao assassino para se esconder tão bem. A Guarda deveria localizá-lo, aí então Lorlen poderia providenciar auxílio de magia para capturá-lo. Barran tinha concordado que esta seria a atitude mais sábia.

Entretanto, isso poderia nunca acontecer, caso o assassino fosse Akkarin. Lorlen observou o homem da túnica preta. Ele queria perguntar diretamente a Akkarin se ele tinha algo a ver com os assassinatos, mas temia a resposta. E mesmo se a resposta fosse não, ele acreditaria em tal negativa?

— Ah, Lorlen — Akkarin soou divertido. — Qualquer um pensaria que Sonea era sua aprendiz escolhida.

Lorlen forçou a mente a voltar ao assunto.

— Se um guardião negligenciar suas obrigações é meu dever corrigir a situação.

— E se eu lhe disser para deixar isso de lado, você o fará?

Lorlen franziu o cenho.

— Com certeza — disse ele, relutante.

— Posso confiar em você? — Akkarin deu um suspiro. — Mesmo você não tendo feito como eu havia lhe pedido em relação à Dannyl?

Surpreso, Lorlen franziu o cenho para Akkarin.

— Dannyl?

— Ele prosseguiu com suas investigações.

Lorlen não deixou de sentir um fio de esperança com essa notícia, mas ele rapidamente se evaporou. Se Akkarin sabia, qualquer bem que pudesse vir disso já estava perdido.

— Eu enviei uma ordem a ele para abandonar o trabalho.

— Então, ele não a seguiu.

Lorlen hesitou.

— O que você vai fazer?

Akkarin esvaziou o copo, em seguida, levantou-se e dirigiu-se à mesa das bebidas.

— Eu não decidi. Se ele for aonde temo que possa ir, vai morrer... e não será pela minha mão.

Lorlen sentiu o coração falhar.

— Você pode avisá-lo?

Colocando o copo na mesa, Akkarin suspirou.

— Talvez já seja tarde demais. Vou ter de avaliar os riscos.

— Riscos? — Lorlen franziu o cenho. — Que riscos?

Akkarin virou-se e sorriu.

— Você está cheio de perguntas esta noite. Fico imaginando se há algo na água da fonte ultimamente. Todos parecem ter se tornado muito audaciosos.

Ele se afastou e reabasteceu seu copo e mais um outro.

— Isso é tudo que posso lhe dizer, por agora. Se eu estivesse livre para lhe contar o que sei, contaria.

Ele atravessou a sala e estendeu um copo a Lorlen.

— Por ora, só lhe resta confiar em mim.

Capítulo 34

Se Fosse Assim Tão Simples

Quando chegaram na curva da estrada onde pela primeira vez haviam visto a casa do Dem Ladeiri, Dannyl e Tayend pararam suas montarias e se voltaram para encarar o edifício por uma última vez. Os servos continuaram à frente, os cavalos andando lentamente pela estrada tortuosa.

— Quem pensaria que iríamos encontrar as respostas para tantas perguntas naquele velho lugar? — Tayend disse, balançando a cabeça negativamente.

Dannyl concordou com a cabeça.

— Temos tido dias interessantes.

— Isso é que é dizer pouco. — Os lábios de Tayend se enrolaram num lado e ele olhou Dannyl de soslaio.

Sorrindo por causa da expressão do acadêmico, Dannyl examinou as montanhas acima da casa de Ladeiri. As ruínas de Armje se encontravam além de uma das cadeias montanhosas, escondidas da vista.

Tayend tremeu.

— Me deixa nervoso saber que a caverna está lá.

— Duvido que qualquer mago tenha visitado Armje desde Akkarin — Dannyl disse. — E que aquela porta possa ser aberta sem magia... ou sem quebrar toda a parede. Eu teria avisado o Dem, mas não quero que ele consulte o Clã.

Tayend concordou com a cabeça. Ele incitou o cavalo a seguir em frente e Dannyl o seguiu.

— De qualquer forma, temos mais algumas informações sobre esse Rei de Charkan. Se dispuséssemos de algumas semanas de sobra, poderíamos viajar para Sachaka.

— Ainda não tenho certeza de que isso é inteligente.

— Akkarin provavelmente esteve lá. Por que não deveríamos?

— Não sabemos com certeza se ele foi.

— Se formos lá podemos encontrar evidências de que ele fez isso. Os sachakanos com certeza vão se lembrar se um mago do Clã passou por ali. Algum outro mago visitou Sachaka nos últimos dez anos?

Dannyl deu de ombros.

— Não sei.

— Se algum tivesse feito isso, nós com certeza teríamos ficado sabendo.

— Talvez. — Dannyl sentiu uma preocupação insistente. A ideia de estar próximo de outros magos o lembrava que, um dia, ele teria de voltar para o Clã. Se seus colegas pudessem ver...

Mas, é claro, que eles não iriam... não poderiam... saber só de olhar para ele. Então, contanto que ele e Tayend tivessem cuidado ao discutir o assunto, e ele nunca deixasse alguém realizar uma leitura da verdade nele, e fosse cauteloso durante comunicações mentais, quem poderia provar algo?

Ele olhou para Tayend. “Rothen diria que sou esperto o suficiente para descobrir... ou esconder... qualquer segredo”, ele pensou.

— *Dannyl.*

Assustado, Dannyl sentou-se ereto na sela. Ele então reconheceu a personalidade por trás do chamado mental e ficou paralisado pela descrença.

— *Dannyl.*

Sentiu o pânico tomar conta dele. Por que Akkarin o estava chamando? O que o Lorde Supremo queria? Dannyl olhou para Tayend. Ou ele tinha ouvido que... mas não, com certeza isso não seria importante para...

— Dannyl.

Ele tinha que responder. Não podia ignorar um chamado do Lorde Supremo. Dannyl engoliu forte em seco, inspirou fundo e soltou o ar lentamente. Então fechou os olhos e enviou um nome.

— Akkarin?

— Onde você está?

— Nas montanhas de Elyne. — Ele enviou uma imagem da estrada. *— Eu me ofereci para realizar as visitas bianuais dos Dems no lugar do Embaixador Errend, para poder me familiarizar com o país.*

— E para poder continuar sua pesquisa apesar das ordens de Lorlen.

Isso não era uma pergunta. Dannyl ficou surpreso com o alívio que sentiu. Se Akkarin tivesse ouvido os rumores sobre Tayend e... mas ele rapidamente afastou seus pensamentos disso.

— Sim — ele confirmou, pensando deliberadamente nos Túmulos das Lágrimas Brancas e no mistério do Rei de Charkan. *— Eu continuei pelo meu próprio interesse. Lorlen não indicou que eu não deveria.*

— É óbvio que suas obrigações como Embaixador não consomem tempo demais.

Dannyl estremeceu. Havia um claro sentimento de desaprovação por trás da comunicação de Akkarin. Ele simplesmente se mostrava preocupado que Dannyl estivesse passando tempo em demasia na pesquisa ou se ressentia por outro mago estar continuando o trabalho que havia abandonado? Ou ele estava irritado por alguém estar rastreando uma parte de seu passado? “Ele tem algo para esconder?”

— Quero discutir pessoalmente o que você descobriu. Retorne para o Clã de imediato, e traga suas anotações com você.

Surpreso, Dannyl hesitou antes de perguntar:

— E quanto ao resto da minha viagem para visitar os Dems?

— *Você vai voltar para completar suas obrigações depois.*

— *Muito bem... Eu terei que...*

— *Apresente-se a mim quando chegar.*

O tom de dispensa mostrou a Dannyl que a conversa estava encerrada. Ele abriu os olhos e xingou.

— O que aconteceu? — Tayend perguntou.

— Esse era Ak... o Lorde Supremo.

Os olhos de Tayend se arregalaram.

— O que ele disse?

— Ele descobriu sobre nossa pesquisa. — Dannyl suspirou. — E acho que não está feliz com ela. Ele me mandou voltar.

— Voltar... para o Clã?

— Sim. Com nossas anotações.

Tayend o encarou com desalento e então sua expressão se endureceu.

— Como ele descobriu?

— Não sei. — "Como ele poderia ter descoberto?" Lembrando a história sobre a capacidade de Akkarin de ler mentes sem autorização, Dannyl tremeu de novo. "Houve um momento ali, quando pensei em Tayend... ele detectou algo?"

— Eu vou com você — disse Tayend.

— Não — Dannyl disse rápido, alarmado. — Acredite, você não quer se meter nisso.

— Mas...

— Não, Tayend. Melhor que ele não descubra o quanto você sabe. — Dannyl bateu nos flancos do cavalo com o calcanhar, incitando-o a trotar. Ele pensou nas longas semanas a cavalo e de navio que se encontravam entre esse dia e o dia de encarar Akkarin. Ele deveria querer atrasar esse momento, mas em vez disso tinha pressa em encontrá-lo porque um pensamento o incomodava mais do que

qualquer outro.

O que aconteceria com Tayend se Akkarin visse problemas em Dannyl continuar a pesquisa? A desaprovação do Lorde Supremo se estenderia ao acadêmico? Poderia Tayend perder o acesso à Grande Biblioteca.

Dannyl não se preocupava com que consequências ele poderia sofrer, contanto que Tayend não fosse afetado. O que quer que acontecesse, Dannyl se asseguraria de que a culpa ficasse só com ele.

O banco do jardim estava quente. Abaixando sua caixa, Sonea fechou os olhos e desfrutou do calor do sol em seu rosto. Ela podia ouvir as conversas de outros aprendizes e as vozes mais graves de magos mais velhos se aproximando.

Abrindo os olhos, observou enquanto vários Curadores andavam pelo caminho em direção a ela. Reconheceu alguns como formandos mais novos. Eles caíram na risada, e então quando dois dos que estavam na frente se afastaram, Sonea vislumbrou um rosto familiar.

“Dorrien!”

Seu coração parou. Ficando de pé, ela se apressou por um dos caminhos laterais, torcendo para que ele não a tivesse visto. Ele foi para uma pequena área rodeada de cercas vivas, e sentou-se em outro banco de jardim.

Ela tinha afastado Dorrien de seus pensamentos, sabendo que se passariam meses, talvez mais de um ano, antes de ele visitar o Clã de novo. Mas ali estava ele, apenas alguns meses depois de ter partido. Por que voltara tão cedo? Rothen havia lhe contado sobre Akkarin? Com certeza não. Mas talvez ele sem querer tivesse passado a Dorrien a sensação de que algo não estava certo durante suas conversas mentais.

Ela franziu a testa. Qualquer que fosse a razão, Dorrien provavelmente iria procurá-la. Ela ia ter que dizer que não nutria nenhum outro interesse por ele além de tê-lo como amigo. Agora, essa ia ser uma conversa para a qual ela ia ter que se preparar.

— Sonea.

Ela tomou um susto e levantou o olhar, encontrando Dorrien parado na entrada do pequeno jardim.

— Dorrien! — Ela se esforçou para conter o pânico. Ele devia tê-la visto e a seguira. Ao menos, ela não tinha que fingir surpresa. — Você já voltou!

Ele sorriu e entrou no jardim.

— Só por uma semana. Meu pai não lhe contou?

— Não... mas nós não nos vemos muito atualmente.

— Foi o que ele disse. — Seu sorriso desapareceu. Sentando-se, ele a encarou de maneira questionadora. — Ele me disse que você está tendo aulas à noite e passa a maior parte do tempo estudando.

— Só porque eu sou terrível como Guerreira.

— Não foi o que eu ouvi falar.

Ela franziu a testa.

— O que você ouviu?

— Que você vem lutando com vários aprendizes de uma vez e ganhando.

Sonea estremeceu.

— Ou eu entendi errado a parte de você estar ganhando?

— Quantas pessoas sabem disso?

— A maioria.

Sonea colocou a cabeça entre as mãos e grunhiu. Dorrien riu e lhe deu um tapinha leve no ombro.

— Regin está no comando disso, não é?

— É claro.

— Por que seu novo guardião não fez nada a respeito?

Sonea deu de ombros.

— Eu não acho que ele saiba. Não quero que ele saiba.

— Entendo. — Dorrien concordou com a cabeça. — Imagino que se Akkarin viesse lhe salvar o tempo todo, as pessoas diriam que você não foi uma boa escolha. Os aprendizes todos têm inveja de você, não percebendo que eles estariam na mesma situação se eles fossem os favoritos do Lorde Supremo, mesmo pertencendo às Casas. Qualquer aprendiz que ele escolhesse seria um alvo. Sempre iriam esperar que eles provassem seu talento.

Ele ficou em silêncio, e ela viu por sua expressão que ele estava pensando bastante.

— Então, você que vai ter que deter esses aprendizes.

Ela deu uma risada amarga.

— Não acho que preparar uma armadilha para Regin vá fazer diferença dessa vez.

— Ah, eu não estava pensando nisso.

— Então, no que você estava pensando?

Dorrien sorriu.

— Você tem que provar que é a melhor. Que pode derrotá-lo no jogo dele. O que você fez para se vingar dele até agora?

— Nada. Não posso fazer nada. São aprendizes demais.

— Deve ter aprendizes que não gostam dele — ele destacou. — Você pode persuadi-los a ajudá-la.

— Ninguém fala comigo de jeito nenhum agora.

— Mesmo agora? Estou surpreso. Com certeza, alguns viram vantagem em ser amigos da favorita do Lorde Supremo.

— Eu não ia desejar a companhia deles se isso fosse tudo que queriam de mim.

— Mas contanto que você saiba que esse é o motivo pelo qual estão por perto, por que não tirar vantagem da situação?

— Talvez porque Regin providenciou um acidente para o último aprendiz que fez isso.

Dorrien franziu a testa.

— Hummm, eu estou me lembrando disso. Outra coisa então. — Ele ficou em silêncio de novo. Sonea se debateu com um vago sentimento de desapontamento. Ela tinha esperado que Dorrien fosse encontrar alguma forma criativa de acabar com as emboscadas de Regin, mas talvez o problema estivesse além dele dessa vez.

— Eu acho que o que Regin precisa — ele disse de repente — é tomar uma bela de uma surra em público.

O coração de Sonea parou.

— Você não vai...

— Não de mim. De você.

— Eu?

— Você é mais forte que ele, não é? Bem mais forte, se os rumores são verdade.

— Bem, sim — Sonea admitiu. — É por isso que ele junta tantos outros para ajudá-lo.

— Então o desafie. Um desafio formal. Na Arena.

— Um desafio formal? — Ela o encarou. — Você quer dizer... lutar contra ele na frente de todo mundo?

— Sim.

— Mas... — Ela se lembrou de algo que Lorde Skoran havia dito. — Não ocorre um desafio há mais de cinquenta anos... e foi entre dois magos adultos, não aprendizes.

— Não há nenhuma regra contra aprendizes proclamarem desafios formais. — Dorrien deu de ombros. — É claro, é um risco. Se você perder, as agressões vão piorar. Mas se você é tão mais forte do que ele, como pode perder?

— “Habilidade pode superar força” — Sonea citou.

— Verdade, mas você não é alguém sem habilidades.

— Eu nunca o derrotei antes.

As sobrancelhas de Dorrien se levantaram.

— Mas se você é tão forte quanto eles dizem, seus poderes foram limitados na aula, estou certo?

Ela concordou com a cabeça.

— Eles não serão numa batalha formal.

Sonea sentiu uma minúscula centelha de esperança e excitação.

— Verdade?

— Sim. A ideia é os combatentes encararem uns aos outros como eles são, sem restrições nem aprimoramentos. É uma maneira ridícula de se resolver uma disputa, na verdade. Nenhuma batalha provou que um homem... ou uma mulher... estava certo ou errado.

— Mas não é disso que se trata — Sonea disse lentamente. — Trata-se de persuadir Regin de que não vale a pena me incomodar. Se sofrer uma derrota humilhante, ele não vai arriscar outra.

— Você captou a ideia. — Dorrien sorriu. — Lance o desafio da forma mais pública possível. Ele vai ser forçado a aceitar ou desonrar o nome da família. Imponha a ele a derrota pública mais acachapante que você conseguir para acabar com o imbecil. Se ele a assediar depois, desafie-o novamente. Ele não lhe dará motivo para continuar deixando-o em tal posição

— Ninguém mais é arrastado a isso. — Sonea respirou. — Ninguém mais se machuca e eu não tenho que lidar com nenhuma amizade falsa.

— Ah, sim, você vai ter — ele disse sério. — Você ainda precisa desses

partidários. Ele pode decidir que as pessoas vão admirar sua determinação se ele lutar com você repetidamente, na busca de uma maneira de derrotá-la. Junte esses aprendizes ao seu redor, Sonea.

— Mas...

— Mas?

Ela suspirou.

— Eu não sou assim, Dorrien. Eu não quero ser líder de uma gangue mesquinha.

— Tudo bem. — Ele sorriu. — Você não precisa ser como Regin. Só seja uma companhia agradável, algo que você não vai ter dificuldade em ser. Eu acho a sua companhia muito agradável.

Ela desviou o olhar. “Eu deveria dizer algo para fazê-lo se desinteressar por mim”, ela refletiu. Mas não conseguia pensar em nada. Olhando para ele de novo, viu uma expressão desconfiada e desapontada no rosto e percebeu que lhe havia dito o suficiente ao não dizer nada.

Ele sorriu, mas dessa vez não havia brilho nos olhos.

— O que mais você tem feito?

— Não muito. Como está Rothen?

— Ele sente sua falta de maneira terrível. Você sabe que a considera como uma filha, não sabe? Foi duro o bastante quando parti, mas ele sabia que eu ia embora e já havia se acostumado com a ideia quando aconteceu. Com você, o choque foi maior.

Sonea concordou com a cabeça.

— Para nós dois.

Entrando na sala de aula, Rothen guiou os dois voluntários para a mesa de demonstração. Enquanto os aprendizes colocavam o que estavam carregando em cima dela, ele destravou o armário de suprimentos e confirmou que havia

utensílios suficientes para a próxima aula.

— Lorde Rothen — um dos garotos disse.

Voltando-se, Rothen seguiu o olhar do garoto até a porta. Seu coração se deteve por um instante quando ele viu quem estava parado lá.

— Lorde Rothen — Lorlen disse. — Queria lhe falar em particular.

Rothen concordou com a cabeça.

— É claro, Administrador. — Olhou para os dois aprendizes e acenou em direção à porta. Eles saíram apressados da sala, parando para fazer uma reverência para Lorlen.

Quando a porta se fechou atrás deles, Lorlen andou até a janela, a expressão tensa e preocupada. Rothen o observou, sabendo que apenas algo muito importante traria o Administrador até ele, desrespeitando a ordem de Akkarin de que não falassem um com o outro.

Ou teria acontecido algo com Sonea? Rothen sentiu seu temor crescer. Teria Lorlen trazido a terrível notícia, sabendo que isso o libertaria para confrontar Akkarin?

— Agora há pouco vi seu filho no jardim — Lorlen começou. — Ele vem para ficar por muito tempo?

Rothen fechou os olhos, aliviado. Era sobre Dorrien, não sobre Sonea.

— Uma semana — ele respondeu.

— Ele estava com Sonea. — Lorlen franziu a testa. — Eles se tornaram... familiares quando Dorrien visitou a última vez?

Rothen respirou fundo. Ele havia imaginado... e torcido... que o interesse de Dorrien por Sonea tivesse sido mais do que uma curiosidade. Pela pergunta de Lorlen, seus sentimentos deixavam transparecer o suficiente para o Administrador suspeitar de algo a mais. Rothen deveria ficar feliz, mas em vez disso só sentiu preocupação. O que Akkarin faria se descobrisse?

Rothen escolheu as palavras com cuidado.

— Dorrien sabe que ainda vai levar muitos anos até Sonea ser livre para deixar o Clã... e que ela pode não querer se juntar a ele quando a hora chegar.

Lorlen concordou com a cabeça.

— Ele pode precisar de um pouco mais de desencorajamento do que isso.

— Com Dorrien, desencorajamento muitas vezes significa encorajamento — Rothen disse num tom irônico.

O olhar que Lorlen lhe deu não tinha o menor humor.

— Você é o pai dele — ele disse de maneira agressiva. — De todas as pessoas, é quem mais deve saber como convencê-lo.

Rothen desviou o olhar.

— Não quero envolvê-lo nisso mais do que você quer.

Lorlen suspirou e olhou para suas mãos. Ele usava um anel e o rubi encravado nele brilhava na luz.

— Desculpe, Rothen. Temos o bastante para nos preocuparmos. Confio que você vá fazer tudo que puder. Acha que Sonea vai enxergar o perigo e rejeitá-lo?

— Sim. — Estava claro que ela iria. Rothen sentiu uma pontada de pena do filho. Pobre Dorrien! Ele certamente esperava que Sonea fosse perder o interesse de qualquer forma, considerando os anos de estudo que tinha pela frente e as longas ausências do filho. Mas se Dorrien soubesse o motivo real, provavelmente isso o levaria a fazer algo estúpido. Melhor que não soubesse.

Como Sonea se sentia quanto a isso? Era difícil para ela rejeitá-lo? Rothen suspirou. Como queria poder perguntar a ela.

Lorlen se dirigiu para a porta.

— Obrigado, Rothen. Vou deixá-lo com suas preparações.

Rothen concordou e observou o Administrador partir. Embora entendesse a resignação de Lorlen, ele se ressentia dela. “Você deveria encontrar uma maneira de resolvermos isso”, ele pensou, olhando para as costas do homem. E então o ressentimento se transformou num sentimento de desesperança.

Se Lorlen não podia encontrar uma maneira, então quem poderia?

“Ainda é noite”, Sonea pensou de maneira indistinta. “Não muito depois da meia-noite. Por que estou acordada? Algo me acordou...?”

Um frio leve tocou sua bochecha. Uma brisa. Abrindo os olhos, ela levou um momento para registrar o quadrado de escuridão onde deveria estar uma porta. Algo pálido se moveu nessa escuridão. Uma mão.

Quando seu coração bateu de novo ela estava completamente acordada. Uma oval pálida flutuava acima da mão. Tirando isso, ele era invisível em sua túnica negra.

“O que ele está fazendo? Por que está aqui?”

Seu coração batia tão depressa que ela tinha certeza que ele podia ouvir. Ela forçou a respiração a ficar mais lenta e uniforme, temendo que ele percebesse que estava acordada e ciente de sua presença. Por um tempo dolorosamente longo, ele ficou parado ali. Então, entre uma piscada e outra, ele havia partido e a porta se fechado.

Ela encarou a porta. Tinha sido um sonho?

Melhor acreditar que fora. A alternativa era assustadora demais. Sim, devia ter sido um pesadelo...

Quando ela acordou de novo era de manhã. A lembrança de sonhos cheios de figuras sombrias e maus presságios havia se juntado à do observador noturno e ela havia descartado todas quando levantou e vestiu a túnica.

Capítulo 35

O Desafio

À primeira vista, nada havia de errado, mas, quando olhou mais de perto, Sonea reparou que a mistura química de um frasco era turva e a do outro havia secado até virar um torrão marrom. A complicada disposição de varetas e pesos do medidor de tempo estava revirada.

Sonea escutou uma risada baixa e familiar, seguida de risinhos meio abafados, vinda da soleira da porta por detrás dela. Ela se aprumou sem se virar.

Depois da conversa com Dorrien, ela se enchera de confiança e sentia-se pronta para desafiar Regin na primeira oportunidade, mas, com o correr do dia, dúvidas tinham começado a surgir. Sempre que ela pensava em lutar contra Regin para valer, a ideia lhe parecia menos brilhante e mais tola. Artes Guerreiras era a melhor matéria para Regin e a pior para ela. Ela jamais veria o fim do assédio dele caso perdesse. O risco não valia a pena.

Ao final da semana, ela já concluíra que seria a pior jogada que poderia fazer. Se conseguisse aguentá-lo por bastante tempo, talvez ele se entediasse. Ela poderia suportar ser xingada ou provocada e molestada fora das horas de aula.

Mas aquilo não. Ao levar em conta o estrago causado ao seu trabalho, Sonea sentiu uma fúria violenta fervilhando. Quando Regin fazia algo assim, mesmo que os mestres não a penalizassem por errar o exercício, ele a impedia de aprender. E, quando ele a impedia de aprender, diminuía as chances de que ela, um dia, fosse suficientemente qualificada para ajudar o Clã a derrotar Akkarin.

Ela sentiu algo mudar dentro dela à medida que a fúria se intensificou.

De repente, não queria nada além de reduzir Regin a cinzas.

“Imponha a ele a derrota pública mais acachapante que você conseguir para acabar com o imbecil. Se ele a assediar depois, desafie-o novamente. Ele não lhe dará motivo para continuar deixando-o em tal posição.”

Uma luta formal. Era um risco. Mas esperar também era um jogo. Ele poderia jamais se cansar dela e não deixá-la em paz. E ela não gostava de esperar.

“Lance o desafio da forma mais pública possível.”

Lentamente, Sonea se virou e viu que Regin e os aprendizes da turma anterior estavam na soleira da porta, olhando-a. Ela rumou na direção deles e abriu seu caminho pela sala até à saída. Do lado de fora, aprendizes e mestres lotavam o corredor. O burburinho era alto, mas não tão alto que uma única voz não fosse ouvida apesar dele. Um mago trajando uma túnica roxa apareceu, indo em direção à sala de aula. Lorde Sarrin, Mestre de Alquimia. Perfeito.

— O que há de errado, Sonea? — zombou Regin. — Seu experimento não deu certo?

Sonea girou nos calcanhares para encarar Regin.

— Regin, da família Winar, Casa Paren, eu o desafio para uma luta oficial na Arena.

Regin sentiu o rosto congelar e ficou boquiaberto com surpresa.

O silêncio pareceu se espalhar como fumaça. Pelo canto do olho, Sonea viu que os rostos se voltavam para ela. Até mesmo Lorde Sarrin tinha parado. Ela botou de lado um sentimento irritante de que tinha acabado de fazer algo de que se arrependeria para sempre.

“Tarde demais, agora.”

Regin cuidou de fechar a boca e ficou pensativo. Ela ficou imaginando se ele iria recusar, dizendo que não valia a pena lutar contra ela.

“Não lhe dê tempo para pensar sobre a luta.”

— Você aceita? — ela inquiriu.

Ele hesitou, e em seguida deu um sorriso largo.

— Eu aceito, Sonea de nenhuma família importante.

Imediatamente, começaram murmúrios e cochichos no corredor. Temerosa de que a coragem lhe falhasse se olhasse em volta, Sonea fixou os olhos em Regin. Este olhou atrás, para seus companheiros e riu.

— Ah, isto vai ser...

— Você escolhe a hora — disse ela, de estalo.

O sorriso dele desapareceu por um segundo e depois voltou.

— Acho que seria melhor se eu lhe concedesse algum tempo para se preparar — disse, tranquilo. — Dia Livre, uma semana a partir de amanhã, uma hora antes do pôr do sol. Parece-me bastante generoso.

— Sonea — falou uma voz mais velha.

Ela se virou e viu Lorde Elben se dirigindo a ela. Ele olhou para o conjunto de espectadores ali reunido e franziu as sobrancelhas.

— Seu experimento falhou. Eu verifiquei ontem à noite e esta manhã e não consigo ver a causa. Vou lhe conceder mais um dia para tentar novamente.

Ela se curvou.

— Obrigada, Lorde Elben.

Ele notou os aprendizes se demorando na soleira da porta.

— Chega de falatório, então. Que eu saiba, as aulas são dadas dentro das salas.

— Você beber mais syio que última vez, hein?

Dannyl estendeu o cantil para Jano, assentindo.

— Acho que estou gostando disso.

O marujo parecia meio preocupado.

— Você não fazer magia errada por causa de bebida, vai?

Dannyl fez um sinal e balançou a cabeça.

— Ainda não estou tão bêbado assim, mas não gostaria de encontrar nenhuma sanguessuga-do-mar.

Jano bateu no ombro dele.

— Sem eyoma aqui longe no sul, lembra?

— Não vou esquecer — resmungou Dannyl.

O comentário dele foi abafado pela saudação dos marujos. Um dos membros da tripulação acabara de entrar na sala. O homem riu e dirigiu-se para sua cama suspensa. Tirou um pequeno instrumento de sopro de cerâmica de dentro de uma bolsa e encaminhou-se a passos largos para tomar seu lugar à cabeceira da mesa.

No que o homem começou a tocar, Dannyl pensou na semana anterior. Ele e Tayend tinham voltado para Capia em três dias, viajando direto e trocando de cavalos várias vezes. Tayend ficara na casa da irmã, enquanto Dannyl prosseguira até a cidade. Ele parou na Casa do Clã apenas o suficiente para arrumar uma muda de roupa. Encontrara um navio de partida para Imardin naquela noite e embarcara nele.

Sentiu-se satisfeito por estar de volta ao *Fin-da*. Jano cumprimentara-o como um velho amigo e lhe assegurara que a viagem para casa seria mais rápida, pois estariam ao sabor dos ventos primaveris.

Jano não mencionara que os ventos da primavera tornavam a viagem mais difícil. Dannyl não teria se importado, salvo pelas condições desagradáveis que o mantiveram dentro do navio a maior parte do dia, onde passou horas preocupado com a recepção que o aguardava no Clã.

O medo de que Akkarin tivesse suspeitado de algo quanto aos seus sentimentos em relação a Tayend crescera desde que ele embarcara. Durante a parada na Casa do Clã, Errend entregara a Dannyl algumas cartas para ele ler. Ao encontrar uma carta de Rothen, ele se apressou em abrir só para constatar que continha um alerta.

... “Eu não ficaria excessivamente preocupado com esses rumores. De qualquer forma, eles dizem respeito ao seu assistente, não a você. Mas pensei que deveria ficar sabendo para julgar por si mesmo se isso pode significar problemas para você no futuro...”

Estava claro que Rothen pensava que Dannyl não sabia sobre Tayend. Era exatamente o que desejavam que a corte de Elyne acreditasse, mas, agora que ele havia sido “informado”, os elynes — e os kyralianos — esperariam que ele evitasse a companhia de Tayend.

A não ser que ninguém soubesse que Rothen lhe havia contado, Dannyl poderia fingir não ter recebido a carta... mas não, tão logo chegasse ao Clã, Rothen ia querer saber se ele a havia recebido e repetiria a advertência caso isso não houvesse acontecido.

“Mas e quanto a Akkarin?” Dannyl não tinha certeza sobre como o Lorde Supremo tinha sabido de sua pesquisa. E se tais fontes tivessem falado também sobre sua “amizade” com Tayend? E se as suspeitas de Akkarin tivessem sido confirmadas durante a breve comunicação mental que tinham tido?

Dannyl suspirou. Por alguns dias, tudo fora maravilhoso. Tinha sido mais feliz do que nunca em sua vida. E então... isso.

O cantil foi-lhe repassado e ele sorveu outro gole da poderosa bebida. “Contanto que Tayend não sofra por me conhecer”, ele pensou, “ficarei satisfeito.”

O Salão da Noite estava lotado. Lorlen nunca o vira tão cheio desde a caçada à Sonea. Magos que raramente compareciam à reunião social semanal estavam presentes ali.

O mais destacado dentre esses era o homem ao seu lado. O mar de túnicas vermelhas, verdes e roxas se apartou ante a passagem de Akkarin em direção à cadeira que, extraoficialmente, era sua.

Akkarin estava se divertindo. Para os outros, sua expressão neutra sugeria indiferença, mas Lorlen não caía nessa. Se Akkarin não quisesse participar de uma discussão sobre o desafio lançado por sua aprendiz favorita contra outro aprendiz, ele não estaria ali. Os três Chefes das Disciplinas já ocupavam os lugares em torno da cadeira de Akkarin e uma pequena aglomeração começou a se formar quando o Lorde Supremo acomodou-se em seu lugar. Dentre eles, Lorlen percebeu, estava o filho de Rothen, Dorrien.

— Parece que sua aprendiz favorita encontrou um jeito de nos entreter mais uma vez, Akkarin — disse Lady Vinara. — Estou começando a imaginar o que podemos esperar dela depois que se formar.

Akkarin retorceu o canto da boca para cima.

— Eu também.

— Esse desafio foi ideia sua ou dela? — esbravejou Balkan.

— Minha não foi.

Balkan ergueu as sobrancelhas.

— E ela pediu sua aprovação?

— Não, não creio haver regra que o exija, embora talvez devesse existir.

— Nesse caso, você teria recusado, se ela tivesse pedido?

Os olhos de Akkarin se estreitaram.

— Não necessariamente. Se ela tivesse indagado minha opinião sobre o assunto, quem sabe eu a tivesse aconselhado a esperar.

— Talvez esta tenha sido uma decisão espontânea — sugeriu Lorde Peakin, que estava por trás da cadeira de Vinara.

— Não — respondeu Lorde Sarrin. — Ela escolheu um momento em que se sentiu segura, cercada de testemunhas. Regin não teve alternativa a não ser aceitar.

Ao perceber o Chefe dos Alquimistas olhando insistentemente para um lado, Lorlen seguiu seu olhar. Lorde Garrel estava de pé entre os magos reunidos, com

o cenho meio franzido.

— Então, se ela planejou isto, deve estar confiante na vitória — concluiu Peakin. — Você concorda com ela, Lorde Balkan?

O Guerreiro encolheu os ombros.

— Ela é forte, mas um oponente experiente poderá derrotá-la.

— E Regin?

— Ele é mais experiente do que a média do Segundo Ano.

— Experiente o suficiente para vencer?

Balkan deu uma olhada para Akkarin.

— Experiente o suficiente para dizer que o resultado não é facilmente previsível.

— Acredita que ela vencerá? — Vinara indagou a Akkarin.

O Lorde Supremo fez uma pausa antes de responder.

— Sim.

Ela sorriu.

— Mas é claro que acredita. Ela é sua aprendiz e é de se esperar que esteja a seu favor.

Akkarin assentiu.

— Isso também é verdade.

— Sem dúvida, ela está fazendo isso para agradá-lo.

Ao ouvir a voz de Garrel, Lorlen ergueu o olhar surpreso.

— Duvido — respondeu Akkarin.

Surpreso com o comentário, Lorlen olhou para Akkarin, e, em seguida, observou cuidadosamente as expressões dos outros magos. Nenhum deles parecia surpreso. Apenas o filho de Rothen, Dorrien, tinha um ar pensativo. Talvez já tivesse sido notado que Sonea não tinha nenhuma predileção pelo seu

guardião.

— Então, qual é a motivação dela? — perguntou Peakin.

— Se ela vencer, Regin não vai molestá-la novamente por temer outro desafio e outra derrota — respondeu Vinara.

Houve uma pausa durante a qual olhares se cruzaram. Ao se referir ao bullying abertamente na frente de Akkarin e Garrel, Vinara chamara a atenção para o potencial de conflito entre os dois guardiões. Embora em geral nenhum deles hesitasse em levantar o assunto da hostilização de aprendizes na presença de seus guardiões, poucos ousariam fazê-lo quando um dos guardiões era o Lorde Supremo. Isso colocava Garrel numa situação interessante.

Nenhum dos dois falou.

— Vai depender do andamento da luta — disse Balkan, quebrando o silêncio. — Se ela vencer meramente pela força bruta, nenhum deles vai respeitá-la.

— Isso não faz diferença — argumentou Sarrin. — Não importa como ela vença, Regin não a importunará de novo. Duvido que ela se importe se alguém mais respeita suas habilidades de luta.

— Há métodos para derrotar magos mais fortes — Balkan o relembrou. — Regin sabe disso. Ele já procurou por instrução minha nesse tipo de tática.

— E Sonea? Ela também vai receber instrução extra sua? — perguntou Vinara a Balkan.

— Lorde Yikmo é o mestre dela.

Balkan assentiu.

— O estilo de ensino de Yikmo é mais adequado ao temperamento dela.

— Quem supervisionará a luta? — outro mago perguntou.

— Eu o farei — disse Balkan. — A não ser que alguém seja contra. Lorde Garrel protegerá Regin. Você estará protegendo Sonea? — perguntou a Akkarin.

— Sim.

— Eis o tutor de Sonea — Lorde Sarrin observou, indicando-o.

Lorlen virou-se para registrar a entrada de Lorde Yikmo no salão, a passos largos. O Guerreiro parou e olhou em volta, claramente surpreso com a multidão. Ergueu as sobrancelhas ao se deparar com os magos reunidos em torno de Akkarin. Sarrin acenou para ele.

— Boa noite, Lorde Supremo, Administrador — disse Yikmo ao se aproximar das cadeiras.

— Lorde Yikmo — disse Peakin. — Você deve estar se programando para alguns plantões?

Yikmo franziu o cenho.

— Plantões?

Peakin deu uma risada.

— Então, ela é assim tão boa, é? Não precisa de treinamento extra?

O jovem mago franziu o cenho ainda mais.

— Treinamento?

Vinara ficou com pena do homem.

— Sonea desafiou Regin para uma luta formal.

Yikmo fitou-a, em seguida os rostos que o observavam, e o seu próprio empalidecendo.

— Ela fez o quê?

Sonea adentrou seu aposento, apertando as mãos. “O que é que eu fiz? Permiti que minha raiva se aproveitasse de mim, é isso. Não sei nada sobre luta. Só o que vou fazer é bancar a idiota na frente de...”

— Sonea.

Virando-se, Sonea piscou surpresa ao ver o homem de pé na soleira da porta de seu aposento. Ninguém a visitara antes na Residência do Lorde Supremo.

— Lorde Yikmo — disse ela, curvando-se.

— Você ainda não está pronta, Sonea.

Ela se acovardou, com um medo repentino. Se Yikmo não pensava que ela poderia vencer...

— Eu estava esperando que pudesse me ajudar nisso, meu lorde.

Diversas expressões passaram pelo rosto de Yikmo. Consternação. Perplexidade. Interesse. Ele franziu o cenho e passou a mão pelos cabelos.

— Entendo por que está fazendo isso, Sonea. Entretanto, nem preciso lembrá-la que Garrel é um Guerreiro tarimbado e que as habilidades de Regin são superiores às suas... a despeito de tudo que lhe ensinei. Ele tem uma semana para se preparar e Balkan concordou em tutorá-lo.

“Balkan! Isso está piorando!” Sonea baixou a vista olhando as mãos. Não estavam trêmulas, o que a aliviava, mas o estômago revirava tanto que ela se sentiu mal.

— Mas eu sou mais forte, e as regras de um desafio não estabelecem limites quanto à força — ela observou.

— Não pode confiar que sua força vença a luta para você, Sonea — alertou Yikmo. — Há formas de contornar isso. Estou certo de que Balkan se certificará de que Regin saiba todas elas.

— Então, é melhor que garanta que eu também saiba — retorquiu ela.

Surpresa ante a determinação da própria voz, ela fez uma careta, se desculpando.

— Vai me ajudar?

Ele sorriu.

— Claro. Dificilmente eu abandonaria a favorita do Lorde Supremo agora.

— Obrigada, meu lorde.

— Mas não pense que estou fazendo isso apenas em respeito ao seu guardião.

Surpresa, ela o olhou bem de perto e ficou impressionada em ver aprovação em seu olhar. De todos os mestres, ela jamais esperaria ganhar o respeito de um Guerreiro.

— Você tem consciência de que vão me observar ensinando você — disse ele. — Eles vão contar tudo para Regin e para Lorde Garrel.

— Eu pensei nisso.

— E?

— E quanto... quanto ao Domo?

Yikmo ergueu as sobrancelhas, e deu uma risada em seguida.

— Tenho certeza de que isso pode ser providenciado.

Capítulo 36

A Batalha Começa

Quando a carruagem passou pelos Portões do Clã, Dannyl olhou para a Universidade. Os prédios do Clã, tão familiares, agora pareciam estranhos e não convidativos. Ele mirou a Residência do Lorde Supremo.

“Especialmente aquele.”

Olhou a mochila repousando no assento a seu lado, e a pegou. Nela, estava uma cópia das anotações que ele e Tayend haviam juntado, reescrito para que nada nelas parecesse uma tentativa de retraçar a jornada de Akkarin. Ele mordeu o lábio. “Se Akkarin acreditar que alguma parte disto foi uma investigação do seu passado, poderá ficar ainda mais enfurecido. Mas vou estar com problemas de qualquer maneira, então o risco vale a pena.”

A carruagem parou e balançou um pouco enquanto o condutor descia para o chão. A porta se abriu. Dannyl saiu e se virou para o condutor.

— Mande meu baú de viagem para meus aposentos — Dannyl ordenou. O homem fez uma reverência e foi até a parte de trás da carruagem, onde o baú estava amarrado a uma prateleira estreita.

Colocando a mochila debaixo do braço, Dannyl pegou o caminho para a Residência do Lorde Supremo. Enquanto andava, percebeu que os jardins estavam vazios, o que era incomum para uma tarde ensolarada de Dia Livre. “Onde está todo mundo?”

Quando chegou à porta da Residência, tinha a boca seca e o coração batia rápido demais. Respirando fundo, estendeu a mão até a maçaneta. Antes que pudesse apertar os dedos ao redor dela, a porta se abriu.

Um criado deu um passo à frente e fez uma reverência.

— O Lorde Supremo o espera na biblioteca, Embaixador Dannyl. Por favor, venha comigo.

Entrando, Dannyl olhou com admiração para a sala de visitas decorada de maneira luxuosa. Ele nunca havia entrado na Residência do Lorde Supremo antes. O criado abriu uma porta e conduziu Dannyl por uma escadaria em espiral. No alto, ele andou por um corredor curto até um par de portas abertas à direita.

As paredes dentro da sala estavam forradas de livros. “Que segredos eu poderia encontrar neles?”, Dannyl se perguntou. “Que informações sobre...?”

Então ele viu a mesa num lado da sala e o mago de túnica negra sentado atrás dela, observando-o. Sentiu o coração parar por um instante e depois começar a acelerar.

— Bem-vindo de volta para casa, Embaixador Dannyl.

“Controle-se!”, Dannyl pensou de maneira severa. Ele inclinou a cabeça educadamente para Akkarin.

— Obrigado, Lorde Supremo.

Ouvindo as portas se fecharem, Dannyl espiou e viu que o criado havia partido. “Agora, estou preso...” Ele afastou o pensamento, deu um passo à frente e colocou a mochila na mesa de Akkarin.

— Minhas anotações — ele disse. — Como requisitado.

— Obrigado — Akkarin respondeu. Uma mão pálida pegou a mochila e a outra apontou para uma cadeira. — Sente-se. Deve estar cansado da viagem.

Dannyl se afundou na cadeira com gratidão e observou enquanto Akkarin folheava as anotações. Dannyl acalmou uma dor de cabeça irritante. Na noite anterior, havia bebido siyo demais numa tentativa de parar de imaginar o que ia ter que encarar hoje.

— Você visitou o Templo Esplêndido, pelo que vejo.

Dannyl engoliu em seco.

— Sim.

— O Supremo Sacerdote permitiu que lesse os pergaminhos?

— Ele os leu para mim... depois que jurei manter em segredo seu conteúdo.

Akkarin deu um sorriso quase imperceptível.

— E os Túmulos das Lágrimas Brancas.

— Sim. Um lugar fascinante.

— Que o levou para Armje?

— Não diretamente. Se eu tivesse continuado o curso de minha pesquisa, poderia ter entrado em Sachaka, mas minhas obrigações como Embaixador não permitiam tal jornada.

Akkarin parou.

— Cruzar a fronteira não teria sido... aconselhável. — Ele levantou os olhos e encarou Dannyl, com uma expressão de desaprovação. — Sachaka não é parte das Terras Aliadas e, como membro do Clã, você não deve entrar lá a não ser sob ordens do Rei.

Dannyl balançou a cabeça de maneira negativa.

— Eu não havia pensado nisso, mas não ia sair andando de qualquer jeito numa terra desconhecida sem fazer algumas perguntas aqui primeiro.

Akkarin observou Dannyl pensativo e depois olhou para as anotações.

— Então, o que o fez visitar Armje?

— O Dem Ladeiri sugeriu que eu visse as ruínas enquanto o estava visitando.

Akkarin franziu a testa.

— Ele sugeriu? — Ele se quedou silencioso então, lendo as anotações. Depois de vários minutos, fez um pequeno barulho de surpresa, e então levantou os olhos e encarou Dannyl.

— Você sobreviveu?

Adivinhando sobre o que Akkarin estava se referindo, Dannyl concordou com a cabeça.

— Sim, embora tenha me exaurido.

Conforme Akkarin continuou lendo, Dannyl se perguntou se alguma vez o tinha visto expressar espanto antes. Decidiu que não tinha e sentiu um estranho orgulho de que ele, de todas as pessoas, tivesse sido capaz de surpreender o Lorde Supremo.

— Então você superou a barreira — Akkarin ponderou. — Interessante. Talvez a câmara esteja perdendo força. O poder tem que diminuir alguma hora.

— Posso fazer uma pergunta? — Dannyl se arriscou.

Akkarin olhou para ele, com uma sobrancelha levantada.

— Sim, pode.

— Se encontrou essa Câmara da Punição Definitiva antes, por que não contou para ninguém aqui?

— Eu contei. — O canto da boca de Akkarin contraiu-se para cima. — Mas como era impossível para qualquer um investigar sem ativar um ataque, e por motivos adicionais de natureza política, foi decidido que sua existência deveria ser conhecida apenas pelos magos mais importantes. O que significa que preciso lhe ordenar que guarde esse conhecimento para si mesmo.

Dannyl concordou com a cabeça.

— Entendo.

— É ruim, no entanto, que meu aviso haja desmoronado. — Akkarin parou, os olhos se estreitando. — Havia algum sinal de que ele possa ter sido removido de forma deliberada?

Surpreso, Dannyl pensou na parede e no que restava do nome de Akkarin.

— Não sei dizer.

— Alguém precisa investigar. Aquele lugar poderia facilmente se tornar uma armadilha mortal para magos.

— Posso voltar lá eu mesmo, se quiser.

Akkarin o encarou pensativo, então concordou.

— Sim. É provavelmente melhor que outros não saibam sobre o lugar. Seu assistente sabe, não sabe?

Dannyl hesitou e de novo se perguntou quanto Akkarin havia percebido durante sua breve comunicação mental.

— Sim... mas eu acredito que Tayend seja de confiança.

O olhar de Akkarin pestanejou ligeiramente e ele abriu a boca para falar, mas fechou de novo quando uma batida soou na porta da biblioteca. Seus olhos se voltaram para a porta, alertas. As portas se abriram.

O servo entrou e fez uma reverência.

— Lorde Yikmo chegou, Lorde Supremo.

Akkarin concordou com a cabeça. Quando as portas se fecharam de novo, ele olhou para Dannyl com um ar especulativo.

— Você pode retornar a Elyne em uma semana. — Ele pegou a mochila. — Vou ler essas páginas e posso querer discuti-las com você de novo. Mas agora — ele se levantou —, tenho uma batalha formal a que devo comparecer.

Dannyl piscou em surpresa.

— Uma batalha formal?

O Lorde Supremo pareceu sorrir.

— Minha aprendiz, talvez de maneira tola, desafiou outro para uma luta.

“Sonea desafiou Regin para uma luta!” Conforme as possibilidades e consequências disso começavam a ser entendidas por Dannyl, ele riu.

— Isso eu tenho que ver.

Akkarin saiu da biblioteca em grandes passadas. Dannyl o seguiu, sentindo-se

surpreso e aliviado. Não tinha havido nenhuma pergunta difícil sobre os motivos para a pesquisa. Era quase como se Akkarin estivesse satisfeito com o progresso dele. Dannyl e Tayend... e Lorlen... não haviam conquistado a desaprovação do Lorde Supremo. Nem Rothen, embora, com sorte, Akkarin não sabia do novo "interesse" em magia antiga de Rothen.

E nada foi dito sobre Tayend.

Tudo que faltava era encarar Rothen. O mentor de Dannyl ficaria surpreso em vê-lo. Dannyl não havia avisado Rothen de sua visita, já que nenhuma carta poderia viajar mais rápido do que ele fizera, e ele não queria arriscar-se a se comunicar pela mente. Rothen sempre fora capaz de ler mais dos pensamentos de Dannyl do que era a intenção. Dannyl não sabia quão bem Rothen lidaria com a notícia de que seu ex-aprendiz era culpado de ser o que Fergun afirmava que ele era. Ele não queria perder seu único amigo próximo no Clã.

Ainda assim, ele havia decidido que não ia negar os rumores sobre Tayend. Seria muito fácil Rothen descobrir a mentira. Ele teria que tranquilizá-lo dizendo que não estava arriscando sua honra por associação. Os elynes eram um povo tolerante e esperava-se que ele agisse da mesma forma.

Em algumas semanas, ele estaria de volta a Elyne com a permissão do Lorde Supremo de investigar Armje em meio ao cumprimento de suas obrigações como Embaixador. E estaria com Tayend.

No fim das contas, sua situação estava melhor que antes.

Sonea amarrou de novo o cordão da túnica e alisou o tecido. Ela parecia fina e frágil hoje. "Eu sinto como se devesse colocar uma armadura, não uma túnica."

Fechando os olhos, ela desejou que alguém estivesse cuidando dela enquanto se preparava. Naturalmente, Yikmo não ficaria no quarto enquanto ela se trocava colocando túnicas limpas. Nem Akkarin, algo pelo que ela se sentia profundamente grata. Não, era de Tania que ela sentia falta agora. A criada de Rothen teria feito Sonea prometer ser a vencedora, e ao mesmo tempo tranquilizá-la de que se perdesse não ia importar para as pessoas que a amavam.

Ela respirou fundo e, achando o cordão muito apertado, soltou-o um pouco.

Hoje, poderia precisar de mais liberdade de movimento. Ela olhou para a bandeja de doces e bolinhos gostosos que Viola havia trazido antes. Sentindo o estômago se contrair, afastou-se e começou a andar de um lado para o outro de novo.

Ela tinha uma vantagem... ou duas. Embora os “espiões” de Yikmo tivessem relatado tudo que Regin vinha fazendo na Arena na última semana, seu próprio treinamento ficara oculto nos confins claustrofóbicos do Domo. Yikmo havia mostrado todas as estratégias que um mago mais fraco podia usar contra um mais forte. Ele a havia treinado em todos os métodos que sabia que Garrel e Balkan haviam ensinado a Regin, e em mais alguns outros.

Do seu guardião, ela vira pouco. Mas sua influência estava por toda parte. Os protestos contra aprendizes envolvendo-se em batalhas formais tinham se encerrado em um dia. Balkan obviamente desaprovava o fato de Sonea usar o Domo, mas não havia proibido. E, quando ela entrara pela primeira vez lá, Yikmo havia lhe contado que o Lorde Supremo fortalecera a estrutura esférica para garantir que ela não a danificasse acidentalmente.

Não havia ocorrido para ela até a noite seguinte que a magia que ele usara poderia ter sido obtida por meio de magia negra. Ela tinha ficado acordada, a consciência intranquila com a possibilidade de que a magia que ajudara sua disputa ridícula com outro aprendiz pudesse ter vindo da morte de algum estranho.

Mas ela não podia recusar a ajuda de Akkarin, não sem levantar suspeitas. Mesmo que fingisse não a querer por orgulho, ele havia se nomeado como seu protetor durante a batalha. Sua magia iria formar o escudo interior que iria salvá-la se o dela falhasse. A ideia a deixou ainda mais intranquila. Se não fosse por Rothen e Lorlen, ela ficaria preocupada de ele poder usar a batalha como uma oportunidade para livrar-se dela.

Com a batida na porta, ela voltou-se, o coração de repente acelerado de novo. “Deve ser a hora finalmente”, pensou. O alívio foi logo substituído por uma torrente de terror. Ela inspirou fundo e deixou o ar sair devagar quando se aproximou da porta. Abrindo-a, sentiu o coração acelerar mais uma vez quando

encarou Akkarin, mas, vendo outro homem atrás dele, o medo foi substituído com surpresa quando reconheceu Dannyl.

— Lorde Supremo — ela disse, fazendo uma reverência. — Embaixador Dannyl.

— Lorde Yikmo chegou — Akkarin lhe falou.

Respirando fundo, Sonea seguiu apressadamente pelas escadas. Ela descobriu Lorde Yikmo andando de um lado para o outro na sala de visita de Akkarin. Sua cabeça se virou de maneira brusca quando ela entrou na sala.

— Sonea! Você está pronta. Bom. Como você está se sentindo?

— Bem. — Ela sorriu, ciente dos magos que ainda estavam descendo as escadas. — Como posso não estar depois de tudo que me ensinou?

Ele deu um sorriso torto.

— Sua confiança em mim é... — Ele fez uma pausa, ficando sério quando Akkarin e Dannyl entraram na sala. — Bom dia, Lorde Supremo, Embaixador Dannyl.

— Imaginei que estivesse aqui para buscar minha aprendiz — o Lorde Supremo disse. — Então, eu a mandei descer.

— De fato estou — Yikmo respondeu. Ele olhou para Sonea. — É melhor não deixarmos Regin esperando.

A porta principal se abriu e Akkarin apontou para ela. Sentindo os olhos dos magos sobre ela, Sonea cruzou a sala e saiu na luz do sol.

Quando ela começou a andar no caminho para a Universidade, Yikmo avançou no mesmo ritmo à sua direita, e Akkarin à sua esquerda. O barulho de passos atrás lhe dizia que Dannyl os estava acompanhando. Ela resistiu à vontade de olhar para trás, perguntando-se que assunto ele tinha com Akkarin. Algo importante, ou ele não teria voltado de Elyne.

Seus companheiros estavam em silêncio enquanto andavam rumo à Universidade. Sonea olhou para Yikmo uma vez, mas ele apenas sorriu em

resposta. Ela não olhou para Akkarin, porém estava plenamente consciente de sua presença. Nunca antes ela tinha se sentido como a favorita do Lorde Supremo. Isso a tornava ciente demais das expectativas do Clã. Se ela perdesse...

“Pense em outra coisa”, disse a si mesma. Enquanto eles se aproximavam da Universidade, ela desviou a mente para as lições de Yikmo.

“Regin vai tentar levá-la a desperdiçar seu poder. A melhor maneira de fazer isso é por meio de engodos e truques.”

Truques eram com certeza parte do estilo de luta de Regin. Ele a havia surpreendido muitas vezes durante as aulas de Artes Guerreiras do primeiro ano com ataques falsos.

“Muito do que você aprendeu vai ser irrelevante. Você não vai precisar usar projeção na Arena: não há nada lá para ser movido. Ataques de atordoamento são permitidos, mas considerados falta de educação. Ataques mentais são proibidos, naturalmente, embora só sejam úteis como distração.”

Regin nunca havia usado ataques mentais contra ela, já que ele ainda não havia aprendido como fazê-los.

“Não gesticule! Você vai revelar suas intenções. Um bom Guerreiro não se move durante a batalha, nem mesmo os músculos do rosto.”

Yikmo sempre se referia ao “Guerreiro” no masculino, o que ela achou engraçado de início, mas depois irritante. Quando reclamou, ele riu. “Lady Vinara aprovaria”, ele disse. “Mas Balkan lhe diria: ‘Quando mais Guerreiros forem mulheres em vez de homens, vou corrigir minha maneira de falar’.”

Sonea sorriu com a lembrança e, assim, estava sorrindo quando caminhou além da Universidade até a vista de uma multidão de magos que esperavam fora da Arena.

— Todo mundo está aqui? — ela disse sem ar.

— Provavelmente — Yikmo disse com leveza. — Regin escolheu um Dia Livre para enfrentá-la, de modo que houvesse uma grande multidão para assistir à derrota dele.

Sonea sentiu o sangue fugir do rosto. Aprendizes e magos estavam parados observando-a. Mesmo não magos... esposas, maridos, filhos e criados... tinham vindo para o espetáculo. Havia centenas de pessoas. Cabeças se viraram para olhá-la enquanto ela, lado a lado com o professor e o guardião, adentrou a multidão. Os Magos Superiores estavam de pé numa linha. Yikmo a guiou em direção a eles e, quando ele parou, ela fez uma reverência. Saudações formais foram trocadas, mas ela estava distraída demais para prestar muita atenção até seu nome ter sido falado.

— Bem, Sonea. Seu adversário a espera — Lorde Balkan lhe disse, gesticulando.

Seguindo o movimento, ela viu Regin e Lorde Garrel parados próximo a uma cerca viva cortada na forma de uma arcada. O caminho que passava por ela levava direto à Arena.

— Boa sorte, Sonea — Lorlen disse, sorrindo.

— Obrigada, Administrador. — Sua voz soava baixa, e ela sentiu um lampejo de irritação consigo mesma. Ela era a desafiante. Ela devia estar indo para a batalha confiante e ansiosa.

Quando começou a andar em direção à Arena, Yikmo colocou a mão no seu braço.

— Mantenha a calma e você vai se dar bem — ele murmurou. Afastou-se e acenou para que ela prosseguisse.

Com apenas Akkarin ao lado dela agora, aproximou-se da arcada. Quando encarou os olhos de Regin, o rosto dele se contorceu numa expressão de desdém, fazendo-a lembrar-se da primeira vez que o tinha visto, antes da Cerimônia de Aceitação. Ela o encarou de volta, desafiadora.

Sentindo o olhar de Lorde Garrel, ela voltou sua atenção para ele. O mago a estava encarando com uma antipatia e raiva visíveis. Surpresa, ela se perguntou por que ele estava tão bravo. Ele lamentava o tempo extra que tivera de passar preparando seu aprendiz para a luta? Ou ela o tinha ofendido por ter a ousadia de desafiar seu sobrinho? Ou ele se ressentia por ela tê-lo colocado numa postura de

oposição ao Lorde Supremo?

“Eu me importo? Não.” Se ele tivesse alguma perspicácia, teria feito com que Regin parasse de agredi-la depois que ela se tornou a favorita do Lorde Supremo. A ideia de que esse desafio poderia ter lhe causado uma inconveniência trouxe um sorriso para seu rosto mais uma vez. Virando-se, ela passou pelo arco e andou em direção à Arena.

Com Akkarin a seu lado, desceu até o portal da Arena. Emergindo dele, andou até o centro do chão de areia e parou. Garrel, Regin e Balkan a haviam seguido. Fora do círculo de torres, a multidão de magos e aprendizes espalhou-se pela estrutura, alguns sentando na arquibancada.

Ela olhou para Regin. Ele estava olhando para a multidão, a expressão excepcionalmente séria. Ela deixou seus olhos vaguearem pelo público e então parou quando viu Rothen de pé entre eles, Dorrien ao seu lado. Dorrien sorriu e acenou. Rothen conseguiu dar um pequeno sorriso.

Balkan se colocou entre ela e Regin, levantou os braços e esperou o zumbido das vozes da plateia sumir.

— Faz muitos anos desde que dois magos acharam que era necessário resolver uma disputa ou provar sua habilidade por meio de uma batalha formal na Arena — Balkan começou. — Hoje vamos observar o primeiro de tais eventos em 52 anos. À minha direita se encontra a desafiante, Sonea, aprendiz favorecida do Lorde Supremo. À minha esquerda se encontra o adversário, Regin, da família Winar, Casa Paren, aprendiz favorecido de Lorde Garrel. Os guardiões dos combatentes se nomearam como protetores. Eles podem agora formar um escudo interno ao redor dos aprendizes.

Sonea sentiu uma mão tocar seu ombro de leve. Tremeu com a sensação e então olhou para si mesma. O escudo de Akkarin era quase indetectável. Ela resistiu à vontade de testá-lo.

— Os protetores podem deixar a Arena agora.

Ela observou quando Akkarin e Garrel caminharam até o portal. Conforme o par saía da Arena, ela viu que o rosto de Garrel estava sombrio e com raiva e que

Akkarin parecia achar graça. Era óbvio, algo havia sido dito para perturbar o guardião de Regin. Será que Akkarin dissera alguma zombaria? A despeito de si mesma, sentiu uma satisfação inesperada com a ideia. Mas a sensação evaporou quando Balkan falou de novo.

— Os combatentes podem tomar suas posições.

Na mesma hora, Regin girou o calcanhar e começou a andar para o outro lado da Arena. Virando-se, Sonea se dirigiu à outra direção. Ela respirou fundo e devagar algumas vezes. Logo iria ter de concentrar toda sua atenção em Regin. Ela precisaria ignorar todas as pessoas que estavam observando e pensar apenas na luta.

A alguns passos da beirada da Arena, ela se virou. Balkan caminhava em direção ao portal. Logo ele estava dentro dele. Em seguida, apareceu no topo das escadas fora da Arena e se dirigiu ao topo do portal.

— O vitorioso precisa ganhar a maioria de cinco lutas — ele disse ao público. — Um ataque se encerra quando o escudo interno é atingido com uma força que poderia ser considerada um ataque fatal. Ataques mentais são proibidos. Se um combatente usar magia antes de uma batalha começar oficialmente, ele ou ela concede a luta. Uma batalha começa quando eu digo “comecem” e termina quando eu digo “parem”. Vocês entenderam?

— Sim, meu lorde — Sonea respondeu. Regin ecoou suas palavras.

— Vocês estão prontos?

— Sim, meu lorde. — De novo, a resposta de Regin se seguiu à dela.

Balkan levantou a mão e a colocou próxima à barreira da Arena. Ele enviou um pulso de energia, que relampejou pelo domo. Sonea olhou para Regin.

— Comecem!

Regin estava de pé com os braços cruzados, mas o sorriso zombeteiro que ela estava esperando não se manifestou. Ela viu o ar ondular com poder quando ele lançou o primeiro ataque. Ele acertou seu escudo um instante minúsculo depois de ela mandar sua resposta.

O escudo dele permaneceu firme, mas ele não atacou de novo. Ela podia ver sua testa franzida numa cara fechada. Sem dúvida, ele estava pensando na melhor forma de enganá-la para fazê-la desperdiçar seus poderes.

O ar entre eles ondulou de novo quando ele enviou magia em sua direção, dessa vez num ataque múltiplo. Os ataques brilharam ligeiramente brancos, mais sentidos do que vistos. Eles pareciam ataques de força... mas ou eles eram fortes o suficiente para alcançar a tonalidade branca, ou eles...

Sonea sentiu os primeiros ataques atingirem seu escudo com o som de pancadinhas e riu. Ele estava tentando fazê-la fortalecer demais seu escudo. Ela quase o reduziu, mas a diferença na maneira como o ar tremulava entre cada ataque a alertou para algo novo. Quando um ataque de força de nível máximo se chocou contra seu escudo, ela agradeceu seus instintos, pois esse ataque fora forte o suficiente para empurrá-la um passo para trás.

A chuva de ataques fracos continuou, então ela enviou um poderoso raio de energia em resposta. Regin abandonou seu ataque e levantou uma poderosa barreira, mas, um instante antes de o ataque dela acertá-lo, ela usou sua vontade e o ataque de calor de repente se dividiu numa chuva de ataques de atordoamento vermelhos que desapareceram contra o escudo de Regin.

O rosto de Regin se contorceu de ódio. Sonea sorriu quando ouviu os murmúrios ao redor da Arena. A piada não foi ignorada pelos magos. Eles deviam ter ouvido falar de como Regin havia usado ataques de atordoamento contra ela.

O ataque seguinte de Regin foi rápido, mas fácil de evitar. Sonea se aproveitou de sua raiva, respondendo apenas com ataques de atordoamento. Ela não se preocupou em disfarçá-los; ele estaria alerta para esse truque agora. Embora isso significasse que a batalha não estava indo para lugar nenhum, ela não pôde resistir a provocá-lo. Ela tinha muita energia para gastar e a raiva podia fazê-lo cometer uma ação imprudente. Usar ataques de atordoamento numa batalha era considerado falta de educação, no entanto, e não ia torná-la popular com ninguém no Clã.

Regin de repente emitiu uma torrente constante de ataques em cima dela.

Ataques de força, ataques de calor, todos de intensidade variável. O escudo de Sonea brilhou levemente com seu poder. Ela devolveu com seu próprio bombardeio, reconhecendo a tática simples. Quando tantos ataques variados eram emitidos, o defensor tinha duas chances: manter um escudo que poderia bloquear o mais potente dos ataques enquanto se mantinha alerta para algo mais forte, ou tentar conservar energia modificando o escudo para cada ataque.

Ela equiparou o ataque dele com um dela, e viu que ele estava modificando o escudo. Era preciso muita concentração para se fazer isso ao mesmo tempo que se atacava. Seu rosto estava rígido e os olhos se moviam de ataque para ataque, mostrando o esforço que estava sendo necessário.

Ele poderia cansá-la desse jeito com o tempo. Ela sabia que um golpe potente iria forçá-lo a interromper o ataque, mas isso faria com que ela usasse ainda mais poder, que era o que ele queria.

Porém, a tática dele também era sua fraqueza. Sua defesa só iria funcionar se ele percebesse cada ataque que ela enviasse. “Então eu tenho que fazer algo inesperado.”

Mudar a direção de um ataque depois que ele havia sido disparado exigia um esforço extra, mas não tanto quanto lançar um golpe com muito poder. Concentrando-se, ela mudou o rumo de um de seus ataques de força para que, no último momento, ele fizesse o contorno e acertasse Regin pelas costas.

Regin cambaleou para a frente. Seus olhos se arregalaram, e então se estreitaram, com intensa raiva.

— Parem!

Sonea abandonou o ataque e deixou o escudo sumir. Olhou para Balkan ansiosa.

— A primeira vitória vai para Sonea.

O ar se encheu de vozes quando os magos se viraram um para os outros para discutir o que tinham acabado de ver. Sonea tentou reprimir um sorriso, mas então deixou que ele surgisse. “Ganhei a primeira luta!” Ela olhou para Regin. Seu rosto estava sombrio de fúria.

Balkan levantou os braços. O burburinho cessou.

— Estão prontos para a segunda batalha? — ele perguntou a Sonea e Regin.

— Sim, meu lorde — ela respondeu. A resposta de Regin foi seca.

Balkan colocou a mão contra a barreira da Arena.

— Comecem!

Capítulo 37

A Favorita do Lorde Supremo

Lorlen sorriu quando os dois aprendizes viraram para se encarar novamente. A primeira vitória de Sonea tinha sido tudo que precisava ser. Ela não vencera pela força, mas por encontrar uma brecha na defesa de Regin. Olhando para Lorde Yikmo, ficou surpreso ao ver o Guerreiro de cenho franzido.

— Você não parece satisfeito, Lorde Yikmo — murmurou Lorlen.

O Guerreiro sorriu.

— Estou, sim. É a primeira vez que ela derrota Regin. Mas é fácil perder o foco no entusiasmo de vencer uma batalha.

Conforme Sonea atacava Regin com uma gana ostensiva, Lorlen sentiu um pouco da preocupação de Yikmo. “Não seja confiante demais, Sonea”, ele pensou. “Regin será cauteloso agora.”

Regin se defendeu com facilidade e, em seguida, atacou. Logo o ar dentro da Arena fervilhava de magia. De repente, Sonea ergueu os braços num gesto amplo e olhou para baixo, vacilando no ataque. Lorlen ouviu inspirações profundas ao seu redor, mas o escudo de Sonea se manteve ante a intensificação do ataque de Regin.

Olhando para o chão sob os pés de Sonea, ele viu que a areia se espalhava. Via-se um disco de força sob a sola das botas. Ela estava levitando pouco acima do solo.

Lorlen conhecia a tática. Um mago poderia esperar um golpe de qualquer direção, mas não de baixo. Era tentador destruir o escudo de alguém onde este

beirava o solo para economizar energia. O escudo de Sonea tinha obviamente se estendido abaixo de seus pés e seu conhecimento de levitação a tinha salvo da indignidade de ser arremessada através da Arena pela areia irregular e fofa. A levitação, ele se lembrou, não era ensinada até o Terceiro Ano.

— Jogada inteligente, ensinar isso a ela — disse Lorlen.

Yikmo balançou a cabeça.

— Eu não ensinei.

O rosto de Sonea estava tenso. A concentração requerida para levitar, manter o escudo e atacar exigia muito esforço, e seu ataque tinha mudado para um padrão simples de golpes fáceis de bloquear. Lorlen sabia que ela devia forçar Regin a usar o mesmo poder e concentração. A areia sob os pés de Regin começou a revirar, mas ele simplesmente foi para o lado. Ao mesmo tempo, Sonea abriu os braços novamente para um outro ataque rasteiro, mas o ataque foi sem firmeza.

— Parem!

— A segunda vitória vai para Regin.

Os aprendizes manifestaram uma torcida tímida. Enquanto Regin sorria e acenava para os amigos, Sonea franziu o cenho, obviamente aborrecida consigo mesma.

— Foi bom — disse Yikmo.

Perplexo, Lorlen olhou para o Guerreiro de modo inquisitivo.

— Ela precisava disso — explicou Yikmo.

Na pequena pausa entre lutas, Rothen procurou por Dannyl entre os magos, do outro lado da Arena. Ele havia desaparecido do lugar que ocupava antes entre os Magos Superiores. Rothen franziu o cenho, dividido entre assistir à luta e procurar pelo amigo.

Ele se surpreendera ao ver Dannyl chegar com Sonea, Yikmo e Akkarin. Dannyl não tinha avisado que visitaria o Clã, nem mesmo uma rápida

comunicação mental. Isso significava que seu retorno era um segredo?

Obviamente, não era mais segredo. Ao aparecer com Sonea e o Lorde Supremo, Dannyl tinha revelado sua presença para todos na luta. Mas era sua presença em companhia do Lorde Supremo que mais incomodava Rothen. E Dannyl não havia enviado anotações ou cartas por várias semanas.

Perguntas e mais perguntas. Teria o pedido de Rothen sido descoberto por Akkarin? Ou Dannyl estaria assessorando o Lorde Supremo apenas em assuntos de diplomacia? Ou era um assunto pior e Dannyl não estava ciente de estar ajudando um mago negro? Ou teria ele descoberto a verdade sobre Akkarin?

— Olá, velho amigo.

Rothen virou-se, num salto, ao som da voz por trás do ombro. Dannyl sorriu obviamente satisfeito consigo mesmo por surpreender seu mentor. Ele assentiu para Dorrien, que o saudou amistosamente.

— Dannyl! Por que não me disse que estava voltando? — Rothen perguntou.

Dannyl sorriu se desculpando.

— Perdão, eu deveria ter avisado. Mandaram que eu voltasse inesperadamente.

— Por quê?

O jovem mago desviou o olhar.

— Apenas para me apresentar ao Lorde Supremo.

Chamado inesperadamente apenas para se reportar ao Lorde Supremo? Ao ouvir Balkan determinar o início da próxima luta, Rothen ficou dividido entre questionar Dannyl e olhar Sonea. Ele se virou de volta para assistir à luta. Se Dannyl quisesse discutir seu encontro com Akkarin, provavelmente não ia querer fazê-lo em pé no meio de uma multidão de magos. “Não”, Rothen decidiu. “Eu o questionarei mais tarde.”

Regin tinha adotado uma defesa ousada e arriscada. No lugar de manter o escudo, ele direcionou seus golpes para Sonea. À medida que sua magia batia na

dela, a Arena se enchia de raios de energia fragmentados, cada um deles fraco demais para preocupar os dois aprendizes. Uns poucos atingiram a barreira da Arena, lançando pedaços de raios por sobre ela. Em meio a isso tudo, Regin também estava aplicando golpes extras diretamente sobre Sonea. Apesar de se defender com facilidade, era óbvio que ela estava usando mais poder que Regin simplesmente ao manter o escudo dela erguido.

Ela respondeu intensificando seu ataque. O plano de Regin só poderia funcionar se ele pegasse todos os golpes a ele dirigidos. Caso perdesse algum, teria de criar um escudo muito rapidamente.

Enquanto Rothen assistia, aconteceu o seguinte: um dos golpes de Sonea escapuliu. Antes que Rothen pudesse prever alguma coisa, o golpe atingiu um escudo rapidamente erguido.

Sonea começou a avançar na direção de Regin, diminuindo a distância entre eles, de modo a forçá-lo a reagir mais rápido. Quando a dupla estava separada por dez passos apenas, os golpes de Regin pareceram se reverter de repente. Ele cambaleou para trás e deu um grito de surpresa. A Arena esvaziou-se de magia de forma abrupta.

— Parem!

O silêncio se seguiu ao grito de Balkan, e, em seguida, começou um suave murmúrio entre os espectadores.

— A terceira vitória vai para Sonea.

Os magos expressaram confusão. Rothen franziu o cenho e balançou a cabeça.

— O que aconteceu?

— Creio que os golpes de Sonea foram duplos — disse Dorrien. — De modo que cada um deles era seguido de outro, momentos depois. Eles poderiam parecer um golpe simples da perspectiva de Regin. Os golpes defensivos de Regin barraram os primeiros, mas ele não teve tempo de ver os duplos.

Vários magos ouviram Dorrien por acaso, e menearam a cabeça uns para os outros, impressionados. Dorrien olhou para Rothen, parecendo convencido.

— É realmente maravilhoso assisti-la.

— Sim — Rothen assentiu, e, em seguida, suspirou quando Dorrien deu as costas. Claramente seu filho estava cada vez mais fascinado por Sonea. Ele nunca estivera tão ansioso para que Dorrien retornasse ao seu vilarejo.

A voz de Balkan ecoou acima do burburinho de vozes.

— Por favor, voltem às suas posições.

Sonea se afastou de Regin.

— Estão prontos para iniciar a quarta luta?

— Sim, meu lorde — a dupla respondeu.

Um facho de luz fez estremecer a barreira da Arena.

— Comecem!

Sonea iniciou essa batalha longe de se sentir triunfante. O método que ela tinha usado para derrotar Regin empregava muita magia. Se a vitória dele dependesse de fazer com que Sonea desperdiçasse sua energia, então ele estava ganhando.

Ela precisaria ser mais cautelosa desta vez. Tinha de evitar se deixar levar pelos truques dele. Teria ainda que economizar sua energia, já que, caso perdesse esta batalha, precisaria sobreviver para a próxima.

Por enquanto, ela e Regin se olhavam, ambos sem escudos e imóveis. Então, os olhos de Regin se estreitaram e o ar se encheu de milhares de golpes de calor quase invisíveis, cada um dos quais forte apenas o suficiente para ser contado como golpe fatal se atingisse o escudo interno dela. No interior da chuva de golpes mais fracos, ela viu alguns mais potentes e criou um escudo suficientemente forte para deter todos eles.

Mas, pouco antes de os golpes a atingirem, eles desapareceram. Aborrecida com o truque de Regin, ela lançou um bombardeio idêntico de golpes, esperando que ele pensasse que estava apenas retornando o mesmo truque.

Ele não caiu nessa, claro, mas recuou cambaleando, com a expressão tensa. Ela sentiu certo triunfo. Ele estava se cansando!

Seguiu-se um ataque cauteloso, complexo e ainda assim econômico. Ele encheu a atmosfera de luz, como se esperasse disfarçar alguns golpes mais fortes no fulgor da claridade. Em cada golpe de revide, ela notava pequenos sinais de esforço na face e no jeito de Regin. Ele tentava escondê-lo, mas estava claro que agora ele não seria uma grande ameaça para ela.

Olhando-o através do clarão, ela o viu recuar quando um de seus golpes mais fortes o atingiu. Então, de cima, ela sentiu uma força inesperada atingir o seu escudo. Essa força oscilou, e então, em um intervalo de tempo muito pequeno após o primeiro, veio outro golpe que quebrou seu escudo antes que ela pudesse fortalecê-lo.

— Parem!

Sonea encheu-se de descrença e consternação, ao compreender que ele tinha fingido o cansaço. Olhando para a expressão de presunção de Regin, sentiu ódio dela mesma por ser tão tola.

— Quarta vitória para Regin.

Mas ela sabia dos limites dele. Ele tinha de estar cansado após todo aquele tempo.

Fechou os olhos, buscando a fonte do seu poder. Ela havia minguado um pouco, mas sem perigo de esgotamento.

Yikmo havia desaconselhado Sonea a derrotar Regin com força total. “Se deseja respeito, você deve mostrar tanto habilidade quanto honra.”

“Já mostrei a eles habilidade e honra suficientes”, ela pensou. O que quer que houvesse nessa última luta, ela não se arriscaria a perder novamente tentando conservar sua força. Se vencesse nessa luta, seria apenas por ter mais resistência que Regin.

O que significava que ela podia vencer pela força de qualquer maneira, então por que não encerrar rapidamente com um ataque feroz?

— Prontos para começarem a quinta luta? — perguntou Balkan.

— Sim, meu lorde — ela respondeu, Regin repetiu a resposta.

— Comecem!

Ela começou atacando com golpes poderosos, esperando medir a histamina de Regin. Ele calmamente esquivava-se de todos eles, os ataques de Sonea batendo inofensivamente na barreira da Arena.

Ela olhou para Regin, que devolveu o olhar com inocência dissimulada. Esquivar-se e agachar-se eram consideradas formas ruins de agir numa luta, mas não havia regras contra isso. Ela estava surpresa em vê-lo recorrer a ambos, mas aquilo era o que ele antecipara. Ele tinha feito isso simplesmente para que ela usasse seu poder num ataque inútil. Regin sorriu. A areia em torno dos pés dele começou a rodopiar.

Iniciou-se um murmúrio na multidão à medida que a areia começou a se elevar do chão da Arena. Sonea olhava, imaginando o que Regin estaria fazendo — e por quê. Yikmo não havia mencionado nenhuma tática que envolvesse isto. De fato, ele disse que projeção era irrelevante em uma batalha formal.

Agora, a areia varria o entorno da Arena. Ela engrossou rapidamente, deixando no ar uma leve cobertura. Sonea franziu o cenho quando Regin sumiu de vista. Logo ela não podia ver nada além do branco.

Foi então que algo mais potente bateu no seu escudo. Adivinhando a direção, ela aplicou um golpe, mas outro ataque a atingiu por trás, e a seguir um terceiro vindo de cima.

“Ele me cegou”, ela compreendeu. Em algum lugar, para além da areia, ele estava se movimentando em torno da Arena, ou direcionando seus ataques para fazerem a curva e atingirem-na de diferentes direções. Ela não podia revidar sem saber onde ele estava.

Mas isso não importaria, se ela mirasse em todas as direções de uma só vez.

Recorrendo ao seu poder, ela lançou uma enxurrada de ataques poderosos. A areia caiu abruptamente em torno dela, formando um anel no chão.

Regin havia concentrado a tempestade de areia nela. “Era assim que ele sabia onde eu estava.”

Ele estava do outro lado da Arena, observando-a cuidadosamente.

Olhando para Regin, Sonea sabia que ele tentava avaliar quão cansada ela estava.

“Eu não estou cansada.”

Conforme ela atacava, ele se esquivava novamente. Ela sentiu um sorriso brotando nos lábios. Se Regin queria exaurir o poder dela, Sonea o faria correr por toda a Arena como um rassook amedrontado. Ela acabaria por pegá-lo.

Ou ela poderia aplicar golpes em curva ao redor da Arena de modo que ele não tivesse para onde correr.

“Sim. Vamos acabar com isso.”

De olhos semicerrados, Sonea concentrou-se na fonte de seu poder. Recorrendo a quase toda a magia que ainda lhe restava, ela formou em sua mente um padrão ao mesmo tempo belo e mortal. Em seguida, ergueu os braços. Não importava se ela estava revelando suas intenções agora. Conforme liberava magia, ela sabia que era a força mais potente que jamais empregara. Sonea a lançou para fora em três ondas consecutivas de golpes de força, cada um mais poderoso que o anterior.

Ouviu um som baixo vindo da plateia à medida que os golpes se ramificaram como uma flor brilhante e perigosa e, então, fizeram uma curva inclinada em direção a Regin.

Os olhos de Regin se arregalaram. Ele andou para trás, mas não tinha para onde ir. À medida que os primeiros golpes o atingiram, seu escudo foi destruído.

Um segundo depois uma nova onda atingiu-lhe o escudo interno. A expressão de Regin mudou de surpresa para terror. Ele olhou para Lorde Garrel, e, então ergueu os braços, sem esperança, quando a terceira onda de golpes o atingiu.

Sonea ouviu, então, uma exclamação. Ela reconheceu a voz de Garrel. O escudo interno em torno de Regin estremeceu...

... mas permaneceu no lugar.

Virando-se para olhar o guardião de Regin, Sonea o viu pressionar as mãos nas têmporas e menear a cabeça. Akkarin colocou a mão no ombro do mago.

Então um leve ruído surdo chamou sua atenção de volta à Arena. Sonea sentiu o coração falhar ao ver Regin deitado na areia. Tudo estava silencioso. Ela esperou que ele se mexesse, mas ele permaneceu inerte. Certamente ele estava apenas exausto. Ele não podia estar... morto.

Ela deu um passo na direção de Regin.

— Parem!

Congelada ante a ordem, ela olhou para Balkan de forma inquisitiva. O Guerreiro franziu o cenho, como se estivesse alertando.

Regin, então, gemeu e os magos observadores soltaram um suspiro coletivo. Fechando os olhos, Sonea sentiu alívio por todo seu corpo.

— Sonea venceu o desafio — anunciou Balkan.

Lentamente e, em seguida, com mais entusiasmo, os magos observadores e os aprendizes começaram a torcer. Surpresa, Sonea olhou em torno.

“Eu venci”, ela pensou. “Eu venci de verdade!”

Ela avaliou os magos, aprendizes e não magos que celebravam: “talvez mais do que apenas a luta”. Mas ela não estava certa daquilo até mais tarde, ao passar pelos corredores da Universidade e ouvir o que os aprendizes cochichavam ou quando encontrou Regin e seus amigos em uma das passagens tarde da noite.

— Declaro esta competição formalmente encerrada — anunciou Balkan.

À saída do portal, ele juntou-se a Garrel e Akkarin. Garrel assentiu para algo que o Guerreiro havia dito, e, em seguida, começou a andar em torno da Arena em direção à entrada, os olhos voltados para a silhueta ainda prostrada de Regin.

Sonea olhou para Regin, pensativa. Acercando-se dele, viu que seu rosto estava branco e ele parecia adormecido. Ele estava claramente exausto e ela sabia como isso era terrível. Mas, em todas as vezes em que ficara exaurida, ela

jamais perdera a consciência.

Hesitando, para o caso de Regin estar fingindo, ela se agachou ao seu lado e cautelosamente tocou sua testa. O abatimento dele era tão grande que o corpo estava em choque. Ela fez com que um pouco de energia curativa fluísse de sua mão para fortalecer o corpo dele.

— Sonea!

Ela olhou e percebeu Garrel olhando para ela de modo desaprovador.

— O que está...?

— Ngh... — o menino gemeu.

Ignorando Garrel, ela olhou para baixo e viu os olhos trêmulos de Regin se abrirem. Ele olhou para ela e franziu as sobrancelhas.

— Você?

Sonea sorriu secamente e levantou-se. Ela fez uma reverência para Garrel, em seguida passou por ele e depois pelo ar frio do portal da Arena.

Embora a maior parte da plateia estivesse saindo, os Magos Superiores se demoraram ainda ao lado da Arena. Eles haviam se reunido quase em círculo para discutir a luta.

— Seus poderes aumentaram mais rápido do que achei que seria possível — disse Lady Vinara.

— A força dela é surpreendente para gente da sua idade — concordou Sarrin.

— Se ela é tão forte, por que simplesmente não exauriu Regin logo no começo? — perguntou Peakin. — Por que tentou conservar sua força? Com isso ela perdeu duas lutas.

— Porque o objetivo da contenda não era que Sonea vencesse — disse Yikmo calmamente. — Mas que Regin perdesse.

Peakin olhou para o Guerreiro, em dúvida.

— E que diferença faz?

Lorlen riu da confusão do Alquimista.

— Caso ela o tivesse simplesmente derrotado, não teria conquistado o respeito de todos. Vencendo e perdendo as lutas com o uso de sua habilidade, ela mostrou que desejava uma luta justa apesar da sua vantagem.

Vinara assentiu.

— Ela não sabia quão forte realmente era, sabia?

Yikmo sorriu.

— Não. Não sabia. Ela apenas sabia que era mais forte. Se soubesse quão forte era, teria sido difícil para ela permitir-se perder.

— Então, quão forte ela é?

Yikmo olhou explicitamente para Lorlen, e, em seguida, por sobre o ombro dele. Virando-se, Lorlen viu que Balkan e Akkarin se aproximavam. Ele sabia que não era para Balkan que Yikmo estava olhando.

— Talvez você tenha assumido mais do que até mesmo você possa suportar, Lorde Supremo — disse Sarrin.

Akkarin sorriu.

— Não parece.

Lorlen viu os outros trocarem olhares. Nenhum rosto expressava descrença. Falta de entendimento, talvez.

— Breve, você terá de começar a ensiná-la — acrescentou Vinara.

Akkarin balançou a cabeça negativamente.

— Tudo de que ela precisa pode aprender na Universidade. Não há nada que eu possa ensinar que ela se importe em aprender... por agora.

Lorlen sentiu um súbito arrepio percorrer-lhe o corpo. Ele olhou Akkarin bem de perto, mas nada na expressão do Lorde Supremo deixava transparecer o que ele temia.

— Eu não consigo vê-la compreendendo as batalhas e intrigas das Casas ou

gostando delas — concordou Vinara —, embora a ideia do Clã de eleger sua primeira Suprema Lady seja bem interessante.

Sarrin franziu o cenho.

— Não vamos nos esquecer de suas origens.

Conforme o olhar de Vinara se aguçou, Lorlen tossiu impostando a voz.

— Felizmente, isso não será tratado ainda por muitos anos.

Ele olhou para Akkarin, mas a atenção do Lorde Supremo estava em outro local. Lorlen seguiu seu olhar e viu Sonea, que se aproximava.

Como o círculo de magos se abriu para recebê-la, Sonea fez uma reverência.

— Parabéns, Sonea — berrou Balkan. — Foi uma batalha bem disputada.

— Muito obrigada, Lorde Balkan — ela respondeu com os olhos brilhando.

— Como está se sentindo? — perguntou Lady Vinara.

Sonea inclinou a cabeça, pensando, e encolheu os ombros.

— Faminta, minha lady.

Vinara riu.

— Então, espero que seu guardião tenha um banquete comemorativo preparado para você.

Se o sorriso de Sonea ficou um pouco forçado, os outros não pareceram notar. Olhavam para Akkarin, que tinha se virado para olhá-la.

— Bom trabalho, Sonea — disse ele.

— Obrigada, Lorde Supremo.

A dupla se entreolhou em silêncio, e aí Sonea baixou os olhos. Observando os outros cuidadosamente, Lorlen percebeu o sorriso perspicaz de Vinara. Balkan parecia satisfeito e Sarrin balançava a cabeça em aprovação.

Lorlen suspirou. Eles viam apenas uma jovem aprendiz com admiração e intimidada pelo seu poderoso guardião. Será que nunca veriam algo mais? Ele

baixou o olhar até a pedra vermelha no seu dedo. “Se assim for, não serei eu quem vai lhe mostrar. Sou tão refém quanto ela.”

Ele olhou para Akkarin, estreitando os olhos. “Quando ele começar a se explicar, é melhor que tenha uma razão muito boa para tudo isso.”

Abrindo a porta do seu aposento, Dannyl fez um gesto para que Rothen entrasse, em seguida acompanhou-o e fechou a porta. Dentro, estava escuro, e, apesar de tudo parecer limpo e sem poeira, havia um cheiro de descuido no ar. Seu baú fora deixado dentro do quarto.

— Então, o que há de tão urgente para que o Lorde Supremo ordene seu retorno imediato para Imardin? — perguntou Rothen.

Dannyl olhou Rothen de perto. Nenhum “Como está você?” ou “Como foi de viagem?”. Ele poderia ter ficado aborrecido, se não fosse pelas mudanças inquietantes na aparência do amigo.

Havia um sombreado escuro sob os olhos de Rothen. Ele parecia mais velho, embora Dannyl pudesse estar simplesmente vendo o amigo com olhos menos familiarizados com as profundas rugas na testa de Rothen ou o grisalho no seu cabelo. Entretanto, a leve corcunda e a forma tensa do andar de seu mentor eram definitivamente novas.

— Posso lhe dizer algo sobre isso — respondeu Dannyl —, mas não tudo. Parece que Akkarin soube da minha pesquisa sobre magia antiga. Ele... você está bem, Rothen?

Rothen ficara muito pálido. Ele desviou o olhar.

— Ele ficou... ofendido pelo meu interesse?

— Não ficou, não — Dannyl lhe assegurou — porque ele não sabe que você tem interesse em magia antiga. Ele soube da minha pesquisa e parece aprová-la. Na verdade, eu tenho a permissão dele para continuar.

Rothen olhou surpreso para Dannyl.

— Então, isso deve significar...

— Que você pode escrever seu livro sem se preocupar em pisar nos calos dele — encerrou Dannyl.

Pela expressão desdenhosa de Rothen, Dannyl percebeu que não era isso que deixara o amigo surpreso.

— Ele pediu a você para fazer mais alguma coisa? — perguntou Rothen.

Dannyl sorriu.

— Esta é a parte que não posso contar. Assuntos diplomáticos. Nada de muito perigoso, entretanto.

Rothen olhou para Dannyl de forma especulativa, e aí assentiu.

— Você deve estar cansado — ele disse. — Vou deixá-lo desfazer a bagagem e descansar. — Ele se encaminhou para a porta, hesitou e se virou novamente. — Você recebeu minha carta?

"É agora", pensou Dannyl.

— Sim.

Rothen fez um gesto de desculpas.

— Pensei que deveria avisá-lo caso isso desperte fofocas novamente.

— Claro — disse Dannyl secamente. Fez uma pausa, surpreso com a despreocupação contida na própria voz.

— Não creio que isso será um problema — acrescentou Rothen. — Quero dizer, se este seu assistente é o que eles dizem que é. As pessoas não estão especulando sobre você, elas só estão achando divertido à luz do que você foi acusado ainda quando era um aprendiz.

— Eu sei. — Dannyl assentiu lentamente, e aí se preparou para uma resposta desagradável. — Tayend é um "moço", Rothen.

— Um "moço"? — Rothen franziu o cenho e então seus olhos se arregalaram, ao compreender. — Então, o rumor é verdadeiro.

— Sim. Os elynes são mais tolerantes do que os kyralianos... na maior parte do tempo. — Dannyl sorriu. — Eu estou tentando me adaptar ao modo deles.

Rothen assentiu.

— É parte do papel de Embaixador, espero. Além de encontros secretos com o Lorde Supremo. — Ele sorriu pela primeira vez desde que eles haviam se encontrado naquele dia. — Mas estou impedindo você de desfazer as malas. Por que não janta comigo e Dorrien hoje à noite? Ele está voltando para sua aldeia amanhã.

— Eu gostaria muito.

Rothen se encaminhou novamente para a porta. Ao comando mental de Dannyl, esta se abriu. Rothen parou, empurrou-a, fechando-a novamente e suspirou. Virou-se para olhar nos olhos de Dannyl.

— Tenha cuidado, Dannyl — disse ele. — Tenha muito cuidado.

Dannyl retornou o olhar.

— Terei — ele assegurou ao amigo.

Rothen assentiu. Abrindo a porta novamente, entrou no corredor. Dannyl viu o amigo e mentor ir embora.

E balançou a cabeça ao perceber que não sabia se o amigo o estava alertando sobre seu relacionamento com Tayend ou com Akkarin.

Epílogo

A lua cheia banhava o caminho para a Residência do Lorde Supremo com uma luz azul. Andando em direção ao prédio, Sonea sorriu.

Quatro semanas haviam se passado desde o desafio e nenhuma vez ela havia encontrado Regin e seus aliados nas passagens da Universidade depois da aula. Nenhuma risadinha chegara a seus ouvidos nos corredores e nenhum dos seus projetos fora arruinado.

Hoje, ela havia se juntado a Hal na aula de Remédios e, depois de um início desajeitado, começaram a discutir a melhor maneira de se tratar verme-prego. Ele lhe contou sobre uma planta rara que seu pai, um Curador de uma vila em Lan, usava para tratar a doença. Quando ela lhe falou que o pessoal da favela usava pasta de tugor, que sobrava da destilação de bol, ele riu. Eles começaram a trocar superstições e curas improváveis de seus lares e quando a aula terminou ela percebeu que tinham conversado por uma hora inteira.

Chegando à Residência, Sonea tocou a maçaneta. Esperando que a porta se abrisse imediatamente, deu um passo à frente e bateu o joelho.

Surpresa e irritada, ela tocou a maçaneta de novo, mas a porta se manteve fechada. Ia ficar para fora nessa noite? Apertando a maçaneta, girou-a e ficou aliviada quando a porta se abriu.

Fechando a porta atrás de si, ela virou-se para as escadas e então congelou no lugar quando ouviu um estrondo vindo de um ponto além da outra escadaria. Um grito abafado chegou a seus ouvidos e então o teto vibrou sob seus pés.

Algo estava acontecendo embaixo, na sala subterrânea. Algo ligado a magia.

Todo seu corpo ficou frio. Congelada, ela pensou no que fazer. Seu primeiro pensamento foi escapar para sua sala, mas percebeu que se havia uma batalha de magia ocorrendo sob seus pés, ela não estaria nem um pouco mais segura no quarto.

Deveria partir. Afastar-se o máximo possível.

Mas a curiosidade a manteve ali. “Quero saber o que está acontecendo”, ela pensou. “E se alguém veio confrontar Akkarin, ele poderia precisar da minha ajuda.”

Respirando fundo, foi até a porta das escadas e abriu um pouco. A escadaria abaixo estava escura, então a porta da sala abaixo devia estar fechada. Lentamente, com cada músculo tenso pronto para fugir com rapidez, ela se esgueirou descendo as escadas. Chegando à porta, procurou por uma fechadura ou alguma maneira de olhar a sala subterrânea, mas não encontrou nada. Uma voz de homem gritou algo. A voz de um estranho. Levou um momento para perceber que ela não o havia entendido porque ele estava falando em outra língua.

A resposta foi dita de maneira ríspida, também em outra língua. Sonea gelou quando reconheceu a voz de Akkarin. Então, um gemido agudo de desespero fez com que seu coração disparasse e ela subiu de volta as escadas, convencida de repente de que deveria estar em qualquer outro lugar que não ali.

A porta se abriu com tudo.

Takan olhou para ela e parou. Ela não viu sua expressão no entanto. Sua atenção havia sido capturada pela cena além.

Akkarin estava de pé sobre um homem vestido com roupas simples. Sua mão envolvia a garganta do homem, e sangue pingava dos dedos. Em sua outra mão, estava uma faca com joias... uma faca que era terrivelmente familiar a ela. Enquanto ela observava, os olhos do estranho se tornaram vítreos e ele caiu ao chão.

Então, Takan pigarreou e Akkarin virou a cabeça de maneira brusca.

Seus olhos se encontraram, como os pesadelos nos quais ela revivia a noite em que o havia observado nessa sala, só que com ele descobrindo-a a observá-lo e sem que ela conseguisse se mexer... e então ela acordava com o coração disparado.

Mas dessa vez ela não ia acordar. Era real.

— Sonea. — Ele falou seu nome com uma irritação visível. — Venha cá.

Ela balançou negativamente a cabeça, deu um passo para trás e sentiu o ferrão da magia quando seu ombro encontrou uma barreira. Takan suspirou e retornou à sala. Sentindo a barreira pressionar contra suas costas, Sonea percebeu que ele ia empurrá-la escada abaixo. Ela afastou seu pânico com um esforço, aprumou os ombros e forçou as pernas a levarem-na para seu domínio.

Quando ela passou da entrada, a porta se fechou atrás dela com uma solidez definitiva. Olhou para o homem morto e tremeu quando encarou seus olhos vazios fitando o nada. Akkarin seguiu seu olhar.

— Esse homem é... era... um assassino. Ele foi enviado para me matar.

"É o que ele diz." Ela olhou para Takan.

— É verdade — o criado disse. Ele gesticulou. — Você acha que o m... Lorde Supremo ia bagunçar seus próprios aposentos?

Olhando ao redor, ela percebeu que as paredes estavam chamuscadas e uma das prateleiras estava reduzida a uma confusão de madeira quebrada e livros espalhados. Ela havia sentido e ouvido o suficiente a partir da sala de visita para suspeitar que algum tipo de batalha envolvendo magia tinha ocorrido embaixo dela.

Então o homem morto devia ser um mago. Ela olhou para ele de novo. Ele não era kyraliano, nem era de qualquer das raças pertencentes às Terras Aliadas. Ele parecia como... ela se virou para encarar Takan. O mesmo rosto largo e a pele castanho-dourada...

— Sim — disse Akkarin. — Ele e Takan são do mesmo povo. Sachakanos.

Isso explicava como o homem podia ter magia e não ser do Clã. Então ainda havia magos em Sachaka... mas se esse homem era um assassino, por que ele... ou seu empregador... queriam Akkarin morto?

"Realmente, por quê?", ela se perguntou.

— Por que você teve que matá-lo? — ela perguntou. — Por que não entregá-

lo ao Clã?

O sorriso de Akkarin era sem humor.

— Porque, como você deve sem dúvida ter deduzido, ele e sua laia sabem coisas sobre mim que eu preferia que o Clã não soubesse.

— Então você o matou. Com... com...

— Com o que o Clã chama de magia negra. Sim. — Ele deu um passo em direção a ela, e então outro, seus olhos se encontrando firmes com o dela. — Eu nunca matei ninguém que não me quisesse mal, Sonea.

Ela se afastou. Isso deveria tranquilizá-la, quando ele sabia que ela exporia seu segredo se pudesse? Isso certamente faria mal a ele.

— Ele teria ficado satisfeito, aliás, se soubesse o dano que causou vindo aqui e fazendo você ver o que viu — Akkarin disse num tom ameno. — Você deve estar se perguntando quem são essas pessoas que me querem morto e quais são seus motivos. Eu só posso lhe dizer isso: os sachakanos ainda odeiam o Clã, mas eles também nos temem. De tempos em tempos, eles mandam um desses, para me testar. Você acha tão absurdo que eu me defenda?

Ela olhou para ele, perguntando-se por que ele estava dizendo aquilo. Ele realmente esperava que ela acreditasse em qualquer coisa que ele estava falando? Com certeza, se os sachakanos eram um perigo, o resto do Clã saberia. Não apenas o Lorde Supremo. Não, ele praticava uma magia maligna para fortalecer a si mesmo, e isso era apenas uma mentira para garantir seu silêncio.

Seu olhar se moveu para seu rosto e então ele fez que sim com a cabeça para si mesmo.

— Não importa se você acredita em mim ou não, Sonea. — Ele franziu os olhos em direção à porta que se abriu com um rangido baixinho. — Apenas tenha em mente que se contar algo sobre isso, vai provocar a destruição de tudo que é importante para você.

Ela fugiu para a porta.

— Eu sei — ela disse num tom amargo. — Você não precisa me lembrar.

Chegando à entrada, ela avançou apressadamente pelas escadas. Quando atingiu à porta da sala de visitas, uma voz veio aos seus ouvidos vinda da sala abaixo.

— Ao menos os assassinatos vão parar.

— Por enquanto — Akkarin respondeu. — Até o próximo vir.

Virando a maçaneta, Sonea cambaleou para dentro da sala de visitas. Parou, respirando fundo, enquanto o alívio tomava conta dela. Ela havia encarado o pesadelo e sobrevivido. Mas não sabia se ia conseguir dormir com facilidade agora. Ela o tinha visto matar e sabia que era algo que nunca ia esquecer.

Guia de Lorde Dannyl para as gírias das favelas

Cagueta — alguém que trai os Ladrões.

Chapa — os mais próximos de um Ladrão ou aqueles em quem ele mais confia.

Cliente — pessoa que deve obrigações a um Ladrão ou que tem um acordo com ele.

Dinheiro de sangue — pagamento por assassinato.

Estilo — modo de realizar negócios.

Faca — assassino/assassino contratado.

Firmeza — alguém confiável.

Hai — chamada de atenção ou expressão de surpresa ou interrogação.

Ladrão — líder de um grupo criminoso.

Mandar a letra — contar algo a alguém.

Mensageiro — gângster que entrega ou executa uma ameaça.

Mina de ouro — homem que prefere garotos.

Parada/lance — fato/situação.

Passado — desorientado/ perplexo.

Penetra — espião, normalmente disfarçado.

Sacar — reconhecer/entender.

Trampo — trabalho.

Vacilão — alguém que se comporta de modo errado, frustrante.

Vazar — sair às pressas.

Vigia — colocado para observar algo ou alguém.

Visitante — assaltante.

Glossário

ANIMAIS

Anyi — mamífero marinho com espinhas curtas.

Ceryni — pequeno roedor.

Enka — animal doméstico cornudo, criado por causa de sua carne.

Eyoma — sanguessugas marinhas.

Faren — termo geral para aracnídeos.

Gorin — grande animal doméstico usado como alimento e também para puxar barcos e carroças.

Harrel — pequeno animal doméstico criado por causa de sua carne.

Limek — cão selvagem e predador.

Mullock — ave selvagem noturna.

Rassook — ave doméstica usada como alimento. As penas também são aproveitadas.

Ravi — roedor maior que o ceryni.

Reber — animal doméstico criado por causa de sua lã e carne.

Mosca de seiva — inseto dos bosques.

Sevli — lagarto venenoso.

Squimp — criatura parecida com o esquilo que rouba comida.

Traças aga — pestes que comem roupas.

Zill — mamífero pequeno e inteligente, às vezes criado como animal de estimação.

PLANTAS/COMIDA

Vinhas Anivope — planta sensível à projeção mental.

Bol — (também significa “escuma do rio”) bebida alcoólica forte feita a partir de tugors.

Brasi — vegetal de folhas verdes com pequenos brotos.

Chebol — molho de carne rico feito a partir de bol.

Crots — feijões grandes de cor púrpura.

Curem — especiaria macia e com sabor de nozes.

Curren — grão redondo com sabor robusto.

Dall — fruta comprida com polpa cor de laranja, ácida e cheia de sementes.

Gan-gan — arbusto florido de Lan.

Iker — droga estimulante, conhecida pelas propriedades afrodisíacas.

Jerras — feijões amarelos e compridos.

Kreppa — erva medicinal com cheiro desagradável.

Marin — fruto cítrico vermelho.

Monyo — bulbo.

Myk — droga que afeta a mente.

Nalar — raiz de sabor picante.

Pachi — fruto doce e revigorante.

Papea — especiaria parecida com a pimenta.

Piorres — pequeno fruto em forma de sino.

Raka/suka — bebida estimulante feita a partir de grãos torrados, originalmente de Sachaka.

Sumi — bebida amarga.

Telk — semente da qual se extrai um óleo.

Tenn — grão que pode ser cozido tal como é, quebrado em pedacinhos ou moído para fazer farinha.

Tugor — raiz parecida com a pastinaca.

Vare — bagas das quais a maior parte do vinho é produzida.

ROUPAS E ARMAMENTO

Incal — símbolo quadrado, não muito diferente de um brasão de

família, costurado na manga ou no punho.

Kebin — barra de ferro com gancho para apanhar a faca de um agressor, usado por guardas.

Casaco longo — Casaco de comprimento até o tornozelo.

CASAS PÚBLICAS

Casas de banho — estabelecimento que vende instalações de banho

e outros serviços de beleza.

Boleria — estabelecimento que vende bol e abreviatura para alojamento.

Fábrica de fermentação — produtor de bol.

Hospedaria — edifício que aluga um quarto por família.

POVOS DE TERRAS ALIADAS

Elyne — o mais próximo de Kyralia em localização e cultura, desfruta

de um clima mais ameno.

Kyralia — lar do Clã.

Lan — terra montanhosa povoada por tribos guerreiras.

Lonmar — terra deserta, lar da rígida religião Mahga.

Vin — nação insular conhecida pelos conhecimentos náuticos.

OUTROS TERMOS

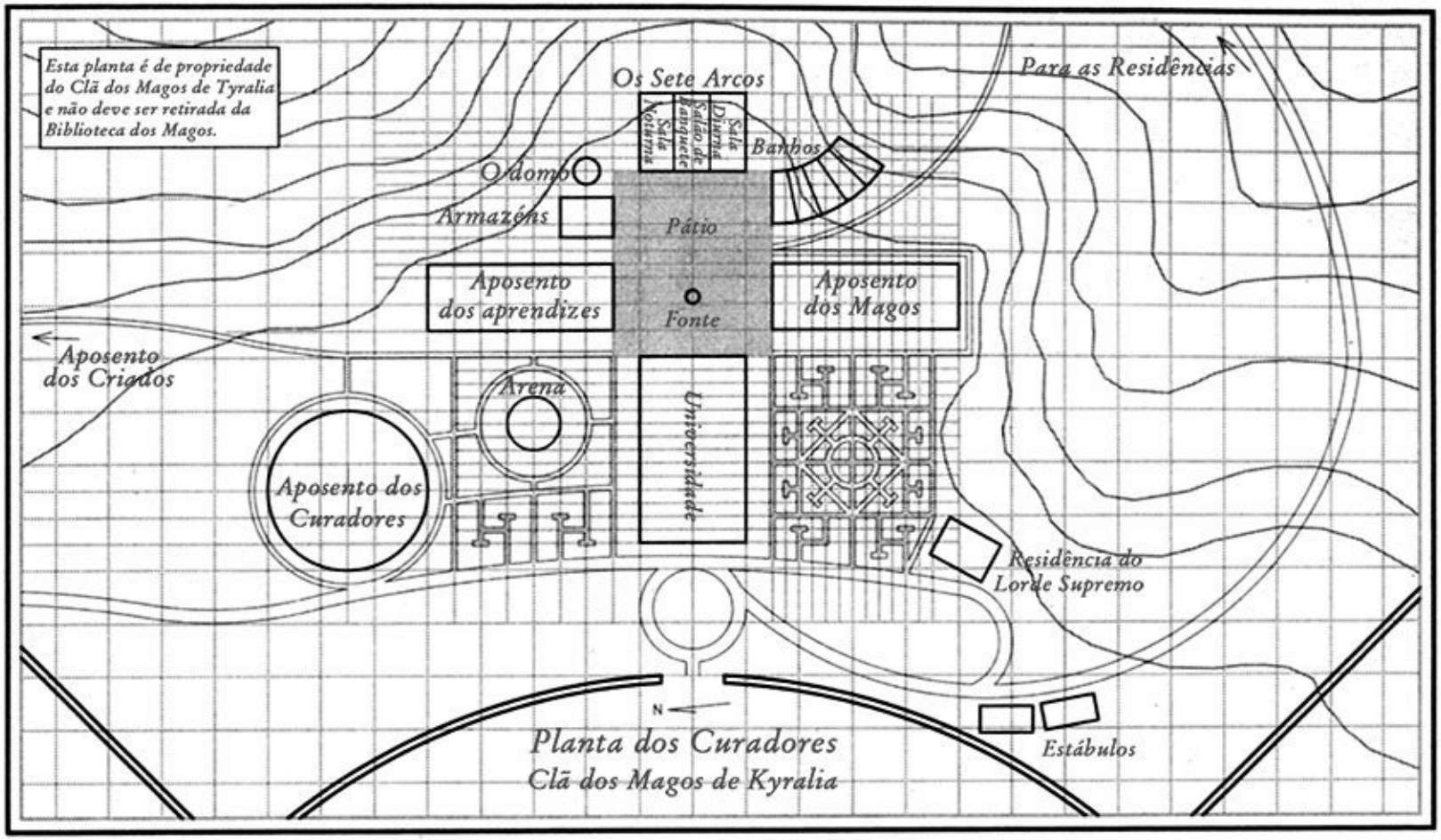
Cap — moedas enfileiradas em um espeto conforme o valor da próxima denominação mais elevada.

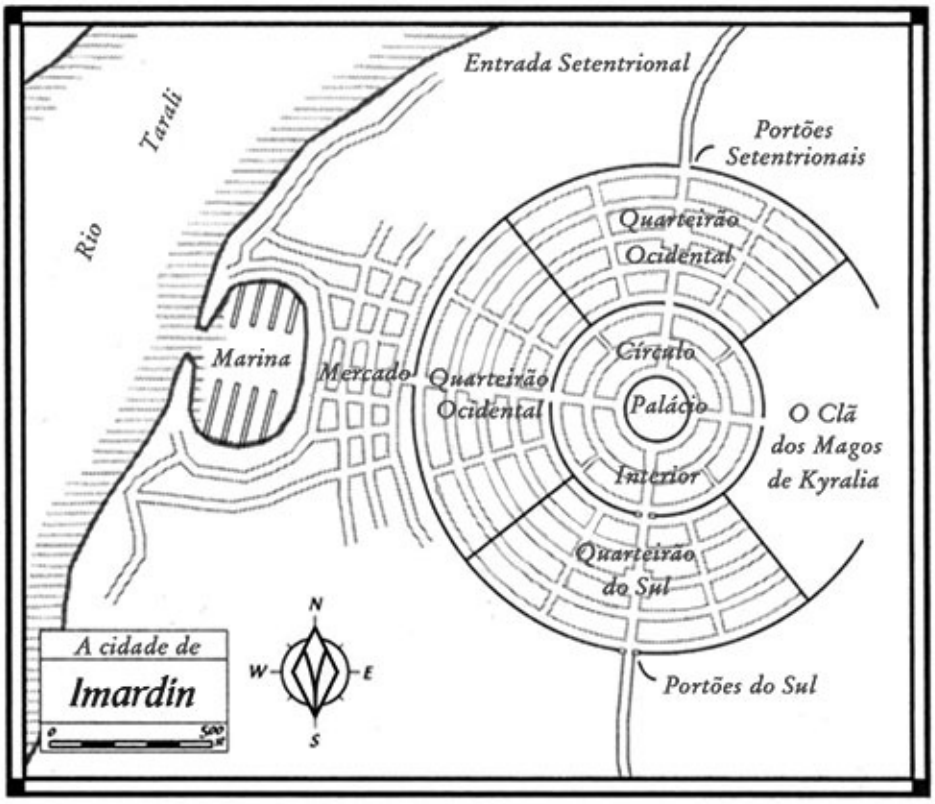
Festim da Aurora — café da manhã.

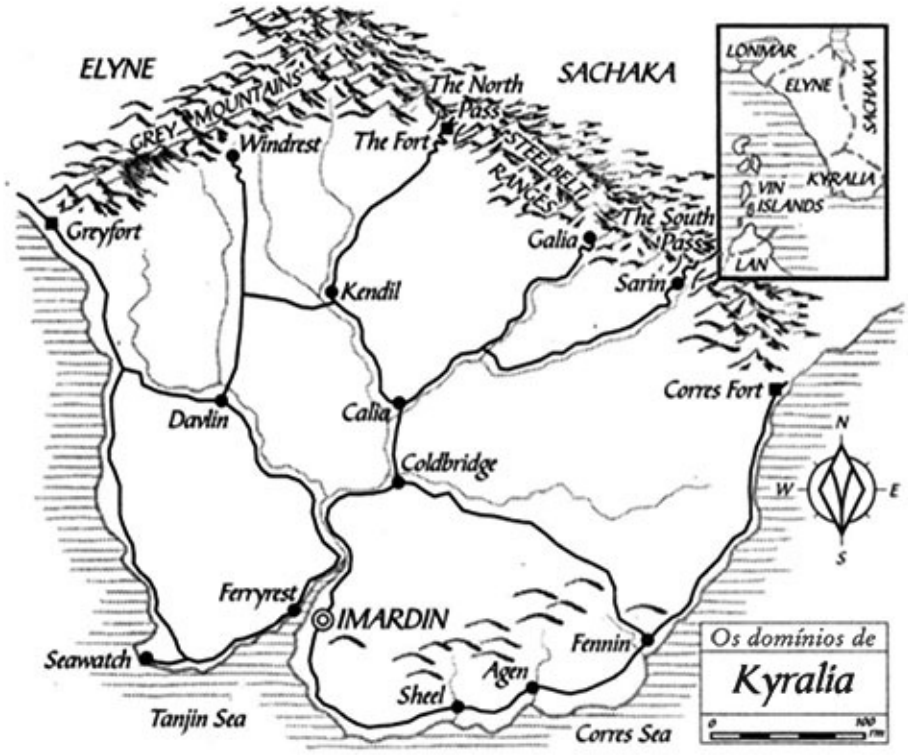
Pausa do meio-dia — almoço.

Esteiras simba — esteiras tecidas a partir de canas.

Mapas


Esta planta é de propriedade do Clã dos Magos de Tyralia e não deve ser retirada da Biblioteca dos Magos.
Os Sete Arcos
Sala Diurna
Salão de Banquete
Sala Noturna
Banhos
Para as Residências
O domo
Armazéns
Pátio
Aposento dos aprendizes
Fonte
Aposento dos Magos
Aposento dos Criados
Arena
Universidade
Aposento dos Curadores
Residência do Lorde Supremo
N
Planta dos Curadores
Clã dos Magos de Kyralia
Estábulos


Entrada Setentrional
Tarali
Rio
Portões Setentrionais
Quarteirão Ocidental
Círculo
Marina
Mercado
Quarteirão Ocidental
Palácio
O Clã dos Magos de Kyralia
Interior
Quarteirão do Sul
Portões do Sul
A cidade de
Imardin
0
500 M
N
W
E
S


ELYNE
SACHAKA
GREY MOUNTAINS
The North Pass
Windrest
The Fort
STEEL BELT RANGES
The South Pass
Greyfort
Galia
Sarin
Kendil
Davlin
Calia
Coldbridge
Corres Fort
Ferryrest
IMARDIN
Fennin
Seawatch
Agen
Sheel
Tanjin Sea
Corres Sea
LONMAR
ELYNE
SACHAKA
KYRALIA
VIN ISLANDS
LAN
N
W
E
S
Os domínios de
Kyralia
0
100 mi

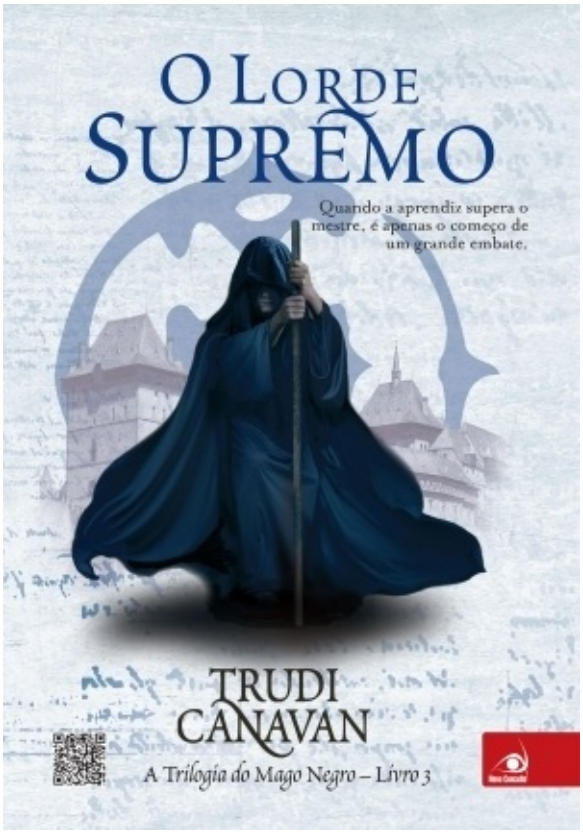
A TRILOGIA DO MAGO NEGRO

Livro 3

O Lorde Supremo

Na cidade de Imardin, uma favelada com poderes extraordinários se encontra no meio de uma terrível conspiração que pode destruir o mundo inteiro...

Sonea tem aprendido muito no Clã dos Magos e agora seus colegas aprendizes a tratam com muito respeito. Mas ela não consegue se esquecer do que presenciou no quarto subterrâneo do Lorde Supremo — ou seu aviso de que o inimigo mais antigo do reino está ficando mais poderoso novamente. Quanto mais Sonea aprende, mais duvida da palavra do Lorde. A verdade é tão aterrorizante quanto Akkarin diz ou ele está tentando enganá-la para que entre em um esquema demasiadamente negro?


O Lorde Supremo
Quando a aprendiz supera o mestre, é apenas o começo de um grande embate.
Trudi Canavan
A Trilogia do Mago Negro – Livro 3

O lorde supremo

Canavan, Trudi

9788581632179

524 páginas

Compre agora e leia

Na cidade de Imardin, onde aqueles que têm magia têm poder, uma jovem garota de rua, adotada pelo Clã dos Magos, se encontra no centro de uma terrível trama que pode destruir o mundo todo.Sonea aprendeu muito no Clã, e os outros aprendizes agora a tratam com um respeito relutante. No entanto, ela não pode esquecer o que viu na sala subterrânea do Lorde Supremo — ou seu aviso de que o antigo inimigo do reino está crescendo em poder novamente. Conforme Sonea evolui no aprendizado, começa a duvidar da palavra do mestre de seu clã. Poderia a verdade ser tão aterrorizante quanto Akkarin afirma? Ou ele está tentando enganá-la para que Sonea o ajude em algum terrível esquema sombrio?

Compre agora e leia


O livro que inspirou o filme estrelado por
SIGOURNEY WEAVER, FELICITY JONES,
TOBY KEBBELL, LEWIS MACDOUGALL
e LIAM NEESON
SETE
MINUTOS DEPOIS
DA MEIA-NOITE
Histórias são criaturas selvagens
PATRICK NESS

Sete minutos depois da meia-noite

Ness, Patrick

9788581638256

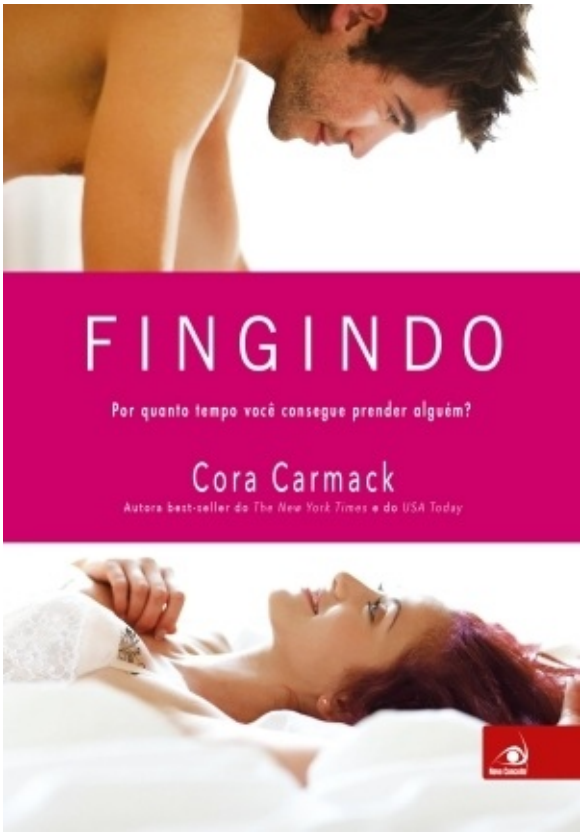
160 páginas

Compre agora e leia

O livro que inspirou o filme estrelado por SIGOURNEY WEAVER, FELICITY JONES, TOBY KEBBELL, LEWIS MACDOUGALL e LIAM NEESONUma aventura que mistura fantasia e realidade.Sinopse:Conor é um garoto de 13 anos e está com muitos problemas na vida.A mãe dele está muito doente, passando por tratamentos rigorosos. Os colegas da escola agem como se ele fosse invisível, exceto por Harry e seus amigos que o provocam diariamente. A avó de Conor, que não é como as outras avós, está chegando para uma longa estadia. E, além do pesadelo terrível que o faz acordar em desespero todas as noites, às 00h07 ele recebe a visita de um monstro que conta histórias sem sentido.O monstro vive na Terra há muito tempo, é grandioso e selvagem, mas Conor não teme a aparência dele. Na verdade, ele teme o que o monstro quer, uma coisa muito frágil e perigosa. O monstro quer a VERDADE.Baseado na ideia de Siobhan Dowd, Sete minutos depois da meia-noite é um livro em que fantasia e realidade se misturam. Ele nos fala dos sentimentos de perda, medo e

solidão e também da coragem e da compaixão necessárias para ultrapassá-los.

Compre agora e leia


FINGINDO
Por quanto tempo você consegue prender alguém?
Cora Carmack
Autora best-seller do The New York Times e do USA Today

Fingindo

Carmack, Cora

9788581636689

336 páginas

Compre agora e leia

Autora best-seller do The New York Times e USA Today.# Fingindo é a continuação de Perdendo-me, e traz reflexões bem humoradas sobre dramas cotidianos, temperadas com reviravoltas e uma trilha sonora inesquecível.SINOPSE: Meu nome é Cade Winston. Aluno de mestrado em belas-artes, voluntário, abraçador de mães e seu namorado pelas próximas vinte e quatro horas. Prazer em conhecê-la. Com seus cabelos coloridos, tatuagens e um namorado que combina com tudo isso, Max tem exatamente o estilo que seus pais mais desprezam... E eles nem sonham que a filha vive assim. Ela fica em apuros quando seus pais a visitam na faculdade e exigem conhecer o "futuro genro". A solução que Max encontra para não ser desmascarada é pedir para um desconhecido se passar por seu namorado.Para Cade, a proposta veio em boa hora: é a chance que ele esperava para acabar com a sua fama de bom moço, que até hoje só serviu para atrapalhar sua vida.Um faz de conta com data marcada para terminar... E um casal por quem a gente vai adorar torcer. Fingindo vai seduzir

você."Fingindo tem um pouco de tudo. Tensão sexual, confusão e personagens incríveis, tudo regado com generosas doses do humor de Cora Carmack." — Coolleen Hoover, escritora"Uma excelente continuação do meu romance favorito do último ano. Não dá para perder!" — Jennifer L. Armentrout, escritora "Fingindo tem tudo que eu mais quero em um livro: romance sexy com uma química alucinante, bom humor, inteligência e muita malícia. Representa a fantasia de toda mulher. Preciso de mais Cora Carmack!" — Sophie Jordan, escritora

Compre agora e leia


"Uma história que vai questionar os leitores sobre os mitos e as realidades de uma amizade complicada." — Booklist
AS GAROTAS DE CORONA DEL MAR
RUFI THORPE

As garotas de Corona Del Mar

Thorpe, Rufi

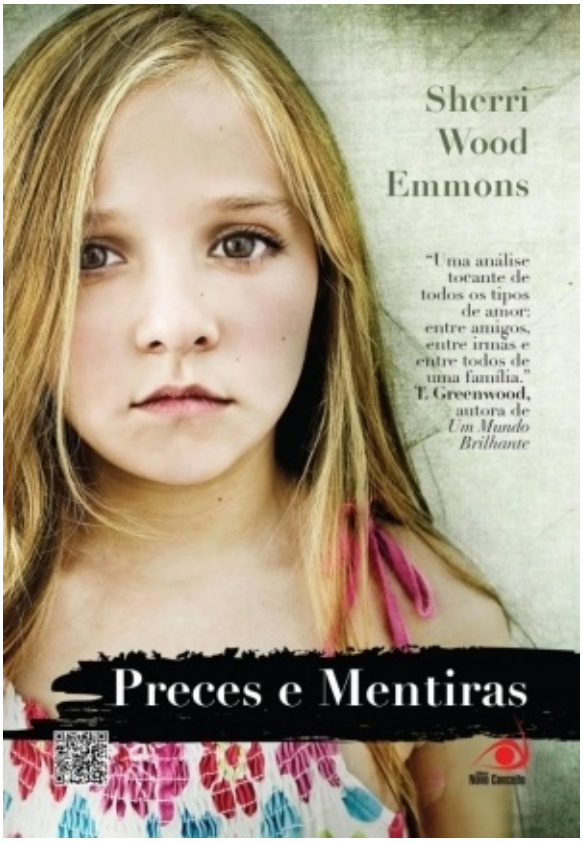
9788581638089

288 páginas

Compre agora e leia

Amizade entre garotas pode ser intensa e, no caso de Mia e Lorrie Ann, não há dúvidas de que isso é verdade.À medida que crescem, a vida de Mia e Lorrie Ann é preenchida com praia, diversão e passeios ao shopping.Por outro lado, como toda amizade, há conflitos e dores. Mia e Lorrie Ann convivem há muito tempo e possuem personalidades opostas. Mia é a bad girl , vivendo em uma família problemática. Lorrie Ann é linda e amável, quase angelical, e tem uma família que parece ter sido arrancada de um conto de fadas. Mas, quando uma tragédia acontece, a vida perfeita sai fora de controle...

Compre agora e leia


Sherri
Wood
Emmons
"Uma análise
tocante de
todos os tipos
de amor:
entre amigos,
entre irmãs e
entre todos de
uma família."
T. Greenwood,
autora de
Um Mundo
Brilhante
Preces e Mentiras

Preces e mentiras

Wood Emmons, Sherri

9788581631370

368 páginas

Compre agora e leia

Quando Bethany, de 7 anos, conhece sua prima de 6 anos, Reana Mae, é o começo de uma relação desajeitada que salva ambas de uma solidão profunda. Todo verão, Bethany e sua família vão de Indianapolis para West Virginia's Coal River Valley. Para a mãe de Bethany, essas viagens até lá a lembram de sua infância pobre e composta por minas de carvão, um lugar do qual ela desejou escapar. Mas seus amados familiares e a amizade de Bethany e Reana Mae continuavam trazendo lembranças.Mas conforme Bethany cresce, ela percebe que a vida nessa comunidade pequena e unida não é tão simples quanto pensava... que as cabanas na beira do rio, que guardam muito da história de sua família, também geram fofocas escandalosas... e aqueles mais próximos a ela guardam segredos inimagináveis. No meio das florestas densas e da beleza silenciosa do vale, esses segredos estão finalmente sendo revelados, com uma força suficientemente devastadora para acabar com vidas, fé, e a conexão que Bethany pensou que duraria para sempre.

Compre agora e leia